
ANEXOS

ANEXO 1

Pedido de Autorização à Associação In Loco

Exma. Senhora

Coordenadora do Centro de Novas Oportunidades (CNO) da Associação In Loco

Assunto: Pedido de autorização para a elaboração de um estudo de investigação intitulado: “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida”

Sou mestranda em Educação Social, da Escola Superior de Educação e de Comunicação (ESEC), da Universidade do Algarve e neste momento, encontro-me a desenvolver o projeto de investigação da Dissertação de Mestrado. Tendo como objeto de estudo as práticas de literacia dos adultos que frequentaram o processo de RVCC, de nível Secundário na Associação In Loco, pretendo compreender e analisar as mudanças observadas ao nível das práticas de literacia na vida quotidiana dos adultos. Pretendo, de igual modo, caracterizar as crenças e os valores sobre os usos sociais da literacia no dia-a-dia dos adultos; perceber de que modo as práticas de literacia são incorporadas na vida dos adultos; analisar e entender a forma com os adultos “experenciam” a literacia.

Deste modo, procura-se dar resposta às seguintes questões:

- Que trajetórias de vida conduzem a situações de aprendizagem ao longo da vida?
- Quais são as estratégias utilizadas pelos adultos com baixos níveis de literacia para gerir as suas vidas quotidianas?
- De que forma são incorporadas as práticas de literacia na vida dos adultos?

O presente estudo de investigação irá contemplar a inquirição de 4 adultos inscritos no RVCC Secundário e também os elementos da equipa técnico-pedagógica do CNO, nomeadamente a Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento, a Profissional de RVC e os Formadores. Desta forma, venho por este meio solicitar autorização para a realização do estudo de investigação.

Agradecendo desde já a atenção e a colaboração.

Com os melhores cumprimentos,

O Diretor do Curso de Mestrado em Educação Social,



(António Fragoso de Almeida)

aalmeida@ualg.pt

Contacto: 289 800 100 (Ext. 6215)

A Mestranda,



(Catarina Sofia Doutor)

cdoutor@ualg.pt

Contacto: 289 800 1000 (Ext. 6834)

ANEXO 2

Resposta ao Pedido de Autorização da Investigação



**Exma. Sra. Dra.
Catarina Sofia Da Silva Doutor**

Sua Ref: Sua comunic. de: N. Ref: ND110720
Assunto: Resposta ao pedido de autorização do estudo “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida”

São Brás de Alportel, 20 de Julho de 2011

Cara Catarina Doutor

Em resposta ao pedido de autorização para a elaboração do estudo “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida” na Associação In Loco, informo que poderá contar com a nossa disponibilidade e colaboração.

Gostaria, no entanto, de solicitar que da vossa parte seja assegurada uma devolução dos resultados à instituição, para que possamos beneficiar em parte do trabalho que vai realizar. Penso que esta devolução pode ser feita numa sessão de apresentação e de debate com os colaboradores da In Loco. Como nota final, gostaria de alertar para o facto da Iniciativa Novas Oportunidades estar em processo de avaliação por parte da nova tutela, não sendo neste momento claro, nem possível assegurar a continuidade do Centro Novas Oportunidades da Associação In Loco no próximo ano.

Com os melhores cumprimentos,

Presidente da Associação In Loco


Nelson Dias 

1

Associação IN LOCO - Av. da Liberdade, 101, 8150-101 SÃO BRÁS DE ALPORTEL - PORTUGAL

Tel: (+351) 289 840 860 - Fax: (+351) 289 840 879

E-mail: geral@in-loco.pt; Internet: www.in-loco.pt

MD1.02/2

ANEXO 3

Calendarização das observações das sessões de RVCC

Tabela – Calendarização das observações das sessões de RVCC

Diário de Campo	Data	Sessão RVCC	Técnico(a) do CNO
DC 1	6 de Outubro de 2011	Primeira sessão	Profissional de RVC
DC 2	20 de Outubro de 2011	Terceira sessão	Profissional de RVC
DC 3	3 de Novembro de 2011	Quinta sessão	Formadora de Cidadania e Profissionalidade (CP)
DC 4	10 de Novembro de 2011	Sexta sessão	Formadora de Cultura, Língua e Comunicação (CLC)
DC 5	14 de Agosto de 2012	Sessão de Júri de Certificação	Profissionais de RVC Formador de CP Formador de STC Avaliador externo
DC 6	20 de Novembro de 2012	Sessão de Júri de Certificação	Profissionais de RVC Formador de CP Formador de STC Avaliador externo

Fonte: Elaboração Própria

ANEXO 4

Diário de Campo

Diário de Campo - nº 1

1ª Sessão de RVCC

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 6 de Outubro de 2011

Hora: 20 horas

Observadora: Catarina Doutor

No dia 6 de Outubro de 2011, dirigi-me à praça Alhandra da Associação In Loco, sediada em Faro para assistir à primeira sessão do processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC). Fui muito bem recebida pela Profissional de RVC. A sessão começou por volta das 20 horas, os adultos iam chegando e iam cumprimentando as pessoas que já se encontravam na sala. Enquanto estava ali sentada, senti-me muito bem, pois as pessoas pareciam ser muito simpáticas.

Inicialmente a Profissional apresentou-se aos adultos e depois apresentou-me e deu-me a palavra. Eu complementei a apresentação, disse que estava a realizar uma investigação de mestrado na qual tinha como principal objetivo as práticas de literacia dos adultos que se encontravam a fazer o processo de RVCC de nível secundário. Pedi a colaboração dos adultos e ainda perguntei se não se importavam que eu assistisse às sessões de grupo do processo. Todos concordaram com a minha presença e a profissional começou a sessão.

Depois da minha apresentação, continuei sentada junto dos adultos. Cada um dos adultos se apresentou, nomeadamente o nome, idade, profissão e a razão pela qual estavam a fazer o processo. Relativamente à composição do grupo, estavam 12 adultos na sala. E apenas 4 adultos eram do sexo feminino.

Posto isto, a profissional começou, então, por apresentar o processo e explicar o horário das sessões de grupo até Dezembro de 2011. Mencionou ainda que as sessões não são de formação mas sim de explicação do trabalho que teriam que elaborar. Frisou, também, que o resultado final terá por base a vida dos adultos tanto a nível pessoal como profissional. Para além deste aspeto, acrescentou que todos os trabalhos têm que ser elaborados a computador.

Enquanto a profissional apresenta o processo, vários adultos tiram notas. De acordo com a profissional, o processo RVCC é um processo exigente que implica organização

e disciplina. Um adulto questiona a profissional quanto à média duração do processo, ao qual a profissional responde que normalmente é de 8 a 9 meses. Acrescenta ainda que o processo dependia, principalmente, da dedicação do adulto a realizar os trabalhos solicitados.

Quanto às sessões individuais, estas estariam previstas para o início do ano de 2012. Passou, de seguida, para a explicação do Referencial de Competências-chave e durante esta explicação, distribuiu alguma documentação aos adultos. De seguida, a profissional explicou a importância do Plano de Desenvolvimento Pessoal (PDP), enquanto um documento que contempla os objetivos das pessoas em termos futuros. Por fim, a profissional distribuiu os contratos para os adultos assinarem.

Diário de Campo - nº 2

3ª Sessão de RVCC

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 20 de Outubro de 2011

Hora: 20 horas – 21 horas e 30 minutos

Profissional de RVC

Observadora: Catarina Doutor

Estiveram presentes nesta 3ª sessão de RVCC 18 adultos. No início da sessão, verifiquei que quase todos os adultos questionaram ou refletiram sobre o processo. A profissional de RVC explicou novamente aos adultos como iriam ser as sessões obrigatórias até ao mês de Novembro (todas as quintas-feiras). Mencionou ainda que a partir do mês de Dezembro, estariam calendarizados os acompanhamentos individuais.

De seguida, a profissional explicou que a autobiografia seria construída a partir da experiência de vida tendo em conta o Referencial de Competências-Chave. Destaca, de igual modo, que se a autobiografia estiver bem desenvolvida pode dar mais de trinta créditos, o que é bastante positivo. Para além da elaboração da autobiografia, os adultos devem realizar alguns trabalhos à parte. Estes trabalhos serão solicitados pelas formadoras do processo.

Uma adulta (Sujeito 5) coloca algumas dúvidas e questões relativamente à temática do 25 de Abril de 1974. Perante estas dúvidas, também um outro adulto aproveita para dar a sua opinião. Este adulto (Sujeito 4 – trabalha na área de aviação) parece ser bastante comunicativo. A profissional escuta atenta às dúvidas e questões dos adultos e aconselha aos mesmo a refletirem um pouco sobre as mudanças do 25 de Abril. Outro adulto (Sujeito 2) aponta vários exemplos da sua situação familiar. A adulta (Sujeito 5) comenta que só consegue saber alguns detalhes através da sua família, uma vez que não “passou” por esta situação.

Surge um novo tema de debate relativamente à data de entrega da autobiografia. A profissional explica que é necessário abordar a infância, a adolescência e a vida adulta. Todos os adultos mencionam a falta de tempo para entregar o trabalho pedido. A adulta (Sujeito 5) sugere uma cronologia com acontecimentos como uma forma para organizar a sua própria autobiografia.

Outros temas surgem durante a sessão, nomeadamente a reciclagem, a poupança, a alimentação, entre outros. O adulto (Sujeito 4) refere que tem alguns cuidados com a sua saúde, nomeadamente ao nível da alimentação e do exercício físico (ginásio).

Aborda-se o tema da leitura e alguns adultos falam das suas leituras habituais. Durante a sessão, a profissional aborda a questão da internet e das redes sociais, principalmente do *facebook*. Fala-se dos conteúdos dos *emails* e que, muitas vezes, podem ter vírus. O adulto (Sujeito 4) alerta para os *emails* que reencaminhamos aos nossos contactos que podem ser vírus.

Em termos de cidadania, chega-se à conclusão de que, hoje em dia, não se conhece quase ninguém, ou seja, não existe tanta conduta solidária. O adulto (Sujeito 4) refere que é voluntário na Cruz Vermelha e que ajuda sempre que é necessário. E, de seguida, destaca a iniciativa da cruz vermelha com a sua nova iniciativa da recolha de roupa usada através dos contentores de roupa espalhados pela cidade. Chegam à conclusão de que é necessário manter o equilíbrio da sociedade.

O tema do preconceito é também abordado nesta sessão. A profissional explica que é necessário os adultos darem a sua opinião e darem exemplos de situações do dia-a-dia. A adulta (Sujeito 5) menciona que ainda existe muito preconceito relativamente às tatuagens. Aponta como exemplos os filmes em que os tatuados são sempre os “maus da fita”. Um adulto acrescenta que ainda existe muita discriminação em relação aos *motards*. Refere, também, que não existe uma rampa para os deficientes na entrada do museu.

O próximo tema abordado é o associativismo. O adulto (Sujeito 4) salienta a questão do voluntariado que realiza na cruz vermelha.

Fala-se da questão da formação e o adulto (Sujeito 4) sublinha que tem o CAP e da sua importância na sua vida profissional. A adulta (Sujeito 5) dá exemplos das empresas de trabalho temporário que prestam formação.

Diário de Campo - nº3

5ª Sessão de RVCC

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 3 de Novembro de 2011

Hora: 20 horas

Formadora de Cidadania e Profissionalidade (CP)

Observadora: Catarina Doutor

Encontram-se na sala, onze adultos (quatro homens e sete mulheres). Estes conversam sobre os trabalhos pedidos pela formadora na sessão anterior. A formadora fala com os adultos sobre a entrega do trabalho sobre a globalização e menciona, também, que existem algumas histórias de vida engraçadas e giras. Durante a sessão, a formadora aborda a questão da democracia e refere que o facto de vivermos numa democracia é discutível. Enquanto a formadora lê um documento e o explica, os adultos tiram apontamentos. Apresenta a Constituição da República Portuguesa aos adultos. Questiona-os se até à data algum deles já consultou o documento. Todos os adultos mencionam que ainda não consultaram a Constituição. Perante tal resposta, a formadora aconselha os adultos a consultarem o documento. Fala das eleições. E enquanto isso, um adulto dá o exemplo de já ter participado numa assembleia da câmara. Três adultos comentam que já participaram na vida pública. Surge, como exemplo, o voto. De acordo com a formadora, os adultos têm que “pegar” no artigo 49 da Constituição e desenvolver. Durante a sessão, chegam mais dois adultos.

Um adulto questiona sobre o referendo “aborto”.

Nesta sessão, fala-se também da participação em associações e de acordo com as autobiografias, cerca de três adultos participam em associações. Quanto a isto, a formadora refere que quem participa em associações, deve desenvolver alguns pontos quanto à associação que pertencem, os seus objetivos, atividades desenvolvidas, funções, dificuldades, obstáculos, apoios institucionais, entre outros. Outro assunto que surge nesta sessão prende-se com a manifestação da A22. Dois adultos (Sujeito 2 e Sujeito 4) comentam que costumam participar nas manifestações ao longo da Algarve por causa das portagens na Via do Infante.

Diário de Campo - nº 4

6ª Sessão de RVCC

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 10 de Novembro de 2011

Hora: 20 horas

Formadora de Cultura, Língua e Comunicação (CLC)

Observadora: Catarina Doutor

Encontram-se 12 adultos na sala. A formadora começa por fazer uma sessão de esclarecimento sobre o possível “fim” do processo RVCC da Associação In Loco. Depois de esclarecidas as dúvidas, a formadora distribui uma folha cujo tema é “Urbanismo e Mobilidade”. Enquanto distribui os adultos voltam a questionar relativamente à entrega das suas autobiografias, ao qual a formadora responde que as histórias de vida dos adultos devem ser entregues à profissional de RVC em *pen*. E, de seguida, coloca o seu endereço eletrónico no quadro quando os adultos entrarem em contacto sempre que necessário.

Apresenta o tema da sessão – “Migrações”. Enquanto isso, os adultos escutam com atenção e respondem às questões da formadora sobre o tema. E as questões são, por exemplo, quais as causas das migrações. Pude verificar que vários adultos se sentem à vontade com o tema e com os colegas. Dando, por isso, vários exemplos, nomeadamente o movimento do 25 de Abril de 1974, a situação da economia em Portugal, entre outros. Um adulto (Sujeito 2) comenta que já imigrou e que se sentiu discriminado. Outro adulto (Sujeito 4) concorda com o “testemunho” do colega e partilha a sua história enquanto emigrante. Surgem depois outros tópicos, como os hábitos alimentares e os costumes. Alguns adultos tiram notas do que se vai “falando” durante a sessão. Aborda-se também a evolução dos transportes e das telecomunicações. Uma adulta comenta que antes só tinham notícias dos seus pais de tempos em tempos. Por último, fala-se da importância da língua portuguesa. A formadora menciona que é importante desenvolverem este tema e dá como tópicos de ajuda: qual o acontecimento que contribuiu para a difusão da língua portuguesa. Alguns adultos referem, de imediato, os descobrimentos. A adulta (Sujeito 5) refere que a língua é um fator muito importante ao nível da integração das pessoas num determinado país.

Diário de Campo - nº 5

Sessão de Júri de Certificação

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 14 de Agosto de 2012

Hora: 17 horas

Observadora: Catarina Doutor

O júri de certificação é considerado a etapa final do processo de RVCC e ocorre quando estão reunidas as condições necessárias para uma certificação escolar. A equipa (formadores e profissionais) encontra-se a arrumar a sala, ou seja, colocar as mesas em forma de “U”. Estavam cerca de dezanove pessoas na sala, de um lado estão os formadores, as profissionais e o avaliador. Os oito adultos, por sua vez, encontram-se à frente da equipa. Dá-se, então, início à sessão de júri e em primeiro lugar apresenta-se a mesa do júri. A mesma é composta por dois profissionais de RVC, um formador de Cidadania e Profissionalidade (CP), uma formadora de Sociedade Técnica e Ciência (STC) e um avaliador externo. O avaliador agradece a participação e a presença de todos e explica como irão decorrer as apresentações. Acrescenta ainda que este momento consiste na validação social das competências desenvolvidas pelos adultos em diversos contextos da sua vida que, por sua vez, irão ser certificadas através do processo de RVCC. Menciona também que as apresentações deverão ter uma duração máxima de 20 minutos. De seguida, a profissional de RVC pergunta quem quer ser o primeiro adulto a fazer a sua apresentação. É importante mencionar que enquanto estive nesta sessão, verifiquei que muitos adultos estavam nervosos e, ao mesmo tempo, ansiosos. Estavam também presentes alguns familiares e amigos dos adultos. Durante a exposição do adulto, o avaliador coloca algumas questões, como por exemplo, tendo em conta as diferentes etapas da sua vida, reflita sobre uma delas. Verifica-se uma breve apresentação do adulto sobre o porquê não ter terminado o secundário. Muitos adultos durante as suas apresentações falam também da questão da profissão e das suas várias tarefas/aprendizagens que desenvolveram. Remetem, depois, o RVCC e a vontade de ir mais além e sentem-se mais confiantes devido ao processo. Destacam, de igual modo, o ambiente amigável e sentem-se mais à vontade. Mais uma vez, o avaliador questiona sobre aspetos para o futuro.

A terceira adulta (Sujeito 3) a fazer a sua apresentação e começa por uma breve apresentação do seu percurso escolar e profissional. Depois revela quais os motivos que a levaram a inscrever-se no RVCC e também no tema que mais gostou, neste caso a homossexualidade. Acrescenta que pesquisou bastante sobre o tema.

É ainda importante realçar que enquanto os adultos se apresentam, as profissionais de RVC registam algumas notas no computador. Enquanto alguns adultos têm os seus apontamentos no papel, outros têm as suas apresentações em *PowerPoint*. Durante as apresentações dos adultos, o avaliador pesquisa algumas informações nas autobiografias dos adultos. Coloca as seguintes questões: “Depois da escola, frequentou alguma formação? Quais são as suas formações desde que terminou a escola? Durante o processo de RVCC, realizaram algumas pesquisas para a construção do portfólio?”. Quanto às reflexões finais dos adultos, os mesmos destacaram a vontade de estudar, a experiência de vida, a credibilidade do processo, a realização pessoal, entre outras.

Depois de feitas as apresentações dos candidatos ao júri de certificação, os elementos do júri reuniram-se durante cinco minutos para deliberar e confirmar a certificação dos candidatos. Sendo assim, o avaliador disse todos os candidatos concluíram com sucesso o processo de RVCC. Seguiram-se depois os parabéns e as palmas a todos os adultos.

Diário de Campo - nº 6

Sessão de Júri de Certificação

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 20 de Novembro de 2012

Hora: 18 horas – 20 horas e 40 minutos

Observadora: Catarina Doutor

Cheguei à sala da Associação In Loco na Praça Alhandra eram 17 horas e 45 minutos. Encontravam-se na sala quatro adultos e a equipa do CNO (um avaliador, duas profissionais de RVC e dois formadores de STC e CP). Tal como sempre, a disposição das mesas eram em “U”. Enquanto a equipa se encontra a tratar dos preparativos para a sessão, os adultos encontram-se a falar baixinho entre eles. Entretanto, chegam mais três pessoas familiares e amigas para assistirem e darem apoio aos adultos. Chegam, também, mais cinco adultos para apresentarem o seu portefólio. De uma forma geral, são nove adultos (quatro homens e cinco mulheres). Uma das profissionais de RVC distribui alguma papelada para recolher a assinatura dos adultos.

Posto isto, a outra profissional dá início à sessão de júri e apresenta os elementos da mesa. Passa, de seguida, a palavra ao avaliador e este dá as boas-vindas aos adultos. A primeira adulta que começa com uma breve apresentação do seu percurso escolar e revela que na construção do seu PRA gostou muito do trabalho de negociação pois trabalha numa sapataria e na empresa de seguros. Enquanto a adulta apresenta o seu PRA, os restantes adultos encontram-se atentos a ouvir a colega. As duas profissionais de RVC registam as informações nos computadores, os formadores tiram notas numa folha e o avaliador escuta com atenção. A adulta menciona os temas que mais gostou de desenvolver durante o processo de RVCC, como é o caso da saúde e da arquitetura. Quanto à reflexão final, a adulta caracteriza o processo RVCC como um desafio porque tem duas filhas e um trabalho que lhe ocupa muito tempo. Acrescenta que foi muito gratificante e que fez o processo por realização pessoal. Pondera a hipótese de um dia ir se inscrever na Universidade no curso de Gestão de Empresas. Após a apresentação da adulta, o avaliador questiona-a relativamente às formações que tirou até ao momento.

A segunda adulta aborda a questão da inadaptação à escola que originou o abandono escolar. Nota-se durante a sua apresentação algum nervosismo. O avaliador tenta ajuda-

la a ficar mais calma e questiona sobre os temas que mais gostou de desenvolver durante o processo de RVCC. Tal como a sua colega anterior, a adulta menciona os temas da construção e arquitetura, equipamentos domésticos e, por último, resíduos e reciclagem como os preferidos na elaboração do portefólio. Acrescenta que faz a reciclagem no local de trabalho e refere que a mesma é extremamente importante nos nossos dias. Revela ainda que perante as dúvidas que foram surgindo na realização dos trabalhos, consultou a internet e alguns livros. Como balanço do processo RVCC, aponta que hoje se sente mais realizada quer a nível pessoal como a nível profissional. O avaliador questiona-a sobre as formações que frequentou no campo profissional. A adulta responde que teve que frequentar uma formação de mediação devido ao seu trabalho e acrescenta que gostaria de um dia tirar o curso de Gestão de Empresas na Universidade. Posto isto, o avaliador agradece a apresentação da adulta e seguem-se as palmas.

Chama, de seguida, o nome da terceira adulta para a mesma fazer a apresentação do seu portefólio. A adulta apresenta-se e começa por falar do seu percurso escolar, dizendo que no 8º ano de escolaridade se desmotivou com a escola e acabou por desistir. Anos mais tarde, tentou tirar um curso de secretariado mas que também acabou por não o concluir. Durante o seu portefólio, abordou o papel da mulher na sociedade e menciona que, atualmente, o papel da mulher é igual ao do homem. Como principais temas do RVCC destaca os eletrodomésticos, as novas tecnologias, o protocolo de Quioto e as normas de trabalho. Para além destes temas, a adulta menciona que o trabalho que mais gostou de desenvolver foi a qualidade de vida na terceira idade. Termina a sua apresentação referindo que se sente mais satisfeita e realizada pessoalmente o que o mesmo não seria possível sem o apoio recebido da profissional de RVC e do seu filho que a incentivou a fazer o processo RVCC. O avaliador refere que gostou muito de ler o seu portefólio e dá-lhe os parabéns pela sua reflexão na temática da terceira idade. Todos batem palmas e segue-se à quarta adulta.

A quarta adulta começa por dizer que sempre quis realizar esta etapa e seguir em frente, pois infelizmente não conseguiu estudar quando era criança. Refere que “tudo o que aprendi, foi com estas pessoas, com a equipa do CNO”. Hoje já sabe mexer num computador, sabe abrir e enviar *emails*, algo que nunca imaginou. Como temas preferidos, menciona a saúde, os movimentos migratórios e o seu percurso profissional. Quanto ao balanço do RVCC, reforça o aumento das suas capacidades, o incentivo da

família que contribuiu para o aumento da sua autoestima e principalmente dos seus conhecimentos na informática. Por fim, acrescenta que já se encontra inscrita numa formação em informática pois quer aprender muito mais. Termina dizendo que o importante é “nunca parar”.

A quinta adulta apresenta o seu portefólio através do *PowerPoint* e com fotografias suas e da sua família. Como se encontra com o braço partido, pede ajuda à profissional de RVC para ir passando os diapositivos. Revela que a língua inglesa era a sua disciplina preferida quando andava na escola e que, por outro lado, não gostava de matemática. Destaca como importante a ajuda da equipa técnico-pedagógica do CNO. No âmbito do processo de RVCC, a sua área preferida foi a da Cidadania e Profissionalidade (CP). Como reflexão final, realça a valorização pessoal, a aquisição e compreensão das TIC's que são muito importantes no nosso dia-a-dia. Ao nível de projetos futuros, a adulta coloca a hipótese de ir para a universidade.

O sexto adulto começa por ser apresentar e referir que levou três anos para concluir o processo de RVCC, pois teve duas desistências durante o processo. No decorrer da sua apresentação, destaca a reciclagem de resíduos que faz diariamente pois é mecânico. E ainda menciona algumas regras de higiene e segurança no trabalho. Quanto ao balanço final, sente que o seu portefólio é uma enciclopédia.

O sétimo adulto fala sobre o seu percurso escolar e por motivos familiares que teve que começar a trabalhar. Contudo, durante o seu percurso profissional, frequentou diversas formações devido às suas funções como comercial de uma empresa de automóveis. Refere que tenciona continuar a estudar, pois é cada vez mais importante continuarmos a investir nos nossos estudos. Refere que continua a ter formações e muitas delas através da internet. Neste sentido, destaca a influência das TIC's nas nossas vidas. Considera o RVCC uma lição de vida, pois todos os dias está a aprender. Termina a sua apresentação agradecendo o apoio da equipa do CNO e em especial da Profissional de RVC.

O oitavo adulto (Sujeito 4) também faz a sua apresentação tendo como suporte o *PowerPoint*. Tal como a sua colega, pede ajuda à Profissional para passar os diapositivos no decorrer da sua apresentação. Começa por dizer que o RVCC é a concretização de um sonho. Fala da sua paixão pelos aviões e apresenta a estrutura da empresa onde trabalha e, simultaneamente dá vários exemplos das suas funções. Durante a sua apresentação, nota-se que se sente muito à vontade. Foca a formação

profissional, a segurança no trabalho, os meios de comunicação, a certificação ambiental e os implantes dentários como temas muito especiais para si. Relativamente ao balanço do processo de RVCC, refere que gostou bastante e agradece o apoio da profissional. Considera o processo RVCC como um processo muito válido e que, por isso, é importante olharmos para trás mas principalmente para a frente. E a enfermagem surge como um dos seus projetos futuros.

O último adulto (Sujeito 2) conta que abandonou a escola e foi trabalhar com o pai. Antes não via esta experiência como positiva, mas que hoje dá muito valor e diz que adquiriu muita experiência, entre elas o inglês. Aos 19 anos foi morar e trabalhar para a Suíça e esteve lá durante 10 anos. Conta que esta experiência o ajudou na vida, pois tornou-se mais responsável, aprendeu a dar valor ao nosso país e ao fado. Acrescenta que aprendeu, também, a gostar de política. Fez recentemente o processo de RVCC Básico e este possibilitou de conhecimentos da maneira de pensarmos e vivermos. Como principais temas desenvolvidos, destaca a saúde pois como é asmático procura estar sempre informado. O associativismo é outro dos seus temas preferidos pois faz parte de um clube desportivo que se encontra em fase de crescimento. Tenciona adquirir independência própria como forma de ajudar ou formar alguns jovens no futebol ou futsal. Quanto ao processo de RVCC, o adulto confessa que teve algumas complicações devido à falta de tempo e que, por isso, nem sempre foi fácil. Considera que o RVCC é uma mais-valia que lhe pode abrir novas portas e irá ajudá-lo a preparar-se para o futuro. Relativamente a projetos futuros, tenciona tirar algumas formações de culinária e em especial a cozinha regional.

O avaliador agradece as apresentações de todos os adultos e pede a todos para saírem da sala durante dez minutos. Depois da equipa se reunir, chega a um consenso de validar todos os portefólios apresentados, ou seja, os adultos estão todos certificados com nível secundário. O avaliador espera que estes possam tirar proveito desta certificação escolar e deseja que seja o início de outras etapas nas suas vidas.

As profissionais de RVC agradecem o esforço e a dedicação dos adultos. Revelam ainda que estão muito contentes com os trabalhos realizados e destacam as autorreflexões realizadas pelos adultos.

Diário de Campo - nº 7

Sessão de Júri de Certificação

Local: Praça Alhandra (Faro)

Data: 27 de Novembro de 2012

Hora: 18 horas

Observadora: Catarina Doutor

Tal como sempre, a disposição das mesas eram em “U”. Enquanto, uma das profissionais de RVC distribui alguma papelada para recolher a assinatura dos adultos, a outra profissional dá início à sessão de júri e apresenta os elementos da mesa. Passa, de seguida, a palavra ao avaliador e este dá as boas-vindas aos adultos. A adulta (Sujeito 5) apresentou-se e descreveu o seu percurso escolar, dando ao mesmo tempo situações de aprendizagem ao longo da sua vida. Ao descrever o seu percurso de vida até hoje, a adulta (Sujeito 5) apresentou alguns exemplos de situações que a influenciaram, entre eles a separação dos pais e o abandono escolar. Acrescentou ainda a sua gravidez e posteriormente a separação do pai da sua filha. Falou ainda sobre a forma como gere o seu orçamento pessoal e os impostos que tem que pagar. A adulta descreveu os seus cuidados de saúde e pronunciou-se sobre tudo em relação à alimentação, distinguindo diferentes nutrientes. Falou ainda sobre o seu percurso profissional e comparou diversos modelos de gestão. Descreveu as suas funções atuais bem como a forma como gere o seu trabalho. Apresentou alguns exemplos de situações de relacionamento com os outros no atendimento ao público. Falou do seu trabalho atualmente numa loja de roupa e revelou que hoje, infelizmente, as suas vendas são baixas. Ao nível profissional falou sobre a importância da formação profissional e de aumentar as qualificações para ascensão na carreira. O avaliador agradece as apresentações de todos os adultos e pede a todos para saírem da sala durante dez minutos. Depois da equipa se reunir, chega a um consenso de validar todos os portefólios apresentados, ou seja, os adultos estão todos certificados com nível secundário. O avaliador espera que estes possam tirar proveito desta certificação escolar e deseja que seja o início de outras etapas nas suas vidas. As profissionais de RVC agradecem o esforço e a dedicação dos adultos. Revelam ainda que estão muito contentes com os trabalhos realizados e destacam as autorreflexões realizadas pelos adultos.

ANEXO 5

Pedido de autorização para consulta das autobiografias dos adultos

Faro, ____ de _____ de 2011

Assunto: Pedido de autorização para consulta das autobiografias dos adultos em processo RVCC Secundário elaboração de um estudo de investigação intitulado: “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida”

Eu, _____, inscrito(a) em Processo RVCC de Nível Secundário da Associação In Loco, autorizo a mestrande Catarina Doutor a consultar a minha autobiografia, elaborada no âmbito do referido processo, para efeitos da investigação “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida”, sob a orientação do Professor Doutor Emílio Lucio-Villegas.

Assinatura do Entrevistado

Anexo 6

Consentimento Informado

Faro, ____ de _____ de 2011

Assunto: Pedido de autorização para gravação e transcrição dos respetivos conteúdos abordados na entrevista no âmbito da investigação intitulada: “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida”

Eu _____ inscrito(a) em Processo RVCC nível Secundário da Associação In Loco, concedo autorização para gravação e transcrição da respetiva entrevista, por mim prestada em que concordei participar, inserida na investigação “Vivendo e Aprendendo: a Literacia ao Longo da Vida”, desenvolvida pela mestranda Catarina Doutor, sob a orientação do Prof. Doutor Emílio Lucio-Villegas.

Assinatura do Entrevistado

ANEXO 7

Autobiografias dos Sujeitos de Investigação

Sujeito 2 – João

A minha autobiografia

Chamo-me João, nasci a 29 de Novembro de 1975. Sou o mais velho de 4 irmãos, portanto quando nasci lá em casa era só eu e os meus pais. O meu avô vivia numa outra casa um pouco mais afastada da nossa mas para que não passasse muito tempo sozinho em casa a minha mãe fazia sempre as refeições a contar com ele e cuidava da casa dele também. Um ano mais tarde nasceu o meu irmão Valdemar mas continuamos a viver na mesma casa pois era uma casa bem grande e dava para vivermos bem a vontade nela. A nossa casa era uma casa tipicamente algarvia com as paredes caiadas em branco e uma enorme açoteia na frente da casa. O interior era composto por dois quartos, a cozinha, uma sala e uma pequena arrecadação. Havia um corredor que dividia estas divisões, podíamos entrar pela porta da frente de casa e sair no quintal. A porta que dava para o quintal tinha dois degraus e foi onde fiz a minha primeira cicatriz na cabeça, pois caí dos degraus para a rua em cima de uma aranha e fiz um corte na cabeça. O mais curioso é que a casa de banho se bem me lembro não era dentro de casa mas sim na rua numa casa a parte. Na altura até poderia ser normal mas hoje acho curioso que assim fosse. Outra situação engraçada era o chão ser de formas e cores diferentes em todas as divisões da casa. Nas traseiras da casa tínhamos uma cisterna para aproveitamento das águas da chuva que depois era utilizada para a rega da horta que o meu pai tinha junto a casa. Nesta horta havia de tudo um pouco plantado. O que o meu trazia da horta era uma boa ajuda para as nossas refeições lá em casa. Economicamente era menos esse dinheiro que gastava no supermercado e por outro lado também sabíamos que o que estávamos a comer era o mais saudável possível. O meu pai sempre gostou muito de aproveitar os recursos que a natureza nos dá. Para além da horta também tinha criava animais. Galinhas, coelhos, ovelhas e claro o porco. Com estes animais não havia desperdícios de nada. O que vinha da horta para casa e sobrava ia para os animais e os animais por sua vez também eram para consumo da casa. Quem cuidava na casa era a minha mãe pois o meu era o único que estava empregado. Mas naquela altura também era assim que tinha de ser, apesar de nunca ouvir o meu pai obrigar a minha mãe a ter de ficar em casa, era o normal as senhoras tratarem da casa e dos filhos enquanto os maridos iam trabalhar. Em nossa casa não era excepção e a minha mãe tinha trabalho a dobrar pois tinha ainda a casa do meu avô para cuidar, e o meu avô sim ele achava que era para a

vida de casa que as mulheres tinham nascido pois no tempo dele era assim que se fazia. Felizmente hoje em dia já não é assim. Nos dias de hoje as mulheres têm mais liberdade para fazer o que querem. Acho que antigamente talvez até nem fosse por mal que tratavam assim as mulheres era tudo uma questão de educação. Eram educadas assim e todos achavam que era normal isso acontecer. Nos dias de hoje está tudo muito mais evoluído e as mulheres são tratadas com todo o respeito que merecem. Mas voltando a minha infância...A casa ficava situada numa pequena urbanização que ainda hoje existe que fica na Franqueada na zona da estação da CP de Loulé. Junto a estrada principal, que na altura era a única que havia para Quarteira, ficava a venda da tia Maria de Barros. Era uma pequena mercearia onde se podia encontrar de tudo um pouco, por vezes até aqueles chás ou ervas milagrosas para as gripes ou constipações, ou dores que apareciam nas pessoas. Nesses tempos eram muito utilizadas as ditas mezinhas que só os mais velhos sabiam fazer e tinham essas ervas plantadas nos jardins. Medicamentos, médicos, tratamentos, isso era só o último dos recursos. Os meus pais algumas vezes utilizavam essas ditas mezinhas para nos tratarem a mim ou ao meu irmão e não me lembro de ter tido algum problema com isso. Ainda em pequenos foi nos diagnosticados asma, a mim e ao meu irmão. Sempre foi uma coisa muito difícil de suportar mas devido aos conselhos dessas pessoas mais velhas nós evitávamos muitas crises. Uma das coisas que me lembro é de passear no fundo da mina do sal em Loulé, ou fazer vapores com folhas de eucalipto. São duas coisas que ainda hoje são muito comum fazer mas naquela altura já os mais antigos o faziam. Desde pequeno que sempre gostei de ouvir os mais velhos com a sua sabedoria e experiencia. Vivi com os meus pais, irmão e avô na Franqueada (Loulé) até aos 5 anos e depois fui viver com a minha avó paterna para o Alentejo. A razão pela qual os meus pais decidiram que eu devia ir viver para casa da minha avó foi porque ela vivia sozinha e assim eu iria fazer lhe companhia. Fui então viver para uma pequena aldeia situada no concelho de Almodôvar que se chama Gomes Aires. Eu tinha lá mais familiares (e tenho) primos, tios entre outros. A adaptação não foi difícil pois eu ia lá com alguma frequência, mas é claro que depois de alguns meses sem ver os pais e o mano a coisa complicava-se. Entrei para a escola com seis anos a fazer os sete pois como sou de Novembro tive de dar prioridade aos outros alunos mais velhos. A vida lá na aldeia também era um pouco diferente do que estava habituado. As casas eram diferentes pois eram maiores e mais frescas do que aqui no Algarve. Fiquei no Alentejo mais ou menos um ano e meio, fiz lá a primeira classe e no

Verão em que acabei a primeira classe a minha família aumentou, fiquei com mais uma maninha, que curiosamente foi nascer ao Alentejo pois o meu pai queria ter um filho 100% alentejano. Como a família estava maior e o meu irmão também ia começar a escola tive de voltar para o Algarve para que o meu irmão não fosse sozinho para a escola. No meu regresso tive mais uma surpresa os meus pais, irmão e avô tinham mudado de casa, viviam agora numa outra zona também nos arredores de Loulé. Tinham se mudado para a Goldra. Fomos então viver para uma casa bem maior que a anterior com mais um quarto e a grande novidade era a cozinha já ter electrodomésticos. Tinha máquina de lavar roupa e outra de lavar loiça. A casa era (e ainda continua a ser) um monte típico Algarvio, só falta ter uma nora. Por um lado achei muito bom pois podíamos brincar sem as preocupações por causa do trânsito que havia na outra casa que era relativamente perto da estrada principal. Mas não achava piada ao facto de viver assim tão isolado se bem que tinha vizinhos logo ali ao lado, mas eram já velhotes. Foi já a viver na Goldra que nasceu o meu outro irmão mais novo. Com o nascimento deste meu irmão a vida de casa mudou um pouco, pois a minha mãe teve de começar a trabalhar para ajudar o meu pai nas despesas da casa. Ela ia trabalhar para Loulé e deixava o meu irmão e a minha irmã com o meu avô ou com a vizinha do lado que para nós acabou por se tornar na nossa avó. Passei a frequentar a escola primária da Goldra de Baixo que ficava a cerca de cinco km da minha casa. Todos os dias o meu pai ia levar nos de carro e á tarde voltávamos a pé para casa. Era uma escola pequena com capacidade para trinta alunos e tínhamos uma professora para as quatro classes. O recinto da escola, esse sim era enorme. Frequentei esta escola até ao quarto ano e depois fui para o Ciclo em Loulé. Aqui ouve uma grande mudança na minha juventude pois não estava habituado a um ambiente de cidade muito menos a uma escola tão grande. Os primeiros tempos foram complicados mas depois tudo estabilizou e habituei me a tudo. Nesta escola andei até ao sexto ano. Aqui vi e utilizei pela primeira vez um computador. Os meus pais nunca tiveram grandes condições financeiras para me poderem comprar um, então só podia utilizar na escola ou então o de algum amigo que tinha. Quando passei para o sétimo ano fui estudar para a Escola Secundária de Loulé. No liceu estudei só até ao oitavo ano e depois abandonei a escola por vontade própria e para desgosto dos meus pais, pois enquanto estudei nunca chumbei um ano lectivo. Eu naquela altura não tinha muita vontade de estudar e a nível financeiro os meus pais sempre fizeram os sacrifícios necessários para que nunca nos faltasse nada nos estudos.

Deixei então a escola e fui trabalhar com o meu pai na distribuição de bebidas. Não diria que foi aqui que começou a minha vida adulta pois não fez grande diferença no meu dia-a-dia. Continuava em casa dos pais e nos primeiros tempos nem ordenado tinha, quando queria algum dinheiro ou precisava de algo era só pedir e os pais compravam como compensação ao meu trabalho. Aqui começou a escola da vida. Adorei este trabalho pois como era feito numa zona turística (Vilamoura) a maioria dos nossos clientes eram britânicos alguns franceses e uma pequena minoria de alemães. Foi assim que aprendi inglês (e também aperfeiçoei o inglês com uns vizinhos que tinha na Goldra que eram de Londres e eles sempre falaram comigo em inglês e eu respondia em português, assim eles aprendiam a nossa língua e eu a deles) e aperfeiçoei o francês que já tinha estudado na escola. Aprendi também com o meu pai a conduzir os camiões, muito embora não tivesse idade sempre conduzia em zonas onde não havia trânsito. Uns anos mais tarde o meu pai fez uma sociedade com uns colegas e eu comecei a fazer de vendedor da empresa na mesma área comercial que já tínhamos e mais um bocado da serra algarvia. Nesta altura já ganhava ordenado mas continuava em casa dos pais, foi assim até aos dezanove anos altura em que fui para a Suíça. Foi-me feita uma proposta por parte de uma tia que ainda hoje está na Suíça e eu não pensei duas vezes e fui trabalhar para lá. Eu posso dizer que emigrei por razões económicas. Fui a procura de ter uma vida melhor do que aquela em que eu via os meus pais a viver. Deixei então a casa dos meus pais e fui viver e trabalhar para a terra do chocolate e do queijo. (Muito bom, tanto os chocolates como o queijo). Eu considero que foi nesta altura que entrei na dita fase adulta. Comecei a ter todas as responsabilidades de uma casa só para mim, orientação em relação ao dinheiro, pois pela primeira vez era eu quem o geria, a minha alimentação, a minha saúde enfim tudo o que se faz no dia-a-dia foi nesta altura que eu comecei a ter essas responsabilidades. Mudar de país então foi muito positivo para mim. Não tinha nada a ver com o que eu estava habituado em Portugal tudo mudou. O clima, as paisagens, a cultura, o modo de vida das pessoas tudo era diferente. Tive de começar a falar o francês e a lidar com várias raças étnicas. Fui viver para uma pequena aldeia no cantão de Vaud situada a setenta quilómetros de Génève. Tive então a minha primeira casa para morar sozinho. Era um pequeno t0 composto por uma cozinha equipada de fogão, forno e frigorífico. A máquina de lavar loiça, eu achei que não era necessário pois vivia sozinho e a de lavar a roupa havia uma no prédio para todos. Importa dizer que o prédio era pequeno e éramos só cinco vizinhos. Era fácil ter a máquina disponível

para lavar a minha roupa. Mesmo depois de me ter casado e de ser pai (diga se que fui pai muito novo, com 21 anos) continuamos a usar a mesma máquina da roupa. Mudamos foi de casa obviamente e subimos para o primeiro andar no mesmo prédio, para uma casa com dois quartos, uma sala, casa de banho e cozinha bem grande. O prédio tinha um sistema de sofagem que aquecia todas as casas o que me dava uma sensação muito agradável de conforto. Aliás este sistema existe em todas as casas na Suíça devido aos Invernos rigorosos que lá existem. Tive de aprender algumas regras como não deixar tubos da rua com líquidos ou ter de limpar o passeio na frente de casa com o sal para derreter a neve e o gelo por causa das quedas. O meu carro no Inverno também tinha de ter cuidados especiais. Não ficava na rua, tinha de trocar de pneus e na água do radiador levava sempre um líquido anticongelante. A nível profissional a preocupação era mais com os tubos que tinham líquidos. Os animais nunca saiam para a rua no Inverno. No meu trabalho éramos só três pessoas eu, um outro colega de descendência portuguesa mas que falava muito pouco a nossa língua e o patrão que era suíço alemão. Fui trabalhar para uma quinta onde se dedicavam a criação de porcos. Tinham vacas também mas eu fui para a parte dos porcos. Fiquei impressionado com o que lá tinham. Havia cento e cinquenta porcas parideiras (acho que é assim que se chama) num universo de dois mil e quinhentos a três mil porcos. O resto dos porcos ou eram para o talho (90%) ou ficavam para fazer criação. Todo o trabalho era feito por nós os três e ao fim de semana só ficava um de serviço (eu só comecei a fazer os fins de semana ao fim de um ano de trabalhar lá). A quinta já tinha instalado um sistema semi-automático para a alimentação em que nós demorávamos duas horas até termos tudo alimentado e limpo. Os animais não podiam andar sujos nem a exploração podia ter maus cheiros. Era proibido por lei. Muitas vezes éramos visitados por equipas de associações dos animais que queriam ver como os animais estavam tratados e ver os espaços a que tinham direito, mas nós nunca tivemos problemas e aliás fomos por duas vezes considerados os melhores produtores da raça do grande porco branco na Suíça. Todos os dias havia porcos a nascer. Posso dizer que foi uma experiência muito boa. Uns anos mais tarde o meu patrão foi obrigado a fazer modificações por causa dos espaços que tinham de ser maiores para as porcas que faziam gestação e a partir daqui ficou tudo informatizado. Desde que nasciam até irem para abate ficava tudo registado. À nascença do animal já nos era possível saber se ele ia ficar para reprodução ou se iria para abate. A selecção dos animais era muito rigorosa, tinha sempre de obedecer a certos padrões

que o patrão tinha estipulado. A parte da veterinária também éramos nós que fazíamos. O veterinário só lá ia para nos levar a medicação que necessitávamos e de vez em quando esclarecer algumas dúvidas em relação a alguma situação que poderia acontecer. Nunca tivemos problemas que fosse necessário a intervenção do veterinário, nós tratávamos de tudo. Estive neste trabalho durante seis anos e depois fui trabalhar para a construção mais um. A empresa de construção também não era muito grande pois éramos nove empregados mais o patrão. Trabalhei em pequenas modificações de casas e na altura em que vim embora a empresa começou a construir uma pequena urbanização. A minha vida social era passada entre os primos e com alguns dos amigos que lá ia conhecendo. Adorava passear pelas florestas no Inverno pois as paisagens fazem autênticos cartões-de-visita. A neve, o frio, o gelo eram coisas com as quais eu nunca tinha interagido e então sentia-me fascinado com aquelas paisagens. Quando cheguei lá estranhei muita coisa mas depois de estar habituado vive-se bem na Suíça. O nível de vida é outro, ganha-se bem mas as despesas também são maiores. A diferença é que se temos direito a alguma coisa é nos dado ou feito de um dia para o outro e não leva meses como aqui em Portugal. Mas por outro lado acho que não deve comparar pois cada país tem o seu desenvolvimento e há uns melhores e outros piores. Eu quando fui para a Suíça fui com um contrato de nove meses, o que eles chamavam de permi A. No fim dos nove meses tinha obrigatoriamente de sair do país se lá ficasse e a polícia me encontrasse já não poderia renovar o contrato. Teria de fazer quatro anos vezes os nove meses para poder ficar afectivo e poder ficar todo o ano na Suíça. Mas o meu patrão fez um pedido ao ministério da agricultura e no fim do terceiro ano já pode lá ficar e levar a minha família para perto de mim. (Esposa mais o filho). Deram-me então, a mim e ao meu filho o permi B, a esposa podia lá estar mas não podia trabalhar. Para trabalhar teria de ter contrato de trabalho. Ela nunca se adaptou muito bem a viver lá e então voltou a Portugal com o nosso filho passados quatro anos, mas eu continuei por lá sozinho mais um ano e depois voltei porque não conseguia estar assim longe deles. Ao chegar aqui arranjei trabalho na construção, mas foi por pouco tempo pois consegui arranjar trabalho numa empresa de montagem de portas de segurança. Portas blindadas e revestidas a madeira escolhida pelos clientes. Durante cinco anos trabalhei na Algardoors. Comecei como ajudante e por fim era o responsável por uma pequena equipa de três pessoas. A Algardoors era uma empresa que prestava serviço a uma empresa Italiana de portas de segurança que se chama Dierre. O nosso trabalho consistia

em montar mos as portas, portões de garagem, automatismos, portas corta-fogo, tudo o que fosse desta marca por todo o Algarve e Baixo Alentejo mas era mais aqui no Algarve. Montávamos as portas e dava mos assistência técnica a tudo o que fosse Dierre. Na nossa empresa éramos, ou chegamos a ser onze, doze pessoas, tínhamos quatro carros da empresa e todas as manhas juntávamos nos e decidíamos quem iria fazer o quê. Com este trabalho pode conhecer todo o Algarve. Num dia podíamos ter de ir de Albufeira para Lagos na parte da manha e de tarde ter mos de ir a Vila Real de Santo António. Eu é que organizava o trabalho da minha equipa, decidia por onde haveríamos de começar e por onde passar sempre com o objectivo de acabar o dia o mais próximo de casa. Mas sempre gostei de ouvir as opiniões dos meus colegas, por vezes eu até podia não ter razão na maneira como estava a organizar o trabalho e eles sempre foram bons conselheiros. Em dois mil e sete o meu patrão não conseguiu renovar o nosso contrato com a Dierre e teve de por fim a Algardoors. Foi um tempo difícil para nós trabalhadores pois não tínhamos a certeza de nada. O patrão fez nos uma proposta que não aceitamos e tivemos de consultar os nossos advogados e a A.C.T (Autoridade Condições de Trabalho) para saber ao certo os nossos direitos adquiridos e saber se aquela proposta era a mais acertada. Como não aceitamos o patrão propôs nos ficarmos a trabalhar noutra empresa do mesmo grupo e não perdermos nenhum dos nossos direitos. Nós aceitamos cá ficar a excepção de um colega brasileiro que foi para o desemprego. Ficamos então a trabalhar nos Estabelecimentos Sérgio Roque, mais conhecido como drogaria de São Luís. Passamos a prestar assistência a fechaduras e a fazer a montagem das mesmas, mas para mim o grande desafio foi ter de aprender onde estavam guardados todos os materiais que são vendidos na drogaria, não foi fácil mas consegui decorar tudo mais ou menos, com a ajuda e paciência dos colegas mais velhos no serviço. Outra das coisas a que tive de me habituar neste serviço é de ter de mostrar sempre boa cara e saber lidar com o feitio de todas as pessoas que diariamente passam pela drogaria. O meu patrão fechou a Algardoors e decidiu abrir uma loja onde ele próprio pudesse vender as portas e todos os equipamentos de segurança com os quais tínhamos trabalhado até então. Abriu a loja e como nós tínhamos todos um pouco de experiencia nos materiais vendidos na loja ele decidiu que mensalmente um de nós viria para a loja fazer de vendedor. O sistema funcionou durante algum tempo mas depois verificou se que seria melhor ficar uma pessoa responsável pela loja. Foi então decidido que ficava eu nessa loja. Senti uma enorme responsabilidade pois nunca tinha estado

sozinho a frente de uma casa comercial, mas em contra partida os produtos aqui vendidos são algo que eu conheço bem. O meu trabalho aqui consiste em demonstrar ao cliente os nossos produtos, se um produto agrada ao cliente então passamos a fase de negociação. Aqui são negociados os valores do produto e serviços que daí virão, os prazos de entrega, as garantias e é feita uma pequena explicação sobre o trabalho que iremos efectuar na casa do cliente. Tirando o atendimento ao cliente também sou eu quem faz as encomendas do material, gestão do stock, organizo o trabalho que é preciso fazer na rua e sou eu quem faz as portas de segurança. Na loja temos portas de todas as medidas em stock e temos também algumas madeiras para aplicar nas portas o que nos dá a possibilidade de poder fazer as montagens de portas muito mais rápido do que se tivéssemos de esperar pelas portas pedidas á fabrica. Para fazer as montagens e dar assistências as nossas portas e automatismos montados tenho uma equipa de dois colegas que o meu patrão decidiu que ficariam as minhas ordens. (Por assim dizer). Nos automatismos tento sempre manter-me actualizado muito embora nós sejamos representantes de uma só marca eles estão sempre a mudar os sistemas electrónicos e eu tenho que me actualizar quer com as instruções que me mandam quer na prática. A nível pessoal actualmente estou a viver perto de Faro no Sitio do Mata Lobos. Vivo numa casa alugada que tem três quartos, uma sala, cozinha, casa de banho e casa das máquinas. Vivo com os meus dois filhos e a minha esposa. A casa até á seis meses atrás só tinha dois quartos mas eu com a autorização do senhorio fiz mais um quarto. Tinha uma sala de jantar e uma sala de estar tudo junto e eu dividi essa casa pelo meio e fiz mais um quarto para o filho mais velho, pois mesmo sendo dois rapazes é sempre melhor cada um ter o seu quarto. Utilizei pladur e calhas metálicas para fazer a parede e no meio meti lâ de rocha para fazer o efeito térmico. Foi fácil, rápido e económico. Tenho uma sala com cerca de nove metros quadrados e mais um quarto com sete metros quadrados. Assim cada um tem as suas coisas e espaço próprio para poder estar a sua vontade. Como já referi nesta biografia fui pai muito cedo então tenho um filho com treze anos e um com seis o que faz que tenham alguns anos de diferença e isso causa alguns conflitos. Por um lado é bom assim pois o mais velho já pode cuidar no mais novo, o problema são as brincadeiras que um quer e o outro diz que já não brinca com essas coisas. Eles só concordam é em jogar com os jogos da playstation e o futebol, mas como eu acho que os jogos virtuais em excesso não são nada bons não lhes permito muito tempo nem na playstation nem no computador. Incentivo os a jogarem mais

futebol, andar de bicicleta ou skate. Acho que devem fazer mais desporto e não ficarem horas a fio em frente a um ecrã. Penso que as nossas crianças se não forem incentivadas hoje em dia vão sempre pelo mais fácil e nem sempre isso é benéfico para eles. Eu tento sempre fazer de maneira que eles sejam responsáveis pelos seus actos e mostrar-lhes o que penso ser errado ou o mais correcto. No que depender de mim vão fazer o máximo de estudos possível, e não vão repetir os erros do pai que deixou a escola a meio. Mas voltando a minha casa, quando alugamos esta casa não tinha electrodomésticos. Tivemos de comprar uma máquina de lavar loiça e uma de lavar roupa. Com o passar do tempo compramos também uma de secar a roupa pois com as crianças a sempre muita roupa suja e sobretudo no Inverno nem todos os dias são bons para secar as roupas. Quer numa máquina quer noutra utilizamos sempre um anti calcário e limpamos sempre os filtros. Eu aqui falo no plural pois não tenho nem medo nem vergonha de dizer que estas são algumas das tarefas que faço em casa e as quais eu também digo aos meus filhos para ajudar no que eles já podem fazer, não sou como o meu avô ou o meu pai que achavam que isso eram tarefas de mulher. A nível energético todos temos algum cuidado para gastar o menos possível por causa do desgaste do nosso planeta e também por causa das facturas ao fim do mês. Temos sempre o cuidado de não deixar as televisões ligadas ou os candeeiros dos quartos e utilizar sempre o máximo de luz solar em casa. Com a água gastamos sempre o mínimo possível nos banhos e até já instalei no duche um chuveiro que nos permite poupar quase cinquenta por cento de água no duche. Penso que é nos banhos que gastamos mais água. Os meus electrodomésticos já têm alguns aninhos e então na altura ainda não havia a possibilidade da escolha na classe energética o que hoje em dia também pode significar alguma poupança na factura da electricidade. A nível de telecomunicações em casa só temos telemóvel e computador. Não justifica ter telefone fixo pois nós temos telemóvel e a nossa internet (quem vive sem internet nos dias de hoje?!!) é portátil. Quando temos de trabalhar com documentos ou matar saudades de quem está mais longe utilizamos o computador com a videoconferência senão utilizo o telemóvel. A sociedade hoje em dia não sabe viver sem qualquer uma destas novas tecnologias. O computador lá em casa é o que é mais requisitado, pois nós os adultos precisamos por razões profissionais e os filhos só querem é jogar os jogos on line. Eu pessoalmente prefiro mais andar ao ar livre a fazer desporto do que estar fechado em casa a jogar jogos no computador. Gosto de fazer caminhadas, jogar futebol ou basquete, mas ultimamente até tenho estado muito

preguiçoso o que não é nada bom. Como tenho tendência a ficar obeso, tenho noção que se não fizer nada só vou piorar a minha saúde. Tento sempre comer o mais saudável possível mas nem sempre me é possível. Pelo menos tenho servido de exemplo para os meus filhos que me dizem que não querem ser gordos como o pai. Poderíamos dizer que assim é uma maneira de poupar mas com a alimentação não se poupa, poderei ter onde poupar mas na alimentação dos meus filhos não. Fiz uma tabela para poder mostrar um pouco como são geridas as despesas lá em casa.

JOÃO	861,00
VERA	740,00
TOTAL	1.601,00
DESPESAS FIXAS	
RENDA DA CASA	300,00
CARRO	150,00
NET+MEO	45,00
ATL	75,00
TOTAL	570,00
DESPESAS VARIÁVEIS	
LUZ	40,00
ÁGUA	35,00
TELEMÓVEIS	30,00
GÁS	10,00
ALIMENTAÇÃO	300,00
COMBUSTIVEL	150,00
DESP. REF. ESC	80,00
TOTAL	645,00
SALDO FINAL	386,00

Estas são as despesas normais e habituais pois nem eu nem a esposa temos os vícios do tabaco ou do álcool. O maior vicio talvez seja a leitura. Gosto de ler um pouco de tudo e todos os dias ou quase todos leio as notícias nos jornais. Também gosto de ver televisão ou ouvir música dos anos oitenta ou noventa, acho que ainda não fizeram músicas

melhores. (Isto é a minha opinião). Fora de casa o único hobbie será talvez ajudar no Grupo Desportivo de Mata Lobos, é um clube sem fins lucrativos que existe desde mil novecentos e noventa e cinco mas que só agora está a construir a sua sede, que será na antiga escola primária de Mata Lobos. Este espaço foi nos gentilmente cedido pela Câmara Municipal de Faro. No futuro o clube devera poder investir na formação dos mais jovens no desporto nomeadamente no futsal e os mais velhos terão direito a usufruir das instalações e a ir aos já famosos bailaricos de Verão. Já fazemos bailes de Verão á alguns anos e tem sido muito bom, tem sempre muita adesão da parte do publico em geral. Não são bailes só para sócios qualquer um pode ir divertir se a Mata lobos. O que pessoalmente até acho muito bem pois já basta a maneira como a nossa sociedade rejeita certos grupos ou etnias. Pessoalmente nunca tive problemas em me envolver numa amizade com pessoas de outras etnias ou cor. Como já referi aqui na biografia eu até já trabalhei com pessoas de outras culturas e costumes e dei me sempre bem, até aprendi com eles algumas coisas. Agora por eu me dar bem com todos não quer dizer que também concordo com tudo o que fazem. Eu não acho bem o que todos os dias se passa aqui em frente a “minha” loja que é os ciganos a vender frutas e legumes que se presume serem roubados, ou mesmo que não sejam, acho mal venderem aqui em plena calçada sem pagarem nenhuma contribuição enquanto a cem metros daqui á comerciantes, na praça, a pagar licenças e contribuições á autarquia e ao nosso estado e estes senhores vem para aqui “roubar lhes” clientela. O pior é que nós todos descontamos para a Segurança Social e estes senhores vão lá fazerem se de coitadinhos e recebem avultados subsídios de reintegração social e mais abonos e depois ainda vem vender para a rua sem licença. Eu acho que assim não é justo. Se querem ganhar a vida decentemente então venham vender sim mas paguem as licenças e contribuições como todos nós. Façam para ter direitos iguais a todos.

Autobiografia do Sujeito 3

O meu caminho até hoje....

Chamo-me Helena, de 42 anos, nasci a 07 de Setembro de 1969, no antigo Hospital de Faro, onde é hoje o Lar Santa Casa de Misericórdia, nasci no ano de um acontecimento memorável da chegada do homem à Lua e no dia e mês da Independência do Brasil.

Os meus pais levaram-me para a sua residência, um sítio a três quilómetros de Estói, uma aldeia do concelho de Faro, histórica e muito cultural. A sua localização, está associada à boa qualidade de solos e à existência de várias fontes riquíssimas em água, que levaram a que a zona fosse fortemente povoada desde os tempos mais remotos, como atestam achados arqueológicos que levariam provavelmente à construção de uma Vila chamada Milreu que estava sobre domínio Romano. Em Estói está também localizado um Palácio dotado de termas, com pavimentos integralmente revestidos a mosaico policromo, paredes com estuques pintados, decorada com estatuária Imperial e um templo de construção erudita que teria sido habitação do governador Romano de Ossónoba, que hoje está transformado numa das pousadas mais conceituados do País.

Voltando ao local da minha primeira habitação um sítio com as raízes de infância e adolescência do meu pai e seus antecedentes. Os meus pais casaram em Janeiro de 1968 e localizaram-se aí numa casa que pertencia ao meu avô paterno que já na altura tinha vinte anos de existência.

A minha casa tinha poucas comodidades, era uma casa antiga, não havia água canalizada, nem electricidade, tinha telhados de cana e uma pequena casa de banho no quintal. Lembro-me de a minha mãe me dar banho num alguidar de zinco enorme com água aquecida numa lareira.... A nossa casa tinha uma cozinha grande era ai que passávamos a maior parte do tempo e fazíamos todas as refeições, à noite depois do jantar conversávamos todos à mesa, à luz do candeeiro a petróleo, o meu pai contava-nos histórias e ríamos muito, para mim ele era o meu ídolo que me transmitia muito entusiasmo e alegria.

Existiam dois quartos, um dos meus pais e outro meu e do meu irmão, brincávamos também no nosso quarto, eram quartos razoáveis com dimensões médias e tinham o conforto que para nós era normal para a época.

Havia uma sala também com uma dimensão razoável, uma despensa e um quintal grande, com muitas plantas que a minha mãe tratava muito bem e estavam lindas. Havia

um pessegueiro enorme no quintal e uma cisterna que apanhava as águas da chuva nos algerozes e aglomerava a água que era necessária e canalizava para a cozinha e casa de banho mais tarde.

Havia um forno a lenha também no quintal a minha mãe fazia pão e era uma delícia comer o pãozinho quentinho.

No verão juntávamo-nos todos depois do jantar no quintal e aí também conversávamos muito, lembro-me de fazer também muitas perguntas ao meu pai.

Hoje essa casa está totalmente remodelada, levou placas novas em todas as divisões, paredes novas, chão novo, foi feita uma casa de banho nova junto a um quarto, e na varanda foi feito um quarto novo e uma casa de banho nova também, mas mantêm alguns pormenores que ficaram como uma chaminé antiga, onde está o fogão. As portas da sala e uma do corredor mantêm o estilo antigo alto, com um vidro dividido por cima das mesmas.

Ao fim de dois anos nasceu o meu único irmão, a minha mãe contava que quando chegou a casa com ele e eu chorei a noite inteira...provavelmente sentiria que o meu espaço estava a ser invadido...

Os meus pais eram pessoas humildes que viviam do trabalho, só o meu pai trabalhava por conta de outrem em Faro. A minha mãe cuidava de nós e tratava dos terrenos agrícolas que tínhamos por perto, dali vinha algum sustento na colheita de legumes e frutas, tínhamos uma alimentação saudável com muitas sopas consistentes com legumes frescos, por vezes não gostava muito e comia com contrariedade mas se não comesse não tinha outra alternativa..., jantávamos à luz de um candeeiro a petróleo, não havia televisão... e os meus pais conversavam e conversavam e dali íamos para a cama...

Fui crescendo...; brincava na rua e na terra com o meu irmão e os vizinhos e amiguinhos, eram brincadeiras normais, próprias da idade, à apanhada, as escondidas, macaca, etc., não tínhamos muitos brinquedos...com os meus seis, sete anos já os meus pais tinham adquirido uma televisão a bateria, passávamos as manhãs de domingo a ver os desenhos animados da época a Heidi, o Marco Pólo, Abelha Maia, Pantera Cor-de-rosa e muitos outros...

Aos seis anos fui para a escola primária de Estói, era uma aluna normal...com alguma timidez e reserva mas sempre com um sorriso...concluí aí o quarto ano actual. Fui para o Ciclo preparatório Afonso III em Faro, ia de autocarro, comecei a ser independente muito cedo ia sozinha...andava muito a pé..., continuava a ser uma aluna razoável mas

destacava-me na Educação Física e Educação Visual, adorava desenhar e tinha a arte de copiar desenhos na perfeição. Na Educação Física destacava-me pela altura e conseguia ganhar quase todas as actividades...hoje sinto alguma nostalgia de não ter dado continuidade nem a uma nem a outra...

Entrei para o Liceu João de Deus conclui ai o 9º ano, depois fui para a Escola Tomás Cabreira na área de Contabilidade, conclui o mesmo ano. Acabei por interromper queria ter a minha independência, tinha dezanove anos e iniciei um Curso Profissional de Contabilidade e Fiscalidade pelo I.E.F.P., onde fiz o estágio na Empresa onde iniciei a minha actividade profissional e acabei por ficar.

A minha adolescência e juventude foram normais com alguma maturidade e independência comparando com os tempos de hoje. Tinha as minhas saídas normais, era ajuizada...muito organizada no entanto tinha alguns conflitos e divergências com a minha mãe...próprias da teimosia e rebeldia da adolescência...

A minha mãe era muito conservadora, talvez pela educação que teve, nunca saía sozinha e muito menos à noite. Lembro-me de na altura ela falar que iam ao baile ela e a irmã e a mãe acompanhava-as sempre, e por ela ter vivido esse modo de vida na época, acabou por ter ficado na sua personalidade e ser transmitido para mim quando nas minhas saídas tinha de estar à meia-noite em casa, porque achava que os vizinhos iam comentar o facto de chegar tarde.

Agora consigo compreender a sua atitude não conhecia outra...; queria o meu bem.

Sempre fui muito vaidosa desde muito cedo com doze treze anos, já gostava de me arranjar bem e maquiar-me aos fins-de-semana com as pinturas da minha mãe sempre gostei de estar bem, nasceu comigo, adorava arranjar-me e a minha mãe já não era tanto assim, uma mulher bem mais simples, quando comecei a trabalhar e a ganhar o meu dinheiro gastava-o em grande parte em roupa e a minha mãe achava desnecessário e por vezes entravamos em choque.

É compreensível na época viveu-se momentos de crise económica graves, com dificuldades acentuadas, tinham só o que era necessário, não havia dinheiro para mais. A minha mãe dizia que costurava os seus vestidos e só tinha dois ou três para sair ao domingo. Resumindo os valores culturais da época ficaram influenciaram de certa forma a personalidade da minha mãe...

Havia algumas divergências, tínhamos posturas completamente diferentes, lembro-me da minha mãe ser muito poupada e achava um absurdo, por vezes discutíamos mas no

final a conversa acalmava e acabávamos a falar tranquilamente, talvez porque embora não tivesse muita maturidade, e fosse um pouco teimosa mas como não queria conflitos e não me sentia confortável nesse papel e acabava por me calar. Recordo da altura em que recebi o primeiro ordenado. Fiquei entusiasmada e ofereci-me um casaco que andava já algum tempo a namorar. Na minha opinião achei que era merecido e que era uma compensação, uma maneira de recordar o meu primeiro ordenado, finalmente podia fazer uma compra mais extravagante a meu gosto. Quando cheguei a casa mostrei-o à minha mãe, e não lhe queria dizer o preço, mas acabei por dizer. Ela não gostou muito da minha atitude, achou que estava a estragar dinheiro. Ela teve muitas dificuldades quando era mais nova e achava que não se devia gastar nesse tipo de compras, achava que eu devia juntar e poupar dinheiro para mais tarde não passar dificuldades. Compreendi a opinião dela, mas não podia também deixar de sentir que era normal uma rapariga da minha idade fazer esse tipo de compras, e era um orgulho eu poder comprar com o meu primeiro ordenado. Expliquei-lhe que compreendia os seus motivos, mas que as épocas são diferentes, no tempo dela fazer uma compra daquele género significava um sacrifício muito maior, as pessoas nem sentiam qualquer orgulho em fazer este tipo de extravagâncias, mas que hoje em dia qualquer rapariga nova acha normal e que nos sabe bem ter esse tipo de atitude. Prometi-lhe que ia ser sempre organizada e ponderada nos meus gastos extras a partir dessa altura. No tempo dos meus pais, com as dificuldades que sentiam, não era normal a pessoa ter mais do que um casaco ou par de sapatos, estes artigos eram apenas substituídos quando estavam completamente estragados. Na minha geração já não se pensava assim e por isso por vezes entrávamos em conflito. Hoje em dia reconheço que eles tinham razão, acho que estamos a precisar de voltar ao precisar de saber poupar e não valorizar tanto as coisas materiais.

Quando sai de casa, acho que na altura não tinha a maturidade suficiente para dar esse passo mas aconteceu... Vim viver para Faro, num apartamento novo T2, a minha residência até hoje.

O meu apartamento era novo a estrear com todas as comodidades normais, com conforto, não se pode considerar um apartamento com grande área, uma sala normal, dois quartos médios, uma casa de banho pequena, e uma varanda com marquise, mas claro que comparando com a minha habitação anterior nos meus primeiros anos de infância não têm comparação, muito mais quentinho, água canalizada, quentinha

quando necessário. No entanto faltou-me o espaço, a liberdade, o sair para a rua e apanhar sol, o pôr-me à porta nas noites de verão a apanhar a brisa da noite, enfim falar de condições de habitabilidade é muito relativo no meu conceito.

O divórcio acabou por acontecer, considero que apreendi muito e adquiri experiência e ponderação para a vida...

Passando para o meu percurso profissional, como disse anteriormente, comecei a trabalhar aos vinte anos na Empresa Rolear no ano de 1990, onde permaneci seis anos na mesma.

Aí, iniciei primeiro com o estágio profissional e acabei por ficar, desempenhava funções administrativas na área da tesouraria e contabilidade, era uma empresa muito familiar, gostava das funções que desempenhava e fazia-as com muito empenho e dedicação, aliás foi sempre assim a minha postura em todo o meu percurso profissional.

Trabalhava com os primeiros programas informáticos na época, e ainda cheguei a trabalhar com máquina de escrever.

As pessoas com quem trabalhei na altura eram mais íntegras, verdadeiras, e a meu ver tinham mais entusiasmo umas com as outras, havia mais entre ajuda entre colegas e convívio fora das horas de trabalho.

Foi uma experiência que guardo com carinho e muitas saudades...

De 1996 a 1999, trabalhei no Ministério da Economia, na área de Contabilidade uma experiência muito enriquecedora num organismo do Estado, era trabalhadora independente passava recibos verdes, mas tinha um horário laboral normal, estava na área de Contabilidade, fazia os meus descontos normais embora não tivesse subsídio de férias e natal esses eram calculados pelos doze meses do ano e recebia juntamente com o “vencimento” valor mensal recebido. Nesse sentido pode-se considerar menos mal. Mas quando sai não tive direito a subsídio desemprego o que considero injusto quando sempre estive a descontar para a Segurança Social nos quatro anos que lá estive, para além dos outros seis anos anteriores que também já haviam sido feitos descontos na privada.

Gostei muito deste trabalho, infelizmente nada se conseguiu fazer para passar aos quadros e tive de sair, considero que foi muito injusto, durante quatro anos dei o meu melhor estava integrada a todos os níveis.

Infelizmente até hoje o Estado continua a funcionar nesta modalidade e há falta de estabilidade.

No ano 2000 entrei para uma Empresa do Ramo Automóvel (Mscar) – Associada Iperrent – Aluguer de Viaturas e representante da venda da Marca Suzuki no Algarve, aí permaneci durante 8 anos, uma experiência única, uma empresa com um grau de exigência superior, de grande estrutura, mas que considero que os recursos humanos falhavam, ou seja, a falta de comunicação das chefias no sentido motivador, porque para as pessoas produzirem, e se sentirem bem num posto de trabalho, há que ter uma atitude da parte da chefia com entusiasmo com um sorriso, ser frontal, ter um comportamento assertivo, justo, correcto, objectivo.

Um bom gestor de Empresa deve saber ouvir e não ditar só ordens, deve tentar compreender e deixar o funcionário falar sobre os pontos de vista negativos que o estão a afectar, ou seja saber ser observador e ter a capacidade de chamar um funcionário quando se verificar que o mesmo anda desmotivado.

As pessoas gostam de ouvir elogios, gostam que lhe digam o quanto são importantes na empresa, isso reforça o seu aumento de produtividade, dedicação ao trabalho e relações interpessoais. Resumindo na minha opinião saber motivar é um trabalho árduo e contínuo que anda de mãos dadas com a alegria de um ambiente saudável no posto de Trabalho.

Voltando à minha actividade profissional nesta Empresa trabalhei na área administrativa, tesouraria-contabilidade um trabalho muito minucioso e de grande concentração um quanto desgastante também. Os últimos três anos na mesma empresa foram na área comercial, relacionava-me com o público e tratava de todo processo de venda de um carro.

Desenvolvendo um pouco a actividade da MSCAR e descrevendo o “Organograma da MSCAR”, ou seja, dos sectores que estavam articulados ao meu posto de trabalho, passo a indicar: A MSCAR é a empresa da GMS, S.G.P.S.,S.A. (Grupo Marques da Silva) que actualmente representa no Algarve 17 marcas de Automóveis - Alfa Romeo, Abarth, Fiat, profissional, Lancia, Iveco, Isuzu, Chrysler, Dodge, Jeep, Kia, Honda, SEAT, Suzuki, Saab, Opel e Chevrolet.

Na Altura Fialgar, foi adquirida em 1980, pelo Sr. José Marques da Silva e pelo Eng.º António Portela de Moraes, uma vez que já existia como representante da Fiat no distrito de Faro. A Fialgar era uma concessão integrada, representando as marcas: Fiat, Lancia e

Iveco, onde num mesmo espaço o cliente podia encontrar o salão de exposição, a venda de peças e a assistência técnica. Dada a dispersão geográfica do Algarve e as fracas estruturas em estradas nos anos 80, tornou-se necessário dividir a região em duas zonas: Barlavento e Sotavento. É então criada a Fialpor em 1985, que era responsável pela comercialização da marca Fiat e Iveco no barlavento algarvio.

José Marques da Silva (Responsável Máximo) Patrão, abaixo estava o gerente da Empresa que coordenava toda a gestão financeira, e a que representava a mesma na falta do responsável. Depois vinha a responsável de Contabilidade e Recursos Humanos com quem trabalhava directamente, responsável por toda a parte contabilística da Empresa. Por já não estar a trabalhar nesta empresa há cerca de 5 anos, não tenho acesso à imagem do organograma da empresa, e até é provável que esteja diferente, mas de qualquer forma tento aqui ilustrá-lo como era no tempo em que lá trabalhei: Eu tratava de toda a parte de Tesouraria, diária, entradas e saídas de movimentos bancários em sistema próprio, conferência de Bancos e reconciliações bancárias, que era conferida diariamente e gerida por estas duas responsáveis. Ou seja, a minha equipa de trabalho que mais trabalhava directamente era constituída por quatro pessoas. Estavam mais dois colegas directos que tratavam da parte de contabilização dos documentos. Para além deste trabalho, tratava também de todo o expediente geral de Escritório, Recepção de correspondência distribuição da mesma. Atendimento telefónico e arquivo. Tratava também dos contratos de Aluguer e devido lançamento em sistema. Todos estes trabalhos acabavam por estar articulados a esta equipa. A nível de estabilidade foi gratificante tive um contrato de trabalho, ou seja fiz três contratos que depois me vinculou à empresa em efectividade, que me permitiu dar segurança e tranquilidade no sentido de ter os meus direitos em caso de despedimento o que acabou por acontecer. A extinção do meu posto de trabalho, foi uma saída assertiva, cordial e cumpridora pela Entidade Patronal.

Abaixo indico o artigo 368º do código do trabalho que detalha o despedimento por Extinção do posto trabalho, assim como o 369º e 370º que estão interligados.

Artigo 368º

Requisitos de despedimento por extinção de posto de trabalho

1 - O despedimento por extinção de posto de trabalho só pode ter lugar desde que se verifiquem os seguintes requisitos:

- a) Os motivos indicados não sejam devidos a conduta culposa do empregador ou do trabalhador;
- b) Seja praticamente impossível a subsistência da relação de trabalho;
- c) Não existam, na empresa, contratos de trabalho a termo para tarefas Correspondentes às do posto de trabalho extinto;
- d) Não seja aplicável o despedimento coletivo.

2 - Havendo na secção ou estrutura equivalente uma pluralidade de postos de trabalho de conteúdo funcional idêntico, para concretização do posto de trabalho a extinguir, o empregador deve observar, por referência aos respectivos titulares, a seguinte ordem de critérios:

- a) Menor antiguidade no posto de trabalho;
- b) Menor antiguidade na categoria profissional;
- c) Classe inferior da mesma categoria profissional;
- d) Menor antiguidade na empresa.

3 - O trabalhador que, nos três meses anteriores ao início do procedimento para Despedimento, tenha sido transferido para posto de trabalho que venha a ser extinto, tem direito a ser reafectado ao posto de trabalho anterior caso ainda exista, com a mesma retribuição base.

4 - Para efeito da alínea b) do n.º 1, uma vez extinto o posto de trabalho, considera-se que a subsistência da relação de trabalho é praticamente impossível quando o Empregador não disponha de outro compatível com a categoria profissional do Trabalhador.

5 - O despedimento por extinção do posto de trabalho só pode ter lugar desde que, até ao termo do prazo de aviso prévio, seja posta à disposição do trabalhador a compensação devida, bem como os créditos vencidos e os exigíveis por efeito da cessação do contrato de trabalho.

6 - Constitui contraordenação grave o despedimento com violação do disposto nas alíneas c) e d) do n.º 1 e nos n.os 2 ou 3.

Artigo 369º

Comunicações em caso de despedimento por extinção de posto de trabalho

1 - No caso de despedimento por extinção de posto de trabalho, o empregador comunica, por escrito, à comissão de trabalhadores ou, na sua falta, à comissão

Intersindical ou comissão sindical, ao trabalhador envolvido e ainda, caso este seja representante sindical, à associação sindical respectiva:

- a) A necessidade de extinguir o posto de trabalho, indicando os motivos justificativos e a secção ou unidade equivalente a que respeita;
- b) A necessidade de despedir o trabalhador afeto ao posto de trabalho a extinguir e a sua categoria profissional.

2 - Constitui contraordenação grave o despedimento efetuado com violação do Disposto no número anterior.

Artigo 370º

Consultas em caso de despedimento por extinção de posto de trabalho

1 - Nos 10 dias posteriores à comunicação prevista no artigo anterior, a estrutura representativa dos trabalhadores, o trabalhador envolvido e ainda, caso este seja representante sindical, a associação sindical respectiva podem transmitir ao empregador o seu parecer fundamentado, nomeadamente sobre os motivos invocados, os requisitos previstos no n.º 1 do artigo 368.º ou as prioridades a que se refere o n.º 2 do mesmo artigo, bem como as alternativas que permitam atenuar os efeitos do despedimento.

2-Qualquer entidade referida no número anterior pode, nos três dias úteis posteriores à comunicação do empregador, solicitar ao serviço com competência inspectiva do ministério responsável pela área laboral a verificação dos requisitos previstos nas alíneas c) e d) do n.º 1 e no n.º 2 do artigo 368.º, informando simultaneamente do facto o empregador.

3 - O serviço a que se refere o número anterior elabora e envia ao requerente e ao empregador relatório sobre a matéria sujeita a verificação, no prazo de sete dias após a recepção do requerimento.

Resumindo, um despedimento por extinção do Posto de Trabalho têm de ser muito bem justificado, obedecendo às normas do Artigo 368º e 369º.

Caso a Entidade Patronal não obedeça a Legislação em vigor, pode-se sempre pedir um aconselhamento e uma orientação à ACT - Autoridade p/ as Condições do Trabalho, sobre a situação de cada despedimento, caso não esteja de acordo esta Entidade intervêm junto da Entidade Patronal.

Houve duas situações no meu percurso profissional que recorri ACT - Autoridade p/ as Condições do Trabalho, uma foi quando sai da Clínica de Psicologia, e a Entidade

Patronal me dispensou antes da data de concretização do Contrato de Trabalho, por estar a passar por dificuldades financeiras não me queria pagar tudo o era direito. Marquei uma reunião na Autoridade para as Condições do Trabalho e pedi esclarecimentos ao pormenor, ainda tinha direito a mais um subsídio complementar que desconhecia, para além do pagamento do vencimento até ao final do contrato, subsídio de Natal e de Férias por cada mês de trabalho. Assim como o modelo RP5044, devidamente assinado e carimbado pela Entidade Patronal para entrega no Centro de Emprego para o respectivo recebimento do subsídio de Desemprego, neste caso o Social porque só tive seis meses de descontos para a Segurança Social e tinha estado desempregada anteriormente e a receber Subsídio de Desemprego.

A ACT informo-me também caso houvesse problemas com a Entidade Patronal podia requer um advogado a custo zero, fazendo o pedido na Segurança Social por me encontrar desempregada e no meu caso concreto por estar divorciada justificando dificuldades financeiras. Felizmente não foi preciso porque houve acordo.

Voltei à empresa e fiz questão de defender os meus direitos, para me que fossem totalmente retribuídos, e frisei mesmo que me tinha ido informar na ACT, e que poderiam estar sujeitos a uma visita inesperada.

Tive uma postura coerente, cordial e assertiva dando a entender que queria que a minha situação ficasse resolvida e que tudo ficasse a bem o que acabou por acontecer.

Esta foi a situação mais delicada que me aconteceu.

Quando sai da MSCAR também me informei via telefone, dos meus direitos, mas tudo correspondeu ao estabelecido por lei.

Ficando assim desempregada e com tempo livre, dediquei-me então à frequência de formações complementares, comecei com Gestão de Eventos, a seguir Contabilidade, depois Imagem Pessoal e Comunicação com o Cliente, por fim Relações Interpessoais. Adorei esta a última por ser uma área que me dedico pessoalmente e onde cruzei ideias e aperfeiçoei a inteligência emocional.

Foi uma forma de estar ocupada e adquirir formação académica.

Fiz um contrato de seis meses em 2009, numa Clínica de Psicologia como rececionista, uma experiência que se destacava por atender pessoas especiais em que cada caso era único, adorei por me sentir na obrigação de cuidar dessas pessoas na primeira abordagem antes de entrarem para a consulta com os técnicos, uma experiência

diferente que fiz com muita dedicação e que se encaixou e foi ao encontro a minha maneira de ser.

Entretanto, no ano 2010 continuei a receber subsídio de desemprego surgiu a oportunidade de fazer um Programa Ocupacional durante um ano no IPTM-Instituto Portuário dos Transportes Marítimos, um Organismo do Estado ligado ao Mar, serviço onde se concretiza a realização das Marinas e Portos de Pesca do Algarve. Aí reencontrei ex-colegas com quem trabalhei no Ministério da Economia que foram transferidos, sentia-me em casa, um excelente ambiente de trabalho com muito boa disposição.

Aqui senti o funcionalismo público puro, mas saudável, as pessoas organizavam o seu trabalho sem pressões, senti respeito pelo trabalho dos outros, havia flexibilidade de horários sem controlo algum. As chefias igualavam-se a todos de igual forma na integração de quaisquer conversas, profissional ou pessoal, tudo fluía de forma natural.

Mais uma vez depois de estar integrada num posto de trabalho em que me adaptei muito bem e que se adaptaram também à minha forma de estar neste local de trabalho, infelizmente o Estado não criou condições de trabalho para que ficasse, e o ciclo continuou com a requisição de pessoas na minha situação de desempregada para o mesmo posto. E assim se vai regendo esta situação que não é propícia nem para o Organismo do Estado nem para a pessoa que por lá passa, que dá o seu melhor e acaba por sair frustrada, sem um emprego.

Em Janeiro de 2011 entro na Universidade da Penha na área bibliotecária, permaneci até Agosto deste ano também num “programa ocupacional”, um trabalho muito interessante completamente diferente do que tinha até agora, aprendi a arrumar livros a conhecer uma base de dados de uma biblioteca em diversas vertentes onde tudo por exemplo pode ser procurado nessa mesma base um livro por “Autor”, por um “Titulo”, foi uma experiência que me surpreendeu pela positiva, fiz atendimento ao público e os alunos surpreenderam-me pela sua forma transparente, integra e de um saber estar descontraído.

Fiz amizades também e saí com mais enriquecimento profissional e pessoal.

A 15 de Agosto deste ano fico em casa sem trabalho, durante quinze dias passei-os numa ansiedade profunda de querer um trabalho e não conseguir, fiz entregas de muitos currículos vitae, respondi a várias ofertas e nada...

Revolvi então divulgar a minha procura de emprego na rede social “Facebook”, e surge uma mensagem de dois ex-colegas da Mscar que abriram uma empresa do Ramo Automóvel na reparação Auto e especializada em Electrónica, surge a entrevista, consegui o emprego e estou na recepção até à data.

Os tempos não estão fáceis, a concorrência é muita e há que ter muita sensibilidade e amabilidade para que o cliente fique satisfeito e que volte novamente.

Há que trabalhar como se fossemos a Entidade Patronal, com grande consciência para garantir o nosso posto de trabalho, ser o mais polivalente possível.

Somos cinco funcionários (incluído o sócios-Gerentes), Um Eng.º Responsável, um Chefe de Oficina, dois técnicos especializados, e eu na parte da Recepção (Atendimento ao Cliente/Administrativa). Consiste numa empresa familiar, mais ou menos organizada, que neste momento atravessa algumas dificuldades face às despesas, por ser uma empresa só com quatro anos de existência.

Como descrevi anteriormente de uma forma mais reduzida a actual Empresa onde trabalho, passo a detalhar mais pormenorizadamente como funciona:

Como disse somos cinco funcionários, no Topo está o Eng.º Responsável, com a responsabilidade pela parte técnica, no Departamento de Compras, (área técnica), Financeira - (definição de datas de pagamentos a Fornecedores que se articula também com a de Recursos Humanos, fazendo o recrutamento de pessoal, definição de contratos, pagamento aos funcionários etc.

Abaixo está o Chefe de Oficina responsável pela orientação dos trabalhos dos mecânicos e fiscalização dos mesmos, que no final dá origem à respectiva ordem de fecho de cada obra - (Final dos trabalhos em cada viatura).

Os mecânicos são responsáveis por toda a elaboração dos trabalhos de mecânica e electrónica das viaturas.

No meu caso recebo ordens do Eng.º Responsável, que acaba por haver também articulação com o Chefe de Oficina na execução de algumas tarefas como as da Recepção,

Digamos que existe uma estrutura Hierárquica flexível, existe um diálogo positivo e saudável. No meu caso tenho liberdade e autonomia na realização das minhas tarefas, não existe pressão o controlo no que estou a fazer, consigo exprimir os meus pontos de vista no que acho que está mal e dão-me liberdade para o fazer como achar melhor e

sentem essa confiança no meu trabalho, isso dá-me motivação na realização das minhas tarefas e dou sempre o meu melhor.

Por exemplo quando cheguei a esta Empresa havia muita coisa por arrumar e organizar a nível administrativo e deram-se essa autonomia.

Sou eu que faço a gestão do meu tempo na execução das minhas tarefas e tenho a consciência da importância de definir como prioridade o que é mais urgente, ser prática, dinâmica, assertiva, ajuda muito no bom desempenho do serviço, e na articulação com os demais.

Neste momento estou com contrato, o que dá estabilidade e segurança como já referi anteriormente noutra Empresa. Tenho direito a Férias para o merecido descanso, subsídio de Férias e subsídio de Natal, no caso de ficar doente de baixa remunerada.

Em relação as condições de trabalho, deixa muito aquém, por exemplo o meu escritório, não têm protecção com vidros duplos, o que acaba por haver muito barulho vindo da oficina, que origina poluição sonora e por vezes não é fácil quando o meu trabalho exige muita concentração, gera algum stress e inquietação.

Também não têm ar Condicionado, o que se torna muito frio de Inverno o que gera algum desconforto no local de trabalho.

Precisava também de mais espaço, mais arrumação e mais aconchego.

Um caso específico e relacionado com este actual local de trabalho, na área da Mecânica Automóvel, acaba por ser muito específica e meticulosa.

Sou eu que faço a recepção e atendimento ao Cliente e por vezes quando uma viatura é reparada, existem trabalhos muito concretos que por vezes embora se pense que ficou tudo reparado, pode desencadear-se outro problema mais tarde.

E quando o Cliente volta à oficina, por vezes vêm com algum desconforto, reclamando que já tinha gasto muito dinheiro da última vez.

Tento usar a minha simpatia, sensibilidade compreensão e cordialidade, justificando que pode acontecer e por vezes existem situações inesperadas e imprevistas, mesmo com os “nosso optimos técnicos”.

Contorno sempre a situação da melhor forma, defendendo sempre os técnicos assim como a Entidade Patronal, transmitindo uma imagem cuidada, de profissionalismo e de credibilidade.

Recordo que uma vez, um meu colega falou com um cliente e fez a folha de obra, explicando o arranjo que tinha que fazer e as peças que tinha que mudar. Após preencher a folha de obra, esqueceu-se de apontar o contacto do cliente, que é essencial para introduzir na base de dados informática e para fazer algum contacto necessário com o cliente, mesmo que seja só para o avisar que pode vir levantar o carro. Nessa situação, quando me deparei com essa folha de obra, falei com ele e realmente admitiu o erro. Tivemos que esperar que o cliente nos contactasse, o que não é muito bom para a imagem da empresa, então contornei a situação pedindo desculpa e explicando que por acidente ficámos sem os dados para o poder contactar. Assim evitei que a imagem negativa da minha empresa, representada pela imagem negativa do trabalho do meu colega, e do meu também, passasse para o cliente.

Outra situação foi quando um cliente ligou para o chefe de oficina para saber o ponto de situação sobre o arranjo do seu carro e para saber a data e hora em que tinha que vir buscar o mesmo. Quando o cliente chegou, na hora em que o chefe o mandou vir, estava o carro ainda no elevador. Nesta situação tentei contornar dizendo que infelizmente tinham tido uma situação de emergência com um outro carro, que ele entretanto foi chamado para resolver, e por isso ele não conseguiu terminar o trabalho na hora acordada. Pedi desculpa ao cliente, apelando à sua compreensão, calmamente e assertivamente o cliente compreendeu e ficou satisfeito.

Falando nas tarefas que desempenho, faço a recepção das viaturas, com a triagem do chefe de Oficina na especificação na reparação em questão, assim como abertura e fecho de obra. Organização de papéis para a contabilidade, contacto com fornecedores, emissão de correio electrónico, utilização das ferramentas do Office, Word, Excel, Consulta na Internet, trabalho a página da Empresa no Facebook, aplicando informação de campanhas, ou seja publicidade e Marketing.

Temos também um programa informático (PHC) no sistema operativo Windows, específico para o efeito, muito prático que nos dá qualquer resultado pretendido indispensável, assim como o histórico de um veículo ou de um cliente, uma base de dados muito completa, uma ferramenta imprescindível para o bom funcionamento de uma oficina auto.

Actualmente já existem programas muito bons para determinada cada área específica, quando iniciei a minha actividade profissional, comecei no sistema Operativo MS-DOS,

fui aprendendo e adquirindo prática por mim mesma, e através dos colegas que me ensinavam. Só fiz uma formação extra de Excel avançado.

Falando do equipamento utilizado no escritório, para além da importância do computador que veio revolucionar e garantir a mais rápida execução do trabalho de escritório e organização, assim como a facilidade de comunicação que daí advêm o e-mail por exemplo, facilita a comunicação no local de trabalho assim como para com o exterior, poupando imenso tempo em comparação com a utilização do telefone.

Temos uma fotocopiadora multifunções, onde é possível fotocopiar, enviar faxes e scanner, o que se torna muito prático.

No entanto, é uma fotocopiadora têm outras limitações, só tira fotocópias uma a uma, não faz grupos, não agrafa, e não dá para aumentar a dimensão da cópia.

O PC por vezes também é um pouco lento, por estar subcarregado de informação e ter falta de memória extra.

O telefone não é dos mais completos, não reencaminha chamadas, têm pouca capacidade de audição.

Na parte técnica, existem equipamentos específicos para diagnosticar rapidamente as avarias nos automóveis o que torna rápida a reparação. No entanto precisavam de ser substituídos por outros actuais mais actualizados, no sentido que a tecnologia electrónica no ramo automóvel actualmente está sempre em crescimento e actualização.

Existem alguns produtos reciclados assim com as baterias dos carros que são substituídas por novas assim como as lâmpadas substituídas também.

Anualmente tem que se declarar ao Ministério do Ambiente os quilos de resíduos cada área específica que foram entregues para reciclarem.

Falando mais aprofundadamente da minha vida pessoal..., de formas de estar...e da minha atitude perante a vida...;

Vivo sozinha não tenho filhos, tenho um gato de “raça azul russo” um doce que encontrei na rua ainda bebé, que é tratado com todos os mimos com se fosse um filho.

Vivo num terceiro andar num T2 razoável e com o conforto desejado, num prédio com vinte e dois anos de existência já com elevador, mais ou menos em bom estado de conservação. Fui fazendo obras de remodelação no meu apartamento, comecei pela alteração do chão, que foi um pouco forçada porque tive um problema de canos rotos, entre a cozinha e a casa de banho, o chão era de tacos de madeira, e que levantaram

todos com a água que se foi infiltrando nos mesmos, alterei então depois para mosaicos em tons claros que dão luz, amplitude e leveza à casa.

Na casa de banho coloquei loiças novas, pus ar condicionado na sala e no meu quarto por ser uma casa bastante quente de Verão, era imprescindível.

Mais tarde mudei os móveis da cozinha porque os anteriores foram-se degradando ao longo dos anos, coloquei forno eléctrico e placa vitrocerâmica.

Quando tive o problema dos Canos, contactei uma empresa especializada em deteção de fuga de água nos mesmos, com uma máquina específica determinaram a localização da fuga. Depois contratei um pedreiro que fez todo o serviço de canalização e pedreiro.

Depois de os roços abertos e colocação dos tubos, foi a altura de comprar o chão

E tive de pedir alguma ajuda no sentido da quantidade de mosaicos a comprar e o raciocínio é o seguinte:

Basta medir o comprimento e a largura da divisão, multiplicando o comprimento pela largura e dá a área de metros quadrados da divisão. E de salientar que quando se vai fazer a comprar é preciso verificar quando m^2 tem uma caixa e assim divide-se a área pela quantidade de cada caixa decidindo assim o número de caixas necessárias.

Mais tarde quando mudei os armários da cozinha, o carpinteiro primeiro teve de vir medir as dimensões, e ajustar ao desenho que pretendia, deixando espaço para os electrodomésticos máquina de lavar roupa e loiça.

Mas a minha morada apesar de me sentir bem no meu apartamento, é uma zona de grande movimento de trânsito por ficar na estrada principal de acesso à universidade, e por ser uma das principais entradas em Faro; Faro infelizmente em comparação com outras localidades está pouco desenvolvido no escoamento do trânsito. Não deixa de me causar algum desgaste psicológico pela perturbação do barulho.

Falando de electrodomésticos e de equipamentos domésticos, vou debruçar-me num electrodoméstico que tenho e de que gosto particularmente a placa vitrocerâmica, que aquece rapidamente, desliga-se automaticamente quando retiro uma panela e bloqueia ao fim de algum tempo após ter deixado de utilizar (muito seguro para quem têm crianças); muito prática e rápida na limpeza da mesma o que mantêm sempre uma cozinha limpa e arrumada.

Tenho dois aparelhos de ar Condicionado, anualmente é preciso pedir a um técnico que verifique se estão a funcionar devidamente, se estão a fazer o aquecimento ou o arrefecimento convenientemente, é preciso limpar os filtros também periodicamente.

O frigorífico também têm a sua manutenção é preciso ver se têm gás suficiente, e descongelado de vez em quando e limpá-lo.

A presença de gelo nas paredes do congelador implica um aumento no consumo de energia, pois ao acumular funciona como um isolante, levando a que o congelador não consiga perceber a temperatura a que está. Assim, continuará a produzir frio, levando a que se forme cada vez mais gelo. Para evitar a formação destas camadas, é aconselhável fazer a limpeza do gelo atempadamente.

A grelha exterior do frigorífico (serpentinhas) deve ser limpa pelo menos uma vez por ano, para evitar grandes acumulações de poeiras e conseqüente redução na eficiência de arrefecimento do frigorífico, causando um maior consumo de energia.

A máquina de lavar loiça, têm que se ter cuidado tendo uma boa manutenção melhorando o comportamento energético, daí que recomendamos a limpeza frequentemente do filtro.

Manter sempre cheios os depósitos de abrillantador e de sal, pois estes reduzem o consumo de energia, no acto da lavagem e secagem.

Falando agora de dois equipamentos de higiene de que gosto particularmente, e que me ajudam na poupança de tempo e na poupança de gastos é a máquina depiladora e alisador de cabelo que me permite estar apresentável sempre que o desejar.

Sou eu que faço todas as tarefas na minha casa, gestão orçamental, pagamentos.

Já o fazia quando era casada, eu era que curiosamente “fazia quase tudo”, em tempos atuais em que o parceiro já colabora em tudo ou quase tudo e as tarefas são divididas, no meu caso isso não aconteceu, o meu ex-marido só fazia bricolagem e manutenção de eletrodomésticos quando era necessário.

Pode ter uma lógica ou não...., o seu comportamento devia-se ao facto que na casa dos países, a mãe é que fazia as lides domésticas, comportamento machista. Descrevendo equipamentos que utilizo para comunicar, o computador utilizado em lazer, a meu ver veio revolucionar a vida quotidiana e os hábitos da vida das pessoas por um lado positivamente, por outro negativamente porque quebra a relações directas entre as pessoas, quebrando e cortando gestos de afecto e emoções importantes para o equilíbrio mental das pessoas. O computador, digamos que o considero um equipamento doméstico...; acaba por ser um instrumento de lazer que me permite através da internet comunicar com os amigos (através do Facebook e do Windows live Messenger).

O telemóvel, normalmente utilizo para chamadas rápidas e necessárias no dia-a-dia, nalguns casos utilizo um pacote muito económico de uma operadora, que me permite alongar nas chamadas telefónicas, quando a outra pessoa também têm, comunicando a custo zero. As mensagens também são práticas nalguns casos, quando estamos a trabalhar. O telefone fixo utilizo para familiares, pai, irmão, outros familiares com idade acima dos cinquenta anos, que têm o mesmo meio de comunicação por ser mais económico falar, normalmente a partir das nove horas da noite não tem custos acrescentados. Utilizo o mesmo também, quando preciso ligar para tratar de assuntos pessoais, entidades públicas, operadoras, etc...por ser também mais económico.

Voltando ao computador, este está ligado ao mundo, através de pesquisas e podendo por exemplo viajar através do Google Earth que nos permite visualizar cidades a três dimensões ter a percussão de como se lá estivesse, visitando museus galerias, zonas histórias em determinadas cidades. Por exemplo antes de viajar para países como o Egipto, Turquia, Brasil e Londres, fiz buscas detalhadas ao pormenor na internet no Google e Google Earth, fiz pesquisas dos monumentos a visitar, museus, dos lugares mais importantes, distâncias entre eles, mapas das linhas de metro, preços, mapas da cidade (distâncias), do clima.

Consultei hotéis, os restaurantes típicos, a gastronomia da região, preços, consultei câmbios. Li sobre a cultura do país, das diferenças culturais, das formas de estar, por exemplo no Egipto e na Turquia tive o cuidado de levar roupas mais resguardadas pela cultura fechada do povo. Por serem países pobres, levei algumas canetas, para distribuir por algumas crianças que me abordavam para pedir, para elas uma caneta era um objecto precioso e quase inatingível.

“Fugindo um pouco ao assunto ...vimos mais ricos, melhores pessoas, mais serenas”.

A máquina fotográfica um equipamento imprescindível numa viagem, pela grande quantidade de fotos de se pode tirar, e posteriormente guardar no computador e visualizar. A minha máquina fotográfica é da marca Panasonic, modelo DMC – LS80, com a resolução 8.1 Mega Píxeis, de 2,5 polegadas que permite já uma razoável nitidez e clareza das fotos e dos filmes. Pesa 138 gramas, com as medidas de 62 x 93 x 29,7 milímetros, tornando-se assim muito leve e prática.

Possui também uma poderosa lente Lumix DC Vario com um zoom óptico de 3x (33-100 mm). Em relação à sua resolução, posso dizer que quanto maior for o número de mega pixéis que uma máquina conseguir transmitir para a imagem melhor será a sua

definição, pois com o aumento da imagem no computador melhor se percebe quanto maior for a divisão da imagem em pixéis. Têm um cartão de memória de 1024 MB que me permite guardar imensas fotos e descarregar no computador posteriormente.

Já a tenho há três anos, na altura qualidade/preço, fiz uma boa opção, e naturalmente para aquilo que pretendo neste momento é-me útil o suficiente. Os cuidados de manutenção e conservação são tentar não utilizar a câmara perto de transmissores de rádio ou linhas de alta tensão, as imagens ou sons gravados podem ser afectados de forma adversa. Não deixá-la cair com sofrimento de impactos fortes. Areia e pó na objectiva pode prejudicar os contactos eléctricos. Não deixá-la cair à água pois não é à prova de água. Normalmente também quando não a uso por longos períodos de tempo retiro as pilhas, na eventualidade de rebentamento e danificação interna da máquina. Estão muito interligados estes dois equipamentos, a máquina e o computador podendo-se trabalhar as fotos, fazer filmes, para além de arquivar um número imenso de fotos, descarregando da máquina fotográfica.

Quando fui a Londres, trabalhei um filme com as fotos e o resultado foi muito gratificante, gostava de o passar no final do meu trabalho.

A televisão, leva-nos a todo o mundo, dá-nos notícias ao minuto sobre o estado de cada país, temos uma variedade de canais que nos permite escolher as opções que queremos, filmes, música, entretenimento, mundo animal, o tempo em cada canto do mundo, etc.

Os cuidados de manutenção que acabo por ter com os equipamentos eletrodomésticos passam por uma razoável utilização dos manuais de utilização, limpeza adequada a cada tipo electrodoméstico, assim como a sua localização não os expondo demasiado ao calor, nem naturalmente à chuva. Partindo de alguns exemplos, posso dizer que em relação à televisão (LCD), limpo-a com um pano próprio para não riscar o ecrã; nunca a ponho num sítio em que apanhe luz directamente do sol e também não a encosto totalmente à parede para que possa circular ar atrás da mesma. A máquina de lavar loiça uso sal próprio de vez em quando que serve para descalcificar, ou seja serve para “amaciar a água” – quando muito dura calcária,

de forma a não causar problemas de incrustações de calcário no interior da máquina.

Os aparelhos de Ar Condicionado, limpo os filtros dos mesmos duas vezes por ano, antes de começar a utilizar no início do Verão e do Inverno. Em causa está o pó que se envolve junto dos filtros dando achoa a espalhar-se ao ter os aparelhos ligados, provocando problemas graves de saúde, no aparelho respiratório, e alergias.

É muito importante saber ler os manuais de Instrução de um equipamento ou electrodoméstico, isso significa uma melhor utilização, poupança e garantia de longevidade e durabilidade. Por exemplo quando comprei recentemente uma máquina de lavar roupa, optei por uma de “Programas Eco”, permitindo um menor gasto de energia eléctrica, com benefícios para o meio ambiente.

Escolhi uma máquina relação qualidade/preço razoável, que me permitisse utilizar certos programas que me ajudassem na perda de tempo com a roupa, por exemplo esta máquina têm um programa que têm um símbolo de um “ferro eléctrico”, que reduz a formação de rugas na roupa, com centrifugação lenta e por isso não necessita de ser passada a ferro. O programa de meia carga, poucas peças a reduzido consumo. Programas de água fria, que lavam tão bem como com água quente e reduz o consumo também.

A sociedade portuguesa evoluiu assim como as mentalidades também, isso deve-se em grande parte ao acompanhamento e ao acesso que as pessoas foram tendo às novas tecnologias, começando pela televisão inicialmente, no ano 1957, foi um passo memorável, em que através deste meio tecnológico, levou ao conhecimento das pessoas de outras realidades culturais, mais desenvolvidas e emancipadas. Claro que o acesso à Educação foi também um grande ponto de viragem no crescimento pessoal e profissional das pessoas. Por exemplo as mulheres desempenharam um grande papel de afirmação, com um acesso mais facilitado à educação conseguiram facilmente especializar-se em determinada profissão conseguindo a sua independência económica sem terem que depender economicamente do homem.

No passado grande parte das mulheres não trabalhava e ficavam em casa a cuidar da casa e dos filhos, logo faziam todas as tarefas da casa quando o homem é que contribuía para o sustento da família.

Nessa altura as mentalidades acabavam por ser retrogas e medíocres, principalmente nos homens com uma atitude machista, talvez não tivessem culpa, teria sido a educação que lhe foi passada através das gerações anteriores dos seus pais e avós, que achavam que o correcto era as mulheres permanecerem em casa.

As mulheres acabavam por se submeter não tendo outra alternativa e sujeitando-se, pelo seu baixo nível de escolaridade.

Um acontecimento histórico que acabou também por contribuir por toda uma liberdade a todos os níveis, foi a 25 de Abril em 1974, até no meio comunicativo a televisão tinha

mais regras do que as outras televisões na europa e no mundo, uma vez que Portugal estava "mergulhado" na ditadura imposta pelo Estado novo a televisão, tal como todos os outros meios de comunicação social nessa altura em Portugal, estavam sob o controlo da censura e com a queda da ditadura portuguesa gerou uma maior liberdade no acesso à informação e comunicação, assim as pessoas a partir dessa data começaram a adquirir os seus aparelhos para a sua própria casa. Anteriormente tinham de ir a sítios públicos, cafés para ver televisão sendo os programas muito selectivos, não se podia ter acesso a tudo, por isso Portugal vivia num atrofio controlado pelo estado sem conseguir alargar horizontes. Esta revolução veio pela liberdade por melhores direitos humanos; pela democracia, igualdade, sentido de justiça e liberdade de expressão.

Também com a entrada na união europeia, as emigrações e as migrações tudo isto fez também com que o país evoluísse tanto a nível económico como a nível de abertura de mentalidades e horizontes.

Na minha casa as tomadas têm ligação à terra, quando existe uma sobrecarga de energia eléctrica o disjuntor no Quadro eléctrico dispara, e corta a corrente electrica dentro de casa, evitando estragar algum electrodoméstico e evitando assim também um curto-circuito electrico.

Simplificando, um fio terra, leva o excesso de carga eléctrica para a terra, evitando danos electricos dentro de uma habitação.

Rejo-me pela poupança em tudo o que posso poupar, nos dias de hoje já é difícil de conseguir juntar alguma poupança e há que saber gerir o meu rendimento mensal que não é superior a 650,00 euros, tento poupar não gastando nem desperdiçando água sem necessitar, faço uma máquina de roupa por semana, não utilizo a máquina de lavar loiça, só quando tenho visitas, não lavo a loiça de torneira aberta, tento tomar banhos rápidos, lavar os dentes de torneira fechada...etc.

Na electricidade tento não deixar luzes acesas sem precisar, utilizo lâmpadas economizadoras, dão menos luz mas poupa-se quase 80% da energia utilizada e duram bastante tempo. De Inverno mantenho tudo bem fechado para se manter o calor no interior sem recorrer ao aquecedor. Com estes cuidados, para além de poupar dinheiro, estou também a ter cuidado com o meio ambiente que deve ser uma prioridade e para isso é preciso que todos comecemos a alterar a nossa atitude em relação ao consumo de energia.

Como indiquei anteriormente, reparei logo na etiqueta que estava na máquina de lavar roupa que comprei, e que despertou a atenção que era da “Classe A.” - a do consumo mais reduzido. Passo a descrever a uma etiqueta energética que é obrigatória em diversos equipamentos eléctricos, informa-nos sobre a eficiência energética desses equipamentos, consumos, rendimentos, capacidade, ruído, etc. Estas etiquetas podem ajudar muito na hora de decidir entre um modelo ou outro. Muitas vezes, o preço de um equipamento pode não ser tão importante como os consumos que realizará durante a sua vida útil, já que o baixo consumo pode compensar, em pouco tempo, o acréscimo de preço que normalmente está associado a equipamentos mais eficientes. Existem 7 classes de eficiência sendo a mais elevada a A. No caso das etiquetas de frio, existem duas classes suplementares (A++ e A+) que são ainda mais eficientes. Neste equipamento (frio) foram eliminadas as classes abaixo de D.

Referência de uma etiqueta: É importante sensibilizar os que nos rodeiam na poupança energética, num caso mais simples como educar os meus sobrinhos como começar por apagar as luzes, sempre saírem de uma divisão e desligar a televisão no próprio interruptor e não no comando.

Em convívio com amigos, e que actualmente se fala muito em poupança, é importante passar a palavra. Ao meu pai que está em idade avançada e que desconhece pormenores que podem fazer a diferença na sua gestão orçamental.

Passo a indicar mais algumas medidas que não indiquei que também acho importantes:

-Abrir o frigorífico o menos possível, isso implica sempre um aumento de refrigeração assim como não pôr a temperaturas muito baixas.

-Utilizar um tarifário alternativo que permite aos consumidores usufruir de tarifas mais vantajosas a certas horas do dia/noite. Ou seja, os utilizadores da tarifa bio oraria pagam a electricidade mais cara se utilizarem os seus electrodomésticos durante o dia e não à noite (vazio).

-Desligar o ecrã dos computadores, por vezes desliga-se o mesmo mas o mesmo fica ligado.

-Retirar os carregadores dos telemóveis da ficha quando não estão a ser utilizados.

-Ter um ar condicionado programável, que permite definir a que as horas em que o mesmo deve estar ligado. O importante é saber racionalizar, por isso, quando comprar o aparelho, verifique se tem um termóstato programável. Assim, pode programar o aparelho para meia hora antes de chegar a casa.

- Sempre que possível, seque a roupa ao sol e ao vento evitando a utilização da máquina de secar.

- Pintar as paredes em tons claros. Reflete melhor a luz e diminui a necessidade de luz artificial.

-Ter janelas com vidros duplos conservam melhor a temperatura no interior da casa.

As temperaturas da minha casa não são as mais favoráveis, sendo muito quente de Verão, mas também quentinha no Inverno, de Inverno quase não recorro aos aparelhos de Ar Condicionado, mas de Verão é inevitável não utilizar, embora deixe tudo fechado o mais possível, para evitar passar o calor, a casa fica muito abafada e recorro ao Ar Condicionado, programando o aparelho apenas algumas horas para evitar excessos, mesmo assim tenho mais consumo de energia eléctrica de verão.

Os equipamentos, como máquina de lavar roupa e loiça só utilizam depois das 22,30h no horário mais económico. “Bi-Horário”.

Recentemente comprei uma máquina de lavar roupa de “classe A” de consumo mais reduzido.

Normalmente utilizo lâmpadas de pouca voltagem e também não ponho as lâmpadas todas dum candeeiro, acho desnecessário em relação à dimensão das divisórias da minha casa e também se torna mais económico.

O meu prédio é pintado de branco e cinzento claro, são as cores originais do prédio, interiormente as paredes estão pintadas de branco, por a casa ser pequena acaba por dar uma dimensão maior e mais ampla às divisões, assim como reflete mais a luz sem precisar de iluminação artificial.

A cor branca nas casas reflete os raios solares, diminuindo a intensidade do calor, ou seja os raios solares chegam às paredes e voltam para trás. Por isso nos países quentes se utilize muito a cor branca. Em Portugal, no Alentejo e Algarve, quase todas as casas são brancas, pela intensidade do calor nestas regiões em relação ao resto do país.

Vou começar por uma breve introdução do que é **uma energia renovável**:

Entende-se por: “Energias renováveis são todas aquelas formas de energia cuja taxa de utilização é inferior à sua taxa de renovação. As suas fontes podem ter origem terrestre (energia geotérmica) gravitacional (energia das marés) e solar (energia armazenada na biomassa, energia de radiação solar, energia hidráulica, energia térmica oceânica e energia cinética do vento e das ondas). Também são consideradas fontes de energia renovável os resíduos agrícolas, urbanos e industriais.”

Produzir energia através de painéis solares é um recurso cada vez mais "ecológico" e correcto, mas ainda muito caro.

O uso dos coletores (painéis) solares tem vindo a crescer nos últimos anos, devido ao aumento da preocupação geral pelos efeitos destrutivos da utilização das formas convencionais de energia sobre o meio ambiente. Hoje em dia, sabe-se que os actuais consumos energéticos são responsáveis, em grande parte, pela contaminação do ar e da água, alterando o clima do nosso planeta. Uma forma de tentar ajudar a resolver o problema é recorrer, cada vez mais, à utilização de energias limpas e ilimitadas, neste caso o Sol, entre os abastecimentos de energia que precisamos para as nossas necessidades, a um custo mais reduzido.

O exemplo do painel solar térmico é consiste no aproveitamento da radiação solar para o aquecimento de água.

“O seu princípio de funcionamento é muito simples, e baseia-se no efeito de estufa:

- A radiação incide sobre a cobertura de vidro, que compõem a parte superior do painel;
- Esta radiação penetra em grande parte, no interior do painel solar, onde se mantêm;
- Transfere-se calor para o fluido que circula pelo interior dos tubos que constitui o painel solar;
- O fluido após sofrer o aquecimento, circula em círculo fechado e transfere calor através da serpentina do depósito, para a água aí acumulada aquecendo-a;
- A circulação do fluido é gerida e controlada pelo grupo de circulação em função das temperaturas medidas.

Resumindo o uso do painel térmico é uma mais-valia para o uso doméstico a reduzido custo.

O efeito de estufa “Aquecimento global do mundo” deve-se ao facto de o homem ser assim responsável pela destruição da camada de ozono, camada esta (concentrado de ozono) composto por moléculas de oxigénio com temperaturas que podem ir até aos 52° graus sendo esse aumento de temperatura imprescindível para filtrar as radiações ou seja a camada de ozono absorve os raios ultra violetas emitidos pelo sol e outras estrelas, e na sua diminuição provocando graves consequências na manutenção da vida na terra.

Desenvolvendo – se assim o “buraco de azono” que é são consequência gases poluidores do meio ambiente destruindo a camada de ozono, libertados pelo homem. Esses poluentes são os CFC (clorofluorocarbonetos) que, devido à sua composição química, reagem facilmente com o ozono provocando a destruição da camada do ozono.

Os mesmos foram inventados por Thomas Midgley, em 1930 e correspondem aos hidrocarbonetos em que o hidrogénio (H₂) foi substituído por cloro (Cl) e flúor (F).

Estes componentes os (CFL), são parte integrante nos componentes utilizados na refrigeração dos frigoríficos, ar condicionados, nos sprays domésticos e em grande parte na evolução tecnológica que nos últimos vinte anos sofreu uma grande evolução. A utilização monstruosa também de veículos automóveis que libertam o CO₂, prejudicial à atmosfera. Ou seja é importante sensibilizar a população mundial da não utilização de produtos que contenham esse componente como tintas, latas, em spray; entre outros, e a utilização alternativa de energias renováveis ou a utilização de carros eléctricos, o metro.

As consequências do buraco do ozono são graves, na saúde por exemplo **provoca** irritação dos olhos; irritação das vias respiratórias; perturbações respiratórias nas crianças, idosos e asmáticos; diminuição da resistência imunológica, ou seja, ficamos mais desprotegidos contra vírus e bactérias. O Cancro da pele derivado à exposição excessiva ao sol, consequência dos raios ultravioletas. Nas plantas, os efeitos nocivos também são notórios na redução da fotossíntese (acção desenvolvida pelas plantas com clorofila (verdes), que consomem dióxido de carbono (CO₂) e libertam oxigénio (O₂)).

O aquecimento drástico global no ambiente, derivado do efeito estufa do buraco de ozono, provocará o degelo nos glaciares e o aumento dos níveis do mar, inundando aos poucos a terra, e fazendo-o desaparecer...claro que será um processo lento, mas ao longo dos anos poderão desaparecer países que se encontram encostados ao mar.

Neste momento já não temos as quatro estações do ano, um exemplo que posso constatar de perto, verifica-se aqui no Algarve, já só temos o Verão e o Inverno, começando o Verão em Maio e o Inverno em Novembro, as temperaturas de Primavera e Outono deixaram de existir. Estima-se que exista já uma elevação de 3° a 6° graus, no mundo inteiro tendo proporções muito graves com clatrasfres climatéricas como secas, falta de água, e cheias, dando achos ao desaparecimento de várias plantas e animais, assim como outras consequências que já mencionei a nível de saúde/doença.

Ou seja se o homem não começar a tomar medidas conscienciosas neste sentido, daqui a alguns anos as consequências serão muito graves.

Protocolo de Quioto

O Protocolo de Quioto foi redigido e assinado em Kyoto no (Japão), em 1997, mas só entrou em vigor em 2004, isto porque tinha de ser ratificado por pelo menos 55 países juntos, para entrar em vigor. Este visava a criação das directrizes de forma a diminuir os problemas ambientais causados pelo desenvolvimento Industrial Mundial.

O mesmo consiste num acordo internacional entre os países integrantes da Organização das Nações Unidas (ONU), tendo como objetivo a redução da emissão de gases (CO₂), causadores do efeito estufa, provocando o aquecimento global do planeta.

Os objectivos deste protocolo passa pelos países industrializados se responsabilizem e acordarem diminuir em 5% as suas emissões poluidoras, abaixo dos valores do ano de 1990, no período entre 2008 e 2012.

Cada país que assinou assim o tratado, acordou os seus próprios limites a atingir. Espera-se que os países da União Europeia (UE) diminuam as suas emissões em 8% e o Japão em 5%, ao passo que alguns países, que neste momento registam fracas emissões, podem até aumenta-las.

“MEDIDAS A SEREM TOMADAS PARA REDUZIR A EMISSÃO DE GASES”

Pelo Protocolo de Quioto, os países desenvolvidos têm que tomar algumas Medidas para atingir os propósitos de reduções. São elas:

- Aumento da eficiência energética em sectores relevantes da Economia;
- Protecção e aumento de sumidouros e reservatórios de gases de efeito estufa sobre o meio ambiente como as florestas;
- Promoção de práticas sustentáveis de manejo florestal, florestamento e reflorestamento;
- Promoção de formas sustentáveis de agricultura;
- Pesquisa, promoção, desenvolvimento e aumento do uso de formas novas e renováveis de energia;
- Promoção e pesquisa de tecnologias de sequestro de dióxido de carbono;
- Promoção e pesquisa de tecnologias ambientalmente seguras, que sejam avançadas e inovadoras;
- Redução gradual ou eliminação de incentivos fiscais, de isenções tributárias e tarifárias e de subsídios para todos os sectores emissores de gases de efeito estufa que sejam contrários ao objectivo do protocolo;

- Convenção e aplicação de instrumentos de mercado que reduzam as emissões de gases poluentes;
- Estímulo a reformas adequadas em sectores relevantes, visando a promoção de políticas e medidas que limitem ou reduzam emissões de gases de efeito estufa;
- Limitação e/ou redução de emissões de metano por meio de sua recuperação e utilização no tratamento de resíduos, bem como na produção, no transporte e na distribuição de energia;
- Cooperação, partilha de informações sobre novas tecnologias;
- Limitação e/ou redução de emissões de metano por meio de sua recuperação e utilização no tratamento de resíduos, bem como na produção, no transporte e na distribuição de energia;
- Cooperação, partilha de informações sobre novas tecnologias adoptadas.

Site: <http://pt.scribd.com>

O protocolo de Quioto expira em 2012, e já há o compromisso da ONU e de alguns governos para o delineamento de um novo acordo ou o que é mais provável de uma emenda no Protocolo de Quioto, que estabelecerá novas metas a serem cumpridas após 2012. Os Estados Unidos, China e Canadá não são de total acordo com o Protocolo, no entanto são dos Países mais Industrializados do Mundo, por exemplo os Estados Unidos são dos que têm das maiores percentagens de libertação de gases (CO₂), e outros, sendo dos países mais poluidores do planeta. E como os mais poluidores e conscientes desse facto, deveriam ser os primeiros a dar o exemplo, entrando no acordo mencionado, cumprindo grande parte das medidas implementadas.

Assim na minha opinião é importante que todos os países tenham essa consciência e estejam sensibilizados dos problemas ambientais existentes e catastróficos no mundo actual, causados pelo avanço industrial e tecnológico, também criado pelo homem. E a melhor forma de passar a palavra, é passar à acção dando o exemplo, para bem de toda a humanidade.

Poupo na compra de bens alimentares muitas vezes de marca branca, tento gerir refeições saudáveis e de reduzido custo.

Não desperdiço comida, nem jogo fora só quando está estragada, normalmente quando cozinho faço para duas refeições assim poupo na electricidade da placa.

Não gasto dinheiro em bens supérfluos que não preciso e que só enchem a casa.

Neste campo, uma obrigação de todos os contribuintes, os impostos que de uma forma ou de outra nos afectam a todos nós como por exemplo:

IRS: Imposto sobre o rendimento das pessoas singulares, que incide sobre o rendimento anual dos contribuintes sob diversas categorias;

Na Declaração de IRS, existem vários anexos que podem ser utilizados, conforme cada situação:

- A) Rendimento do trabalho dependente;
- B) Rendimentos de empresariais e profissionais, ou seja resultante de uma actividade comercial, industrial ou agrícola.
- C) Igual ao B, mas com a contabilidade organizada.
- E) Rendimento de capitais
- F) Rendimento de prediais
- G) Incrementos patrimoniais
- G1) Mais – valias não tributadas
- H) Benefícios fiscais e deduções
- I) Herança indevisa
- J) Rendimentos obtidos no estrangeiro

IVA: Imposto sobre o valor acrescentado, que interfere nos bens de consumo do nosso quotidiano, como consumidor final;

IMI: Imposto Municipal sobre Imóveis

IUC; Imposto Único de Circulação

O Imposto Único de Circulação é um imposto anual que incide sobre a propriedade (e não sobre a circulação), pago até o veículo ser abatido sendo actualizado todos os anos em Janeiro. É o imposto que substitui o antigo "selo do carro O seu pagamento é feito sempre no mês da matrícula do carro ou no mês anterior.

As novas tecnologias vieram revolucionar a facilidade comoda e rápida, sem nos termos de deslocar neste caso à repartição de finanças, na entrega destes documentos através da internet, eu pessoalmente utilizo o site das Finanças para Entrega do IRS e aquisição do “selo” IUC.

Através deste site www.portaldasfinancas.gov.pt; e com a minha password consigo, aceder aos meus dados e visualizar toda a minha condição contributária, desde que a inicie por esta via.

Abaixo dou um exemplo anexo, da minha entrega de IRS entregue em 2010, respeitante a 2009. A minha gestão Orçamental faço-o de forma organizada e controlada, devido a diminuição do poder de compra e no aumento de todos os bens e serviços que necessito terem aumentando significativamente nos últimos tempos em Portugal tento fazer uma gestão muito mais cuidada actualmente.

Tenho um rendimento mensal de 730,00 (incluído Subsidio de Férias e Natal); e por ter todas as despesas a meu cargo acabo por ter que repensar de forma cautelosa nas despesas variáveis. Por exemplo depois das despesas fixas pagas, o que me sobra para as despesas variáveis. Se por exemplo no mês que tenho a despesa do pagamento do Seguro do Carro, tenho de controlar mais as despesas com a alimentação e Laser. Na minha opinião a despesa com a Alimentação pode ser muito variável, podemos reduzir muito o valor da mesma tendo uma alimentação saudável e de baixo custo.

Podemos nos alimentar de carnes brancas, produtos enlatados, verduras e frutas, comprando produtos mais baratos por exemplo os da Marca branca que acabam por ser muito bons e a preços muito acessíveis.

Ou seja se quisermos podemos fazer uma gestão muito variável neste campo da alimentação.

Ir ao restaurante, comprar Roupa Sapatos, ir ao Cinema, Bares, pode ser ajustado também de acordo com o que sobra.

O Cartão de Crédito na minha opinião é importante quando utilizado de forma equilibrada e não exagerada, mas sim quando por exemplo num mês houve despesas extra, ou na falha do recebimento do vencimento no devido tempo.

Esses valores só vão cair no mês seguinte, que acaba por solucionar alguns problemas financeiros.

Eu pessoalmente não tenho cartão de Crédito Bancário, consistia num cartão crédito, com um plafond fixo, com a modalidade de pagamento a 100% no mês seguinte, como era na totalidade o valor percentual de juros não existia, a não ser que fizesse levantamento de dinheiro, aí pagava cerca de 5% de juro sobre o dinheiro levantado. Nas outras modalidades por exemplo 75% ou 50% sobre o valor gasto mensal, a taxa de juro seria maior porque o valor a pagar também era menor, mas acabei por desactivar, prefiro controlar as minhas despesas no mês pagando de imediato, no caso de aparecer despesas extra, vou poupando um pouco todos os meses e quando surge algum imprevisto tenho algum dinheiro guardado. Tenho um cartão o “Cartão Jumbo”, para

descontos das promoções que vão decorrendo no mês, e também que permite pagar um electrodoméstico em três vezes sem juros.

Falando dos cuidados que tenho com minha saúde e dos meus estilos para manter uma vida saudável, tenho muito cuidado com a alimentação, tento manter o meu peso, não exagero nos doces, nem nos hidratos de carbono, como várias vezes ao dia, comendo fruta e muitos iogurtes. Há noite faço refeições leves, e bebo muito chá. O importante para ter uma alimentação equilibrada é comer uma grande variedade de alimentos para que todos os nutrientes essenciais estejam presentes. Passo a citar os nutrientes essenciais para o organismo e as suas principais funções no mesmo e em quem alimentos se encontram:

(Consulta do site: vivabem.pt)

As proteínas constituem a base estrutural do nosso corpo e são indispensáveis para a formação e crescimento dos músculos, órgãos, pele e ossos. Além disso, também fornecem energia.

Numa dieta equilibrada, as proteínas devem contribuir com 10 a 15% do valor energético diário. As proteínas existem em maior quantidade na carne, aves, peixe, ovos, produtos lácteos e soja.

Os hidratos de carbono fornecem o combustível que o nosso cérebro e o nosso corpo precisam para as suas actividades diárias. Recomenda-se um consumo entre 55 a 60% do valor energético diário. Os hidratos de carbono são um grupo diverso que inclui açúcares (presentes, por exemplo, na fruta e no açúcar de adição) e amidos (presentes, por exemplo, no pão, arroz, massas e batatas). Quanto aos açúcares, a sacarose é benéfica, já que é um constituinte natural de muitos alimentos como a fruta. Pelo contrário, o açúcar adicionado aos alimentos ou às bebidas pode tornar-se problemático, se for consumido em exagero. A Organização Mundial de Saúde (OMS) recomenda que, para uma ingestão de 2000 Kcal/dia, o valor de açúcar adicionado não deve exceder 50 g/dia.

As gorduras fornecem energia, entram na constituição de todas as estruturas celulares do nosso corpo, fornecem os ácidos gordos essenciais, ajudam-nos a absorver as vitaminas A, D, E e K e ainda melhoram o sabor dos alimentos. No entanto, devemos evitar ingeri-las em doses elevadas, no máximo devem representar 30 a 35% da ingestão calórica diária. Algumas fontes de gorduras são o azeite, manteiga, óleos vegetais, frutos secos oleaginosos, ovos, peixes gordos e carnes gordas

As vitaminas são nutrientes indispensáveis para o crescimento e para a manutenção do equilíbrio do organismo. Não fornecem energia, mas são essenciais em pequena quantidade para regular muitos dos nossos processos metabólicos. Têm funções diversas e específicas e encontram-se numa grande variedade de alimentos de origem animal e vegetal.

Minerais e Oligoelementos São substâncias que não fornecem energia, mas que são imprescindíveis ao organismo humano em pequena quantidade. Estes nutrientes são fundamentais para a conservação e renovação dos tecidos, para o bom funcionamento das células nervosas (cérebro) e intervêm em muitas reacções que ocorrem no organismo. Existem em muitos alimentos de origem animal e vegetal. Entre os minerais, é de realçar o sódio, pelos seus efeitos nocivos na pressão arterial. As principais fontes de sódio são os alimentos processados e o sal de cozinha.

A quantidade de sal ingerida por dia deve ser inferior a 5 g. A melhor forma de satisfazer esta recomendação é moderar não só o consumo de produtos salgados (por exemplo, charcutaria, enlatados, batatas fritas e aperitivos) mas também a utilização de sal ao natural. A substituição do sal por ervas aromáticas (por exemplo, aipo, alecrim, alho, cebolinho, coentros, estragão, hortelã, louro, orégãos e salsa), especiarias (por exemplo, açafrão, canela, caril, colorau e noz-moscada) e marinadas na preparação e confecção dos alimentos é uma boa alternativa para adicionar sabor e realçar a cor dos alimentos.

As Fibras são nutrientes que, dependendo da sua origem e processamento, apenas são parcialmente digeridos e absorvidos pelo nosso organismo. Existem dois tipos fundamentais de fibras: as mais fermentáveis (solúveis) e as menos fermentáveis (insolúveis).

As fibras solúveis (presentes, por exemplo, nos hortícolas, frutas e aveia) têm um papel importante na redução dos níveis de colesterol e do risco de doenças cardiovasculares e ainda contribuem para a regulação dos níveis de glicemia e aumentam a sensação de saciedade. As fibras insolúveis (presentes, por exemplo, nos cereais e leguminosas) têm um papel fundamental no funcionamento intestinal, ajudando a prevenir a obstipação. A ingestão de fibras também ajuda a prevenir alguns tipos de cancro.

A água é a substância que existe em maior quantidade no corpo humano, representando cerca de dois terços do nosso peso corporal. Por esse motivo, é o nutriente necessário em maior quantidade.

Embora não forneça energia, a água tem muitas funções, como o transporte de nutrientes e outras substâncias no corpo humano, servir como meio onde ocorrem muitas reacções do organismo e ajudar a manter a temperatura corporal.

Para ter uma vida saudável é muito importante o exercício físico, a actividade física ajuda a controlar o peso, promove uma melhor postura, contribui para uma melhor circulação sanguínea, ajuda na resistência física.

A nível psicológico os efeitos são muito benéficos, como regulador da sensação do bem-estar, reduzindo a ansiedade e o stress, melhorando a autoconfiança.

Por acaso não faço muito exercício físico, mas faço umas caminhadas de vez em quando.

Não fumo nem bebo bebidas alcoólicas, só em situações pontuais de lazer.

Faço análises todos os anos e faço uma consulta de rotina.

Leio muito sobre saúde na internet, revistas por exemplo “Saber Viver”, até a revistinha periódica das farmácias têm muitos assuntos de interesse.

Sim, para mim é uma preocupação estar informada sobre temas de saúde, gosto de trocar impressões sobre o tema com os amigos, muitas vezes com patologias parecidas é muito positivo esse diálogo.

Recorro à internet, vou a sites de saúde, faço pesquisas, consulto blogs, para retirar opiniões.

Ir ao médico é importante, quando se considera um caso de urgência, ou fazer uma consulta no mínimo anual. No entanto, hoje é dia os farmacêuticos já têm muito formação para nos indicar um medicamento, como agir em determinada situação até.

Tenho Rinite Alérgica crónica, leio muito sobre isso e muitas vezes aconselho-me com o farmacêutico, torna-se mais prático e perde-se menos tempo nas consultas.

Tento ter uma confecção saudável dos alimentos com a menor gordura possível, por exemplo nas carnes que confeciono que normalmente são brancas, frango, Perú e de vez em quando carne de vaca, faço-as de forma grelhada ou estufada com azeite, não utilizo óleos nem margarinas. O tempero é feito com pouco sal, como alternativa para dar sabor, utilizo ervas aromáticas e molho de soja ou molho inglês.

Os legumes quando cozinhados não os deixo cozinhar demasiado para não lhe retirem as vitaminas.

Raramente como fritos, doces e bebidas gasosas, estas últimas muito prejudiciais por conterem elevados níveis de açúcar e por saciarem a sede, de uma forma enganosa, encham o estomago e dilatando-o quando bebida em excesso.

De manhã quando me levanto bebo um grande copo de água para ajudar a limpar o organismo das impurezas, como um iogurte com fibras solidas adicionadas, e metade de um pão com cereais com fiambre, ou seja, de manhã tento comer sempre um pouco de pão e fibras para me dar energia para o dia. A meio da manhã como uma maçã ou um iogurte normalmente magro, ou algumas bolachas integrais. Ao almoço como carne, peixe, acompanhado de saladas de vegetais diversas, por vezes com massa ou arroz.

Nunca como fruta a seguir ao almoço ou jantar e raramente bebo alguma bebida.

O lanche da tarde acaba por ser igual ao da manhã. Normalmente bebo 1,5l de água por dia, acho muito importante porque ajuda no melhor funcionamento dos rins e ajuda na limpeza do organismo, assim como na hidratação da pele. À noite como sopa normalmente mas mais de Inverno, de Verão faço saladas frias, ou carne ou peixe.

Quando não tenho nada feito à noite ou não me apetece fazer, vou comendo fruta ou iogurtes alternando até me deitar, para não ir de estomago totalmente vazio para a cama.

O meu padrão de alimentação normalmente é este, comer várias vezes ao dia e em poucas quantidades e de forma equilibrada reunindo proteínas, hidratos de carbono e vitaminas. Habituei-me a comer pouco e várias vezes ao dia, por ter uma profissão sedentária e pouco activa fisicamente não preciso dispor de muita energia. Para além de o metabolismo a partir de certa idade se tornar mais lento acumulando excesso de peso.

Mas às vezes ao fim de semana como um bocadinho daquilo que não se deve, mas tento não exceder, afinal temos de ter alguns prazeres naquilo que gostamos de comer de vez em quando. Também consigo perceber documentação sobre saúde em língua estrangeira, como demonstro abaixo. Houve uma grande evolução, nos cuidados básicos de saúde, começa por exemplo nos recém nascidos que são acompanhadas logo desde a nascença com mais regularidade a consultas médicas, controlo de peso, crescimento, percentil etc., a informação dos médicos da introdução da alimentação ao longo do crescimento.

Assim como nas grávidas esse acompanhamento também se têm feito notar bastante, acompanhado da evolução tecnológica, como as ecografias regulares, durante a gravidez. As a 3D que permitem ver o bebé ao pormenor, a hemiosentese no caso das mães com mais idade.

Os cuidados de saúde têm evoluído significativamente, no acompanhamento médico, nas informações várias nos diversos meios de comunicação.

Os produtos alimentares que são comprados no supermercado, com o respectivo prazo de validade, assim como devidamente embalados e conservados. No entanto, a meu ver acaba por haver uma contrariedade, hoje em dia existem muitos mais problemas de saúde difíceis de combater como os respiratórios, sistema himenológico enfraquecido, a obesidade. As crianças hoje em dia são o espelho disso, que desde logo em cedo são descobertos problemas de saúde crónicos que se prolongam para a vida como os respiratórios, as alergias, as rinites alérgicas, isso deve-se ao facto da poluição da atmosfera e a vivência duradoura permanecida em casa. A obesidade, nas crianças por exemplo que na maioria das vezes comem refeições a base de congelados, cheias de gorduras insaturadas, devido à falta de tempo dos pais, acabam por se dedicar menos à confeção de comida saudável. Fazendo uma comparação positiva, com os meus tempos de infância e dando o meu próprio exemplo, lembro-me de comer muitos vegetais na sopa, comia muita fruta vinda directamente da árvore sem qualquer tratamento químico. Brincava na terra, passava muitas horas na rua, era uma criança saudável, não era obesa corria, brincava era livre. Raramente estava doente, tirando as normais constipações, que muitas vezes não chegavam a gripes, havia as “mezinhas” o nome que se chamava, a minha mãe fazia-me leite bem quente com mel, gemadas etc. Tive as viroses próprias da idade, como varicela, sarampo, papeira, não mais que isso. “Concluído, nem tudo o que é tratado artificialmente significa que é melhor” Tento ter uma atitude positiva perante a vida, ser optimista, não me deixar cair em depressões, manter a calma e a serenidade em situações menos agradáveis e de stress.

Durmo o mais que posso, ajuda a reforçar o sistema imunológico, evita algumas doenças, ajuda no combate de algumas doenças, como cardíacas, cancro, obesidade e depressão. Dormir ajuda o corpo e o cérebro a recuperarem beneficiando a memória e o humor. Adoro ir à praia, respirar o ar do mar, exercitar a respiração ajuda muito na libertação do stress do dia-a-dia. Noto que com a idade ao final de um dia de trabalho, fico mais cansada mas tento desviar isso com pequenas coisas que gosto de fazer. Chegar a casa e brincar com o meu gato e mima-lo muito, faço pesquisas na internet, oiço música, gosto de quase todos os estilos musicais, mas os meus preferidos vão para a música pop dos anos 80 e brasileira. Sempre que posso gosto de passear e viajar, gosto de alargar horizontes conhecer novas culturas e formas de estar. Conheço alguns países,

que por ser uma cultura completamente diferente me levou até eles..., fui ao Egipto e Turquia. Ambos com culturas árabes e muçulmanas. O Egipto com uma cultura com uma dimensão inigualável muito antes do suposto nascimento de Cristo, um país que envolve muito mistério, pelas construções por exemplo das Pirâmides de Gize, com uma altura equivalente a mais ou menos quinze andares num alto de uma colina, e a forma como foi construída em Labirinto, a mão-de-obra que teve que ser utilizada tudo continua a ser de facto um mistério...; os túmulos no Vale dos Reis, a riqueza das pinturas nos monumentos e desenhos que já adivinhavam as tecnologias do futuro... Um povo muito avançado na época, que deixou uma riqueza única mundial. No entanto um país muito pobre, desleixado, pouco lavado, sem ambição..., a desigualdade das mulheres, a forma como se vestem. A Turquia muito semelhante na riqueza cultural, mas mais ocidental e mais modernizada. A minha família não é grande como gostaria, tenho só um irmão casado e com um filho de cinco anos que é meu afilhado e o meu pai. Da parte da minha mãe os irmãos todos emigraram nos anos 1968 e 1969, portanto venho de uma família onde a emigração vingou e foram à procura de melhores condições de vida, uma realidade que está a acontecer actualmente devido à situação económica em que o país se encontra. Tenho uma tia que emigrou e continua na França, e um tio nos Estados Unidos da América ambos não pensam regressar por encararem o seu país de origem menos desenvolvido e com menos poder de compra.

Falando do meu “eu”...

Considero-me uma pessoa justa, leal para com os outros, com grande capacidade de aceitar pontos de vista diferentes dos meus, não julgo só por julgar...tento tirar as minhas conclusões sem entrar em depreciação seja por aquilo que for. Infelizmente, existe muito preconceito e discriminação em vários grupos de pessoas, classes sociais, raças, invalidez. Vou falar de duas situações, uma que me sensibiliza (pelo preconceito outra mais pela discriminação):

A Adopção nos casais homossexuais:

É Lamentável dizer que um casal Homossexual não têm capacidade para se inserir num processo de adopção, e dizer que não terá capacidade de amar e educar uma criança, pela discriminação em que a sociedade está inserida no sentido que têm de haver o conceito tradicional de família “pai e uma mãe”, só porque esse casal têm uma orientação sexual diferente.

Quantos casais, que têm filhos e não têm capacidade de cuidar e acabam por ser entregues a Instituições de Solidariedade. Muitos destes nem sabem na verdade o sentido da palavra “mãe e pai”, quando são entregues ao seu próprio destino, quando são considerados filhos do “nada” será melhor assim..., ou terem quem lhe dê um lar harmonioso.

No entanto refletindo sobre o assunto, acaba por ser contraditório...e muitas vezes o padrão masculino ou feminino não existe, por exemplo quando um dos membros do casal fica viúvo, será que essa criança vai ficar com marcas, claro que vai, mas se for muito amada e tiver o apoio dos avos, tios, amigos, essa dor ficará atenuada e será ultrapassada.

Existem algumas Associações em Portugal que defendem a Adopção entre casais homossexuais. A que se iniciou em Portugal e também a mais antiga “A Associação ILGA Portugal”, que foi fundada em 1995 e que se designa a ILGA Portugal - Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual e Transgénero, é uma Instituição Particular de Solidariedade Social de reconhecimento de utilidade pública, sob a forma de Associação de Solidariedade Social e que têm como principal objectivo a integração social da população lésbica, gay, bissexual e transgénero). (LGBT) em Portugal, melhorando qualidade de vida destes através da luta contra a discriminação e preconceito em função da sua orientação sexual, defendendo os seus Direitos Humanos e de igualdade.

Internacionalmente, representa Portugal na EU Network da ILGA-Europe, e são membros da International Lesbian and Gay Association (ILGA), e da European Pride Organisers Association (EPOA).

Houve uma campanha de sensibilização das pessoas para a Adopção entre homossexuais A Associação ILGA Portugal que retirei do site: <http://www.ilga-portugal.pt>



“Esta campanha tem como objetivo chamar a atenção para o facto da diversidade familiar ser a regra: as famílias são de diferentes tipos e tamanhos e as crianças portuguesas estão a ser criadas por uma mãe e um pai, por duas mães ou dois pais, por um pai ou uma mãe, por madrastas ou padrastos, em co-parentalidade, por famílias alargadas, por avós e avôs, por tios e tias, por irmãos e irmãs e por famílias reconstituídas, reagrupadas, adotivas e de acolhimento.” Outras Associações que também apoiam a adoção por casais homossexuais são: Amplos, APF, Associação rede Ex aequo e a UMAR. Todas estas associações defendem que a família não tem de ser constituída por um pai e uma mãe, “casal tradicional” e pode sim ser constituída por pessoas com grau de parentesco ou não, e sim por pessoas do mesmo sexo.

Resumindo, é por esta perspectiva o que determina uma família é a sua estrutura harmoniosa, equilibrada e emocional de cuidar, tratar e dar amor a uma criança é isso que faz uma família!

Não encontrei Associações existentes contra, mas sim partidos políticos e a Igreja Católica que não apoiam a adoção entre Homossexuais.

Os partidos políticos em Portugal que estão contra são PCP - Partido Comunista Português que está totalmente contra a Adoção, lamentavelmente alegam sem resposta coesa defendendo que a sociedade não está preparada para tal decisão, no entanto aprovaram o casamento entre pessoas do mesmo sexo. Assim como a maioria dos

deputados do PSD – Partido Socialista Democrata e do CDS-PP também estiveram contra, esta decisão foi jumbada no Parlamento em Fevereiro deste ano.

A Igreja Católica está radicalmente contra, dizendo que se têm que respeitar o bom nome “Família”, assim como o “casamento tradicional”.

Na minha opinião terá a Igreja Católica moral para estar contra, quando transmite ao mundo que têm que se ajudar os mais necessitados e com dificuldades. Será que uma criança na sua opinião estará melhor numa Instituição ou numa família sem quaisquer condições, por vezes sendo vítima de violência doméstica e psicológica.

Existem relatos de notícias de padres que cometeram pedofilia, foram feitas denúncias de abuso sexual de menores em muitas partes do mundo, assim como sempre houve homossexualidade entre padres desde sempre. Pessoalmente acho que a Igreja Católica continua camuflada e encobrida, será que estes actos aos olhos da Igreja não são considerados pecados e castigos....

Nos divórcios conflituosos, em que existe chantagem e muitas vezes os filhos estão tempos alargados sem ver o pai ou a mãe. Estas situações têm melhor aceitação, porquê? Uma pergunta sem resposta...

Porque a meu ver a sociedade precisa de uma reeducação no sentido da tolerância e da não discriminação, e esta é uma longa batalha que se têm de travar.

Eu própria já estive num processo de adoção, quando fui casada, quando me divorciei tive de o dar por encerrado, onde este já estava avançado, já estava no período de espera de uma criança.

Sozinha não podia adpotar, o processo tinha de ser reaberto novamente e feita uma nova avaliação, foi frustrante e senti-me discriminada nesse sentido.

Vou falar agora da Etnia Cigana que considero muito discriminada com um comportamento vincado e severo de racismo a este grupo.

Em Portugal, a comunidade cigana é das mais discriminadas, para além do difícil acesso à habitação, o mercado de trabalho está em grande parte fora do seu alcance. Considerados de “malandros”. O racismo está presente no mercado de trabalho, com uma desigualdade nos que trabalham (salários mais baixos em relação aos outros cidadãos, condições de trabalho difíceis e abaixo das suas qualificações, em muitos casos)

São constantes as tentativas simuladas de impedir que entrem em cafés, supermercados ou restaurantes.

Assim como as dos pais que não querem crianças ciganas a frequentar a escola dos seus filhos.

Existe O Dia Nacional do Cigano é comemorado em 24 de Junho, festa de S. João Baptista, que desconhecia e que se calhar muitos também desconhecem curiosamente. Existem cerca de 50 mil ciganos portugueses e volto a realçar como uma das mais grave e escandalosa de todas as situações de racismo e xenofobia registadas em Portugal.

A celebração do Dia Nacional dos Ciganos tornou-se desde os últimos anos uma importante ocasião para o reconhecimento internacional dos Ciganos/Roma, da sua história, língua e cultura. Apesar de esta ser uma data relativamente desconhecida para a grande maioria das pessoas, é celebrada em diversos países dos cinco continentes como uma chamada de atenção para a discriminação que em muitas ocasiões estas comunidades são alvo.

As populações ciganas perfazem, hoje, cerca de 10 milhões de pessoas em todo o mundo. Na Europa constituem a minoria étnica mais importante e numerosa com cerca de 8 milhões de pessoas. Em Portugal estima-se que vivam cerca de 40 mil portugueses de etnia cigana.

Foi feito um trabalho desenvolvido pela ONPC é “contínuo e em várias frentes”, começando pela auto promoção da própria população cigana. Foi recentemente estabelecida a Federação Calhim Portuguesa, que congrega as 18 associações de ciganos existentes em Portugal, “o próximo passo é a publicação dos estatutos no Diário da República”, sendo este um passo importante na cooperação em Portugal e na Europa para apoiar a população cigana, “dando-lhes uma voz que não tinham”. Este trabalho visa o reforço da não discriminação, da sociedade em que a influência da opinião pública é também fulcral pois “trata-se de acabar com os estereótipos de uma cultura que na realidade as pessoas não conhecem”, mas que acabam por projectar e desencadeando estas reacções discriminatórias. Se a opinião pública estiver mais e melhor informada “será mais receptiva e acolhedora na diferença cultural, não só dos ciganos mas de todos pode concluir-se assim.

Felizmente, recentemente fez-se saber através das notícias que estes cidadãos e outros com dificuldades vão ser integrados no mercado do trabalho, prestando serviço à comunidade, ao receberem o rendimento mínimo de inserção, ficando também obrigados a procurar emprego. Isto, neste caso penso que vai ajudar a sociedade ao

saber destas medidas mais fiscalizadoras por parte da Segurança Social e do Instituto de Emprego, a ter outra atitude menos discriminatória.

Vivemos numa sociedade em as pessoas dizem que não são preconceituosas.

Só que, na maioria dos casos, vivenciamos situações nas quais o preconceito é velado, ou seja escondido oculto...

Basta uma frase, um olhar, um sorriso sarcástico, uma atitude, o preconceito está sempre presente em nossas vidas, no nosso dia-a-dia.

Existem alguns preconceitos que tenho dificuldade em aceitar, existem muitos mas vou nomear alguns, como a desigualdade das mulheres nas empresas, a orientação sexual de cada um no local de trabalho, o racismo relacionado com a imigração ou seja as pessoas que vem para o nosso país à procura de melhores condições de vida que são logo considerados ladroes e assassinos.

Assim como a emigração também é vista aos olhos de quem nos vê chegar com desigualdade, mediocridade, indiferença, mais nalguns países da europa.

O preconceito da pobreza, a maioria das pessoas só se relaciona com pessoas que tem uma condição económica mais satisfatória, desigualdade nas classes sociais

As pessoas devem ser tratadas todos por igual, claro que todos temos percursos diferentes de vida diferentes e de educação, mas isso não invalida que se trate as pessoas com menos respeito, justiça, integridade e Honra.

Felizmente nunca senti muito o preconceito directamente perturbante com humilhação ou ofensa, mas existem duas situações que passo a descrever:

Quando fiquei desempregada com 39 anos, senti-me discriminada indirectamente, quando nos anúncios de procura de emprego verificava que pediam pessoas até aos trinta e cinco anos. O Preconceito da idade evidencia-se na procura de trabalho a partir dos trinta e cinco anos que “somos considerados velhos para trabalhar”, quando chegamos a uma idade que temos mais maturidade, experiência profissional.

Quando chegamos aos quarenta anos temos toda a segurança do mundo, sabemos fazer aquilo que nos pedem com rigor, precisão, inteligência.

Tive muita dificuldade na procura pela minha idade infelizmente, e senti preconceito.

Outra situação foi quando me separei e tinha um processo de adopção a decorrer, tive fazer a comunicação à segurança social, a minha pergunta foi se podia adoptar mesmo sozinha, a resposta foi teria de ser novamente avaliada e iniciar um novo processo, quando já me tinham avaliado e já tinha um certificado como estava apta a adoptar.

Para mim não é o conceito casal que faz uma criança mais feliz, mas sim a disponibilidade e dedicação que uma só pessoa lhe pode dar.

A discriminação de mãos dadas com o preconceito.

Indico três frases que achei interessantes sobre o Preconceito.

“Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito”

Albert Einstein

“ A ignorância não fica tão distante da verdade quanto o preconceito.”

Denis Diderot

“Enquanto imperar a filosofia de que há uma raça inferior e outra superior o mundo estará permanentemente em guerra. É uma profecia mas todo mundo sabe que isso é verdade”

Bob Marley

Na situação de preconceito que mencionei acima em relação ao sermos considerados velhos com 42 anos para entrar no mercado de trabalho, senti-me discriminada em algumas entrevistas que fui quando o anúncio dizia só até “35 anos”, candidatei-me na mesma e cheguei a ir a uma entrevista e no final da mesma cheguei a mencionar que idade é uma mais-valia para contratação pela minha experiência profissional conjugada com maturidade e ponderação.

O Responsável Empregador ficou a olhar para mim, ficando sem resposta e disse-me que tinha experiência a mais para o cargo em questão e que provavelmente queria um trabalho mais dinamizador e melhor remunerado uma vez que tinha um ordenado superior na Mscar, que na altura tinha sido o meu ultimo local de trabalho. Disse-lhe que precisava trabalhar e que o ordenado não era obstáculo, só precisava de um emprego. O preconceito da idade neste caso acabou por pesar. Tento ser assertiva em situações de conflito, ter auto controlo sobre mim mesma, sou muito ponderada naquilo que digo, a vida ensina-nos a ser assim e não consigo aceitar formas de estar nas pessoas que não crescem, nem desenvolvem a sua inteligência emocional com a experiência que vão adquirindo e com os erros que comentem.

É importante ter a capacidade de tolerar, na nossa vida pessoal e profissional também.

Ninguém é igual a ninguém, nem melhor, nem pior, cada um de nós têm qualidades e defeitos, é preciso respeitar e aceitar pontos de vista diferentes.

As pessoas têm diferentes formas de estar na sociedade em que estão inseridas, pela forma como os valores lhe foram transmitidos, ao longo da vida, na sua infância, formação académica, percurso profissional, etc.

È preciso termos a capacidade de filtrar aquilo que cada um tem de melhor para nos “dar.” E saber gerir isso como benéfico.

Todos temos direito a democracia, à liberdade de expressão, termos uma vida digna e com igualdade de direitos.

Considero importante votar na medida em que um voto representa o poder de escolha de cada cidadão por uma melhor escolha dum partido político, que considera mais favorável para governar ou dirigir um país.

Não vou votar sempre, mas os votos que acho mais importantes na minha opinião e nunca faltei foram para eleger o Presidente Antártico da minha cidade por achar que o meu voto é importante, para um melhor desempenho do desenvolvimento do local onde habito e que acho que devem ser trabalhadas para esse fim.

O voto do Primeiro-ministro de Portugal que governa um país, também não prescindo desse voto, será ele que supostamente definhará e nos dará melhores condições de vida como cidadãos comuns existentes.

Tenho exemplos na família de diferentes formas de estar, e de agir, por vezes é difícil de aceitar e interferir, mas tento aceitar e compreender os seus pontos vista diferentes, foi aquilo que conseguiram aprender no seu percurso e vivência com o exterior.

Com os meus amigos, de igual forma observo diferentes formas estar à minha volta muito diferentes da minha, a falta de humildade, a exuberância, a falta de saber estar, o julgar os outros, a falta de respeito, a serenidade.

Enfim, todos somos tão diferentes.

Sim, considero-me tolerante e paciente e tento sempre utilizar a inteligência para agir como tal, acompanhando com assertividade nas mais diversas situações.

Penso que têm muito a ver com a experiência de vida de cada um, e pessoalmente acho que as más dá-nos sabedoria para o sabermos ser.

Hoje em dia, a tolerância pode ser considerada como uma virtude de uma forma positiva, de socialmente aceitar diferentes opiniões e diferentes formas de estar. Mas isso não significa que se tolere a imoralidade ou desobediência, mas sim, exercer a

capacidade de compreensão e argúcia na interpretação dos fenómenos que surgem ao longo do percurso quotidiano. E como a tolerância anda de mãos dadas com a paciência, o que é certo que a Sociedade está a desaprender essas atitudes, talvez pelo stress que as pessoas estão sujeitas, a correria do dia-a-dia, a falta de tempo, a ansiedade das possíveis dificuldades do futuro. O que é certo é que as pessoas zangam-se com pequeninas coisas, não são práticas nem revitalizam o que é menos importante, dando demasiada importância aos bens materiais.

É importante realçar as relações interpessoais que, nos últimos tempos, por diversos motivos, passaram para o segundo e terceiro planos na agenda diária de cada um, assim como dar mais importância à família, realçando a união e o diálogo. É preciso usar a inteligência para encontrar o caminho da comunicação entre as pessoas. O desejo em se comunicar e a inteligência permitem, de certo modo, o desenvolvimento desta competência.

A tolerância e a felicidade precisam ser alimentadas todos os dias, sem cobranças nem ressentimentos, respeitando o espaço do outro, a diferença de ideias e ideais de cada indivíduo e tolerando os limites pessoais para o bem do convívio familiar, social e profissional.

Uma situação muito complicada que tive, foi numa época da minha vida em que lidei com uma colega de grupo de escola que na minha opinião que era completamente desequilibrada, prepotente e arrogante. Não sabia pedir as coisas, gritava com toda a gente, não sabia ouvir, interrompia o meu raciocínio e não dava abertura a ouvir opiniões, foi muito complicado, mas tive sempre uma postura correcta, tentando reagir da melhor forma possível.

Não lhe dava demasiada importância e nunca elevei o meu tom de voz, penso que a deixava frustrada, porque tinha a postura que ela não conseguia ter e se agisse como tal aí, seria muito mais complicado, tentei sempre ter a postura assertiva tentando defender sempre as minhas ideias e a minha razão.

A distância existente entre as pessoas, em parte, é criada por cada um de nós. Às vezes, percebemos que com algumas pessoas num primeiro momento se consegue chegar perto e falar sem gritar ou sem intermediário, mas nem sempre é assim.

Vou falar de duas situações familiares, uma passada com o meu pai, outra com o meu irmão após a morte da minha mãe.

Após o falecimento da minha mãe levei o meu pai para morar comigo durante dois meses, estava muito fragilizado e não queria estar sozinho.

Foi muito complicado de início, estava habituado à minha mãe durante 42 anos, tinham hábitos de vida muito próprios, foi uma vivência durante muitos anos.

Hábitos alimentares, os horários das refeições, tarefas etc.

Tive de ter a capacidade de tolerar certas atitudes como por exemplo queria jantar às sete da tarde porque estava habituado a esse horário.

As tarefas da casa como levantar a mesa, por a loiça suja na lava loiça etc. Eram tarefas que a minha mãe fazia e ele achava que agora era eu que as tinha de fazer.

Quando saía à noite, perguntava-me no dia seguinte a que horas tinha chegado, e com quem tinha saído, foi complicado aceitar este tipo de abordagem após a minha independência desde muito nova e a viver sozinha.

Ele achava que eu tinha de lhe dar satisfações porque ele estava ali sozinho e era meu pai e tinha de lhe fazer companhia.

Acabava por tolerar, estava a passar por uma fase complicada da vida, de grande fragilidade emocional e de perda.

No entanto, compreendia e dizia-lhe onde tinha estado e com quem, mas transmitia-lhe que tinha a minha vida e precisava sair e distrair-me com os meus amigos e estar com eles e não podia estar só ao pé dele.

Nas lides domésticas, calmamente também de lhe fui dizendo e disciplinando ao mesmo tempo para me ajudar nas tarefas básicas, pois trabalhava e também não tinha muito tempo.

O horário das refeições aos poucos foi-se alargando para mais tarde.

Tive de ter uma grande capacidade de tolerância e de diálogo e dar-lhe tempo para esta nova fase da sua vida e sua adaptação.

O caso do meu irmão também foi muito complicado, pois ficou muito desequilibrado e perdido, era muito ligado à minha mãe almoçavam todos os dias e fazia-lhe o almoço, tinham uma vivência diária de grande ligação.

Quando tivemos de tratar das burocracias nos bancos finanças, etc., era difícil comunicar com ele, ficava alterado sem nexos muitas vezes nas palavras que dizia e sem consenso.

Tive de ser muito tolerante e compreender o seu estado de fragilidade dando-lhe o meu apoio falando com ele calmamente dizendo-lhe que as suas atitudes não eram as mais correctas e que todos estavam em sofrimento.

Tive de calmamente esperar o tempo que fosse necessário para voltar ao seu estado normal.

Passados dois anos, dentro do possível as coisas estão a voltar à normalidade, mas não têm sido fácil.

Sou sensível aos que sofrem por doença, à violência doméstica, as crianças mal tratadas, aos animais abandonados, ao racismo, às desigualdades sociais.

Infelizmente não posso mudar o mundo, mas posso fazer a minha parte e isso faz-me sentir bem.

Aceito e respeito as diferenças culturais, desde que não ultrapassem os valores morais de dignidade humana e dos direitos humanos.

Como por exemplo nas culturas dos países árabes, em que a mulher é vítima e desvalorizada e aprisionada na sua própria liberdade de ser ela própria, sem abertura moral, em que os maridos é que têm o dom da palavra, sem se poderem manifestar nem defender.

A tradição na sua maneira de vestir, que têm de andar de cara tapada, raramente saem à rua, são apedrejadas se cometerem o adultério, não há um critério de justiça se o cometeram é porque havia algo de errado que se passava.

Outro exemplo de horror nas tradições culturais é a Mutilação Genital Feminina é uma prática realizada em vários países da África e alguns da Ásia que consiste na amputação do clítoris da mulher de modo a que esta não possa sentir prazer durante o acto sexual, é uma barbaridade sem precedentes.

Finalizando também tenho as minhas fraquezas como qualquer não lido bem com a solidão, desiludo-me quando tenho de me desiludir, choro quando tenho vontade.

Mas há uma coisa de nunca perdi, a capacidade de sorrir para os outros, de cabeça erguida e manter uma atitude alegre e bem-disposta.

Resumindo tento e faço sempre por tornar-me uma pessoa melhor perante a sociedade e pelos que me rodeiam, tanto a nível pessoal como profissional.

As TIC no Percurso Pessoal

As comunicações evoluíram bastante nos últimos vinte anos, e isso veio facilitar bastante o meu dia-a-dia, na comunicação com os demais. Por exemplo o Telemóvel, foi dos meios de comunicação revolucionários que mais me tem ajudado, e mais completo, posso estar em qualquer parte do mundo e comunicar de uma forma rápida e cómoda com os meus familiares e amigos. Posso aceder pelo mesmo também à internet, ver notícias, enviar e-mails, fazer compras on-line, ouvir música com a funcionalidade do rádio ou colocação de arquivos de música nos mais sustificados com os I-phone.

As TIC trouxeram várias alterações à língua portuguesa. Por um lado trouxeram novas terminologias, novas designações. Hoje em dia dizer que vamos fazer o “download de um documento” é compreensível graças ao contacto que temos diário com a informática. Se fosse há anos atrás este tipo de linguagem era apenas para um grupo restrito de pessoas. Assim como download temos a expressão “sacar da net”, ou “estar online” ou “encontramo-nos no face”, que são expressões actuais de quem utiliza diariamente a internet para pesquisas ou redes sociais. Por outro lado, as novas tecnologias também estão a provocar o fenómeno das abreviaturas e da escrita por símbolos, cujo objectivo é simplificar e tornar mais rápida a escrita através do computador e telemóvel (LOL – risos; ** - beijos; ☺ - sorriso; PK – porque; KD – quando; entre outros). Esta escrita pode ser prática mas tira a beleza da escrita portuguesa tradicional e existem mesmo pessoas que acabam por deixar de saber escrever correctamente o português.

Utilizar como máquina fotográfica e como câmara, que para quando se viaja é óptimo, podendo se enviar uma foto ou filme para quem queremos.

Permite também fazer a passagem das fotos e filmes para o portátil e ficar em arquivo sem precisar revelar para fotografia de papel.

Utilizo bastante também as mensagens, que se torna mais prático, com menos perda de tempo e mais económico.

Ainda me lembro de há vinte anos não ter telefone, muito menos telemóvel, quando queria telefonar ia ao café mais perto, ou ia aos Correios da zona para efetuar uma chamada. No telefone por exemplo que era muito grande e pesado em que existia um contador, agora são cada vez mais pequenos e portáteis, que atingem alguma distância de cobertura fora de casa.

O meu primeiro telemóvel foi adquirido mais ou menos 16 anos, era enorme, bastante pesado, e era mesmo só para falar, nem dava para enviar mensagens.

Os telemóveis são cada vez mais evoluídos com redes celulares como GSM, GPRS e 3 G, esta última permite fazer videochamadas para pessoas que tenham a mesma rede, possuem coberturas de rede cada vez maiores, com maior número de cores, com écrans a 3D, dimensões cada vez mais reduzidas e menos pesados.

O meu telemóvel é um Nokia 1800 com o tamanho de 107x45x15,3 milímetros com o peso de 78,5g, com toques Polyphonic e MP3. Têm 65k colors e a resolução de 128 x 160 pixéis, 1,80 polegadas. Com uma bateria Standard com a capacidade até 528 h. É um telemóvel básico e prático, da 2º geração, com as características básicas de utilização, realização de chamadas, registo das chamadas efetuadas e perdidas, SMS. Os telemóveis de 2ª geração diferem dos da actual 3ª e 4ª geração pela quantidade de dados que permitem enviar. Permitem enviar e receber SMS e fazer chamadas normalmente, mas não têm capacidade para receber vídeo-chamadas ou dados através da internet. O tipo de dados que permite transmitir é muito mais básico, os da 3ª geração. Recordo que uma amiga minha tentou enviar-me uma foto por telemóvel e eu não consegui visualizar, porque o meu telemóvel não tem capacidade para ver imagens.

O meu telemóvel tem ainda agenda de Contactos com 500 contactos, Calendário, Alarme, Lanterna e Rádio FM. Neste momento, tenho este telemóvel básico, já tive vários modelos anteriormente mais avançados com máquina fotográfica e de filmar e outras funções, que permitia tirar uma foto ou fazer um filme e enviar no mesmo instante para outra pessoa. Todos eles tiveram uma durabilidade aproximada de dois anos. A conclusão que chego é que estarão programados para terem uma duração de vida de aproximadamente dos mesmos dois anos.

Os que tive anteriormente não tinham o serviço de internet activo por ter um custo adicional, mas acho interessante ter acesso ao mundo em qualquer instante e sempre que nos apetecer. Para qualquer consulta de imediato, como cinemas on-line, Facebook, compras, GPS - localizações de ruas, cidades.

Os telemóveis 3G (terceira geração) são quase todos Multi-Touch e com as características tecnologicamente sofisticadas, como por exemplo terem a característica WAP – que significa, “Protocolo para Aplicações sem Fios, É um protocolo criado para telefones móveis, com o intuito de permitir que os mesmos acedam à internet via Wireless.

Por exemplo se eu tivesse um telemóvel de 3G, conseguia aceder à Internet através de Wireless, bastava colocar a minha palavra passe que utilizo para aceder à Internet em minha casa no meu portátil via Wireless.

O seu Acesso à Internet permite também ter a mesma potencialidade dos computadores pessoais (por exemplo, fazer upload e download de ficheiros).

Possuem também capacidade para transmissão de dados a elevadas velocidades, e com grandes quantidades de informação.

Permite receber correio electrónico com anexos quantitativos de ficheiros ou imagens muito rapidamente.

Só os telemóveis da terceira geração permitem enviar MMS, que são mensagens (Multimédia) com anexos, fotos, ficheiros, vídeos, musicas.

Assim com capacidades de memória acima da média, Ecrãs multicores, Internet, captação de uma música num rádio ou televisão, estes telemóveis conseguem-na identificar no momento através das ondas magnéticas de ambos.

Com GPS, as imensas variedades de jogos que podem ser jogados on-line, a velocidade das mensagens e seu arquivo para cada contacto, as chamadas vídeoconferência as mensagens Multimédia são muito utilizadas pelos jovens, adultos em Actividade laborais ligados à informática e em desenvolvimento tecnológico.

Existem também alguns telemóveis adequados aos mais idosos, com características simples e adequadas, como por exemplo com teclas visivelmente maiores e com sons de toque e de audição superiores pelas limitações de capacidades de audição e visualização deste público.

As comunicações rádio são apenas possíveis graças às ondas eletromagnéticas. Estas ondas são uma combinação entre electricidade e magnetismo que a uma determinada frequência conseguem servir para transmitir dados. As ondas electromagnéticas estão presentes em muitas outras situações da nossa vida, seja nos micro-ondas ou até mesmo na irradiação solar. No entanto, a radiação dos micro-ondas é muito superior à dos telemóveis, pois atravessa os alimentos. Já a radiação dos telemóveis tem a potência necessária para poder transmitir os dados de um aparelho para a antena mais próxima e desta a ondas seguem de transmissor em transmissor até chegar ao aparelho de destino.

A televisão também evoluiu bastante desde a preto e branco a cores, sou do tempo da televisão a preto e branco, enorme e pesada com pouca qualidade de visualização.

Os telemóveis funcionam através de ondas electromagnéticas que provocam interferências quando estão perto de outros que também recebem sinais radiofónicos. Já me aconteceu quando tenho o telemóvel perto de um rádio ou computador, provocando ruídos estranhos de interferência. Ou seja sei atempadamente que vou receber uma chamada ou mensagem. Também quando o tenho ao pé da televisão por vezes a mesma fica com riscos e ruídos também. Agora existe o Plasma e o LCD, com várias dimensões, com alta definição de qualidade de imagem, que permite ver filmes como se estivéssemos no cinema, confortavelmente em casa e de forma mais económica. Claro que presencialmente têm outro sabor e outra emoção e vibração, por exemplo ir ao cinema e ver um filme num ecrã gigante com uma boa definição de imagem o filme entra dentro de nós, vive-se o mesmo a outra dimensão como se fôssemos expectantes no local. Ver um concerto ao vivo também, recentemente fui ao Rock in Rio em Lisboa ver Bruce Springsteen, James e Xutos e Pontapés, o entusiasmo é acompanhado de grande euforia, com uma alegria extenuante, ouve-se a música ali bem pertinho e a vontade de dançar é inevitável. A Multidão, o contacto humano tudo é vivido de uma forma única e mais intensa.

Outro exemplo é pesquisar uma cidade na internet e visualiza-la, outra é estar presencialmente e ver a realidade das coisas, por vezes vemos de uma forma na internet e pessoalmente no local é muito diferente. Quando fui ao Egipto vi algumas imagens de pontos de interesse do Cairo, uma delas foi as Pirâmides, visualizando pareciam-me pequenas, quando lá cheguei cada uma tinha uma altura correspondente a mais ou menos a 30 andares, assim como, parecia-me que era um sítio bonito, bem cuidado com relva à volta, no entanto era um campo aberto com terra e pedras num alto de uma colina, muito diferente daquilo que tinha visto nas imagens e imaginado.

O Portátil que passou a substituir o computador “grande e pesado”, com maior rapidez, conforme as características de cada um com ligação à Internet.

Na minha opinião é este acaba por ser o mais completo permitindo fazer tudo o que os outros fazem, desde a comunicação verbal ou escrita através do MSN e do Skipee, que no imediato dá para falar e ver a outra pessoa como se estivesse ali ao lado.

Utilizo bastante este meio também de comunicação para falar com amigos e familiares que vivem distantes. Torna grandiosa a internet na pesquisa dos mais variados temas que guardo sempre nos meus favoritos é uma forma de me precaver para uma consulta futura. Existem variadíssimos sites que nos podem ajudar em tudo o que procuramos

como livros, bibliotecas on-line, saúde, compras on-line. Ou seja aqui encontramos tudo o que queremos procurar. O site “youtube” que permite ouvir música, ver concertos, filmes, etc. Culturalmente também é uma ótima ferramenta, para visitar lugares, cidades, monumentos, galerias, museus, no imediato, no site “Google Heart “ como se estivéssemos no local. Utilizo para fazer pagamentos, consultas bancárias através do site do meu banco via on-line, o que me poupa bastante tempo sem ter de me deslocar ao banco. Ajudou-me bastante também em consultas de ofertas de emprego, onde fiz várias pesquisas em diversos sites, acabou por ser muito cómodo e foi um auxílio muito bom sem ir à procura de emprego sem nexos. Quando comprei o meu carro, também fiz consultas em sites de vendas de automóveis, existem imensos e ajudou-me bastante, quando fui ao Stand já ia com noções de preços. Costumo consultar fóruns e blogs nos temas que pretendo, não costumo participar mas vejo as opiniões e tiro as minhas dúvidas, acaba por ser um aconselhamento mesmo sendo on-line.

Por exemplo na compra de um electrodoméstico, ajuda-nos bastante a escolher o melhor na qualidade e o mais económico com as diversas opiniões.

Quando estive no processo de adopção, também consultei bastantes fóruns, ajudava-me e motivava-me no tempo de espera e nos testemunhos positivos, assim como na evolução do processo e suas burocracias. As Internet têm alguns pontos negativos, leva ao sedentarismo, ao isolamento, redução de relações interpessoais. As pessoas acabam por viver coladas a um monitor passando horas a fio que as leva a um vício cada vez maior, isolando-se o que mais tarde se revela em problemas de auto confiança e auto estima, não conseguindo conviver em grupo ou mesmo pessoalmente. Gera obesidade também, em todas as faixas etárias, mas a mais grave é nas crianças quando estas estão em desenvolvimento, pela falta da actividade física, que pode ser as brincadeiras normais, como correr, saltar, brincar. Nos jovens e até mesmo na idade da infância, muitos comunicam com os amigos através da internet, levando a problemas psiquiátricos como a depressão, ou seja não desenvolvem demonstração de afectos e emoções não adquirindo comportamentos saudáveis nestas idades de desenvolvimento intelectual.

Outro exemplo são os jogos on-line na internet, não havendo contacto físico nem alegria na demonstração de uma vitória. Outro ponto negativo é a licitação convidativa a encontros virtuais que são um perigo ao transformarem-se em encontros pessoais em que muitos casos são verificados nas crianças e jovens, com pessoas que não

correspondem ao perfil visualizado nem a personalidade demonstrada através da escrita. Muitos destes casos terminam em pedofilia e violação. A internet veio revolucionar todas as gerações desde os mais novos aos mais velhos e no meu caso não foi excepção. A utilização da mesma via profissional que com a sua utilização abriu-me horizontes, perspectivas de comunicação com o mundo, acabou por me despertar interesse também da sua utilização a nível pessoal e hoje não conseguiria viver sem ela, o que acaba por ser viciante, acompanhando-nos nos tempos livres o que nos distrai bastante.

Hoje em dia quase toda a gente já tem Internet, no entanto a população mais idosa acaba por ser discriminada, assim como as pessoas com condições menos favoráveis com fracos rendimentos, não conseguindo o seu acesso. Existem vários serviços públicos que já progrediram no sentido da utilização da mesma para entrega de dados dos cidadãos, evitando filas, deslocações, custos, quando comodamente pode-se tratar de qualquer serviço, via Internet. Como por exemplo entrega de IRS, Aquisição do selo do carro. Entregas à segurança Social, etc.

Acaba por ser contraditório com vantagens e desvantagens assim como democraticamente positivo e negativo, positivo pelos acessos infindáveis a qualquer informação de qualquer parte do mundo, de qualquer tema e assunto, assim como as comunicações entre pessoas.

Negativo por exemplo com o acesso facilitado de crianças e sua utilização ilimitada e inconsciente dos pais, assim como o isolamento e individualismo das pessoas sem precisarem comunicar pessoalmente entre elas. A ligação de Internet que tenho na minha casa é por Fibra Ótica, com uma modalidade de maior rapidez, através de Wireless, com uma velocidade de 6Mbps, sem limite de tráfego. É um pacote económico que me dá a velocidade suficiente para a minha utilização uma vez que não faço muitos download e upload, com mobilidade a toda a casa. A minha zona de residência já se encontra com esta cobertura de rede, tornando-se mais rápida que por cabo (ADSL). Como tenho portátil levo-o para qualquer sítio da casa, não tenho perdas de sinal por ser Fibra Ótica, no entanto existem situações que conheço por exemplo no meu local de trabalho, que existem perdas de sinal por Sem fios quando a net é utilizada no portátil e não no computador que têm o cabo ligado directamente à caixa de entrada da Net.

Percurso Profissional

Resíduos e Reciclagem

É muito importante que as empresas demonstrem que têm uma certa responsabilidade em relação ao ambiente e na protecção do mesmo. As empresas têm como objectivo o lucro, de um certo número de pessoas, mas por vezes prejudicam imenso o ambiente, cujas consequências vão ser sentidas por toda uma geração, presente e futura. Posto isto, as empresas devem ter hábitos de reciclagem, de poupança nos resíduos que gastam (por exemplo papel); na água que gastam...na reciclagem dos tinteiros entre outros como desenvolvo a abaixo. A reciclagem é importante e pode ser fácil, basta querer com esforço e criatividade, e as Empresas têm cada vez mais de ter a capacidade de sensibilizar e passar essa mensagem aos seus colaboradores. A Frase “proteger a nossa terra” tem que estar ligada aos hábitos de reciclar, e aplica-los protegendo o meio ambiente. Uma empresa onde trabalhei teve a preocupação de adquirir o ECOPONTO para a devida reciclagem.



Existem vários modelos de Ecoponto que vão de encontro às necessidades específicas de cada empresa tornando-se uma solução prática, cómoda e estética para organizar os resíduos. Permite assim separar por cada compartimento com uma cor diferente, tinteiros das impressoras, garrafas, copos de plástico, pilhas, papéis e muitos outros tipos de resíduos. Empresas onde trabalhei e trabalho actualmente, não tinham, este sistema de separação, mas normalmente de uma forma geral aplicava-se a reciclagem no local de trabalho, comprando papel reciclado para além de ser mais económico, e fazendo impressão dos dois lados da folha. Imprimindo só o necessário, utilizando o e-mail como meio de comunicação. Uma curiosidade, reciclando uma tonelada de papel pode-se salvar 17 árvores e mais 26 litros de água.

Reciclar toner e cartuchos de tinteiros vazios também é importante, no meu trabalho utilizamos reciclados, cada cartucho remanufaturado mantém mais de um quilo de metal e plástico fora dos aterros e economiza cerca de quatro litros de petróleo.

Na actividade empresa onde trabalho actualmente, como já disse anteriormente que é do ramo automóvel, área da mecânica, os óleos que são retirados para substituir os novos na nova manutenção de um veículo, são depositados num bidão próprio, e posteriormente são recorridos por uma empresa que é “ECOLUB” para serem depois reciclados.

A Ecolub é a única Entidade licenciada em Portugal como entidade Gestora do Sistema Integrado de Gestão de Óleos Usados (SIGOU)., interligada ao Ministério do Ambiente, que certifica que as empresas cumpriram os requisitos legais e de Cidadania no seu tratamento dos óleos usados, contribuindo activamente para a protecção do meio Ambiente, assim os óleos usados não vão para onde não devem para a natureza, sendo reaproveitados sob diversas formas de energia e produtos reciclados.

A Ecolub é a “Entidade Mãe” digamos assim que certifica, nos envio o selo (anual) como tivemos bons comportamentos no tratamento dos óleos usados no ano anterior.

Na minha empresa a recolha é feita por um sub-Agente, que intervém com a Ecolub que faz a recolha dos óleos. Temos um contrato com este Sub Agente em que pagamos esse serviço, Assim como pagamos uma taxa anualmente ao Ministério do Ambiente.

É obrigatório a sua recolha e existe o Decreto-Lei nº 73/2011 do MINISTÉRIO DO AMBIENTE E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO, que decreta a importância dos resíduos serem recolhidos, tratados e reciclados.

Na minha opinião concordo porque acaba por ser uma mais-valia na defesa do Meio Ambiente, dando o devido tratamento a estes resíduos poluidores.

Mas de forma monetária não compensa porque temos uma despesa que não vêm em nosso proveito, ou seja em benefício da Empresa.

Acaba por ser um dever cívico para com o meio Ambiente, decretado pelo Ministério do Ambiente.

Acho importante esta legislação obrigatória, no sentido de precaver e obrigar as Empresas a Reciclar e Cuidar do meio Ambiente.

O óleo usado que é entregue pode ser transformado em Biodiesel que consiste como um combustível alternativo de queima limpa. O mesmo apesar de não conter petróleo, pode ser adicionado ao mesmo formando uma mistura. Pode ser usado em motores de ignição a compressão (diesel), sem necessidade de modificação. O Biodiesel é simples de ser usado, biodegradável, não tóxico e essencialmente, livre de compostos sulfurados e aromáticos.

Junto em anexo exemplo do documento de Entidade Competente (Certificado atribuído à Empresa), do ano anterior (2011), de certificação de como os óleos foram tratados convenientemente

Riscos e Comportamentos Saudáveis

Um acidente de trabalho consiste num imprevisto que acontece sem esperar no local do trabalho ou no decorrer da sua actividade assim como no percurso para o mesmo.

A doença profissional leva o seu tempo a constituir-se, ou seja progride dia após dia em determinada profissão que se exerce. Ou seja doença profissional é aquela que resulta directamente das condições de trabalho, consta da Lista de Doenças Profissionais (Decreto Regulamentar n.º 76/2007, de 17 de Julho) e causa incapacidade para o exercício da profissão ou morte. É obrigatório por lei cada Entidade Patronal ter um seguro de acidentes de trabalho do trabalhador.

No caso de ser trabalhador independente também é obrigatório ter seguro de acidentes de trabalho, mesmo na situação em já se é trabalhador por conta de outrem e segurados pela entidade empregadora. Ou seja, para cada actividade é obrigatório o seguro.

Quando estive desempregada, e estive em Entidades Públicas na situação “programa Ocupacional” também tinha seguro de acidentes de trabalho imposto pelo I.E.F.P. sendo obrigatório.

No decorrer da minha profissão existem factores negativos de uma actividade sedentária, que podem provocar danos no corpo se não estiver atenta. Assim como estar sentada convenientemente de costas direitas e com os braços apoiados na secretária. Não devo cruzar as pernas e devem estar apoiadas num objecto com um pouco de inclinação, para evitar a má circulação do sangue. A cadeira também deve ser confortável e ter apoios de braços para descansar de vez em quando. Devo levantar-me mais ou menos de meia em meia hora e circular um pouco, não só para ajudar na circulação do sangue, como para queimar calorias. O Monitor deve estar ao nível dos olhos de forma a não dobrar as costas provocando dores. Os olhos também devem descansar do monitor de meia em meia hora e focar o olhar num objecto a 20 metros de distância para descansar a vista.

Beber muita água durante o dia, mais ou menos 1,50l ajuda na retenção de líquidos e também na circulação.

No meu caso pessoal as partes do corpo que são mais afectadas são os olhos por trabalhar com muitos números e de forma meticulosa, gerando cansaço e ardor no olhos. As pernas ao final do dia ficam inchadas e pesadas, pela pouca movimentação dentro do escritório por ter tudo à mão e por perto. No entanto tenho as escadas para o escritório que acaba por ajudar um pouco e bebo muita água, para ajudar da não retenção de líquidos. No meu local de trabalho existem duas áreas, a do escritório que somos três pessoas, e o espaço da mecânica geral (área laboral), que é mais abrangente e obedece a regras mais exigentes. No meu escritório/recepção, existem algumas regras básicas de prevenção, que deveriam ser postas em prática, como ter luz suficiente, mobiliário adequado ao tamanho das pessoas, espaço confortável, níveis adequados de temperatura, remoção de ruídos, etc. Fazendo uma introdução a comportamentos saudáveis no ambiente trabalho, este deve envolver condições psicológicas e sociológicas positivas e de entusiasmo que atuem positivamente sobre o comportamento das pessoas, evitando impactos emocionais como o estresse.

Para demonstrar que sou capaz de traduzir informações sobre higiene e segurança no trabalho, retirei um excreto de uma informação que encontrei no site www.cursosnocd.com.br e traduzi uma parte para francês: Pode-se dizer que a saúde é a ausência de doença. Contudo, os riscos de saúde como físicos e biológicos, tóxicos e químicos, assim como condições stressantes, podem provocar danos às pessoas no trabalho. O ambiente de trabalho em si também pode provocar doenças. Uma definição mais ampla de saúde é os estados físicos, mentais e sociais de bem-estar.

A saúde de um empregado pode ser prejudicada por doenças, acidentes ou estresse. Os gerentes devem assumir a responsabilidade de cuidar do estado geral de saúde dos funcionários, incluindo seu bem-estar psicológico. A saúde ocupacional está relacionada com a assistência médica preventiva. O programa de medicina ocupacional envolve exames médicos exigidos legalmente, além de executar programas de proteção da saúde dos funcionários, palestras de medicina preventiva, elaboração do mapa dos riscos ambientais, avaliação clínica, visando à qualidade de vida dos funcionários e maior produtividade da organização.

Em relação aquilo que transmito aos meus colegas, alerto-os para não se esquecerem de fechar as portas, não só isola a inalação de gases tóxicos e fumos, assim como se evita bastante o barulho provocado pela reparação dos automóveis,

A poluição sonora é grave e pode deixar rastros irreversíveis, quando um de nós se encontra num ambiente de trabalho e não consegue ouvir perfeitamente a fala das pessoas no mesmo recinto, isso é uma primeira indicação de que o local é demasiado ruidoso. Os especialistas no assunto definem a intensidade do ruído como todo som que causa sensação desagradável ao homem.

Causa perda de audição ao longo do tempo e a fadiga evidencia-se por uma menor acuidade auditiva. Ou seja ondas sonoras transmitem-se tanto pelo ar como por materiais sólidos, quanto maior for a densidade do meio condutor, menor será a velocidade de propagação do Ruído.

Transmito-lhe também para terem cuidado com óleos no chão, que podem provocar derrapamento e um acidente de trabalho, não só aos colegas como aos clientes.

Temos uma Empresa de Segurança e Saúde no Trabalho que nos presta serviços e nos orienta e nos incute sobre as regras de segurança e saúde no trabalho, sendo obrigatório pela lei (102/2009 de 10 de Setembro), as Empresas terem uma entidade que preste serviços de coordenação, para que a Empresa tome as medidas necessárias para prevenir os riscos profissionais e promover a segurança e saúde dos trabalhadores e visitantes.

Neste sentido, pretende-se a um "caderno" ou seja um Guia de Organização das actividades levadas a cumprir na empresa que tem como objectivos:

- a) Assegurar as condições de trabalho que salvaguardem a segurança e a saúde física e mental dos trabalhadores;
- b) Desenvolver as condições técnicas que assegurem a aplicação das medidas de prevenção definidas no artigo 15º. Da presente Lei;
- c) Informar e formar os trabalhadores no domínio da segurança e saúde no trabalho;
- d) Informar e consultar os representantes dos trabalhadores para a segurança e saúde no trabalho ou, na sua falta, os próprios trabalhadores.

Na actividade da mecânica, é o chefe de Oficina que transmite as regras de prevenção e segurança no trabalho, achei interessante colocá-las também, são as seguintes:

Trabalhos executados debaixo de veículos

Perigos / Riscos

Cedências ou ruptura ou incorrecta colocação dos equipamentos (cavaletes, elevadores e macacos pneumáticos) – risco de esmagamento dos trabalhadores devido à queda do veículo, peças e ferramentas, risco de queda de objectos e choque com objectos.

Choque com outros veículos - risco de esmagamento.

Cedência do pavimento – risco de esmagamento.

Contacto com aparadeiras de óleos e combustíveis - risco de escorregamento, queda ao mesmo nível e risco de contacto com substâncias nocivas.

Abertura da fossa desprotegida – risco de queda em altura, risco queda de objectos, acumulação de atmosferas explosivas e risco de incêndio ou explosão.



Imagens em cima:

Utilização de um macaco hidráulico para elevação de um veículo. Trabalhos realizados debaixo de um veículo (num elevador)

Medidas de Protecção e Prevenção

Os trabalhos debaixo de veículos só devem ser realizados em zonas que sejam niveladas e que não apresentem risco de cedência.

Dever-se-á respeitar a carga máxima de macacos, cavaletes e elevadores e manter estes equipamentos em bom estado de conservação submetendo-os a inspecções com regularidade.

Quando um veículo é levantado em relação ao nível do solo a zona de trabalhos deverá ser devidamente sinalizada e o veículo deverá estar nivelado.

Nos trabalhos debaixo do veículo o trabalhador deverá utilizar um estrado ergonómico.

Os elevadores devem ser objecto de uma manutenção cuidada e regular, devendo esta estar devidamente registada. A sua utilização deve ser feita por trabalhadores formados e designados para o efeito.

Os trabalhadores deverão utilizar botas de protecção com biqueira de aço e quando contactam directamente com substâncias nocivas, luvas de protecção.

As aparadoras de óleos ou outros fluidos devem ser adequadas para o efeito. Devem ser utilizados extractores de óleo.

A zona envolvente às fossas deve ser delimitada por faixas amarelas e pretas e deverá existir um rodapé de protecção à volta da fossa. Quando esta não é utilizada, deverá estar protegida por guarda corpos com cerca de 1 metro de altura.

As fossas no geral deverão ter no mínimo 1 metro de largura e 1,5 metros de profundidade. Deverão também possuir iluminação antideflagrante, resistente à água e hidrocarbonetos. Se possível deverá ser instalado um sistema de ventilação e renovação do ar na fossa e dever-se-á acoplar ao escape do veículo uma mangueira flexível de exaustão de gases.

Trabalhos com equipamentos com movimentos rotativos

Perigos / Riscos

Fractura do disco de esmeriladoras e rebarbadoras – risco de projecção de objectos ou partículas.

Incorrecta utilização do equipamento – risco de eléctrico – risco de corte e risco de projecção de partículas.

Libertação de poeiras e partículas incandescentes - risco de inalação de poeiras e risco de incêndio ou explosão



Imagem em cima: polimento de uma superfície (após pintura) Imagem em cima à direita: exemplo de uma rebarbadora (desprovida de protecção do disco)

Medidas de Protecção e Prevenção

Utilizar discos e ferramentas adequados à velocidade e especificidade dos trabalhos a executar.

Possuir protecção dos discos em movimento e não remover esta protecção, excepto em situações de manutenção.

Verificar sempre a correcta fixação do disco.

Se possível, implementar um sistema de aspiração localizada.

Realizar os trabalhos numa zona adequada afastada de materiais combustíveis.

Sempre que necessário utilizar protecção auricular e usar os seguintes EPI's: botas com biqueira de aço, luvas, óculos de protecção ou viseira e protecção das vias respiratórias.

Lubrificação de viaturas

Perigos / Riscos

Contacto com combustíveis e óleos lubrificantes – risco de contacto com substâncias nocivas, risco de escorregamento e queda, risco de incêndio ou explosão.

Risco de esmagamento devido à ruptura de cavaletes ou falha do elevador hidráulico.

Risco de queda de objectos (peças do veículo).

Risco de esmagamento devido à queda do veículo.

Risco de queda ao mesmo nível.



Imagem em cima: aparadeira para recolha de óleos lubrificantes usados Imagem à direita: medidores de óleo lubrificante

Medidas de Protecção e Prevenção

Evitar o contacto com os óleos lubrificantes e os combustíveis.

Isolar esta zona de trabalhos. O piso deverá possibilitar o escoamento de água e se necessário a retenção de fugas de óleo ou outros fluidos.

Colocação de sinalização de proibição de fumar e foguear. 91

Evitar ao máximo o contacto com os óleos e combustíveis e sempre que necessário utilizar luvas apropriadas ao seu manuseamento.

Verificar periodicamente os cavaletes, elevadores ou fossas de visita e procurar mantê-los desobstruídos sem entulho ou ferramentas desnecessárias.

Nunca utilizar diluente, nafta, tricloroetileno, tetracloroetileno ou detergentes de limpeza para lavar as mãos ou outra parte do corpo.

Utilização de luvas, capacete (em trabalhos debaixo do veículo) e calçado de protecção anti-derrapante.

Análise de gases

Perigos / Riscos

Libertação de gases perigosos à saúde, nomeadamente o monóxido de carbono – risco de inalação de gases e risco de asfixia.

Contacto com materiais e substâncias a altas temperaturas, nomeadamente: radiador, bloco do motor e panelas de escape – risco de queimadura.

Contacto com elementos em funcionamento, nomeadamente: correias do motor e a ventoinha de arrefecimento do radiador – risco de corte e de esmagamento.

Derrames de fluidos sobre os equipamentos – risco eléctrico e de queda ao mesmo nível.



Imagem em cima: analisador de gases

Imagem à direita: analisador de gases (e respectiva sonda para colocação no tubo de escape)

Medidas de Protecção e Prevenção

Delimitar as zonas de trabalho e colocar sinalização com indicação de proibição de fumar.

Ventilação apropriada da secção da oficina destinada à análise de gases.

Implementar / utilizar um sistema colector de exaustão de gases de escape.

Utilizar luvas de protecção térmica aquando da colocação do colectador de gases no escape dos veículos e nunca retirar este equipamento sem antes desligar a viatura.

Evitar sempre a inalação directa dos gases de escape.

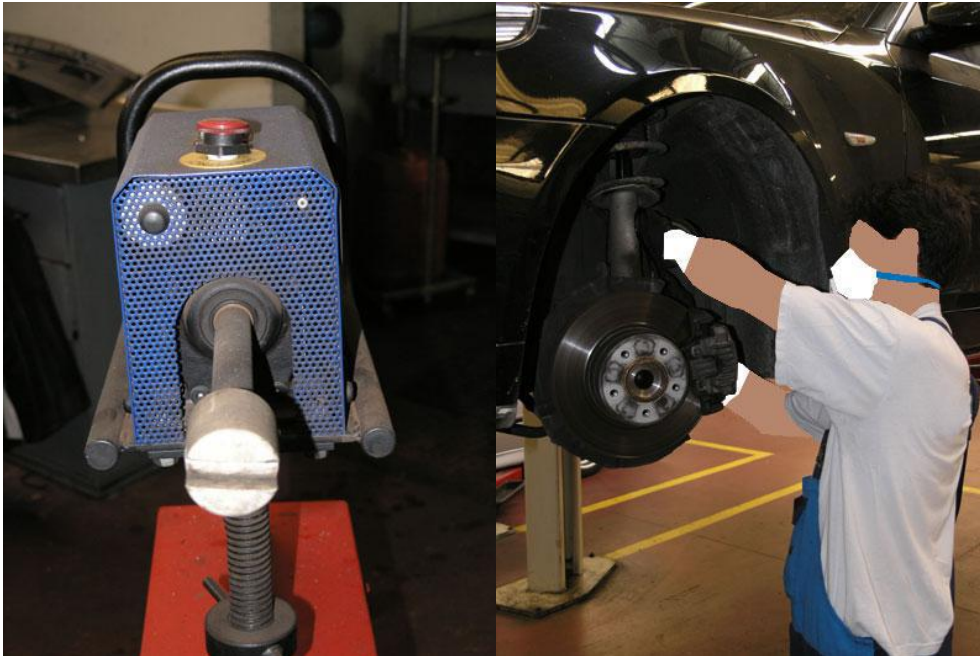
Utilização de EPI's: botas com biqueira de aço e luvas (que confirmam protecção mecânica e térmica). Se justificar, utilizar adicionalmente protecção auricular.

Rectificação e colocação de discos e pastilhas de travões

Perigos / Riscos

Contacto com peças sujeitas a uma grande velocidade de rotação – risco de corte, de projecção de partículas e risco de incêndio ou explosão.

Ruptura e projecção de materiais ou ferramentas – risco de projecção de materiais ou substâncias.



Imagens em cima:

Máquina de rectificar discos de travões

Colocação de discos e pastilhas de travões

Medidas de Protecção e Prevenção

Não utilizar o equipamento em locais onde haja o perigo de incêndio ou explosão.

Não utilizar roupas muito largas e utilizar manguitos para evitar o agarramento e aprisionamento nos órgãos móveis da máquina.

A zona de tracção da máquina rectificadora deverá estar equipada com um protector.

A máquina deverá estar devidamente nivelada e a zona envolvente aos trabalhos desobstruída.

Uso obrigatório de luvas, óculos ou viseira de protecção, botas com biqueira de aço e máscara anti-poeiras.

Este local de trabalho deverá possuir pelo menos um extintor de pó-químico ABC.

Recuperação e recarga de fluidos de ar condicionado

Perigos / Riscos

Contacto do gás com a pele dos trabalhadores – risco de contacto e inalação de gases perigosos.

Ventilação insuficiente – risco de asfixia.

Libertação (fuga) de gases; contacto destes com chama ou fogo – risco de incêndio, explosão.

Risco de projecção de peças e queimaduras.



Imagens em cima:

Máquina de reciclagem de ar condicionado

Máquina de reciclagem de ar condicionado (instruções de segurança)

Medidas de Protecção e Prevenção

Os equipamentos e máquinas de carregar fluidos de ar condicionado devem ser utilizados somente em áreas próprias para uso de gases refrigerantes. Nunca aproximar

qualquer fonte de calor ou chama do gás refrigerante e não permitir que este entre em contacto com um motor em funcionamento. Nunca usar ar comprimido para detectar eventuais fugas de gás.

Manter as tubagens de ar condicionado sempre bem afastadas de peças quentes do motor. Nunca remover o filtro quando sujeito a forças de pressão. Evitar sempre a inalação de gás refrigerante ou até o próprio vapor do lubrificante, assim como o contacto do gás refrigerante com a pele, uma vez que pode provocar graves queimaduras. Utilização de EPI's: botas com biqueira de aço, óculos / viseira e luvas.

Equipamentos Profissionais

O computador tem sido o equipamento principal durante o exercício da minha actividade profissional e sem ele seria muito complicado exercer a minha profissão.

Ao longo dos anos foram-se aperfeiçoando os “hardware” e os programas específicos de cada actividade que também evoluíram bastante com a evolução das novas tecnologias. As capacidades de memória e armazenamento de informação cresceu significativamente. A Internet evoluiu bastante nos últimos dez anos. Nas comunicações de trabalho, o e-mail, e o MSN – utilizado também na conversação e poupando tempo na utilização do telefone e seus custos. Neste meu actual trabalho por exemplo, pode-se fazer encomendas de peças on-line e reservá-la de imediato ao Fornecedor. Consultar os mais variados sites, de várias marcas de peças automóveis e seus custos, por exemplo temos um site on-line da marca Chrysler, que permite escolher o modelo da viatura, colocando o chassi do carro que temos na oficina, visualizando todas as peças do mesmo, retirando a respectiva referencia para posterior encomenda da peça em questão.

Na parte financeira também permitindo visualizar as contas bancárias da Empresa e seus movimentos, assim como fazer transferências bancárias para os fornecedores e recebimento de clientes, sem ter o percalço da deslocação para pagamento e emissão de cheque.

Neste momento sem a Ferramenta Internet sentir-me-ia incompleta no meu local de trabalho, e limitada no exercício da minha actividade.

O meu PC no local de trabalho é um Pentium (R) 4 CPU 3.00 GHZ e com 960 MB de Ram e com um sistema operativo Windows XP Versão 2002 com 74,40 GB.

Neste momento começa a ser lento quando acedo à internet e ao Correio electrónico do Outlook, derivado ao armazenamento de informação já existente, já com 47,60 GB. O meu Monitor é um LCD de 17” polegadas e com uma resolução 1.280 X1.024 e com 700:1 pixéis, de Classe B, que é considerado razoável, quanto maior for a resolução melhor será a qualidade de imagem.

È muito importante ter um monitor razoável é nele que se foca todo o nosso trabalho, a sua boa imagem resumindo contribui e influencia a nossa saúde a nível oftalmológico.

Urbanismo e Mobilidade

O homem sempre teve necessidade de conhecer o mundo, de alargar horizontes, fosse pelo prazer de descobrir novas terras e outras culturas, fosse a preocupação de procurar melhores condições de vida, uma coisa é certa, nós sempre tivemos esse impulso e fomos grandes descobridores como a descoberta do Brasil, África e Médio Oriente.

A Emigração não é um mal, muito pelo contrário, inúmeros exemplos históricos mostram que a mesma tem constituído um poderoso meio para o desenvolvimento cultural, social e económicos da humanidade.

Portugal foi assim durante muito tempo um país onde uma parte da população se viu forçada a emigrar para poder sobreviver, e actualmente isso está a verificar-se outra vez com as dificuldades económicas que o país atravessa.

Assim Portugal, têm sido desde o século XV um país de emigrantes, a nossa cultura está espalhada pelo mundo inteiro e tudo começou nos séculos XV e XVI, onde a emigração se dirigiu sobretudo para as costas do norte de África (Marrocos), ilhas atlânticas (Açores, Madeira, São Tomé, Cabo Verde, Canárias) e depois da descoberta do caminho marítimo para a Índia (1498) espalhando-se também pelo Oriente.

Em meados do século XVI aumenta a emigração para o Brasil, o qual acaba por se tornar no século XVII no principal destino dos portugueses, o que se manterá sem grandes oscilações até finais dos anos 50 do século XX, mas a partir daí uma viragem surpreendente de emigração do nosso país nos finais dos anos 50, e milhares de portugueses dirige-se para a Europa, países como a França, Alemanha, Bélgica, Holanda, Luxemburgo, Suíça, etc. O impacto deste surto emigratório foi tão forte que abala toda a sociedade portuguesa. Em menos de dez anos, imigram para a França, por exemplo, mais de um milhão português.

Durante este século espalharam-se também por países como os EUA, Argentina, Venezuela, Canadá, Austrália, etc., aumentando assim também emigratório para África aumenta, em especial para Angola, Moçambique e outras regiões da África Austral como a África do Sul, Zimbabwe ou o Congo.

Pessoalmente, tenho família que emigrou para França nos anos 60 à procura de melhores condições de vida. A minha avó materna e a minha tia materna, um tio materno optou por ir para os EUA.

A minha avó só regressou a Portugal quando adquiriu a reforma nos anos 90, depois de ter cá a sua casa construída, e todas as suas poupanças.

A minha tia vive na França e não pensa regressar, casou com um imigrante de Nacionalidade Asiática, o que acabou por haver uma mistura de culturas.

O meu tio também permanece nos EUA e também não vai regressar, casou também com uma pessoa de nacionalidade Egípcia, existem dois filhos, os meus primos que não falam o português.

Ou seja, houve uma mistura de cultural e costumes na minha família materna, o que não deixa de ser interessante pelas histórias que contam.

Se a emigração sempre marcou a nossa história, a imigração também teve o seu impacto a partir do século XX, as razões deste fenómeno são na maior parte de pendor económico ou político. Um bom exemplo disso é o fluxo de imigrantes das ex-colónias portuguesas e dos chamados Países do Leste, com eles trazem suas culturas, seus costumes, recolhendo de nós tudo o que aprendem, mas também enriquecendo-nos com o que trazem.

Neste momento não são muitos os países com características apelativas de imigração derivado à crise que se faz sentir mundialmente. No entanto a nível a nível Europeu existem alguns países que são considerados apelativos derivado às melhores condições de vida superiores ao do nosso país.

Inglaterra, Suíça, Holanda, Alemanha, Bélgica, Finlândia, Luxemburgo são neste momento os mais procurados, onde o Ordenando Mínimo é consideravelmente muito superior ao nosso e ronda os 1000 euros. Assim como regalias implementadas pelo governo, melhores condições na Educação, no sistema de saúde, na maternidade.

Muitos jovens licenciados desempregados e pessoas noutras situações precárias têm saído do nosso país à procura de uma esperança e dum futuro melhor, onde conseguem trabalho na restauração, nas limpezas e até na construção civil em que a taxa de

desemprego ainda não se verifica substancialmente e o seu mérito é reconhecido monetariamente.

Resumindo Portugal está a perder a sua Identidade e cada vez mais se assiste ao “abandono” da população Portuguesa para o estrangeiro, isso significa que cada vez mais, as pessoas se preferem sujeitar a uma outra cultura, economia, e política estrangeira, em detrimento da cultura, economia e política do seu país.

Mas Portugal já foi considerado um destino para obter melhores condições de vida, nos anos 90, imigrantes provenientes dos países da Europa de Leste, Ucrânia, Moldávia, Rússia e Roménia, vieram para o nosso país.

Esta imigração deveu-se sobretudo ao facto dos países do norte da Europa terem nesses anos fechado as suas fronteiras e na altura Portugal e Espanha, estavam em grande desenvolvimento económico com acentuadas carências de mão-de-obra principalmente na Construção Civil que estava assim em grande crescimento, assim como a agricultura e limpezas. Muitos deles permaneciam clandestinamente, tendo um elevado grau de instrução, muito superior à média portuguesa, mas devido às dificuldades linguísticas foi inserida mais no sector da Construção Civil que como referi na altura estava em grande desolvimento.

Já existiram também outras comunidades diferentes de imigrantes em Portugal, com os imigrantes africanos (estes provenientes das antigas colónias portuguesas, Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau, S. Tomé e Príncipe, Moçambique, quando desencadeou o crescimento da construção civil no nosso país e a procura de mão obra deu-se um pequeno aumento desta imigração, tratando-se de uma imigração promovida pelo próprio estado português, para compensar a falta de -mão-de-obra em resultado da emigração. Após o 25 de Abril o número destes imigrantes foi aumentando, sobretudo na década de oitenta quando se tornaram num dos alvos das redes de trabalho ilegal, nomeadamente para abastecerem à construção civil.

Os de países Muçulmanos (a maioria dos imigrantes africanos de religião muçulmana que chegam a Portugal, continuam a ser provenientes da Guiné-Bissau, contudo, nos últimos dois anos, foram concedidas autorizações de permanência a marroquinos, seguindo-se os egípcios, os argelinos e os tunisinos, todos eles para a construção civil e para o comércio.

Os imigrantes brasileiros também tiveram o seu impacto no final da década de oitenta, aumentou o fluxo de imigrantes brasileiros, que usufruíram do regime de isenção de

vistos para a sua entrada (como turistas), dedicaram-se sobretudo a actividades no âmbito da restauração, construção civil e comércio. Existiam redes clandestinas do mercado da prostituição, não apenas para Portugal, mas para toda a Europa.

Nos anos oitenta o número destes imigrantes foi igualmente notório em actividades qualificadas, como a medicina dentária. Os imigrantes brasileiros estão actualmente espalhados por todo o país, incluindo em pequenas aldeias de província, embora a sua principal concentração seja na região da grande Lisboa.

Os imigrantes asiáticos começam também a chegar nos anos noventa, originários da China, dedicam-se sobretudo a actividades de restauração e ao pequeno comércio, lojas de roupa e lojas tipo 150, hoje já são muitos e inseriram-me perfeitamente no nosso país. Os motivos que levam à imigração para Portugal, destes emigrantes asiáticos foram oportunidades de trabalho ou de negócios, poucos são aqueles que chegam ao país já com um contrato de trabalho, sendo as remunerações um outro grande factor da imigração. A importância da língua portuguesa que é conhecida com a língua de Camões e de Fernando Pessoa, proveniente do latim. Esta atravessou civilizações, diferentes culturas e formas de estar e tornou-se uma língua de cultura intercontinental que está espalhada pelo mundo. É importante então que busquemos cada vez mais valorizar e defender a nossa língua materna. Afinal preservá-la denota muito mais do que somente zelar pelo falar de um povo, significa defender o que há de mais precioso na nossa nação como os nossos costumes, nossas história e até mesmo nosso futuro. Refletindo sobre este tema é de extrema importância, que este é o traço principal da união entre Brasil, Portugal e outros países falantes da Língua Portuguesa. A língua de Camões tornou-se de forma intensa, um elemento característico da nação brasileira e veículo de comunicação de uma das mais ferventes e genuínas culturas do mundo atual. A Língua Portuguesa é um instrumento fundamental para a integração das Comunidades de imigrantes no país de acolhimento e é também um elemento unificador de todas as comunidades que utilizam a Língua Portuguesa em todo o Mundo. Somos um povo de descobertas e a nossa língua anda pelo mundo inteiro, graças aos nossos antepassados. Sem dúvida que a língua é factor de integração quanto melhor conhecer uma língua, melhor será a minha integração nesse país, pelo conhecimento da mesma que me leva a facilidade de comunicação e adaptação nessa sociedade. No meu caso por exemplo se tivesse que emigrar um dos países poderia ser a França por ter alguns conhecimentos de Francês adquiridos no período escolar e

também por lá ter família próxima. O conhecimento da língua é um dos principais factores de adaptação vai ajudar bastante por exemplo na facilidade de conseguir um emprego com mais facilidade, no tratamento das burocracias pessoais em instituições públicas individualmente, sem ter de levar alguém para fazer ajudar na tradução da língua.

Faz com que nos sintamos bem e com a descontração como se estivéssemos no nosso país. Neste momento muita gente está a emigrar para países que estão em desenvolvimento económico e que têm a mais-valia de se falar o português como o Brasil e Moçambique. Pessoalmente se tivesse oportunidade gostaria de emigrar para Moçambique, pela descontração do povo, pela língua portuguesa e pelo clima quente que adoro. Penso que iria ter uma adaptação perfeita.

Claro que teve uma influência muito grande, permitindo que as pessoas ao se deslocarem para outro país, estejam sempre em contacto com as suas origens. Através do telemóvel falando a qualquer momento e da Internet também através do Messenger e do Syepe que permite ver a outra pessoa e falar ao mesmo tempo, acabando por ajudar bastante quando as pessoas estão separadas mas conseguem manter sempre contacto a qualquer instante, mantendo os laços familiares.

Assim, como as deslocações de avião muito mais acessíveis e a preços muito económicos com promoções sempre a decorrer, que se pode consultar na internet nos mais variados sites de viagens e com várias opções de escolha.

Por exemplo a imigração dentro da Europa com as deslocações entre os países da mesma, de avião, permite que as pessoas se desloquem mais regularmente para matar saudades da família de forma rápida e comoda, a preços de saldo.

Toda esta evolução tem facilitado obviamente a imigração.

No passado era sem dúvida muito mais complicado a imigração era severa, as pessoas deslocavam-se de comboio, autocarro ou mesmo barco, levando dias para chegar ao destino pretendido e em condições precárias. A Comunicação era feita por carta, e só vinham ao seu país de origem uma vez por ano, por ser demasiado dispendioso, e porque tinham de poupar o máximo num ano de trabalho. Um animal que migra, actualmente de forma descontrolada derivado à acção do homem é a andorinha, antigamente as andorinhas vinham de africa para o nosso Algarve no início da primavera, hoje em dia vê-se andorinhas no outono e no Inverno isto por a temperatura têm subido acentuadamente nessas estações derivado ao Buraco de Ozono – subida da

temperatura do Ar, provocado pelo homem, com o desenvolvimento tecnológico, libertação de gases para a atmosfera. Fazendo com que elas se desloquem de forma descontrolada sem diferenciarem as Estações Inverno de Verão, isto porque a temperatura da atmosfera tem subido significativamente.

Debate Público

Vou falar de um debate Público actual a MOBILIDADE DOS FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS:

Esta medida foi criada pelo estado português recentemente e consiste na redução de custos ao governo, pela difícil situação que o país se encontra, sem ter que despedir funcionários públicos, transferindo-os para o preenchimento de outros organismos públicos onde a necessidade de serviços é deficiente, numa distância máxima de 60 kms. Neste momento os Funcionários Públicos têm falta de motivação e esperança por parte do estado português., para prescindirem da sua área de residência para outro local, quando houve o corte nos salários na redução dos subsídios respectivamente de Férias e de Natal sem saberem quando tudo voltará ao normal. Será justo depois das reduções que o estado implantou na redução do subsídio de Natal e Férias, obrigar as pessoas a deslocarem-se para longe, quando mal um ordenado dá para as despesas básicas e alimentação, quanto mais para deslocações longas sem ajudas de custo e quando o combustível alcançou preços record em Portugal.

Uma distância de 60 kms significa 120kms ida e volta, podia haver a alternativa de alugar uma casa, que monetariamente também não será favorável.

Para além de acarretar situações de desconforto familiar na falta de tempo para a família ir buscar os filhos a escola, para não falar de pessoas que têm filhos pequenos e não conseguem dar a devida atenção que merecem para o seu desenvolvimento saudável. O conceito família, e bem-estar começa a desaparecer a uma velocidade alucinante. Na minha opinião devia haver uma melhor organização na mobilidade, permitindo que as pessoas ficassem a uma distância menor, ou sem cortes nos subsídios. A Entidade que é a Favor da Mobilidade Geográfica é a Entidade do Estado, o Governo o mesmo quer criar um regime de mobilidade geográfica que permita a transferência de funcionários públicos, sem o seu acordo, para concelhos fora da sua área de residência. Não se trata propriamente de uma poupança muito elevada a nível de custos mas sim, têm também como objectivo “redistribuir recursos humanos entre um serviço com excesso de recursos e outro com escassez”.

Existe a lei Estatal “Lei de Vínculos, Carreiras e Remunerações (LVCR)” que já prevê a mobilidade interna, que “permite alguma mobilidade geográfica sem que se verifique

o acordo do trabalhador, mas impõem limites que podem dificultar uma distribuição de recursos humanos mais ajustada às necessidades da administração pública”.

Os Sindicatos da Função Pública são contra e temem pelos seus direitos e argumentam que é uma medida muito grave afastar as pessoas dos seus locais de residência, forçando-os assim a abandonar a função pública.

O presidente dos Sindicatos da Função pública Bettencourt Picanço argumentou em declaração numa rádio “O que esperamos é que a mobilidade seja uma medida fundamental e necessária para construir a motivação dos trabalhadores e a satisfação das necessidades dos serviços em qualquer sítio. Mas não podem é querer que os trabalhadores façam como o caracol, que andem com a casa às costas por todo o país só porque o Governo entende que eles são necessários a norte e eles estão a sul”, apelando também que as normas sejam razoáveis, responsáveis e motivadoras para os trabalhadores. O presidente do Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE), defendem também se os funcionários públicos poderem ser obrigados a trabalhar num concelho diferente fora da área limítrofe até será admissível, desde que os serviços do Estado assumam as despesas que daí decorram.

Média e Informação

Actualmente, os meios de comunicação permitem estar em constante sintonia com todo o Mundo, e as sociedades modernas não prescindem deles, possibilitando o contacto e envio de objectos a longas distâncias em curtos espaços de tempo;

Permitindo novas descobertas em menos tempo e conhecer outras culturas através do contacto com pessoas de outros países.

A evolução dos meios de comunicação permitiu ao Homem comunicar de uma maneira mais eficaz, rápida e acessível; Transferência de um maior número de informação com muito mais frequência;

Existem muitas mais vantagens por referir para além destas. Mas todas elas contribuem para uma melhor qualidade de vida do ser humano. Os novos meios de comunicação permitem às pessoas estarem, a acompanhar qualquer situação quase instantaneamente sem qualquer percalço.

A palavra comunicação torna-se grandiosa nos tempos de hoje, isso deve-se ao facto das novas tecnologias terem evoluído significativamente nos últimos vinte anos, vivemos numa época em que o avanço na área das telecomunicações da electrónica e

dos transportes veio aproximar a humanidade tanto a nível pessoal como profissionalmente, independentemente da sua zona geográfica.

Tudo se tornou mais fácil também a nível económico com a permissão da abertura das fronteiras, a fácil circulação de produtos e marcas internacionais, qualquer marca pode ser adquirida em qualquer canto do mundo até nos países mais subdesenvolvidos, os serviços internacionais conseguiram um acesso facilitado, os bancos por exemplo os empréstimos circulam de país para país mais facilmente quando há dificuldades económicas, isso veio minimizar os problemas globais através dos meios de comunicação.

Sim os meios de comunicação influenciam a opinião pública, por exemplo a palavra “crise”, que está presente diariamente em todos os meios de comunicação. Na televisão por exemplo é o meio onde mais se evidencia, a qualquer hora do dia os noticiários falam da crise, fazem debates sobre o assunto. É importante sim consciencializar os portugueses da situação do país, mas a meu ver não é saudável estar a toda a hora e momento a falar do assunto. Nos últimos tempos não se fala de outra coisa, isso gera-nos ainda mais inquietação, angústia e ansiedade sem saber como vai ser o nosso futuro e do nosso país.

Acredito que muitos empresários se aproveitam também da situação e da palavra “crise” para diminuir postos de trabalho e manter ordenados, ou mesmo reduzir.

Não se ouve falar de outra coisa e com medo e como prevenção leva-nos a um menor consumo, isso vai influenciar a economia, ao haver menos consumo haverá menos produção e na falta de produção leva ao encerramento de muitas actividades e serviços, acaba por ser uma bola de neve sem fim.

A rádio, também de uma forma invisível, notícia quase todos os dias; (de uma empresa que encerrou, ou que está em vias de reduzir funcionários, ou que reduziu mesmo).

Quando estamos num café e apanhamos um jornal os nossos olhos acabam por ir encontro às notícias da “crise”, da má situação económica do país etc etc...

Poucas notícias alegres e felizes ouvimos actualmente nos meios de comunicação, penso que as entidades competentes de comunicação deveriam refletir sobre esse assunto, e alterar o modo noticiário.

Neste momento temos um país desmotivado, deprimido e ansioso, e os meios de comunicação são culpados em grande parte por isso.

Se olharmos a nossa volta e observarmos com atenção as pessoas não sorriem, tem rostos pesados e descaídos e tem aparências cada vez menos cuidadas. Observo isso cada vez mais.

Já tivemos momentos de crise profunda no passado no nosso país, nesse tempo os meios de comunicação tecnológicos não existiam e parece que as pessoas eram mais felizes segundo diziam os meus pais. Eu própria me lembro de ter sete e oito anos nos princípios dos anos setenta, e relembro que as pessoas tinham outra atitude outro entusiasmo e outra alegria, apesar de terem muito pouco e viverem com muitas dificuldades.

Também a evolução tecnológica influenciou os meios de comunicação em massa, por exemplo permitindo ouvir rádio via internet, em qualquer frequência desejada, assim como a imprensa escrita a visualização dos jornais on-line visualizando notícias actualizadas ao minuto. Os jornais On-line obtém os seus rendimentos através do número de visitas à sua página, quanto mais atractiva e elaborada for uma notícia, mais visualizações terá, aumentando assim os seus ganhos. Se as suas páginas forem muito visitadas também serão procuradas para os agentes de publicidade inserirem os seus anúncios, e isto é pago.

Os Jornais On-line devido ao grande aumento de acesso à internet e às novas tecnologias, tiveram de se adaptar a esta nova realidade. Inovando os seus sites de informação, desenvolvendo o melhor e criando “títulos de entusiasmo para visualização” das notícias, para que os utilizadores sejam cativados e atraídos por esse “título” e os leve a visualizá-lo. Ou seja de forma comoda e sem custos com jornais, pode-se consultar qualquer notícia, em várias sites de forma desenvolvida e actual.

A Publicidade por exemplo na Televisão é estudada para passar em determinados horários do dia conforme as faixas etárias de público. Por exemplo em horário nobre quando estão todos em casa entre as oito e as dez da noite, na hora de jantar passam os anúncios de maior impacto e interesse do público. Aos fins-de-semana de manhã passam anúncios para crianças quando a maior parte vê “bonecos animados”. Nas manhãs da semana, quando as donas de casa estão em casa a fazer os seus afazeres passam anúncios de produtos de limpeza e higiene. Entre as sete e as oito na hora da serie “Morangos com Açúcar passam anúncios para jovens. Ou seja a publicidade influência determinado publico em determinada hora exacta.

A Cidadania no meu contexto Profissional

O Processo de Inovação no local de trabalho na minha opinião passa por existir uma boa equipa de trabalho, em que todos estejam na mesma sintonia, abertos a novas ideias para desenvolver melhor o seu trabalho, aumentando assim a produção de uma empresa. Inovar é muito abrangente, e acho que pode ser tudo o que se possa fazer por ter um bom ambiente de trabalho, claro que isso também tem de partir dos superiores hierárquicos, transmitindo sentido de justiça, reconhecimento, aplicando um comportamento assertivo. A partir daí isso transmite-te para o exterior, a boa imagem de uma Empresa, espelha-se nas pessoas que lá trabalham na organização que têm. No seu dinamismo na resolução rápida e eficaz na produção de um produto ou na prestação de um serviço. Inovar também passa pela organização interna nomeadamente por exemplo, a implementação de novos métodos de coordenação e aprimoramento de rotinas, procedimentos, e normas de forma a fazer um serviço melhor organizado. As relações dos superiores, o papel da motivação conjugado com o entusiasmo traz frutos muito proveitosos. Assim como nomeadamente, dar abertura aos funcionários, para sugerirem e darem ideias no sentido de melhorar a orgânica numa empresa. Pela Experiência que tenho e o que venho observando ao longo dos anos, quando trabalhamos num bom ambiente de trabalho sem pressões, sem controlo, e de uma certa forma à vontade, tudo isto são vantagens, quando as pessoas que as sabem aproveitar e tirar proveito desse ambiente, dando assim o melhor de si mesmas. Neste sentido também pode trazer desvantagens numa Entidade Patronal, quando o Empregado não sabe tirar partido desse bom ambiente, aproveitando-se disso dando axo ao desleixo e há irresponsabilidade no seu local de trabalho. Um exemplo foi quando entrei para a actual empresa onde me encontro e deram-me autonomia e liberdade para intervir, para melhorar tudo o que achasse melhor para organizar a parte administrativa.

Expus então as minhas ideias e foram aceites no sentido de melhorar a orgânica do escritório, criando mapas em excel para melhor orientação de todos nesta actividade.

Criei métodos de arquivo, arrumando devidamente os papéis por temas. Ou seja acabei por fazer uma reorganização de gestão na parte administrativa, facilitando a consulta de todos. Arrumei tudo com método de forma a saberem onde estão os papéis, arrumei estante, dei um ar mais harmonioso e leve ao escritório.

A parte de Negociação passa por ter uma boa atitude, ter um bom feitio, uma personalidade íntegra, ser objectiva, transparente, expondo os pontos negativos e também os positivos quando é preciso. Saber comunicar com delicadeza acaba por ir de encontro, quando temos de negociar no local de trabalho, seja ele o que for, um exemplo que me aconteceu foi na Empresa que trabalhei na Mscar: Ao fim de cinco anos a trabalhar na área de tesouraria, área esta muito meticulosa e rotineira estando já um quanto saturada. Falei com a minha superior e disse-lhe que se surgisse algum lugar na parte comercial com contacto com o público que estava aberta a esse lugar. Precisava de me relacionar com pessoas diferentes, de sorrir de dar mais de mim, de ouvir histórias diferentes.

Disseram-me que sim, e acabou por acontecer, foram os meus últimos três anos nessa empresa e os melhores. Adorei este trabalho como secretária comercial, acho que renasci e adquiri uma postura muito mais alegre e bem-disposta. Ou seja, acho que isto acabou por ser uma negociação neste sentido, expondo o meu desagrado e saturação, dando lugar a um novo posto de trabalho na mesma empresa. Ou seja devemos falar quando não nos sentimos bem, pode trazer

vantagens positivas, ao contrário se me mantivesse calada acabava por andar desmotivada ao permanecer com aquele trabalho e poderar-se-ia relevar num resultado que ao longo do tempo revelariar-se-ia com menor dedicação e com resultados menos produtivos, acabando por ser uma desvantagem, não só para mim, por não estar satisfeita, assim como para a Entidade Patronal. Outro ponto que a Entidade Patronal beneficiou nesta “negociação”, prendeu-se com o facto de ao ocupar este lugar acabava por dar início a uma venda de um automóvel quando o vendedor não estava, pelo meu fácil relacionamento inter-pessoal com as pessoas, cativando o cliente e alinhavando o negócio de fecho de uma venda para posterior passagem ao vendedor, ou seja, aproveitando a minha pessoa na duas vertentes como secretária comercial e na parte de fidelização de um cliente na parte comercial, aumentando assim o volume de vendas. Em relação à integração de um colega recentemente fi-lo para me ajudar mais no sector na recepção na empresa onde estou actualmente, ficando mais liberta para me dedicar mais à área de gestão, tesouraria e preparação de documentação para a contabilidade. Como este estava a fazer a parte da logística de peças e não tinha experiência no atendimento ao público nem no relacionamento com papéis, tive de começar por lhe ensinar as bases iniciais num escritório. Como tem dificuldade na

língua portuguesa e na escrita também, por ter nacionalidade moldava, tornou-se mais complicado a sua integração, tive de ensiná-lo na construção de certas frases aplicadas neste ramo de actividade e estar mais atenta nas frases que aplicava, corrigindo-o para as dizer correctamente. Comecei por lhe dar tópicos de atendimento telefónico personalizado, como ter entusiasmo numa conversa, dar segurança ao cliente, assim como no atendimento presencial ter uma postura simpática, com clareza, confiança e objectividade. Na parte dos papéis também lhe tentei explicar por começar por ter método, na organização dos mesmos, fazendo com atenção e bem feito. Sinto que ele é dedicado e gosta de apreender aquilo que lhe ensino, isso para mim é muito gratificante. Além de ser gratificante sentir que fazemos um bom trabalho na integração de um colega, também é benéfico para a empresa, pois quanto mais rápido a pessoa estiver pronta a desempenhar bem as suas funções melhor será para a produtividade da empresa.

Deontologia e Normas Profissionais é um conjunto de comportamentos exigíveis em determinada área profissional, com uma ética profissional baseada na livre acção do profissional aplicando o seu carácter ético e moral ao exercer as suas obrigações profissionais. Ou seja, a Deontologia é um conjunto de princípios, regras e deveres inerentes a uma determinada profissão, assim, cada profissional está sujeito a uma deontologia própria e específica no decorrer do exercício da sua profissão. Vou dar um exemplo quando trabalhei numa Clínica de Psicologia e Psiquiatria privada, havia regras exigentes imputadas a esta área, em que tinha de haver uma postura de comportamento exemplar, não só por ser uma Clínica privada, mas pela própria área em si, “Psicologia e Psiquiatria”, sendo duas áreas muito delicadas relacionadas com a mente, tendo como clientes, pessoas mais vulneráveis exigindo uma maior dedicação e cuidado no trato.

Todos os médicos (psicólogos e psiquiatras) tinham uma postura exemplar de profissionalismo com uma abordagem inicial de conforto, carinho e paciência para com os seus pacientes. Eu que estava na receção tinha de ter uma postura de “liderança de conduta das pessoas”, com uma atitude de máximo profissionalismo, competência, ética, simpatia e sigilo de informação. Sendo assim uma área delicada, tinha de ter um trato diferente, mais tolerante com mais paciência e sensibilidade, assim como ao mesmo tempo de controlo das atitudes dos pacientes. Acabava por ser uma primeira

abordagem e triagem de iniciação à consulta, que por vezes passava essa informação ao médico.

Nesta área concreta por onde passei tive de exigir muito de mim, a todos os níveis, onde havia normas e comportamentos de grande exigência e que na minha opinião são as correctas aplicadas para a área em questão.

Recordo-me de um caso mais complicado de atendimento nesta Clínica, quando entrou um doente psiquiátrico que queria ser logo atendido, rapidamente, sem marcação de consulta. Entendi que tinha uma postura de uma pessoa diferente, nervoso, e com um comportamento muito alterado em termos de humor, era muito instável. Tentei acalmá-lo e deixei-o desabafar primeiro, só depois lhe expliquei calmamente que ia fazer o possível para que ele fosse atendido por um médico no fim das consultas, uma vez que não tinha hora marcada. Disse-lhe que ia tentar fazer o possível para tentar ir de encontro ao que ele pretendia, mas que ele também tinha que compreender que havia mais pessoas à frente e teria que esperar para o fim. Nunca lhe alterei a voz mas também não lhe permiti que se alterasse mais nem me faltasse ao respeito, foi uma situação complicada e difícil de contornar. Não é fácil metermo-nos na pele de uma pessoa doente psiquiátrica, mas mantive a calma e respeitei a sua diferença, consegui acabar por o acalmar.

Códigos de Conduta Institucional

Infelizmente já tive três situações desagradáveis na Urgência num Hospital Público, uma foi quando fui de urgência para o Hospital com um ataque pânico, situação que só aconteceu uma vez e nunca mais se repetiu felizmente. Num estado de mau estar e uma sensação desmaio e desfalecimento total do organismo, entrei logo de urgência com a pulseira “muito urgente” para a sala de recobro para me observarem e verem os sinais vitais como ver a pulsação, a verificação da tensão arterial e os níveis de açúcar. Mandaram-me para a sala de espera, nem numa maca me puseram quando não tinha equilíbrio quase não conseguia andar. Estive uma hora à espera sentada numa cadeira, quando entrei como “muito urgente” ali estive à espera sem posição com um mau estar geral horrível.

Durante essa hora ninguém veio junto a mim, para saber o meu estado, dirigi-me a um enfermeiro duas vezes e simplesmente disse-me que tinha de esperar. Foi uma espera muito dolorosa, com falta de acompanhamento e longo tempo de espera. Só quando

fui ter com o médico é que este me deu um copo de água com um calmante. Disse-lhe que estava muito mal, e ele aí sim antes de me fazer o diagnóstico, tomou essa atitude. Foi lamentável esta situação, quando um simples calmante podia ter tido logo um efeito tranquilizador, no início do tempo de espera. Outra situação foi quando acompanhei uma amiga também numa urgência no período da noite, entramos às dez horas da noite, e após a minha amiga ter feito as análises, disseram-nos que tínhamos de esperar pelos resultados.

Esperamos até às três da manhã, perguntei várias vezes se ainda demorava muito e disseram-me apenas que tínhamos que esperar e que o laboratório de análises só trabalhava durante o dia. Como ninguém nos dava uma resposta concreta decidimos sair por nossa iniciativa, não íamos passar ali a noite toda à espera, sem descanso sentadas numa cadeira. A minha amiga saiu da urgência sem qualquer controlo, como é possível não haver também um controlo de segurança quando as pessoas saem da urgência. Só no dia seguinte quando a minha amiga voltou novamente para saber os resultados das análises é que deram pela sua falta, isto é grave, e não devia acontecer numa unidade de saúde. A última situação foi para mim a mais grave no sentido de falta de sensibilidade e falta de sigilo, numa equipa hospitalar. Quando a minha mãe faleceu, após várias horas de espera por uma resposta, dirigiu-se uma auxiliar até nós (meu pai e irmão), e perguntou-nos se éramos os familiares da minha mãe, disse que sim, e de imediato entregou-nos os objectos pessoais da minha mãe, nomeadamente o ouro. Perguntei-lhe se tinha acontecido alguma coisa, olhou para mim, em sinal de má notícia, disse-me que o médico já vinha falar connosco. Calculámos que o pior tinha acontecido, o que se verificou após quase uma hora quando veio o médico falar connosco e decretar o óbito.

Aqui, é lamentável a falta de preparação para informação do óbito aos familiares, quando teria de ser o médico a fazê-lo e só depois sim a entrega dos objectos pessoais. O sistema de saúde público continua a falhar e muito internamente na coordenação e orientação das condutas correctamente a aplicar. Como por exemplo vigiar com mais frequência os doentes, dar informações com mais clareza e simpatia aos acompanhantes. Na urgência de Pediatria, em muitos casos que já tenho ouvido falar de horas de espera por atendimento durante a noite, acho que esta área deveria ter mais apoio médico, nomeadamente transferência de mais médicos e enfermeiros de outras unidades menos precisas, é complicado e menos próprio uma criança estar no período

da noite numa unidade de urgência durante longos períodos de espera. Os idosos deveriam ter uma atenção redobrada, para além do sofrimento por que estão a passar ali no momento, muitas delas são pessoas solitárias, sem família, precisam de muito mais carinho e atenção. São pessoas que já trabalharam muito, merecem o respeito máximo e dignidade humana. Num serviço de saúde são vidas humanas que estão em risco, são pessoas que têm dor, são acompanhantes familiares que têm sentimentos. Na minha opinião têm de haver mais sensibilidade, atenção e dedicação às pessoas no sistema de saúde.

A minha postura no local de trabalho é de respeito pela Empresa (Entidade Patronal) e por os colegas que lá trabalham, pelo trabalho de cada um, e pela pessoa que são. Cada pessoa tem a sua personalidade, desde que faça o seu trabalho com esforço e da melhor maneira, sendo capaz com humildade de reconhecer os seus erros. Com os meus colegas de trabalho actualmente e durante o meu percurso profissional sempre tive uma atitude acessível e assertiva, de simpatia e cordialidade, demonstrando sempre disponibilidade e entajuda. Tento sempre defender a boa imagem da Empresa, mesmo quando há a existência de problemas na mesma. Quando se trabalha numa Empresa há que ter alguma reserva e sigilo profissional, de determinadas situações menos boas. Nesta empresa onde estou actualmente aconteceu-me uma situação de café perto da mesma. No início quando entrei, perguntaram-me se estava satisfeita e que corria que a Empresa tinha sempre Ordenados em Atraso. Respondi que estava satisfeita e não tinha conhecimento dessa situação. Afinal foram pessoas que me deram a oportunidade de ter um trabalho quando estava desempregada e já a acabar o Subsídio de Desemprego. As minhas origens, todos os valores e princípios que os meus pais me passaram e que observei ao longo do meu crescimento perto deles, faz de mim parte da minha personalidade, daquilo que sou hoje, como a simplicidade, humildade e respeito pelo próximo, a verdade a honestidade.

Claro que a minha personalidade ao longo da vida foi se vincando e aperfeiçoando, principalmente com os erros e os dissabores da vida, mas tudo isso foi um grande crescimento na minha opinião, e talvez se não tivesse passado por eles não seria a pessoa que sou hoje, muito mais conscienciosa da realidade da vida, e de ter os pés bem assentes na terra.

Passei por várias fases da minha vida, adolescência que andava de mãos dadas com a inocência, a fase dos vinte aos trinta de adaptação e aprendizagem de reacções, de observação da sociedade e de consciência que as pessoas não são todas boas e que o mundo não é de todo perfeito. Dos trinta aos quarenta a minha personalidade foi-se afirmando e seguramente de perceber o que realmente quero da vida, e que forma de estar é que quero ir permanecendo nela com sabedoria. Hoje, sou uma pessoa tranquila, descontraída que vive a vida com alegria, entusiasmo e confiança e que dou valor a pequenas coisas... No ponto de vista de acontecimentos, de reacções, dou a importância que acho devo dar ou não dar, a determinada situação de forma razoável e assertiva.

A vida ensinou-me que só há alguém que luta por nós, que faz de nós quem somos, somos nós.... Gosto de estar ao pé de pessoas positivas, bem-dispostas, equilibradas, Sempre me relacionei bem com toda a gente e mesmo quando conflitos menos bons aconteceram na minha vida, sempre os tentei gerir de uma forma saudável com maturidade que sabia e de forma íntegra. Houve várias situações na minha vida que é dizer falar de um caso concreto...; e que são contraditórias com a minha maneira de ser, de amizade, que tenho com algumas pessoas, no entanto sempre respeitei as suas formas de agir e de estar. Não gosto de destroçar nem julgar ninguém de forma invasiva e insensível. Mas gosto de ganhar o respeito dos outros, pela pessoa que sou com transparência e verdade. Uma situação pessoal que me aconteceu foi com uma amiga de longa data, quando soube através de outra em comum, que tinha havido conversas sobre a minha vida pessoal, de mau agrado e mau dizer.

Como era uma pessoa que confiava e uma amizade que considerava verdadeira, sabia quase tudo sobre mim. Após ser surpreendida e ter ficado desiludida com a pessoa em questão, ponderei se devia abordá-la com tais conversas. Cheguei a conclusão que não valia a pena dar importância ao assunto apesar de ter ficado magoada.

Mas a partir daí a minha atitude com essa amiga, começou a ser diferente, não lhe confidenciando tudo. Achei que deveria relacionar-me com ela da mesma forma, mas com algumas reservas. Apesar de uma situação desagradável todas as pessoas têm coisas boas, e uma amizade de longa data acaba por prevalecer, tentando esquecer um episódio menos positivo, e o meu carácter como pessoa acabou por tolerar.

No meu recibo de Vencimento apenas consta o Subsídio de alimentação, que são 22 dias úteis por cada mês de trabalho. Se estiver de férias é-me retirado o valor diário do

subsídio por cada dia de férias gozado. Não tenho isenção de horário, mas sim horário laboral normal de trabalho das 9,00h ao 12,30 h e das 14,00 às 18,30h. 8 Horas diárias, 40 horas semanais de trabalho, as estabelecidas por lei como máximo semanal.

Também tenho direito a subsídio de férias e de natal, que são de direito. Cada um destes subsídios equivale a um mês de ordenado, por isso também são chamados de 13º e 14º mês.

As Forças de Segurança responsáveis pela segurança rodoviária são: a PSP – Policia de Segurança Pública, GNR – Guarda Nacional Republicana e tem como objectivo a prevenção dos acidentes rodoviários e a redução das suas consequências. Sendo forças de segurança, uniformizadas e armadas, ao serviço dos cidadãos.

As Entidades Governamentais pela manutenção das vias Rodoviárias são as Estradas de Portugal, que visam manter as estradas em bom estado. No caso de serem vias dentro das cidades, quem tem a responsabilidade pela sua manutenção é a Câmara Municipal, e no caso de serem estradas junto de freguesias é a própria Junta de Freguesia que deve zelar pela sua manutenção. Por vezes a entidade Estradas de Portugal abre concurso a empresas privadas para manterem as estradas, como foi o caso das SCUT na Via do Infante, que foi uma empresa contratada para manter essa via em bom estado e remodelar o seu piso. No caso de portagens e da manutenção de autoestradas, esta responsabilidade pertence à Brisa, que é outra empresa pública cujo objectivo incide em fazer estes trabalhos nas autoestradas. A via rápida A22 sempre me auxiliou de uma forma mais rápida nos meus percursos pessoais e profissionais.

Por ser uma via mais rápida, sem custos (até Dez. de 2011) e de excelente qualidade de piso, era por mim utilizada e por a maioria dos algarvios, para se deslocarem para os seus postos de trabalho de uma forma rápida, e por todos aqueles que a usavam para a sua actividade económica, de uma forma segura e acessível.

A atravessar o Algarve desde o Barlavento ao Sotavento, desde o ano de 1990 data da sua inauguração, veio dar um grande desenvolvimento de acessibilidade ao Algarve, não só para todos os Portugueses que se deslocam aqui, mas também pelos que entram em Portugal através das fronteiras com a nossa vizinha Espanha, provenientes de Espanha e de toda a Europa. Pessoalmente desde que começou a ser paga desde 01 de Janeiro de 2012, veio alterar os meus horários diários de trabalho afectando também a minha vida pessoal. Todos os dias me deslocava através da A22 de Faro para Loulé

para o meu local de trabalho, em aproximadamente 20 minutos, agora por ser paga e por não conseguir manter a despesa com o pagamento das portagens, tenho de me deslocar pela antiga estrada nacional 125 todos os dias, e demoro sensivelmente mais 10 minutos, devido ao aumento do trânsito na mesma, com “para-arranca” com filas intermináveis. A Estrada Nacional 125 é desde sempre considerada perigosa por ser uma estrada só com uma via, em cada sentido, dando origem a ultrapassagens perigosas e mal calculadas provocando mais sinistralidade. A nível pessoal acabou por influenciar bastante de forma negativa acabando por ter de me levantar mais cedo, ficando mais cansada e desgastada por demorar mais tempo na deslocação de ida e volta assim como ter de ir com mais atenção ao trânsito devido ao aumento da sinistralidade.

O pagamento desta via em quase tudo veio contribuir negativamente, a nível económico, várias actividades foram afectadas na sua produtividade, e como todas as áreas económicas estão interligadas a economia acaba por sofrer com esta decadência a juntar à crise que se faz sentir. As Empresas de Transportes de Mercadorias de e Transporte turístico são das mais afectadas, por não conseguirem suportar os pagamentos das portagens, deslocam-se pelas estradas secundárias, principalmente a Estrada Nacional 125, demorando mais tempo para chegar aos seus destinos, devido à actual afluência de trânsito, diminuindo assim o numero de fretes. As Empresas que sofreram também com esta medida, foram todas aquelas que dependem da deslocação automóvel para a realização de trabalhos, dando origem a uma maior descoordenação e orientação na realização dos trabalhos, derivado ao aumento de tempo perdido nas deslocações. O Algarve por ser um destino Turístico principalmente de Verão, vai incidir também sobre esta actividade, fazendo com que os turistas prefiram outros destinos turísticos, (por exemplo a nossa vizinha Espanha, muitas vias semelhantes à A22, não são pagas.)

Agora, por exemplo neste período sazonal, período de férias, a afluência de trânsito na Estrada Nacional 125 que percorre o Algarve, é enorme, e existem filas intermináveis. desmotivando as pessoas a não cá voltarem para o ano, derivado ao tempo que se verifica para percorrer curtas distâncias. Assim como o stress causado nas pessoas que estão de férias. Resumindo e dando a minha opinião a A22 é uma via rápida, que permite o escoamento do trânsito de uma forma rápida e de fraca sinistralidade derivado às suas duas faixas de rodagem em cada sentido, permitindo ultrapassagens

mais seguras. Logo esta medida devia ser revista pelo Governo, designada como uma medida de “austeridade” em benefício de Receitas para os Cofres do Estado, mas em contrapartida na diminuição da Receita Económica, afectando toda a Economia do país. As rotundas por exemplo ajudam no escoamento do trânsito em comparação com os cruzamentos, por exemplo quando não existe um sinal de Stop num cruzamento é aplicada a regra da direita; isso acaba por atrapalhar a circulação e gerando confusão. Os cruzamentos sem semáforos na minha opinião deveriam ser todos abolidos, só prejudicam a circulação do trânsito. Um exemplo que posso constatar como uma cidade desenvolvida nesse sentido é a cidade de Loulé, de acessos fáceis de entrada e saída da Cidade, com várias variantes alternativas, todas com rotundas.

O ELEMENTO

Cada pessoa é diferente, cada um de nós é único possuindo características específicas e com um código genético que herdamos dos nossos progenitores. Essas diferenças são verificadas pelo nosso ADN. Falando de ATOMOS e MOLÉCULAS o que li e deparei foi que o átomo é o constituinte básico da matéria. Por isso posso concluir que sem matéria o que existe é vácuo, ou seja, sem átomos nós não existiríamos. A importância de se conhecer a sua estrutura reside no facto de se poder fazer experimentações sobre o mesmo e as consequentes previsões sua natureza.

Dai sem os mesmos não seríamos humanos, não teríamos uma língua para nos expressarmos, não haveriam culturas, ou seja resumindo o átomo, a molécula, a célula, o tecido, o órgão, o organismo provem de uma pessoas onde se desencadeia a sociedade e a respectiva cultura. A Tecnologia foi um factor importante para estas descobertas, um exemplo no caso do ADN as impressões digitais de cada pessoa podem ser identificadas em qualquer parte do mundo através das novas tecnologias.

Falando de um caso pessoal e que as novas tecnologias tiveram um avanço notório foi na fertilidade in vitro, ou seja fora do corpo humano pode - se conceber uma fecundação, no meu caso não cheguei até ai, porque houve uma estimulação ovária sem sucesso e não dei continuidade ao processo por ser demasiado desgastante fisicamente e emocionalmente. Ou seja a importância e a capacidade tecnológica de identificar uma infertilidade, e designar o tratamento indicado no avanço para a fertilidade possível para cada caso específico. Passo a explicar como se desencadeia por exemplo a Fertilização in Vitro designado também pelo nome de (FIV), que foi

uma das técnicas que acompanhei de perto e que melhor sei explicar. designado também pelo nome de (FIV)

Site: <http://demaeparamae.pt>

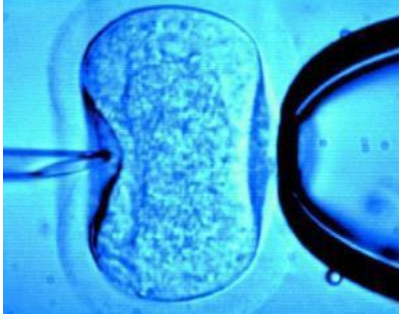


Imagem de uma fertilização in Vitro: A introdução com uma pequena agulha de espermatozoides num óvulo desenvolvido sob estimulação ovária.

“Este método implica que a fertilização seja feita fora do corpo: o óvulo é fecundado pelo espermatozóide numa espécie de pequeno recipiente de vidro (de nome proveta), num ambiente controlado; sendo esta considerada uma técnica de reprodução assistida. Esta técnica é realizada em ambiente laboratorial colocando in vitro um número significativo de espermatozoides à volta de cada ovócito, procurando desta forma obter embriões de qualidade a transferir posteriormente para a cavidade uterina.

O primeiro bebé “feito” desta forma nasceu em 1978 na Grã-Bretanha, sendo considerado o primeiro “bebé proveta” do mundo. Antes de se dar seguimento a uma fertilização in vitro têm que se fazer uma série de exames físicos, para se poder dar continuidade ao tratamento e ai aprovado passar-se-á ao passo seguinte:

Inicialmente será necessário tomar medicamentos que suprimam a actividade dos ovários, é habitual inalar um spray de hormonas durante cerca de 21 dias. De seguida tomará uma série de injeções que irão estimular os ovários, que levará à produção de mais óvulos. O processo é controlado por análises sanguíneas e por ecografias”.

Ou seja resumindo os óvulos depois de estimulados serão retirados em tamanho considerável, para serem fecundados em ambiente próprio tecnológico por os espermatozoides também recorridos e armazenados em recipientes próprios a altas temperaturas negativas. Em Portugal já existem alguns organismos públicos a desenvolver esta matéria, com alta tecnologia, e bons técnicos profissionais, um exemplo é a Maternidade Alfredo da Costa que frequentei e que acompanhei de muito perto.

Reflexão Final

O Processo RVCC não foi difícil, mas também não foi fácil, não senti dificuldades em transcrever o meu percurso pessoal e profissional. Acabou por ser gratificante relembrar algumas fases da minha vida ao descreve-las, assim como pesquisar sobre vários temas e aprofunda-los dando-me também conhecimento. No entanto acho que houve temas que ao serem pedidos descrever como situações de exemplo, acabou por de ir de encontro a fases menos boas no meu percurso de vida. A Área de Comunicação e Tecnologia por exemplo, também achei que foi pedida de forma muito repetitiva. Agradeço a Associação In Loco esta oportunidade de reconhecimento das minhas competências do meu percurso de vida até aqui. Agradeço à Equipa também, e em especial minha orientadora Luísa, que teve sempre uma atitude de persistência, de força, dedicação e entusiasmo na forma como conduziu e me orientou no meu trabalho.

Helena

Autobiografia do Sujeito 4

Olá o meu nome é Mário, nasci em 1970 na Venezuela e por lá estive até aos meus dezasseis anos. Sou o segundo de três filhos, dois anos antes, em 1968, no mesmo dia em que eu nasci, 21 de Novembro, nascia o meu irmão e cinco anos depois a 12 de Novembro, nasceu a minha irmã. Nascemos todos em Los Teques (http://es.wikipedia.org/wiki/Los_Teques), cidade situada a 27 km de Caracas, capital da Venezuela e foi nessa cidade que tudo começou.

O meu pai trabalhador da construção civil emigrou para a Venezuela à procura de um futuro melhor para ele e para a sua família, a minha mãe acompanhou-o e além de cuidar de nós, tarefa que não devia ser nada fácil com três filhos com idades tão próximas uns dos outros, dedicava-se também à pintura e a trabalhos manuais. A situação económica de Venezuela era de facto superior à de toda a Europa inclusive a de Portugal, foi a grande mudança a definir pelos meus pais, a tomar a decisão de emigrar economicamente para a grande capital de Venezuela, Caracas. O poder político era na época de facto com alguma democracia e aqui em Portugal existia uma ditadura impressionante havendo falta de trabalho, habitação, alimentação e recursos para sobreviver, havia em Portugal uma grave situação de crise, isto nas décadas de 1950/60/70, em pleno século do século XX a pobreza era extrema. Havia falta de luz eléctrica em algumas zonas do país, água canalizada, não havia transportes nem automóveis para circular entre terras e só algumas pessoas conseguiam-no fazer e até se destacavam, pela sua riqueza e outros nem por isso, e para haver uma mudança a única solução era mesmo emigrar para países tais como Venezuela, Estados Unidos da América, Canadá, França, entre outros.

A nossa alimentação actual é uma alimentação mediterrânica e saudável. Quando chegámos à Venezuela o maior problema era de facto o clima, temperaturas entre os 40/45 graus de calor e a alimentação era de facto contrária à dos nossos costumes, hoje e actualmente Portugal evoluiu suficientemente havendo modernizado e tendo criado outro estilo de vida, em que já de facto contraria o passado recente. Actualmente Portugal recebe imigrantes dos Países do Leste da Europa tais como Polónia, Roménia, Bulgária, Ucrânia, Marrocos entre um número grande de emigrantes da América do Sul como tal aconteceu aos meus pais. Existem grandes comunidades de brasileiros, romenos, ucranianos entre outros que residem em Portugal e que procuram melhorar o

seu estilo de vida arranjando principalmente trabalho, e vivendo entre as dificuldades que actualmente se deparam, nada comparativamente com as que os meus pais tiveram há muitos anos atrás. Estas comunidades aqui referidas são muito bem organizadas e comportam-se muito bem entre nós, são na maioria trabalhadores que numa primeira fase ficam por cá sozinhos e depois acabam por trazer a mulher e filhos para os integrarem na sociedade portuguesa, sem qualquer tabu sobre religiões nem raças o que já de facto somos bastante bons em ajudá-los numa primeira fase de adaptação à nossa língua pois eles têm facilidade em aprender.

Por alguns outros aspectos existem imigrantes por motivos políticos, tendo tido problemas no seu país de origem, obrigam-nos a voltarem-se de costas ao país onde sempre viveram e por motivos de segurança, optam por vir para Portugal e pela segurança procuram cuidar e proteger os seus familiares e filhos, pois num país em conflito, onde por exemplo a guerra é um gravíssimo problema, como em Angola e alguns países da Europa do Leste e Balcãs, tentam refugiar-se para evitarem envolverem-se na guerra devido a problemas socioeconómicos e políticos. Portugal nunca esteve envolvido em guerras desde a Primeira Guerra Mundial e sempre evitou envolver-se em qualquer conflito e isso ajuda a oferecer algo de positivo na integração de qualquer cidadão de outro país, que resolva criar uma nova vida e poder se integrar numa sociedade simples sem graves problemas.

As pessoas migram por vários motivos. Existem pessoas que decidem mudar de país por motivos económicos. Algumas pessoas que de facto eu tenho conhecimento, terão sido motivados a emigrar dos seus países porque na maioria não encontravam trabalho. E economicamente nesses países existem muitos desempregados, o que torna a vida de milhares de famílias difícil, e por isso decidem investir numa alternativa concreta de realizarem uma substancial melhoria económica para conseguirem uma qualidade de vida mais saudável e mais abrangente para com os filhos. A adaptação a Portugal é fácil desde que se preparem por alguns tempos antes de imigrarem, adaptar-se a arranjar trabalho e um lugar para dormir, desde logo surge a sua adaptação a nossa sociedade, falo por exemplo nos brasileiros que não terão tanta dificuldade na língua oficial e na sua adaptação aos hábitos alimentícios, e são um povo mais ou menos acessível para se integrarem na sua área de profissão. Sim, a maioria de brasileiros e pessoas estrangeiras dos países do leste são licenciados em muitas áreas, tais como as de construção, restauração e turismo, devido ao investimento exterior. A exemplo de quais, eu conheço

os cidadãos brasileiros que exercem na sua maioria, na área de estomatologia e alguns médicos e profissionais do sector da moda e cabeleireiros. Contudo as suas motivações de permanecerem aqui os brasileiros que vieram para cá trabalhar, alguns acabam por voltar aos seus países de origem e com mais recursos económicos, para se reunirem com os seus familiares, outros acabam por trazer a sua família completa para cá: avós, pai, irmãos, etc.

A Europa neste momento no contexto económico e social, atravessa muitas dificuldades económicas e sociais, podendo por vezes não permitir com facilidade a permanência de brasileiros na zona Euro, porque devido a problemas político financeiros que deixam por terra alguns objectivos de se deslocarem para já para os seus lugares nativos e as suas cidades natais e aos seus respectivos países. Existem pessoas que migram por motivos políticos, e no nosso país tivemos esses exemplos, quando antes do 25 de Abril havia algumas personalidades que eram perseguidas e presas pelos seus ideias de esquerda, tendo por isso procurado outros países para se esconderem e ter uma vida mais liberal, tal como a França e o reino Unido. E existem também pessoas que migram por motivos culturais ou religiosos, tal como no caso da época da Segunda Guerra Mundial, em que houve uma perseguição maciça contra a comunidade judaica, que fez com milhares apenas conseguiram escapar tendo fugido e sobrevivido ao holocausto noutros países. A cultura que nos influenciou sempre desde que os meus pais chegaram à Venezuela sempre foi a portuguesa, a comida principalmente, os compromissos religiosos e a maneira de socializar e a educação. Na Venezuela existem grandes costumes alimentares demasiados ricos em frutas, tais como a manga e papaia, e grandes especialidades como as carnes o que realmente são extraordinárias, as arepas derivados do milho, e empanadas que são muito ricas em vitaminas, para este povo se destacar na sua base de alimentação diária e comendo com grande à vontade nos jardins, entre o trabalho e ao apanhar os transportes públicos. Este povo da Venezuela se alimenta à base de pouca mas boa comida e em pequenas quantidades por dia. A cultura venezuelana é muito rica, várias salas de Teatro, Cinema, Concertos de Música Tradicional (Folklore Nacional), Danças como Salsa e Merengue, instrumentos musicais como a Harpa, Quatro “Cavaquinho”, Maracas, Grupos folclóricos, típicos das várias regiões de Venezuela.

Quanto à religião, sua maioria é católica e existindo outras religiões como os protestantes e há aqueles que nem têm nenhuma religião, supostamente nós íamos ao

domingo tal como aqui em Portugal, fazemos o nosso dever de reflectir junto da religião por nós praticada, igualmente lá na Venezuela o fazíamos. Existem no interior de Venezuela como na verdadeira Amazónia os Índios de que são na sua maioria indígenas, vivem e cultivam, fazem para sobreviver não se misturando com o resto do povo venezuelano, mas sempre é de salientar que são bastante bem organizados mantendo uma cultura e a suas casas impecáveis e longe das sociedades modernas. A nossa vida também sofreu mudanças e que se devem à adaptação desde logo bem diferente ao que havia em Portugal. Quando chegaram os meus pais a Venezuela, compraram após vários anos de trabalho e de muito suor, aquilo que nunca numa vida inteira podiam comprar: um habitat ou uma casa ou mesmo um chamado lar, para poder ter e educar os filhos e criar uma vida, a Venezuela conseguiu dar-nos a oportunidade de ter um apartamento de três assoalhadas, cozinha, uma casa de banho e uma janela para o exterior, tenho-vos que dizer que para entrar em casa tínhamos protecção em relação aos ladrões. Duas portas de grades exteriores com quatro chaves, e uma com duplo fecho para abrir as portas e o alarme, logo na entrada do prédio e na entrada para a garagem mais portas, era um inferno, enfim, seria sempre assim devido à insegurança e muita pobreza que predomina naquela cidade e na Venezuela em geral.

Em mim, ter vivido na Venezuela, fez com que mudasse tanto os meus comportamentos sociais, morais e dei continuidade ao meu crescimento como homem, vivendo num país subdesenvolvido como a Venezuela aprendi a valorizar a vida e a relação humana. O meu comportamento solidário cresceu já aqui em Portugal aprendendo junto da sociedade portuguesa e ajudando, ao mesmo tempo, a minha adaptação até dar o passo para aprender melhor a língua, a religião e a introdução na cultura social. Desenvolvi competências e troquei experiências com os meus amigos nos tempos livres e na escola, aprendendo até a idade adulta algo de importante: o respeito, a sua cultura, e religião. Já na Venezuela havia muita desigualdade social e não partilhávamos tanto como cá e socializávamos com muitas pessoas pelos motivos sobejamente conhecidos, como a insegurança, roubos, assaltos e a adaptação climática, que é significativa.

O meu conforto pessoal era muito bom desde aos electrodomésticos que lá havia, a máquina de lavar roupa, frigorífico, as camas para criança, o duche, entre os espaços e água canalizada, o que em Portugal e onde os meus pais viviam nada disto existia, eles sempre contavam que nem nas estradas havia alcatrão para os carros poderem circular, ou seja, havia uma grande falta de condições e de pequenas formas de evolução

importantes para a circulação automóvel. As formas de pavimentos em Portugal ao contrário às da Venezuela, nada pareciam ser reais, pois cá em Portugal nem sequer havia alcatrão nem estradas para os automóveis poderem circular e na Venezuela de facto eram deslumbrantes, o significado de usarem as auto-estradas, vias rápidas, semáforos, policiamento... E o desenvolvimento contínuo da Venezuela não parava, Portugal ao contrário de Venezuela era promissor mas longe de ser uma dita realidade, só passados alguns anos isso veio a acontecer, é disso que eu sempre reparei ainda quando cá cheguei, um grande atraso em infra-estruturas e falta de escolas e de autocarros escolares, ensino, entre hospitais e outras coisas o que certamente vieram a melhorar com os anos em que a emigração portuguesa regressou para Portugal, de novo já com algum dinheiro no bolso e de apoios em que Portugal depois veio estabelecer com a comunidade europeia, mas garanto-vos que sem o regresso dos emigrantes seria mais difícil este Portugal ser o que se iria tornar: um Portugal mais moderno com condições de sustentar uma sociedade trabalhadora e organizada, sem tais apoios exteriores.

Quando fui para a escola pela primeira vez tinha 5 anos, o colégio chamava-se Los Caciques e era um colégio privado luso venezuelano só com crianças do sexo masculino, foi aí que iniciei a minha vida escolar e ali permaneci até a 4ª classe, foi aí também que fiz os meus primeiros amigos. E foi onde comecei a adquirir competências na linguagem e comunicação, a fazer os meus trabalhos em duas línguas, a castelhana e o português e levava os trabalhos para ter a ajuda dos meus pais.

Nesse colégio, além das aulas em castelhano também tínhamos aulas em português, e foi com muito orgulho que apesar de estar longe aprendi a história de Portugal bem como o nosso Hino Nacional, ainda me lembro da minha primeira professora, era portuguesa e directora do colégio, chamava-se D. Adélia, todos os dias eu e o meu irmão acordávamos às seis da manhã, tomávamos o pequeno-almoço e logo entrávamos na carrinha de trabalho do meu pai, uma Dodge, cor verde alface e lá íamos para a escola.

Os sábados e domingos eram para estar com a família e os amigos, tínhamos muitos amigos, andávamos de bicicleta, jogávamos basebol e íamos muitas vezes ao cinema, o problema é que havia muita insegurança nas ruas, um grande contraste à beleza daquele país. Tínhamos que estar sempre atentos e ter muito cuidado, havia muitos roubos e as

ruas não eram seguras, era complicado sair de noite. Talvez fosse esse um dos motivos principais que levaram os meus pais a mais tarde regressar a Portugal.

Praia é que nem pensar, apesar de as haver e bem bonitas a mais próxima ficava a 180 km de distância da minha cidade, era uma distância muito grande e por isso fomos poucas vezes. Tenho muitas boas recordações desses tempos, por exemplo, recordo as tardes bem passadas com a minha mãe e os meus irmãos a fazer desenhos, recortes de papel e trabalhos em plasticina. A nossa mãe ensinou-nos a fazer muitas coisas bonitas e todos nós tínhamos bastante jeito para as artes. Nessas tardes que partilhávamos com os nossos amigos, aprendi a dar valor a amizade e a ajudar ao próximo pois acompanhávamos à minha mãe nas suas actividades de voluntariado junto de missões da igreja da comunidade portuguesa e as lembro com muito carinho.

Hoje em dia ainda mantenho essa postura de tentar sempre ajudar o próximo como por exemplo sou voluntário de uma organização chamada Cruz Vermelha Portuguesa na qual sou voluntário há 23 anos e faço parte da área de apoio social e de emergência e sou motorista de longo curso. Sou feliz em participar em provas organizadas pela Cruz Vermelha, tais como futebol, a ir aos encontros de apoio social, como levar comida a pessoas com dificuldades, num simples vestir e ajudá-los na sua alimentação, como também na área da emergência na qual me emociono e onde me sobe alguma adrenalina. Adoro o que faço realmente, e até que eu o possa fazer irei sempre pertencer a esta organização na minha cidade.

Irei contar um episódio no qual eu demonstro como estou sempre pronto a ajudar: ao sair da sala de estudo do meu RVCC, ao sair vi uma ambulância a entrar na rua em emergência e que na qual, voluntariamente, fui verificar e dar o meu total apoio aos meus colegas para intervir no acidente, de um senhor que tinha caído de um andaime de onde ele estava a pintar e caiu desamparadamente de uma altura considerável, em que o senhor foi imobilizado por mim e ajudei-o no suporte básico de vida e ao referido transporte até a ambulância.

Também ajudo como secretário de um clube de pesca também na minha localidade e faço parte da direcção na qual até se chama Clube dos Amigos da Pesca uma associação sem fins lucrativos que está ajudando a actividade da pesca desportiva e a alguns projectos como ajudar em ajudar em limpezas nas praias e fazer a sua actividade de lazer ajudando a pessoas idosas a estarem no seu permanente estado de actividades sociais e desportivas na zona de residência.

Da Venezuela recordo também com saudade das nossas festas e convívio com os amigos, os nossos jogos de bola, enfim, tempos de criança. O meu pai trabalhava muito para nos poder dar uma boa vida e nem sempre nos podia acompanhar, mas sempre nos mandava ir. Amei de facto toda a minha adolescência e a amizade conquistada entre os meus amigos, colegas de escola, e vizinhos são de facto bastante de nunca os esquecer por tanta partilha e amizade realizada entre nós. Aprendi a ser humilde, a criar compaixão pelo próximo, respeitar e socializar entre todas as pessoas que conheci.

Após ter concluído a escola primária, no ano de 1980, fui com o meu irmão para um colégio particular, o Colégio Santo Domingo Sávio que fica na periferia de Los Teques, as actividades redobram e as responsabilidades escolares também, mas lá fomos seguindo o nosso percurso. Aprendi algumas actividades referentes à história e língua estrangeira. Ainda me recordo que a inscrição naquele colégio era de 1500 bolívares, naquele tempo era muito dinheiro, perto dos 600 euros na nossa moeda actual, o meu pai dizia-nos sempre para aproveitarmos a oportunidade de estudar num bom colégio e para aprendermos com sucesso tudo o que estava ao nosso alcance, pois ele não teve oportunidade de estudar, começou muito cedo a trabalhar e tinha gosto de nos proporcionar tudo de bom para as nossas vidas, ele trabalhava muito para nos poder dar de tudo. Gostei de estudar na Venezuela (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Venezuela>), aprendi com gosto a sua história, como nasceu e quem daria a vida por ela... Simon Bolívar o homem que lutou em grandes batalhas para criar um país lindo como é o país onde nasci. Antes de terminar o ensino preparatório já estávamos a fazer as malas para vir de vez para Portugal, quando cá chegamos já estava tudo preparado uma nova casa, novos móveis, novos quartos, enfim, tudo para iniciarmos uma nova etapa da nossa vida, chegamos numa altura excelente, no mês de Julho de um verão quente e ficámos numa casa em Quarteira em frente à praia enfim, um paraíso e nesse verão passei o melhor tempo da minha vida.

Mas logo vieram os problemas, quando voltei aos estudos fiquei muito decepcionado com a equivalência que foi dada, tantos sacrifícios para nada, foi uma decepção, voltei para a escola primária, retrocedi para a 3ª classe, foram tempos difíceis, nova escola, novos colegas e professores mas o mais difícil foi os meus colegas serem muito mais novos do que eu e foi com bastante dificuldade que consegui integrar-me na escola, facto que contribuiu muito para o meu fraco sucesso escolar.

As alternativas não eram muitas e cada vez mais fui perdendo o gosto de estudar, consegui chegar à escola preparatória mas aí continuou o insucesso, como já tinha uma idade superior aquela que é habitual fui colocado numa turma de repetentes, com alunos repetentes já há vários anos, enfim uma turma bastante complicada, bastante indisciplinada, o que me fez também alterar um pouco do meu comportamento escolar, foi muito mau esse tempo, as companhias não eram as melhores, e acabei por repetir o primeiro ano do ensino preparatório. As coisas foram sempre piorando, e no ano seguinte acabei por chumbar por faltas.

O meu irmão foi conseguindo superar as dificuldades e foi passando de ano até que chegou ao ensino secundário, mas nem isso me deu força nem vontade de prosseguir com os meus estudos. No ano seguinte a história repete-se, vontade de estudar pouca ou nenhuma, só tinha muito interesse por actividades desportivas e tenho que admitir que nada fiz para evitar mais um ano de insucesso escolar. A minha integração em vir a estudar e poder subir na vida e reconhecer o nível escolar que me foi negado quando cheguei da Venezuela foi um momento de tristeza, já era aluno do preparatório e quando cá cheguei colocaram-me na terceira classe com 13 anos.

Acabei por desistir de estudar pois no ano seguinte já não tinha idade para continuar no ensino diurno e apesar da tristeza dos meus pais a decisão estava tomada, quando somos novos não sabemos dar valor a oportunidades que temos e as deixamos fugir, agora já com outra maturidade é que tenho noção do que poderia ter feito, saí da escola com o 5º ano incompleto e pensei em começar a trabalhar. O meu 1º emprego foi numa sucata de carros, o ordenado era muito pequeno, ainda me lembro, oito mil escudos por mês, fui procurando outras oportunidades de emprego mas nada aparecia, até que me inscrevi num curso de nadador salvador e obtive o meu diploma com sucesso pois conclui com aproveitamento, adquiri competências na área de socorrismo. Nesse Verão aceitei trabalho na praia de Faro, contactei com o público para informar as normas de segurança e procedimentos, prevenção nas praias e regras de boa conduta nas praias, tive a oportunidade de fazer várias actuações de salvamento com sucesso e de me agradecerem pelos mesmos e fazer uma grande amizade com um senhor que num momento desagradável o salvei de se afogar e reconhecimento de todos que ajudei em momentos menos bons fiz com que eles respeitassem e perguntar ao nadador salvador se o mar está bom para o banho e aí sim, eu até por vezes acompanhava os mais indecisos e crianças deficientes na sua ida à água. Gostei imenso de ser nadador-

salvador, durante quase quinze anos tive muitos dias de que servi e ajudei a cumprirmos as regras de bom comportamento e respeitarmos os sinais de aviso, e de ajudar sempre as pessoas a sentirem-se seguras na praia tentei sempre ajudar, como já referi, inclusive aos deficientes, levá-los até ao seu mero banho na água salgada e brincar fora da cadeira de rodas e de fazer uma pequena brincadeira com a areia e junto do mar. Gostei muito deste trabalho, porque posso ajudar as pessoas a prevenir acidentes e inclusive salvar uma vida e ainda ganhava alguma coisa melhor a nível salarial.

Durante o dia fazia o trabalho de nadador salvador e ao fim da tarde ia para um restaurante em Quarteira trabalhar como empregado de mesas, como eu sei falar inglês, dava um jeito em restauração como não tinha que ter formação fui lá ficando até ir para a tropa.

Agora só me faltava dar esse passo porque eu, para ter a nacionalidade portuguesa, teria que ir prestar serviço militar obrigatório, afim de poder adquirir o bilhete de identidade português e deixar o bilhete de identidade de imigrante. Fui colocado em Setúbal, batalhão de serviço de saúde no Palácio de Brancanes terceiro turno de 1991, nesse ano choveu muito e fazia muito frio, estive lá nove meses e adquiri formação na área de saúde, área de socorrismo, mas como eu não esperava seguir carreira na Guarda Nacional Republicana (GNR) ou na Polícia de Segurança Pública (PSP) não quis continuar uma carreira militar e voltei para casa.

Quando regresssei o meu pai ofereceu-me trabalho e eu aceitei, construção civil, aí vou eu! O meu pai estava a construir a nossa casa, no Semino, que é onde eles vivem actualmente, numa quinta muito bonita que se chama Luso/Venezuelana e também estava a construir um prédio na baixa de Faro e eu lá fui fazendo o serviço de servente, um balde de massa aqui, outro ali... Ao mesmo tempo ia tirando um curso na Cruz Vermelha Portuguesa, na Unidade de Socorro como socorrista. Gostei do curso, aproveitei tudo o que me deram, uma formação e um trabalho e por lá fiquei até ao presente momento. Tenho um episódio caricato de ver nascer dentro da minha ambulância uma criança e o meu colega vir gritando “Mário ele já cá está!” isto aos gritos e vinha em velocidade para o Hospital e quando lá cheguei era um lindo rapaz de olhos abertos e ajudado depois por mim, foi um momento bonito e não sujamos a nossa ambulância só uns cobertores, sim eu não ajudei mas fazia parte da equipe.

Entretanto as saudades da terra onde nasci apertaram e resolvi ir até à Venezuela, fiquei por lá dois meses e enquanto isso, resolvi tirar a carta de condução, mas quando cá

cheguei houve problemas, não validavam a minha carta aqui em Portugal, depois de várias tentativas de chegar a um acordo com a Direcção Geral de Viação (DGV) a conselho da directora na altura a D. Gertrudes o melhor era fazer novamente os exames, o bom disto tudo é que não era necessário pagar nada, só tive de me sujeitar a fazer exames o dia inteiro, foi a própria directora que me examinou, da parte da manhã foram umas horas em exames teóricos orais, da parte da tarde o exame de condução que ocuparam também umas boas horas. Foi um pouco duro, tive de me sujeitar a fazer exames todo o dia e passei que foi o importante. Na altura não se usavam computadores como é actualmente, mas eu já fiz exame por um processo computadorizado e de um programa da Direcção Geral de Viação em experimentação. Mas já sabia usar o Word e o Powerpoint, e até mesmo o Excel, visto que já era uma ferramenta muito boa. Hoje já tenho as variadíssimas cartas desde de condução de automóveis, veículos pesados, motociclos, e de náuticas de recreio tais como marinheiro, patrão local, e a de patrão de costa em que já usei também o Word, o Excel, e o Powerpoint para ler cartas marítimas digitalizadas nas cartas obtidas como a de patrão de costa (comandante de barcos de recreio). A partir dessa altura tive uma vida melhor pois abriram-se novas portas, com a carta de condução pude arranjar emprego numa Rent-a-Car perto do Aeroporto Internacional de Faro, como recepcionista da Auto Jardim, fiz uma época de seis meses e gostei, mas como era só trabalho de Verão pronto fui para o fundo de desemprego, rapidamente pensei em sair da situação de desemprego e fui trabalhar na Cruz Vermelha como motorista de ambulâncias. O trabalho que fazia na Rent-a-Car deu-me oportunidade de aprender muitas coisas tais como: contacto com clientes estrangeiros, e falar línguas estrangeiras pois neste sector todos os colaboradores deverão saber pelo menos uma língua estrangeira para executar as reservas e poder comunicar com o cliente, foi um emprego que gostei, pois gosto de trabalhar na área do turismo, mas só tinha trabalho de Verão, tal como acontece ainda nos dias de hoje no Algarve, no Inverno muito pessoal é despedido e volta a ser contratado no próximo Verão.

Fui continuando a prestar os meus serviços na Cruz Vermelha, mas como também gosto da aventura e por querer uma vida melhor, esse gosto fez-me ir até aos Estados Unidos da América, juntei o que tinha e lá embarquei numa companhia charter no navio o Apollo Chips Chandler, Incorporation como busboy, ou seja, empregado de mesa e de cozinha. Aqui utilizava a língua estrangeira, o inglês mais uma vez como uma língua prioritária e o espanhol, visto que em Miami 90% por cento da sua população é de

países da América do Sul tal como Porto Rico, Cuba, México e o espanhol ou dito castelhano eu já o dominava bastante bem, mas para obter um emprego ou poder falar ou até mesmo escrever ao cliente do que necessitava era do inglês, era uma prioridade e graças à minha preocupação em aprender cá no Algarve e junto da escola, já era um bom começo e já me desenrascava e era a ferramenta de trabalho principal e importante. Foram dias duros, cheguei a trabalhar 18 horas seguidas e o salário não compensava, ganhávamos sobre as gorjetas que recebíamos, ou seja, dependia muito da generosidade dos clientes, quando regresssei vinha cansado mas valeu pelo que aprendi e fica sempre a experiência.

Depois fui trabalhar para o Hospital Distrital de Faro, acabei o curso de auxiliar de acção médica que gostei muito, mas só lá estive dois meses porque pagavam uma miséria e não me deram nenhum certificado ou diploma do curso, por esse motivo voltei para o meu anterior trabalho na Cruz Vermelha...Entretanto e em simultâneo, realizei um sonho, sempre gostei de barcos, fui tirando cartas marítimas até chegar até Patrão de Costa, ou seja, Comandante de barcos de recreio, ao mesmo tempo ia fazendo uns biscates, uns trabalhos na Cruz Vermelha, outros na manutenção de barcos e o gosto de navegar sempre presente. Fui também fazendo desporto, natação e também fiz Culturismo, participei em várias competições e recebi várias medalhas e vários títulos nacionais entre eles o 2º lugar Mister Portugal em Culturismo. Nas BMX eram circuitos tais como o MotoCross, havia a modalidade em bicicletas preparadas para poderem saltar e fazer corridas em circuitos fechados tais como lhe chamávamos pistas o que já esta modalidade estaria em crescimento devido ao aparecimento do filme muito conhecido E.T. Em Faro tínhamos uma pista Municipal onde já se denotavam muitos participantes adquiríamos revistas para poder entender tais acrobacias em francês e inglês e partilhávamos a mesma informação com os nossos colegas de equipe, mantínhamos uma refeição bastante equilibrada, as idas ao ginásio e a natação ajudavam-nos a ter muita resistência e a uma escala mundial foi um desporto Rei no meio dos Jovens .

O culturismo entrou na minha vida pela causa efeito preparando fisicamente e depois houve resultados dias significativos e muitas coisas positivas para o meu dia a dia. Após cinco anos de preparação e de uma saudável alimentação e descanso fui tendo algumas alegrias obtendo variadíssimos lugares em destaque e prémios durante toda a minha vida. Hoje faço musculação, e mantenho-me em forma para estar bem inclusive com a

alimentação regular evitando as gorduras e outras coisas de baixa qualidade nutritiva, tais como os fritos que foram banidos, voltei a beber o leite com mais regularidade e comer mais fruta. Actualmente posso estar a respeitar os meus hábitos alimentares e dando a tudo o descanso merecido ao meu organismo. Fazer desporto hoje para mim necessito estar a contrariar o sedentarismo e a boa prática física leva a estar pronto para trabalhar e evitando algumas doenças e melhorando ou mantendo o meu organismo, mais saudável. Mantenho-me bastante informado através da internet e de algumas consultas médicas que faço regularmente. Quando faço análises a própria médica me manda os resultados por e-mail, bem como os cuidados que tenho que ter para me manter saudável. As visitas regulares de apoio à saúde no trabalho pela médica que eu tenho no meu serviço. O serviço de saúde ocupacional ajuda-me a estar bastante informado. E frequentemente visito algumas especialidades, como por exemplo a oftalmologia quando sinto a vista cansada.

O meu último problema de saúde foi em relação aos dentes, e sobre esse assunto informei-me junto do meu médico dentista e através de sites de implantologia que consultei na internet. Estas pesquisas ajudaram-me muito a ficar informado sobre como serão feitos os implantes dentários que preciso fazer.

Actualmente a alimentação é mais saudável do que no passado. Durante algumas décadas, derivado a falta de algum tipo de alimentos e de não haver formas de cultivar havia algumas faltas de sementes e outros como a farinha cereais os mais nutritivos por exemplo, hoje em dia esse tipo de falta melhorou e a saúde também. Hoje em pleno século 21 aumentou a população e é de facto um gravíssimo problema. A falta de higiene e de a normal alimentação criou um aumento de mortalidade à nascença em algumas zonas remotas e até de alguns países conhecidos tais como Angola e países africanos num global tiveram grandes deficiências no cuidado a falta de alimentos e de higienização a falta de água potável também ajudou a manter este tipo de problemas a nível da saúde. A falta de saúde começou a invadir várias populações e daí veio as doenças como a malária a propagação do mosquito o Dengue entre outros. Doenças de pele pela má nutrição. Hoje é de sublinhar que na área da saúde comparativamente ao passado melhorou da noite para o dia com modernos hospitais, centros de saúde nas grandes cidades e havendo um grande investimento na medicina. Hoje as populações sentem-se mais vigiadas devido ao facto de haver a alimentação adequada e o maior cuidado que em tempos não houve eu preocupo-me sim com a minha alimentação

evitando as coisas menos alimentícias tais como gorduras e fritos e os amanteigados. A minha alimentação baseia-se em comer legumes frescos, carne e peixe e algumas peças de fruta e também Cereais. Hoje há perto de algumas cidades o cuidado de haver farmácias um Centro de Saúde e um Hospital o que ajuda a melhorar e controlar as variadas doenças junto das populações. Existe melhor qualidade de vida para o ser humano hoje do que no passado recente ainda bem para o nosso maior cuidado de permanecer saudáveis por mais tempo possível. Existe a energia hoje como muito principal nas nossas actividades a electricidade apesar de ser cara algumas pessoas não a têm... E o mais grave utiliza ainda velas e outros tipos e até usam lenha para se aquecerem isto fora das grandes cidades, povoações etc. A electricidade dá-nos a melhor gestão de luminosidade e asseguram a tarefa de alguns aparelhos electrodomésticos, na habitação desde a maquina de lavar loiça até a maquina de lavar roupa, os micro-ondas aparelhos de bricolage os emparafussadores chamados de berbequim, varinhas para mistura de certos ingredientes que ajudam no dia –a dia ,secadores de cabelo bem eu como gosto de ver televisão eu pessoalmente decidi, substituir algumas lâmpadas de grande consumo mudei-as para as de baixo consumo para economizar a electricidade, e utilizo menos as maquinas que referi semanalmente prefiro ,guardar mais quantidade de roupa para lavar por exemplo ,do que só vez ,e mudei o contador bio horário assim faço menos consumo visto estar por vezes só a noite disponível para utilizar certos aparelhos lavar uma ou duas peças de roupa o que custa mais caro faze-lo assim já não o faço . Cozinho de uma vez só a minha comida para dois ou três dias e evito o consumo exagerado de água e electricidade. Evito encher a banheira tomando o famoso banho de emersão e sim fazendo a minha higiene com o chamado duche curto e muito mais económico. Utilizo pouco a tv só para ver noticias como vivo sozinho para mim é mais fácil aceitar uma politica de poupança maior e com mais rigor e já partilhei as minhas tarefas quando faço as manutenções com outras pessoas. Tais como canalizações, pinturas, ou mudanças de mobiliário daqui para outro lugar evitando lesões.

Tive vários empregos mas como não tinha a escolaridade completa não tinha muitas hipóteses e foi nessa altura que me apercebi o quanto faz falta ter habilitações, lá tomei outra decisão, inscrevi-me para prosseguir os estudos à noite, assim, no ano 2000 fui fazendo as unidades com bastante sucesso, estava decidido a tirar o nono ano, mas tive que sair do caminho do ensino porque precisava de ganhar e surgiu uma oportunidade

de ficar numa empresa ligada à aviação a Portway Handling de Portugal, S.A., no trabalho de operador de assistência em escala no aeroporto de Faro, concorri e consegui entrar em Março de 2001 e nessa nova etapa da minha vida, comecei a trabalhar, foi uma grande oportunidade consegui alcançar muitos objectivos familiares e pessoais.

Em 2002 conheci a minha companheira com a qual constitui família e em 20 de Outubro de 2003 nasceu a minha filha que agora presentemente tem 5 anos e é a coisa melhor da minha vida. Tirei a carta de veículos pesados, uma mais-valia para o serviço que presto no aeroporto. A vontade de continuar os estudos continuava, mas mais uma vez tinha de ser adiada, para fugir ao trabalho sazonal no Algarve fui para Aeroporto de Lisboa trabalhar na mesma empresa mas a tempo inteiro à procura de mais regalias. Foram tempos complicados longe da filha e da mulher, mas, mais uma vez consegui atingir os meus objectivos como ganhar experiência profissional e tirar uns cursos de actualização da minha área profissional, tais como utilizar loader, automatismos para aviões de carga, sistema elevatórios para uso de carga e contentores e paletes. Adquiri experiência num aeroporto mais movimentado que o de Faro a trabalhar com aviões de carga e foi muito bom para a minha carteira profissional.

Enquanto estive em Lisboa ganhei muita experiência, fiz muitos amigos, aprendi a trabalhar em equipa e muitas coisa úteis ao meu futuro, a parte pior era estar longe da família, só vinha a casa de 15 em 15 dias durante as folgas, as viagens eram cansativas, não acompanhava o crescimento da minha filha, passava horas a falar com a minha mulher e filha ao telemóvel e falávamos muito na Internet, matava assim as saudades via a família todos os dias na webcam!

Ao fim de 3 anos tornou-se complicado, já não conseguia mais estar longe de casa! De regresso a Faro estive parado uns meses até que novamente regresssei ao Aeroporto de Faro e neste momento estou novamente a trabalhar na mesma empresa, foi bom reencontrar os colegas e amigos. Neste momento continuo a trabalhar nesta empresa e a experiência que adquiri em Lisboa foi muito útil. Gosto bastante daquilo que faço, carregue e descarregue aviões, conduzo autocarros de transportes de passageiros, ajudo no serviço geral onde eu posso no geral correndo de um lado para o outro sem parar em horários rotativos mas é um local porreiro para trabalhar, resumindo gosto muito de trabalhar nesta área, e o salário é muito bom.

Eu comecei a trabalhar na aviação (handling) aos 29 anos de idade, onde ainda me encontro a trabalhar há já 9 anos e tenho adorado este trabalho, visto que sempre gostei muito de aviões. Ver o link da minha empresa; <http://www.portway.pt> . portway handling de Portugal SA , A **portway** opera em quatro aeroportos de Portugal: Lisboa, Porto, Faro e Funchal.



A equipa da portway é um todo e tem orgulho em formar uma empresa que espelha a decisão de construção e compromisso. Os nossos clientes conhecem e confiam na equipa **portway** e sabem que cada elemento se encontra disponível para responder a qualquer situação e exigência. Cada elemento foi cautelosamente seleccionado para cumprir com o profissionalismo e dedicação que caracteriza a **portway**. Nesta empresa em que trabalho actualmente (Portway) costumamos ter em atenção o meio ambiente. Esta é certificada a nível ambiental e rege-se pelas normas da série “NP EN ISSO 14000:2004, mais precisamente pela NP EN ISSO 14001:2004” (a Norma NP EN ISO 14001:2004 contém requisitos fundamentais para a aplicação, em toda a Organização, de princípios comprovados de Controlo, Gestão e de Melhoria Contínua). Esta norma obriga a empresa e todos os seus funcionários a serem mais responsáveis no que diz respeito ao ambiente, daí fazermos algumas reciclagens. Reciclagem ou separação de resíduos para posteriormente serem reciclados? Por exemplo, o papel que é utilizado para imprimir as escalas de serviço normalmente é reaproveitado para voltar a imprimir escalas novas no verso, por incentivo das chefias e só depois é que este vai para uma caixa de cartão, a qual também vai para o contentor de reciclagem depois de estar cheia. Este simples acto de nós guardarmos o papel já utilizado para reciclar vai contribuir para a preservação do meio ambiente, como por exemplo a qualidade do ar, visto que o papel vai ser reaproveitado através da reciclagem já não vai ser necessário abater tantas

árvores para produzir mais papel novo. Este processo vai também fazer com que haja mais postos de trabalho como por exemplo motoristas para fazer a recolha destes materiais, as pessoas que fazem a triagem e separação dos resíduos que chegam a estes centros de reciclagem e as pessoas que fazem a transformação destes materiais em novas matérias prontas a ir para o mercado para ser vendidas. Também tenho visto os meus chefes guardar os tinteiros das impressoras quando já estão vazios para posteriormente serem devolvidos no acto da aquisição de tinteiros novos para depois serem reciclados, sei também que nas oficinas da firma também se costuma reciclar os óleos já usados assim como outros resíduos. Estes procedimentos e formas de agir foram-me transmitidos através de uma acção formação com o nome “Sensibilização Ambiental Portway”, em que, entre outras coisas, me foi ensinado a interpretar e elaborar tabelas que serão utilizadas por outras pessoas para poderem identificar resíduos que se não fossem tratados poderiam vir a ser nocivos para o meio ambiente. A tabela seguinte explica quais são os formulários a preencher, que seguem junto dos resíduos a reciclar para as empresas que tratam desse processo (ver tabela 1 e anexo 5). Nesta acção de formação aprendi também como proceder em caso de haver algum derrame de matérias contaminantes no solo de forma a minimizar ou evitar a contaminação do solo e os lençóis de água subterrâneos. Para além destes resíduos há muitos outros que também podem ser reciclados. Existem também combustíveis que resultam da decomposição da matéria orgânica, como por exemplo o bio-gás, que pode ser utilizado como combustível e pode ser produzidos a partir de resíduos vegetais ou animais. (ver esquema 1 que retirei da Internet para poder exemplificar). Para tentar minimizar a poluição que se faz na empresa em que trabalho os responsáveis adoptaram a estratégia de plantar uma árvore por cada mil litros (1000L) de combustível gasto durante o ano perto dos aeroportos em que a empresa funciona.

Normas de segurança

A Higiene e Segurança no trabalho é uma matéria muito importante, quer para o trabalhador, quer para a empresa. Por um lado, permite proteger o trabalhador de eventuais acidentes, actuando na sua prevenção, e assim garante a sua saúde e bem estar. Isto é muito importante para que os trabalhadores possam estar satisfeitos e trabalhem em segurança, sozinhos e em equipa. Por outro lado, para a empresa estas regras são importantes pois ao protegerem os trabalhadores, estes vão contribuir para o sucesso no trabalho. Um trabalhador que sofre um acidente, não só sofre pelas consequências físicas, como também gera despesa à sua empresa,

pois vai ter que ser substituído, podem ocorrer possíveis alterações de horários e será necessário despende tempo e recursos no formar de alguém para o substituir.

No meu trabalho tenho que ter em atenção as normas de segurança que estão implementadas para protecção da minha própria saúde e dos outros, como por exemplo o uso de abafadores de ruído que me vão proteger os ouvidos dos elevados ruídos produzidos pelos aviões e não só, evitando assim que eu possa ter lesões a nível auditivo; o uso das botas de biqueira de aço que me protegem os pés no caso de me cair algo pesado em cima dos mesmos, as luvas de cabedal protegem-me as mãos enquanto manuseio as bagagens evitando assim que possa magoar as mãos em alguma anomalia que as malas possam ter (farpas); para que eu possa ser sempre bem visto enquanto trabalho tenho que usar um colete reflector e o uso da cinta de protecção lombar sempre que carregue bagagens para proteger as minhas costas de alguma lesão que possa aparecer devido ao esforço que é feito quando se carrega as bagagens, muitas das vezes em espaços reduzidos devido às dimensões dos compartimentos de bagagens dos aviões etc. que são de uso obrigatório (ver anexo 1). Para além de ter conhecimento sobre a localização dos extintores nas instalações e nas viaturas, também já fiz algumas formações sobre normas de segurança dentro das instalações aeroportuárias (ver anexo 2) para saber como agir e onde procurar ajuda em caso de incêndio.



Figura 2. Extintor no sector de trabalho

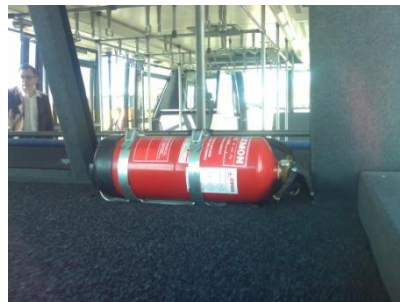


Figura 3. Extintor numa viatura

Para além destas normas sobre os equipamentos de protecção, também tenho regras a cumprir no que diz respeito ao fardamento (ver anexo 3). Como neste momento sou responsável pelos transportes já houve situações em que tive que chamar a atenção de alguns colegas meus para que cumprissem as normas, nomeadamente o uso do colete reflector e a questão da barba por fazer, mas em ambas as situações foram acatadas as minhas ordens sem grandes protestos e sem ter que usar grandes argumentos, bastando fazer uma chamada de atenção.

Entre outras coisas, existia uma regra que proibia o uso de anéis e como há muitos funcionários que são casados e outros simplesmente comprometidos e nestes casos é hábito o uso de aliança nós tivemos de “protestar” perante os chefes e quem de direito para que fosse criada uma excepção para o uso das alianças, e acabámos por conseguir fazer com que esse adorno passasse a ser autorizado, mantendo-se assim tudo o resto, como por exemplo a proibição do uso de brincos, pircing’s, tatuagens, etc.

Há várias áreas no aeroporto em que podemos encontrar informação relativa às normas de segurança que têm que ser cumpridas obrigatoriamente, como é o caso da sinalização que indicam a utilização obrigatória de botas de biqueira de aço e o uso de abafadores de ruído, entre outras coisas.

Eu já trabalhei numa outra empresa no aeroporto (Vadeca), a qual tinha um ramo laboral completamente diferente da empresa onde trabalho agora. A Vadeca era uma empresa de limpezas na qual eu tinha as funções de trabalhador de serviços gerais e poderia fazer um pouco de tudo, enquanto a Portway é uma empresa de handling e eu tenho as funções de OAE (operador de assistência em escala) e posso desempenhar várias funções desde manuseamento de viaturas até ao carregamento e transporte de bagagens. A organização destas duas empresas era um pouco parecida, em ambas tenho uns chefes directos que por sua vez também são chefiados por outros superiores e eu simplesmente opero.

Formações e aprendizagens

Nesta empresa onde trabalho actualmente (portway) já tive que ter algumas formações desde que entrei na empresa, comecei por ter uma formação para me familiarizar com o trabalho em questão (operador de assistência em escala) e para poder conhecer as várias máquinas e viaturas a utilizar, fiz também várias outras formações, como por exemplo, como carregar e manusear cargas perigosas (figura 4). Para perceber sobre o funcionamento das ondas de rádio recorri à Internet para pesquisar sobre o assunto e encontrei estes dois sites que se seguem.

Devido às funções que desempenho no meu trabalho dentro do aeroporto de Faro tenho que me manter permanentemente informado e actualizado de modo a poder coordenar os meus colegas para que nada falte, visto que tenho a meu cargo a coordenação da parte de transportes dentro da empresa para a qual trabalho. Tenho que estar constantemente a comunicar com os meus superiores e com os meus colegas para, entre outras coisas, assegurar que todos os aviões que chegam vão ter autocarros para poder desembarcar os passageiros e que todas as portas de embarque terão também autocarros para poderem proceder ao embarque dos mesmos voos. Eu consigo manter-me sempre informado graças a um rádio com o modelo TAIT da marca ORCA (ver imagem 1) que utiliza a frequência FM para trabalhar, eu uso-o para poder contactar com os outros ou ser contactado quando necessário, o qual eu aprendi a usar de forma autodidacta, bastando-me observar como os meus colegas o usavam. Com esse mesmo rádio eu posso falar para todos os meus colegas em geral de modo a que todos possam ouvir o que eu digo, mas também posso falar só com uma pessoa fazendo uma chamada em privado, e ainda posso também alternar entre os vários canais (frequências) de que o rádio dispõe. Este equipamento tem algumas vantagens, sendo a maior delas ser portátil e poder ser transportado para onde quer que eu vá e por ser muito fácil de usar, bastado para isso recarregar a bateria num carregador que existe na sala de chefes, que é alimentado pela corrente eléctrica de 220V e essa bateria tem uma autonomia de cerca de oito horas. Também tem a desvantagem que se por acaso quando eu quiser a frequência estiver ocupada eu não consigo fazer a minha chamada, tendo assim que ir insistindo até conseguir. Para poder assegurar mais segurança para este equipamento eu costumo usar uma bolsa própria para o efeito para o proteger de possíveis quedas ou embates.



Imagem 1----- Rádio usado no trabalho para poder falar

Para além do rádio uso também um telefone que pertence a uma rede interna, uso este meio de comunicação principalmente quando é necessário ter uma conversa mais prolongada ou mais confidencial. Eu posso obter as confirmações das horas de chegada e partidas dos voos via rádio como já referi anteriormente, mas também posso dirigir-me a um computador ou a alguns

monitores colocados em pontos estratégicos do aeroporto ligados através de uma rede interna (intranet). Nessa mesma página encontram-se várias informações como por exemplo: o dia da semana em que estamos; o número de determinado voo, bem como a sua origem; hora prevista e confirmação de chegada; o aeroporto de origem do voo; o número de passageiros; a matrícula do avião entre outras informações úteis (ver anexo 9). Quando faço a consulta desta página num computador que nós temos no nosso sector e na sala de chefes posso fazer a sua impressão através de uma impressora que se encontra ligada ao computador, podendo assim levar comigo esses dados em papel em vez de ser em formato digital. Infelizmente quando estes equipamentos avariam não posso recorrer ao manual de instruções porque estes mesmos equipamentos são propriedade do aeroporto e daí esses mesmos manuais se encontrarem em poder da ANA (Aeroportos e Navegação Aérea) que é a empresa que faz a gestão dos aeroportos em Portugal. Por isso quando surge uma avaria eu limito-me a entregar o equipamento avariado ao meu chefe para que ele o encaminhe para os técnicos juntamente com um relatório que é feito num impresso adequado e em papel (ver anexo 10) no qual tenho que preencher vários campos como por exemplo: a que material se refere o relatório, o local exacto onde esse material se encontra, a que sector pertence e outro a para relatar a avaria em que, dentro dos possíveis, faço uma descrição da avaria, tentando sempre que possível utilizar termos técnicos sobre o equipamento para quando este chegar as mãos do técnico que o vai reparar ele possa perceber exactamente qual a avaria ou a sua causa.

Paralelamente com as aprendizagens que tive que realizar para funcionar com os equipamentos que referi anteriormente eu tive algumas formações desde que entrei na empresa, comecei por ter uma formação para me familiarizar com o trabalho em questão (operador de assistência em escala) e para poder conhecer as várias máquinas e viaturas a utilizar, fiz também várias outras formações, como por exemplo, como carregar e manusear cargas perigosas (figura 2) e (anexo11).

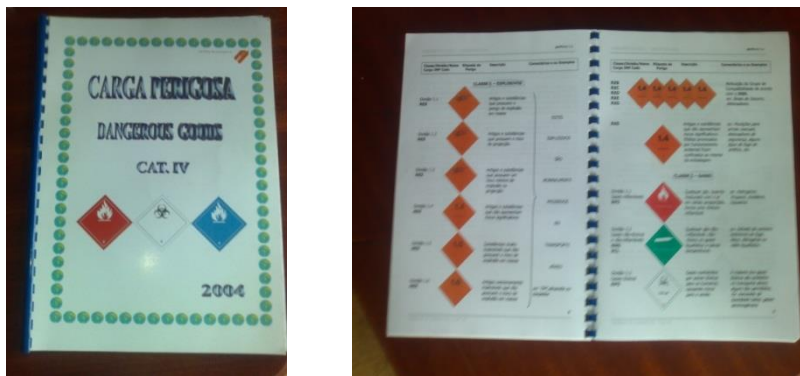


Figura 2. Manual de formação da área de cargas perigosas

Fiz outras formações, das quais obtive certificados comprovativos das mesmas como é o caso da formação sobre sistemas de gestão e segurança/normas de circulação/operação em baixa visibilidade (ver anexo 4) e a formação de segurança aeroportuária (ver anexo 2).

A meu ver é bastante importante ter todas estas formações de modo a ficar qualificado a operar os mais variados equipamentos para que eu o possa fazer da maneira mais correcta, aumentando assim o rendimento e principalmente para que possa ter maior segurança evitando assim acidentes que me possam prejudicar a mim, os meus colegas ou os interesses da firma. Contudo tenho estes certificados.

É nesta altura que a vontade de completar os estudos, sempre presente na minha ideia volta e é assim que aqui estou eu a falar de como posso concluir as minhas competências e fazê-lo com sucesso, o meu percurso de vida profissional não tem sido fácil em parte por não ter as habilitações académicas que umas vezes deixei passar e outras a vida não me permitiu agarrar, mas nunca é tarde para concluir os meus sonhos e poder ter uma vida profissional que encaixe na minha personalidade, que me permita prestar um serviço à comunidade e ajudar ao próximo, assim como continuar com as actividades que me preenchem a vida como o desporto, a pesca tudo isto para orgulho da minha filha e da minha família. Recentemente tirei o curso de formador para poder contribuir e formar na área de operador de assistência em escala nos aeroportos e na área de socorrismo e formar novos navegadores de recreio. E estou a disputar o campeonato regional de pesca de alto mar pelo Clube na qual represento em Faro estando em 9º lugar na classificação geral esperando colher a subida de divisão. Os meus sinceros cumprimentos e de que esta prova documental ajude a cumprir com o proposto deste meu objectivo de e poder seguir com os meus objectivos. O meu obrigado ao pessoal Profissional que acompanha este e outros processos de alunos como eu com diferentes percursos de vidas. Fica aqui o descrito testemunho real da minha vida, pois não seria genuíno se não o descrevesse tal e qual.

Autobiografia do sujeito 5

O meu nome é Sofia, nasci no dia 10 de Março de 1983, às 21:30h, no Hospital Distrital de Faro. Foi um parto um pouco complicado, não por ser um bebé pesado, pois tinha 2950kg, mas sim por ter uma constituição óssea um pouco mais larga. Toda a família da parte do meu pai, ainda viva, é da Figueira da Foz, mas o meu pai mudou-se para o Algarve há cerca de 40 anos sempre em busca de uma vida melhor, tanto a nível económico como a nível sentimental. No dia em que sai do hospital, há 28 anos atrás, foi o primeiro dia que habitámos a nossa casa, situada junto ao Aeroporto de Faro, na Quinta do Eucalipto. Uma casa terrea, com quintal e várias divisões. Tem uma construção um pouco diferente da que é usada hoje em dia, paredes duplas, para melhor isolamento de som, devido à proximidade dos aviões, janelas duplas e divisões bem maiores do que as que se encontram hoje em dia. A casa tinha 3 quartos, 2 casas-de-banho, 1 cozinha, 3 salas, 1 escritório e uma marquise, para além do grande quintal e da garagem. Comparando com as construções que são feitas hoje em dia, era uma casa muito boa, firme, confortável, segura e muito espaçosa, o que já não é fácil de encontrar, pois cada vez mais se encontram casas com divisões pequenas e pouco aconchegantes. Foi toda decorada pelos meus pais e ao gosto deles, com móveis que naquela altura eram os mais utilizados e claro, clássicos, com madeiras maciças, todas trabalhadas. Tínhamos uma lareira, que quando chegava o frio o meu pai acendia e onde eu passava horas a ver o fogo. Hoje é mais uma das coisas que já é raro encontrar numa casa e além de ser bonito é também uma boa fonte de aquecimento mais económico.

Até aos 3 anos de idade estive numa ama. Era a D. Emília, para nós era a “Mimi”. Como os meus pais trabalhavam durante todo o dia e não tinha idade para ir para a escola ficava na casa desta senhora, que foi como uma avó para mim.

Quando fiz então os 3 anos entrei no Colégio Algarve, onde fiz a pré-primária, primária e o ciclo, o 5º e o 6º ano. Desde a 1ª classe até ao 6º ano ganhei sempre a medalha de melhor aluna e no fim de cada ano lectivo vinha um artigo no jornal “A Folha do Algarve”, onde eram colocados os nomes dos alunos que se tinham destacado nas várias áreas, desde o atletismo, comportamento e melhor aluno.

Foi aqui que nasceram os primeiros sonhos, dúvidas e a procura da resposta à pergunta que mais ouvimos desde pequenos, o queria ser quando fosse grande. No

ínicio, como quase todas as crianças, queria ser professora, mas com o passar dos anos esse sonho foi mudando, passando a veterinária e até em psicóloga. Ainda me lembro de brincar ao fim da tarde, no meu quarto com os meus bonecos e um quadro de giz as professoras e alunos, onde era eu que dava as aulas e retratava tudo o que se tinha passado na escola. Não tinha playstation, nem brinquedos interactivos como hoje em dia. Ganhei a minha primeira televisão e aparelhagem já com 10 anos, um pouco como recompensa pelo meu trabalho e empenho nos estudos. Mais tarde, no Natal, recebi uma consola, uma Sega Mega Drive, que naquela altura era o mais avançado em termos de brinquedos interactivos que havia. Às vezes dou comigo a pensar de como evoluíram os brinquedos e de como estão diferentes os tempos, pois hoje em dia as crianças com 3 e 4 anos já têm consolas e já sabem dominar qualquer tipo de jogo. Para não falar em telemóveis, que na minha altura só se encontravam nas mãos dos nossos pais e hoje em dia as crianças já têm e de última geração. Não fugindo a regra, nunca gostei muito de Matemática, era para mim a disciplina que menos prazer me dava a estudar e que mais evitava, mas mesmo assim, sabia que precisava e que tinha que me empenhar como nas outras. Adorava Português e Ciências da Natureza. Mas não era só estudar, até porque adorava brincar e fazer traquinices, como é normal da idade. Na escola jogava ao elástico e em casa, como vivia numa rua onde era a única rapariga, brincava aos polícias e ladrões, subiamos às árvores, andávamos de bicicleta e jogávamos ao jogo do “esconde”. A amizade e comunicação eram bem maiores e acho até que eram tempos mais saudáveis, pois havia convivência, não era como hoje em dia, em que as crianças ficam em casa em particular, em frente ao computador.

Quando terminei o 6º ano foi uma das maiores mudanças na minha vida, pois sai de uma escola particular para a pública. Sai do Colégio Algarve para a Escola Secundária E.B.2,3 Dr. José Jesus Neves Júnior. Mas a mudança não foi muito boa e eu não a aceitei muito bem, pois quase todos os meus colegas foram colocados na Escola E.B. 2,3 D. Afonso III e por isso senti-me um pouco sozinha e deslocada. Mas, graças à minha mãe e a alguns conhecimentos, consegui uma vaga na Afonso III, para onde mudei, ainda no meio do 1º período. Foi aqui que passei os 3 anos seguintes da minha vida e onde tomei conhecimento das visitas de estudo que na realidade não foram bem aproveitadas para o que realmente era o objectivo, mas sim para um pouco mais de diversão do que o costume e longe de casa.

Depois de concluir o 9º ano com êxito fui para a Escola Secundária João de Deus em Faro, mais conhecida por Liceu. Tudo correu relativamente bem até ao 11º ano, onde chumbei pela primeira vez. Foi um pouco de ano da loucura, início de namoros, descobertas e pisar o risco, um pouco demais, pois acabei por chumbar o ano. No ano seguinte passei para o 12º ano, mas infelizmente não foi o melhor ano para mim, pois a minha cabeça estava sempre longe dos estudos e da escola. Os meus pais começaram a ter problemas em casa e no casamento e eu não consegui separar as situações e acabei por me deixar arrastar por algo que, embora estivesse envolvida, não era directamente comigo. Os meus pais separaram-se e eu e a minha mãe mudámos de casa, deixando tudo para trás, casa, as minhas coisas, recordações, mas sem nunca me desligar do meu pai. Foi dos piores dias que alguma vez me lembro, uma experiência muito dolorosa. As brigas eram constantes e eu senti-me uma bola de ping-pong, ora ouvia a minha mãe, ora era a vez do meu pai. A situação chegou a um ponto tão ruim e doloroso que tive uma depressão nervosa, a qual tive que tratar através de anti-depressivos.

Em 2001, quando completei os 18 anos, tirei a carta de condução e ganhei um pouco mais de liberdade. Como não quis voltar à escola comecei à procura de trabalho e de um pouco de independência. O meu primeiro emprego foi na loja DIM, no Forum Algarve, uma loja de roupa interior. Estive nesta loja cerca de 3 meses, mas não me sentia realizada. Nada do que fazia era o que alguma vez pensava fazer. Tínhamos que limpar a loja, desde o chão a todas as caixas que continham as peças de roupa. Tínhamos um computador, com um programa próprio de vendas, onde ao passar o código de barras pelo leitor, aparecia no ecrã a descrição da peça e o valor que o cliente tinha que pagar. Em seguida tínhamos que inserir o modo de pagamento, dinheiro ou cartão e ao concluir a venda a caixa abria e saía o talão que entregávamos ao cliente. Passados estes 3 meses e não me sentindo bem comigo mesma naquele trabalho, continuei à procura de um que me enquadrasse melhor, pois naquela altura não estávamos a passar por uma situação como a que passamos hoje em dia e a oferta de emprego era bem maior do que a actual. Nem por acaso, a loja que mais gostava e que era cliente frequente, colocou um papel na montra a pedir colaborador e nem pensei duas vezes. A loja chama-se “Chamaquito”. Candidatei-me e fui chamada para uma entrevista. Tivemos uma longa conversa para conhecerem um pouco mais de mim e me explicarem em que consistia o trabalho. Tudo o que me foi explicado era aparentemente fácil e como já conhecia bem a loja e adorava

os produtos sentia-me à vontade e achava que ali o trabalho ia fazer sentido e ia-me sentir um pouco mais realizada. Ligaram-me mais tarde para me dizerem que tinham chegado a uma conclusão e que de todos os candidatos eu tinha sido a escolhida. Fizeram-me um contrato de 6 meses, renovável, sendo o primeiro mês o de experiência. A loja vendia peluches, artigos decorativos, postais, jogo, tabaco e artigos ligados ao tabaco. Tínhamos um horário rotativo, o turno da manhã entrava às 10 horas e saía às 17 horas, o turno da noite entrava às 17 horas e saía à meia noite. Os primeiros dias foram um pouco difíceis, pois a diversidade de marcas de tabaco era muita e tentar associar a marca ao sítio onde ela estava no móvel expositor era difícil, mas com calma e força de vontade, ao fim de poucos dias já nem olhava. Era um trabalho um pouco cansativo, pois eram muitas horas de pé e depois de instalarem a máquina de jogo dos Jogos Santa Casa o movimento da loja que já era bastante, duplicou. O meu trabalho consistia no seguinte: no turno da manhã, quando chegava, entrava na loja, ligava luzes e computadores e vinha fazer a limpeza dos vidros das montras. Em seguida verificava se era necessária a reposição de alguma das marcas de tabaco no móvel e começava o atendimento aos clientes. Perto das 10:30h chegava o rapaz que fazia a distribuição do tabaco e era necessária a confirmação da factura antes de o arrumarmos. Fazíamos ainda a limpeza dentro das montras, nos momentos mais calmos e muitas das vezes, quando chegava mercadoria nova ou se aproximava alguma data especial, tínhamos mesmo que fazer da nossa autoria a decoração da montra. Recebíamos muitas vezes mercadoria e era necessário, depois da confirmação da factura, inserir no sistema a entrada de cada objecto, qual o seu código de barras, referência de fornecedor, valor base e valor de venda ao público. Caso viesse algum artigo danificado ou em falta, após verificação, tínhamos que enviar um fax para a empresa vendedora dessa mesma mercadoria, no qual colocávamos a situação do artigo e a sua referência, para nos ser enviado uma nota de crédito. Hoje em dia, com os equipamentos que dispomos é bem mais fácil, pois é possível enviar e-mail com fotos, ou fazer a confirmação de mercadoria através de video conferência.

Além da comunicação por fax , nesta empresa usávamos o telefone fixo e um telemóvel.

Ainda tínhamos a máquina de jogo, mas esta se tivesse algum problema bastava uma ligação à central que era logo resolvido, pois estava ligada, via internet e nos trabalhávamos nela mas a central tinha todo o controlo. Ainda cheguei a fazer alguns

pagamentos de bons prémios a alguns clientes, mas também me passaram muitos boletins em branco. No fim do turno da manhã tínhamos que fazer a confirmação de caixas, deixar o tabaco repostado para as colegas do turno da tarde conseguirem entrar e começar a trabalhar. Para mim o turno da noite era o mais chato, cansativo e complicado. No turno da noite era necessário fazer a encomenda de tabaco para chegar na manhã seguinte, fazíamos uma lista dos que estavam no fim ou já em falta e era enviada por fax. Tínhamos o atendimento dos clientes e também limpeza de montras, pois esse trabalho era dividido, metade das montras era no turno da manhã a outra metade no turno da noite. No fim do turno fazíamos o fecho de caixa, tanto no computador como manualmente, numa folha criada pela entidade patronal e aspirávamos e limpávamos o chão da loja.

Éramos no total quatro pessoas a trabalhar, eu, duas colegas e a patroa. Nos dias mais complicados, como nos dias festivos, Natal, Páscoa, dia da Mãe, etc, a mãe da patroa vinha também ajudar. Era um ambiente agradável, todas nos dávamos bem e raramente havia conflitos, mas com o passar dos anos tudo mudou um pouco. A nossa patroa não estava sentimentalmente bem, estava a passar por problemas conjugais e acabou por o refletir no trabalho e posteriormente descarregava em cima de nós. Acabei por ganhar mais responsabilidade do que inicialmente tinha e queria, pois a ausência dela era já constante e ligava a dizer o que era preciso fazer. Passei a fazer depósitos, pagamentos, entrada e saída de material, encomendas e coordenação da loja em si. Foi um período um pouco difícil para mim, pois além de tudo o que se passava no trabalho ainda tinha a minha vida particular, tinha um namoro já de algum tempo e andávamos à procura de casa, tanto eu como ele queríamos a independência dos pais. Era um objectivo mas queríamos encontrar uma casa que gostássemos e que tivessemos possibilidades de comprar, por isso fomos estudando o mercado e procurando, sem muitas pressas.

Estávamos em 2001, um ano que aparentemente corria bem, até ao dia 11 de Setembro quando o mundo inteiro parou. Neste dia, 19 muçulmanos sequestraram 4 jactos comerciais e transformaram-nos em bombas contra civis. Foram cerca de 3000 mil os mortos nesse dia, foi um dia repleto de terror. O mundo inteiro questionava o porquê. Os dois primeiros aviões foram direccionados e embateram contra as duas torres do World Trade Center em Manhattan, Nova York. O terceiro avião, foi direccionado para uma colisão contra o Pentágono, no condado de Arlington, Virgínia e um quarto avião,

o voo 93, que segundo o governo norte-americano não chegou ao destino pretendido, que seria o Capitólio devido a intervenção dos passageiros que enfrentaram os sequestradores e acabou por cair, ficando os destroços espalhados num campo próximo de Shanksville na Pensilvânia. Todos estes atentados foram pensados e estudados por um grupo de terroristas chamado Al-Qaeda a fim de destruir os míticos símbolos americanos e tentando fazer o maior número possível de vítimas.

Tiveram repercussões avassaladoras para os Estados Unidos, pois destruíram os 110 andares de cada uma das torres, pois estas depois do embate dos aviões acabaram por ruir, assim como 5 edifícios no World Trade Center, 4 estações de metro de Nova York e ainda a igreja cristã ortodoxa de São Nicolau. O Pentágono foi também atingido e danificado mas não toda a sua estrutura. Todos estes ataques tiveram diversas consequências, desde o medo de viajar de avião, o maior controlo dos passageiros nos aeroportos assim como as entradas e saídas dos Estados Unidos da América. Aconteceu também um choque entre civilizações, gerou-se um surto de islamofobia, pois o medo do povo muçulmano era maior e mais constante. Os Estados Unidos entravam agora em guerra preventiva, podendo agir unilateralmente em qualquer lugar onde, ao seu ver, houver indícios de acções contra a segurança interna do país.

O mundo está agora mais inseguro, pois o terrorismo ganhou um alento e protagonismo que já não conhecia desde os anos setenta no Médio Oriente.

Os anos iam passando, de 2002 a 2005 tudo passou um pouco a correr. Foi assinado o divórcio dos meus pais e ainda estava tudo muito fresco, umas vezes ficava em casa da minha mãe, outras na do meu pai. Em 2003 recebi o meu primeiro carro, oferta do meu pai. Um Nissan Sunny, 1400 a gasolina. Era em 2ª mão, mas estava como novo, era cinzento escuro e já tinha vidros elétricos e ar condicionado. Adorei, agora sim podia ser muito mais independente, pois até ali ou o meu pai ou a minha mãe me tinham que levar para onde queria ou precisava. Comecei também a ter que gerir o meu próprio dinheiro, pois apesar de não pagar casa nem contribuir para as despesas desta, o meu pai começou a chamar-me a atenção para as despesas. Comecei então a ter que pagar tudo o que era relacionado com o meu carro, desde seguros, a inspecção, selo e claro, a gasolina. Roupa e vícios, como o café e o tabaco, também era do meu dinheiro e qualquer tipo de gastos extra, como sair à noite era tudo responsabilidade minha, tentando sempre que sobrasse de um mês para o outro.

Em 2005, embora já tivesse falado e sonhado com filhos, engravidei, um pouco sem querer. Agora sim tinha que pensar bem na minha vida, pois era uma mudança enorme. Tivemos que tomar uma decisão e a procura de casa tornou-se numa prioridade. Visitámos vários andares, mas todos muito pequenos e nenhum sem varandas, o que para mim era o mais importante. Quando pensámos em comprar algo temos sempre tendência para idealizar aquilo que queremos e como desde que me lembro vivi com animais, tinha que ter condições mínimas para os ter, por isso não podia comprar casa sem um terraço ou uma boa varanda. Ao fim de alguns meses de procura acabámos por encontrar uma que era o ideal. Ficava situada junto ao Forum Algarve com 2 quartos, uma sala, cozinha, 2 casas de banho e um terraço com uma área quase igual à da restante casa. Era esta, não precisava de procurar mais. Entrámos em contacto com o dono e tentámos negociar o valor que nos pedia, apelando um pouco ao coração, já que era um casal em início de vida e ainda por cima com um bebé para chegar. Depois de conseguirmos chegar a acordo, fomos ao banco tratar do empréstimo e de toda a papelada que era necessária e em pouco tempo, cerca de 2 meses estávamos a fazer as mudanças. Fizemos algumas alterações, em especial na pintura, tentamos decorar um pouco a nosso gosto.

A gravidez ia avançando e o meu corpo mudando, já com quase oito meses tive que entrar de baixa médica, pois o bebé era muito grande e pesado e eu já não conseguia fazer o turno por completo, ou era o sono, o cansaço, os pés que inchavam ou simplesmente o peso que já incomodava. Nada disto foi muito bem aceite pela entidade patronal, mas para mim a saúde da minha filha e a minha estavam em primeiro lugar.

Ainda antes da minha filha nascer tive que trocar de carro. Vendi o meu Nissan, que adorava, pois tinha sido o meu primeiro carro e comprei um Toyota Corola, um suposto carro de família, já com 5 portas e uma boa bagageira, pois o anterior não tinha espaço para o carrinho de bebé. Já era um pouco diferente do primeiro, muito mais confortável, com rádio incorporado, leitor de cd's e computador de bordo, que até ali nunca tinha tido contacto com nenhum, nem percebia muito bem para que servia.

Dia 8 de Julho de 2006, já com 15 dias a mais das 40 semanas, nasceu a minha filha. Teve que ser provocado e com ajuda de ventosa. Estive, mais ou menos, 10 horas em trabalho de parto mas no fim, quando recebi a minha menina nos braços, tudo tinha valido a pena, até as enormes dores. Foi o dia mais feliz que tinha tido, não tem

descrição o sentimento que nos envolve. A mudança foi inevitável, agora com 23 anos tinha um ser totalmente dependente de mim e tinha que mudar fraldas, dar de mamar, dar-lhe banhinho, tudo. Os primeiros tempos foram muito bons e fui aprendendo muitas coisas novas. Estive de licença de maternidade e aproveitei ao máximo a minha filha, passava horas a admirá-la, a tirar-lhe fotografias e a tentar descansar, pois é difícil conseguir conciliar tudo o que se tem para fazer em casa com a hora de mamar, do banho e de dormir. Havia noites que a minha filha mamava de 2 em 2 horas e acabava por não dormir quase nada. Andava super cansada. Mas são tudo boas recordações, como o primeiro aniversário que guardo na lembrança, a alegria dela, tão pequenina mas tão feliz. Essa era e será, a minha principal missão, fazer a minha filha feliz. Mas como nem tudo é bonito e como um conto de fadas, a minha vida pessoal começou a ficar um pouco complicada. O pai da minha filha, que nunca tinha sido muito, muito presente estava agora bem pior. Não tomava conta da minha filha quando eu tinha que ir trabalhar, queria estar com os amigos e jogar computador. O que eu tinha idealizado como família não existia, eramos simples companheiros de casa com uma pequena diferença, tínhamos uma filha em comum. Com o passar do tempo e cada vez a situação a piorar resolvi colocar um ponto final. Estávamos em 2008 e a Minha filha tinha 2 aninhos e ainda não percebia o que se estava a passar. Foi uma altura muito complicada, pois quando ela chamava pelo pai e ele não estava nem ia estar, não sabia o que fazer nem lhe dizer. Foi difícil ver a minha filha chorar e não conseguir explicar-lhe o porquê, mas para que ela fosse feliz, eu também tinha que estar feliz e não era isso que estava a acontecer. Foi um processo relativamente fácil e rápido, a parte pior foi a do poder paternal, que hoje em dia é obrigatório. A casa ficou para mim, pois o pai da Minha filha abdicou de todos os direitos que tinha sobre esta a meu favor. Já em relação à Minha filha o caso arrastou-se por um pouco mais de tempo, pois ele recusava-se a dar dinheiro para a filha. Mas com ajuda de uma advogada que me foi atribuída pela Segurança Social, tudo foi resolvido e agora, mensalmente é colocado o valor que foi estipulado pelo tribunal na minha conta bancária.

Depois de tanta volta na vida e agora com uma filha, tive que seguir com a minha vida, pois tinha uma casa para pagar, um carro e mais importante que tudo, uma menina para alimentar. Tenho que agradecer muito aos meus pais pela ajuda que me deram, tanto financeira como em cuidar da Minha filha para eu poder voltar ao trabalho. Agora tinha

uma rotina bem delineada, levava a Minha filha para a creche, ia trabalhar e a minha mãe ia buscá-la à tarde. Quando saía do serviço ia buscar a minha filha a casa da minha mãe e vínhamos as duas para casa. Quando estava de folga tentava passar o dia com ela, levava-a aos baloiços, à praia e a passear, para nos distrairmos de tudo e de todos. De 15 em 15 dias ía passar o fim-de-semana ao pai, como ainda é actualmente e aí tirava tempo para mim, embora me custasse um pouco, pois ficava sem ela e dois dias parecia uma eternidade. Foi o primeiro Natal que passei sozinha, logo eu que dou tanta importância a esta data. Passei o dia em casa à espera que o dia passasse, pois a minha filhota vinha na manhã do dia seguinte. Mas pouco a pouco, tanto eu como ela fomos habituando a este sistema, se assim se pode chamar.

Em Maio de 2009, tive oportunidade de ir à Semana Académica da Universidade do Algarve, pois como já há muito tempo que não saía com os meus amigos, nem de dia nem de noite, a minha mãe disse-me que ficava com a Minha filha e queria que eu me divertisse um pouco, já chegava de estar sempre trancada em casa. Então, como estava de férias do meu trabalho, ficava com a Minha filha durante todo o dia e à noite a minha mãe ía dormir para a minha casa, para eu poder sair um pouco e ela ficar acompanhada. E assim foi, combinei com alguns amigos e fomos divertir. Numa das noites, antes de chegar ao recinto, fui apresentada a um rapaz que era colega e amigo de uma amiga minha. Chamava-se Abel. Logo não simpatizei muito com ele, pois a segunda vez de me apresentarem já não se lembrava do meu nome, o que me deixou super irminha filhada. Nessa noite não tivemos muito contacto, mas a minha amiga, que era colega dele, achou que tínhamos tudo a ver um com o outro e ora me ligava a falar dele, ora no trabalho lhe falava a ele de mim. Passados uns dias, recebo uma mensagem no telemóvel a perguntar se estava tudo bem. Embora soubesse que era ele, fiz de conta que não sabia e passamos horas em mensagens até que resolvemos ir tomar café. Nem sei bem explicar o que aconteceu, mas o que é certo é que passados uns meses estávamos a marcar a data de casamento e a casar. Foi tudo super rápido, mas acho que foram os melhores dias que já tive. Sentia-me feliz, despreocupada, protegida e acima de tudo via a minha filha super feliz e super contente com a presença do Abel. Foi quase amor a primeira vista, tanto meu como dela, o que para mim foi um alívio, pois ver a minha filha feliz e bem era tudo o que queria. Agora sim estávamos a formar o que chamámos de família. Encontrei um companheiro, amigo, que me respeitava, amava,

tinha a minha filha como filha dele e acima de tudo nos valorizava e fazia-nos felizes. O Abel trabalhava e trabalha, no Aeroporto de Faro. É Assistente de Passageiros com Mobilidade Reduzida, ou seja, ajuda pessoas que não se conseguem deslocar sem o auxílio de uma cadeira de rodas, dentro do aeroporto, tanto para o embarque como no desembarque. Em Setembro deste mesmo ano marcamos a data de casamento que era exactamente para o mês seguinte. No dia 9 de Outubro casámos pelo Registo Civil em Faro. Fui tudo um pouco à pressa mas correu às mil maravilhas. Vestidos a rigor, com os nossos amigos mais chegados e família realizámos o nosso sonho. Depois do dia do nascimento da minha filha, foi o dia mais feliz que tive.

Fomos de Lua-de-mel à Republica Dominicana e foi uma viagem inesquecível. Tivemos oportunidade de conhecer uma outra cultura e maneira de enfrentar o dia-a-dia bem diferente da nossa. Lá as dificuldades são muitas, mas a alegria e o sorriso está estampado na cara de cada cidadão.

Eu continuava na “Chamaquito”, mas as coisas estavam cada vez piores. Os ordenados não eram pagos a dia certo, a patroa cada vez estava mais desligada da loja e nós cada vez mais com responsabilidades e a ter que dar respostas a fornecedores que não tinham sido pagos. Era quase insuportável e resolvi, já que estava num ano de viragem, aquela era uma altura ideal para me desligar da loja e daquele ambiente sufocante em que já trabalhávamos. Saí um pouco de cabeça quente, iludida com uma proposta de trabalho que acabou por não existir e que acabou por me levar ao desemprego e sem subsídio, pois tinha sido eu a despedir-me. Foram tempos difíceis, pois era só um ordenado a entrar e muitas despesas para pagar. A procura por trabalho era constante, através da internet, centro de emprego e mesmo de loja em loja. A escolaridade era o principal factor de exclusão, pois cada vez mais o 12ºano é requerido pelas várias ofertas de trabalho. Estivemos nesta situação 7 meses, o que nos obrigou a mudar de casa. Os meus sogros tinham uma casa terrea, onde ainda habito actualmente, que se encontrava fechada e desabitada e nós resolvemos, para tentar equilibrar as finanças, alugar o meu andar e mudarmo-nos para lá.

Fizemos algumas limpezas e pinturas e mudanças, agora com a minha casa alugada já estávamos um pouco mais à vontade. Mas continuava sem trabalho. Foi-me proposto, por um amigo meu, que me juntasse ao grupo Vorwerk, que é a empresa que comercializa a Bimby. Como não tinha nada a perder e continuava à procura de trabalho

sem nada conseguir, resolvi aceitar e fui vender Bimbys. Era um trabalho realizado em regime de recibos verdes. Só tinha que me apresentar todas as segundas feiras na sede, que ficava em Almancil, assistir a uma reunião e tentar fazer marcações para vender a máquina. A Bimby é uma máquina que combina um fogão com uma panela, num pequeno objecto transportavel e saudável, pois não cozinha acima dos 100 graus. Mantém assim todos os elementos essenciais dos alimentos. Sabendo isto e já utilizando a minha há mais de um ano foi fácil começar este trabalho, pois sempre gostei da Bimby e tudo o que ela faz é bem feito e é muito fácil nos apaixonarmos por ela. Havia um método previamente estudado e definido como devíamos proceder para realizar a venda. Era feita uma marcação via telefone ou cara a cara, dependente da ligação que tínhamos com a pessoa e marcavamos uma demonstração, nesta tínhamos que fazer uma refeição completa para a família em cerca de meia hora e ao mesmo tempo mostrar como era versátil, económica, rápida, saudável e que acima de tudo poupava tempo, pois enquanto a Bimby fazia o jantar era possível fazer outras coisas que tínhamos pendentes em casa, como lavar loiça, passar a ferro, dar banho às crianças e muito mais. Apesar das comissões serem bastante boas, nunca deixei de procurar um trabalho com uma remuneração fixa, pois na Bimby era muito relativo, tínhamos meses piores e outros melhores e cada vez estava a ser mais difícil, pois os contactos começavam a acabar e sem contactos não havia marcações. Era viver um pouco na corda bamba, como se costuma dizer, pois como recebia consoante o que vendia, a remuneração não era fixa e uns meses corria bem e outros meses era difícil fazer vendas e já quase nada recebia. Além de tudo isto tinha ainda outro factor importante, os descontos para a Segurança Social que não existiam, sendo trabalho por recibos verdes, como já tinha referido. Se por algum motivo, precisasse de recorrer a uma baixa médica ou a algum subsídio, não tinha direito, sem falar da não entrada de descontos que mais tarde numa situação de reforma são necessários.

Não havia entrada de descontos pois estava abrangida pelo ano de insenção, logo não tinha nada a pagar. Sei que esta insenção só funciona no 1º ano, nos anos seguintes já tem q se fazer descontos e os devidos pagamentos.

Já um pouco desesperada, pensando que não iria encontrar trabalho por muito tempo, recebi um telefonema a perguntar se ainda estava interessada em trabalhar no “Café Di Roma”, no Fórum Algarve. Respondi prontamente que sim, embora nunca tivesse

trabalhado em cafetaria eu precisava de um trabalho e de certeza que iria facilmente aprender. Desde já digo que foi o pior local onde já trabalhei e a entidade patronal que mal deu a cara é mais desumana que já conheci. Fizeram-me um contrato de 6 meses, mas trabalhei o primeiro mês sem contrato, o chamado período à experiência.

O “ Café Di Roma” já não era o mesmo, toda a cadeia de cafés tinha sido comprada pelo grupo Lavaza e mesmo mantendo alguns produtos iguais a gerência e método de trabalho estavam bem diferentes. Éramos uma equipa grande e sempre diferente, pois os trabalhadores nunca aguentavam muito tempo naquele trabalho, além de exigirem muito de nós, eram constantemente violentos verbalmente. Todos os estabelecimentos que lidam com produtos alimentares têm que ser periodicamente visitados pelas autoridades de saúde a fim de comprovarem a frescura dos produtos e se estes estão dentro das normas de saúde e higiene exigidas por lei, por isso, diariamente, tínhamos um determinado número de tarefas obrigatórias. Trabalhávamos em turnos rotativos e era raro o dia que não fazíamos horas extraordinárias, que nunca eram remuneradas, pois segundo o director, não saíamos a horas porque não tínhamos o serviço acabado, logo era culpa nossa. No turno da manhã era necessário abrir o café, ligar todo o quadro de electricidade e colocar logo o forno a aquecer. Depois tínhamos que ligar a máquina do café e o computador e subíamos ao primeiro andar para nos fardarmos. Preparávamos os tabuleiros para colocarmos o pão e os bolos que tinham que ser cozidos diariamente e preparávamos a vitrina de exposição destes produtos. Era um café um pouco complexo, pois além de servirmos o café convencional, tínhamos também muitas especialidades, como o “Triestino” e o “Café Moka Ice”. Eram nomes diferentes mas especialidades muito apreciadas pelos nossos clientes, sem falar do nosso “Capuchino”, que não era feito da maneira convencional. Todas estas especialidades tinham quase que ser decoradas, pois em dias de muito movimento o café não parava e não tínhamos tempo para recorrer a cabúla. No total eram cerca de 30 especialidades e tínhamos que tentar nunca falhar nenhuma. Além de tudo isto, a higiene era a nossa prioridade, o uso de luvas para mexer nos produtos, o desinfectante de mãos e manter toda a bancada de trabalho limpa eram obrigatórios. No turno da tarde, era necessário fazer a reposição de arcas e a limpeza geral do café para que no outro dia a abertura fosse mais fácil e rápida. Cheguei a trabalhar 14 horas seguidas, pois quando um colega faltava por algum motivo, o gerente na altura pedia para ficarmos até que tudo se estabelizasse e

acabávamos por fazer quase 2 turnos seguidos. Foram os piores meses da minha vida, vinha super cansada, sem vontade de fazer nada e quase todos os dias chorava, não queria acreditar no trabalho que estava e principalmente o pouco valor que a empresa dava aos colaboradores. Para mim, foi desumano, todas as pessoas que se encontravam nos níveis hierárquicos superiores, tratavam os colaboradores quase como lixo. Mas infelizmente precisava do trabalho e tinha que ir fazendo o meu melhor até encontrar um outro sítio. Mais uma vez com o apoio incondicional do meu marido que todos os dias me dava força para aguentar e me lembrava que além de tudo, tinha a minha filha e que tinha que ir buscar forças, nem que fosse a pensar nela.

Durante todo o tempo que trabalhei nesta empresa, continuei a procura de um trabalho melhor, continuando a enviar currículos e a responder a todos os anúncios que encontrava. Já quase no fim do contrato, cheguei ao meu limite, tinha partido um dedo do pé e a exigência continuava, mas as dores eram muitas e achei por bem começar a reivindicar alguns direitos e questionar algumas decisões e maneiras de trabalhar, em particular pelo próprio gerente. Claro que, a partir desse dia, fui considerada um alvo a abater, se assim se pode dizer.

O meu contrato terminava no dia 15 de Novembro de 2010 e eu já esperava que não fosse renovado, pois tinha questionado a chefia e ali não era possível esse tipo de comportamento. Nesse mesmo dia, apresentei-me ao trabalho como normalmente e cumpri todo o meu serviço como sempre, mas já perto das 2 da manhã, depois de tudo limpo e pronto para fechar o café o gerente chamou-me cá fora para me entregar a carta onde me informava que não iam renovar o contrato. Em parte fiquei triste e preocupada mas por outro lado feliz e aliviada. Fui para casa a pensar no amanhã, nas contas por pagar e como ia ser, mais meses desempregada? Não podia acreditar. Fui recebida pelo meu marido, pois a minha filha já dormia e ele apoiou-me e tentou fazer-me pensar que tudo ia melhorar, era só preciso um pouco de calma e paciência. Qual foi a minha surpresa e admiração quando ao outro dia pela manhã recebi um telefonema para uma entrevista para vendedora de loja em Faro. Levantei-me, preparei a minha filha e super entusiasmada despachei-me. O meu marido foi comigo, um pouco para me apoiar, levámos a Ritinha à escola e dirigi-me então à loja. Era uma loja de decoração, “ O Cantinho das Ideias”, que tinha estado fechada durante algum tempo e estavam a preparar tudo para a reabertura. Fiquei super contente, pois tudo o que está ligado a arte

eu gosto, pois desde muito pequena que faço pintura decorativa em porcelana e artes manuais, além de arraiolos e muitos outros tipos de trabalhos manuais. Comecei nesse mesmo dia, pois tinham recebido muita mercadoria nova e estava por etiquetar e marcar e como era algo que já tinha alguma experiência perguntaram-me se era possível iniciar logo. Fizem-me um contrato de 6 meses e tinha um horário bem diferente dos outros locais onde já tinha trabalhado, aqui conseguia ver, falar e estar com a minha família. Entrava às 10.30h e saía às 19h, com uma hora de almoço. Com este horário podia acompanhar muito mais a minha filha, levá-la à escola, dar-lhe o banhinho e o jantar, fazer o que na generalidade as famílias fazem e que até ali não conseguia. O meu trabalho consistia em abrir a loja de manhã com a minha colega, lavar o chão e sempre que possível ir limpando o pó às peças e móveis. Quando chegava mercadoria tínhamos que conferir pela factura, marcar os preços e verificar se nada vinha em falta ou danificado. Ao fim da tarde conferíamos a caixa e fechávamos tudo.

Tinha dois patrões, um casal, dos quais não tenho razão de queixa, fizeram sempre de tudo para me ajudar sempre que foi necessário e eu tentei sempre retribuir da melhor maneira, tentando ser o mais profissional possível. É uma loja muito específica, pois não vende a decoração banal que encontramos com facilidade, era uma loja do que se chama de alta decoração, com artigos nomeadamente italianos e com um acabamento e beleza únicos.

Mas, infelizmente a nossa cidade ainda não está preparada para este tipo de decoração e tínhamos poucos clientes o que fazia com que as nossas vendas fossem poucas e estava a ficar difícil manter a loja com as suas despesas mensais e as duas empregadas e foi aí que me fizeram uma nova proposta para onde estou actualmente e espero continuar. Como além desta loja de decoração, os meus patrões tem uma loja de roupa e estavam a precisar de substituir uma das duas empregadas que lá estavam, propuseram-me, em Agosto passado, terminar o contrato da loja de decoração e passar a ser trabalhadora da loja de roupa. Fizemos uma pequena reunião, pois as lojas são diferentes e as condições que me propuseram também eram. Agora tenho um contrato de 12 meses e um ordenado um pouco superior. Aceitei, pois o mercado de trabalho está muito difícil e como sempre mantive um bom relacionamento com os patrões não tinha razão para não aceitar. Estou então a trabalhar para a empresa T.F.G. Lda, que tem o franchising do Adolfo Dominguez. A empresa é grande mas a nossa loja não tem muitos funcionários.

Empregadas somos 2 e acima de nos temos os patrões que são os sócios gerentes. De tempos em tempos, recebemos a visita do coordenador da marca que nos vem dar algumas indicações sobre a exposição dos artigos e verificar se tudo está como foi delineado.

Não temos um trabalho muito difícil, a parte mais complicada são todas as horas que passamos de pé, fora isso, pela manhã fazemos a limpeza à loja, ligamos luzes e computador e mantemos a boa disposição para melhor atendermos o cliente. Temos muito cuidado com a nossa aparência, temos que tentar andar mais arranjadas e pintadas e sempre com um sorriso na cara. É uma loja que prima por mimar o cliente e dar-lhe toda a atenção necessária. Os únicos equipamentos que servem de ferramenta ao nosso trabalho são o telefone, para comunicarmos com a fábrica e clientes e o computador, para fazer os pedidos de outros tamanhos de algum artigo e para fazer o registo de venda.

Como somos uma loja de roupa não produzimos muitos resíduos, o que temos mais é sacos de plástico que vêm a envolver a roupa e as respectivas caixas onde esta vem, mas tanto um como outro são colocados diariamente num ecoponto que fica perto da nossa loja.

Quais são as vantagens ambientais da separação selectiva de resíduos e consequente reciclagem?

A reciclagem é um processo de transformação de materiais usados em novos produtos para novo consumo. Este processo começou a ser utilizado pelos seres humanos, a partir do momento que se verificou a necessidade e os benefícios para o melhoramento do planeta, pois esta já está em muito prejudicado pela falta de cuidado para com o meio ambiente.

No processo de reciclagem, além de preservar o meio ambiente também gera riquezas, os materiais mais reciclados são o vidro, o alumínio, o papel e o plástico. Esta reciclagem contribui significativa da poluição do solo, água e ar.

As vantagens ambientais são várias como a redução progressiva de lixo, a produção de novos matérias, como por exemplo o papel, que exige o corte de mais árvores; as

emissões de gases; as agressões ao solo, ar e água, entre outros factores negativos.

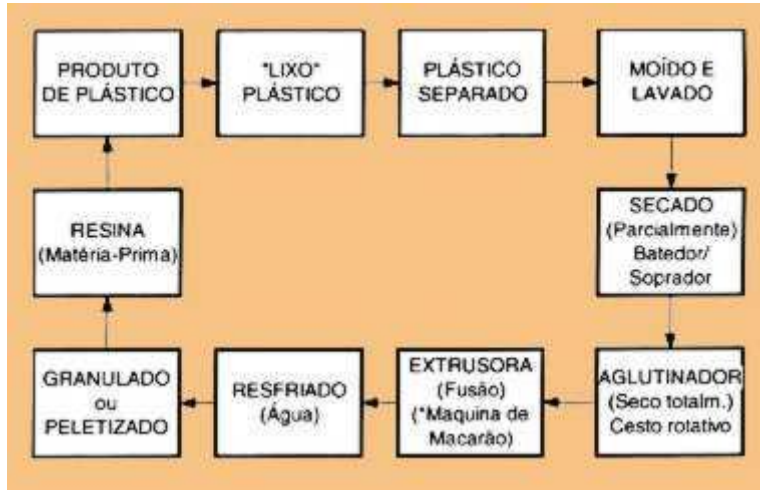


Fale um pouco da responsabilidade social das empresas na preservação do meio ambiente

Responsabilidade social tem haver com o cumprimento dos deveres e obrigações dos indivíduos e empresas para com a sociedade em geral.

Respeitar o meio ambiente e praticar acções que resultam na preservação ambiental são dois factores importantes que devem fazer parte dos valores de uma empresa. A importancia do uso racional de reservas de energia e das matérias primas utilizadas são dois dos pontos mais importantes para a preservação do meio ambiente numa empresa.

Uma vez que os resíduos que produzem em maior quantidade são o plástico e o cartão, escolha um deles e explique o processo de reciclagem que eles sofrem.



Demonstre também que compreende que este sector da recolha, transporte e tratamento de resíduos é um sector que envolve diversos profissionais com diferentes qualificações profissionais.

Estou há pouco tempo neste trabalho mas espero poder continuar por muito mais tempo, adoro o ambiente que temos, a minha colega é mais minha amiga que propriamente colega e os meus patrões são muito boas pessoas. Temos um óptimo relacionamento e abertura para falarmos de tudo um pouco, não só de trabalho. Não era um local que me via trabalhar, achava que não tinha muito carisma para vender roupa muito menos numa loja de roupa assinada, de costureiro famoso, mas até agora tem corrido lindamente e espero que assim continue.

A nível pessoal, continuo casada, temos uma família muito feliz e a minha filha parece crescer de dia para dia. Vivo na mesma casa, embora há cerca de meio ano tivemos que fazer umas remodelações. A casa tem cerca de 30 anos e a canalização já não se encontrava em muito bom estado. É uma casa com rés-do-chão e primeiro andar, mas actualmente só usufruímos do rés-do-chão. Temos 2 quartos, um escritório, uma boa casa de banho, uma grande cozinha, sala de jantar, sala de estar e uma zona de bar. Embora tenha a idade que tem, as condições são muito boas, as janelas já são todas com a armação em alumínio, vidros duplos e as paredes duplas. Mas como já referi, estava a necessitar de umas alterações, então alterámos toda a canalização da casa de banho e fizemos-lhe umas mudanças. Forrámos as paredes e chão com azulejo de pedra e colocámos um tecto falso, com pladur, para tornar a casa de banho um pouco mais

aconchegante, visto que era uma divisão muito alta. Retiramos a banheira e comprámos uma cabine de hidromassagem com chuveiro. Na sala partimos algumas paredes, deixando ficar as paredes mestras e os pilares mais importantes, os de sustentação. De um quintal que tínhamos na frente da casa fizemos uma sala, levantámos parede com tijolo, cimento e reboco acabado e colocámos chão flutuante, assim conseguimos um pouco mais de espaço e conforto. O telhado desta divisão foi feito com uma telhas que aparecerem há pouco tempo que são chamadas telhas “sanduiche”, que ao serem colocadas isolam tanto do frio como do calor.

Perante esta situação de remodelação especifique as situações de comunicação com operários e técnicos especializados (carpinteiro, pedreiro, electricista...), o que aprendeu sobre materiais, as opções que havia...

Fez algum orçamento para perceber quanto ia gastar? Por exemplo, para revestir o chão e as paredes da casa de banho como determinou quantas caixas de azulejos e mosaicos iria precisar e conseqüentemente quanto iria pagar? Apresente o raciocínio e os cálculos.

Optámos por comprar uma cozinha nova com móveis mais modernos e de linhas direitas e os electrodomésticos também. Não todos, pois alguns já tínhamos e estavam muito bem conservados, pois tanto eu como o meu marido temos o cuidado de tentar seguir as normas de utilização e manutenção que vêm descritas no manual do utilizador a fim de conseguir que o tempo de duração seja maior.

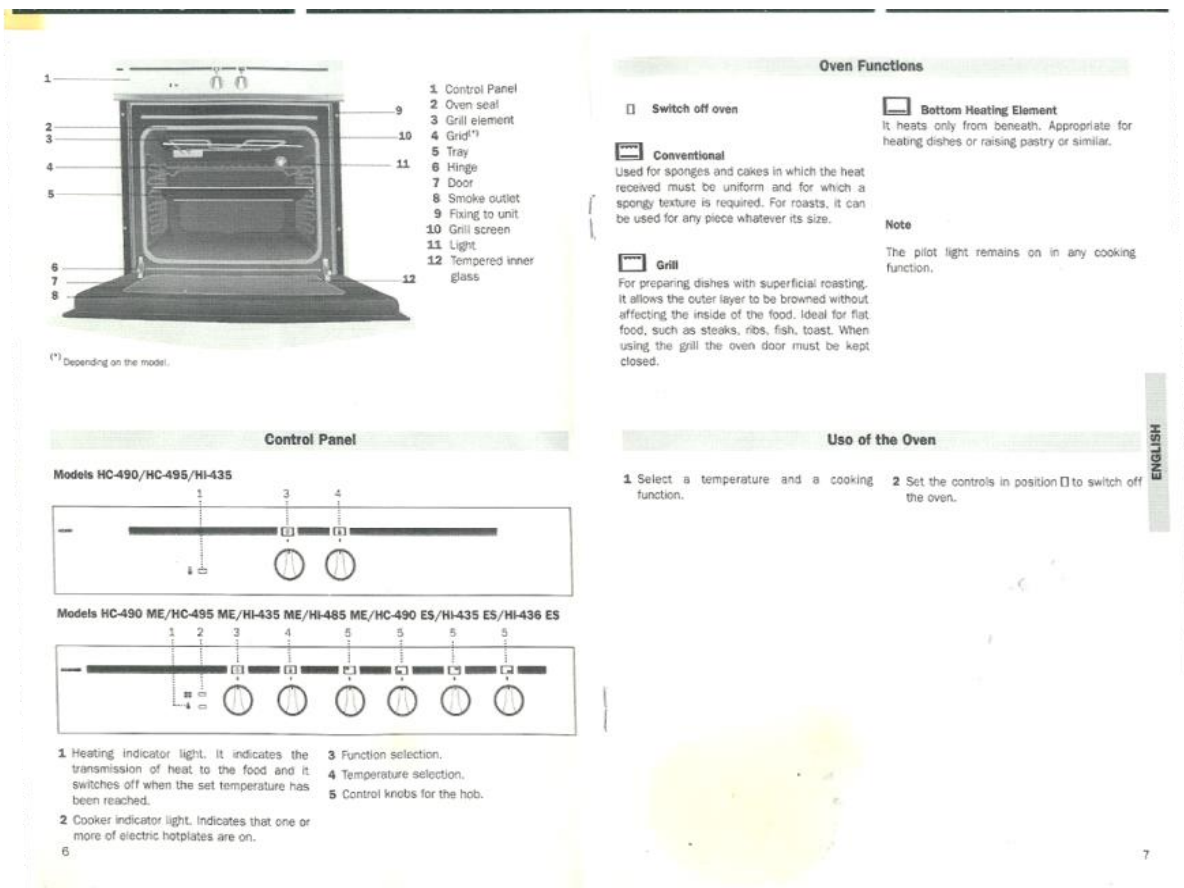
Indique os cuidados de manutenção que tem com 3 ou 4 dos seus equipamentos.

Como são realizadas as tarefas na sua casa? Há partilha de tarefas? Tem consciência que a não partilha de tarefas que observamos em casais com mais idade se deve à cultura e à educação da altura? O que mudou de lá para cá? Porque razão é mais comum ver hoje em dia casais que se entrelaçam?

Os electrodomésticos que mais utilizo em casa, quase diariamente, são o frigorífico, que tento sempre fazer uma limpeza e mantê-lo a temperatura indicada para melhor conservação dos alimentos, o aspirador, pois numa casa no rés-do-chão o que mais existe é pó e temos que andar quase em limpeza constante e o aspirador ajuda-me imenso e por isso tenho que o manter sempre limpo, com o cano desentupido e em

especial o filtro limpo e ainda o forno, pois adoramos cozinhados no forno e muitas vezes conseguimos fazer comidas diferentes e mais saudáveis. Por acaso, foi exactamente o manual do forno que recentemente li para ter a certeza de como seria mais indicado fazer a sua limpeza. Muitas das vezes optamos por fazer a leitura do manual em inglês, pois muitas das traduções dos manuais para português não são muito correctos. Fica aqui um exemplo.

Neste exemplo temos o desenho do forno e uma legenda com todos os botões e as suas funcionalidades.



1 – Paine de control

2 – junta de selagem

3- elemento do grelhador

4- grelha

5- bandeja

6- dobradiça

7- porta

8- saída de fumos

9- fixação

10- ecran do grelhador

11- luz

12- vidro temperado

Painel de control:

- 1- Luz indicadora de temperatura. Indica a temperatura transmitida para a comida e desligase quando a temperatura programada for atingida.
- 2- Luz indicadora de cozinhado. Indica que um ou mais discos eléctricos estão ligados.
- 3- Selecção de função
- 4- Selecção de temperatura
- 5- Controla da placa de cozinha.

Funções do Forno.

Convencional

Usado em bolos e tartes nos quais o calor recebido deve ser uniforme para que adquiram uma textura esponjosa. Para assados pode ser usado para qualquer peça independentemente do tamanho.

Grill

Para prepara pratos com um gratinado superficial. Permite alorar a parte de fora sem afectar o interior da comida. Ideal para comida plana, como bifés, costoletas, peixe, tostas. Enquanto se usa a função grill a porta deve manter-se fechada.

Botão do Elemento de calor

Aquece só a parte inferior. Apropriado para aquecer pratos ou levantar massas ou semelhantes.

Nota

A luz do piloto mantém-se ligada em qualquer função de cozinhado.

Uso do Forno

- 1- Seleccione a temperatura e a função de cozinhado
- 2- Coloque os botões na posição [] para desligar o forno.

Este forno é a gás ou a eléctrico? Se for eléctrico explique no que consiste a electricidade, fenómeno físico em que assenta o funcionamento do equipamento; se for a gás, explique no que consiste o calor e que diversas formas existem para a transmissão desta energia, indicando a que utiliza o forno para cozinhar ou aquecer os alimentos.

Além destes equipamentos ainda utilizo muito o telemóvel, muitos amigos meus e até o meu marido dizem que sou telemóvel dependente. Adoro falar ao telemóvel e há sempre tema de conversa. Tenho um só aparelho, mas tem dois cartões que funcionam em simultâneo, cada um de uma rede, um da TMN e outro da Vodafone. Optei desta maneira, pois as pessoas para quem mais tenho necessidade de falar ou têm uma ou outra rede e assim, com um telemóvel dual sim, consigo conciliar as duas redes num só aparelho e acabo por conseguir poupar um pouco nos custos das chamadas.

Para além de utilizar o seu telemóvel para fazer chamadas utiliza as outras funcionalidades que estes equipamentos disponibilizam? Quais? Compreende que esta exploração das funcionalidades dos telemóveis está, muitas vezes, relacionada com a idade, género, escolaridades, estatuto social, profissão? Reflecta um pouco sobre esta temática.

Os telemóveis possuem uma série de componentes, mas alguns são essenciais ao seu funcionamento enquanto outros são opcionais. Quais são os componentes principais dos telemóveis e para que servem?

Qual a base que suporta as comunicações móveis? Em que princípio assentam? (Dica: Aqui deve falar das antenas de telecomunicações, da divisão do território em células, identificar a radiação electromagnética como sendo o suporte que permite as comunicações móveis, deve também indicar algumas características dessa radiação e indicar em que gama de frequências operam os telemóveis em Portugal).

Complete a tabela com os valores que indica em cima e coloque os valores em percentagem, indicando por baixo da tabela como chegou a esses mesmos valores.

Ficamos com cerca de 350€, pois os valores que acima mencionei estão arredondados, deste dinheiro temos as nossas despesas do dia-a-dia, vestir e calçar sempre que há necessidade e o resto tentamos colocar de parte. Com a Rita com 5 anos é um pouco difícil, pois está em crescimento e precisa quase sempre de roupa ou de calçado, por isso quase todos os meses fechamos as contas com muito pouco dinheiro guardado.

Tem algum produto financeiro que lhe permita otimizar o seu rendimento ou geri-lo de outra forma, por exemplo: cartão de crédito, conta poupança, PPR? Se tem explique como funciona ou como o utiliza; se não tem, indique se gostaria de ter algum, qual e porquê.

Já para nos ajudar tanto a nível financeiro como a nível de saúde, aproveitamos o terreno que temos à volta da casa e fazemos sempre a nossa horta, onde cultivamos alface, tomate, cenouras, cebolas, pimentos e muitos outros legumes e frutas, assim temos a certeza dos alimentos que estamos a fazer, pois são totalmente biológicos e poupamos um pouco quando vamos ao supermercado. Tentamos preservar um pouco a nossa saúde e também o ambiente, pois um dos cuidados que temos em casa e que tentamos inculcar na minha filha é o da separação de lixos, embora tenhamos um ecoponto um pouco longe da nossa residência tentamos sempre diferenciar os resíduos. Além disto, mostramos a Rita a importância de desligar as luzes sempre que não estamos a usufruir delas e quando tomamos banho não ser com a água sempre a correr.

Poupança energética

Não fazemos muito, pois o planeta está numa situação complicada que nem todas as pessoas tomaram consciência, mas nós tentamos fazer a nossa parte e mostrar a Rita que o respeito não é só para se ter com as pessoas, mas também e muito importante, com o meio ambiente. Se o ambiente estiver bem, nós ganhamos com isso, pois apesar de fazermos muitos passeios ao ar livre e tentar aproveitar ainda os espaços verdes existentes, se não cuidarmos do meio ambiente não o vamos ter por muito mais tempo e aí as nossas dificuldades vão ser muito maiores.

Em casa, tentamos também manter uma alimentação mais saudável, com muitos legumes e grelhados, pois como a minha mãe costuma dizer, um bom prato e saudável é um prato com muitas cores e por isso tentamos sempre ter mais que um acompanhamento e de preferência alguns legumes, tomate, alface, além do arroz e massa. Claro, que com uma criança pequena que vive fascinada com o Macdonalds, temos que dar uma facada na alimentação saudável e lá temos que lhe fazer a vontade, mas quase sempre, só acontece uma vez por mês.

Explique melhor no que consiste uma alimentação saudável, tendo em conta que esta deve ser constituída por todos os nutrientes nas quantidades adequadas a cada membro da família, ou seja, é dependente da idade, estado de saúde e actividade. De seguida indique de que forma a roda dos alimentos nos pode dar uma ajuda preciosa na preparação de refeições saudáveis.

A que meios informativos recorre para obter informações sobre cuidados básicos de saúde (conversas com médicos, farmacêuticos, folhetos informativos, Internet, meios de comunicação social...)

Muitas das receitas que fazemos em casa são retiradas da internet, é uma ferramenta que utilizamos muito, pois além de pesquisas para receitas novas, gostamos de consultar as notícias e ver alguns pequenos filmes engraçados, mais nomeadamente no Youtube. Temos muita atenção ao que vêmos, em especial se a Rita estiver presente e já lhe tentamos transmitir a ideia que nem tudo é verdadeiro e que há muitas coisas que não podemos ver na internet. Ela ainda é pequena, mas temos consciência que mais uns tempos e temos que tentar lhe explicar melhor o “mundo” da internet e para que realmente é bom a sua utilização e claro, tentar colocá-la ao corrente da parte negativa.

Eu, tive os meus pais que quando comecei a utilizar a internet, tanto para a escola como para conversar com os meus amigos, estiveram sempre presentes, tentando me mostrar o bem e o mal e esses valores, como a honestidade, amizade, compreensão e muitos mais que quero ensinar a minha filha.

Faça uma reflexão sobre os conteúdos disponibilizados pela Internet, o bom e o mau, na sua opinião

Ao longo da minha vida nunca estive envolvida em muitos conflitos, até porque a minha maneira de ser e personalidade não o permite. Respeito os outros e só quero que me respeitem e até hoje tenho conseguido evitar certas situações mais complicadas. Gosto de conviver com todos, sem fazer qualquer tipo de distinção, até porque tenho duas situações na família que diariamente são quase que apontadas na rua, mas tentamos contornar sem nunca arranjar descatos. O meu marido adora tatuagens e recentemente tatuou o que se chama uma manga, que é um braço inteiro e sempre que anda com o braço à mostra nota-se em certas pessoas, já não é geral, os olhares de reprovação, como se ele pertencesse a um gang ou até mesmo se fosse drogado. Nem sempre é muito fácil de lidar mas a mentalidade das pessoas é esta e já muito mudou. No trabalho dele, ainda tem que usar uma manga elástica da cor da pele, pois os chefes não admitem que ele ande com o braço destapado, chegando-lhe mesmo a dizer, que só dá mau aspecto à empresa. Tenho também os meus sogros que pertencem a religião Jeová e nós convivemos sem qualquer tipo de problema. Tem uma maneira de viver e pensar diferente mas respeitamo-nos, aceitando as nossas diferentes convicções. É normal que me faça uma grande confusão as diferenças que temos, pois para mim não faz sentido nem comemorarem os aniversários nem o Natal, mas assim como eles respeitam as minhas ideologias eu respeito o deles e continuo a enfeitar a casa, a dar prendas e nos aniversários fazer uma festa em especial para a Rita. Eles não comparecem nas festas, mas vêm sempre dar um beijinho, pois sabem que para mim são dias especiais. Nós somos pessoas, se no mundo animal existe respeito, nós como seres racionais temos que nos respeitar, é para mim um princípio básico para a civilização. Em suma, deixo aqui uma parte da minha vida, tentei retratar-me da melhor maneira para que me conhecessem.

ANEXO 8

Guião de Entrevista aberta à Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento (TDE)

I – DADOS BÁSICOS

- Idade
- Estado civil
- Concelho de Residência

II – PROCESSO DE RVCC

1. Enquanto Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento, quais as suas funções e o seu papel no processo de RVCC? E, como é feito o diagnóstico e encaminhamento dos adultos?

ANEXO 9

Guião de Entrevista aos Adultos

I – DADOS BÁSICOS DO ADULTO

- Sexo
- Idade
- Estado civil
- Concelho de Residência

II – PERCURSO FAMILIAR DO ADULTO

1. Onde nasceu?
2. Tem irmãos?
3. Qual a escolaridade dos seus pais?
4. O que faziam os seus pais? Ocupação profissional...
5. Como foi a sua infância? Tem ou guarda algumas recordações...
6. Como era a relação com os seus pais? Recorda-se de alguns momentos familiares...
7. E com os seus irmãos (supondo que tem irmãos)?
8. Como eram os seus tempos livres? Recorda-se?
9. Mudou de casa ou sempre morou na mesma casa?
10. Na sua opinião, qual o papel da família no seu percurso de vida?

III – PERCURSO ESCOLAR DO ADULTO

11. Pode falar-me um pouco sobre o seu **percurso escolar**...
12. Recorda-se da sua entrada na escola?
13. Recorda-se da sua escola primária?
14. Como foi a sua adaptação à escola? Foi fácil? Porquê?
15. Costumava ler e escrever?
16. Consegue descrever alguns textos, livros, entre outros, que lia?
17. Recorda-se de algum livro, conto, poema, história, ... que o tenha marcado? Porquê?

18. Tinha o hábito de escrever? Por exemplo, cartas a familiares/amigos, diários, recados, entre outros... Porquê o fazia?
19. Gostava de ler e de escrever? Porquê?
20. Recorda-se, se na(s) escola(s) em que frequentou, existia(m) biblioteca(s) ou salas de estudo?
 - a. No tempo de escola, costumava frequentar estes espaços? Porquê?
21. Estudou até que ano?
22. Durante o seu percurso escolar, quais eram as disciplinas que mais gostava? E quais eram as mais difíceis?
 - a. Gostava de línguas: inglês, francês, alemão, ...
23. Durante o seu percurso escolar, sentiu dificuldades ao nível da aprendizagem? Em que sentido...(Tópico de ajuda: leitura, escrita, compreensão / interpretação, cálculo, ...)
24. E em interpretar textos, realizar cálculos, entre outras operações?
25. Tinha apoio na realização dos trabalhos de casa, por exemplo? De quem?
26. Reprovou alguma vez?
27. Que idade tinha quando decidiu “abandonar” a escola?
28. Quais as razões que o(a) levaram a abandonar a escola?
29. Teve apoio da sua família quando tomou a decisão de “abandonar” a escola?
30. Arrependeu-se desta decisão? Se fosse hoje, tomaria a mesma decisão...
31. Quais eram os seus projetos ou qual a profissão que gostava de ter... Porquê?
32. Recorda-se da primeira vez que utilizou um computador? Como foi?
33. Como se caracteriza enquanto aluno(a)?
34. Frequentou algumas formações / cursos? Quais? Porquê?
35. Que percursos / caminhos da sua vida conduziram a ‘aprendizagens’? Consegue descrever alguns exemplos...

IV – TRAJETÓRIA DE VIDA DO ADULTO

36. Pode falar-me um pouco sobre a sua vida pessoal...

- a. Tempos livres
- b. Relações sociais
- c. Viagens
- d. “Lema de vida”
- e. Outros...

37. Durante a sua vida, emigrou ou imigrou?

- a. País
- b. Qual a sua idade, na altura?
- c. Quais os motivos que contribuíram para a sua e(i)migração?
- d. Esteve lá durante quanto tempo?
- e. Como foi a sua adaptação ao país? (Tópico de ajuda: amigos, língua, clima, ...)
- f. Gostou da experiência?

38. Como se auto-caracteriza?

V – PERCURSO PROFISSIONAL DO ADULTO

39. Pode falar-me um pouco sobre o seu **percurso profissional**... Recorda-se do seu primeiro emprego?

- a. Com que idade começou a trabalhar?
- b. Em que sítios/locais, já trabalhou?
- c. Quais eram as suas funções/tarefas?
- d. Sentiu dificuldades no desempenho das suas tarefas? Que tipo de dificuldades? Conseguiu superá-las? Como?

40. Atualmente, qual a sua situação profissional?

41. Está satisfeito(a) com o seu trabalho? Porquê?

42. Recorreu a formações, pesquisas, estratégias para gerir a sua vida profissional? Quais?

VI – PROCESSO RVCC: OPINIÃO E EXPETATIVAS

43. Como era a sua vida antes de frequentar o RVCC (contexto, situação, etc.)?

44. Quais os motivos que o(a) levaram a inscrever-se no CNO? Porquê?
45. Quais eram as suas expectativas em relação ao RVCC?
46. O que sabia acerca do processo RVCC?
47. Sente dificuldades? Quais são as suas maiores dificuldades manifestadas/demonstradas durante o processo? A que níveis? Exemplos...
48. Como descreve a sua relação com a equipa técnico-pedagógica?
49. Quais os aspetos positivos e negativos que destaca sobre o processo de RVCC?
50. Qual a sua opinião relativamente ao processo (tópico de ajuda: Duração; Sessões; Horários; Referencial de Competências-Chave; Metodologia utilizada – ‘História de Vida’;)
51. Considera esta iniciativa importante para a sua vida? Porquê?
52. O RVCC está de acordo com as suas expectativas iniciais? Porquê?
53. Na sua opinião, existem aspetos a melhorar no processo?
54. No decorrer do processo, consegue identificar mudanças na sua vida?
 - a. Pessoais (confiança, autoestima, otimismo,...)
 - b. Sociais (interação, participação, comunicação,...)
 - c. Profissionais (desempenho, conhecimentos, ...)
 - d. Outras...
55. Na sua opinião, o processo RVCC contribuiu de alguma forma / maneira para estas mudanças?
56. Após a conclusão do RVCC, ocorreram mudanças na sua vida relativamente às práticas de literacia? Que tipo de mudanças? Quais?

VII – PRÁTICAS DE LITERACIA NA VIDA QUOTIDIANA DO ADULTO

57. Na sua opinião, como foram incorporadas as práticas de literacia (leitura, escrita, interpretação, reflexão, ...) na sua vida? (Tópico de ajuda: família, amigos, ...)
58. No seu dia-a-dia, costuma ler?
 - a. Porquê?
 - b. Que género de leitura? (jornais, revistas, livros, ...)

59. Em algum momento da sua vida, sentiu dificuldades na leitura? Consegue exemplificar?
- a. Pediu ajuda a alguém? Quem?
 - b. Consultou livro, dicionário, internet...
60. E quanto à escrita, costuma escrever?
- a. Porquê?
 - b. Sente dificuldades na escrita?
 - c. E quando sente dificuldades, pede ajuda a alguém? Quem?
61. É membro de alguma associação ou organização? Qual?
- a. Que tipo de atividades são desenvolvidas?
 - b. Quais são as suas funções nessa associação ou organização?

VIII – PERSPETIVAS FUTURAS

62. Agora que concluiu o processo RVCC, o que está a fazer ou o que pretende fazer...
- a. Pretende continuar a estudar?
 - b. Quais os seus projetos de vida futuros ou as suas ambições? (Tópicos de ajuda: Pessoais, Profissionais, Sociais, Outras ...)
 - c. E quanto a preocupações futuras?
63. Como se imagina daqui a 5 anos – perspetiva de vida?
64. Quer acrescentar alguma informação que considere importante que não tenha sido mencionada anteriormente?

ANEXO 10

GUIÃO DE ENTREVISTA À PROFISSIONAL DE RVC

I – ENQUADRAMENTO E OPINIÃO SOBRE O PROCESSO RVCC

1. Quais as funções que desempenha no CNO da In Loco?
2. Porque decidiu fazer parte da equipa do CNO da In Loco?
3. Enquanto profissional de RVC, quais os aspetos positivos e negativos que destaca sobre o processo de RVCC?
4. Sentiu dificuldades no desempenho das suas funções enquanto profissional de RVC?
5. Qual o impacto que o RVCC da In Loco tem sobre os adultos que o frequentam?
6. Qual a sua opinião sobre a metodologia utilizada no processo?
7. Se pudesse propor mudanças no processo, quais seriam?
8. Quais os motivos que levaram os adultos (João, Mário, Helena e Sofia) a procurarem o CNO da In Loco?
9. Acha que o RVCC está de acordo com as expectativas dos quatro adultos? Porquê?
10. Consegue descrever como se “processava” o seu trabalho com estes adultos?
11. Antes do RVCC, já conhecia algum destes adultos? Tal fato condicionou ou favoreceu a sua função enquanto profissional de RVC?
12. Que tipo de relação estabeleceu com estes adultos?
13. Durante as sessões de grupo, os adultos participavam com naturalidade. Como vê a participação destes adultos no RVCC?
14. Enquanto profissional, recorda-se de alguma situação com algum destes adultos que a tenha marcado? Porquê?
15. Tendo em conta os adultos (João, Mário, Helena e Sofia), considera o RVCC um desafio para os mesmos? Porquê?

II – PRÁTICAS DE LITERACIA

16. Durante as sessões de grupo, os adultos revelaram algumas das suas práticas de literacia (leitura, escrita e informática)? Quais?
17. Na sua opinião, como caracteriza as práticas de literacia destes adultos (João, Mário, Helena e Sofia)?
18. Ao longo do processo RVCC, que atividades são desenvolvidas no âmbito da literacia dos adultos?

18.1 Considera serem adequadas tendo em conta o dia-a-dia destes adultos? Porquê?

19. Quais foram as maiores dificuldades manifestadas pelos adultos (João, Mário, Helena e Sofia) durante o processo RVCC? Consegue dar exemplos?

20. Numa perspetiva futura, o que considera que pode ser feito para ultrapassar as dificuldades destes adultos?

III – MUDANÇAS IDENTIFICADAS NO PROCESSO RVCC

21. Uma vez que acompanhou os adultos (João, Mário, Helena e Sofia) durante o RVCC, acha que existem mudanças na vida destes adultos? Quais? E ao nível da literacia?

22. Acha que os adultos (João, Mário, Helena e Sofia) têm consciência destas mudanças nas suas vidas?

23. Dedicam mais tempo às práticas de literacia? Alteram os seus modos de vida / tempos livres? Como?

24. Continua a manter contacto com os adultos?

25. De uma forma geral, qual o contributo do RVCC na vida destes adultos?

26. Quer acrescentar alguma informação que considere importante que não tenha sido mencionada anteriormente?

ANEXO 11

Transcrição das Entrevistas

Transcrição da Entrevista à Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento

Sujeito 1

Data da realização: 18 de Outubro de 2011

Local de realização da Entrevista: Biblioteca da Associação In Loco

Duração: 1 hora

Hora: 9 horas e 30 minutos

Investigadora: Bom dia, antes de mais, queria agradecer a sua disponibilidade e a colaboração nesta investigação. Enquanto Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento, quais as suas funções e o seu papel no processo de RVCC? E, como é feito o diagnóstico e encaminhamento dos adultos?

Entrevistada 1: A figura do Técnico de Diagnóstico e Encaminhamento (TDE) foi criada nos Centros Novas Oportunidades (CNO) e é responsável pelas etapas de acolhimento, diagnóstico e encaminhamento dos adultos. Cabe, de igual modo, ao TDE a atualização de dados no Sistema Integrado de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa (SIGO), a recolha de informação sobre as ofertas formativas disponíveis do território e a elaboração de relatórios. A entrevistada TDE refere que o facto de não existirem cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA's) e principalmente de dupla certificação consiste num obstáculo à oferta formativa.

Importa, neste sentido, reforçar que as etapas de Acolhimento, Diagnóstico e Encaminhamento pretendem identificar o percurso de qualificação mais adequado para o adulto. No momento da inscrição, o adulto deve trazer um documento de identificação, o *curriculum vitae* e o certificado de habilitações. O adulto inscreve-se no Centro Novas Oportunidades, neste caso na Associação In Loco, através de uma ficha de inscrição. E, posteriormente, os seus dados são inseridos no SIGO. Este registo possibilita o centro verificar se o adulto se encontra inscrito noutra centro. E este aspeto é extremamente importante, uma vez que é um processo obrigatório e comum para todos os centros novas oportunidades e adultos. Depois desta inscrição, procede-se à marcação de uma sessão em grupo que, por sua vez, tem como finalidade informar e esclarecer sobre o Centro Novas Oportunidades, sobre as ofertas de qualificação existentes, as diferentes etapas do processo e a calendarização das sessões em grupo. Nesta primeira fase, são tidos em conta elementos como a postura, a atitude e a escrita

do adulto. Quanto aos instrumentos utilizados, o adulto tem que elaborar um comentário, que normalmente consiste num tema muito amplo. Este comentário revela a forma como os adultos escrevem e isso é uma maneira de conhecer os níveis de literacia dos adultos.

A etapa de Diagnóstico encontra-se estruturada em duas sessões: uma em grupo e outra individual. A primeira refere-se à dinamização de uma sessão de um grupo mais pequeno, na qual se caracteriza a situação particular do adulto, nomeadamente as suas motivações e competências pessoais, como por exemplo “Se conseguirem o 12º ano, o que ganham com isso?”. Normalmente, surgem como respostas: empregos nos quais exigem o 12º ano; conhecimentos; e a continuidade de cursos.

São, de igual modo, relevantes o percurso escolar (básico e secundário, nomeadamente, como foi; quais os motivos que o levaram a deixar de estudar; influencia na vida da pessoa); percurso formativo (como por exemplo, ações de formação que tenham participado e normalmente os adultos levam logo os certificados de participação); percurso profissional (os trabalhos que a pessoa teve até à data – experiências de trabalho; os locais, a duração e as razões que contribuíram para a escolha dessa profissão); as atividades de tempos livres (atividades culturais, artísticas, técnicas, científicas, sociais – voluntariado), entre outros, através do preenchimento de fichas. A função da TDE prende-se com o apoio dado aos adultos no preenchimento das fichas, assim como no esclarecimento de dúvidas. Ainda nesta etapa é dinamizada uma sessão individual, que tem como objetivo clarificar a situação do adulto relativamente à sua inscrição no CNO, as suas características pessoais e os contextos de vida. As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) surgem, de igual modo, como uma competência muito importante no processo Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC). Os adultos têm que fazer e apresentar os trabalhos a computador. Para além das TIC’s, é também necessário a língua estrangeira. Os adultos têm que traduzir um texto em três línguas, nomeadamente inglês, francês e espanhol. In Loco disponibiliza uma formação de inglês que é gratuita e alguns adultos inscrevem-se por vontade própria. Nesta etapa, utiliza-se como instrumentos o guião de entrevista (Ficha 7) e registo de dados (Ficha 8). A TDE entrevista os adultos com o intuito de aprofundar algumas questões mais relevantes.

A última fase do processo é a fase do Encaminhamento que, por seu turno, abrange duas sessões individuais. Nesta etapa, é feita uma análise da informação recolhida acerca do

adulto e a proposta de percursos tem por base a Grelha de Análise do Perfil (Ficha 9). Tenho por base todas as informações recolhidas, são definidos os perfis-tipo dos percursos educativos e formativos (Ficha 10), nomeadamente Encaminhamento para RVCC Escolar; Encaminhamento para RVCC Profissional; Encaminhamento simultâneo para RVCC Escolar e RVCC Profissional; Encaminhamento para Percurso Formativo. E, por último, apresentar as Propostas de Encaminhamento (Ficha 11) aos adultos e solicitar a reflexão dos mesmos sobre as vantagens e desvantagens do percurso considerado adequado para o adulto. Se o adulto for encaminhado para outro percurso formativo, deverá ser preenchido o Plano Pessoal de Qualificação (PPQ). E caso o adulto seja encaminhado para um processo RVCC, deverá ser marcado com o adulto um dia para o início do processo.

Após a assinatura do Plano de Encaminhamento (Ficha 12), a TDE deve concluir o registo do adulto no SIGO.

Relativamente ao perfil dos adultos que se encontram atualmente no processo RVCC, a entrevistada menciona a questão dos desempregados que, por sua vez, são encaminhados pelo Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP). Estes adultos encontram-se mais nos grupos de dia do que nos grupos de noite. Acrescenta ainda que existem muitas pessoas com o 6º ano de escolaridade, principalmente nas faixas etárias dos 50-60 anos. Menciona que em 2007 decorreu um grande *boom* de inscrições e que a equipa do CNO não conseguiu dar resposta. Outro aspeto importante é que, neste momento, a equipa do CNO encontra-se a contactar os ‘desaparecidos’ do processo RVCC. Por fim, a técnica realça a “vontade da pessoa” como um dos aspetos importantes no diagnóstico. Menciona ainda que o processo RVCC não está adequado à pessoa que não tem vontade.

Entrevista ao Sujeito nº 2

Data da realização: 16 de Março de 2012

Local de realização da Entrevista: Café

Duração: 1 hora e 30 minutos

Investigadora: Antes de mais, queria agradecer a sua disponibilidade e a colaboração nesta investigação. Tendo em consideração os objetivos da mesma, gostaria de iniciar a nossa entrevista com uma breve apresentação pessoal.

Investigadora: Senhor João, quantos anos é que tem?

Entrevistado 2: Trinta e seis (36).

I: Trinta e seis (36) anos. O seu estado civil?

E2: Casado.

I: Concelho de residência?

E2: Faro.

I: Escolaridade?

E2: Ammm... Nono (9º) ano.

I: Onde é que nasceu, senhor João?

E2: Em Faro.

I: Nasceu aqui no... em Faro?

E2: Sim, nasci aqui no Hospital de Faro.

I: Ah... Qual é a escolaridade dos seus pais?

E2: Eu penso que seja mesmo a quarta (4ª) classe, da altura, da época.

I: Sabem escrever...ler... assinar?

E2: Sabem, sabem, sabem. Eu acho que é a quarta (4ª) classe... é a quarta classe.

I: Isto é mesmo só para podermos caracterizar a pessoa.

E2: Sim, sim, sim.

I: E o que é que eles faziam em termos de ocupação profissional?

E2: Ammm... o pai... teve empresa própria até... sei lá... aos cinquenta (50)... e depois... trabalhou no matadouro de Loulé... até à reforma.

I: No matadouro de Loulé?

E2: Que já não existe.

I: Pois...mas já foi há muito tempo? E a sua mãe?

E2: Já foi há alguns anos. A minha mãe não trabalhou até há uns anos atrás, depois optou por, começou por fazer assistência a idosos em casa. Neste momento tá a trabalhar num lar de idosos.

I: Mas tem algum curso?

E2: Não. O curso é a vida. Não tem, não tem curso nenhum. Quer dizer onde trabalha agora por lei, ela foi obrigada a fazer formação. Ainda não há muito tempo que ela fez uma formação. Mas é mesmo o lar que obriga, não é? É uma coisa que ela sempre gostou e agora... como gosta também está em formações que lhe pedem para fazer, que é obrigada a fazer.

I: Ah... e em relação à sua infância? Como é que foi a sua infância? Têm algumas recordações? Eu gostei muito de ler a sua autobiografia... dos vários exemplos que deu das brincadeiras e das traquinices que fazia.

E2: Ammm... sim, sei lá que fiz na minha infância asneiras (risos). Sim, as brincadeiras e lembro-me mais, talvez, do tempo que passei cá no Algarve do que lá no Alentejo. Lá era mesmo mais, mais pequeno. Aqui vim para a escola com o meu irmão acabei a quarta (4ª) classe... com todos os irmãos na escola eu saí e entrou o mais novo...

I: Têm muita diferença? Ah... o seu irmão tem muita diferença?

E2: Eu tenho um irmão com menos um ano. Uma irmã com menos três (3), salvo erro... e o mais novo tem vinte e seis, vinte sete... Com ele é que eu não andei à escola... como é óbvio, não é? Ele é muito mais atrás do que eu mas andei com mais um, com um único ano de diferença foi até ir para o ciclo... agora já não se chama ciclo. Quinto, sexto depois passava-se para o liceu, sétimo, oitavo, nono era uma coisa assim...

I: E quando, ah... por exemplo aqui... ah... qual era a sua relação com os seus/ com os seus irmãos?

E2: Era boa. Sou o mais velho. Sou o mais velho e ah... a nossa relação sempre foi boa, sem problemas nenhuns. A nossa relação sempre foi boa. Aquelas guerras entre irmãos... que é normal, e tudo... no meio disso tudo, que já não tem a ver com a escola, tem a ver com uns anos mais tarde acabo por ter pena é daquela altura em que nós

começamos a ter mobilidade própria. A partir dos dezassete (17), dezoito (18) anos, em que começamos a ter motorizadas, e não sei quê... foi quando eu fui embora.

I: E a relação com os seus pais? Também era... assim... Aqui nós... Por exemplo, quando nós perguntamos da relação, era exemplos, de algum... de algum... de algum episódio que ficou marcado?

E2: Ammm nada... ah... não, não há assim nada de especial. Tendo em conta que nunca fomos filhos problemáticos, não... não tem nada... éramos conhecidos como os filhos da Rita, porque vivíamos num meio pequeno, e éramos quatro filhos, e... éramos conhecidos por isso mas não tínhamos... só tipo... quando chegávamos ao fim do ano andávamos a cantar as ditas janeiras, de porta em porta, mas não cantávamos nada bem, era mesmo só para (risos) nos darem os doces e *tchau*, beijinhos.

I: (risos) Aí, que giro, tinham essas tradições, não conhecia, não conhecia essa tradição de andar de porta a porta.

E2: A cantar as janeiras... Ainda hoje se fazem. Ammm... ainda hoje... O primeiro mês de/o mês de Janeiro é o mês em que andam as ditas charolas... de aldeia em aldeia, ou assim... a... cantar as Janeiras. E... nós fazíamos assim, éramos os quatro e juntávamo-nos a mais um amigo ou dois... e andávamos por lá... e depois ganhávamos filhoses, e eram os doces e os chocolates, essas coisas assim... ou então... já em tempos de escola primária... ah... só tínhamos uma vizinha, mas íamos sempre lá.

I: Só tinham uma vizinha?

E2: Não. Uma delas que participava.

I: Ah, ok. Podia ser assim num meio isolado.

E2: Não, não... Era isolado... É assim... aquilo era tipo montes... aqui perto de Loulé, na zona de Loulé. Mas... mas víamos um monte e depois em volta... não, não era que fosse muito isolado... e o que nós fazíamos era... quando queríamos dinheiro para as brincadeiras de escola, os rebuçados, os ditos balões, ou assim... fazíamos como rifas, íamos a casa da mãe e roubávamos uma xicara qualquer, ou um... o meu pai como era empresário tinha... arranjava copos de, de, de sumos e de... e a gente vendíamos aquilo tudo, fazíamos uma revenda daquilo tudo.

I: Para ficarem com dinheiro para comprar doces.

E2: Exatamente... exatamente. Nunca funcionava com os outros... só funcionava com a vizinha. Só aquela vizinha é que funcionava, mais nada (risos). Com mais ninguém funcionava. Mas assim com os meus pais, episódios, não. Posso dizer que o meu pai... ammm... nunca me castigou... nunca... era sempre a mãe, era sempre o trabalho da mãe, porque era doméstica, passava mais tempo em casa connosco. Ela é... que tinha essa parte... ah, o pai não... o pai só houve uma vez que me repreendeu, foi porque fizemos asneira... numa ceara enorme, pomo-nos no meio e fizemos um caminhozinho

estreito, e depois no meio fizemos um largo... derruba-mos a ceara toda ao senhor... foi chato... mas de resto...estou a falar de dez anos, nove, dez por aí...

I: E em relação aos seus tempos livres? Recorda-se de mais alguns exemplos?

E2: É assim... as férias... posso dizer que as que mais me marcaram na altura foi... três meses na Suíça. Em criança. Promessa de, de madrinha, se eu passasse o ano lectivo do quinto ano para o sexto ano... passava as férias na Suíça. E eu fui, foi um incentivo. Foi um bónus... Sim, foi... ammm, mais... epá, por essas alturas, não me lembro assim de muitas coisas, mas... Se não... depois nos tempos livres, fora da escola, talvez quando passei para o sexto ano, eram ocupados a ajudar o pai na, na distribuição, e assim...

I: Mas do nono... para a frente?

E2: Não, mesmo antes disso. Era óbvio que não lhe ia ajudar como uma pessoa adulta, mas já ia com ele e...

I: Já fazia as suas tarefas de estar ali, se fosse necessário alguma coisa, ajudava.

E2: Exatamente, exatamente. E foi benéfico por causa do inglês, por causa da condução... eu, a primeira vez que peguei num camião parecia que já sabia conduzir há anos atrás e nunca tinha pegado naquilo. Era um parque, hoje já está fechado, que era a UNICER...

I: Ah a UNICER... uma fábrica de cerveja.

E2: Exatamente, exatamente. Ammm... aquilo tinha um parque privado, não é? Que era (imperceptível)... e o meu pai um dia, tínhamos acabado de carregar o camião, e disse “olha, já que estás sempre aí coiso, queres conduzir? Leva o camião.” E eu peguei no carro, como se tivesse conduzido há anos atrás.

I: Que idade é que tinha?

E2: Sei lá... Treze, catorze anos, na altura. (imperceptível)... com um volante desse tamanho assim ... assim enorme... direção assistida a braços...Direção assistida a braços... Foi uma experiência boa. De infância acho que é só isso.

I: Pronto. Ah, aqui... esta questão que nós já vimos que... mudou de casa, ou seja, primeiro, depois teve que...

E2: Sim, nasci em Faro e fui viver para a Franqueada. E daí, sinceramente não tenho muitas ideias, muitas... A única coisa que lembra são coisas que o pai e a mãe me recordam, como por exemplo, gostava de brincar com o (imperceptível) do pai... uma vez caiu... é a única cicatriz que tenho, é aqui no joelho. Caí... Pus-me em cima da motorizada, balancei, ela caiu para o lado, e eu aleije o joelho. É a única cicatriz que tenho. Foi, só apanhou a perna, acho eu. E tenho aqui uma cicatriz... não sei se foi queimado... se foi/se abriu... é a única que tenho da Franqueada é só as únicas

recordações que tenho, mais nada. Depois fui para o Alentejo, vivi lá o tal ano e qualquer coisa na escola primária, e vim para a Goldra, para o outro lado já... Fiz só um ano. Foi um ano letivo.

I: Ah, na altura estava com os seus avós no Alentejo, certo?

E2: Com a avó, que o avô não conheci. Com a avó. Ah... posso-lhe dizer que... nunca conheci... não conheci o avô paterno e a avó materna.

I: Só conheceu um...

E2: Um de cada lado... convivi com o avô materno, até ele falecer... nessa altura já eu morava na Goldra. Porque ele sempre morou por perto da minha mãe, porque todos os outros filhos viveram na Suíça... estavam na Suíça. A emigração já vem dele, do próprio avô... já vêm do próprio avô.

I: Ah... e depois passado este ano lectivo no Alentejo, regressou a Faro?

E2: A Loulé. Fui, fu/ah pronto vim para a escola da Goldra, ainda hoje existe, é uma das poucas que ainda não foi fechada e fiquei lá até fazer a quarta classe, depois fui para Loulé, para o quinto ano. Para o ciclo.

I: Em relação, ainda, ao seu percurso familiar, qual é a sua opinião... ah, relativamente ao papel da família no seu percurso familiar, ou seja, no seu percurso de vida? Por exemplo, o acompanhamento, o apoio...

E2: Ah sim... sempre foi digamos, nunca senti a falta do apoio, o acompanhamento, a mãe sempre mais que o pai, por causa do trabalho. Ammm... digamos que também nunca fui... problemático, não é? Ou seja, só iam à escola em fim de períodos, saber as notas, essas coisas, ah... Tinham, tinham essa preocupação. Ah, mas de resto não, nunca senti falta de nada, nem nada disso. Aliás, a entreaajuda era muita e sempre foram pessoas que se preocuparam, ah... hoje se calhar vejo um pouco a coisa um pouco diferente, na altura não via assim, mas... é a tal questão das roupas de marca, e essas coisas todas, que os pais faziam o maior esforço, ah e nunca me/nunca puderam dar... a única coisa que eu consegui que era de marca, era as bolas de futebol e as luvas de guarda-redes. E mesmo assim... A bola de futebol era da *Adidas* ou da *Nike*, essas coisas assim... Mas... as chuteiras e isso, eu nunca tive, e roupas também não. As primeiras/as primeiras roupas de marca que comprei se calhar já tinha... dezasseis, dezassete anos. E foi porque trabalhava com o pai, e ele tinha uma empresa, e pagava o ordenado. Ah... foi um choque muito grande para ele, porque na altura comprei umas *Mustang* e mais não sei o que é que foi ele gastou na altura vinte e cinco contos em, vinte e cinco contos em peças de roupa só para uma pessoa... para mim... que ele é que pagou. Mas pronto... como também não me pagava ordenado e eu trabalhava o mesmo tempo com ele. Só depois é que... mais tarde, quando comecei a ganhar o meu dinheiro é que... aí sim. Uma coisa... hoje em dia também já não faço o mesmo... já não (imperceptível)... Acaba por ser uma fase. É óbvio que está mais provado que tudo o

que é de marca, por norma... dura muito mais tempo que uma outra coisa que não seja. Mesmo que seja económico, nem sempre (imperceptível) não é? Ainda, ainda guardo em casa, as calças dessas alturas. Só não as visto, porque entretanto fiquei mais musculado. (risos) Músculos um bocadinho para a barriga. Ammm, mas ainda guardo calças dessa altura, portanto, vê-se que... usa-se e usa-se, e abusa-se e quando comecei a trabalhar, aquilo foi assim, o meu pai tinha uma empresa, em que eu, portanto, está no meu percurso, no meu curriculum está lá. Ah... eu cheguei ao oitavo ano e achava que levantar-me às seis e m/seis, seis e meia era muito cedo. Porque eu entrava nas aulas às oito e meia, não havia autocarro, a câmara municipal disponibilizava uma carrinha... só que para eu estar nas aulas às oito e meia, a carrinha vinha-me buscar... muito perto das sete e eu esperava quase uma hora para entrar nas aulas, depois. Tinha que me levantar muito cedo. E... nunca fui mau aluno... no ano em que eu sai, ainda me recordo que o meu único problema era tapado de faltas a português, salvo erro... porque era já quase na altura do Verão, havia muitas piscinas, havia... enfim... e, e saí... ah... e o pai disse epá é assim “tu vais sair porque queres”, nunca passei anos lectivos com negativas, sempre levantei as negativas, sempre boas notas, “se tu queres sair, não posso fazer nada para te obrigar, sais, mas não vais levar a boa vida, vais trabalhar”. Então fui trabalhar com o pai. Na altura, talvez que eu tivesse quinze anos... mais ou menos... quinze, dezasseis. Mais para os quinze, quando saí da escola... e fui trabalhar com o pai, e depois o pai por ordens superiores foi obrigado a juntar-se... com outras duas pessoas, que faziam a mesma volta, a fazer uma firma. A partir desse momento, em que se uniram, eu passei a ser um empregado igual aos outros que lá estavam... que foram, que foram então aí comecei a ter um ordenado. A partir desse momento, sim, aí comecei a fazer as minhas próprias compras, e... em relação as *All Stars* cheguei a ter... sei lá... cinco, seis cores diferentes. Pretas, brancas, amarelas, vermelhas, talvez não, mas...

I: Pronto. E por exemplo, recorda-se do seu primeiro dia de aulas?

E2: Não. Não... não faço a mínima ideia... não me lembro.

I: Pronto... mas, mas recorda-se do percurso da primária?

E2: Sim. Da primeira classe lembro-me. Da primeira classe lá no Alentejo... Recordo-me que... tinha uma tia que vivia do lado da escola, mesmo. E ainda hoje vive... ainda hoje vive. Disso recordo-me, mas não muito mais ... recordo-me que andava à escola com os meus primos, que são de lá... tinha dois/tenho dois primos/somos três primos com... quinze dias de diferença uns dos outros... eu sou o do meio... ah, não... eu sou o mais novo...o mais velho. Tenho um primo que é quinze dias mais novo do que eu... depois sou eu... e tenho um outro primo que é mais velho do que eu quinze dias. Primos com quinze dias de diferença entre um e outro. E andámos os três à escola... na mesma escola, lá no Alentejo.

I: E em termos de adaptação? Qual foi a sua adaptação à escola? Adaptou-se bem? Gostava da turma?

E2: Sem problemas. Sem problemas. Ammm... notei um pouco de dificuldade... quando vim do Alentejo para cá, porque o método de ensino era diferente. Por acaso, posso dizer que fiz primeira e segunda classe no mesmo ano... cá. Porque quando eu voltei do Alentejo... a minha professora de primária... em certos aspetos eu acompanhava os alunos da segunda classe e no caso da leitura... os da primeira... os da primeira classe.

I: Ah e, então o método de ensino era diferente cá em relação ao de lá?

E2: Do que lá... do que lá. Era diferente... e então foi só o segundo ano, é isso que eu... me lembro, e depois a partir daí encarrilhei bem e... nunca tive grandes problemas a nível... de escola. Na quarta classe, era eu e uma amiga, lembro-me, que eramos sempre os melhores a matemática e a português... depois virou-se contra o feiticeiro porque a partir do sexto ano nunca mais dei conta da matemática. Era diferente. O que eu noto, o que/ nesta altura, olhando para trás o que eu vejo, é que... a culpa talvez nem fosse tanto da matemática, fosse mais minha... porquê? Ah... fui para Loulé quinto ano ainda foi aquela, sexto ano... que é um ano, que talvez eu considere que exige mais atenção, e, e... e mais trabalho em relação, pelos à matemática, e... eu tinha outras prioridades e depois perdi-me. E ao perder, eu penso que ao perder ali o... o rasto à, à matemática, acabou-se. As equações, aquela coisa toda... se não se perceber desde o principio... Eu lembro-me, que no sexto ano... foi no sexto ano... foi, ainda era lá em baixo... no sexto ano tive um colega que veio da França... para a nossa classe a professora estava a passar os exercícios no quadro, e ele não ligava patavina nenhuma àquilo... e a professora depois houve uma vez que lhe perguntou porque razão é ele não, não tomava atenção, e ele disse “não, isso que está a fazer já aprendi na terceira classe”, e não... e ele/e é verdade, não era só falar, era mesmo fazer... as equações que a professora fazia no quadro, ele já as sabia...fazia tudo bem. É diferente. É completamente diferente... É foi um pouco isso, sim. Foi isso que eu achei. Depois eu perdi um pouco a matemática, e a partir daí, posso dizer que no sétimo ano ou no oitavo mesmo, o professor de matemática, em dias de teste eu ia, preenchia o cabeçalho do teste. “Posso sair? Não, não saias que é para não dar muito nas vistas... já vais”. Eu não preenchia os testes, eu não fazia os testes.

I: Mas era só com a matemática?

E2: Só com a matemática.

I: Com o português não?

E2: Não, com o português não. Nunca tive problemas.

I: Ah, voltando aqui à questão novamente da primária, recorda-se da professora da primária?

E2: [Sim. Goreti muito boa professora... era Maria Goreti, acho eu. Maria Goreti e o seu Fiat 127... 128, perdão. Ela tinha o 128, que era igual (imperceptível). Era a Maria

Goreti... a professora de Coimbra... que eu penso que hoje está em Coimbra, está de volta à terra dela. E a filha a Inês que estudava connosco.

I: E por curiosidade, ainda tem alguma recordação ou algum contacto com os colegas da primária? Da escola primária?

E2: Alguns... alguns... alguns, tendo em conta que são da mesma zona que eu... basta, basta ir lá... infelizmente esta semana perdemos o dono do café... e, mas basta ir ao café e encontramos-nos por lá... em Loulé, claro. Sim. Ainda hoje é possível encontrar alguns deles, sim.

I: Ah... e outra curiosidade, as reguadas?

E2: Não havia. Não, não. A Goreti não fazia isso. Não, não. Não, não. Não havia isso. Ali não. Muita chatice à cabeça da professora... ah... eu... acho que nem me recordo de castigos. Quer dizer, castigos... ah, chamar ao quadro e faz cinquenta vezes isto e vinte e cinco vezes aquilo... isso sim. Isso era os ditados ou as cópias, ou assim, quando uma pessoa errava e depois fazia x de vezes... a numeração romana tens que fazer x de vezes enfim... era assim coisas/isso sim... agora digamos que agressão física...

I: E... por exemplo, ainda agora referiu a questão dos ditados... gostava de fazer ditados, cópias, numeração romana?

E2: Nessa altura gostava de tudo, até composições... sim, era muito... como é que hei-de dizer... não era bem empenhado... era criativo. Inventava coisas, e... que era aquilo que a professora digamos que ia de encontro àquilo que a professora queria ouvir ou queria ler. Nessa altura não... eu gostava de... a escola primária, a escola até à quarta classe e quinto ano, no ciclo foi...

I: O problema começou no sexto (6º) ano?

E2: Com a matemática só.

I: Pronto. E em termos da leitura e da escrita, gostava de ler e escrever?

E2: Sim, sim.

I: E lia em casa?

E2: Ah, nessa altura não, havia mais que fazer. Não, nessa altura não, mas... hoje em dia ainda gosto... ainda há livros que gosto de ler...

I: E recorda-se, por exemplo, de algum livro, algum conto, algum poema, alguma história, que leu na altura da escola, que o marcasse?

E2: Não, não. Nós era só as peças do (imperceptível), e pouco mais que isso. Não me recordo assim nada disso.

I: Aqui em relação, a escrever... escrevia cartas a familiares... os diários, não sei... ou...

E2: Não, nessa altura não, talvez mais tarde, escrevia cartas sim, mas eram em inglês. Para uma namorada na Alemanha. Como eu não sabia falar alemão, falávamos inglês. É, é, porque não sei se merece ou não, mas porque até acho estúpido mas sempre tive um coiso por inglês, e muito por ouvir falar, ir ao cinema... quando eu comecei a aprender o inglês no quinto ano, eu aborrecia-me “how are you, what’s your name” isso para mim já não me dizia nada e porque também quando andava na escola primária... tive uns vizinhos, uns ingleses, que compraram uma casa, um pouco mais acima da minha começamos a ganhar amizade, a jogar futebol com ele, ele tinha se calhar, na altura, trinta e tal anos, e eu tinha dez. Ammm, amizades e depois chegou um certo ponto na nossa amizade em que ele disse, bom, tu comigo falas em inglês e eu contigo falo em português e corrigimo-nos um ao outro. Com os filhos não eles tem dois filhos, os filhos sempre falámos em português mas com os pais sempre foi assim. Ainda hoje é eu tenho por hábito dizer que eles são os meus pais ingleses, eles são divorciados agora atualmente, mas prontos acompanharam. Até eu ir para a Suíça. E mesmo hoje em dia se nos encontrarmos, somos capazes de ter para aí meio-dia de conversa, e assim. Sem problema nenhum é mesmo. É o Peter e a Linda. O James e a Lya. O James, o James. O James está na Inglaterra, abriu um negócio próprio e a Lya está por cá. Já passou por linhas aéreas, e assim quer dizer, está aí a trabalhar mas agora está aqui por Faro, pois isso não o Peter, divorciou-se e está viciado no mar. Pesca desportiva e assim. A Linda, continua com o trabalho dela, que é numa pequena empresa de como é que hei-de dizer... ela toma conta de casas das pessoas que estão lá fora os “camones” vem cá, compram a casa, e ela aluga, se for preciso se for o caso. Sim, orienta isso é, é isso.

I: Que engraçado... então... desde novo...que começou a falar Inglês?

E2: Pois, pois. Eu hoje em dia, é assim o meu filho estuda inglês quando ele me vem com os livros e me diz, eh pai este verbo no passado, não sei quê, não sei que é assim eu para lá chegar, ou para fazer aquele verbo naquela palavra ter sentido o que eu faço construo uma frase, aplico o verbo para tentar perceber qual é ou qual será a forma mais...

I: Quando é/como é que tem mais sentido.

E2: Exatamente. E até hoje ele ainda não se queixou. Eu atualmente tenho pena, muita pena de não poder praticar mais o inglês... e também tenho pena pelos meus dez anos passados na Suíça, quase dez anos... que me levaram a falar francês e a escolher o inglês... porque neste momento eu a falar inglês... ah... falo... não tenho problemas, mas já digamos que tenho que falar mais devagar, e, e tentar perceber a palavra, ou pensar o que é vou dizer a seguir. Já não flui tanto. Mas posso dizer que o meu inglês não é *yes, very good*, nem nada dessas coisas é mesmo... epá, dá para falar bem. Inglês e francês para mim não. Eu fiz o que a Catarina está a fazer, mas foi em alemão. Mas era pago, pagava para aprender alemão mas depois desisti, lá está, perdi a namorada

alemã, perdi o curso também (risos) não, mas depois desisti, desisti do alemão porque... é uma língua um pouco complicada. Lá está, não... em alemão o que aprendi a dizer foi as coisas básicas, como é que te chamam, onde é que tu moras, ou... dá-me isto, dá-me aquilo... é o básico mesmo. Eu na Suíça... ouvia falar italiano e... mas não, não percebo.

I: O alemão dizem que é difícil... nunca tive alemão.

E2: Pois, eu tive, eu estudei alemão, para aí durante dois meses, ou assim. Mas é muito complicado, é muito complicado. Eu já estudei fora da escola, já foi um curso... privado, pago à parte, fora da escola. Nunca mencionei isso.

I: Voltando à parte da escola, das leituras, do que escrevia... das composições, da criatividade, se gostava de ler, o que é que lia...

E2: Sim, gostava, gostava, gostava de ler, e também era essas ditas composições também... ah... também gostava de fazer as composições nunca tive problemas na leitura. Aliás, na escola primária nunca tive assim grandes problemas a nível, posso dizer que, eu tive no Alentejo, não é? Quando vim para cá, o método de ensino de cá, não era igual ao que eu tinha de lá acabei por fazer a primeira classe e a segunda classe quase em simultâneo, aqui no Algarve. Ah pronto, da segunda classe, fazia tudo/todas as atividades da segunda classe, mas por exemplo, quando era para ler ou assim, lia com os da primeira classe, porque nesse aspeto estava um bocado atrasado, mas não perdi ano nenhum foi sempre bem até à quarta classe.

I: Era, por exemplo, se gostava de ler e de escrever. Gostava? E porquê? Identificava-se? Fazia parte do seu dia-a-dia?

E2: Sim, sim, sim, sim. Não, fazer parte, não fazia. Só na escola... trabalhos da escola, e assim. Agora, dizer que andava a escrever só por escrever, não, isso não.

I: Ok. Recorda-se se nas escolas em que frequentou, por exemplo, as três escolas, se não estou em erro. Existiam bibliotecas ou salas de estudo?

E2: Na primária não... no ciclo já existia a biblioteca... e no liceu também. Mas nunca frequentei. Nem uma coisa nem outra.

I: Ok. Estudou até que ano?

E2: Até ao oitavo.

I: Oitavo. Exato. Já vimos também algumas disciplinas que mais gostava e outras que depois passaram a ser difíceis...

E2: Matemática. Matemática. Gostava de História e Geografia sempre gostei só o que não gostava era de Matemática.

I: Aqui a questão das línguas, vimos a questão também do Inglês que começou a falar cedo e do Francês também e com o Alemão anos mais tarde tirou um curso.

E2: Comecei a tirar não, não aprendi muito. Não. Foi só o básico... para aí mesmo. Mas sim, comecei a frequentar um curso de Alemão.

I: De Alemão. Com que idade é que tinha? Já trabalhava nessa altura?

E2: Já, já. Ammm... dezasseis, dezassete... por aí. Mais ou menos.

I: Durante o seu percurso escolar..., sentiu dificuldades, quer ao nível de aprendizagem... algumas dificuldades de interpretação, compreensão de alguma matéria?

E2: Não. Matemática. Só. Mais nada.

I: Aqui a questão das operações, neste caso, realizar cálculos... mas a matemática começou a ser problemática só a partir do sexto (6º) ano?

E2: Sim. Sim, porque é a tal coisa, na altura, agora é diferente, mas na altura era quando se começava a trabalhar com equações e coisas assim, e eu culpo-me um pouco por isso talvez porque não prestava muita atenção, perdi um pouco o rumo à meada, e depois não consegui apanhar mais. E depois eu perdi o princípio... e já não/já não, não sabia talvez resolver as equações mais, mais simples... e por aí me perdi, e já não. Eu não me lembro é nada.

I: Esta questão não sei se já tínhamos visto, mas acho que não... se tinha apoio na realização dos trabalhos de casa, em casa... ou se tinha algum apoio ou explicações.

E2: Não, não, não... Nada, nada, nada.

I: E que idade é que tinha quando decidiu sair da escola?

E2: Boa... dezassete... dezasseis, dezassete por aí. É mais para os dezasseis, sim.

I: Por exemplo, foi um tempo complicado a mudança da primária para o ciclo?

E2: É. A questão que a escola primária era situada fora da cidade... E eu comecei a frequentar a cidade sozinho... assim... sem o pai e sem a mãe, sem ninguém. E eu entrei com os seis, a fazer os sete anos, já. Não me deixaram entrar mais cedo. Mas a mim não me deixaram entrar com cinco. Sei que tinha os seis anos, antes de fazer os sete anos. Eu entrei com seis em... Setem/Outubro... na altura era em Outubro... estive três meses... entrei com os seis em Outubro, e fiz os sete logo em Novembro... na primeira classe. No ciclo ... de manhã... por norma, às vezes, não ia de autocarro, ia com os pais de cá... ah... agora o regresso, sim, o regresso era, era de autocarro. Depois era a questão de lá... as ruas... as pessoas que eram diferentes, depois aquela coisa de

não, não conhecer, não dar confiança a todas as pessoas, e isso e aquilo. Foi adaptar foi um pouco complicado, mas depois prontos...

I: Unhummm... e os colegas da primária foram também para a sua turma?

E2: Não... acho que ninguém me acompanhou... por causa do Francês.

I: Ok. Porque escolheu Francês?

E2: Sim, sim. Sim. *Ya, ya*. Por ter família na Suíça. Falam francês. Influência familiar. No entanto... ah... nessa altura eu considerava que falava muito melhor o inglês do que o francês fora da escola. E eu falava melhor o inglês do que francês. Eu o inglês pra mim, acho que foi uma coisa que me não sei, não sei como explicar, eu via filmes, ia ao cinema e assim aprendi por aí. E depois, a tal questão dos meus vizinhos, que eram ingleses, falavam em inglês mas quando eles foram para lá viver, eu já falava... já falava inglês, mas o meu inglês, é inglês... a gente chamava-lhe o inglês... por isso é que eu não tenho... ah... pronúncia de Inglaterra porque o meu inglês é quase o inglês americano... que era filmes, e coisas assim... Ammm... eu lembro-me de um bom exemplo que tínhamos um cliente e eu levei quase duas semanas para tentar perceber o que é que queria dizer *empty*. *Empty*... vazio. Eu nunca tinha ouvido aquela palavra... *empty, empty*... e depois é que eu não lhe perguntei o significado, mas... tentei perceber o que é que ele queria dizer com aquilo, e depois cheguei à conclusão era vazio. Nós trabalhávamos com barris de cerveja... exato... exatamente e ele tinha um local onde é que nós púnhamos os barris cheios e os vazios, como ele sabia que eu falava inglês, falava só comigo, aliás, os ingleses... é sempre bom para eles, quando apanham alguém que fale inglês, eles não falam outra língua e ele dizia-me, olha toma a chave e vê quantos barris vazios é que estão, e quantos cheios é que estão e trocas, e não sei que... e eu fixei a palavra, *empty*, mas não... só depois da terceira vez, ou assim a mesma palavra foi usada no mesmo contexto, é que eu comecei a perceber que *empty, empty barrels*, que eram barris vazios que era para trocar os vazios pelos cheios... que é um exemplo que eu me lembro. Mais de resto, não.

I: Então o francês... foi até ao oitavo... e o inglês, teve na escola...

E2: Foi a partir do sexto ano... não, perdão, sétimo. O quinto e o sexto foi francês... o sétimo, ainda foi francês e inglês...

I: Pois... e como é que eram os professores no ciclo?

E2: Hum, não tenho más memórias. Não, não tenho assim. Não me recordo de ter nem picardias com nenhum, antes pelo contrário, por exemplo os professores de matemática eram cinco estrelas, sempre tentaram ajudar.

I: E recorda-se da primeira vez que utilizou um computador?

E2: Acho que se usei foi na casa dos amigos para jogar jogos. Deve ter sido quando era miúdo na escola com os amigos para jogar. Agora para fazer coisas da escola, não. Eu

acho que o computador é importante e eu pessoalmente e profissionalmente continuo a não usar muito. No trabalho que tenho é importante só por causa dos *stocks* e, eventualmente, trocar alguma correspondência para algum fornecedor mas não é a ferramenta mais utilizada no meu trabalho. A nível pessoal sim, consultar a internet e manter-me atualizado e tirar algumas dúvidas, às vezes, e algumas coisas, mas é tudo também. Agora, por exemplo, este mês, desde a semana passada que estou sem computador porque gastei a internet e não estou interessado em comprar um pacote novo.

I: E como foi a mudança do ciclo para o liceu?

E2: Ahhh, até arranjar padrinhos foi complicado. Sim, tínhamos que ter padrinhos para não levar carolos. Ammm, como vínhamos de Loulé aquilo era e ainda hoje, penso que é, tem a escola até ao sexto ano e depois tem o liceu cá em cima ao pé do Centro de Saúde. E, na altura, quem vinha lá de baixo era sempre praxado. E nas horas de intervalo, passávamos de uns pavilhões para os outros e os mais novos eram sempre praxados. E depois comecei a arranjar lá uns padrinhos e a praxe passou. Mas aí já não foi ... o que foi mais foi o facto de sair de um sítio e entrar noutro e ter contacto com pessoas mais velhas porque já estava habituado com a cidade e aquilo tudo. Era diferente.

I: A uma determinada altura, decidiu “abandonar” a escola. Quais foram as razões que o levaram a tomar esta decisão?

E2: Sim. Foi não ter que acordar muito cedo (risos) porque o autocarro passava às oito e meia e eu começava as aulas às oito e meia. E então a câmara municipal dispensou uma carrinha para nos ir buscar, só que a carrinha, como é óbvio, tinha que começar por algum lado e começava por nós. E aí tínhamos que apanhar a carrinha às sete e meia, mais ou menos, uma hora antes e fazia com que eu tivesse que me levantar por volta de um quarto para as sete, vinte para as sete, para me despachar e depois ter que ir a pé até apanhar a carrinha. Que a carrinha não vinha a casa, eu tinha que ir apanhá-la um pouco mais acima e então, depois cansei-me daquilo. Mas na altura em que sai da escola, as notas davam para passar o ano, não estava muito mal, lembro-me que estava ... tapado de faltas a português e faltava uma falta a inglês para ficar tapado também, mas ... e depois acabei por chumbar o ano por faltas claro. A português já não podia fazer muito. A gente fazia aquelas cábulas para fazermos o cálculo era, se não me engano os dias vezes as horas da disciplina e depois era as faltas que se podia dar. Era uma coisa qualquer, assim do género. Eu acho que a português eram doze ou dezoito que se podiam dar. Acho que era doze faltas e andávamos com o papelinho e isso andava sempre controlado. E eu sabia que não era por aí e que por aí até não estava mal, mas aborrecia-me, aborrecia-me mesmo de ir à escola. E, hoje em dia, se calhar poderia ter sido diferente e o pai o que disse foi “Queres sair, saís e tens é que vir trabalhar” porque ele na altura trabalhava sozinho e tinha falta de quem o ajudasse. Tendo em conta que eu já o ajudava nas férias de verão e então fui trabalhar com o pai. E depois, mais tarde,

ele foi obrigado a juntar com um... a gente só fazia mesmo barris, mais nada. E depois foi obrigado a juntar com quem fazia na mesma zona a distribuição do resto das coisas, garrafas e essas coisas assim. Fizeram uma empresa e aí eu passei, digamos de ajudante do pai a empregado da empresa que ele foi obrigado a meter-me como empregado. Na altura, tinha dezassete anos. Eu trabalhei dos dezassete aos dezanove com ele até ir para a Suíça. Ahmmm, e aí eu comecei a ser vendedor, era um pouco radical porque ninguém estava habituado a ver chegar um vendedor à porta em ganga e uma motinha e eu não tinha carta de condução porque tinha dezassete anos. Tinha uma mota uma cinquenta que era o mínimo que se podia conduzir. E então não era muito normal verem isso e também por ser novo. Mas era assim que eu fazia a dita pré-venda para a empresa, não é? O meu pai tentou fazer um termo de responsabilidade em que se responsabilizava por si, se me deixassem tirar a carta de condução ... de carro com dezassete anos. Que se responsabilizava por mim, não é? Por aquilo que eu pudesse vir a provocar. Mas eles não me deixaram. Era proibido por lei e não me deixaram fazer, não me deixaram tirar. Depois entretanto fiz os dezoito, comecei a tirar, não correu bem e eu chumbei no código e depois acabei por ir para a Suíça. E quando tirei a carta já estava na Suíça. Na altura em que comecei a tirar a carta de condução, também comecei a ter lições de viola e dava mais importância à viola do que à condução (risos). Mas nunca fui grande coisa... tive lições em Loulé com o John que ainda é meu conhecido. A intenção era ter umas lições de viola para prazer próprio, só para tocar não era para mais nada. Nunca tive a intenção de fazer bandas, nem nada disso. Era mesmo só por saber tocar.

I: Ainda voltando à decisão de “abandonar” a escola, já vimos a posição do pai. E qual foi a reação da mãe?

E2: Ah, a mãe foi igual. Eles nunca me incentivaram a sair da escola, antes pelo contrário. Nós somos quatro irmãos, eu e a minha irmã a nível de escola, nunca tivemos o mínimo problema. Ela completou o 12º ano para ... acho que ela ia fazer psicologia só que depois não conseguiu entrar na universidade e não entrou. E acabou por desistir também. E os outros meus irmãos, um acho que tem a quarta (4ª) classe e o mais novo fez o obrigatório que era sétimo (7º) ano ou o sexto (6º) ano. E eles sempre tiveram problemas na escola, eles sim, eles os dois, os meus pais foram disseram mesmo “não vale a pena, porque eles não faziam lá nada”. Enquanto que eu e a minha irmã, foi pena. Portanto da parte da família no que toca à escola, eles sempre me motivaram para continuar e não para desistir da escola. Ter em conta que foi uma decisão minha e é assim “deixas a escola, vais trabalhar”. Nessa altura, já tinha alguma noção do que queria fazer. E quando a minha tia me telefonou a propor-me um contrato para fora do país, o meu pai também me disse a mesma coisa “Queres ir? Vai. E se não queres ir, tens trabalho aqui.” Só que a comparação, acho que o meu pai na altura me pagava sessenta contos ou sessenta e cinco contos, a minha tia propôs-me um contrato para ir ganhar duzentos e qualquer coisa contos. Portanto, valia a pena. Depois ainda por cima, fui morar para a casa da tia e no fim do mês dava-lhe dinheiro para ajuda da casa. Mas, mas ganhava bom dinheiro. Aliás, ganhei esses anos que lá estive. Com dezanove anos, mas aí foi outra mudança pior que a tropa. Não fui à tropa, mas digo isto por aquilo que

oiço dizer. Eu fui embora para um país em que nós aqui, mesmo ainda hoje, muitas das pessoas que atingem a maioridade e estão habituados a ter o tipo de vida que têm aqui se fossem para lá ... para fora do país sozinhos como eu fui, acho que aprendiam muita coisa e era capaz de ser bom. Não é que seja mal, imperceptível de ninguém ... a responsabilidade pelo trabalho, não é a nossa língua, não são os nossos hábitos, não tem as nossas tradições, é complicado. E eu tive sorte porque fui para a casa da família onde tinha primas que são mais novas e digamos que ambientaram-me e a vida pós-laboral não foi tão complicado por causa delas e de um primo, porque tenho um primo com a minha idade. Mas o resto foi bem complicado. O clima é frio, aqui em Portugal era sol. Ammm como é que hei de dizer, como trabalhava com o pai tinha a liberdade para entrar e sair quando queria, a responsabilidade não era a mesma, à noite era e continua a ser, aqui em Portugal, é todos os dias até às tantas. E não é trabalhar, é em farras e lá não, isso acabou tudo. Levantava-me às cinco da manhã todos os dias, até às cinco da tarde e era outro ritmo. Lá a partir das dez da noite é crime telefonar a alguém. Só isso é um exemplo e não há ninguém na rua. Se encontrar pessoas na rua depois das dez horas da noite, não são Suíços... ou são portugueses, ou são espanhóis. Não são Suíços, de certeza. Ao fim de semana, sim. Para eles, o sábado à noite é que é o dia deles. Sexta-feira já mexe um pouco, mas sábado é que é. Durante a semana não há café para ninguém, mas há cafés abertos. Não é para eles, é para os estrangeiros. É uma mudança um pouco radical. E depois também tive uns tempos com a tia e depois aluguei a minha própria casa e aí fazia tudo. A única coisa que não fazia e que ainda não faço é lavar roupa e passar a ferro. E cozinhar e essas coisas, era eu que fazia. Por isso é que eu digo que isso era bom para muito boa gente aprender alguma coisa. E isto foi dos dezanove para a frente. Eu só estive um ano na casa da tia. E isso também foi outra mudança grande que eu estive. Tive um bom patrão, ajudava ou facilitava ... eu não tinha carta de condução, não tinha nada e eles iam-me buscar a casa e iam-me levar. Por vezes, ia de bicicleta a pedal e com o gelo, não dava... acontecia-me eu pedalava e ela escorregava em cima do gelo. Ah, e depois também tinha essa componente do clima. Por um lado foi difícil, é assim, não é difícil suportar pois é mais fácil suportar o frio lá do que aqui. Aqui é mais húmido por causa do mar. Lá para ter uma ideia, um casaco de penas com uma *t-shirt* por baixo, chega para suportar o frio de menos vinte graus negativos. Lá o frio não é tão húmido, não entra tanto na pele. São outros hábitos, por exemplo, os carros têm que ter líquidos próprios porque senão congela tudo no motor. Ammm, os pneus têm que ser específicos para a neve. Lá eles de seis em seis meses trocam os pneus dos carros... metem pneus de verão e pneus de inverno.

I: E para além do convite da sua tia, teve algum outro motivo para emigrar?

E2: Sim, neste caso foi o convite da tia para ir ganhar mais, ou seja, por questões monetárias. E estive lá quase dez anos, perto de dez anos. E vim embora porque a minha mulher não gostava de estar lá. Mas olhando para trás, a experiência foi boa, ajudou e conheci novas culturas, novas coisas. E já faz dez anos que voltei e gostava de voltar lá outra vez. E mantenho contacto só com a família. Eles agora com esta proximidade dos voos baratos vêm cá mais vezes. E, mesmo se a pessoa estiver a pensar em emigrar, é

óbvio que se calhar os primeiros meses não anda logo para cá e para lá mas depois de ganhar estabilidade. Aí já pode vir cá, se calhar, uma vez por mês ou uma vez em dois meses. Enquanto que os primeiros emigrantes, vinham cá uma vez por ano. Era diferente.

I: Só por curiosidade, casou lá?

E2: Não, casei aqui. Conheci a mulher aqui, fui para lá, ela foi depois passado um ano.

[Interrupção – toca o telemóvel do entrevistado]

Peço desculpa, o filho não sai ao pai, teve a melhor nota a matemática e a português. Ele é um artista, só não teve 100% porque não sabe diferenciar os pontos finais e continua com a letra pequena igual. Só tem a primeira classe, mas agora está todo orgulhoso, todo contente. Enfim, avançamos.

I: Sim. Voltando ainda à questão do abandono escolar. Se fosse hoje, tomaria a mesma decisão.

E2: Se fosse hoje, não saia da escola, continuava. Com esforço e continuava. Continuava com a matemática até ao nono (9º) ano e depois optava por seguir um caminho que não me tivesse a matemática. Eu teria optado por fazer isso... ou teria ido para línguas para evitar ter matemática. E como gosto de línguas, já não seria problema. Mas se fosse hoje, era mesmo isso que eu faria, fugia da matemática mas continuava os estudos.

I: Ok. E quando estudava, quais eram os seus projetos ou que profissão gostava de seguir?

E2: Eu acho que não pensava muito nisso. Não tinha assim nada idealizado ainda e nem pensava muito nisso.

I: E como se caracterizava enquanto aluno?

E2: Era o mais prático possível, enquanto fui obrigado a usar a mochila com os livros usava e depois quando passei para o sétimo ano era lápis ou caneta no bolso e caderno (risos). Não fazia muito mais que isso. E estudos era só o que eu ouvia na aula porque muito dificilmente eu pegava num livro e dizia “vou estudar para ter boas notas”. Agora, por exemplo, na aula estava com atenção e apontava no caderno. E depois quando chegava a casa, dava-me ao trabalho de passar os sumários e as matérias discutidas na aula para os cadernos respectivos ou livros. E isso era o suficiente para mim. Nunca fui muito de me agarrar aos livros e de dizer “vou estudar”. As notas foram sempre o suficiente para passar sem problema. E eu sempre fui aluno de primeiro período, uma ou duas negas e no segundo período já era quatro ou cinco negas. E o último período passava só com uma nega. Foi sempre assim, enquanto andei na escola. No sétimo para o oitavo, já fiquei com matemática para trás ... já fiquei com essa negativa. No oitavo, altura em que deixei, não quero estar a mentir, mas acho que foi só

mesmo matemática que eu deixei. Já estávamos também no último período quase e acho que era matemática que estava para trás. Na altura, a pessoa podia passar de ano com duas negativas. E com três negativas, já se chumbava.

I: E em termos de participação nas aulas?

E2: Participação nas aulas? Não, não era muito participativo. Costumava ficar sempre sentado nos últimos lugares. Só não ficava atrás nos primeiros anos, por exemplo no quinto (5º) e no sexto (6º) ano porque existia aquela ideia de que lá atrás eram os mais velhos e os repetentes. E eles iam lá para trás e nós nem tínhamos hipótese de lá ir. Mas depois pronto, comecei a ir lá para trás também. Nunca fui de participar muito, se me pedissem a opinião tudo bem, mas se não... acho que nunca fui posto na rua, nem nunca tive problemas disciplinares. Em todo o tempo de escola, andei à pancada uma vez e foi no quinto (5º) ano logo, mas de resto não. Nunca tive mau comportamento. Só os testes de matemática é que eram a aula mais rápida que eu tinha porque escrevia só o cabeçalho e ele dizia-me “Não te vás já embora, porque dá muito nas vistas. Espera aí um bocadinho e já vais embora”. Não me lembro de ter sido colocado na rua, nem ter problemas nenhuns. Os meus pais nunca foram chamados à escola. Em compensação, os meus outros irmãos era quase todas as semanas. O meu irmão mais novo até puxou fogo a um balde do lixo. E foi expulso da escola durante uma semana. Agora eu não, eu nunca fui assim. Mas sempre pertenci às piores turmas da escola porque a minha era sempre os repetentes e os novos. Era sempre a mais problemática da escola.

I: E frequentou algumas formações, desde o tempo da escola até hoje?

E2: Tirei alemão e informática, mas a informática já foi na *In Loco*. Isto já foi há dois anos atrás. Foi quando eu fiz o nono (9º) ano na *In Loco* através do RVCC. Fui a júri em Julho de 2010. Fiquei até Agosto de 2011, sem saber de nada do RVCC secundário nem de formações novas. E depois a profissional chamou-me para aí em Agosto/Setembro porque iria começar o décimo segundo (12º) ano. E foi aí que eu fiz o curso de informática, de cinquenta (50) horas. Porque em termos de outras formações, não fiz nada. Ao nível profissional dizem-me “tens que fazer assim e vais fazendo”. Voltando à informática, quem não tem noção do que são os programas, não é com cinquenta horas no total que vai ficar a saber de tudo. Eu tenho noção disso porque fui um pouco curioso na informática e então quando fui fazer o curso, aquilo que o formador explicou a maior parte das coisas eu já sabia fazer. Ele mandava, por exemplo, trabalhar um texto ou uma coisa qualquer em *Excel* ou em *Word*. Ainda éramos uns quantos a tirar informática. Tinha uma senhora ao meu lado já com setenta anos que tinha o sexto (6º) ano e que nunca tinha visto um computador. E eu, muitas vezes, ajudava os meus colegas. A única coisa que eu não me habituei muito é o teclado. Nós no início, fizemos um teste de diagnóstico para ver o que nós sabíamos fazer.

I: Que experiências ou percursos da sua vida contribuíram para as novas aprendizagens?

E2: Ammm, as mudanças na escola, ter ido para a Suíça, agora o curso de informática. E o facto de ter saído da escola e ter começado a trabalhar. E começar a ter uma noção do que é que era, digamos, o outro lado da vida, não é? Porque até ali foi estudo e pedir dinheiro aos pais e quero isto e quero aquilo. E a partir daí foi diferente e comecei a ver como se ganhava o dinheiro e foi uma boa aprendizagem. E depois é sempre novas experiências, umas que são mais positivas e outras que são mais negativas, que também se aprende com o negativo. E com o trabalho atual que tenho, posso dizer que tive uma boa aprendizagem que foi o facto de estar atrás de um balcão e atendimento ao público. Era uma coisa que eu nunca tinha feito. Atendimento sim, mas de porta a porta a falar com um e a falar com outro. Agora estar aqui sujeito a que uma pessoa venha perguntar-me coisas que nem te passam pela cabeça e, às vezes, chegam ali “Eh pá, preciso de um parafuso que vai ali e aqui” e depois tenho que explicar para que serve e até onde vai. É um bocado complicado. É o meu trabalho e a minha profissão, mas depois apanhamos pessoas simpáticas e não há problema nenhum e está tudo bem. E também apanhamos a pessoa que chega ali mais antipática e vem mal disposta. E nós atrás do balcão temos sempre que dar a razão ao cliente e, às vezes, engolir uns sapos e isso afeta as pessoas. Tem que se controlar para, às vezes, evitar mal-estar nas pessoas que vêm pedir alguma coisa. Se o cliente vem exaltado, tento perceber o porquê e, às vezes, é preciso controlar porque nem sempre é fácil. Mas sou uma pessoa calma... por exemplo, nas nossas sessões de RVCC, por exemplo, se as pessoas estão a falar ou a explicar o seu ponto de vista ou estão a tentar dar a entender, nós ali se não estivermos com atenção, não vamos a lado nenhum, não é? Eu gosto de ouvir e aprender. E esta parte ali do trabalho, agora estou sempre ali sozinho. Como já passei pela loja grande, ali é diferente, não é? Mais movimento, mais confusão. E ali é uma pessoa de vez em quando e é só explicar como é que funcionam as coisas e pronto. Ali não tenho clientes habituais, tenho um ou outro.

I: Obrigada pela entrevista. Eu depois entro em contacto para marcarmos a próxima. Pode ser?

E2: Sim, sim claro.

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista ao Sujeito nº2 (Continuação)

Data da realização: 17 de Abril de 2012

Local de realização da Entrevista: Café

Duração: 50 minutos

Investigadora: Boa tarde novamente. Mais uma vez obrigada pela sua participação nesta investigação. Antes de frequentar o processo de RVCC, como era o seu dia-a-dia?

Entrevistado2: Como é que era? Já trabalhava aqui e basicamente era trabalho-casa. Tínhamos era uma empresa diferente que era andávamos na rua a dar assistência a portas de segurança e montagem e essas coisas assim. E nos meus tempos livres dedicava-me à leitura, ao desporto e motas. Ahhh, mas basicamente era isso.

I: Desporto?

E2: Sim, na altura jogava futsal e agora só umas corridas de vez em quando.

I: Recorda-se de quais foram os motivos que o levaram a inscrever-se no RVCC?

E2: Foi acabar o nono (9º) ano para ter mais hipóteses de emprego. Pode, eventualmente, abrir um leque de escolhas caso da procura de emprego, não é? Tendo em conta que já tenho o 9º ano e na altura não o tinha. Isso sim, isso altera tudo.

I: Como teve conhecimento do processo de RVCC?

E2: Porque a minha esposa já tinha feito, ela fez o décimo segundo (12º) ano, no Areal Gordo. E então foi um bocadinho por influência. Mas não sabia absolutamente nada de como era o processo. Ela fez a autobiografia e depois é que foi incorporando o resto, como está a ser agora pedido para mim. As expectativas que eu tinha em relação ao nono (9º) ano era mesmo acabar o nono ano. Mas depois fui fazer o curso de computadores que eu não tinha na altura e fi-lo através dele. Mas de resto ... o curso de computadores foi de cinquenta (50) horas.

I: Sentiu dificuldades durante o processo?

E2: Não, sempre fui bem acompanhado e bem seguido.

I: Como foi a sua relação com a equipa do CNO?

E2: É boa, excelente. Mas basicamente foi tudo bom. Era o formador de informática no nono (9º) ano e depois ... eu fui seguido mais pela profissional por causa do trabalho e isso e então ia sempre na hora de almoço ter com ela lá. Basicamente quem me ajudou foi a profissional no RVCC todo.

I: E quais eram as áreas que mais gostava?

E2: Era cidadania. Matemática esquece lá isso. Matemática é sempre matemática.

I: Em termos de aspetos positivos e negativos do processo de RVCC?

E2: Positivos talvez, agora negativos, não vejo nenhuns. Não há nada que eu possa dizer que seja negativo. Positivos foi tudo, por exemplo, completei o nono ano, o processo correu super bem, portanto não vejo nada de negativo. Penso que acabei o processo de nono (9º) ano para aí há seis meses, não tenho bem a certeza... mais ou menos, deve ter sido. Fiz o processo aqui... havia a possibilidade de irmos para a Conceição e para São Brás, mas como é obvio aqui dava-me mais jeito.

I: De uma forma geral, qual é a sua opinião quanto ao processo?

E2: Tendo em conta que era uma coisa que tinha que ser pós-laboral, não foi mau. Tornava-se um pouco cansativo porque havia semanas que a gente tinha que fazer informática e outras sessões durante a noite, um pouco cansativo mas nada de mais. Não foi muito mau. As sessões assim com pessoas já mais adultas, muitas vezes quando era preciso falava-se a sério, se não também há cobiada e essas coisas todas ... há espírito.

I: E em relação ao grupo, já conhecia alguém?

E2: Não, ninguém. Fiquei a conhecer daí para cá. Tenho pena que ainda não conseguimos organizar o jantar de fim de curso... já passou quase um ano. Ainda esta manhã estive aqui a tomar o café e estava aqui uma senhora que fez comigo o processo de nono ano. Acho que das pessoas do nono, só uma pessoa é que continuou... era uma das pessoas que lhe tinham dito que não tinha grande potencial para fazer o décimo segundo, mas eu penso que ela está a fazer. Se o acabou ou se ainda está a fazer, não sei, mas que ela começou a fazer, começou. As pessoas que fizeram comigo o nono ano, eram pessoas muito mais velhas, por exemplo, havia uma senhora com 72 anos a fazer o sexto ano. A maioria era pessoas mais velhas.

I: E, por exemplo, os horários?

E2: Eram adequados, flexíveis. Eu saio do trabalho às sete e as sessões começavam às oito até às nove da noite. Por isso, não podia dizer que eram maus.

I: E quanto ao Referencial de Competências e aos trabalhos que foram solicitados?

E2: Foi fácil, porque é uma questão de estarmos com atenção àquilo que vai sendo dito nas sessões e eles dão sempre muitas dicas. E a partir daí, é fácil fazer as coisas e também sempre tivemos a liberdade de pesquisar, de ver isto e de ver aquilo. É obvio que plágios não, mas nada nos impede de pesquisar. Desde que apareça a referência de onde foi retirada a informação. No nono ano, tivemos que fazer esses trabalhos todos em conjunto. Agora é que estamos a fazer a história de vida. Quer dizer, fiz uma história

de vida muito abreviada e um bocado resumido. Agora é que está a ser mais aprofundada.

I: E, por curiosidade, o nono (9º) ano e o 12º ano foram importantes para a sua vida?

E2: Sim, foi. E o 12º ano mais será, justamente por causa de ter mais possibilidade no mercado de trabalho. E por isso, é que é importante. Até aqui nunca senti necessidade de ter seja um ou seja outro com o trabalho que tenho e que faço. Os sistemas que utilizamos são sistemas internos, não são coisas conhecidas de outras pessoas. A nível de informática, temos um sistema interno que foi criado para a empresa, saber os *stocks*, saber preços e essas coisas assim. Informática exterior e internet’s utilizamos só para tirar algumas dúvidas com determinados produtos, saber quais são as variantes e isso. Mas, é muito pouco. Até hoje, ainda não me faz grande diferença dizer que tenho o nono ano ou assim. Espero que a longo prazo, o nono e o décimo segundo e, sobretudo, também gostava de fazer mais formações. O problema é mesmo o pós-laboral. Não há formações em pós-laboral. Eu adorava fazer cozinha em pós-laboral. Adorava fazer um curso desses. O que sei é pouco e gosto muito de cozinhar. É um *hobbie* (risos). Eu sou sincero, gostava de ... essas coisas desses grandes chefes de cozinha que fazem aquelas coisas muito elaboradas, mas gostava de ter formação, de saber mais, a nível de comidas regionais, das zonas Algarve, Alentejo e por aí fora e assim. Isso gostava, de ter uma formação, e de imperceptível com o meu pai, com a minha mãe que faziam aquelas comidas típicas, grão, feijão, as mariscadas aqui do Algarve. Ah e depois é os pequenos truques para fazer isto e fazer aquilo. Quando se confeciona, tem que ser com bons vinhos ou boas coisas para que o resultado final também seja melhor. E algumas dicas...

I: Na sua opinião, existem aspetos a melhorar no processo?

E2: Não, está bem assim como está.

I: Ok. E, por curiosidade, a sua vida mudou?

E2: Não, tudo o que faço. Acho que está igual. Não sinto diferença nenhuma. Não me afeta em nada. Em termos sociais, também está igual. Não foi o nono ano que veio cá mudar. Em relação à informática, não mudou muito porque eu não utilizo muito o sistema informático. Portanto, a nível de informática não veio mudar muito. Talvez na parte do Excel, é que veio mudar um pouco, como é que se trabalha com algumas ferramentas. Mas de resto ... no dia-a-dia, utilizo só a internet no meu portátil mas é só mesmo para dizer que está ali e para pesquisas. As pesquisas que fazia para o RVCC, a maior parte era na internet, senão não tinha muita ... escrevia por mim. E para já, o que foi pedido, foi sempre baseado em situações de vida. Portanto, também não havia muito que pesquisar. Uma ou outra dúvida consultava a internet. Não consigo identificar mudanças, porque continuo a mesma coisa. Talvez se sáísse daqui e fosse para outro trabalho que fosse preciso utilizar mais algumas bases, poderia notar algumas

diferenças. Mas agora ... por enquanto não. O processo, por enquanto, ainda não alterou a minha rotina, continuo a fazer a mesma coisa e mesmo sítio. Pode, eventualmente, abrir um leque de escolhas maiores em termos de emprego, tendo em conta que já tenho o décimo segundo (12º) ano.

I: E em termos de aprendizagens decorrentes do RVCC?

E2: Só a informática. Tendo em conta que é baseado sobre a história de vida das pessoas, não me vieram ensinar nada, não é? Agora no décimo segundo, é que tivemos que fazer algumas pesquisas e talvez aí com as energias renováveis e com essas coisas assim. De resto, não.

I: E em termos de leitura ou escrita, ...

E2: A leitura, eu lia, continuo a ler. Ainda hoje, acabei de ler um livro. Na altura do RVCC, estava a ler o Eragon e agora li a “Saga dos Dragões”, é a continuação. Mas também são livros... gosto de ler. Hoje acabei de ler um livro do Alvim “Não és tu, sou eu”. Esse livro é uma coisinha pequenina, mas é porreiro, o gajo fala sobre o amor. É o homem que diz que as mulheres deviam de ter um país e deviam estar todas juntas... ele é um cómico. Ele tem um *blog*, “não será assim?”. Eu tenho ali, já te mostro. Acabei hoje de ler, li-o todo. É porreiro, aconselho. Também leio jornais quase todos os dias.

I: Porquê este género de leitura?

E2: Porque ... um livro desses, esse do Fernando Alvim pela parte da comédia. Ele é um cómico. É porque é comédia e também é bom, nos dias de hoje, ter um pouco de comédia na vida. Os outros é porque lendo e concentrado, dá para fugirmos um pouco do mundo em que vivemos. Aquilo é imaginação, não tem nada com o mundo real. Andar aí a passear com um dragão ... o que me deu “asas” a este tipo de leituras foi “O Hobbit” que é um livro que me foi dado a ler para ler o livro e a seguir começar a ver os filmes do ... da trilogia do Senhor dos Anéis. Lendo esse livro do Hobbit, e depois vendo o filme, quando se vai ver o filme, tem-se aquela noção que se conhece aquela família de outro lado já. Como é que cada um vive e é muito, muito interessante. Tendo em conta que, tanto livro como o filme são coisas imaginárias, adorei. O livro que já li o “Eragon”, já vi o filme. O filme é em tudo igual ao livro, excepto o fim... que no filme acaba com uma guerra e no livro não acaba numa guerra. Tem um fim diferente dá aso a uma continuação. E aliás, eles são quatro volumes. Por ano, costumo ler dois ou três livros no máximo, tendo em conta o tamanho que eles têm. E isso é de um puto com dezassete anos, quando começou a escrever, que fez milhões às custas disso... é verdade. E a comédia, é fixe (risos). Gosto de os gato fedorento, Ricardo Araújo Pereira, Serafim, Fernando Mendes. Fez uns espetáculos aqui na Fabrica do Inglês, em Silves. Também gosto muito de filmes de comédia. Também já li o “Amanhã, à mesma hora”, acho que é Herman José, foi baseado numa história verídica de uma prostituta. É um livro também grande... Num fundo, é uma stripper a falar como é que começou, o dia-a-dia, como se relaciona com o amante ... E outro “Onze minutos” do Paulo Coelho

que também já li. E no RVCC, a questão da leitura no nono (9º) ano foi abordada e no décimo segundo (12º) já não foi abordada.

I: Em algum momento, sentiu dificuldades na leitura?

E2: Não. Se houver algum contexto que eu não perceba, posso ir à internet.

I: E escrita?

E2: Já escrevi muito. Agora, ultimamente tenho escrito pouco. Só tirar apontamentos dos clientes e mensagens e nada por aí além. Mas não incluí “XD” e coisas assim (risos). Eu não uso isso, para já nem sei o que isso significa. Eu volto atrás para ter a certeza que a pessoa que vai receber a mensagem percebe o que lá vai escrito. E escrever assim abreviado, torna-se um vício.

I: E dificuldades?

E2: Não, acho que não dou assim muitos erros. Acho eu. Se bem que, às vezes, tenho dúvidas, mas pronto.

I: Tempos livres, o que costuma fazer?

E2: É a leitura, as tais corridas, andar de mota, brincar com os putos. Tenho convívio, eu faço parte de um grupo, de uma associação. O convívio já foi mais, porque eu tinha os sábados de manhã todos livres e então, eu ia justamente lá para essa associação que está em obras e continua a estar. A minha função lá era cozinhar para eles. Passava as manhãs de sábado lá, agora tenho que trabalhar aos sábados de manhã, e esse convívio tornou-se muito pouco. Mas sim... não posso dizer que não tenho convívio com as pessoas. Quando me juntei tinha para aí 21 anos.

I: E voltando à associação desportiva, como é que teve conhecimento ou o convite de integrar?

E2: Através de pessoas que trabalham aqui comigo, de uma pessoa que trabalha aqui comigo. E eu moro lá perto. Na altura, eles só faziam bailes de verão e eu ia lá assistir. E houve um ano que ficaram sem uma pessoa para ajudar na cozinha ou nos grelhados e o meu colega perguntou-me se eu não me importava de ir lá desenrascá-los lá por uma vez ou duas. Respondi “se eu puder ajudar, tudo bem”. Na altura, já conhecia mais pessoas sem ser ele, embora não fizesse parte e acabei por me envolver assim. O que era suposto ser por uma semana ou duas, já lá vão quatro, cinco anos, por aí. E entretanto, a minha esposa também entrou para a direção, ela faz parte da direção daquilo. Mas eu não quero, quero ser livre, quando quiser vir embora, venho embora. Agora por causa desta questão do trabalho, perdi um pouco o envolvimento com a associação porque agora é assim podia continuar lá a ir, ia almoçar com eles e à tarde estava lá, o problema é que é assim, digamos que à tarde lá ... a minha maneira de pensar é se eu não trabalho, não tenho direito a comer. Se eu não vou lá para ir trabalhar, também não vou lá só para ir comer. Isso, para mim, não é ajudar o clube, para mim não é justo. E então,

não vou. Mas, no entanto, a amizade com as pessoas mantem-se. O convívio mantem-se, não é? Continuamo-nos a encontrar-se.

I: Ok. E viagens, gosta de viajar?

E2: Yap fui à Suíça, Serra da Estrela e de for viajar de mota, melhor ainda. Já fui duas vezes à concentração de motas em Góis é a adrenalina e a concentração. Para quem gosta, eu gosto. Sempre idealizei ter uma mota Harley...

I: Tem algum lema de vida?

E2: “Leave fast, die young” (risos). Às vezes, parece que quanto mais queremos andar para a frente, parece que há sempre alguém a puxar-nos. Por outro lado, penso que se fosse tudo tão fácil, acho que a vida também não tinha tanta pica. E aprende-se muito.

I: E costuma participar em greves, manifestações, eleições?

E2: Eh pá, não. Posso votar, tudo bem. Mas, de resto não. Costumava fazer greves era a comer a sopa (risos). Manifestações, acho que já participei para aí uma ou duas por causa das portagens e outra coisa que o Moto clube de Faro organizou.

I: Faz parte do Moto clube de Faro?

E2: Neste momento, não faço parte do Moto clube de faro. Formei foi um moto clube de Loulé que é o “Rodas do Relógio”. Podes pesquisar que aparece na net, também. Fazem a concentração em Junho.

I: Quais são as funções deste clube?

E2: Fui membro-fundador e assumi grandes responsabilidades, era vogal. Gosto do espírito associativo e das relações sociais.

I: Já fez voluntariado?

E2: Através do Banco Alimentar. Os meus filhos é que fazem com a mãe. Acho importante fazermos alguma coisa pelos outros. Se ganhasse o Euromilhões, ajudava uma dessas instituições ou pudesse andar por aí a ajudar as pessoas mais carenciadas. Fiquei a saber que a Cruz Vermelha serve refeições ao Domingo e aceita voluntários para fazer as refeições. Mas as pessoas têm que levar as coisas para fazer as refeições. Agora se me dessem a matéria-prima para eu trabalhar, não me importava de estar um domingo a fazer o jantar para quem quisesse ir lá jantar. Isso não me importava.

I: Ok, obrigada. Se surgir alguma dúvida, volto a entrar em contato. Pode ser?

E2: Sim, claro. O Júri, eles no décimo segundo (12º) ano, eles exigem mais à apresentação. Vamos ver se o processo avança...

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista ao Sujeito nº 3

Data da realização: 17 de Abril de 2012

Local de realização da Entrevista: Biblioteca da Universidade do Algarve – Campus da Penha

Duração: 1 hora e 56 minutos

Investigadora: Antes de mais, queria agradecer a sua disponibilidade e a colaboração nesta investigação. Tendo em consideração os objetivos da mesma, gostaria de iniciar a nossa entrevista com uma breve apresentação pessoal.

Investigadora: Qual é a sua idade?

Entrevistada3: 42.

I: E o seu estado civil?

E3: Divorciada.

I: Concelho de Residência?

E3: Faro.

I: E a escolaridade, antes do processo RVCC?

E3: É o 10º ano, Técnico Profissional de Contabilidade e Fiscalidade.

I: Iremos agora para o primeiro bloco da nossa entrevista. Pretendo, assim, aprofundar a questão do percurso familiar, como por exemplo, onde nasceu, qual era a escolaridade dos seus pais, é nesse sentido.

E3: Ok, pronto. Eu nasci aqui no hospital de Faro... ah... mas a minha infância foi toda passada em Estoi, a três quilómetros de Estoi, entre Pechão e Estoi.

I: Recorda-se da escolaridade dos seus pais?

E3: Sim, a 4ª classe. Era o que era necessário na altura.

I: E o que é que faziam?

E3: Portanto, o meu pai trabalhava com ferro e alumínio. Começou a trabalhar muito novo, tinha 14 anos, aprendeu o ofício que era o que se aprendia na altura, depois trabalhou no “Carmo e Gás”, uma grande empresa aqui em Faro. Já ouviu falar?

I: Não, não. Eu não moro em Faro.

E3: Ah... é uma empresa de Madeiras, na zona Industrial. Trabalhou lá muitos anos, portanto, até aos 40 anos. Sempre no mesmo sítio, depois abriu, estabeleceu-se por conta própria... nessa área dos alumínios, caixaria dos alumínios. Pronto, já está reformado e passou esse negócio para o meu irmão. É um negócio de família. A minha mãe era doméstica, era doméstica e, pronto, e também tratava de certas coisas da agricultura, como cultivava, apanhava os frutos, amêndoas, alfarrobas, laranjas, ... era campo. Eu cresci no campo, era uma maravilha. Na altura não valorizamos, não é? Na altura, eu não gostava. Mas, pronto, também cresci com muita liberdade, as nossas brincadeiras, brincava na rua e essas coisas, tenho saudades, é claro. A minha infância foi uma infância relativamente normal. Tenho o meu irmão que é dois anos mais novo, brincávamos muito, tínhamos vizinhos que também nos juntávamos e brincávamos. Ah mais pronto, era normal. Tínhamos as nossas brincadeiras entre irmãos, entre vizinhos, havia também vizinhos imigrantes que vinham no Verão e também se juntavam a nós. Ah... essa parte por acaso era muito gira, que juntávamo-nos todos no tanque e íamos tomar banho... era giro (risos), era a nossa piscina, era giro, não era? E pronto pois à noite, depois de jantar, lembro-me de a gente se juntar todos na rua e ficávamos até à 1h da manhã a conversar. De verão juntávamo-nos na rua, contávamos histórias e anedotas (risos). Pronto, isso mais no verão. Pronto, não há assim muito a acrescentar.

I: E como era a sua relação com os seus pais?

E3: Ah, com os meus pais... com o meu pai, sempre foi muito boa. Com a minha mãe, ah... pronto, nós eramos um bocadinho incompatíveis. Chocávamos um bocadinho porque a minha mãe era muito conservadora. A minha mãe já faleceu há dois anos. E... pronto, tinha lá as ideias dela ... ah... e depois era também uma pessoa muito simples ah, eu sempre gostei de estar muito bem, de roupas e não sei quê. E ela achava que eu era muito vaidosa, mas eu não acho pronto. Mas, no entanto, a minha mãe sempre teve mais proximidade com o meu irmão. Rapaz é sempre mais ligado à mãe e a menina ao pai... e depois, a personalidade da minha mãe era completamente diferente. A minha mãe era mais fria, mais desligada. E eu tenho mais a personalidade do meu pai. E então, pronto, identificávamo-nos mais um com o outro e ele estava-me sempre a defender, não é? E com a vida vamos crescendo, eu já tenho 42 anos e já passei por algumas coisas. E nós crescemos, não é? E claro que nessa altura, na adolescência, não temos maturidade, mas a vida ensina-nos, molda-nos nesse sentido.

I: E a sua relação com o seu irmão?

E3: Sim, sempre foi boa. É assim, quando ele tinha aquela fase dos 12/13 anos da rebeldia, pronto, chocávamos um bocadinho. Mas sempre fomos muito amigos, mas também ele é dois anos mais novo e não havia muita diferença. E a minha mãe identificava logo as asneiras um do outro. Eu era muito teimosa, a gente muda muito. É engraçado. Eu era muito teimosa, até aos meus 12/13, a minha mãe já não dava conta de mim (risos).

I: E os tempos livres...

E3: Lia, via televisão... li aquele livro “os cinco” ah... o que é que eu lia mais? Pronto, também lia revistas, coisas assim, gostava de ler e lia razoavelmente.

I: E diário?

E3: Diário? Sim, tive um diário, mas não foi durante muito tempo (risos). Nem sei onde é que esse diário anda... não foi muito tempo, não. Foi uma fase. Ah e pronto, estava com os amigos. Claro que também não podia chegar muito tarde, não é? Porque para a minha mãe, à meia-noite tinha que estar em casa. E depois, à quarta-feira à tarde, não tínhamos aulas. Eu estudei no liceu e então íamos para a discoteca, tu não és desse tempo. Mas, havia duas discotecas aqui em Faro que era a “Olimpus” e a malta juntava-se. E eu ia de autocarro para Estoi. Era de autocarro, não havia mais nada. E depois o meu pai, umas vezes, ia-me buscar à paragem e eu, outras vezes, ia a pé. Era para aí um quilómetro e meio. De Inverno, ele ia-me sempre buscar e quando chovia, mas de verão, às vezes, ia a pé.

I: E a discoteca, era durante a semana?

E3: Era, era à quarta-feira. Era as *matinés*. Ah e pronto, depois ao fim de semana havia bares, havia também as *matinés* do domingo à tarde, nas sociedades. Na altura, havia as sociedades, os bailaricos de verão e pronto era assim. Tinha as minhas amigas... pronto, foi uma adolescência relativamente normal.

I: E durante a sua adolescência, mudou de casa?

E3: Ah, sim, mudei. Mudei de Estoi para Faro.

I: Qual o papel da família no seu percurso de vida?

E3: Ah... mais com o meu irmão. Com a minha mãe, pronto, como tinha aquela personalidade conservadora, não me apoiava muito nela. Porque tinha aquela postura e se lhe dissesse alguma coisa, ela dizia logo que eu estava errada. São posturas diferentes, a minha mãe passou por muitas dificuldades. Pronto, iam ao baile tinham que levar a mãe. Iam ao domingo à noite para o baile, a mãe ia também. A mãe ficava ali a noite toda ao pé, ... era aquelas mentalidades assim. E, depois, qualquer coisinha era o fim do mundo. Mas eu agradeço à minha mãe, porque ela ensinou-me a ser poupada. A minha mãe dizia-me tantas vezes “poupa, que a gente não sabe o dia de amanhã. Tens de saber poupar, não gastes tanto” e nisso só tenho a agradecer. O meu irmão defendia-me mais. E depois tinha as minhas amigas e confidenciava alguns assuntos. Os bons e os maus, não é?

I: Vamos agora falar um pouco sobre o seu percurso escolar, como foi, o primeiro dia de aulas...

E3: Não tenho assim grandes recordações, mas adaptei-me bem. Não fui... era uma criança que sabia estar, não era de birras, era um bocadinho tímida, mas pronto adaptava-me bem a qualquer situação. Ainda mantenho contacto com os meus colegas

de escola, e por acaso, tenho reencontrado muitos colegas de escola no *facebook*. Tenho reencontrado muitos colegas dos tempos de escola, muitos mesmo, e é giro.

I: E da escola primária, tem boas recordações?

E3: Sim, tenho do sítio, dos colegas, da professora. Houve uma professora que me marcou muito. Foi na terceira e na quarta classe.

I: Não teve a mesma professora, nos quatro anos?

E3: Não, não foi porque eu fiquei na segunda classe. Chumbei e depois mudei. Esta professora que eu apanhei na terceira e na quarta, acompanhava todos os alunos, independentemente de eles chumbarem. Mas depois esta professora, já não era assim. Depois, perdi-me e apanhei duas na segunda classe. Na primeira, apanhei uma; na segunda, apanhei outra e depois na segunda repetida, apanhei outra. Mas depois na quarta, já apanhei essa e fui calhar numa turma dessas que já vinha desse a primeira. Mas, pronto, tenho boas recordações, tenho. Nunca levei reguadas, era bem comportada (risos).

I: E quando já andava na escola, costumava ler e escrever?

E3: Ah, costumava. Eu gostava muito de ler e escrever. Escrevia coisinhas, cartinhas às minhas amigas. Por exemplo, no verão, lembro-me de escrever às minhas colegas, cartas principalmente nas férias. Escrever as cartinhas dos namorados, os postais para os namorados. E quando o carteiro nos trazia uma carta, era uma alegria. Uma vez o meu pai escondeu-me uma carta do meu namorado, e depois eu fui dar com ela, lá nas coisas da oficina. Eu tinha 16 anos e ele achava que eu não tinha idade para namorar, não é?

I: Consegue descrever alguns textos, livros que lia...

E3: Isso já não me recordo muito bem. Sei que li o “Amor de Perdição”, sei que li “Os Maias”, ah li outro também, não sei se foi no 9º ano ou no 8º ano, que era um que tinha versos que éramos obrigadas a ler...

I: Os Lusíadas?

E3: Sim, acho que era esse. E depois lembro-me que ia uma biblioteca a Estoi, uma biblioteca ambulante que vinha aqui de Faro e que nós requisitávamos livros, jogos, ... era muito giro. Isso era muito giro, era à quarta-feira, ainda me lembro. E então, à quarta-feira lá íamos nós à biblioteca, era uma carrinha com um velhote já de idade e depois a gente escolhia os livrinhos, tinha livros de animais, era uma grande variedade de livros que ele tinha. Era muito giro. E depois recordo-me do senhor que já era muito velhote e agora isso veio-me à recordação. Pronto, não pensava muito nisso e agora... despertaste-me, era giro, era. E depois acabávamo-nos por juntar todos ali. Era giro. E também se aprendia muito, levávamos os livros, liamos. Na minha altura, também não se comprava assim muitos livros. Também li o Diário de Anne Frank... e a nível de televisão, houve coisas que me marcaram, por exemplo, a Heide. Havia os bonecos da

Heide, o avozinho, o Marco Polo que era um menino que a mãe foi trabalhar para a Argentina e ele foi à procura da mãe. É uma história um bocado comovente. E havia outro, qual era o outro que eu também via muito? Que era a abelha Maia também, a Pantera cor-de-rosa também, e havia um brasileiro, como é que aquilo se chamava pá... que era uma moça com umas tranças, era uma série brasileira...

I: Não era o sítio do pica-pau amarelo?

E3: Exato, era. E era o verão azul espanhol. Era uns miúdos, havia um gordinho, eles faziam travessias, procura é muito giro essa série.

I: Gostava de ler e escrever? Porquê?

E3: Pronto, é assim quando eu escrevia era mais essas cartas, mas por acaso tinha ... é assim, não tinha grandes hábitos de leitura, mas gostava razoavelmente de ler. Gostava mais de escrever até, lembro-me que, lembro-me até que já escrevia muito bem na altura com 10/11. Tenho cartinhas lá em casa, eu às vezes ponho-me a ler aquilo e pronto, acho que já escrevia, já aplicava assim umas palavras assim mais elaboradas... mesmo as cartinhas e tudo era giro.

I: E para além da biblioteca ambulante, tinha o hábito de frequentar bibliotecas?

E3: Pronto, na primária não havia, mas no ciclo já havia e na secundária também, é claro. E, sim, frequentava.

I: Estudou até que ano?

E3: Estudei até ao 10º ano, porque também depois, pronto. Também é assim, podia ter continuado, mas depois também quis ter a minha independência e comecei a trabalhar ao mesmo tempo. Ainda andei uns meses à noite, mas depois era muito cansativo, não consegui, não consegui acompanhar e ... fiquei-me por aí. E pronto, e depois trabalhei sempre. Tenho 22 anos de trabalho. É muito comecei a trabalhar com 19. Mas também têm sido experiências muito giras. Comecei a trabalhar com muita gente e sítios muito diferentes. Primeiro foi a empresa A, depois estive na empresa B, empresa C, ahh... ainda foram uns quantos. Entretanto, já passei pela D, também. Tive numa empresa também de bebidas antes de entrar para a C. Mas, entretanto, houve um estágio que eu fiz, que eu por acaso não pus lá, que foi o meu primeiro trabalho que foi no Instituto de Emprego, mas aquilo não foi bem trabalho. Foi onde tirei o curso de Contabilidade. O meu *curriculum* até é... pelo menos quando vou às entrevistas, as pessoas normalmente dizem que eu tenho um *curriculum* muito completo. Se bem que a idade começa a pesar, é assim, neste momento é assim é-se preso por ter cão e por não ter cão porque o fator experiência é fundamental, por exemplo, falo nos jovens que não têm. Acabam o curso superior, querem logo grandes ordenados e os patrões não querem pagar. A entidade não quer pagar. Pronto, tem essa desvantagem. Mas depois tem a vantagem de ser novo, mas depois pronto, também não empregam porque não tem muita experiência.

No meu caso, embora eu acho que até tenha boa aparência, pronto, já passei dos 40. Já sou considerada velha.

I: Voltando ainda ao seu percurso escolar, quais eram as disciplinas que mais gostava?

E3: Hum gostava de educação física e de educação visual. Tinha sempre cinco a educação visual. É verdade, tinha sempre cinco. E gostava, adorava desenhar e de copiar um objeto qualquer era igual. Eu podia ter seguido arquitetura ou educação física. Eram duas coisas que eu era muito boa. Era duas coisas a que eu era muito boa, a educação física e desenho. Era giro, por acaso. E lembro-me de fazer um desenho que ganhou um prémio. Era um barco, era o cabo das tormentas, lembraste? E então era um barco, fiz aquilo através de um livro, era uma miniatura e fiz aquele desenho assim grande. Fiz aquilo e aquilo ganhou um prémio, porque era no mar e aquelas ondas, depois era um barco, todo esquisito. E era uma onda com uma cabeça, ... era o monstro dos marinheiros, era o monstro das tormentas. Agora não me recordo do nome.

I: E quais eram as disciplinas que menos gostava?

E3: Matemática. A matemática era uma tortura completa.

I: Gostava de línguas?

E3: Francês sim. Inglês não me foquei no inglês, talvez porque a minha professora, se calhar não foi a mais indicada. E a partir daí, foi o descargo total. Mas tenho pena, por acaso tenho pena.

I: Durante o seu percurso escolar, sentiu dificuldades ao nível da aprendizagem?

E3: Algumas dificuldades, mas também nada por aí além. Mas mais nas matemáticas, nas físico-químicas, nessas áreas assim. Na física... até gostava de ciências, português também, e qual era o nome da outra disciplina que eu também gostava muito? Acho que era as ciências da natureza que agora têm outro nome...

I: E em interpretar textos, realizar cálculos, ...

E3: Sim, mais na Matemática.

I: Tinha apoio na realização dos trabalhos de casa?

E3: Tinha, a minha mãe ajudava-me muito até à 4ª classe. Que era a formação que ela tinha. A minha mãe ajudava-me na matemática, principalmente na tabuada. Agora, chumbei, chumbei no 8º ano que se chumba quase sempre. Mas, também porque teve a ver com a turma, com os namoricos, etc., as companhias, o desleixo total (risos). E chumbei também no segundo ano do ciclo, também fiquei. Aí já foi talvez mais preguiça. Mas, o 8º ano foi mesmo o descargo. Eu sei que a Matemática, eu nem punha lá os pés, era eu e um grupinho e o professor já nem ligava (risos). Ele já nem nos

marcava falta. Mas não chumbei por faltas, mas também não foram muitas negativas. Foram para aí umas quatro. Era o suficiente para chumbar. Mas, pronto, faz parte da vida. As amizades mais ligadas chumbaram todas e fomos encaixados numa outra turma, os que chumbaram. Deixa-me lá pensar, eu lembro-me que a turma depois era composta por betinhos de Faro, e as meninas dos arredores eram as meninas da serra. Mas, as miúdas andavam muito bem vestidas, elas tinham outra abertura que nós não tínhamos, nessa idade, iam muito mais ao cinema. E felizmente, nesse ponto, a cidade se calhar traz mais vantagens, não é? Traz, traz. A pessoa fica mais desinibida, pronto, traz. Se bem que isso é ultrapassável, muito facilmente. Se, por exemplo, a pessoa começa a trabalhar e a viver na cidade. Isso é rapidamente ultrapassável. Eu falo por mim, não é? Também tem a ver com o nosso percurso profissional. Mas pronto, a gente, ocupava-se íamos para alameda em Faro. Lembro-me que uma amiga minha comprava a revista Maria e aquilo era tão engraçado, dos signos, ocupávamos o tempo nessas brincadeiras. Ou então, dávamos voltas, íamos ao cafezinho, íamos para a doca e riamos. Eu acho que era saudável. A vida é feita de passagens, temos que aceitá-las e tirar partido das coisas boas da vida. A gente, às vezes, pergunta, porquê que tem de acontecer a nós, se eu sou boa pessoa? É assim, enquanto estivermos vivos temos que ter sempre esperança. Isto é a minha perspetiva e alguma coisa de bom há de estar destinado para nós. Eu perdi a minha mãe com 40 anos, quem me diria que eu iria perder a minha mãe com essa idade. Mas, pronto há de me marcar sempre os 40. Eu trabalhei na empresa C que tinha um péssimo ambiente de trabalho. E aquilo para mim foi uma escola de fuzileiros. Pior que aquilo, eu não vou encontrar. Aquilo era do pior, não se podia falar, não se podia rir, controlavam-te em tudo... é, muito mau. As pessoas que vão lá não se apercebem daquilo internamente. Aquilo lá era horrível, eu tive quase uma depressão lá. É assim, o meu trabalho era tesouraria e eu passava as sete horas e meia em frente ao computador. Era números e mais números, fazer reconciliações bancárias, passava os cheques, eu fazia tudo ali. O meu trabalho era todo de secretaria o dia todo. Não tinha relação com o público ali, só tinha com os colegas. E as pessoas mais velhas ficaram com medo e quando tu chegas lá, passam-te esse medo. Se um dia falares com pessoas que já trabalham lá há muito tempo, vão-te dizer o mesmo. Só quem está lá, é que sabe. É horrível, é uma empresa que eu não tenho saudades nenhuma, tanto que eu nunca lá vou. Fiz lá algumas amizades, mas ir lá visitar as pessoas lá, não. Não, porque não me sinto lá bem. Foi o único sítio que é para esquecer, de resto no Ministério da Economia, tive em 1996 e depois voltei num POC. Ao fim de uns bons anos, são pessoas que eu considero quase como da minha família. Porque... criaram-se muitos laços de amizade e depois deram-me a oportunidade de ir para lá fazer um POC, quando eu estive desempregada, não é? Tinham estima por mim. E todas as pessoas se igualavam de igual para igual e na empresa C, as pessoas tinham que respeitar muitas hierarquias e aqui na empresa B não.

I: Que idade tinha, quando decidiu sair da escola?

E3: Ora tinha, tinha, 18. Tinha 18 anos.

I: E quais foram as razões que a levaram a sair da escola?

E3: Pronto, as razões foram a independência, conciliar o trabalho com a escola..., e depois surgiu essa oportunidade de fazer esse estágio na empresa A. E, pronto, olha, fui ficando, fui ficando. Eu gostava muito, eu lembro-me que tinha muito gosto em trabalhar. E era muito perfeccionista desde sempre, era muito dedicada, responsável, era. Sempre fui desde o início, isso é verdade. Mas isso é tal coisa, porque a minha mãe...

[Interrupção – toca o telemóvel da entrevistada].

I: Estava a falar da sua mãe, teve o apoio da sua família quando tomou esta decisão?

E3: É assim, por um lado tive, mas por outro... a minha mãe disse-me “não devias sair da escola, devias continuar, ... mas, pronto, queres ir trabalhar, tu é que sabes”.

I: Se fosse hoje, tomaria a mesma decisão?

E3: Em parte sim, não estou arrependida. Não estou arrependida... mas, por outro, acho que devia ter terminado o 12º ano. Que é muito importante. Mas, também, na altura com a minha idade, o fator 12º não era muito destacado. Era mais o 9º ano, porque é assim na altura, o 9º era o obrigatório. Aliás, nem era o 9º ano. Com a minha idade, era o ciclo, era só o ciclo, acho eu. Porque eles depois foram aumentando... não era o 9º ano obrigatório na altura. Pronto, e na altura, nem as pessoas faziam o 12º ano. Fazia-se o 11º só. Nem ligavam ao 12º, era só para quem ia para a universidade. E muita gente fazia o 11º e terminavam aí. Era assim.

I: E em termos de tecnologias, recorda-se da primeira vez que utilizou um computador?

E3: Ah, a primeira vez, não me recordo propriamente da primeira vez. Mas foi quando comecei a trabalhar. No início, não tive formações, fui adquirindo experiência com os colegas que me ensinaram e fui aprendendo por mim própria. Não, não tive formação.

I: Quais eram os seus projetos ou qual era a profissão que gostava de ter?

E3: Quando saí da escola, por exemplo, ... eu nunca tive assim uma profissão muito definida, mas pronto. Era educação visual que gostava muito. Ah, educação física também. Mas sempre gostei muito de papéis. Portanto, eu achava que estava na profissão certa. Secretária, administrativa, contabilidade, números... portanto, eu achava que estava no local certo, na altura, não é? Se fosse hoje, ahh... se fosse hoje, com a maturidade que tenho hoje, se calhar tinha ido para outras áreas... que acho que se destacavam com a minha personalidade. Teria ido, talvez, para as psicologias, ... pro teu curso, Sociologia, se tivesse tido, talvez, mais apoio familiar nesse sentido de ter tido ali outro encaminhamento. Ah... tinha envergado ali para outras áreas. Se bem que, na altura, contabilidade e secretariado, era aquilo que eu gostava. Pronto, gostava de

lidar com papéis, de computador, portanto, era o que eu gostava. E eu sentia-me muito bem. E como gostava, dedicava-me. Mas, houve uma altura da minha vida que depois me arrependi, quando estava na empresa B, e saturei-me muito. Porque era toda a envolvimento que me regredia, não é? Depois era um trabalho muito minucioso, muito cansativo, era horrível, andava à procura de cêntimos, de reconciliações bancárias. É comparar, por exemplo, lançam-se todos os depósitos de uma empresa num dia, não é? Todos os depósitos e todas as despesas e depois há um balanço diário, daquilo que entrou e daquilo que saiu. E, depois, sai um ao final do mês que se vai comparar com o extrato do banco e é aí que se faz, que se cruza. E os saldos têm que bater certo. Dos saldos anteriores que vinham, tem que dar zeros no fim. E quando não bate certo, tem que se andar à procura. Tem que dar zero, pica-se um com o outro... é horrível, é um trabalho muito minucioso. Não é fácil.

I: E como se caracterizava enquanto aluna?

E3: Enquanto aluna? Era uma aluna média. Acho que até era bem comportada. Era acessível... não participava muito. Era um bocadinho tímida, era (risos). Era um bocado envergonhada, mas nós mudamos muito... sabes Catarina, eu mudei muito, porque hoje em dia, nada me aflige. E a nossa autoestima reforça-se ao longo da vida. É bom, é bom sinal, porque há muitas pessoas que não conseguem atingir esse pico. Mas, sabes que ainda há muita gente, com falta de autoestima na minha idade, por exemplo, eu tenho amigas minhas que com a minha idade têm uma baixa autoestima. E, no entanto, nem passaram por grandes experiências negativas. Pode vir da frustração, da revolta, ou mesmo da personalidade delas. Porque algumas até não tiveram uma infância muito má, mas depois têm esta autoestima. Há coisas que não se conseguem perceber, realmente. Eu tenho várias vertentes de amizades e cada uma é tão diferente da outra. É impressionante. Por exemplo, há coisas que me fazem imensa confusão nas pessoas são não pensarem naquilo que dizem. Ontem disseram isto, amanhã já dizem outra coisa (risos). São pessoas sem sensibilidade, não consigo perceber. São muito despistadas e depois criticam os outros. Mas, depois não olham para a sombra delas, não é?

I: Durante a sua vida, frequentou algumas formações, cursos, ...

E3: Sim, sim, fiz algumas. Fiz de Excel, fiz de relações interpessoais, imagem, pessoal e comunicação, ah, fiz uma de gestão de eventos, também. Fiz de gestão de eventos e fiz uma de contabilidade, também.

I: Que percursos da sua vida conduziram a aprendizagens?

E3: Que aprendi? É assim, a nível profissional aprendi sempre, com as boas e com as más. Não é? É claro que as más, pronto, eu já apanhei o muito bom e o muito mau, a nível profissional. E dá para fazer muitas comparações... das atitudes das pessoas, não é? No bom, no mau, e isso é tudo um crescimento. Por exemplo, só para te dar um exemplo, por exemplo, na empresa B, certas pessoas, o ambiente era excelente, mas se certas pessoas passassem só um bocadinho daquilo que eu passei na empresa A... não

aguentavam. Pronto e mesmo a nível de exigência... são trabalhos de extremos absurdos. E uma vez, tive um ataque de pânico devido ao acumular de diversas situações, é horrível. Depois, eu comecei a ler sobre isso e o médico começou a explicar-me. Depois tive 15 dias em casa, também não quis ficar mais. É muita pressão e se uma pessoa não desanuviar aos pouquinhos... foram cinco anos, naquele ambiente. Eu estava mais velha naquela altura do que estou agora. E, já sai de lá, em 2007. Tinha um aspeto muito mais pesado, muito mais triste. É horrível aquilo, uma pessoa envelhece a todos os níveis naquela casa. As pessoas iam-se embora, os mais velhos com 50 e poucos anos, foram ficando, foram ficando. E também era difícil arranjar trabalho, não é? E as pessoas novas, agora já nem tanto por causa da falta de emprego que há as pessoas tem que se sacrificar e depois na altura, quando eu saí, as pessoas acabaram por se vir embora. A partir do momento que arranjavam uma coisa, saiam logo. Era muito mau, muito mau mesmo. E depois com o meu divórcio, é claro que também se aprende. E enfim.

I: Muito, muito obrigada por este tempinho. Eu depois volto a telefonar para continuarmos a entrevista.

E3: De nada. Está bem, Catarina.

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista ao Sujeito nº 3 (Continuação)

Data da realização: 3 de Maio de 2012

Local de realização da Entrevista: Biblioteca da Universidade do Algarve – Campus da Penha

Duração: 55 minutos

I: O próximo bloco de questões prende-se com a sua trajetória pessoal, nomeadamente os tempos livres, relações sociais, viagens, entre outros.

E3: Tempos livres pois, nos tempos livres, gosto de passear, gosto de estar com os amigos, sair para jantar ah, aproveitar o ar livre, fazer caminhadas aproveitar ao fim ao cabo atividades que me deem alguma tranquilidade (risos) e é bom para recarregar energias para a semana (risos). Viagens, sim, sempre que posso se puder. Gosto, gosto muito de viajar, conhecer novas culturas, novos sítios...

I: E já foi a que sítios...

E3: Egito, Turquia, é tão giro, não é? É muito bonito a Turquia. Eu fui há 10 anos, aquilo deve estar muito diferente, está muito mais desenvolvido. Eu fiz o circuito de Istambul... andei tanto de autocarro, ai que horror, eles não sabem conduzir, são uns loucos... não há orientação nenhuma. E têm os carros todos velhos, é uma coisa... é tudo muito pobre, tudo muito sujo. E se fores ao Egito, ainda é muito pior. É pior, é muito pior, é muito mais deprimente, são pessoas muito mais desleixadas. Depois estive no Egito, na Turquia, no Brasil... em Espanha, pronto e o resto do país. Tenho conhecido o resto do país.

I: Qual é o seu lema de vida?

E3: Lema de vida? Uma frase? (risos) ah, eu costumo dizer que, é assim um se nós cá estamos, há que aproveitar a vida ao máximo e... crescermos como pessoas, porque se não nos esforçarmos por crescer, não é? E ajudarmos o próximo, eu acho que isso não, não nos vamos sentir úteis, não é? E isso para mim é importante o nosso crescimento emocional para nós e transmitir isso aos nossos, não é? Com, com boas intenções.

I: E participação em eleições, greves...

E3: Hum, não costumo participar. Só em eleições, de resto não não não (risos).

I: Alguma vez emigrou?

E: Não, não.

I: A Helena é membro de alguma associação?

E3: Não, também não.

I: **E já fez voluntariado alguma vez?**

E3: Não.

I: **E reciclagem costuma fazer?**

E3: Sim. Separo o lixo, não é? Os plásticos, as lâmpadas, os vidros e essas coisinhas...

[Falam da lista que é necessário fazer na biblioteca e da semana académica] – 04:29

[Interrupção – entrada da bibliotecária na entrevista] – 07:40

I: **E prestação de cuidados... se costuma cuidar de crianças, de familiares, ...**

E3: Ah, idosos não, mas de crianças já dos meus sobrinhos, dos meus afilhados, já.

I: **Ah, como é que se define ou como se caracteriza?**

E3: Como é que eu me caracterizo? Oh pá, acho que sou uma pessoa integra, acima de tudo, ah... tenho uma postura justa perante, para comigo e para com os outros. Tenho tido sempre essa postura, transmito sempre a verdade acima de tudo porque de outra forma acho que não faz sentido. E olha tenho uma atitude positiva e tento ter sempre um sorriso. Ah não, não transmito as minhas inseguranças, nem os meus problemas com ninguém porque acho que ninguém tem nada a ver com isso portanto, oh pá, mantenho sempre a minha postura em alta, tento manter (risos) Acho que é uma boa postura, não é Catarina? E sempre positiva e sorridente e sempre... eu acho que... ao fim ao cabo, eu acho que, mas acho que sou uma pessoa com luz. Não achas, Catarina? O cuidado, a postura, a delicadeza, o trato com o próximo, sim, sim... tenho sempre muito cuidado. O trato, a delicadeza, a simpatia, o agradecimento presto ajuda sempre que é preciso, mas faço isso de coração. Não não, não espero nada em troca. E, já se vê, poucas pessoas assim. Não é, Catarina? Oh pá, eu acho que ... é que nós levamos desta vida é isso... e eu também não tenho muitas ajudas, não é? Mas, se nós tivermos esta atitude perante os outros, é também uma forma de nos sentirmos bem. E, pronto, cumprimos o nosso dever enquanto ... aqui, nesta passagem pela vida, não é? É o meu lema de vida... fazer o meu melhor. Oh pá, porque não serve de nada, eu agora tenho comentado com várias pessoas... não sei se tu notas que as pessoas ultimamente, as pessoas são muito carrancudas ...no outro dia, eu fui ali ao Pingo Doce e já várias vezes que eu observo isso... eu estou na caixa e gosto de observar, eu gosto de observar. Sou observadora por natureza. Pus-me a observar as pessoas, oh pá eu não consegui ver pessoas com brilho mas noto as pessoas mais desleixadas no arranjo, muito, muito, ah... a postura. Oh pá, não sorriem, percebes? Não, não ... noto, nota-se muito, noto, noto de uma forma geral. Oh pá, não sei, não sei, noto. Noto ultimamente as pessoas mais desleixadas, as pessoas parece que não andavam assim. Ainda não veio o verão, nunca pensaste? Não tens reparado nisso?

I: Não...

E3: Hás de reparar. Mas olha, repara assim ao fim de semana quando saíres, nos supermercados. Oh pá, eu antes via as pessoas melhor arranjadas, agora não vejo. Se calhar já não têm aquilo brilho de se arranjam. É mau, é mau, são hábitos que se criam.

[falam da mãe da entrevistada]

I: E como é que achas que os outros te veem?

E3: Oh pá, eu acho que os outros vai de encontro aquilo que eu disse em relação a mim. Eu acho que as pessoas me veem com a simpatia, com ah..., com a ternura, pronto. Pelo menos as pessoas mais próximas de uma maneira geral com generosidade,... normalmente são delicadas, normalmente dizem que eu também sou. Nunca tive assim, problemas nenhuns. Eu também sou uma pessoa tranquila, sabes Catarina? Também não... também não dramatizo, porque é assim, eu acho que a gente tem que ser práticos na vida, não é? E não sou uma pessoa de arranjar conflitos nem de dramatizar pormenores tão fúteis. Oh pá, porque é assim, há coisas que eu não tenho paciência e a futilidade... dramatismos (risos). Por isso, sou muito prática. Ou é ou não é, eu sou assim. Também sou uma pessoa que vou aguentando, vou sempre dando algumas alternativas e vou dando para que as pessoas... mas chega uma altura se eu vejo que as pessoas seguem um caminho diferente do meu e que eu batalho ... oh pá, é uma luta em glória, não há quem aguente. Não é? É uma luta ... oh pá e por isso, pronto. Cada vez mais, talvez, pela experiência de vida sou muito... simplifico muito. E não dramatizo...

I: Iremos agora falar um pouco sobre o seu percurso profissional...

E3: Comecei a trabalhar com 20 anos, mas podes ver melhor na minha autobiografia.

I: Encontra-se, atualmente, satisfeita com o seu emprego?

E3: Oh pá, neste momento... não era bem aquilo que eu queria porque há coisas que não dependem de nós. E por mais que, pela experiência que tenho, ... e que me esforce para melhorar certos pontos, há coisas que eu nunca vou conseguir. Não é? Porque não depende só de mim. E as pessoas não são todas iguais, não é? Porque as pessoas não são todas organizadas... as pessoas, às vezes, não têm método. As pessoas são ... desorganizadas, não... oh pá é a falta de método. Não são profissionais e isso faz-me confusão. Não é? Eu já trabalhei como te disse na empresa era tudo muito exigente e muito certinho e isso ao fim ao cabo também foi uma escola. Não é? E pronto, há coisas que eu não consigo tolerar. Mas isso, se calhar, teve a ver com essa aprendizagem. É irmos fazendo o nosso melhor trabalho, não é? E um dia de cada vez... porque milagres não conseguimos fazer.

I: Recorreu a formações ou outras estratégias para gerir a sua vida profissional?

E3: Fiz, fiz algumas formações. Também estão lá na minha autobiografia. Naquela altura estive desempregada, a partir de 2007, fiz relações interpessoais. Gostei muito (risos). Foi muito giro. Depois fiz imagem, pessoal e comunicação com o cliente, também. Ah, como é que era a outra? Gestão de eventos. A de imagem era imagem, comunicação com o cliente e língua portuguesa. Mas depois confirma, está lá na minha autobiografia. Contabilidade. Está lá tudo, pronto.

I: Entramos agora no bloco referente ao RVCC. Como era a sua rotina antes de entrar no processo? Por exemplo, alterou um pouco o seu dia-a-dia?

E3: Sim... antes de RVCC, vamos lá ver. Isto também é recente. Isto começou desde de Outubro. Nós estivemos aquele tempo todo parados. Eu sou assim... eu vou explicar como sou. Eu, às vezes, sou um bocado preguiçosa, confesso. Mas depois quando me dá para fazer, faço tudo e se for preciso, estou um dia inteiro a fazer, estou ali dedicada (risos). Oh pá, eu sou um bocado assim, mas quando meto na cabeça que tenho que fazer, faço. Tenho que fazer mesmo, não é? Pronto. Oh pá, mudou um bocadinho ... porque é assim, eu sinto-me, talvez, um bocadinho mais ansiosa. É normal, não é? É porque... porque é assim... eu disse isso à Luísa, embora nós podemos sempre tirar dúvidas com as formadoras, não é? Acho que aquele período... acho que aquele período que nós tivemos de, das aulas para fazer os trabalhos, acho que deviam dar continuidade ... porque acabava por nos motivar uns aos outros. Nós perdemos o contacto uns com os outros. Pronto. Estivemos só aqueles dois mesinhos que era uma vez por semana. Oh pá, depois eu fiquei com o contacto do Mário, com a da ... Mónica? Agora não me lembro o nome dela. Da Sofia, também tenho o contacto. Uma da conceição que era agricultora, não te lembras? Era a Elsa, Elsa... a Elsa deve ter uma história de vida engraçada. A pessoa sente-se mais ansiosa porque é um projeto que quer acabar e... para já, não sei se vou conseguir porque isto vai terminar. Pronto. E... acho que também devia ter mais acompanhamento. Pronto, nesses trabalhos que eu te falei há bocadinho. Por isso, vou pedir à Profissional de RVC, para ver se ela depois me vai integrando para eu ir desenvolvendo porque é mais fácil. Porque ainda são para aí uns 7 ou 8 trabalhos, que são feitos à parte, oh pá, e que dá trabalho. Se bem que muitos desses trabalhos, Catarina, há coisas que se relacionam com a muita autobiografia. Vou acabar por repetir muita coisa em alguns, estás a perceber? Como na cidadania, como na parte da saúde. Há lá um também da saúde, da alimentação, dos cuidados, da parte dos transportes, da parte da globalização, ou seja, elas mandaram-me desenvolver isso tudo e agora tenho que falar com a Luísa para saber, realmente, que trabalhos é que eu tenho que fazer e enquadrar lá... para não estar a repetir tudo. Não é? Agora esses do sangue, ainda não fiz nada. Há lá alguns que eu ainda não falei nada. Mas, há outros que estão relacionados. E isso é mais difícil. A Luísa disse-me “fala de ti, Helena”. Aquilo tem a ver com as moléculas, é o tipo de moléculas que tens que explicar. Tens que escolher umas e depois tens que explicar, pesquisar na net e desenvolver. Mas há outros que são ali muito chatos. Se quiseres, depois eu mostro-te os trabalhos. Vamos lá ver...

I: Quais os motivos que a levaram a inscrever-se no CNO?

E3: Nas Novas Oportunidades? Eh pá, para já é um objetivo que eu quero cumprir. Não é? Já que não o consegui fazer na altura certa, mas também como disse não me arrependo porque foi o que teve de ser naquela altura. E pronto, calhou assim. E, pronto, é sempre bom ter o 12º porque hoje em dia, já pedem quase todas as áreas com o 12º ano completo, não é?

I: E como é que teve conhecimento da Associação In Loco?

E3: Como é que eu tive conhecimento da In Loco? Ah... como é que eu tive? Foi através de uma pessoa amiga, porque eu estava na Escola de Hotelaria, estava inscrita na Escola Hoteleira, só que aquilo levou muito tempo e depois ainda fui àquela entrevista global e depois estive muito tempo à espera. Oh pá e houve alguém que me disse “Inscreve-te na In Loco e eles até são mais rápidos” e foram... porque eu depois... Porque é assim, eu quando a minha mãe morreu há dois anos, chamaram-me. Só que eu na altura não estava com cabeça para fazer isto oh pá, eu não conseguia, não conseguia escrever, não tinha cabeça, ou seja, a minha mãe morreu em 27 de Abril e a Luísa telefonou-me ao fim de 15 dias eh pá, e eu disse à Luísa, eu não consigo, neste momento, não consigo. Portanto, mete-me noutra... noutra turma e depois estive este tempo todo à espera. Oh pá, ainda estive bastante. Ah, mas depois, como é que foi... que eu ainda fiz alguma coisinha, fiz uma coisa muito resumida. Fiz, fiz, fiz uma autobiografia muito resumida e ainda entreguei essa à Luísa, mas foi uma coisa muito básica. E depois, como é que foi, depois houve a inscrição.

I: E o que é que sabia do processo?

E3: Ah, sim, já tinha conhecimento. Conhecimento de pessoas que já tinham feito... mas toda a gente me disse que não era fácil (risos). Ninguém me disse que era fácil. Ninguém me disse que era fácil mais as pessoas só do 9º ano, sim, mas todas me disseram que era mais complicado porque pediam muito mais coisas e as *pen's* iam sempre para trás. Pede-se sempre para aprofundar e é normal. E é aceitável.

I: E em termos de expetativas em relação ao processo? Quais eram as suas expetativas iniciais...

E3: O que é que eu pensava do processo? Pois, é assim, como eu disse, daquilo que me disseram, disseram-me logo que não era fácil. Ah oh pá, mas é assim...

I: Mas isso não foi um obstáculo...

E3: Não, não. Mas é assim, para já, era um objetivo como eu disse que queria concretizar, tanto que me inscrevi. Oh pá e para além disso, acho que é sempre gratificante porque é assim relacionamo-nos com outras experiências de vida... conhecemos outras pessoas partilhamos, ah e isso é tudo positivo, não é? É enriquecedor, aprendemos sempre muito oh pá e é uma forma de estar ativa, também não é? E em contacto e eu, por acaso, agora comecei a desenvolver mais e penso assim, realmente... isto é giro (risos). É giro, porque a pessoa depois começa a pensar na nossa

vida... já há tanto tempo que eu não pensava nisso. Aconteceu-me isto e isto... olha é giro, é muito giro. É... é pena quererem acabar com isto, é pena mesmo.

I: Já sentiu ou sente alguma dificuldade no processo? Ainda há pouco referiu a questão da integração dos trabalhos na sua autobiografia...

E3: Sim, sim. É só esta, porque de resto não ...

I: Consegue conciliar com o trabalho?

E3: Oh pá, porque é assim... Às vezes, não é fácil porque é assim... eu chego a casa às 19 horas, 19 horas e tal, cansada, não é? Pronto, não é fácil. Eu também vou trabalhar para Loulé e é um bocadinho cansativo. Pronto...

I: Como é que descreve a relação com a equipa?

E3: Com as formadoras? É boa, é boa. Sempre tive boa ideia das formadoras muito boa.

I: Ainda em relação ao processo, quais são os aspetos positivos e negativos que destaca do processo?

E3: Oh pá, é assim, positivos? Pronto, eu já disse há bocadinho, não é? Que é terminar o décimo segundo, reviver os momentos, criar laços de afetividade entre as pessoas e a partilha de ideias e de experiências de vida. Pronto, os negativos é aquela situação que eu disse que devia haver mais acompanhamento para além daqueles dois meses só porque o grupo dispersa-se e muitas pessoas acabam por desistir porque não é só a formadora a telefonar, não é? Acho que os colegas ajuda muito. Olha, já fizeste isto, já fizeste aquilo? Como é que fizeste este trabalho? Desenvolveste em que ponto? É claro, não é? Porque a pessoa acaba por se isolar, é cada um por si... e por exemplo, dizer assim “olha lá, como é que tu desenvolveste este trabalho?”, dá-me lá umas dicas, não é copiar, é dar umas dicas. Acho que é uma pena, é uma pena eu disse à Luísa. E ela disse-me assim: “Eu compreendo, mas sabes que se vocês viessem para aqui em grupo, tu não irias falar da tua vida pessoal à frente dos teus colegas...”. Tem razão. Não é? Eu também não fazia mas, pronto, a Luísa estava a ler, não é? Olha Helena, tens que desenvolver aqui e toda a gente a ouvir. Pronto, as pessoas não gostam. É uma parte íntima de nós, não é? Oh pá, mas por outro lado... acho que devia haver aí outras alternativas podiam fazer algumas sessões de esclarecimento. Olha, onde é que tiveram dificuldades? Como é que fizeram isto? Já fizeram? O que é que pesquisaram? Por exemplo, ou estimular mais, por exemplo... Vá, já fizeram isto? Para a semana quero este trabalho feito. Pesquisem, falem, por exemplo.

I: Um incentivo...

E3: Exatamente é um objetivo para a semana. Motiva, motiva porque depois entre colegas motiva. Estimula olha, já fizeste? Aí, eu ainda não fiz nada. Motiva, não é? E aqui as pessoas perdem-se, andam sozinhas e não há nenhuma motivação. Olha, não consigo fazer estou-me lixando para isto.

I: Se calhar, é por isso que muita gente desiste...

E3: Exato. É, é. Acredita que é Catarina. É pena, sentem-se sozinhas. Está bem que é um processo que nós temos que dar mais de nós porque é o 12º... Não é ali um resumo, não é? É a nossa vida. Oh pá, não há testes, tudo bem. Mas também há o... como é que se chama a parte final?

I: O Júri?

E3: Temos que nos expor... Já assististe a algum?

I: Não, ainda não. Mas tenciono ir assistir os vossos...

E3: É? Vais ter que estar ali ao vivo (risos). As pessoas dizem que ficam muito nervosas porque está o júri, estão as formadoras e estão mais algumas pessoas. Tens que escolher um tema para falar... eu estava pensando, o tema que eu quero falar e quero fazer é um filme com as minhas viagens com fotografias e falar de onde é que tive, dos sítios, do que gostei, o que é que eu achei culturalmente...

I: É uma ideia interessante...

E3: É, não é? Eu pensei nisso... porque é assim, eu depois quero apresentar isso no portátil, não é? Com músicas que eu gosto. Percebes?

I: Qual a sua opinião relativamente ao processo, nomeadamente, as sessões, o referencial, à metodologia, aos horários...

E3: Faz sentido, porque é assim, já que nós não tivemos oportunidade de estudar na altura. Acho que é positivo, nós escrevermos a nossa história de vida, tanto profissional como pessoal, não é? Porque foi tudo crescimento. Foi enriquecimento, ahm, adquirimos maturidade de vida, experiência... e isso é tudo um percurso, não é? Que acho que se tem que ser valorizado, não é, na minha opinião. Se começamos a trabalhar novos, também temos mais experiência de vida. Sabemos encarar e resolver determinados problemas... e se tivemos que ir trabalhar nessa altura, é porque precisávamos. Não é? E se o tivemos que o fazer, é porque ... também pode haver a parte em que não fomos motivados, não é, para seguir. Mas também, se não fomos motivados, é isso, começamos a trabalhar é enriquecedor porque... não estudamos, mas começamos a trabalhar. E começamos a trabalhar porque precisávamos, não é? E isso é um crescimento.... Porque começa outra etapa da vida.

I: E mudanças...

E3: Eu acho que não. Profissionais, talvez a nível de conseguir se calhar um emprego. Mas agora em termos de pessoais e sociais, acho que não interfere em nada. A meu ver...

I: Em termos sociais, não se criaram laços a nível de grupo, por exemplo?

E3: Eu na minha opinião acho que não. Depende dos grupos mas como eu te disse as pessoas perdem-se eu só tenho contacto com dois ou três.

I: E sente-se mais confiante, por exemplo?

E3: Não... porque é assim, se eu já sou assim... não é por ter o RVCC ... se eu já tive um percurso de vida de 20 anos profissionais, já tive tempo suficiente para adquirir essa confiança e essa autoestima. Portanto, não é um RVCC que me vai fazer mais feliz ... pode-me fazer mais “feliz”, mas não me vai dar mais autoestima. Isso já está em mim, percebes o que eu quero dizer? Já está em mim pronto, se eu sou uma pessoa que já tenho essa autoestima, não é por aí. Se eu gosto de mim, se eu já gostava de mim, não é por ter o 12º completo ou por ter o RVCC completo que vou gostar mais. Posso gostar mais porque cumpri, vamos lá ver porque atingi um objetivo. E fico satisfeita comigo por o ter conseguido, mas não vou gostar mais de mim por isso. Fico satisfeita comigo própria, mas isso não quer dizer que tenha adquirido mais autoestima nesse aspeto não. Um projeto de vida é constituir família, estar acompanhada. Não digo ter filho, mas estar acompanhada.

I: E em termos profissionais é positivo?

E3: É, é porque a nível de curriculum e depois ... é evidente que ... se já vou lá pôr o 12º completo, pois se bem que hoje em dia, já é um bocado relevante em tudo. Porque há muitas pessoas que ligam... olha, eu tenho já ido a entrevistas que nunca me perguntaram porque é que eu não terminei o 12º ano. Porque olham para o meu curriculum, vêm minha experiência profissional e só houve uma vez uma empresa que me perguntou. A maioria das empresas nunca me perguntaram. Nunca me perguntaram porque é que eu não tinha terminado o 12º.

I: E essas entrevistas que foi, pediam o 12º ou não?

E3: Ah, preferencialmente. Sim, de preferência. Mas não me perguntaram... Por exemplo, eu entrei para a empresa B, que é uma empresa exigente e nunca me perguntou... Por exemplo, a empresa A deu-me muito *curriculum*, estive quatro anos na empresa A. Na empresa C, estive dois anos em empresas grandes e os nomes... Empresa A, B, C é sempre bom e conta para *curriculum*. Até houve uma clínica que eu fui a uma entrevista e eu acho que o homem não me admitiu porque achou que eu me iria sentir um bocado inútil... naquele local. Era para uma receção e o senhor disse-me assim “Mas, a Helena tem aqui um bom curriculum... trabalhou na empresa B, fazia estas e estas tarefas, devia ganhar muito bem (risos). E ele disse-me assim “Ah, a Helena se calhar vai-se sentir assim desmotivada porque vai fazer, se calhar, um trabalho menor”. E mais não direi mais leve e mais e que não me se calhar ajudar a ficar mais realizada. Eu disse “olhe, eu estou desempregada, eu preciso e neste momento, não posso olhar a isso”. Mas, depois, houve ali um obstáculo que eu não falava inglês... e aquilo numa clínica é necessário o inglês. Minimamente, pelo menos o básico dos básicos eu também nunca gostei de inglês, a minha língua mãe foi francês sempre. E sempre tive melhores

notas a francês do que a inglês, também porque se calhar as professoras que apanhei inicialmente não foram as melhores e também... perdi-me pelo caminho.

[Falamos do curso de Sociologia e das suas unidades curriculares] – 50.30

I: Quais são as suas práticas de leitura e de escrita no seu dia-a-dia?

E3: Sim, tenho práticas. Tenho, tenho. Gosto de ler algumas revistas sobre saúde, coisas que me cultivam ah, de outros temas, como saber viver bem, ah, revistas de enriquecimento, pronto. Também gosto de ler, revistas de fofoca, de vez em quando para me distrair. Oh pá, de vez em quando, faz bem. Um livrinho ou outro, mas pronto.

I: E já alguma vez, sentiu dificuldades na leitura?

E3: Humm, não. Porque é assim, quando quero ler, leio e quando não me apetece, não leio. Também não tenho grandes hábitos de leitura e há coisas, por exemplo, há livros que me canso muito e depois paro. Não leio tudo. Não leio tudo. Quando eu vejo que não me agrada ou que não estou a achar a história interessante, não, não continuo. Mas há leituras muito difíceis...

I: E quanto, à escrita?

E3: À escrita? Escrever não, não. Não costumo escrever. Só no trabalho, mas pronto... tenho, pronto, acho que até não escrevo mal. Não dou erros graves.

I: Sente dificuldades? E quando sente dificuldades, costuma pedir ajuda?

E3: Não, não. Quer dizer para fazer estes trabalhos, arranjar dados daqui e dali ... mas, por exemplo, no dia-a-dia profissional, se eu quiser fazer uma carta, faço bem e não tenho dificuldades. E emprego, construo as frases, aplico as palavras certas.

I: Escreve mais à mão ou no computador?

E3: Tudo no computador. E o fato do computador corrigir alguns dos nossos erros... é muito bom. É muito bom.

I: Boa sorte para o processo. Eu depois volto a contactar, se surgir alguma dúvida. Pode ser?

E3: Sim, claro. Obrigada.

I: Muito obrigada pela sua colaboração.

E3: De nada.

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista ao Sujeito nº 4

Data da realização: 3 de Maio de 2012

Local de realização da Entrevista: Bar da Escola Superior de Gestão, Hotelaria e Turismo (ESGHT) da Universidade do Algarve – Campus da Penha

Duração: 1 hora e 44 minutos

Investigadora: Antes de mais, queria agradecer a sua disponibilidade e a colaboração nesta investigação. Tendo em consideração os objetivos da mesma, gostaria de iniciar a nossa entrevista com uma breve apresentação pessoal.

Investigadora: Qual é a sua idade?

Entrevistado 4: Neste momento, tenho 41 anos.

I: E estado civil?

E4: Solteiro.

I: E o concelho de residência?

E4: Faro.

I: E a escolaridade, antes do processo RVCC?

E4: 9º ano.

I: Iremos agora para o primeiro bloco da nossa entrevista. Pretendo, assim, aprofundar a questão do percurso familiar, como por exemplo, onde nasceu...

E4: Venezuela.

I: Qual é a escolaridade dos seus pais? Recorda-se?

E4: É a média ... 4ª classe.

I: E o que é que faziam os seus pais? Recorda-se?

E4: A minha mãe tinha uma atividade normal de artes plásticas e o meu pai era servente de construção e depois passou a construtor ... (imperceptível) ao longo dos anos que teve.

I: E que idades é que têm atualmente?

E4: O meu pai tem 83 e ... a minha mãe tem 58. É por aí, se não me engano.

I: Ah, como é que foi a sua infância? Recorda-se? Tem boas recordações?

E4: Foi excelente... ah, andei em dois colégios privados. Na Venezuela, existem muitos colégios privados. Aqui em Portugal e no Algarve, não conheço é zero... só há um que é Vilamoura e depois tens um aqui em Faro que é ... no Santo António do Alto. Ah, e é só feminino (?) E nós tínhamos lá na Venezuela, os CALUCIANOS e ... de manhã tínhamos educação luso-Venezuela em venezuelano, espanhol... castelhano aliás. E à tarde, tínhamos o Português. Eramos semi-internos, mas tínhamos todas as atividades que possas imaginar. Tudo. E quando viemos para cá, não existia nada. Foi uma grande desilusão. E depois quando eu vim para cá, tentei retomar os meus estudos e não me deram equivalências de nada. Ah, eu tava na... eu tava com 16 anos, já no 8º ano e vim para aqui, para cá para a 3ª classe. E foi a desilusão. Era um matulão, no meio de crianças. É uma vergonha, porque é uma grande diferença. Uma vergonha para mim, uma vergonha para os outros e uma vergonha para Portugal... porque Portugal não soube aceitar, reconhecer nem ver ah certos documentos comprovativos escolares que eu trouxe para poder me matricular na época. Estamos a falar em 86 ah ... que me tornou um bocado ... dispar com as decisões que eu tomei. E então, fui trabalhar cedo. Fui colaborar com o meu pai, fui fazer coisas com o meu pai e ... pronto. Portugal para mim deixou de ser um sonho e passou a ser um pesadelo.

I: Porque tinha o sonho de vir para Portugal, uma vez que os seus pais eram portugueses...

E4: Exatamente. Mas nunca desisti da ideia de pelo menos terminar o 12º ano, um dia... e fiz agora o 9º ano com este sistema novo que eu, através do Governo que foi o RVCC Novas Oportunidades em que na qual estão a cortar a raiz neste momento a esse processo que não tem nada de mal, do meu ponto de vista, porque vai só ajudar a população que realmente teve este problema como o meu e outros que não tiveram hipótese de cultivar certas experiências como o ensino e foram trabalhar cedo para manter uma casa, para manter uma família, para manter os filhos, para manter a sua própria vida, o seu bem-estar e não deixamos de ser cultos por causa disso. E na altura quando eu vim para Portugal, notei uma grande mudança ... ah em relação à vida, em relação ao que existe pros jovens, porque os jovens não têm nada para, para se manterem ativos, outros têm outros meios mas são meios que não são tão eficazes como eu tive lá na Venezuela. Lá na Venezuela tinha muito mais atividades ... aqui não existem atividades nenhuma. Atividades extracurriculares, extradesportivas, desporto, equitação, basebol, natação, ah karting. Aqui uma pessoa tem que ir com a família ao *karting* e paga um dinheirão, lá tínhamos pistas, lá tínhamos tudo. E aqui não existe nada.

I: E só por curiosidade, lá não se paga?

E4: Não, lá não se paga como se paga aqui. É tudo privado, paga-se, mas em relação ao quotidiano e ao dia-a-dia e aquilo que se cria como projeto de vida para uma pessoa estar lá, para que toda a gente note que um emigrante lá na época... hoje aquilo está um bocadinho pior, mas na época as pessoas conseguiam manter uma qualidade de vida

muito superior, 10 vezes, ao português. Se não fosse um imigrante, em Portugal, depositar as suas próprias economias que passou fora, seja na Venezuela, seja no Canadá, seja na Austrália e que não retornasse à casa porque o bom filho regressa a casa ... Portugal não era nada. Porque hoje Portugal está a passar uma crise e não, não vai passar tão facilmente por estar a pedir dinheiro que não existe, nunca existiu. As comunidades, toda a gente quer ter um carro lá em casa, quer ter um telemóvel em casa, toda a gente quer ter uma televisão no quarto, toda a gente quer ter dinheiro, toda a gente quer ter tudo e hoje não é bem assim. Uns têm tudo mas estão a pagar um preço que o diabo nunca quis amassar, quer dizer ... na Venezuela não há esse hábito. Nada, zero, as pessoas não têm dinheiro não comem certas comidas, mas não passam fome. É o essencial. Privam-se de certas coisas. Querem ter uma vida melhor, fazem por isso, lutam para isso e tens. Aqui as pessoas não gostam de trabalhar em Portugal, não querem trabalhar. (Imperceptível) empregos para ganharem com regalias e com grandes... créditos digamos assim. As pessoas não gostam de trabalhar em Portugal e o trabalho pesado em Portugal, por exemplo, como o meu que eu tive que optar por este tipo de aviação, não é bem remunerado. Ou seja, acaba por ser uma coisa que só (imperceptível) que qualquer pessoa, dá para entender o nível de vida que nos temos. Agora imaginar quando se avista o desemprego atualmente, quase 1 milhão e tal de desempregados, vai haver mais desemprego porque as pessoas têm qualificações, ao contrário, (imperceptível) e não querem essas qualificações. Ter as qualificações hoje não significam absolutamente nada porque não têm dinheiro para pagar essas habilitações nem pela experiência nem pelo que a pessoa pretende fazer. Preferem pagar uma pessoa que menos sabe em termos de *curriculum* escolar, mas que essa pessoa mais ou menos desenrasque. É a minha opinião.

I: Voltando ao percurso familiar, como era a sua relação com os seus pais?

E4: Se não fossem os meus pais, eu não era... o homem que sou. Tudo o que eu sou, é o espelho dos meus pais. Os valores ah sociais e familiares e tudo mais e o que aprendi e foram eles que me transmitiram. Ah, são os meus ídolos. Há pessoas que têm os de fantasia, eu não, tenho os meus pais. Gosto dos meus pais, amo os meus pais, estimo os meus pais ... foram eles que me criaram, foram eles que me deram tudo. E quando eu digo tudo, em relação a muitos jovens, é mesmo tudo. Ah, hoje tenho a minha casa, não pago renda, tenho a minha vida em que não pago absolutamente nada, sei dar valor às necessidades. Trabalho desde os meus 17 anos, tenho as minhas despesas praticamente orientadíssimas graças ao meu suor. E eles quando estão a ver um filho a passar por uma situação um bocado indigna vão logo a correr ajudar e vão ver o que é que se passa, né? Coisa que hoje um pai normal, de uma família normal não consegue fazer. Retrai-se, não pode, não pode e não pode. É o espelho de muita gente e até há muita gente que desiste da universidade porque não podem estar a ocupar o seu tempo a pagar propinas e como não ganham, não podem.

I: Irmãos?

E4: Tenho a minha irmã que é advogada, ela sim veio para cá pequenina. Chamo-lhe de advogada porque lhe falta uma cadeira, mas ela tem uma empresa na Expo, numa zona bem conceituada. E falta-lhe a cadeira de direito, mas ela praticamente, para mim, já é advogada. Porque ela tem-me ajudado em muitas coisas, e as amizades que ela tem, é tudo praticamente na área de direito. E o meu irmão é médico protésico, faz dentes e tá numa clínica, num laboratório a fazer mascarar para os dentes, fazer dentes, parafusos, implantes... ah, trabalha com várias coisas e é um trabalho interessante.

I: E em termos de tempos livres na Venezuela?

E4: Sobra, havia muitas coisas. Havia uma coisa, se talvez, que é mesmo poderoso que era o tempo que nos devíamos retornar a casa que era mesmo o tempo temperano, cedo. O que é que é tenperano/cedo? É a insegurança, depois tornava-se um pouco inquietante porque há uma certa insegurança que hoje cometem um crime. A partir das sete ou oito horas da noite, ah é quase à vista de toda a gente, os assaltos à mão armada, os assaltos a supermercados, assaltos a casa, ah ... o crime é uma das histórias mais negras da Venezuela até hoje. É um país desenvolvido, mas tem os seus podres. Que é a tal pequena sociedade que nunca fez para viver, cultivaram insegurança e crime e por aí forma. Mas essa imperceptível porque na altura era controlada. Foi difícil adaptar-se, viver com grades, as casas todas têm grades, mesmo 4º ou 5º andar ... ah ... se nós nos ausentássemos de casa, subiam pelas grades e entravam em casa. Quer dizer, era supostamente uma cadeia. Portugal, neste momento, é inseguro e está-se a tornar pior do que um país que sempre contestou, sempre criticou. Portugal, neste momento, está a passar ah está-se a tornar imperceptível com a vida ah a passar pelas suas próprias dificuldades que nunca viu, nem mesmo antes do 25 de Abril. Vai haver uma certa ... anarquia, um certo aumento em termos de crimes em Portugal que nunca na existência deste país aconteceria. Vai haver e nós não estaremos preparados, nem temos autoridade severamente preparada para isso. As pessoas aqui não se manifestam por nada, aumentam as coisas e calam-se e só aumentam quando há uma promoção como o Pingo Doce, como aqui, como ali quer dizer, não manifestam aquilo que realmente é necessário. E na Venezuela manifestam-se ao aumento de um cêntimo de combustível e dos transportes. E porque é que não aumentam um cêntimo também nos salários? Nos ordenados? E então, vêm todos para a rua e são capazes de fazer alguma loucura. Mas é um povo lutador. É um povo unido, não tem nada a ver com o português. Eu chamo o português, completamente geral, chamo o português de 4ª classe. Podes ter uma ideia, a cultura que eles têm lá, é mesmo muito superior à nossa cultura, cultura. O bem-estar bem superior, clima bem superior e insegurança é onde peca mesmo aquele país, porque de resto aquele país mete Portugal a um canto, a leste, a longe, muito longe. Estamos a regredir e eu pensei que isto incluísse mas não, não fomos para o encontro da evolução. Fomos ao encontro da regressão que agora vai ter um preço a pagar que é que não é sustentável a vida das pessoas, vão ter problemas muito negros na sociedade. Vão ter que devolver as casas que compraram durante 10, 15, 20 anos. Os carros vão ser completamente entregues à sua sorte (?), o emprego está cada vez mais precário, vai haver mais desemprego, infelizmente. Porque aquilo que estamos a viver hoje em dia

vai haver mesmo um aumento do desemprego. Ah, já nos tiraram alguns subsídios e vão-nos tirar mais ainda alguns subsídios para pagar os juros da dívida externa.

I: Durante a sua estadia na Venezuela, mudou de casa ou estive sempre na mesma?

E4: Estive em duas casas, estive. Uma melhor que a outra ... ah, uma tinha já piscina e outra não tinha piscina, mas tinha outras condições. Era um condomínio fechado, já era mais seguro. Podíamos brincar entre vizinhos, podíamos ir à rua quem quisesse ir à rua. Os parques ah praticamente eram muito perto e não notei assim grande privacidade de imperceptível, o divertimento digamos assim.

I: Já vimos ainda há pouco, mas para clarificar melhor qual o papel da família no seu percurso de vida?

E4: É principal, não retiro nem uma palavra daquilo que disse porque nós sem família não somos nada. Quem é que nos dá ... a nossa maneira de ser, a nossa maneira de estar, de cultivar o futuro, de plantar hoje para colher no futuro... quem é que nos pode ajudar numa situação de aflictiva, quem é que nos pode ajudar e quem é que nos dá aquelas indicações que devemos tomar? Não são os amigos. Os amigos têm alguma importância na vida, mas a família é aquela que lidera toda essa área formosa, essa área inteligente. As pessoas podem não ter tanta cultura, mas são os nossos pais... aqueles seres que nós acreditamos sempre e que nos depositam total confiança. Nos amigos, não há aquela total confiança. Há uma simpatia, há um carinho, mas não chega então vamos sempre aos nossos pais. Eu falo por mim, os meus pais foram sempre os meus guias, sempre depositaram confiança em mim, naquilo que eu sou, como sou e como serei. E ... acredito que sim, sem a sabedoria dos nossos pais nós não eramos aquilo que somos hoje. Nós somos uma geração que nunca nos faltou nada. Esta geração que está a nascer e que está agora no meio da vida, vai-lhe faltar tudo porque também lhe faltou educação e a educação são bases, são alicerces que depois se comprometem no futuro. Se não houver um comprometer de respeitar, as pessoas vão perdendo qualidades de vida. As pessoas julgam que sabem tudo porque têm o diário de notícias debaixo do braço, vestem uma gravata, vestem um fato e são os maiores do mundo. Mas não é bem assim. Ah... nem tanto ao mar, nem tanto à terra, como eu costumo dizer. As pessoas têm que saber cultivar o que aprenderam e o que irão aprender. Não o que aprenderam e sei tudo. O que aprendi, já me deu para saber aquilo que sou. Não, estamos sempre a aprender. Eu costumo dizer que nós não precisamos de um canudo, nós pessoas, civilização, mas precisamos sim de acreditar no futuro. Depositar cada vez melhor nas nossas competências, as nossas necessidades, acreditar que somos capazes de vencer. A família vai por trás e diz sim, é bom para ti e isto é o ... melhor disto tudo. Não é o amigo que me vai dizer, vai, toma lá aqui 10 €, toma lá aqui 20 € para te pões no comboio e vai. Preciso de 10€ para comer, não é o amigo, de certeza, que te vai dar ajuda. Seja ela qual for, o tipo de ajuda que for. Mas, falta aquele estigma dos nossos pais. Eu não admito a ninguém que fale mal dos pais, mesmo os pais não podendo ter ajudado os seus filhos como é o caso de Portugal, eu assisti falarem mal dos pais, dos próprios pais. Alguns ou

a maior parte falam mal... a maior parte que conheço falam mal dos pais, porque o pai não lhe deu um carro, porque o pai não lhe deu uma casa, porque o pai não lhe deu isto, porque o pai não lhe deu educação... porque o pai não lhe deu 10 € hoje, porque o pai não lhe deu dinheiro para o tabaco, para a bebida porque também bebem. Aqui começam a beber, eu nunca bebi na adolescência, nenhuma a beber como eles bebem aqui, como eles fumam aqui. Ah, lá há mais respeito, há mais civismo pela própria pessoa, há o saber-saber e o saber-fazer ... portanto, não tem nada a ver com o portuga. Nada, nada. Querem vestir bem, podem passar fome, mas têm que vestir bem. Têm que passar fome, mas têm que ter um carro, têm que passar fome e têm que ter menos condições de conforto pessoal mas têm que ter um bom carro. Ah, podem morar numa casa de madeira, mas têm que ter um belíssimo carro, um barco e uma boa namorada ou namorado. Portanto, têm que viver na fantasia, no Disney World. Pessoas que nunca chegaram a ir ver Disney World como eu vi várias vezes e não conseguem perceber o que eu lá vi, é o mundo das ilusões, das fantasias para as crianças, mas para os adultos continua a ser o sonho que nunca conseguiram concretizar. Somos peças suplentes, neste momento, aquelas pessoas que não conseguem concretizar os seus objetivos, não olham a meios para atingir fins... usam a malícia, usam não uma malícia positiva, usam uma malícia negativa, a astúcia, passar por cima de todas as pessoas, mesmo os amigos. Hoje utiliza-se muito a astúcia no sentido de atingir os fins dos seus próprios objetivos, fazendo o ridículo, passando pelo ridículo e a cunha... o título da cunha, por exemplo, é o ridículo. Tu não mereces, não mereces. Mas mereces, sejas quem for. Tu podes ser uma pessoa do entro da pobreza, mas se fores melhor que uma pessoa até mesmo de um berço de ouro e se fores melhor do que ele em termos práticos e morais e educativos em termos de sapiência, podes ter a certeza que tens lá o lugarinho e que ninguém to tira. Olha o caso do Presidente Obama, se formos ver a história dele, tem família no Quênia e se fores ver a família toda do Quênia, andam todos descalços. Lá ele tem que ter os não sei quê, a mulher tem que vestir bem e não sei quantos. Somos negros, somos racistas? Somos, Portugal devia ser menos racista do que aquilo que é. Portugal nasceu no meio de uma sociedade hipócrita e racista ... eu julgo Portugal, julgo os Portugueses, não Portugal perdão... pela sua educação moral e educação ideológica de ideologias que não foram respeitadas nos últimos cinquenta anos. O que é a imigração? A imigração é um problema que eles nunca respeitaram, mas eles deveriam considerar que a imigração dos portugueses quando saem todos os dias e ainda hoje, saem cada vez mais, portugueses para fora e querem ser todos bem tratados. Como é que podem ser bem tratados, se nós somos os primeiros a tratar mal os próprios imigrantes em Portugal? Demos-lhes um certo apoio social, pouco ou nada, mas demos algum não vou dizer que não demos nada. Somos simpáticos para com eles, mas não lhes ensinamos nada. Porquê? Porque eles já sabem tudo. O país deles é que não tem condições para os manter ah ah estáveis no país deles. Nós não temos condições morais para estarmos a criticar os outros, mas os outros também não podiam criticar a nós. Mas a verdade é esta: nós não temos condições para estar num Espaço Não Shengen, num Espaço Europeu numa Comunidade Europeia a abrir portas todos os dias a pessoas que nos vêm ah com maus olhos porque somos muito mal recetíveis em termos de receção de

peessoas, porque não os soubemos ajudar. Nós podemos ajudar no seu global que é “salve-se quem puder”, maioritariamente pessoas de mão-de-obra barata porque vão baixando os preços para sobreviver, para se irem inserindo no mercado de trabalho, não têm o sistema de saúde como nós temos e ao fim de muitos anos que estão cá é que têm residência e depois da residência é que já lhes dão o número fiscal ou um cartão para poderem comprar uma casa, um carro, ou fazerem um crédito ou coisa assim. Mas nós, somos os primeiros a tratar mal o imigrante, seja ele ucraniano, seja ele brasileiro, seja ele angolano, seja ele quem for. Nós nunca fomos bons recetores de imigração, nós deixamos partir sempre os nossos filhos para irem ao encontro das necessidades e serem melhores do que aquilo que são hoje. Os meus pais fizeram isso, comprometeram-se connosco para nos darem tudo, fizeram-no e bem, tiveram os apoios de todos lá na Venezuela. Porque é que aqui em Portugal onde nasceram o modelo nunca foi desenvolvido? O modelo nunca foi criado, nunca foi apontado ... são eternos estudantes, são eternos empreendedores, sabem tudo mas, no fundo, não sabem nada. Perderam o turismo de um lado, veem aqueles como nos roubam o trabalho, mas o próprio português não gosta de trabalhar. Quer um emprego, sim com canudo ou não, mas querem ganhar com tudo e mais alguma coisa, mas tudo a dobrar. Não respeitam o ordenado mínimo, não respeitam a categoria social profissional dessa pessoa, os anos de experiência a contar a partir daí não, eu tirei uma licenciatura de música, mas se calhar não sabe tocar o instrumento e interpreta a música. Mas não sabe utilizar os instrumentos como deveria utilizar. Como é que se pode considerar um músico? Isto é como o casamento, aí eu gosto muito do casar, eu gosto de ir a todos os casamentos, acho que aquilo ali é uma felicidade. E agora vou referir-me um bocado ao aspeto social, o casamento se é tão bom, porque é que necessitam de testemunhas? Não é? Aqui deixa alguma coisa a pensar. Em Portugal acredita-se muito no casamento, mas hoje, porque há 20 anos, 40 anos que os casamentos não duram meses, nem anos, morrem porque têm falta de alguma coisa. É o estímulo da pessoa que tem de acreditar. Há um interesse financeiro mas depois não há o financeiro e morre tudo. Portanto, aqui há falta de cultura, demonstram falta de cultura, ah falta de sapiência e a falta de vida, de experiência de vida. As pessoas não têm bases como experiências de vida, como eu tenho, que não troco por canudo nenhum mas que sou obrigado a pedir um 12º ano para atingir os fins que eu quero atingir. É a minha angústia diária ou para todo o resto da minha vida. Que eu noto que, por exemplo, quando a minha filha tiver os seus 18 anos, ela vai ter que sair deste país e vou saber ou não ajudá-la em tudo o que tiver que ajudar para ela poder ser uma mulher. Uma mulher, porque mulheres somos todas à vista de toda a gente, mas entre uma grande mulher aquilo que eu gostaria de ter. É, quero fazer mas não posso, não sei, não posso, não me deixam, quero ser independente e não posso, não deixam, não tenho, não compro, não tenho como, os meus pais não podem me ajudar. Tenho que ir ao banco, mas o banco precisa de tantos papéis, de tantas coisas que eu não posso pedir o crédito, e então não passam dali, tanto o homem como a mulher. E andamos aqui a patinar, a patinar... Todas as pessoas hoje querem um telemóvel ou um bom telemóvel, não é um telemóvel, mas um bom telemóvel que faça chamadas e receba chamadas, querem um telefone *i-phone*, querem um Nokia não sei

das quantas e todos querem não sei quê. Nós somos muito caprichosos de coisas e invejosos. O português é um invejoso, eu tenho uma casa boa, tu tens que ter uma casa boa, custe o que custar... não tens dinheiro, eu vou buscar. Onde é que vão buscar? Às heranças? Vendem tudo o que têm dos avozinhos, coisas que deixaram os avozinhos e vendem aquilo por truta e meia para terem uma casa igual à tua. Isto é uma estupidez o que eu estou a dizer, mas é uma verdade. E depois querem-se meter no antro da política para serem grandes heróis da política, mas somos mal governados. E somos o país mais pequeno, praticamente, da Europa e somos os piores da Europa. Nós que expandimos a nossa sabedoria, conquistamos os terrenos, mundos, mares, ar, mar, oceano, tudo... fomos para Angola, fomos para Macau, fomos para Timor, fomos para aqui... hoje o que é que temos? Não temos nem aqui nem acolá, nem sabemos se somos donos do próprio terreno que pisamos. Eu chamo Portugal uma hipoteca, em vez de Portugal chamava-lhe uma hipoteca. Estamos hipotecados, Portugal é uma hipoteca, não é um país nosso qualquer pessoa vem aqui, compra e vai embora. Qualquer dia nós não somos daquilo que nos queremos ser ou queremos conquistar ... queremos estudar, estas Novas Oportunidades foram um passo, foi o único que foi ajudar. Foi para ajudar o povo a chegar, a desenvolver os seus estudos mais agradavelmente bem e atingir níveis. E depois os empregos precisam também de qualificações, como é óbvio. E Portugal foi sempre o país na calda do cometa com falta de qualificações e desde o início. Portanto, uma 4ª classe chega. Uma 4ª classe naquela época chega. Quem é que iria para a Universidade? Só quem tinha dinheiro. Hoje toda a gente tem dinheiro, não tendo os pais têm dinheiro, os pais esforçam-se dia e de noite para terem o dinheiro no fim do mês e para mandar para a criatura que está na universidade para que depois falte ... e depois tira-lhe o tapete para que não tenha, acabam por desistir a meio. E depois começam a fazer outras coisas e não aquilo que queriam. Essa é a minha visão generalista atualmente de Portugal. Portugal poderia ter sido um dos melhores países piloto em tudo, na parte social, na parte pedagógica, na parte educativa, na parte da saúde então, estamos longe, muito longe, anos-luz do que é saúde em Portugal. Ou conheces o fulano A, ou conheces o fulano B, ou temos um amigo A, ou temos um amigo B, ou temos alguém que nos possa ajudar. Ou um crédito, como o multicare ou um cartão para poder ser assistido a um preço mais peculiar, mais barato do que o Serviço Nacional de Saúde que agora aumentou 90% o seu valor de taxa moderadora... uma pessoa para ser assistida ou para ser vista em Faro, por exemplo no caso de Faro, uma pessoa com uma dor de dentes tem que ir a Vila Real de Santo António ou a Loulé porque o centro de saúde é o centro de saúde a que temos direito para evitar as urgências de um hospital, e eu sei onde é que eu quero chegar com esta conversa. Não percebo o porquê, não faz sentido uma pessoa não vai pro hospital por causa de uma dor de dentes ou porque lhe dói a cabeça a cabeça. Vai a um centro de saúde ponto número um. Ponto número dois, chega lá e paga uma taxa moderadora de vinte euros, seja hoje, seja amanhã, aumentou. Antes era dois euros e meio e dois euros e meio, era perto dos quinhentos escudos. Hoje paga-se quatro vezes mais o valor, ora, aqui há qualquer coisa que falhou. Ah, nós estamos a pagar a dívida que Portugal tem e temos a pagá-la nós pessoas que trabalhamos, agora imagina aquelas pessoas que não conseguem arranjar

emprego. Enquanto nós não pagarmos a dívida, nós enquanto não tivermos condições necessárias para evoluir, para encetar certas diligências e certos caprichos de alguns governantes de Portugal, nós vamos estar sempre na situação de pessimista do dia-a-dia. Basta comprar um jornal ou já não vejo televisão no canal de notícias, porque é uma desgraça, aquilo é uma autêntica desgraça. Ah, mas já deu para perceber que Portugal não vai melhorar nos próximos tempos taxas, juros, juros que eles aumentam. Não falam em ordenados, mas aumentam a gasolina, aumentam gasolinas todos os dias, dia sim, dia não aumentam. Descem um cêntimo e ao fim do mês [ou dois cêntimos] ou dois cêntimos por litro tudo está caótico. Imperceptível uma parte desesperante de Portugal e tentar salvar Portugal, mas não vão conseguir salvar Portugal. Eu sou muito pessimista, sou muito realista. Basta ver e acompanhar como eu acompanho quem gosta de Portugal tem que se pôr na defesa dos seus direitos e entrar em ... defender os seus direitos o mais possível e entender o porquê das coisas... porque graças a Deus soube entender essa parte. Há pessoas que passam ao lado, morreu... oh coitadinho ... mas nem sabem que é essa pessoa, não fui eu que o elegi porque não votei. Será que nós votamos e acreditamos nas pessoas que vamos pôr lá? Não, as pessoas vão votar porque é engraçado. É no PSD ou no PS e depois ou outros é tudo um alvo a abater. As pessoas não sabem o que é ser ... ah objetivo. Vamos melhorar isto, vamos fazer assim, vamos fazer um boicote àquilo, vamos parar de fazer esta hipocrisia, vamos ser mais humanos, vamos ser amigos e mais unidos e não somos... nós não somos. [Talvez porque hoje em dia já não se pense assim...] exatamente. Uma sociedade muito individualista em que não sabem partilhar. Eu desde os meus 14 anos sempre dei, sempre ajudei, criei um lado humano e social. A Cruz Vermelha, para mim, nasceu depois de ter estado ah de ter saído da tropa... obrigatoriamente quando vim para Portugal, fiquei um ano e dois meses. Era enfermeira e atirador socorrista foi a especialidade porque só tinham o curso de nadador-salvador. Por causa de um curso de nadador-salvador que eu tirei para ganhar uns troquinhos quando era miúdo e queria estar na praia e estar ao pé das meninas e porque era um emprego engraçadíssimo e não se falava como hoje se fala do nadador-salvador. Era o banheiro e ainda me chamavam por senhor banheiro e ganhava dezasseis contos, cento e poucos euros por mês. Ora eu pergunto-me ... para salvar vidas, eu fui para a tropa e tive lá um ano e dois meses a ganhar um conto e quinhentos. Eu fui regredir um ano e dois meses a trabalhar de borla para este Governo, para o Estado e não aprendi nada. Mas quando eu saí da tropa, deram-me três opções: “o senhor quer continuar no Exército?” e eu disse logo “Não, tenho mais capacidades...”. “Quer ir para a GNR?” e eu “Não, tenho mais capacidades.” Agora qualquer pessoa, um burro para a GNR porque era a quarta classe... ainda pediam a quarta classe para entrar na GNR. E a PSP é a mesma coisa. “Quer ir para a PSP?” e eu respondi “Não, oh pá tenho mais capacidades do que isso”. E então tive que escolher os caminhos que tive. Ganhava mais, de certeza, do que estando a trabalhar para o Governo. Neste caso, aturar uma sociedade amaldiçoada, porque não criaram estruturas para esta sociedade. O próprio Governo não criou as situações mais estáveis possíveis. Quando uma pessoa tem um cancro tem que se antever e entender o que é um cancro. Aí um cancro, vou morrer, não. O cancro aparece em sintomas, se considerarmos que o Governo também

tem sintomas quando têm fraqueza e não sei quê... não tão no caminho certo. E quando o Governo está sempre a positivar e a ser positivo a dar garantias e somos os melhores do mundo e fomos descobrir o Brasil e fomos descobrir as Arábias e tudo, de repente, já não descobrimos nada. Já não somos os donos, já não temos nada, temos ali um cancro e como é que agora o vamos tratar? E há sintomas antes de prever isso que imperceptível com força de como é que vamos resolver aquilo. Mas ninguém quer saber como se faz, porque dá trabalho, é dispendioso. Agora a sociedade nova, agarra-se às internet's em casa, ficam fechadas em casa, não saem de casa, consomem drogas muito mais drogas do que anteriormente, do que há alguns anos, querem todos ser ah bem vistos por aqui, por ali e por acolá mas não têm noção... não estou a generalizar, estou a falar daquilo que eu conheço. Ah, eu vejo que as pessoas têm realmente uma falta de respeito para com eles próprios e não poderão abraçar um futuro melhor, risonho, porque só plantam aquilo que colhem. E se estão a colher coisas que até hoje lhes estão a tirar que são os direitos, então não vão ter direitos nenhuns daqui para a frente e não vão colher nada. Se eu investir na minha educação que é o caso que eu estou a preparar que é o RVCC e se conseguir, consegui. E se não conseguir, alguma coisa falhou. E tenho que reconhecer que o falhanço é totalmente meu. E vamos ver se é só meu... mas se for somente meu, é meu. Se eu dividir a culpa, já é diferente. Aqui houve o sistema que falhou também para comigo. Ao princípio deram como terminado o processo de RVCC em Dezembro por falta de verba para ajudar a pagar os formadores por estarem que estavam à frente do projeto e, de repente, estivemos três meses em casa à espera que começa ou não começa o RVCC. Por exemplo é uma suposição, mas é também um fato, houve dinheiro, já houve dinheiro eu tinha um contrato e cancelaram o contrato durante três meses e não sabiam qual era o futuro disto. Também me tiraram um bocado o tapete. Agora estamos a tentar fazer isto tudo à pressa. Sabendo dizer que temos competências, sabendo dizer que temos isto, sabendo dizer que temos conhecimentos de aquilo... claro que temos. Mas temos e depressa deixamos de ter a nossa vida, praticamente de uma forma global para nos entregarmos aos papéis, à escrita e a dedicação para poder entregar. E ainda bem, oxalá que termine. É o único sonho que eu posso realizar, é só este. Já realizei todos os sonhos da minha vida. [Todos?] Todos. Concluir os estudos é um sonho que eu quero concluir. O meu sonho, por exemplo, é só concluir ou procurar uma outra forma de qualificação para poder expandir a minha área de aviação e poder chegar onde eu quero chegar em Portugal ou fora de Portugal. Portugal não é uma hipótese, neste momento. Realista, sou realista. Portugal, já que o primeiro-ministro nos disse para sairmos deste país, eu estou de acordo com aquilo que ele disse, não foi nenhuma mentira. Ele não foi hipócrita, foi muito verdadeiro. Portugal, neste momento, não tem condições para cativar nem sustentar a sociedade jovem para lhes dar emprego, para lhes dar sabedoria, para lhes dar condições de vida, para lhes dar uma vida normal como deve ser. Portanto, ele a dizer isto, é porque nós já não temos imperceptível e aquilo que nós temos estado a lutar desde que ele chegou ao Governo ele está a fazer omeletes sem ovos. Não está a conseguir nada e então há muita gente que hoje diariamente saí deste país.

I: E, voltando, à questão do percurso escolar?

E4: Ah, aquilo que eu disse o percurso escolar é, foi, foi bastante positivo lá na Venezuela. Foi muito, mesmo muito positivo. Tinha condições que nunca chegarei a ter aqui e nem a minha filha hoje tem no público nem um terço, nem um décimo daquilo que eu tive. Tenho imensa pena. E tenho pena de ela ter nascido em Portugal porque se ela tivesse nascido num outro país que não Portugal, ela hoje tinha melhores condições não só escolares como apoio escolar, suficientemente bom e uma vida extremamente, satisfatoriamente boa. Portugal não tem condições, nem jardins pré-escolares gratuitos, é tudo a pagar. Tens dinheiro, vai para o infantário e tens lá os chamados tempos livres ou dão-lhes canetas para as mãos e pinta aí um desenho e eles não estão a ensinar nada a ninguém. Há falta de sapiência na sociedade, pois há esses infantários que cobram enormíssimas quantias às pessoas para ter lá uma criança a precisar de um, um, um leitinho, de um biberãozinho, de mudar uma fralda... E, portanto, deixar hoje uma criança numa instituição dessas é de preocupar. Não é, olha estou mais aliviada, gasto mais quinhentos euros por mês, vou estar à vontade e depois acontecem certas coisas, não é? Os maus-tratos às crianças ... mas há outro lado bom é, o lado positivo é quando as crianças saem do berço e vão ao encontro de outras crianças. Essa é a melhor parte. Não estou de acordo da educação ser como era antigamente, tem que ser ali em casa, em casa e em casa. As crianças têm o direito sim ao espaço mútuo com várias pessoas, gritos de crianças da mesma idade e partilharem entre brincar e entre eles aprenderem a educação que eles vão adquirindo. Porque quando eles chegarem à pré-escolar, já estão minimamente inseridos num esquema pequeno ah de inserção. É uma preparação, digamos assim. Agora estar a educar uma criança até à idade dos 5, 6 anos, sempre ao colo da mãe, sempre ao colo do pai e vai para uma escola, vai estranhar e vai ter comportamentos desastrosos perante outras pessoas que somos os totós... são os tais chamados eternos estudantes, são as pessoas que são mais viradas pro estudo, mas não, vivem em sofrimento por não serem iguais aos outros.

I: Ainda se recorda da sua escola primária?

E4: Lembro-me, a escola Los Caciques. A minha primeira professora era a Dona Adélia, lembro-me bastante bem, eu referi isso no RVCC. E volto a repetir aqui a Dona Adélia, já devia ter falecido porque já era uma senhora de uma certa idade ... temos a falar de quando eu tinha 6, 7 anos era uma senhora de 43.10 ... é claro que os meus pais me deixavam e tínhamos aquele espaço importante para nos cuidar. Cuidar a mim e ao meu irmão. Temos uma coisa em particular, nascemos no mesmo dia e no mesmo mês, mas não no mesmo ano e temos dois anos de diferença, eu de 70 e ele é de 68. O meu irmão nasceu com o lábio polido... com um problema no lábio e no céu-da-boca. Era gozado por outros colegas, mas lá ia o irmão sempre defender, mas fizemos grandes amigos lá. Era um colégio semi-interno e depois quando ele chegou aqui em Portugal, além de ser sovado, deram-lhe porrada, além de ser maltratado, eu tinha que entrar em conflitos para o defender. Aqui trataram-lhe mesmo mal, era um deficiente, era um deficiente era uma coisa, era um crime, sei lá gozavam com a pessoa, estamos a falar

desde que estamos em Portugal. E só eternas mazelas que ficam, por exemplo, roubavam-lhe o lanche cá e lá nunca aconteceu. Um país com tantas misérias absolutas e visíveis e aqui a miséria é toda escondida. A miséria é toda ela escondida e não há respeito pelo ser humano. E a educação parte desde o início, a nossa conversa que a educação é a base primordial, é a circunstância de toda a vida baseada aos fatos de nos podermos desenvolver uma boa aprendizagem para o rumo que iremos tomar e ser respeitado e saber respeitar. Ou respeitar também para ser respeitado. Dar e receber é uma forma bastante positiva para podermos estar nesta sociedade, nesta e em qualquer uma e cumprir com as nossas obrigações, mas também sabemos que temos que ter os nossos direitos. E os nossos direitos têm que ser respeitados. E as pessoas não sabem os seus direitos, as pessoas não sabem as suas obrigações, as pessoas não sabem cultivar os seus objetivos, não sabem cultivar a sua apresentação, ah andam no seu desleixo diário, quotidiano... é do telejornal, comer e comer telejornal e dormir e acordar e andar ali e não criam um espaço. É uma rotina estúpida, mas até tem um certo ponto comum que é toda a gente faz a mesma coisa. E os jovens vão copiando esse caminho. Não acredito mas Deus queira que venha outra geração e que tome conta de outras situações e que resolva os problemas deste país, mas isso não será por enquanto, já já. Daqui a muitos, muitos, muitos largos anos é que Portugal irá reconstruir o seu padrão ah cultural, respeitador de saber estar numa sociedade também. Portugal pode ter os esquemas todos para lubrificar os cidadãos e até mesmo enganá-los e tirar-lhes o tapete. Mas, também, se não os souber cultivar neles os seus co-cidadãos, eleitores, os seus municípios e se não votarem também nas condições que eles têm suportar e viver ... ah vão pagar caro. Eles têm que nos dar a nós e nós também temos que dar a eles condições para acreditar que temos que mudar este rumo. Este rumo da decadência, da má informação e do bom comportamento samaritano e da pessoa estar consciente do que está a fazer e acreditar nele próprio e abrir caminhos futuros não só para com ele, para com a família, para com os filhos e isto foi o que os meus pais fizeram. E eu acredito plenamente naquilo que os meus pais fizeram para comigo e não vejo nunca nos outros as condições que os meus pais puderam-me me dar aos meus filhos aqui em Portugal. Ora se tivessem passado pela experiência que os meus pais passaram, todos eles dariam mais respeito à cultura, aos pais, aos filhos e a tudo aquilo que envolve uma família e talvez os seus imperceptível tratassem como filhos também. Hoje um emprego é tratado como se fosse um número, o empregado é um número. E amanhã não preciso de este número, vem outro número ou arranjam dez números. E é a tal chamada precaridade em que nós não podemos ser o número tal, nós temos que ser nós. Ah... seres humanos, mostrar os nossos sentimentos, as nossas razões e cultivar bem isso para os nossos filhos para que eles sejam uma semelhança aos seus pais no sentido de responsabilização e de saber quais são os seus próprios direitos e saberem quais são as condições de vida que têm. Portugal nunca demonstrou quais são as condições de vida nem socioculturais, nem demonstrou capacidade para abraçar um projeto de ensino educativo. Quem tem dinheiro safa-se, quem não tem dinheiro, não tem educação. Não tem imperceptível, então ainda bem, seja bem-vindo ao sistema RVCC que foi muito contestado ah as imperceptível que andaram a estudar quinze anos ou vinte anos, azar para eles que

imperceptível querem o 12º ano porque é um sistema que não é nada diferente aos outros. Aqui é a experiência de vida baseada no que realmente se faz, no dia-a-dia, e aquilo que eu construí que se prova, que se demonstra a qualquer momento. E eu pergunto ainda a uma pessoa que está na universidade o que é que ele já fez? O que é que ele adquiriu ao longo destes anos todos? O dinheiro da mamã para ir para a universidade? E quando o dinheiro acabar? Tem que sair da universidade, tem que ir trabalhar. O que é que aprendeu? Teve que ir vender legumes na praça com a mãe, porque não havia trabalho. E então o que é que aprendeu? Andou a gastar dinheiro porque tem o 12º ano para mostrar aos outros que tem o 12º ano. Não qualificou para o objetivo que queria. Porque se não tiver uma base, imperceptível anterior feito por ele ou uma experiência de vida ou um contato ou várias formas de executar as suas coisas... se só aprendeu o abá... e temos que ter sempre um plano B. Não é só um plano A, pode falhar... eu gosto muito daquele professor, daquele namorado, daquele marido, o que acaba por ser um sonho passa a ser um pesadelo porque não se entenderam, acreditaram um no outro. Mas na experiência de vida não é bem assim, as experiências são sempre experiências pro resto das nossas vidas. Aquilo que eu vou transmitir à minha filha são as minhas experiências de vida. Calculo que ela vai aprender sempre com as minhas experiências e quando ela tiver uma pequeníssima dúvida, ela não vai falar com o A, nem com o partido B, nem com o partido C, nem com o Governo... vai falar sempre com os seus pais. E eu vou ser o pai mandatário da escolha melhor para que ela siga o seu caminho. E para concretizar esta parte social, se ela precisar da minha ajuda, eu não me importo de lhe dar ajuda para que ela vá para longe deste país e o que ela quiser melhor para ela. E para que um dia, ela queira ter filhos e os meus futuros netos se sintam orgulhosos no avô.

I: Ok. E em termos de leitura, escrita, ... por exemplo, lia muito quando era criança?

E4: Sim, liamos mais lá do que aqui. Aqui perdeu-se muito o hábito de ler, aqui não há um estímulo de continuar a ler, de ir a uma livraria e comprar um livro, não há o estímulo de vamos comprar isso, não. Ah, vulgarizou-se muito o plano do ler. O plano ler, compra-se um jornal e é só desgraças e pouco mais. Uma revista de motas, uma revista do surf, uma revista de aviões, uma revista de não sei o quê... aquilo que realmente nos vai na alma e que nos gostamos. Cultura, Cultural geral... não vejo muita cultura geral nos portugueses. Eu vou falar outra vez mal dos portugueses, neste sentido outra vez, vou começar por ele e depois acabo em mim. Eu para falar de mim, tenho que falar dos outros também, porque é deles que eu copio este modelo. Eu sou aquilo que sou copiando o modelo dos outros. Ora se eles não são nem nada mais nem nada menos pessoas sem cultura nenhuma, eu também tenho que ter a cultura que eles têm. É uma cultura nenhuma. Não saber ler um bom livro, acompanhar um bom escritor, olha compra este livro, olha compra aquilo, tem que ser o homem com uma certa brochura, uma certa cultura para poder entender quem é o Saramago, quem é não sei quantos, ou a Florbela Espanca. Ou queiram ler uma história disto, uma história daquilo, ... há falta de cultura em termos de leitura. Em Portugal, acho que em termos culturais e nem a

própria história que nós temos já não nos interessa... já não nos interessa, só a nível escolar. Temos que a ler, entender e perceber e temos que a saber da ponta para a ponta... Para quê? Para quê? Tem que ser com uma pistola para nós aprendermos a história de Portugal... com uma pistola apontada à cabeça? Não é bem assim, há países que passam ao lado essa sapiência, esse saber-saber. Há coisas muito mais importantes que a história de um país, se a pessoa quiser saber a história de um país, vai entendê-la antes de entrar na história, porque nós também fazemos parte da história... um dia mais tarde. Aquilo que eu fiz hoje por alguém ou aquilo que eu fiz hoje pela sociedade ou aquilo que eu fiz hoje por todos ou tudo aquilo que eu fiz, não vão respeitar amanhã. Percebes? Para quê que eu quero saber se o imperceptível Cabral imperceptível o atlântico e não lhe faltou gasolina ou porquê foi um monomotor. E porque é que não era um bimotor? Quero lá saber porquê que o motor não perdeu gasolina e caiu no meio do mar... e foi o imperceptível Cabral que abriu caminho para a Sul América de avião. Porquê? Consegue dar-me alguma alegria? A mim, não deu-lhe, certamente, a ele. Mas eu percebi, entendi a mensagem. Agora gravar na minha memória, no meu imaginário e todos os dias aturar certas histórias... por particulares ou não, ou de um artista plástico, ou de um artista carismático de Portugal, um ser político daqueles que não têm valor nenhum, mas que imperceptível ah que valem todos depois de mortos. As pessoas fazem um ato positivo é que ele era o melhor do mundo, mas que antes o criticavam. Tamos sempre a aprender com a cultura. Não esqueço que a cultura seja uma parte negativa, é uma parte que nos falha, é um motor que não arranca, mas quando eu posso e estou interessado em saber vou comprar, aí compro. Eu quero saber, EU e não os outros... quando me obrigam. Na escola quando eu era obrigado a gastar as fortunas que este país pede em comparativo à Venezuela que os preços não têm nada a ver. Lá oferecem-nos os livros quase, aqui compra-se os livros a preço de ouro e quem é que vai dar esse dinheiro? São os papás porque os meninos não trabalham e se os papás não têm dinheiro para comprar os livros ninguém ah o apoio social. Qual é o apoio social que Portugal tem perante uma pessoa que não tem dinheiro? É zero. Tivesse estudado, tivesse arranjado uma vida melhor, não há... eu vivo um bocado à experiência que os meus pais tiveram para comigo porque eles também não tiveram o apoio quando eles tiveram cá. A diferença entre idades entre o meu pai e a minha mãe obrigaram-nos a tomar uma decisão que é vamos remar contra tudo e contra todos e tentar dar os melhores passos daqui para a frente, coisa que nunca tive em Portugal e agora vamos ter o caminho aberto para nossas poupanças. Hoje não se pensa muito na poupança, mas poupança não é um livro, poupança não é cultura, não é nada disso, nós poupamos no dia-a-dia aquilo que podemos gastar. Poupança é ganhar, adquirir e aprender e compreender o que nós podemos fazer ah, o que é que queremos tomar, o que é que queremos vamos tornar-nos ah saber o que é que vamos fazer. Saber o que vai acontecer amanhã e não saber, é complicado. Será que isto vai chegar? Ou não chega? Eu não estou arrependido de não ter tomado a atitude de continuar a estudar até porque me tiraram o tapete por não acreditarem na sapiência da cultura da Venezuela, aquilo que eu aprendi e não me darem equivalência do ensino em Portugal. Eu era um matulão autêntico no meio de putos da terceira classe, eu tava no décimo ano praticamente ou

nono ano, de nono para décimo, assim é que é com 16 anos e imperceptível aqui em Portugal.

I: Só por curiosidade, isso aconteceu em várias escolas ou em apenas uma escola?

E4: Fui tentando entrar em várias escolas e só no privado e a pagar é que conseguia fazer alguma coisa. Mas não há um exame para poder equiparar o que a pessoa sabe, uma adaptação tens dinheiro, tudo bem. Não tens dinheiro, vais para o ensino público e esse ensino público não te dão garantias de nada. Uma pessoa que é médica e que venha da Venezuela aqui exercer não pode exercer porque aqui em Portugal pensa-se os médicos que vêm lá de fora não prestam. Mas se são médicos lá fora, porque é que não prestam cá? Ah tem que demonstrar competências e se tem que demonstrar competências e sem salários, estagiam em vários sítios e depois fazem uns exames de loucura são aquilo que os tormentos passaram a fazer durante anos e praticamente fazem outro curso de medicina aqui em dois ou três anos em vez de cinco que deveriam ter estudado cá. Um médico pode-se tornar médico lá fora na Venezuela, na China ou no Japão em três, mas para ter vocação toda a gente tem. Tenho médicos na minha família vieram da Venezuela formados nas melhores universidades da Venezuela e da América Latina e quando chegaram aqui não lhes deram autorização sequer para exercer funções nem para nada. Tinham que aprender a língua portuguesa, tinham que fazer exames para saber se realmente são médicos ou não. E não há realismo, é um virtualismo insaciável. E é um descontrolo de papéis que não é verdade, aqueles consulados não é verdade, os timbres, os carimbos das universidades, das embaixadas não são válidas em lado nenhum. Não há uma patente, não há uma coisa rigorosa para respeitar. Eu trouxe todos os currículos, todos, os meus dos meus percursos escolares bem torneados, bem legais com o Ministério de Transporte, o Ministério disto, o Ministério daquilo, o Ministério do Ensino não sei quê... quando cheguei aqui a Portugal, não me deram nada. Isto para eles era papel, como nós também devemos ser tratados lá fora, como tamos a ser tratados hoje graças a este oportunismo que Portugal sempre tratou de nós. Hoje vais aqui à Suíça, dormes no banco de jardim e não te vão lá levar uma sopa ... porque sabem que tu és portuguesa. E porquê? Eu concordo com isso, claro que não, mas se calhar há vinte anos atrás não viam-te lá a morrer à fome, mas davam-te a sopa e levavam-te para casa, mudavam-te de roupa, davam-te um banho e punham-te uma forma de ver qual é o teu rumo a tomar... até arranjares um trabalho, até arranjares uma forma de orientação. Não estamos a cumprir uma ética humana, social dentro do nosso saber viver. Pensamos que julgamos saber tudo e que não precisamos de ninguém. Hoje precisamos de médicos externos, pagamos-lhes muita mal, não queremos pessoas de dezassete, queremos pessoas de vinte valores, mas temos que lhes pagar mal. Agora vão-nos tirar os subsídios de férias, os subsídios de Natal, vão-nos tirar tudo. Como é que eles querem também melhor qualidade de serviço? As pessoas vivem indignadas, tiram-lhes os direitos, tiram-lhes os saberes, as pessoas não podem ter uma vida categoricamente de luxo. Voltámos á parte social outra vez... eu não posso ser bom para os outros se não sou bom para comigo próprio. Aquilo que eu tento ser para comigo próprio, tento ser para os outros... tem que refletir. Então, se eu

demonstro a uma pessoa que sou positiva, então já é quanto basto, já é positivo. A pessoa sabe, desenrascou-se, não precisou de ajuda mas se precisar de ajuda, sabe com quem pode contar. E voltando à etapa número um de quem é que posso contar, são os nossos pais, os nossos amigos... a sociedade que é escoada, temos uma dúzia de pessoas. Eu posso conhecer milhares de pessoas, mas nota-se muita dificuldade em compreender estas pessoas. E o porquê de elas não terem as mesmas condições que as minhas? E porquê é que eu não tenho condições como as delas? Porquê que eles sabem menos do que eu? Porquê que eu não sei mais do que elas? E há ali um desinteresse de temperatura, chama-se (imperceptível) de saber o que é que aconteceu ali. Se esta pessoa não evoluiu, porquê? Quero saber porquê? Eu não preciso de dar a ninguém ah porque é que eu evolui em relação aos outros, já disse foram os meus pais. Quando eu digo que já fui educado numa maneira não restritiva mas sim de uma mente aberta com os meus pais, quer dizer que não acontece aqui em Portugal. O sexo, ah as drogas, o que é viver em comum, o que é ser ele próprio, aqui ninguém fala nisso é um tabu. É um tabu, não se pode falar em sexo, em drogas, não se pode falar em nada, então não pode haver essa conversa em casa. A cultura também parte daí, a educação dentro de casa. Falamos no apoio social, eh pá não, nós não podemos pedir só seringas para os drogados, temos que falar com os drogados, temos que lhes ensinar o que é que estão a passar porque eles ainda não acreditam no problema que vão ter a seguir. Eeee, é o tal cancro que pode aparecer, ou tudo ou nada. E Portugal é um dos países que me abriu, em todos eles... eu já tive em quarenta e oito países... ah em quarenta e oito países que eu tive, Portugal foi a maior mágoa e só não abandono este país porque os meus pais voltaram para um sítio que acreditaram e estão arrependidos. E para acabar aqui a nossa conversa neste sentido social e psicossocial, Portugal descreditou todas as pessoas que depositaram toda a sua vida cá em Portugal. Porque não é o crédito europeu que nos deu (imperceptível) ou o BCI ou o FMI ... a dívida que, neste momento, Portugal atravessa é porque Portugal viveu sempre uma ilusão. Não tinha autoestradas, queremos ter vamos pedir dinheiro, queremos ter telemóveis, vamos pedir dinheiro, vamos pedir carros, vamos pedir tudo... e no entanto temos tudo, mas não temos nada. É uma ilusão óptica. E as aparências tornam-se uma realidade e vão prejudicar muito a sociedade daqui para a frente, vai muita gente ficar sem nada. É o que eu noto, infelizmente. Sou pessimista não, sou realista. Ah, falo para mim, comento para mim, ah não vejo o ciúme, não vejo a lealdade, vejo muito a insegurança sim, consta-me da minha parte que vejo muita insegurança, mas há muita insegurança a mais nos outros. E é nessa insegurança que eu tenho que demonstrar que não é bem assim, tenho que dizer que olha não penses assim, vai em frente, tu consegues ... neste momento, tenho mais amigos desempregados do que todos a trabalhar. Há dias fui tomar um café com cinco amigas, todas elas mães e todas elas desempregadas com coisas para pagar, com casas para pagar, carros para pagar e uma até já entregou a casa e já está a morar num quarto que não consegue pagar, já devolveu as coisas que não tinha e que tinha e está a viver o maior pesadelo dela. E é uma pessoa com cursos, licenciada e professora mas não há trabalho para ela ... ah como há muito episódios caricatos no dia-a-dia. Portanto, os nossos pais enquanto forem vivos que nos atendam às nossas necessidades de

sobrevivência, não de sapiência que é interessante ter sapiência, ser e não ser é uma coisa totalmente diferente, mas ser para ser. É de facto giro, ah quero ser advogado, se não for um advogado com medo, não é advogado. Não tinha escolhido essa carreira. Um advogado nunca pode ter medo e nunca se pode sentir intimidado. Tem que acreditar e tem que tirar aptidão. Um médico é a mesma coisa, aí não posso ver sangue, mas vou para médico para (imperceptível), chega a médico, volta para trás. Uma pessoa tem que escolher muito bem as suas bases onde quer pisar, onde quer ver realmente a sua vida ... idealizar, idealizar e acreditar. Se o jardineiro nasceu para jardineiro, até pode ter um curso, um canudo. Eu tenho pessoas licenciadas a carregar malas por falta de emprego, de tudo, desde o psicólogo, ah professor, ah advogados, já tive tudo a carregar malas no aeroporto de Faro. Escolhi o melhor emprego do mundo, claro que não. É físico? É. É desgastante? Super. Ganho bem? Não, não ganho. Vou a Espanha e ganho três vezes mais. Mas vou tirar um emprego a um espanhol? Não, não estou no direito de chegar lá e tirar. Apesar de dominar plenamente a minha língua nativa que é o espanhol e desenrasco-me bem. ... Dormir na minha carrinha dois ou três meses e ver como aquilo funciona. Só numa força extrema é que era capaz de o fazer, mas a minha vontade já passou por ir lá ver o que é que é possível fazer. Espírito de iniciativa própria que ninguém tem. Tem por força maior, ou vai porque algum amigo lhe indicou para fazer, para acreditar e porque tem que ter uma base de sustentação. Não vai por dizer... Vai porque eu passei, vai porque eu gostei, vai porque é assim, vai porque é assado. Ir por ir? Não. Espírito de iniciativa própria, o português nunca teve. Olha, votei no Manuel porque o Manuel é bom. E porquê é bom? Não sei. Então porque é que ele é bom? Ah, porque é bom. Atão votaste no Manuel por ele ser bom e não o conheces? Pois... Então, está bem, eu vou votar também. Não é bem assim que as coisas funcionam. Tem que ter também alguma história de vida, também tem que ter alguma sapiência, ter alguma cultura e tem que entender as coisas como elas são na realidade. E pensar positivo e pensar por si. Eu também idealizei ter a melhor namorada, a melhor vida, a melhor casa, o melhor carro... quem é que não quer melhorar a sua qualidade de vida? Contento-me com o meu conforto pessoal. Para já é a minha prioridade, a marca chave que eu tenho, é cuidar o pouco daquilo que tenho por cuidar de mim. E ter o meu conforto pessoal quando chego a casa, ter as contas pagas, a luz, a água, ter o meu carro na garagem, ter a mota na garagem. E chegar a casa e ter comida, ter coisas para realizar tarefas, posso fazer o meu jantar e relaxar sem problemas nenhuns. Agora dormir no chão, não ter um sofá, não ter um carro, não ter uma mota, não ter uma casa e pensar como será assim, assim, assim, sem ajudas, sem governos, sem políticas de nada, eu quero saber como é que essas pessoas se sentem felizes. Ninguém ainda me explicou. Eu sei falar três línguas e ninguém me ensinou, eu aprendi. Escrevo e falo na perfeição. Em Estados Unidos, a zona onde eu estive a trabalhar, Miami. Eu tive em Miami Downtown e 99% é tudo castelhano. Eu queria falar em americano e não conseguia, era sempre em castelhano, em castelhano, castelhano. Até conheci uma médica e lá falávamos só americano porque ela era cubana. Mas uma pessoa que eu chegava ao pé dela e queria falar em espanhol quando não estávamos a falar de trabalho. Quando estávamos a falar fora do trabalho, na área ou no trabalho onde eu estava, falávamos em

inglês sempre. Sempre americano. [Porquê?] Porque aquilo lá só se fala em espanhol, é como se fosse México, mas é uma zona de fronteira que só falam americano. Eu conheço a América do Sul praticamente toda e Alasca e gostei muito ter conhecido aqueles países todos. A Europa, o país que eu conheci foi só Espanha e Portugal não conheço porque não me interessa. Conheço pouco, o Algarve, Lisboa, Viseu, nunca fui ao Porto, nunca fui a Bragança e nem quero ir, nem estou curioso em ver. Respeito as culturas, os presuntos, as chouriças, as vestimentas deles, os queijos, respeito essa cultura toda do disse que disse, dos poetas, ... mas não chama, não me criou a sensação de que quero descobrir. Só fui às Grutas de Mira De Aire porque o meu pai me obrigou, porque ele nunca tinha ido ver e gostava de ir ver. E então fui ... (imperceptível) porque sou católico, mas quando tenho que acreditar, vou ponho lá uma velinha e venho-me embora. Já o fiz várias vezes, mas não sou praticante porque não há tempo para praticar. Mas acredito, tenho a minha própria fé. A minha vida não comparo a ninguém, sou egoísta nalguns aspetos, não vendo tudo o que tenho... não vale a pena, as pessoas não merecem, as pessoas não entenderão, nunca vão perceber o porquê de eu pensar assim, de eu querer as coisas assim. As pessoas façam como elas querem, como elas entendam, é passando por dificuldades como eu também as passei é que vão ser (imperceptível) as melhores condições para poder superar a sua própria vida. Eu quero uma ajuda para ser melhor e nunca para pior. Eu quero acabar este processo o mais benévolo possível com uma pessoa para me ajudar aqui e não encontrei ninguém para me ajudar, fogem todos. As pessoas ... eu preciso de uma ajuda, nem que eu pagasse para estar ao meu lado, as pessoas fogem. Mesmo não tendo dinheiro quase para pagar, mas pagava, não aparece ninguém para me ajudar. “Olha, faz assim, acrescenta mais isto... o que é que tu achas? Olha, isto tá aqui um bocado adormecido... fala mais disto, vamos desenvolver mais, vamos criar aqui um impasse, ... dá uma ideia...”. Não há ninguém que cultive o ajudar. Se não soubermos ajudar, como é que podemos ser ajudados? E dar ajuda a alguém? Eu não dou ajuda a ninguém ... não podemos ser egoístas. Quando há um prazo para fazer algo, temos que cumprir e respeitar o prazo. Se nós não respeitarmos o prazo e o tempo, não temos respeito por nada. Houve alguma coisa que falhou. Houve um incumprimento. Houve uma falta de tempo, uma falta de empenho. A partir daí a pessoa terá que fazer mais tarde com o dobro do trabalho.

I: Voltando à questão da leitura, frequentava bibliotecas?

E4: Sim, sim. Os anfiteatros aqui apareceram quase vinte anos depois. Aqui em Portugal, quer um anfiteatro, quer um *macdonalds*, quer uma escada rolante... aqui só vi uma escada rolante com trinta anos de idade. Ah, minto... escada rolante já vi com vinte e um, mas no Algarve nunca houve. Só depois com os centros comerciais e cinemas. Mas estamos atrasados em relação a muita coisa.

I: Como foi então o seu percurso escolar? Como teve conhecimento do processo RVCC?

E4: Foi através de ouvir colegas meus no aeroporto a fazerem o mesmo percurso do RVCC e acharam positivo ... valorizaram-se um pouco, aumentaram as perspectivas laborais e atingiram metas significativas e então fui fazer o mesmo, acreditei e fiz. Fui selecionado entre um grupo enorme do IIEFP aqui no Areal Gordo e ... o meu processo foi considerado o melhor processo da turma e passei. Passei, fiquei contente, fiquei com o diploma do 9º ano e que me veio ajudar para tirar depois vários CAP's ... o CAP profissional da OAE, o de Operador de Assistência e Escala e o de Formador de Formadores. Também dou formação nas áreas de competência como eu já tenho. E depois fui tirar também o curso de imperceptível, que também tenho e vários. Dediquei muito a minha vida também ao desporto, mas pronto, tudo tem o seu termo e o seu tempo também. Sou federado numa pesca especializada, numa pesca chamada embarcada de alto mar, faço parte da Federação como Comissário tenho uma responsabilidade perante os outros meus colegas e atletas de fiscalizar todas as medidas potenciais dos peixes, os tamanhos, respeitar muito bem a parte do desportivismo e dar início ao sorteio de onde eles vão começar a pescar e o término de como é que vai acabar o atleta. E depois também é um desporto que requer muita paciência, muita força e muita técnica e tem que se ter algum dinheiro porque é um desporto um bocado caro. Temos que ter os melhores materiais e os melhores materiais do mercado mundial são caros... porque o peixe está quase em várias zonas extinto... algumas qualidades de peixe e outras não é bem assim. Portanto o que nos temos em abundância na nossa costa... depois a pesca a nível nacional faço parte do campeonato nacional. O meu clube é o Clube Naval de Faro. Mas já pertenci ao CAP na qual fui diretor também e gostei dessa parte, de ter ajudado o clube que era uma IPS'S uma instituição particular de solidariedade social e reduz-se as quotas dos sócios, as ajudas políticas e partidárias de quem está no poder numa câmara ou numa junta de freguesia para termos algumas despesas controladas, desde gasóleos, desde portagens, desde mandar a nossa equipa que faz parte da seleção de pesca de praia... ah são muitos atletas do algarve e nós temos muitos atletas algarvios. E os apoios são escassos, ninguém quer ajudar a pesca. A pesca está completamente estagnada e pronto é um desporto que requer muito tempo, muito dinheiro e sapiência também, é um desporto. E mais uma vez tem que se ter dinheiro para fazer aquilo que nós gostámos ... ir ao ginásio fazer um bocado de ginástica, de bicicleta, cardio, fazer isto, fazer aquilo, ter uma alimentação saudável. O dinheiro é base, é o princípio e o fim de tudo. Infelizmente é assim.

I: Quais eram as disciplinas que mais gostava e as que menos gostava na escola?

E4: Língua estrangeira, a portuguesa, a matemática não era uma área que me fascinava desde o início mas depois tenho o desporto. Sempre fui um 'às' no desporto tanto na tropa como na escola de nota cinco... de um a cinco era sempre cinco. Nasci com genética, com ... com muita genética, fui segundo mister Portugal Júnior, ganhei o mister Algarve Júnior e isto no início de vida, dediquei-me à velocidade de cem metros, passei para os quatrocentos, ganhei. Fui campeão nacional dos cem metros juniores também e depois fazia natação e tinha tempo para fazer tudo um pouco, para ter força, para ter agressividade muscular. E eu sou o mais alto, neste momento, da minha família

toda. Entre um 1, 60m e um 1, 54m, eu tenho 1, 70m ... portanto, eu sou a pessoa mais alta por me ter desenvolvido fisicamente nos desportos que eu acreditei e desenvolvi. Já são trinta e dois anos a fazer desporto. Hoje fumo um cigarrito, não bebo, não bebo, não saio à noite, não tenho os vícios de sair à noite como os jovens de hoje em dia têm. O meu trabalho praticamente consiste a partir das cinco da manhã sair entre as onze e meia, meio-dia, dez e meia ... o carregar aviões contentorizados ah são aqueles contentores que levam malas para dentro do avião, tirar, é uma responsabilidade muito grande e um avião não vale dez tostões, vale milhões e temos que dar aceleração com máxima precaução, máximo cuidado e o máximo de profissionalismo possível para estarmos sãos, contentes com a interação com tudo. Ah e é um trabalho que requer muita atenção e então não tenho tempo para sair à noite, porque já estou nesta área há mais de doze anos, onze anos e onde eu me especifiquei, onde eu avancei...

I: Durante o seu percurso escolar, sentiu dificuldades ao nível da aprendizagem?

E4: Em Portugal? Em Portugal sim, senti. E aqui batiam nas pessoas com uma régua de madeira e depois passou para as plásticas porque as de madeira ... eu, uma vez, parti-as todas e levei-as todas para casa e depois começou a aparecer as régua de plástico. Era um plástico grosso, tipo fibra e essas não se partiam e eu depois comecei a leva-las embora da escola porque roubava-as. Aqui em Portugal batiam nas pessoas ... é o único sitio que eu conheço de países em que batem nas pessoas. Batem e ainda batem. Acho eu que é um castigo que ainda ficou.

I: Tinha apoio na realização dos trabalhos de casa?

E4: Sempre. Se não fossem os nossos pais a desligar a televisão, vamos para o quarto fazer os nossos trabalhinhos... têm que fazer o TPC, o *workhouse*, tinham que o fazer. Depois de fazer, íamos lanchar, íamos brincar com os videogames que aqui em Portugal não havia nem televisão a cores. Não havia cores, não havia nada, nem videogames, nem consolas para jogos, nada. Só matraquilhos e berlindes e piões de madeira e pouco mais... já velhos porque já ninguém fabricava piões.

I: Reprovou alguma vez?

E4: Chumbar, chumbar, chumbar? Por faltas. Desabituei-me completamente do esquema de trabalho deles não acreditei e fui-me embora. Fui-me esconder num barco todos os dias para ver pescadores a saírem dos barcos na doca para irem pescar.

I: Isso aconteceu em que ano de escolaridade?

E4: Foi na quarta classe para o quinto ano. E no quinto passei e colocaram-me logo numa turma dos coletivos que são pessoas que têm insucesso escolar, já há três ou quatro anos que andam ali ... e quiseram passar para o lado noturno. E foi a partir daí que eu disse “Isto não tem condições, não é real isto que eu estou a viver é virtual, é pior que andar aqui a acreditar num sistema falido. E é um sistema falido e os professores falidos estavam ah e vim embora.” E fui trabalhar aos dezassete anos, fui

trabalhar com o meu pai, fiz três casas enormes ... e temos um património familiar bem grande e tudo fruto do meu trabalho também. A casa onde eles moram, uma quinta em Fonte Santa, também participei na construção daquela casa. E de todos os imóveis que nós temos atualmente, fomos nós que construímos. Ahhh e orgulho-me disso. Sou o único dos irmãos que abdicou do ensino, praticar o bom para ser alguém com um diploma ... abdiquei disso para ir trabalhar, para que nada me faltasse e nunca nada me faltou. O meu irmão é o primeiro, eu sou o irmão do meio e a minha irmã é a terceira.

I: O que é que a sua família, os seus pais pensaram quando tomou a decisão de sair da escola?

E4: Magoei-os, ah eles magoaram-se e ficou tudo magoado. Foi uma parte que custou, mas viram o meu lado, respeitaram o meu lado. Portugal não acreditou nas nossas competências adquiridas ao longo destes anos num outro país, não creditou a minha, a minha escolaridade que eu pertencia e vieram-me pôr ao lado de miúdos com, com idade já de adulto ah de adolescente ao pé de uma criança pré-escolar. Ah, aquilo foi uma mágoa, foi uma faca que me espetaram e acabou por eles entenderem que realmente não fazia sentido. Os meus pais tentaram perceber porquê, porquê, porquê e eles não alegavam nada.

I: Se fosse hoje, tomaria a mesma decisão?

E4: Ah, sim sim, sem dúvida. Sem dúvida... e acho que hoje está pior do que antigamente. Hoje está pior do que antigamente. Hoje é necessário criar amigos que estejam bem posicionados numa escola para poder arranjar lugar para entrar nessa escola ou morada para entrar nessa escola ou ter dinheiro para entrar naquela escola. No sector privado, é negativo porque continuamos ainda ... vazios porque não temos educação privada praticamente a educação privada é só em cidades, em Lisboa concentradas e no Algarve temos aquelas que nós conhecemos. Mas para estar lá, temos que ter dinheiro. E lugar para entrar por cima ou por baixo, temos que arranjar alguém que conhecemos para entrar. O fator C, é como se fossemos trabalhar numa empresa ... tens que conhecer alguém. Não te livras do que tens que pagar, mas as notas podem-te ajudar. Se tens um bom amigo, tens tudo. Se não tens um bom amigo, tivesses.

I: Em termos de computador, por exemplo, recorda-se da primeira vez que utilizou um computador?

E4: A minha formação na escola aqui em Portugal nunca me deram um computador para manusear. Hoje a coisa já melhorou, nesse aspeto melhorou. A minha filha hoje tem o Magalhães e recebe os TPC's por *e-mail* e... ela tem um quarto, a minha filha está a morar com a mãe dela ... que eu separei-me, mas pronto. Vivemos ah separados, mas tem o seu quarto preparado para tudo. Hoje tem o wireless, tem o computador, tem uma *tablet*, tem o *IPAD*, tem isto, tem aquilo, ... tem os serviços todos que pode ter ao seu alcance. Na casa onde ela mora com a mãe, não tem nada. E quando vem passar as férias comigo, faz tudo o que tem para fazer. Um dia vai ser a opção dela. Onde é que

ela se vai sentir bem? É na sua casa. E qual é a sua casa? É onde morou sempre, ou seja, na minha. A minha casa é a casa dela. O que eu tenho é dela. A mãe, infelizmente, não tem nada. Portanto, ela vai ter que fazer a sua própria escolha. Não serei eu, nem será ninguém a dizer para onde é que ela quer viver. Mas a casa dela tem tudo. Ela é que vai ter que escolher o que é que quer para ela. E eu não a vou obrigar a nada. Nem compro o que não faz falta só para conquistá-la é o que ela precisa, é o que ela necessita, o que é prioritário para ela e contribuo naquilo que é necessário e essencial para ela no dia-a-dia.

I: E em termos de projetos..., o que é que idealizava ser em termos profissionais?

E4: Enfermagem foi uma das coisas que ainda hoje foi, será e antes e hoje será sempre um objetivo a percorrer. Eu quero tirar o curso de enfermagem ah sei que posso tirar através do processo Maiores de 23 anos mas Faro não tem um esquema noturno de aulas, é pena. Só no Piaget, em Silves, é que posso e é pago e é um balúrdio. E estou a pensar seriamente se vou ou não vou. Mas como as coisas estão tão negras em Portugal, é esperar. Mas eu quero ver se consigo fazer isto, nem que eu vá fazendo aos poucos. Não sei se as aulas são presenciais, não sei se é só diurno, tenho que ver e explorar muito bem porque tem mudado de ano para ano. Porque é uma área que eu gosto muito, é uma área que me chama à atenção, é uma área que os meus amigos são todos médicos, os meus amigos são todos enfermeiros. Mas a área de saúde é um objetivo permanente.

[Falam sobre o processo Maiores de 23]

I: E em termos de formações...

E4: Tenho muitas formações. Eu sou PC, sou patrão de Costa, sou Comandante de barcos de recreio, longitude, latitude e ... navegação andrómica e navegação laxodrómica que não tem nada a ver uma coisa com outra, andrómica é olho e laxodrómica é através de instrumentos na qual um barco pode perder sem a observação à vista como também há a observação por instrumentos. A andrómica é uma navegação à vista da costa e sei onde estou sempre, não me perco... e pela direção do vento, pela direção do mar, eu consigo perceber em que zona é que eu estou. O patrão de Costa é uma pessoa que já mexe com outras embarcações sem limite de comprimento ... posso dar a volta ao mundo, neste momento, junto à costa até vinte e cinco milhas, aproximadamente sessenta e tal quilómetros da costa. Navegamos por carta, normalmente é por carta e por GPS, atualmente é o GPS que nos ajuda. Gosto muito... em cartas de condução e em cartas marítimas, tenho à volta de uns seis mil euros empatados. Tenho carta de pesados, tenho cartas de motas, tenho carta de carro, tenho carta de patrão de costa, tenho carta de patrão local, tenho carta de marinheiro, tenho carta de grupo 2 que foi a minha última aquisição. Vou colocá-la em mês que é posso conduzir ambulâncias e veículos de transporte de doentes, que é obrigatório, hoje em dia, por lei. Já não são modelos anteriores, já são modelos de agora e eu sempre fiz emergência para Lisboa. Antigamente não havia dinheiro para pagar helicópteros de Faro para Lisboa e nós Cruz Vermelha é que fazíamos as distâncias.

I: Que percursos ou que caminhos da sua vida conduziram a diversas aprendizagens? Consegue identificar...

E4: As aprendizagens são todas positivas, ou acredito nelas ou não as executo. Eu tentar tirar agora um curso de emergência para o INEM tem que ter o 12º ano. Eu acreditar no RVCC é ver se realmente tenho esta capacidade de fazer este 12º ano para poder atingir metas e fins. E se conseguir, posso concorrer. Se conseguir entrar como enfermeiro, melhor ainda, já não sei um técnico, mas serei um enfermeiro de emergência. E tentar ... a ajuda que eu tenho para a área da saúde na área da química e não só com médicos meus amigos para poder entrar e ajudar a perceber e tenho esses conhecimentos agora neste momento. Cursos que ambiciono ter ... no mar, o patrão de alto mar é sem limite de navegação, é só ter dinheiro, tenho bases, tenho força psicológica para o fazer. É outro curso, uma especialização e, de facto, cursos já tenho aqueles que eu preciso. O curso de formação de formadores hoje é um curso prático, muito bom. Posso ensinar, hoje, pessoas nas áreas que eu tenho competência, na área da saúde, na área da aviação que são áreas distintas, são áreas poderosas que de grosso modo aprende-se muita coisa, é muito vasto, não é limitado. Estamos sempre a aprender todos os dias, a aviação é contínua, aparecem modelos de aviação novos, aparecem máquinas novas, estamos sempre a evoluir. Não há uma estagnação, há sempre coisas a aprender. Uma das coisas que me emociona é o meu trabalho. Ah, não o troco por nada neste mundo. Posso ganhar pouco, mas sinto-me realizado. O operador de handling é mesmo isso, desenrasca-se, faz e tenta fazer o melhor possível. E estamos a ser pagos para isso, para fazer as coisas bem. E é também o reconhecimento do nosso trabalho, coisa que em Portugal não acontece. Tu fazes mil coisas boas, não te dizem obrigado. E fazes uma coisa mal e estão-te a cair em cima. Mas se mil coisas fizesses bem, ninguém te agradece. Dão-te um diploma, se calhar quando se lembram de ti, mas nada mais. Eu tenho dezenas, não digo centenas, porque posso assustar-te, mas tenho dezenas e dezenas e dezenas de diplomas que se eu os fosse emoldurar, não cabiam em casa. E para quê que eu quero papel pendurado em casa? Para dizer o quê? Guardo-os num dossier bem guardadinho e um dia posso te vir a mostrar. E entendes que aquilo não faz parte, são recordações, é o que guardo. Sou um bocado vaidoso, sou um pavão, sou bonito, tenho a mania que sou bonito, julgo-me bonito e tenho que pensar que sou bonito e que serei sempre bonito. Sou um pavão porque gosto de passar e mostrar as minhas penas, mostrar a minha alma, que estou bem. Sei muito e guardo-o para mim. Há pessoas que não pavão são, não têm penas, pensam que são algo e não têm beleza nenhuma. O pavão é uma forma simpática de acreditar que nós temos algo fora, mas que também temos algo de bom por dentro. É uma forma simpática de nos inserirmos onde seja, entre amigos, entre pessoas que acabas de conhecer... Não sou bipolar, sou uma pessoa frontal. Quando gosto, gosto e quando não gosto, não gosto. E vivo intensamente tudo aquilo que faço e que digo e em tudo o que acredito. Por razões pragmáticas, não acredito em coisas que não existem.

I: Depois volto a entrar em contacto consigo para agendar a próxima entrevista, pode ser?

E4: Sim, claro.

I: Muito obrigada pela sua colaboração.

E4: De nada.

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista ao Sujeito nº4 (continuação)

Data da realização: 15 de Junho de 2012

Local de realização da Entrevista: Bar da ESEC da Universidade do Algarve – Campus da Penha

Duração: 1 hora

Investigadora: Obrigada novamente pela sua colaboração.

Entrevistado 4: Quando se começa a fazer uma coisa, acaba-se em glória ou em desgraça. E acho que eles começaram muito com muita fantasia à volta daquilo... que aquilo era muito fácil, que era rápido, que aquilo iria ajudar o adulto, e não sei o quê. Embora se calhar alguns estabelecimentos que fizeram ou que fazem parte deste projeto a nível nacional haja facilitismo, como em todo o lado há. É natural... Em todo o lado há... Não digo o contrário, mas eu tive que trabalhar muito bem para, pelo menos, ir fazendo as coisas que eu precisava. Isto é um projeto que foi aprovado em Assembleia da República e depois tiveram-se maribando em Dezembro para continuar. Fecharam, cancelaram, disseram para nós estarmos em *standby*, agora vão ficar aí tipo fechados uns tempos e depois logo se faz uns trabalhos e depois a gente já fala com vocês. E ficamos assim um bocado com os trabalhos nas mãos à espera de saber o quê se passava. Mas nós já sabíamos que iríamos ter problemas e aquilo desmoralizou um bocadinho a turma, tanto que a minha turma devem ter para lá dois ou três que querem terminar. Não há mais ninguém... as pessoas precisam de ter um bocadinho de apoio, não é só dizer “Toma lá, faz lá”... vais fazer aquilo, vais fazer a pesquisa tal, vais fazer não sei o quê, vais fazer não sei quantos e as coisas até ficam mais ou menos equilibradas. Agora fazer o trabalho assim por sua autoria, por sua conta, e depois chegar ali “Aí não, isto ainda tem que levar aqui uma correção e não sei quê ... e depois mais umas duas semanas, mais uma semana ou um mês.” Andar ali um mês a fazer um trabalho ou falta de comunicação ou falta de apoio, eles não me deram exclusivamente nenhum apoio a ninguém. A mim não me deram apoio nenhum... a mim não. Agora será que é fechar mesmo de vez o sistema das novas oportunidades ... eu acho que sim (imperceptível) nos próximos cinquenta anos porque isto ou se tem mesmo tino para aceitar as coisas como elas são ou não. A profissional podia dar um certo apoio, eu não sei se ela é coordenadora [não, ela é profissional de RVC] ... mas a maneira como ela acompanha ou não deixa muito a desejar. Estou preocupado ... depois fui lá duas vezes ou três e tive uns problemas e também estive a fazer madrugadas no trabalho ... e depois as folgas ficava com a minha filha e depois ia fazendo um trabalhito e depois eu também lhe pedia apoio, apoio e nunca me apareceu com grande vontade de apoiar. O problema é que ninguém sabe datas, nem eles sabem. Olha não há uma data para dizer “isto acaba dia 5 de Setembro ou 5 de Outubro” e se me dissessem “este *timing* é este, e temos que fazer isto, isto e isto. Se não fizerem isto, não podemos ir a júri.” Se eles têm

um projeto aberto e estão a receber dinheiro para pagar ordenados, porque alguém tem que pagar aqueles ordenados. Aquilo teve parado durante uns dois ou três meses. E agora voltaram a pagar, têm que fazer trabalhos. Se não mostrarem trabalhos no final, é o espelho de que não foi nada bem conseguido... não valeu a pena... porque não houve ninguém aqui para fazer de júri de nada. Não houve ninguém que acabasse os trabalhos. Não há ninguém que nos dê apoio dentro do CNO, não há ninguém cá fora que se preocupe em dar umas explicações ou fazer umas coisas ou a tentar ajudar-nos a exemplificar mais corretamente aquilo que se deve fazer porque é a bateria e depois não é a bateria, mas sim o botão da bateria ou então é o que liga o botão da bateria com a bateria... eles querem é a perfeição dos contextos, de tudo. E torna um bocado baralhado às pessoas, nós não temos tempo para estar a corrigir dias inteiros, noites e com estes turnos como os meus... Estás a perceber, Catarina? Uma coisa é tu teres um horário de manhã e de tarde e podes fazer tudo o que tu queres. Eu estou agora de folga, estou aqui numa entrevista contigo porque me comprometi a vir aqui e depois daqui vou ver a Ana porque hoje é o último dia da escola. Ah, e depois vai de férias e depois a miúda gostava que eu fosse lá pelo menos para tirar uma fotografia ou outra no final do dia. Até lá, tento fazer as minhas coisas de casa porque eu não tenho ninguém, não é? Eu faço tudo, tudo em casa. Lá na In Loco, eles estão todos saturados, eles sabem que aquilo termina e desmotivou muito a primeira fase quando eles foram para a rua, logo em Dezembro, desmotivou. Logo a nossa expectativa de acabar isto com sucesso num tempo breve possível, depois eles não nos deram também o dito por o não dito, quando é que começa e quando é que não começa e, de repente, telefonaram-nos a dizer “Olha, já começou, voltem com os trabalhos. E, de repente, façam isto, façam aquilo”. E ficamos assim surpreendidos, quer dizer... e depois quando chegamos lá e queremos fazer avançar algum processo mais para não faltar nada, para não perder tempo, não há, não há ninguém que nos apoie. “Agora vamos acrescentar isto, vamos acrescentar aquilo e agora levas para casa e levas uma horinha a fazer isto”. E se faltar alguma coisa, vais ter que perder mais quatro horinhas a pesquisar, a fazer e não sei quê, porque não houve aquele apoio que eu te estou a dizer. [A profissional] está a exemplificar, “vais fazer aquilo que eu estou a fazer, tens que pesquisar isto por aqui, mais ou menos isto, não vás por aqui, não vá por ali...” para ir ao encontro logo das coisas. Deve simplificar... se tu fazes um texto e não fazes parágrafos, é lógico que é um erro teu. Ali é a mesma coisa, se ela não disser “olha, falta os acentos, falta isto e não sei quê”, para concluíres uma coisa, tu não sabes o que se está a passar. Quando estamos a falar da Comissão Europeia ou do meu dever enquanto cidadão com as entidades com uma outra coisa qualquer, não interessa, tem que ter comportamentos. Tem que saber o que é obrigatório, o que não é obrigatório, o que é que eu tenho que fazer, o que é que eu deixo de fazer. O que é para hoje, o que é para amanhã, direitos e deveres e depois tenho que fazer um exemplo de cada uma delas, não deixando descurar nem de fora. Tenho que explicar tudo. Então se eu deixar uma coisa de fora, e se ela não me disser o que é, eu também não vou adivinhar. Ela pode dizer-me assim “Isto falta aqui coisas”, mas não me sabe dizer que coisas é que faltam. O tempo passa e não sei o que falta fazer, não sei se estou a meio, se estou a um quarto, se estou a mais de meio. Eu não sei,

é ir fazendo... e torna-se assim um bocado frio o processo. Uma pessoa sente-se um bocadinho desamparada. O que eu quero dizer é que eu estou muito reticente. Eles querem terminar o processo. Conclusão, eles também não estão ali muito para tentar explicar melhor as coisas como é que são definidas porque também não sabem como é que aquilo se processa ou vai-se processar. Saber datas, também não se sabe quando é que termina ou quando é que, mais ou menos, pensam que terminam. Não há *timings* para este ou para aquele acabar o processo porque não se sabe quando é que se deve entregar os trabalhos. Se houvesse uma data específica, se houvesse os trabalhos já delineados como deve ser com o cronograma, não haveria este tipo de confusão. Há uma falta de comparência para conosco em dizer “olha, falta isto, falta aquilo. Olha, mostra-me este trabalho, faz-me isto amanhã que eu quero ver como ficou...”. É a tal falta de acompanhamento. Este processo tem que ser, na minha opinião, se voltássemos atrás tinha que ser individualmente porque falar em grupo é para uma formação. É uma formação, é para fazermos todos igual, da mesma forma. O processo tem que ser exemplificado e simplificado para que todos saiam dali igual, mais ou menos, em termos de tamanho, em termos de contexto, em termos de organização. E duas sessões fazia-se um trabalho, imaginemos nós e se fossemos fazer cinquenta sessões, seriam sessenta trabalhos ou quarenta trabalhos ou trinta trabalhos ou mesmo dois trabalhos que fossem. Mas seriam, mais ou menos, coordenadamente iguais dentro do contexto e com apoio moral de cada história de vida é a sua história de vida e não é igual às histórias de vida dos outros. Pronto. No contexto da formação que é pedagógico, é espalhar, sim senhora, dentro de uma sala os formandos e inculcar o que é que têm que fazer. Por exemplo, fala lá do garfo, como é que tu comes com o garfo? Se és canhoto, se és direito? Fala lá na utilidade do garfo. Tens varinha mágica, não tens? Para quê que serve? E há um que me diz, “olha, a minha varinha mágica não me serve para nada. Eu nunca usei...”. E o outro diz “eu uso para fazer bolos”... e as pessoas, cada um, dá o seu exemplo e a pessoa vai sendo acompanhada na hora. Isso, para já, diz-me o nome da instituição que é In Loco, na hora, porque se não fosse assim, não faria sentido. Um formador à distância não existe. E esses exames que dizem que se fazem por internet, muito menos têm a sua validade e a sua assistência. Se eu tenho um trabalho acompanhado por alguém que aprecie o trabalho e que me dê negativa ou positiva, eu tenho que aceitar as duas coisas. E se me disser “olha, parabéns. Fizeste um bom trabalho conforme eu te pedi e não precisas de acrescentar mais nada”. Eu fico contente e vou para outro trabalho. Agora nós fazemos trabalhos, trabalhos, trabalhos e não nos dizem “não ganhaste um valor, não ganhaste dois, nem três, nem ganhaste quatro”. Aqui há qualquer coisa que falta. Portanto, não é que eu queira ser derrotista, eu estou tentando é que num futuro se houver algum processo idêntico ou parecido que dê, mais ou menos, o exemplo e que aprendam com os erros deste... que é um sistema que é para pensar no futuro, porque é assim o sistema de reconhecimento de competências deveria de existir em todo o lado, o sistema novas oportunidades, o rotulo que arranjam... para tentarmos reunir as condições, porque há pessoas com muitas equivalências, muitas competências já adquiridas que, de certeza, se forem bem exploradas dá para tirar quase uma licenciatura. Não digo o liceu, mas o 12º ano é um padrão estabelecido para

entrarmos em qualquer tipo de empresa, mais ou menos, estruturada e organizada é o mínimo que podem pedir, porque já mesmo um licenciado é o que é. Já tem muitos diplomas para vir trabalhar para connosco, o outro tem menos diplomas mas dá para pagar aqui um ordenado, mais ou menos, dentro do estipulado. E aquele que tem a 4ª classe, se calhar faz mais do que o licenciado ou porque trabalha com uma máquina ou porque trabalha com alguma coisa e ganha bem, porque sem aquele homem ninguém trabalha. E aquela empresa fecha. E tem a 4ª classe, tem esboço, tem trabalho, tem a sua profissão. A minha profissão, neste momento, passo de oito para oitenta, estou efetivo a doze horas, passo a dezoito de inverno e de verão passo a vinte e sete e depois passo a trinta e seis. Quer dizer, é de oito para oitenta. Quer dizer, vão-me tirando a pele e o osso... eu não tenho tempo para descansar particularmente. E turnos é desgastante... desmoralizante porque tu chegas a casa e queres é descansar. Queres ter tempo para as tuas coisas e, por exemplo, eu não vejo a minha mãe há três/quatro semanas. A minha mãe e o meu pai são pessoas já de uma certa idade ... e culpa minha também, porque eu estou a descansar e eles estão a fazer as coisas deles. Mas eles sabem se orientar e, desde que eu esteja bem, está tudo bem. Agora há coisas que eu não percebo. Este processo veio um bocado em má hora porque não tenho apoio nenhum da parte deles.

I: Ok. E quais foram os motivos que te levaram a inscrever no processo?

E4: Hum... para valorizar a carreira profissional, para subir, para tentar até aos meus cinquenta anos para manter, mais ou menos, o meu estabelecer com olhos o 12º ano. Foi a regra que eu estabeleci, foi o patamar que eu cheguei... para manter, para minimizar a minha base profissional para com a minha entidade patronal ou com outra. E só com essa base é que poderás evoluir, porque só a partir do 12º ano é que a pessoa poderá subir até um escalão chefe de equipa, posso vir a ser o placa, que é a pessoa mais direta, mais perto da tripulação da aviação. E pouco mais...

I: E qual é a tua opinião quanto aos horários das sessões? Ou quanto à metodologia...

E4: Do processo em si? Pois, é conforme “se vieres durante o dia, tenta vir aqui às 10h30m/11 horas.” E depois a essa hora, uma pessoa não dorme porque veio do trabalho como ontem que eu saí a meia-noite e acordei às 11 horas para estar aqui hoje contigo. Foi um compromisso que eu estabeleci contigo. É, mais ou menos, idêntico ao que eu estabeleci com a profissional. Porque agora não há horários, não há um *breakpoint* para a gente se encontrar, para a gente discutir, para a gente falar, ... é conforme a disponibilidade dela porque ela também trabalha em horários repartidos. E agora cada vez mais. E agora, eu vejo longe esta situação de ser resolvida, por isso, a minha preocupação em tentar saber como é que vamos acabar o processo. Se não estamos a ser acompanhados da maneira mais fácil e da maneira mais lógica que seria ou em grupo ou já que não é em grupo, que seja individual, que se não formos nós a ter com eles, eles não vêm ter connosco. E nós para irmos ter com eles, eles têm que ter reunidas as condições para nos dar a bofetada positiva. “Olha, fizeste um bom trabalho. Falta aqui

esclarecer isto... falta aqui este ponto, epá, traz-me este trabalho já amanhã para eu entregar a alguém para avaliar este trabalho...” e até hoje nunca ninguém fez isso. A parte final é o *feedback* ... quando não há partilha, não há desígnio de fazer isto, de fazer aquilo, as pessoas dizem “logo faço, logo falamos, eu logo telefono, eu mando-te uma mensagem...”. Para mim ou é ou não é. A profissional é uma pessoa espetacular como gente, como mulher, como mãe, é cinco estrelas só que ela não tem a noção de que lá de fora quando as pessoas estão em pleno para reconhecer estas competências e para adquirir o 12º ano, estão dispostas a fazer tudo. Ah, passamos horas e horas em frente aos computadores a tentar fazer as coisas bem, cálculos disto e cálculos daquilo e fazer não sei quantos e ela é a pessoa ideal. Mas será que ela está a ser acompanhada também? Também me pergunto quanto a isso. Se trabalhar sozinha na base em que ela está, eu também não iria gostar de trabalhar na base onde ela está. É como se chegassem ao pé de mim e me dissessem “Mário, vai carregar o avião sozinho porque eu não tenho mais ninguém”. E eu “desculpa?” ... isto já aconteceu.

I: E quanto à metodologia utilizada, ser a tua história de vida...

E4: É a parte mais curiosa, é falarmos sobre as nossas vidas porque é, realmente, as competências que nós adquirimos ao longo da nossa vida e têm que ser baseadas na nossa vida. Agora falar em excertos da nossa vida ao ponto de serem tão vividos por nós em certas ocasiões e temos que as expor e coisas que não chamaria íntimas mas também não falo da vida de cada lado, ou seja, não falo do lado amoroso ... ainda bem que não se fala, porque é assim são sítios frágeis, são sítios que magoam e conforme a vida é o que nós dá, também nos tira. E falar na história de vida especificamente em graus de competências adquiridas... o que é que uma pessoa aprende numa relação? Olha, aprende a organizar as compras, a organizar as coisas, a partilhar as funções de casa, as funções de limpeza. A parte organizacional e estabelecer as despesas entre os dois e se os dois trabalharem, temos que dividir essas tarefas. E quando se expõe esse lado mais íntimo do campo pessoal, não custa assim muito. Agora o lado sentimental, o lado amoroso, o lado sexual é que não seria uma autobiografia em pleno e que não faz valer os seus exemplos de vida negativos para que sejam vividos hoje ... não equivalem nada hoje. Passado é passado.

I: Ainda em relação ao processo, a sua vida desde que se encontra no processo RVCC, mudou em algum aspeto?

E4: Não, não. Olha, o 9º ano foi feito assim porque não tive hipótese de acabar. Fiz o 9º ano no tempo estabelecido, fui acompanhado por pessoas no Areal Gordo impecáveis que me foram acompanhando de uma forma exemplar. Não tem nada a ver com este sistema de In Loco. Nada, não tem nada a ver. E fui o melhor aluno no processo porque foi a pessoa que levou mais detalhes da vida para exemplificar todos estas competências que me iriam reconhecer. E o 9º ano foi-me dado da forma mais simples. Eu gostei. Aqui não se sabe como é que começou e não se sabe como é que vai acabar... há muitos “se’s”, há muitas reticências à frente, há muitos medos e depois cancelam, como eu já

mencionei ainda há pouco, cancelam tudo e depois volta tudo para a semana e depois já não é esta semana, é para a próxima. E depois começa daqui a três meses e as pessoas não sabem o que é que andam a fazer.

I: Só uma curiosidade, qual foi a duração do teu processo 9º ano?

E4: O 9ºano foi um ano. Mas durante, cerca de sete ou oito meses já sabíamos que realmente estávamos preparados para fazer apresentação ao júri com um processo com ... *powerpoint*. O júri mencionado, a nível nacional, para ir assistir àquele meu trabalho e foram chamadas cinco/seis pessoas e foram avaliados os processos logo, de manhã, e deram-nos logo a nota passado segundos depois de apresentar tudo. E foi giro.

I: Qual a tua opinião sobre a sessão de júri?

E4: Foi bastante positivo porque é aquilo, é o trabalhar se valeu algum ponto. O mais positivo foi esse, foi ser avaliado no final e dizer “sim, esta pessoa realmente condiz com o perfil adequado para as competências que adquiriu e mais que chegue a sua sapiência, está tudo escrito aqui ...” e, foi, tivemos que gastar muito papel e na altura não havia a digitalização e tínhamos que fazer o índice todo, todo, todo e todo o trabalho feito e fotografado e pintado ... gastamos ali algum dinheiro. E os custos todos revertidos a nós. Toda a pesquisa foi feita por nós que eles não nos ajudavam, mas os trabalhos em grupo que nos davam X valores. Portanto, fazíamos trabalhos mesmo em grupo e aqui não... e havia partilha. E, por exemplo, chegava ao pé ti e dizia “falta-me aqui fazer isto, o que é que tu fizeste?”. E tu respondias, “Olha, fiz isto e isto”. E assim vai estabelecer o que falta e depois vais completando.

I: E em termos de mudanças pessoais, sociais...

E4: Claro que há mudanças... por exemplo, se eu tiver agora capacidade de concluir o 12º ano, iria informar a minha entidade patronal e que estaria disposto a concorrer para um lugar de chefia ou quando houver, por exemplo, uma vaga para deixar de carregar malas para uma vaga seja ela fazer horários, apoio didático, apoio mesmo ao *staff* dentro da empresa e melhorar as minhas condições de vida. Eu tenho 41 anos e não vou andar a carregar aviões até aos meus 60 e muitos anos que eles querem... a reforma é até aos 69 se houver dinheiro. E se acabar o dinheiro? Não há reforma, não há nada. Mas queria ganhar mais algum economicamente, não é?

I: E em termos pessoais ou sociais?

E4: Ah, não fico completamente em pleno. Tenho a minha filha com oito anos que está na quarta classe e hoje vai-me dar essa nova felicidade. Uma miúda que entrou com cinco anos, é a melhor aluna da escola, gostaria de olhar para a frente e dizer assim “o meu pai teve a coragem de fazer o 12º ano”. Eu gostava de me sentir pai no sentido escolar que também me desse a possibilidade de discutir um problema ou ajudá-la a descaracterizar algum problema na escola para poder ... eu acompanho-a, eu acompanho-a em tudo, e tento ajudá-la só que não vive comigo, como é obvio? Ao nível

escolar, a minha filha está com oito anos, é uma criança que se está a cultivar, que está a crescer de dia para dia, é a melhor aluna da escola. E como oito anos está na quarta classe para o ano, passou e estabeleço com ela um raciocínio escolar que depende de um para o outro e se ela me pedir uma informação vou ter que sabê-la dar e justificar. E dentro da minha forma de ver e de vida, eu tento apoiá-la sempre em tudo. E autoestima é superior, claro que ajuda a desenvolver outras coisas, a título moral, a título profissional, a título de discutir para um processo ou fazer valer, portanto, agora há os Maiores de 23, não sei se isso agora vai acabar agora ou não. Mas pretendo fazer o exame de acesso à universidade para fazer um curso ligado a uma área específica, tenho uma médica que me está a apoiar se for necessário, na área de química, para poder entrar na escola de enfermagem que é o meu sonho. Em Faro não há cursos noturnos, mas se tiver alguma hipótese de haver, iria concorrer logo, nem que eu tivesse 60 anos, gostava de ter o curso. Eu na tropa era enfermeiro socorrista, hoje sou especialista em emergência, gostava só de ter o curso por tirar o curso, quer dizer, mesmo que fosse um dia mesmo para a reforma, eu não iria carregar malas, não é? Iria dar aquele apoio social ou ao mesmo sou enfermeiro que até posso ir à casa de uma pessoa para lhe dar uma injeção, para lhe moral, uma leitura do estetoscópio, para ver a temperatura, para ver isto, ver aquilo, estabelecer uma ligação/relação de, pelo menos, de ser humano porque as pessoas... Portugal está envelhecido, não é? O futuro vai ser mesmo a área de saúde e sempre foi e vai ser e há de ser. As pessoas que não investem no seu futuro, cumprindo com as suas obrigações, não vão conseguir fazer nada. Não é o diploma que vai salvar a pátria, não é o diploma que vai salvar o país, não é o próprio diploma que vai salvar a casa. Se a pessoa não for polivalente como eu fui sempre ao longo da minha vida, as pessoas vão passar fome. “Eu sou cabeleireira, então se sou cabeleireira porque é que não vou lavar o chão? Porque não tenho nada que lavar o chão. Então vais passar fome...” porque se não há ninguém para arranjar cabelos, se não há ninguém para isto, e se não houver trabalho, as pessoas tem que munir-se de situações para a pessoa se desenrascar. Eu quero chegar, pelo menos, aos 60 anos só com saúde porque eu sei desenrascar em tudo. Nós temos que ser polivalentes na forma de saber-saber e saber-fazer, porque senão não vale a pena. O saber-saber é o sabichão, o saber-fazer já é outro tipo de sabichão. Significa que já sabe fazer qualquer coisita. Aqui, as competências ganham-se ao longo da vida e se uma pessoa sabe pescar, à fome não morre. Se uma pessoa sabe cultivar, à fome não morre. Aqui, já temos a alimentação e agora temos que arranjar uma forma mais positiva de enveredar por um trabalho mais acessível para não ter tanto desgaste ou, mesmo, que ganhe pouco, mas que me sinta no meio das pessoas e “olha, vou ajudar os velhotes, vou aos serviços paleolíticos, vou aos serviços de oncologia, vou fazer brinquedos, vou ajudar os miúdos, vou ...” no mínimo é contagiante ajudar pelo menos ou tentar ajudar, tentar ocupar o tempo com os outros. Eu tive 23 anos na Cruz Vermelha, não enriqueci nem um centavo ajudando as pessoas, tenho medalhas de prata da Doutora Maria Barroso, medalhas de não sei o quê, é giro ter essas coisas, mas para mim tem um valor sentimental. Eu não faço as coisas para me demonstrar aos outros que sou bom, sou muito bom, ... não faço isso, não quero o reconhecimento. Mas também gosto de ouvir em mil coisas, pelo menos uma coisa boa.

Mas se fazes uma coisa mal, metem-te em baixo. Também não gosto, isso é o típico português. Tu fazes mil coisas boas e não te chegam ao pé de ti e reconhecem “Sim senhora, você é um homem de valor, você é um homem transparente, frontal e sabichão, sabe-se desenrascar e é uma pessoa trabalhadora...” é bom ouvir uma vez. E se isto acontece é muito giro acontecer e acontecer mesmo porque a pessoa fica mesmo valorizada, orgulhosa, sente-se bonita, sinto-me um pavão... quer dizer, as pessoas ficam pavonas se recebem um elogio. Aqui não reconhecem os valores humanos nem profissionais de cada um, tem que haver muito diálogo, tem que haver muita química ou ligação para nos poder associar aos métodos mais simples porque as pessoas querem ser simples hoje em dia. Nós queremos é praticamente agora é tudo, facilitismos, queremos tudo fácil, mas não é nada assim que funciona. Nós não damos valor a nada, eu gosto de olhar para a minha filha e dizer assim “Olha Ana, o pai para ganhar este relógio ou para te fazer esses furos nas orelhas, teve que fazer isto, isto e isto... teve que trabalhar muitas horas e é o que te vai acontecer a ti. Um dia que tu mesmo, não consigas trabalho em Portugal, o pai consegue-te pôr fora de Portugal mas vais ser uma pessoa independente. Um dia que tenhas alguém ou que consigas ter um filho, vais ver que vais querer dar-lhe de tudo ... as coisas todas que eu tentei fazer para ti.” E ela sabe, orgulha-se e ri-se e sabe com malandrice como é que as coisas nascem. Isto estamos a falar no sentido paternal e na transmissão de valores. E no dia-a-dia, nos afetos de colega para colega, isso não existe. Na tropa também não existe hierarquias, aquilo é o poder, aquilo é tudo um lado parvo da história da vida de uma pessoa que é ser obrigado a ir à tropa. Hoje já não é obrigado a ir à tropa, agora é um luxo ir à tropa quando o pai o põe numa escola particular, para a escola do exército e deixar lá mil euros por cabeça e se tiverem dinheiro para tal, porque os pais querem um oficial não querem um sargento. E também em casa, nós queremos os nossos filhos bem “olha vai para médico ou vai para engenheiro, ou vai para doutor, ou vai para advogado”, quer dizer, todos os pais gostavam de ter isso, mas hoje, os pais estão a tira-lhos da universidade porque não conseguem pagar as propinas e porque não conseguem. O meu medo é esse. É saber que a Ana vai evoluindo, evoluindo e eu não conseguir acompanhar a evolução dela de uma tal forma e o meu medo é “Ana, tens que te dar valor a ti própria para saberes também dar volta a estas questões e ajudar-te a ti, a ti e a ti e sempre a ti. Quando eu não te conseguir ajudar, pensa em ti.” É uma maneira para ela abrir a pestana e nós falamos muito.

I: Acha que em termos de competências ou aprendizagens, o RVCC contribuiu para alguma competência ou aprendizagem?

E4: Para te ser sincero ah, a comunidade europeia, os exemplos que eles nos querem inculcar de querer estabelecer com o formando, com a pessoa que está neste processo, saber o que é uma assembleia da república, o que é que eles fazem, o que é que eles contribuem, quais são os direitos e os deveres deles para com o cidadão e fazer valer os seus direitos, tanto a nível político e tanto a nível de cidadão, não são coisas que a gente desconhece no dia-a-dia mas na própria parte frontal das coisas, temos que ler realmente o que eles fazem e aí a comunidade europeia como é funciona, o que é o dever de ser

um cidadão europeu, o que é que serve os países Schengen... há coisas que nos passam ao lado e temos uma noção do que é que é. Mas quando formos interiorizar esses conteúdos, vamos aprendendo, não quer dizer que sejam obrigatórios mas vamos aprendendo “olha lá, olha que giro, o presidente da comunidade europeia, o banco central europeu ajuda estes países quando estão em situação assim e assim” a pessoa não sabe, mas fica a saber em termos de passagem. Porque valorizar em termos de entender aquilo no nosso dia-a-dia, serve como não serve, depende da utilidade que a pessoa lhe quer dar. Mas... é positivo, é claro que é positivo, saber como é que os organismos funcionam, como é que não funcionam, para que é que servem. E, já que sou um cidadão do mundo, nós somos cidadãos do mundo e temos que aprender o que nos ensinam, o que nos dão os nossos países e que não difere muito de país para país. O que difere é sim a formula que, mais própria, que funciona ou não melhor que um ou outro, porque há uns que funciona melhor e outros não. E a partilha de conhecimentos é diferente, não tem nada a ver. Por exemplo, aqui falar na droga é um medo terrível mas que se calhar aqui ao lado na Espanha “isto não presta, isto não presta”. Há um simplificar das coisas... a educação sexual nas escolas, agora já apareceu e só apareceu ao fim de não sei quantos memorandos que houve. Falar em sexualidade, foi sempre um tema que toda a gente encobria/escondia. Isso é como era há 50 anos atrás.

I: Uma vez que se encontra prestes a concluir o processo RVCC, o que tenciona fazer?

E4: Mudar de emprego. Se eu consigo, os outros também conseguem. E se os outros conseguem, eu também consigo. Arranjar uma namorada com escola e arranjar uma vida melhor, ou seja, em termos económicos, em termos sociais. Melhorar um bocadinho, não é ser mais do que os outros, é tentar aprender, ganhar mais um pouco de qualidade de vida, tentar ganhar para ter mais coisas no fim do mês e mais algum dinheirinho no fim do mês. Tentar valorizar também o termo económico porque o nosso lado pessoal já estava preenchido. E arranjar uma companheira, é claro. Tenho o meu património, tenho coisas para tratar, tenho o meu pai com 83 anos vai ter que haver mais apoio para ele, tenho a minha mãe com 68 anos, tenho que pensar nela, vai ficar numa fase menos boa e vou ter que estar ali ao pé. A minha irmã está em Lisboa, o meu irmão está por aqui, mas não tem jeito no aspeto social, discutir certas coisas para apoiar em certas coisas. A única pessoa que saberá destacar-se bem em termos na área de saúde, serei eu porque tenho amigos na área de saúde, tenho pessoas na área de medicina, na área de internamento e vão-me dando algum apoio nesta área. As únicas preocupações que eu tenho, neste momento, é o meu pai pela idade que tem, pelo esforço físico que teve, e as condições do dia-a-dia, ele já se sente um bocado discriminado por não poder fazer, ele quer fazer mas sabe que, também, não pode fazer. A vontade é muito expansiva... ele não tem horizontes para fazer as coisas, ele quer fazer as coisas, mas com 83 anos parece que quer mesmo, mas depois chega ali a um ponto e entende que não pode fazer. Ainda em termos de preocupações futuras, filhos não vale a pena porque já tenho. Fui papá aos 33 anos... agora se viesse um filhote ou uma filhota, teria que ser bem planeado não era uma situação impossível de acontecer mas logo se vê.

I: E como é que se imagina daqui a cinco anos?

E4: Daqui a cinco anos, continuo velho, sozinho e rabugento (risos). Não... estou a brincar. Como é que me vejo daqui a cinco anos? Se conseguisse realmente esta competência das novas oportunidades de ter o 12º ano e obter um emprego, eu casas tenho, carro tenho, mota tenho, tenho uma filha, tenho tudo o que eu preciso ... gostava só de ser um bocado independente, de ser mais independente e de ter tempo para as minhas coisas em termos horários. Em ter, por exemplo, um fim de semana, eu raramente tenho um fim-de-semana por isso nem sei o que é ter um fim-de-semana. Vou ter férias agora este mês e vou tentar esmerar-me para fazer trabalhos, pode ser que eu consiga realmente sacudir a água do meu capote para poder, para estabelecer este objetivo. Pintar a minha casa, fazer as minhas coisas, fazer a minha *bricolage*, fazer a minha orientação do ano porque é o tempo suficiente que eu tenho para estar com a minha filha, para estar aqui, para estar ali, para estar com a minha família, pintar, tratar dos pequenos reparos/arranjos que deixamos passar e logo faço quando estiver de férias. E a partir daí é fazer. E o 12º ano vai ajudar, com certeza, a estabelecer na minha entidade patronal o *know-how*. Apesar de não darem valor a certas características individuais das pessoas, mas também não estou interessado em conhecer a vida de cada um deles. Eu não sou cusco, a sociedade portuguesa é cusca... este papel, este documento que me vão dar do 12º ano, vou realmente demonstrar as minhas competências porque são mais do que provadas de que sei e que tenho conhecimento e sou capaz disso.

I: Obrigado. Não sei se quer acrescentar mais alguma informação...

E4: Não, espero que tenhas o teu mestrado o mais rápido possível com sucesso e que eu tivesse contribuído para o teu sucesso.

I: Muito Obrigada por tudo.

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista ao Sujeito nº 5

Data da realização: 15 de Junho de 2012

Local de realização da Entrevista: Biblioteca da Universidade do Algarve – Campus da Penha

Duração: 1 hora e 30 minutos

Investigador: Antes de mais, queria agradecer a sua disponibilidade e a colaboração nesta investigação. Tendo em consideração os objetivos da mesma, gostaria de iniciar a nossa entrevista com uma breve apresentação pessoal.

Investigador: Qual é a sua idade?

Entrevistada 5: Vinte e nove (29).

I: Qual é o seu estado civil?

E5: Casada.

I: E o concelho de residência?

E5: É Faro.

I: Antes do processo RVCC, qual era a sua escolaridade?

E5: Era o 11º ano.

I: Onde é que nasceu?

E5: Em Faro, aqui no hospital de Faro.

I: Qual é a escolaridade dos seus pais?

E5: O meu pai tem o curso de ... ele acabou Engenharia Mecânica na Marinha Mercante e a minha mãe é enfermeira.

I: Recorda-se da sua infância, das suas brincadeiras, ...

E5: Oh, basicamente eu acho que escrevi na autobiografia. Foi uma infância boa até porque nunca me faltou nada, havia sempre, a nossa casa tinha sempre tudo. Sempre com brincadeiras e vivia numa casa térrea, por assim dizer, que hoje em dia é complicado. E estava sempre à vontade e acho que cresci feliz.

I: Era no centro de Faro?

E5: Não, era ao pé do aeroporto. Era ali ao pé da praia...

I: E como era a sua relação com os seus pais? Recorda-se de alguns momentos marcantes desses tempos...

E5: Eu sempre tive um bom relacionamento com os meus pais, só que o meu pai, quando eu era mais nova, não é que ele fosse ausente, mas ele saía muito cedo de casa para trabalhar. Antes das oito horas, já estava fora e chegava às oito da noite. O trabalho dele preenchia-lhe muito tempo, ele teve na construção da marina hotel, teve na construção do aeroporto de Faro, teve na construção de vários sítios, nas barragens, tanto Odeleite como Odeceixe, já mais tarde. E, então, ocupava-lhe muito tempo. Mas, pronto, tenho sempre as recordações, por exemplo, do dia dos meus anos que fazia sempre questão de comemorar e os meus pais faziam sempre a festa para os miúdos todos da sala. Que era terrível (risos), viravam a casa tudo de pernas para o ar, mas era engraçado... E as de natal, que sempre passamos... quando eu mais pequenina, passávamos com os familiares todos e depois, entretanto, quando os avós começaram a falecer, ah começamos a ficar só os três. Acendíamos a lareira, a árvore de natal e os brinquedos, era sempre engraçado. Mas sim, tínhamos uma boa relação.

I: E irmãos tem?

E5: Da parte da minha mãe, não. Mas do meu pai, sim. De outro casamento, que o meu pai é mais velho, vai fazer setenta e sete anos, mas não parece. Quem olha para ele, dá-lhe para aí cinquenta. Eles têm dezoito anos para aí de diferença. Eles foram educados dentro ainda das mesmas bases. Os tempos antigos ainda se educavam dentro das mesmas bases e então não houve um grande choque. O único choque ali que acabou por dar no divórcio que deu é exatamente o ter a situação financeira, ou seja, o meu pai foi educado dentro dos mesmos valores que a minha mãe só que o meu pai foi educado naqueles valores de sempre poupar, poupar, poupar. Comprar mais do que um par de calças era, por exemplo, gastar dinheiro ou deitar dinheiro fora. E então aí é que houve o choque entre eles. Mas fora isso, não se notava grande diferença. Mas o meu pai tem outra filha do outro casamento, do anterior ao da minha mãe. É uma irmã que eu tenho quase com a idade da minha mãe. Que não temos grande relação. Eles são da Figueira da Foz, o meu pai é natural da Figueira da Foz, e não temos grande relação. Tenho mais relação com os meus sobrinhos que são mais velhos que eu, um ou dois anos. Mas com ela, não. A gente nunca se deu assim muito bem porque ela teve uns comportamentos um bocadinho negativos em relação ao meu pai. E eu a partir daí... então, não temos.

I: E como é a sua relação com os seus sobrinhos? Qual é a sensação de ter sobrinhos mais velhos?

E5: É engraçado porque agora, já uns dois anos, que eles não vêm passar férias de verão. Mas eles costumavam vir para aí ou para parques de campismo ou então vinham mesmo para a casa do avô, o meu pai. E é engraçado porque o meu sobrinho sempre foi muito protetor. Eu tenho 29 e, neste momento, ele tem 31 e a minha sobrinha tem 32. E ele quando eu ia à Figueira da Foz, por exemplo, ainda com os meus pais ou já sozinha, ele levava-me a sair à noite, aquelas coisas e era a proteção... como ninguém me

conhecia, ele dizia que era uma namorada do Algarve para proteger dos outros rapazes se meterem comigo (risos). E depois aqui no Algarve era igual, a gente ia sair e ele, às vezes, vinha com a namorada já e ele agarrava-se a mim como se eu fosse namorada dele para me proteger. Era muito engraçado. E é engraçado, ninguém acredita que ele é meu sobrinho e ele vai “ah, não sei quê e a minha tia” e fica tudo “Ah? Não, não é a tua tia” (risos). E ninguém acredita porque somos muito diferentes até fisicamente. Somos muito diferentes. Mas é engraçado, é uma relação engraçada. Eu tenho mais ligação com o meu sobrinho do que com a minha sobrinha. A minha sobrinha nunca aceitou muito bem a minha pessoa. E depois o meu pai não passou muito tempo com a minha irmã porque ele na altura que a minha irmã nasceu, ele estava embarcado porque ele tirou o curso dele na marinha mercante. E, então, ele embarcava naqueles barcos para ir para a pesca do bacalhau, ficava a tomar conta das máquinas daqueles barcos gigantes que levavam, às vezes, meses fora de casa. E quando ela nasceu, ele voltou a casa, ela era pequenina ainda bebé e depois volta a sair e quando volta já tinha um ano e tal quase dois anos. E quando ele chega a casa, ela não o conheceu. E rejeitou-o um bocadinho. E depois passados alguns anos, já ela foi conhecendo, só que ela ainda nova, ele divorciou-se da mulher na altura. E houve ali um choque muito grande e ela sempre defendeu muito o meu pai, porque o meu pai sempre quis que nós estudássemos.

[Interrupção – toca o telemóvel da entrevistada]

E5: E quando o meu pai casa com a minha mãe e eu venho. Não foi muito bem aceite daquele lado. O meu sobrinho aceitou-me super bem, não sei se por ser rapaz... ela não aceitou muito bem e depois nunca tive muita lidação com ela. Agora com ele sim e também é sempre tia, tia, tia que até mete aflição.

I: E o que é que, normalmente, fazia em termos de tempos livres?

E5: Eu dancei muitos anos ballet e, mais tarde, tive um problema num pé que não me deixou seguir. Era uma bolha de ar que ninguém me explicava de onde é que aquilo tinha vindo. E o meu pai com medo que me acontecesse alguma coisa de mais grave, que ele é completado desorientado por causa das operações, tive que mudar... e a maior parte dos meus tempos livres eram e foram sempre ligados a atividades que exigiam muito de mim porque o ballet, eu era bailarina praticante. Eu fazia espetáculos no Teatro de Ledos, já no Conservatório que já existia ... e depois quando tive que abandonar, quis escolher outra atividade e escolhi o ténis. E fui jogadora quase, doze ou treze anos, federada na Federação Nacional de Ténis Portuguesa e ainda tive uma boa classificação. E quando tive oportunidade de ir embora daqui, porque havia essa oportunidade, como eu jogava no Centro de Ténis das Gambelas... não sei se já ouviste falar daquele rapaz que é o Rui Machado que está a jogar lá fora. Ele é mais novo que eu e jogava comigo e fomos os dois recrutados pelo Rosa Nunes. E passamos vários testes e fomos recrutados para ir para fora. E quando eu fui recrutada para ir para fora, mais uma vez, me surgiu uma lesão que estou ainda em lista de espera para ser operada em França, que só em França é que fazem a operação. Inscrevi-me para fazer a

operação. Em Portugal não era fiável que ficasse a mexer as mãos a 100%. E em França é onde quase todas as tenistas são operadas, que costumam ter o mesmo problema que eu. Mas ainda estou em lista de espera... tive karaté especial na escola porque, por exemplo, para escrever um teste de português ou psicologia, era mentira... se tiver a escrever mais de dez minutos de seguida, por algum motivo, paro porque as dores são completamente insuportáveis. E então tive que abandonar e dediquei-me à pintura. Tive a aprender em porcelana e os arraiolos. Depois o resto veio por acréscimo as pinturas e os trapilhos e não sei quê. Era assim que ocupava os meus tempos livres. E tentei sempre procurar atividades que exigissem muito de mim e depois tumba... [e no ténis, já era muito grande] porque quando me inscreveram na Federação já era mesmo para jogar a sério. E na altura era a única rapariga inscrita na Federação no Centro de Ténis de Faro e tínhamos que fazer os jogos. Jogos esses que havia singulares, como a gente costuma ver na televisão, e há os de pares... e eu tinha que defender o suposto nome da Federação.

I: Durante a sua infância, mudou de casa?

E5: Não.

I: Na sua opinião, qual deve ser o papel da família no seu percurso de vida?

E5: Os meus pais apoiaram-me sempre. Nunca me deixaram de apoiar, mas é assim, eu a única coisa que guardo assim mais do meu percurso de vida em relação aos meus pais que transporto hoje para a minha filha é para mim, por exemplo, acho que foi um dos maiores erros. Isto é o meu pensamento... e os meus pais sabem disso. Eu andei no Colégio Algarve, não é um colégio interno, mas é um colégio particular. E a única coisa que isso me deu, foi que acho que é um erro meter os miúdos num colégio particular. Para já, porque apesar da ... eu sempre fui uma aluna de muito boas notas e até é ridículo eu estar a tirar o 12º ano quando eu era uma aluna de ótimas notas. Só que eu terminei o 11º ano, a português com 19 e a psicologia, por exemplo, com 18. E tudo assim... eu era mesmo uma aluna de ótimas notas. Ok, mas eu acho que a escola, por exemplo, particular empurra os miúdos. Não os motiva a estudar, não os ensina a estudar e empurra. E quando eu saio do particular para a estatal no 5º ano, notei ali um grande choque, mas mantive-me. Mas os meus pais sempre me apoiaram. Sempre tentaram além da escola e estas atividades que sempre foi os meus pais. O meu pai gostava mais que eu fosse para música, mas a música não era cá para mim. Mas, de resto, sempre me apoiaram e me ajudaram. Agora o papel, o papel no meu percurso de vida não, porque eu sempre quase que fiz ao contrário daquilo que os meus pais queriam. Não sei se por eles insistirem demasiado para eu fazer aquilo que eles queriam... epá, não gosto de ser pressionada. Sentir-me entalada, não é para mim. É complicado e depois houve o divórcio dos meus pais exatamente na altura que eu estava a terminar o 12º ano. Porque eu só deixei três disciplinas para fazer. E há o divórcio e foi um balde de água fria porque, durante dezassete anos da minha vida nunca vi uma discussão, nunca vi um confronto, nunca vi um mal-estar, nunca vi nada. Sempre

vivemos bem e passados esses anos todos, levo assim um balde de água fria que está tudo mal e vamos divorciar. E aquilo foi completamente um desabar de tudo em cima de mim. E foi o que me descarrilou, porque se não tivesse sido na altura que foi, eu se calhar não estava aqui. Não sei se teria ido para a universidade mas, pelo menos, terminado o 12º ano.

I: Pode falar-me um pouco sobre o seu percurso escolar... por exemplo, recorda-se do seu primeiro dia de aulas?

E5: Aí não. Sabes que eu tenho uma autodefesa muito grande. Tudo o que deixei para trás que não me interessa, a minha memória simplesmente apagou. Tenho pequenos ... quando, às vezes, encontro alguém que fazia parte dessas alturas, fala-se disto e disto. E eu vagamente me recordo. A única coisa que me recordo muito bem de quando era mais nova e que era o primeiro dia de aulas foi da minha professora a Elsa. Que foi a nossa professora da primária toda e, por curioso, hoje é diretora pedagógica da Escola da minha filha (risos). Por acaso, é engraçado, as coisas cruzam-se. Mas não, não tenho assim muitas, muitas lembranças da escola em pequenina lembro-me da professora e dos meus colegas claro. E há muitos que ainda me dou. E lembro-me das festas porque no Colégio Algarve, os melhores alunos recebem uma medalha no fim de cada ano. Eu tenho todas, as de melhor aluna tenho todas e uma salva de prata do fim do 6º ano por ser a aluna mais antiga do Colégio Algarve porque entrei muito pequenina na pré-primária... essas coisas sim. Agora recordações não...

I: E como foi a adaptação, recorda-se?

E5: Sim, sempre gostei muito de ir para a escola. Hum... e revejo isso na minha filha. Sempre gostei, sempre gostei muito de ir para a escola. Adorava estar com as pessoas e depois eu sempre tive uma facilidade muito grande, eu não precisava de estudar. Isto é ridículo estar a fazer o processo RVCC, mas é porque eu adorava ir para a escola. Ao contrário dos meus colegas, eu não necessitava de estudar, eu bastava estar com atenção nas aulas e aprendia facilmente. Ah, o meu pai guarda tudo (risos) e tem um dossier gigante, daqueles tipo caixa, onde ele tem desde o primeiro dia, a primeira que eles davam aquelas autoavaliações da professora que elas escrevem e tudo ... tem os meus testes todos, tem as minhas medalhas todas, tem esses papelinhos todos. Em tudo diz que não conseguem perceber como é que eu tenho as notas que tenho porque sou super faladora em tudo, mas isto até quando já estava no liceu. A minha professora de português no fim dos testes, já no liceu, dizia-me, chamava-me à sala da direção e como é que eu tinha tido 19, não sei quantos e não sei quê. Porque era impossível porque eu falava super mal, eu a falar, falo mal. Eu tenho consciência que falo mal. Mas que chegava aos testes e fazia os testes brilhantes. E ela ficava “Era impossível, teve que copiar, tinha cábulas...”. Não, não tinha. E a de psicologia era, exatamente, a mesma coisa. Mas sempre gostei, sempre gostei muito da escola.

I: E costumava ler e escrever?

E5: Escrever. Ler não, sou preguiçosa. Mas escrever sim, todos os dias... agora não tanto, não tenho muito tempo, mas tinha um caderninho e comprava, religiosamente, no início do ano e todos os dias à noite era raro o dia em que não... escrevia o meu dia, escrevia as minhas coisas, pensamentos, reflexões, tudo o que se passava comigo escrevia.

I: Referiu que não gostava de ler mas, por exemplo, quando era criança não leu a Anita ou outros livros infantis?

E5: Tenho todos e tinha um que até é com uns bonecos. Agora não me lembro o nome daquilo, mas é semelhante a Uma Aventura da Anita. Mas aquilo tem as aventuras da praia e não sei quê, mas aquilo é semelhante que tem um cachorro e uns animais. Eu sempre gostei muito de animais e, então, tudo o que for ligado a animais, eu interessava-me muito mais. Mais depressa agarrava num livro com figuras ou fotografias mesmo de animais e tentava perceber o que era do que esses livros infantis. Nunca fui muito ligada a esses livros assim.

I: Hum, hum. E algum livro ou uma história que a tenha marcado...

E5: Eu li os Lusíadas não porque era obrigatório na escola, porque antes de ser obrigatório na escola, eu li em casa. Porque sempre gostei muito de poemas bonitos e li por gosto. Lembro-me que li os Lusíadas por gosto e até foi uma versão de um livrinho que eles fizeram, assim mais fininho de capa dura e azul. E sinceramente gostei. Ah, e li outro livro que me marcou muito que gostei, já mais velha, que vi depois o filme que foi As palavras que nunca te direi. Acho que foram assim os dois livros que eu li de gosto e que gostei mesmo.

I: E, já que gostava de escrever, escrevia diários, cartas a familiares, amigos, ...

E5: Diários, sim, escrevia a uma prima da Figueira da Foz, que é da parte da família do meu pai, que nós tínhamos um ano ou dois de diferença. Não, temos um ano exatamente. E ela vinha, muitas vezes, passar quinze dias das férias de verão e depois correspondíamos-nos. Era engraçado porque ela também sempre gostou muito de escrever e a gente escrevia uma à outra assim mas, mega testamentos, não é? Escrevíamos naquelas folhinhas cheirosas com bonequinhos e tudo. E até há, bem pouco tempo, continuamos com esse hábito. Mas depois dos miúdos nascerem, é sempre mais complicado. E depois veio as tecnologias, os telemóveis e é mentira escrever. Recadinhos também deixava à minha mãe e ao meu pai e adorava (risos). E aqueles bilhetinhos quando a gente era pequeninos, na escola ainda na primária, para os supostos namorados, também fazia. Esses o meu pai também tem guardados. O meu pai tem tudo até aqueles bilhetes corrigidos pela professora, as composições, o meu pai tem isso tudo.

I: Enquanto andava na escola, tinha o hábito de frequentar bibliotecas, salas de estudo, salas de computadores, ...

E5: Hum, não. Nunca achei assim... eu gosto de falar e nas bibliotecas não se pode falar (risos). As salas de computadores, eu sempre fui um bocadinho autodidata e tive computador, muito cedo em casa, do meu pai e depois meu. E não era necessário...

I: Quais eram as disciplinas que mais gostava?

E5: Eu gostava muito de português, quando era mais pequenina, e das ciências da natureza. Por causa da lidação aos bichos e de aprender aquilo tudo... Depois em grande, comecei a gostar muito de filosofia quando tive. Depois acabou a filosofia, veio a psicologia e o português manteve-se sempre.

I: E matemática?

E5: Matemática apanhei assim um professor que quase que me matava. Era aquele professor que eu não sei se tu ouviste falar do liceu, que lhe chamavam o rodinhas, o homem era terrível. Alguém gostava de matemática com aquele homem? Era mentira.

I: E quais eram as mais difíceis?

E5: Eu não era por ser difícil, mas eu depois tornei-me preguiçosa na matemática e desmotivei. E depois não posso com química. Não consigo aprender aquelas fórmulas que eu sinceramente... tá bem, pode ser essencial mas não para a minha vida.

I: E línguas?

E5: Olha línguas, fugia a sete pés. Arranho o inglês porque foi aquilo que tive que aprender e se tiver que ter uma conversa, converso, falo, tenho sem problemas. Aprendi muito fácil, consigo ler um texto em inglês facilmente, consigo traduzi-lo todo que é o mais importante. É uma das cenas que pedem logo no início do processo. E se perguntares, por exemplo à profissional, se ela te mostrar essa parte, fiz a tradução de um texto completo sem erros. Há pessoas que traduziram mal as cenas, mas eu faço a tradução completa das frases. Mesmo que eles falem ao contrário, eu consigo traduzir e não perco o sentido. E consigo perceber tudo o que eles dizem, sei que não conjugo bem as frases como deveria conjugar se tivesse aprendido bem o inglês. Francês percebo tudo o que eles dizem, mas falar é mais ou menos, muito raro. E alemão é mentira, mas gosto muito de ouvir falar alemão.

I: E durante o seu percurso escolar, sentiu algumas dificuldades ao nível da aprendizagem?

E5: Ah, se calhar mais na matemática porque o meu professor insistia muito que a matemática era o português, que a gente não lia as perguntas como deve de ser para fazer como ele queria e fazemos tudo ao contrário. Que aquilo tinha que ser interpretado primeiro a pergunta para depois conseguires fazer o cálculo. Foi mais nessa questão da matemática. Agora de resto não...

I: Tinha apoio na realização dos trabalhos de casa?

E5: Não.

I: Hum... e reprovou algum ano?

E5: Sim, no décimo primeiro ano por causa da parvoíce, a loucura de já ter uma determinada idade e vamos para o café, vamos para aqui, vamos para ali, vamos para o outro lado... e depois no fim do ano, tinha as mesmas notas, mas os professores não me deram positiva porque eu faltava mesmo muito. E foi ali um ano um bocado complicado e depois foi quando os meus colegas quase todos passam de ano e eu fico para trás. E depois mais o divórcio e mentira... foi isso.

I: Que idade é que tinha quando decidiu abandonar a escola?

E5: Eu deixei as três disciplinas para fazer do décimo segundo, pois os meus pais divorciaram-se, eu tinha dezassete anos. Dezassete a fazer dezoito.

I: E quais eram essas três disciplinas?

E5: Hum, biologia, química e matemática (risos). Estava na área das ciências.

I: Em termos de motivos que levaram a abandonar a escola...

E5: Basicamente foi isso. Para já, sentia-me um bocado sozinha porque os meus amigos tinham passado todos e eu fiquei para trás e depois foi o divórcio deles que influenciou muito para eu não ter cabeça para nada. Uma coisa é a gente estar preparada porque os pais discutem. Os meus pais nunca discutiram, eu nunca vi uma discussão dos meus pais durante dezassete anos. E assim de repente ... tive que sair de casa, vim com a minha mãe. A minha mãe saiu de casa. Eu vivi dezassete anos numa vivenda com tudo e mais alguma coisa e, de repente, sou privada disso e venho morar para o meio da cidade para um apartamento com dois quatinhos, sem os meus bichos que foi aquilo que me doeu mais. Chegou uma altura que havia nove cães e dez gatos tudo no mesmo sítio e era uma alegria. E de um dia para o outro sou privada dos bichos, sou privada de tudo e venho para a cidade onde não posso fazer nada. É terrível.

I: Como é que a família reagiu à sua decisão de abandonar a escola?

E5: O meu pai terrivelmente mal e a minha mãe também. O meu pai não ... ele queria que pelo menos o décimo segundo eu tivesse terminado. Não aceitaram muito bem, mas teve que ser.

I: E se fosse hoje?

E5: Ah, pois, se fosse hoje se calhar tinha acabado, não é? Tinha de ter arranjado forças mas meteu-se o trabalho, veio o dinheiro e comprar as nossas coisas e não depender de nada nem de ninguém. E carta de condução e andar para trás e para a frente e ...

I: E agora passando para as tecnologias, lembra-se da primeira vez que utilizou um computador?

E5: O computador foi engraçado porque eu era muito pequenina, não me lembro bem da idade que tinha. E o meu pai comprou o primeiro computador lá para casa e o meu pai disse para eu não mexer, que estava tudo dentro da caixa e que eu não podia mexer. Foi beber café com a minha mãe a um café lá ao pé da nossa casa e quando voltou o computador estava montado e a torre, que antigamente era assim, estava estragada e tinha um problema qualquer informático. E o meu pai ia-me matando, não me bateu. Os meus pais nunca me bateram. Mas, gritou para lá que eu tinha estragado o computador que era novo e depois acabou por levar o computador ao senhor que o vendeu. E descobriram que, afinal, tinha mesmo um problema. E pronto, foi o meu primeiro contacto direto com um computador. E, desde aí, sempre que o meu pai se metia por caminhos, gritava por mim. Sempre tive muita facilidade porque, desde pequenina, tudo o que era eletrónico desmanchava e montava. Sempre gostei de desmanchar e depois o meu pai gritava comigo e eu depois punha tudo a trabalhar. Ainda hoje furar paredes, berbequim, pregos, faço tudo. Agora não que o meu marido, agora não. Com o pai da minha filha, por exemplo, quem teve que fazer as coisas todas em casa fui sempre eu. E aprendi, ia com o meu pai para a garagem que martelava as coisas, andava lá com as ferramentas. Eu sempre fui muito maria-rapaz, adorava tudo o que era brincadeiras dos rapazes e ir para a garagem e mexer nas ferramentas do meu pai, aquilo era uma maravilha. Partia era metade das coisas quando era mais pequenina.

I: E em termos de projetos, qual era a profissão que gostava de ter quando fosse crescida?

E5: A principal sempre foi veterinária, sempre ligada aos bichos. Ah, quando descobri depois a psicologia no décimo primeiro ... ah, pus a hipótese de seguir psicologia clínica. E foi sempre assim, as duas de eleição.

I: E enquanto aluna, já vimos que era uma ...

E5: Eu era boa aluna, depois quando me tornei mais mulherzinha, descambei um bocado. Comecei ali a estar por estar, mas sempre fui muito educada e nunca faltei ao respeito aos professores. Foram os valores que me transmitiram e foi isso que fiz. Muitas das vezes a impulsionadora das faltas naquela altura era eu e mais dois ou três. Eu tinha um grupo que eramos cinco pessoas. Eramos super unidos íamos para todo o lado e fazíamos tudo em grupo. Ah, considerávamo-nos quase como irmãos e ainda hoje temos lidação. E, geralmente era estes cinco terroristas que viravam a sala de patas ao ar. Conseguíamos que ao segundo toque, já não estivesse ninguém à porta porque se a gente tem que chegar ao primeiro, a professora também tem que chegar ao primeiro (risos).

I: E cursos ou formações frequentou?

E5: Hum, assim lá da escola não. Só aquele da pintura e essas coisas assim.

I: E, na sua opinião, o que fez ou o que acha que pode ter feito que tenha contribuído para a sua aprendizagem?

E5: É assim, eu continuo a achar que os meus pais, tanto um como outro, mais o meu pai têm muito a ver com a minha vida porque o meu pai sempre me explicou tudo à minha volta. Ou seja, notícias na televisão que eu não percebesse, fosse do que fosse, porque o meu pai sempre me disse e lembro-me dele falar que a cultura geral é a melhor coisa que podemos ter. Porque se nos sentarmos com quem for numa mesa e conseguimos manter uma conversa. E então sempre tive essa atenção de estar a par do que se passava à minha volta. Claro que se houver coisas que não me interessam minimamente não vou estar... mas, estar a par minimamente do que houvesse à minha volta. Ah, e tentar-me instruir que eu fiz mais com a internet porque comecei a trabalhar. Depois aos dezoito anos comecei logo a trabalhar numa loja no Fórum e o que eu fazia era sempre, se tivesse dúvidas seja no campo que fosse, consultava na internet e tentava saber por outras pessoas, tentei sempre me manter informada. Mas, assim cursos ou situações que me fizessem aprender, aprender não. Nunca andei assim. Era um bocadinho autodidata, tentava sempre procurar os porquês, mas sempre por mim.

I: Ok, vamos agora passar para o próximo bloco de questões. Estas referem-se à sua vida pessoal. Hoje em dia, quais são os teus tempos livres?

E5: Olha, os meus tempos livres só posso chamar de tempos livres ao final do dia que a minha filha vai para a cama à hora dela se ir deitar. Posso estar um bocadinho com o meu marido a conversar, posso fazer algumas coisas daquelas que gosto, pinturas e essas coisas ou ver programas de televisão e depois choro desalmadamente como foi o caso de ontem...

I: O que viu ontem?

E5: Eu gosto de ver um programa que dá, eu não sei se é a SIC Mulher que é ... aí agora não me lembro o nome, que aquilo é um grupo que recebe pedidos de ajuda de famílias que não têm possibilidades e vivem em casas completamente degradadas e eles depois vão lá e constroem a casa toda. E ontem, por exemplo, foi sobre um miúdo que tem duas doenças raríssimas no sangue, tem que levar uma transfusão de sangue por mês e ainda por cima, tem duas doenças raríssimas ... e é um pirralhinho que tem muito mais força de viver que qualquer outra pessoa porque ele, de facto, faz tudo igual, joga futebol e depois coloca a máscara de oxigénio na cara como se nada fosse, como se fosse um boné. E tem uma força de viver brutal e nada o (imperceptível) e ele super feliz e sabe que amanhã pode não acordar. Ele tem essa consciência e então fartei-me de chorar porque depois eu emocio-me e, às vezes, a gente começa a pensar na nossa vida e estamos aqui a queixar-nos e há pessoas muito piores que nós. E a gente nem se lembra dessas coisas. E nos fins de semana que a minha filha vai ao pai, tentamos fazer, às vezes, coisas que com ela não dá e mais a gente aproveitar os dois os nossos bocadinhos. Participamos numa equipa de *rally*, por acaso este fim de semana... por isso, eu estou assim ainda mais congestionada que faz aqui o *rally* o regional de carro e

vamos. Como é o caso de amanhã que vai ser em Monchique e o meu marido faz parte da equipa mecânica do carro, põe os autocolantes e aquelas tretas todas e depois dá apoio na parte mecânica e eu vou mesmo só para ver. E para me divertir porque eu dou-me muito bem com o pessoal. E aquilo é muito engraçado ... é um fim de semana diferente, dormimos lá. Por acaso este fim de semana, nós vamos em família. Quero ver como é que aquilo corre...

I: E quanto a relações sociais?

E5: Tive um relacionamento complicado. Agora casei e estou com uma pessoa completamente diferente... pronto.

I: Ainda bem. E quanto a viagens?

E5: Gosto de viajar, sempre gostei muito de viajar. Mas até gosto das viagens como esta, ir daqui a Monchique, acho engraçado sairmos do nosso cantinho por um bocadinho. Fiz duas grandes viagens, uma à Jamaica e outra à Republica Dominicana. Ah, gostava mesmo de ir e sonho que gostava de concretizar, queria ir à Polinésia Francesa. É um dos sonhos. Estar dentro de uma barraquinha e ver os bichinhos a passar. Isso é que era de valor. Mas sempre gostei de viajar, adoro ambientes quentes. Não sou muito de ir visitar museus e coisas assim, mas gosto de ir conhecer alguns sítios que para aquela terra são importantes. Lido mais à cultura e aos costumes deles. Eu costumo fazer essas viagens, por exemplo, que fiz que foi nós, no hotel, temos depois podemos escolher aqueles pacotes de fazer isto ou aquilo e então nós costumamos escolher depois temáticos que nós gostássemos de fazer como foi o da República e aí fomos nadar com os golfinhos e depois conhecer um bocadinho da ilha. Fazemos sempre um para conhecer o que está à nossa volta, como é que eles vivem, como é que não vivem ... acabamos sempre por fazer assim. Compreender um bocadinho da cultura do espaço, prefiro isso e conhecer as pessoas do que me ir enfiar dentro de um museu, ver isto ou aquilo. Prefiro sempre conhecer qualquer coisa.

I: Ok. E tem algum lema de vida?

E5: Ah... Lema de vida... eu já tive outro tipo de lema de vida mas, neste momento, se calhar é mesmo um dia de cada vez porque estamos a passar por um tempo horrível, ninguém sabe o dia de amanhã, se não curtirmos um bocadinho o dia de hoje e tentar aproveitar ao máximo a fazer as coisas e coisas que deem prazer e arranjar um bocadinho para as coisas que nós gostamos mesmo, é mentira. Acabas por te deitar e quando estás deitada, comesas a pensar “eh pá, podia ter feito isto, isto e isto. E não fiz nada disto. Fogo, amanhã grande seca”. Hoje temos que ir ... e quando não dá, empurra-se com a barriga.

I: Já participou em alguma manifestação ou greve?

E5: Sim, quando era mais nova. Aquelas contra o Ministério da Educação, que iriam retirar os intervalos e que iam aumentar o tempo das aulas e nah nah nah. Ah, isso era a maluqueira...

I: E em eleições?

E5: Já votei, agora voto em branco. Já não tenho paciência para isto que isto é uma hipocrisia.

I: E durante a sua vida, emigrou?

E5: Não, ninguém me tira daqui.

I: E é membro de alguma associação, organização? Ou participa em alguma associação?

E5: Não, membro, membro não. A única coisa que faço é esta participação do rally e somos muito ligados ao Moto Clube de Faro. Mas membro, não. Nunca me associei.

I: Já fez voluntariado?

E5: Sim, eu faço. Volta e meia, eu faço com a minha mãe porque a minha mãe trabalha ali na Santa Casa da Misericórdia, é enfermeira lá, é um *part-time* dela e, muitas vezes, eles pedem voluntários. E agora até vão iniciar um projeto eu estou à espera que ela me diga qualquer coisa que vão começar a distribuir, durante a semana, dois dias salvo erro comida pelas pessoas com mais dificuldades. A minha mãe o que me disse foi que as pessoas têm que se ir inscrever lá e depois vão começar a ir até às casas. Além das pessoas que estão lá que vão começar a ir às casas das pessoas. E que vão precisar de voluntários. Eu já fiz na Santa Casa a dar as refeições às pessoas mais idosas e vou ver se consigo ir agora quando for esta da distribuição também da comida.

I: Hum... ok. E reciclagem, costuma separar o lixo?

E5: É assim, eu não tenho ecoponto de reciclagem ao pé da minha casa. Eu defendo a reciclagem não digo que não, mas é assim, quando uma cidade não está preparada para tal. É mentira. Atão, eu tenho dois caixotes do lixo dos antigos onde não há qualquer tipo de separação do lixo. E uns metros, mais à frente tenho exatamente os mesmos caixotes. Para fazer reciclagem neste momento, tenho que sair da minha casa e andar uma mão cheia de quilómetros e andar até ao Montenegro para conseguir um sítio mais próximo. Portanto, não é que eu, as vidas, de hoje em dia, não podem ser hipócritas e dizer “ái sim, eu separo isto”. Mentira, as pessoas têm que ser realistas porque as vidas, hoje em dia, ou tu compras e gastas quase 100 euros num caixote do lixo daqueles que têm as divisões todas com os saquinhos todos. E depois cada vez que vais ao supermercado, aqueles pacotes dos saquinhos é uma fortuna. Ou então, és realista e dizes que não dá se não tiveres condições ao pé de ti. Se eu tivesse um ecoponto de reciclagem ao pé de mim, era muito mais fácil. Se substituíssem um caixotes que existem por alguns ecopontos, já que querem fazer reciclagem... eu, por exemplo, no

meu trabalho faço a reciclagem porque ao lado da minha loja tenho um ponto de reciclagem. E assim, temos os papéis de um lado e os plásticos no outro lado. Porque nós temos os plásticos que vêm agarrados à roupa e nós fazemos essa reciclagem. Também tenho que andar a pé, mas como é perto e é a caminho do carro, todas as tardes faço. Agora em casa, é mentira. Eu não consigo, se eu tivesse um ponto de reciclagem ali ao pé, mesmo que tivesse que andar, oh pá, até cinco metros tudo bem, agora eu para deitar o lixo num ecoponto mais próximo, ou vou ao centro das gambelas que tenho que ir de carro ou então vou ao centro de Montenegro. E assim não dá.

I: Como é que se define?

E5: Sou uma granda maluca (risos). Como é que eu me defino? Eu sou aparentemente por fora muito forte e por dentro muito fraca. Ah, sempre fui assim. Adoro o contato com os outros, adoro ajudar os outros e depois esqueço um bocadinho de mim. O primeiro contato que tenho com as pessoas é sempre negativo, ninguém gosta da minha maneira de ser porque eu sou um bocadinho fechada e não sou de ... agora estou diferente, depois de ser mãe fiquei um bocadinho mais mole. Mas sempre tive uma aparência de muito forte. Agora estou um bocadinho mais mole. Mas... sou brincalhona, não me pisem os calos. Se me pisam, pisam a primeira e já não pisam a segunda. Não dou sequer hipótese à terceira. Ah, mas sou brincalhona, gosto de, às vezes, peço pelo excesso de brincadeiras. Esqueço-me das coisas sérias e ando um bocadinho no mundo da lua mas também é um bocadinho a minha maneira de viver. Porque se tiver com os pés bem assentes na terra e olha tudo à minha volta, então aí mais vale enfiar a cabeça na almofada. Sou uma granda maluca, é isso mesmo.

I: E como é que acha que os outros a veem?

E5: É essa situação... Até ser mãe, o primeiro impacto era muito negativo. Eu sempre fui muito fechada e o meu sorriso não se abria assim à primeira. Mas depois de ser mãe, fiquei um bocadinho mais mole. Ah, e tenho pessoal que é engraçado porque eles ... alinho em tudo, mesmo já mãe, alinho em tudo. E vamos a todo o lado e fazemos tudo e bora lá. A minha filha já foi à discoteca, a primeira vez tinha cinco meses dentro da minha barriga. Estive lá meia hora e vim embora. É assim, a gente não pode falar das coisas sem passar por elas e isso é um ponto assente para mim. Portanto, eu não vou dizer a uma grávida “Não vás à discoteca”, quer dizer é de senso comum que não é muito aconselhável. Mas e porquê? Porque o bebé fica mais excitado ainda do que tu beberes três cafés. Aquilo é terrível, não para. E é como se ela estivesse a dançar dentro da barriga porque o líquido está a trepidar e ali é igual. E eu tive lá meia hora, não aguentei e ela não parou a noite inteira. Mas eu sou muito ... por isso é que eu digo que sou uma granda maluca, porque não gosto de falar das coisas sem passar por elas e quando não passo por elas dou a minha opinião por fora. Mas quando passo por elas, posso falar à vontade. E os outros acham engraçado porque já como é sempre aquele estereótipo de que a mãe não faz essas coisas e que quem tem filhos é muito mais quietinho. Mas não ... então os amigos do meu marido, têm uma ideia qualquer de fazer

qualquer coisa e ir não sei para onde e está tudo preocupado porque têm que perguntar às namoradas mas à Maria não vale a pena porque a Maria vai a todas (risos). A Maria é uma granda maluca e então é sempre assim, brincalhona sempre.

I: Vamos agora passar para o percurso profissional. Pode descrever-me um pouco o seu percurso profissional?

E5: O meu primeiro emprego foi aos dezoito anos e durante sete anos numa loja de venda de tabaco, de peluches, postais e de brinquedos lá no Fórum.

I: Sentiu dificuldade em alguma tarefa relacionada com o seu primeiro emprego?

E5: Ah, inicialmente sim, porque apesar de não parecer eu sou muito tímida, não gosto muito de ... e detesto que se metam comigo. E sabes que o atendimento ao público, atrás de um balcão é complicado porque atendemos muita gente do sexo masculino e então ... mas depois, facilmente, comecei a criar tipo uma capa. Quando entrava ali era eu, mas não era eu. E rapidamente me adaptei facilmente.

I: Ok. E atualmente qual é a tua situação profissional?

E5: Estou a trabalhar numa loja que nunca pensei estar a trabalhar que é roupa. Eu sempre detestei trabalhar com roupa. Ah, mas pronto. E estou mais ou menos satisfeita.

I: Tirou ou frequentou formações, como por exemplo atendimento ao público?

E5: Para mim um bom vendedor tem que ter muita lata e tem que saber enganar o outro e eu não sei. Eu não sei, eu nunca fui assim. Atualmente estou numa loja de roupa e a minha patroa diz “Tem que vender”. Sim, tenho que vender mas aparece-me uma senhora super forte em que o vestido que quer lhe fica super mal, eu não sou capaz de lhe dizer “Tá linda, fica magnífica”. Não vou dizer, mas tento lhe mostrar se calhar um outro porque acho que aquele modelo pode ser que lhe fique melhor. Um bom vendedor até a mãe vende. Atualmente é assim. Os vendedores de carros, eu tenho sempre o pé atrás, o meu marido até se farta de rir porque eu dou-lhes cabo da cabeça porque eu sou vendedora mas não sou boa vendedora. Porque se eu fosse boa vendedora, cada pessoa que metesse o pé dentro da loja, eu conseguia-lhe vender uma peça. Porque há mil e uma maneira de tu (imperceptível) uma pessoa, estás a perceber? Eu não sou assim, eu não sou capaz porque é assim, para já eu não gosto que me enganem a mim. E tenho essa noção quando meto o pé dentro de uma loja e começam de volta de mim e acabou-se ali. Isso é um dos aspetos. Depois é, tu estares a vender um produto, para já tens que acreditar nele, é a primeira. E depois mesmo acreditando assim, mais ou menos, eu não sou capaz de dizer a uma pessoa que tá lindérrima quando no fundo a pessoa está mal. E, às vezes, perco de vender por isso mesmo, mas é a minha maneira de ser. E eu não consigo mudar. Só se for para um curso de lavagem cerebral onde me digam lá que tem que ser, tem que ser. E por ser honesta, é que me torna numa má vendedora. A minha loja, por exemplo, é de atendimento personalizado e então a partir do momento em que

a cliente entra dentro da loja, tu tens que pegar nela como carrapato e se precisa de ajuda e não sei quê...

I: Passando a um outro bloco de questões. Como era a sua rotina antes de frequentar o RVCC?

E5: É tudo igual, o meu trabalho ocupa-me a maior parte do dia. Levanto-me cedo, tenho que despachar a minha filha, leva-la à escola, vou trabalhar, tenho uma hora de almoço que ocupo a comer e depois a tomar um cafezito e tal... dar uma voltinha na baixa. E vou trabalhar na parte da tarde. Saio do trabalho vou buscar a minha filha, dou-lhe banho, jantar e cama. Depois é fazer as coisas de casa. É só aos fins de semana é que consigo aproveitar o domingo que é o dia que tenho folga.

I: Quais foram os motivos que lhe levaram a inscrever-se no CNO?

E5: Tenho que acabar o décimo segundo ano porque, hoje em dia, até para varrer as ruas eles pedem o 12º ano. É impossível e eu já perdi bons trabalhos que me disseram na cara “Tens um bom *curriculum*, nós gostamos de ti, tens uma boa imagem, gostávamos que tivesses a experiência que tens, mas eu não posso admitir ninguém sem o 12º ano”. É por isso.

I: Pois. E já tinha algum conhecimento do processo de RVCC? Ou alguém conhecido que já tivesse feito o processo?

E5: Sim, tinha alguém conhecido que já tivesse feito o processo mas num sítio diferente. E o processo era completamente diferente do meu. Porque este exigiram-me muitos trabalhos e estão a exigir aqueles trabalhos todos e à outra pessoa que eu conheço não. Fez uma autobiografia muito mais detalhada, fez dois trabalhos e já está. [Depende do CNO...] é, isso é ali do outro... Mas eu entrei no RVCC, sem saber bem o que era, sabia que era um trabalho para acabar o 12º ano. E se queres que te seja sincera ainda não sei muito bem. Sei que é uma mão cheia de trabalhos para terminar o 12º ano. E pronto, o que me interessa é terminar.

I: E, por curiosidade, nunca colocou a hipótese de regressar à escola e terminar as disciplinas que lhe faltavam terminar?

E5: Ah, coloquei mas na altura que fui à escola para saber disso, já não era possível fazer isso. E teria que fazer os exames de admissão ou de equivalência à frequência e a matéria já tinha mudado *bué*, os livros já tinham mudado *bué* e não ia estar a comprar livros e não ia estar a gastar dinheiro em fotocópias, não estava em situação disso. E... mudando a matéria, eu tinha que recorrer a alguém ou a uma explicadora para me interiorizar a matéria porque até certa altura eles deixavam haver alunos assistentes e depois no liceu, eles cortaram com os alunos assistentes. E eu deixei-me ficar, porque não estar a inscrever-me nos exames e chegar lá e fazer aquilo que sabia e depois não ter o resto da matéria para fazer porque eles andam sempre a mudar.

I: E expectativas em relação ao processo, o que pensavas que ia ser?

E5: Ah, nunca tive assim umas expectativas assim ... mas pensei que fosse um bocadinho mais fácil, não pensei que tivesse tanto trabalho, tanta pesquisa, ...

I: Sentiu dificuldades até agora?

E5: Sentir dificuldades? Pois eu estou a sentir dificuldades nos dois últimos trabalhos. Para mim, estão a dar-me cabo da vida. Porque os outros até fiz bem e até com muita pesquisa. Agora estes dois, apesar de saber os conceitos e de perceber, que é o da União Europeia e o do ADN. Mas o do ADN, se começar a escrever escrevo. Agora a formadora que nos deu, vai ao coisinho mais pequenino até o coisinho maior. E eu isso tenho pesquisado, há muita coisa. Eu não sei se estiveste presente, mas nessa aula que a formadora deu, fui praticamente eu que lhe dei os nomes das coisas quando ela perguntava. Venho de ciências e eu tenho essas bases. Agora ao fim de não sei quantos anos de não pegar naquilo e começar a mexer em tudo outra vez, tenho que ir pesquisar. Fui buscar o livro de ciências à do meu pai, só que é muito trabalhoso, porque tu começa a falar disto e não consegues passar para o outro sem falar dos outros todos. É muito complicado e por isso é que vou ter com a profissional porque não me apetece nada estar a fazer um trabalho super elaborado porque já vou em não sei quantas páginas e ainda vou em metade daquilo que ela quer... e chegar lá e ela ainda me trazer mais comentários para desenvolver e isso para mim é mentira. Eu não sei se mandei para ti a autobiografia corrigida?

I: Não, só me enviou a primeira versão.

E5: Pois, é que a corrigida é uma das coisas que eu era para dizer à profissional, mas ainda não falei com ela que pedem uma autobiografia e pedem trabalhos à parte e depois vão corrigir a autobiografia. Quer dizer, é uma coisa nossa e vão corrigir. Eu não acho muita lógica, mas ok. Tudo bem... dá para encaixar, mas nem todos os trabalhos. E depois como nem todos encaixam, ah corrigem a autobiografia e vá de acrescentar coisas. E a pessoa fica azul, mas pronto.

I: Como descreve ou caracteriza a sua relação com a equipa do CNO, profissional, formadoras?

E5: Eu já conhecia a profissional porque a minha mãe esteve num processo com ela por causa de uma coisa de informática, um curso qualquer de informática. Ah e sempre me dei bem com ela. E tenho uma boa relação com ela. Com os restantes formadores, não os conheço. Não os conheço. Eu se passar por eles na rua, infelizmente, não conheço. Não chega a uma hora e meia porque aquilo é pouco tempo e fui muito rápido. Não, não fiquei assim com ...

I: Ah, aspetos positivos e negativos do processo, consegue identificar?

E5: Um aspeto positivo é uma pessoa terminar o objetivo dela, ou 9º ou o 12º ano, o que for. Isso para mim, é um aspetos mais positivos que há. Ah, negativo, o primeiro logo é estarem a acabar com isto. Pronto. Ah, e depois é essa situação que é: eu acho a meu ver, que o formador quando chega ali fala daquilo que a gente tem que fazer para entregar o trabalho, mas se chegasse e dissesse “Vamos fazer um trabalho elaborado com isto, e isto, e isto... nesta parte assim, assim, vão ter que desenvolver isto e isto”. Não. Eles chegaram ali e disseram que era um trabalho sobre isto, “lembram-se do ADN? O ADN é constituído por não sei quê ... vocês têm que falar sobre isto. Lembram-se de não sei quê? Vocês têm que falar sobre isso”. É têm que falar sobre isto. Temos que falar sobre tudo que, isto é o meu ver por fora, porque se me tivessem dito a mim que têm que fazer os trabalhos elaborados, o mais elaborado possível, o mais completo possível. Eu tinha entregado os meus trabalhos quase todos elaborados, tanto que a minha autobiografia a profissional até disse que foi das que teve mais pontuação. Porque fiz, é para fazer, para contar, vamos lá contar tudo como deve ser. É para fazer, é para fazer. Mas agora quando me pedem um trabalho sobre a emigração e me dão os tópicos, eu falo sobre os tópicos. Tento fazer um texto com sentido, né? Como me ensinaram, com princípio, meio e fim. Mas sobre aqueles tópicos e depois vem-me a correção do trabalho com uma mão cheia de coisas para desenvolver e acrescentar. Acho que, para mim, é uma das coisas negativas é que se tínhamos aquelas horas planeadas para ter as sessões, independentemente do que fosse, fazíamos as sessões naquelas horas. E tinham-nos dito que era para ser tudo elaborado, tudo completo, tudo assim, tudo assim. Eh pá, é uma grelha de trabalho, é uma grelha de trabalho. Não se pode pular coisas. Porque depois receberes os trabalhos de volta com muitos comentários para desenvolver, tu ficas assim tipo “Atão?”. Para mim, é o mais complicado. Eu gosto de fazer as coisas bem-feitas, gosto de fazer as coisas certas e bem-feitas, sou muito minuciosa nas minhas coisas. Mas, quando à partida, não me pedem que seja uma coisa muito elaborada. “É uma coisa fácil e tal...” a gente faz uma coisa fácil. Só que depois quando voltam as coisas para trás e vem uma mão cheia de comentários, eu detesto isso. Não gosto, não gosto de correções das minhas coisas assim. Mas pronto.

I: Seguindo aqui a tua opinião sobre o processo, qual é a tua opinião sobre a metodologia da história de vida...

E5: Para já, acho bem ter que escrever sobre a minha vida porque os formadores têm que conhecer um bocadinho as pessoas e cada pessoa vive as suas coisas da sua maneira e tem o conhecimento das coisas de uma maneira. Ninguém conhece tudo da mesma maneira. Ninguém pensa da mesma maneira. Cada um tem a sua maneira de ser e cada um tem que ser respeitado por isso. Se transmitirmos um bocadinho do que somos e como é a nossa maneira de viver, é mais fácil também perceber o porquê dele falar disto ou daquilo daquela maneira. E acho que isso é importante.

I: Acha que está de acordo com as tuas expetativas?

E5: Hum... inicialmente pensei que ia ser mais fácil. Isso, sem dúvida.

I: Considera esta iniciativa importante no seu dia-a-dia? Sente-se melhor?

E5: Vou-me sentir melhor quando o terminar. Não melhorou muito o meu dia-a-dia porque faz-me ficar acordada até mais tarde a fazer os trabalhos (risos). Agora, acho que vou ficar bem mais satisfeita quando o terminar. Não é? Acho que isso é, para todos, um bocadinho essencial. Agora melhorar o meu dia-a-dia, hum... os trabalhos que nós estamos a fazer, a maior parte deles o essencial é conhecimento de carácter geral. Claro que estamos a aprofundar e vamos bater outra vez na mesma tecla que eu sempre bati na escola, há coisas que aprofundadas para uma pessoa que, eu falo por mim, uma pessoa que sai de casa para o trabalho e do trabalho vem para casa e tem uma filha e não sei quê, há coisas que eh pá, já foi o tempo de eu aprender. Agora não, mas pronto, faz parte do trabalho para a coisa se desenvolver. Tudo bem, ninguém está em desacordo com isso. Mas que me dê assim alguma coisa mais não.

I: Existem, na sua opinião, aspetos a melhorar? Já apontou alguns, por exemplo, a exigência nos trabalhos. E quanto aos horários?

E5: Os horários, para mim, são bons porque tem que ser pós-laboral. Tem que ser, não há hipótese, a gente não tem hipótese. Acho que a gente tem que ser acompanhados um bocadinho mais. Não devia de ser só aquelas poucas sessões que a gente tivemos só dos formadores e depois deixa andar. Porque depois as pessoas desleixam-se, “não faço hoje, logo faço amanhã”. Mas se amanhã eu lá tiver que lá estar para mostrar alguma coisa, já faço hoje. Temos sempre mais qualquer coisa para fazer, nem que seja a roupa para passar, a loiça para lavar do que sentar em frente ao computador e estar ali a martelar o que é que vou escrever. Por isso, não.

I: E quanto a mudanças, de uma forma geral, na sua vida. Consegue identificar?

E5: De estar no processo, não. É o que eu te digo, sou um bocadinho terra-a-terra, pode haver um bocadinho de mudança depois de terminar o processo. Porque falar agora que ainda estou no processo e escrever em qualquer parte que ainda estou a terminar o 12º ano, não me faz diferença nenhuma. E se escreveres que tens o 12º ano, faz-te diferença. Por isso, não vou estar a dizer “aí, sim, sim, faz toda a diferença”. Agora não me faz diferença nenhuma.

I: E, por exemplo, conseguiu ter mais facilidade ao fazer os trabalhos do processo RVCC porque já tinha mais experiência profissional...

E5: Ah, sim, sim em termos disso, sim. E o contacto com as outras pessoas sim e também de estar a escrever coisas dos meus conhecimentos gerais sim. Já tenho algum arcaboijo, como se costuma dizer, fez-se mais fácil. Isso sim...

I: De uma forma geral, acha que adquiriu alguma competência até agora?

E5: Adquirir só se for no relembrar das coisas ou no pesquisar ou no aprofundar nesse tipo de situações. Porque ... e estou a adquirir uma competência brutal porque o meu computador não tem correção ortográfica e eu estou ali a trabalhar... (risos). Não sou muito de dar erros, mas, de vez em quando, solto um. E até acho bem o meu computador não ter correção ortográfica, porque assim a gente aprende como deve ser. E agora com esta coisa do novo acordo ortográfico, eu sou completamente contra. E continuo a escrever como aprendi. Devia haver um papel como há pros médicos e enfermeiros que são (imperceptível) de consciência, ou seja, quando eles não concordam com alguma coisa e não o fazem. E aqui devia ser igual. Eu não apanhei nas mãos, porque a minha professora não era de bater mas quando eu dizia “o não sei quê ter matado o não sei das contas ...”. Aí Jesus, a professora até mandava saltos dentro da sala.

I: E, por exemplo, costuma ler revistas?

E5: Não, detesto revistas cor-de-rosa. Não há mais nada à venda nas bancas, sem ser revistas a contar a vida dos outros. E a única coisa que posso, eventualmente, ler é agora pelo computador as notícias que estão na internet. Costumo ler as notícias normais, costumo ler para ... como não tenho muito tempo para ver televisão e como não tenho televisão no trabalho. Vou lá todos os dias e, geralmente as notícias, isso dou alguma importância. Agora de resto, não tenho assim, muito mais para ler. Gosto de me manter minimamente informada do que se está a passar ...

I: E, por exemplo, alguma vez sentiu dificuldades ao nível da leitura?

E5: Não.

I: E quanto à escrita? Como ainda há pouco referiu, que às vezes dá erros...

E5: Eu aprendi em pequenina que quando tens uma dúvida, escreves ao lado a palavra das duas maneiras que te parece ser mais certa e acabo sempre por acertar na que está certa. Porque ao olhar, faz-me mais lógica. Ah, pronto, é aquelas coisas que, às vezes, a gente nem sabe explicar.

I: Depois de terminar o processo, o que pretende fazer a seguir?

E5: Ah, eu continuo ainda com dúvidas se este processo dá para entrar na universidade.

[A investigadora explica o processo Maiores de 23 e se oferece para ajudá-la caso esteja interessada a ingressar na universidade]

E5: Pois, eu é assim. Isto não está fácil para ninguém porque as propinas são caríssimas e eu tenho uma filha que vai agora para a primeira classe. E sei que terei que começar a desembolsar e cai tudo sobre as nossas costas lá em casa. E não é mentira nenhuma que é um sonho que eu gostava de tirar um dos dois cursos, ou Veterinária ou Psicologia. Mas, é uma coisa que eu tenho que pensar muito bem... se faço isso, se inverte por algum curso profissional que me dê algumas capacidades superiores do que ter o 12º

ano. Um papel, um certificado, qualquer coisa que ... mas acho que isso quando terminar, o que fazer, o que está a acontecer no momento, mas eu gostava de continuar a fazer qualquer coisa.

I: E em termos de projetos futuros ou ambições?

E5: Quero ter outro filho a curto prazo, já se possível. Já tinha sido para ontem, já (risos). Eu fiz uma barriga, parecia gémeos e aos três meses, tinha uma barriga de seis. O médico pensava que estava escondido um bebé atrás da minha filha. É verdade. Ah, não enjoei uma única vez, comi tudo... a única coisa de mal, foi que engordei catorze quilos. Passei de um trinta e seis para um quarenta e dois. Mas depois também se perdeu. Adorei estar grávida, foi uma experiência brutal. Adorei. E isso é uma das coisas que quero já, mais sincera, é impossível. E depois, é para mim, o que eu estou farta de dizer é terminar este processo. E a partir do dia em que a profissional diga assim “Já foste a júri e vamos-te entregar o papel que já tens o 12º ano”, é procurar, procurar e procurar. Porque onde estou, neste momento, é horrível. Sinto que estou a ser, injustamente, mal paga porque quem tem a responsabilidade de correio, sou eu... sou praticamente uma gerente, sem o título e a ganhar o mesmo. Se tiver que fazer horas a mais, sou eu que faço, nunca me neguei a nada. E acho que sou completamente mal tratada e mal paga por aquilo que faço ...

I: E viagens?

E5: Fazer até fazia, mas isto agora não está para viagens (risos).

I: E ambições futuras?

E5: É ver a minha filha crescer com saúde e escolinha e tudo bem.

I: E como se imagina daqui a cinco anos?

E5: Eh pá, com uma rabanada de filhos (risos). Como é que me imagino daqui a cinco anos? Eh pá, daqui a cinco anos já a minha filha tem dez. Eh pá, já tou velha (risos). Imagino-me mais sossegada mais financeiramente como tudo quietinho, tudo bem...

I: Muito bem. Não sei se quer acrescentar mais alguma informação. Eu ainda tenciono entrevista-la depois de terminar o processo.

E5: Sim, a entrevistadora é muito simpática (risos). Não, é engraçado estares a fazer esta investigação porque acabamos por sentir que, as pessoas que estão a acabar este processo e que era bom que continuasse. Eu também não concordo com aquelas pessoas ainda novinhas, com dezasseis ou dezassete anos que querem enveredar por aqui porque não têm paciência para estar nas aulas. Mas acredito que a partir de uma determinada faixa etária as pessoas por terem começado a trabalhar, por terem filhos, por isto e aquilo, tiveram que deixar a escola. E é bom vocês darem um bocadinho de atenção a isto, pode ser que acabem por chamar à atenção de que não é bom terminar este processo.

I: Muito obrigada. Boa sorte para a conclusão do processo. Eu depois entro em contacto consigo.

E5: De nada. Ok, fica combinado.

Fim da gravação.

Transcrição da Entrevista à Profissional de RVC

Sujeito 6

Data da realização: 22 de Janeiro de 2013

Local de realização da Entrevista: Escola Superior de Educação e Comunicação (ESEC) da Universidade do Algarve

Duração: 1 hora e 30 minutos

Hora: 11 horas

Investigadora: Bom dia, antes de mais, queria agradecer a sua disponibilidade e a colaboração nesta investigação. Quais eram as tuas funções no CNO?

Entrevistada 6: Então vá... Eu era profissional de reconhecimento de competências. Queres que eu te descreva um bocadinho? Acompanhava os adultos, quer do nível básico, quer do nível secundário, desde do momento em que eles eram encaminhados para o processo de RVCC, não é, depois da parte do diagnóstico... Acompanhava durante as sessões e depois na construção do portefólio, propriamente dito. Agora também dava uma perninha na formação, também ajudava a traduzir, a fazê-los compreender o referencial, aquilo que é pedido, também dava uma perninha no diagnóstico, fizemos muitas vezes, eu e outra Profissional de RVC fazíamos muitos diagnósticos!

I: Ah, não era só, neste caso, a Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento?

E6: Depois foi a Filipa, agora no fim, mas a gente... nós ajudávamos imenso! Havia uma sessão à noite em Faro elas, para não virem de Loulé, para não “coiso”, com a família fazíamos nós... Estávamos muito por dentro do trabalho da técnica de diagnóstico.

I: Hum, hum, ou seja, conheciam os adultos logo do início, no diagnóstico muitas das vezes?!

E6: Sim... Muitas vezes sim.

I: Quais eram os aspetos positivos e negativos que destacavas do processo? O que consideravas positivo e negativo?

E6: Oh! Eu gostei do processo em si. Acho que é uma coisa útil, nunca senti que estivesse a trabalhar numa coisa que não fizesse sentido percebes Catarina?! Tipo estar a trabalhar num projeto... tu, às vezes, há aqueles projetizinhos pequeninos que são as intervenções pontuais junto de uma comunidade e que tu sabes que aquilo só dura dois anos e depois acabou e depois aquilo fica tudo ao abandono! Não mexe muito e tu vês que estão ali a gastar dinheiro que se não há continuidade não faz sentido, não é? E eu já

acompanhei essas experiências e lembro-me que senti um bocado disso e aqui no processo de RVCC não, sentia que não que as pessoas crescem, as pessoas valorizam-se, as pessoas saem dali com uma melhor autoestima, são a maior parte das pessoas são pessoas que se zangaram com a escola, que... que de alguma forma não puderam continuar, muitas delas com muita mágoa e o facto de terem ali o diploma, não é? Muda muito e as pessoas sentem-se bem. Alguns aspetos do referencial, sobretudo do referencial do nível secundário que não concordava. Acho, por exemplo, literacia o referencial não pedia livros lidos, não é? Só havia uma partezinha ali pequena de cultura, língua e comunicação em que pedia a diferença entre os textos literários e não literários, ou para ir buscar a diferença entre o conceito de cidades e serras ou o urbano e o rural em livros. E, às vezes, pedia, o referencial tinha algumas partes... ou, por exemplo, interpretar vários tipos de textos, não é? Tipos de textos com várias finalidades, uns jornalísticos, uns de publicidade sobre uma temática, por exemplo, dos idosos também. Mas não era, não é um referencial que se uma pessoa tivesse algum conhecimento de música, de pintura que pudesse explorar um bocadinho disso... não! O referencial era mais... era mais a comunicação, os meios de comunicação, as TIC, as TIC, os telemóveis, os computadores...

I: Tanto que os adultos só falam das TIC's...

E6: É... Havia ali dois núcleos que cruzavam muito que eram equipamentos e sistemas técnicos, manuais e aparelhos e não se quê, depois o das TIC's mesmo...

I: Ou então a construção das casas. Como é que eram as casas antes e como é que eram as casas depois e parece que ao ler as autobiografias está ali tudo à volta disso. Dos equipamentos domésticos, dos telemóveis, dos computadores e das casas. Mais que isso...

E6: Mas isso... Havia outras partes a explorar invés das construções das casas, só que dentro daquele núcleo que era o urbanismo e mobilidade, era se calhar mais fácil para as pessoas irem... fazer uma análise histórica sobre a evolução das casas do que ir pesquisar na literatura diferenças, pequenos textos, onde, onde... sobressaem as diferenças entre o rural e o urbano, que eu lembro-me que até no tempo do José... O José aconselhava-os a ler aquele livro da Cidades e das Serras do Eça de Queirós, porque era o livro que ele conhecia que tinha mais essa... Era um incentivo! Só que isso... quem a maior parte das pessoas quem é que está para ler o Eça de Queirós que.. Que é difícil e...

I: Sim e ainda por cima que notasse que a leitura não é “corrente”, no dia-a-dia deles. Lê pouco, lê mas é pouco! Ou então, por exemplo, o João dizia que lia aqueles livros das trilogias do Senhor dos Anéis!

E6: Ah sim! De ficção científica, coisas mais atuais, mais modernas, coisas muito mais... E de interesse deles! Sim, sim! No básico, nós pedíamos mais literacia. Sim porque nós, eu pelo menos dizia sempre... E dizíamos todas não é! Às vezes, para o fim

não é, isto... para o fim a gente já facilitava e já dava um livro dos nossos e tudo, mas a ideia era ninguém fazer o 9º ano sem ter lido um livro! Porque na escola quando se chega ao 9º ano já se leu alguns livros e ali ler um livro nem faz parte da escola, é uma coisa que tem que vir com as pessoas, uma pessoa tem que ter o 9.º ano pá... Dizíamos mesmo “ não vão fazer o 9.º ano sem pelo menos ter lido um livro ou uma obra literária qualquer à vossa escolha, pode ser o Senhor do Anéis, pode ser o que quiserem mas que tenham lido mesmo um livro!” Fazer esse esforço, ninguém perde nada com isso. E os aspetos negativos eram um bocado esses e as metas, porque as metas... É bom trabalhar por metas. A gente sabe o que é que tem de fazer, incentiva... É a cenourinha à frente do burro. Só que, se não houvesse metas se calhar muita gente que a gente puxava para certificar não eram certificadas. A gente não puxava tanto, tinha tinha, não tinha não tinha. Agora com a carga toda de ver o centro em risco, perder o projeto por causa do não cumprimento das metas, como se a gente dificultasse muito pois..

I: E a ideia que eu tenho é que os próprios adultos, quando existia muita pressão, eles eram os primeiros a abandonar.

E6: Sim, isso sim. Isso sim, quando há muita dificuldade, sim. Mas eles nunca tiveram muita noção das metas...

I: Pois não, porque vocês nunca deixaram passar!

E6: Os adultos pensavam que a gente erámos era boas pessoas! É isto Catarina! “Ah estas moças são impecáveis, não nós deixam desistir e não sei quê, não nos deixam cair.” E nós, o nosso incentivo era muito, eh pá esta pessoa até consegue fazer, até escrever bem, vamos lá puxar por ela porque a gente precisa dela para as metas! Isto é um bocado... Funcionava bem, não é? Mas houve pessoas que eu tenho consciência que certifiquei e que se calhar não... E depois a falta de alternativas também...

I: Sim! Isso também contribuiu para que ou agarravam aquelas pessoas ou então não tinham ninguém, porque elas também não tinham alternativas.

E6: Ou então e depois e elas o que é que iam fazer, não é? Ou mesmo aquelas modulares que eles tentavam não sei quê... que aquilo é muito difícil pôr uma pessoa a fazer uma validação parcial e depois ir fazer as modulares ali no Areal Gordo, entrar num EFA a meio, sair e entrar. Aquilo não funcionava muito bem, mas também se compreende porque é que não havia modulares, porque arranjar uma articulação entre todo o Algarve para arranjar uma turma depois só pra aquilo...

I: Parece que estavam a fazer assim uma seleção, uma triagem?

E6: Sim, era muito difícil. Dá-me a entender que no centro de formação profissional eles próprios corriam os adultos todos, deixavam um núcleo de fora, não validavam, para obrigar a pessoa a fazer a modular! Então havia quinze adultos que não tinham ambiente e sustentabilidade, o DR2. Eu apareceu-me lá um adulto uma vez, “fiz tudo menos este créditizinho”. E eu ah! “Então mas a equipa não facilitou isto, não é, com

base em pesquisa, deixá-lo aprender... deixá-lo aprender qualquer coisa pelos seus próprios meios para depois vir resolver aquilo que o referencial pede. Não, não, não. Mandaram-me para uma formação não sei quê, que vai haver...” Eu depois percebi que precisavam de pessoas para aquela formação, aquele até não tinha nenhum... Acho que aquilo era a nível profissional... não tinha nenhuma experiência com resíduos e não sei o quê a nível profissional e tão! Não se certifica. Pois isto chega assim, mas se nós também tivéssemos modulares na In Loco se calhar também tínhamos de fazer a mesma coisa.

I: Porque era uma maneira de justificar a existência ou a necessidade daquela modular na instituição...

E6: Pois, pois porque as modulares são mais úteis para as entidades do que para os adultos. Porque é uma forma de garantir trabalho para aquelas pessoas e para dar financiamento. Exato! É um bocado assim não é, não é? Quantos adultos é que não passaram por aí que só por causa de um núcleo! Ópa... Ter quarenta e dois créditos, faltam dois não! Nós não fazíamos isso!

I: É por isso que eles dizem “há centros e centros” e conhecem pessoas de outros centros que é tudo muito mais simples ou então que é tudo mais complicado. Eles não conseguem colocar ali um meio-termo. É mais simples ou mais complicado.

E6: Sim.

I: Sentiste dificuldades no desempenho das tuas funções enquanto profissional de RVC?

E6: Senti as dificuldades relacionadas com a falta de pagamento e os atrasos e isso cansa um bocado. Desmotiva muito. Eu acho que foi o mais, olho para trás e agora já estive um mês afastada e olho para trás e digo que foi mesmo o que cansou e depois uma certa rotina. Eu para o fim já dizia assim à profissional “Ai, então eu vou ter 50 anos e vou estar a arrumar PRA’s?!” Isto não passa daqui, não há... sabes?! Não há um crescer, aquilo depois estagnada um bocado. Os adultos não são sempre os mesmos! Cada vez são menos e piores.

I: Pior ainda?

E6: Sim...Sim. Mas em relação ao trabalho com os adultos não, gosto muito, gosto muito de conhecer pessoas e essas coisas mas essas dificuldades em termos de trabalhar numa associação, mas isso tem a ver ser mesmo uma associação. Nunca tive num outro centro, estive sempre naquele. E eu quando entrei, entrei ainda eram centros, os CRVCC’s e enquadrei-me logo naquilo, encaixei logo, gostei logo muito e dizia todos os dias “eu fui abençoada para ter vinda parar a este projeto. Isto é demais, é demais, isto é demais!”. Era só o básico, praticamente só trabalhávamos o B3. Depois fazíamos grupinhos em entidades, no hospital, em Albufeira.

I: Com a Cruz Vermelha?

E6: Isso já foi depois mais tarde sim, mas logo no início era só... Nós é que fazíamos a entrevista, então ai não havia cá grandes diagnósticos, as pessoas inscreviam-se, fazíamos uma entrevista... processo. O referencial era o mesmo, os dossiês se calhar até eram mais pessoais. Depois fomo-nos desligando de toda aquela parte da documentação. Eu lembro-me que a gente pedia sempre capas de revistas... fotocópias de livros que tinham lido... fotocópias das formações todas... no 9.º ano! A gente agora no fim já...

I: Não me lembro disso...

E6: Não viste já. As pessoas punham tudo em micazinhas, eram uns dossiês assim. Em relação à matemática pedia-se era muito menos também. Depois uma colega agarrou no referencial, começa a pedir, a pedir, a pedir, a pedir. Aumentou imenso sim.

I: A matemática era complicada para eles. Aliás é a disciplina que os quatros dizem que era a disciplina que menos gostavam quando andavam na escola.

E6: É, é. E eu vi dossiês, por exemplo, da escola hoteleira e não pediam tanta matemática como os nossos e do IEFP também. Nós apanhamos um senhor agora aqui no fim, que tinha um dossiê do IEFP e ele queria fazer o 9.º ano e ele disse assim “Olhe eu só me faltava ir a júri” e nós olhamos para aquele dossiê, estivemos a ler e faltava montes de atividades para nós. Os textos de opinião não pediam quase nada. Pedem outras coisas. São se calhar mais... Fazem o RVCC diferente, veem o currículo da pessoa, veem as formações que a pessoa fez e ele realmente fez muitas. E isso é suficiente para reconhecer ali que a pessoa está ao nível. Pedem um texto de opinião. Nós pedíamos cinco e pronto. Mas em termos de dossiê em si, o dossiê está enorme! Evidências de TIC tinham imensas, tinha ali os certificados todos, a minha fotografia, o não sei quê. Tinha montes, montes de evidências. Nós falhávamos um bocado nisso, nas evidências. Só no que liam, mas provas assim, fora fotografias e documentos e isso nunca, nós nunca pedíamos isso.

I: A metodologia, a questão de ser história de vida. Achas que é adequada ao processo, aos adultos?

E6: Eu acho que sim, mas é muito difícil, é muito difícil conseguir que eles façam e isso era o ideal, era o que a gente queria mesmo no início. Conseguir que eles fossem escrevendo a história de vida e depois pelo meio nós encontrarmos os indícios para depois responder ao referencial. E isso era muito difícil, “como é que eu hei de pôr isto aqui, como é que hei de escrever isto aqui, como é que eu passo de um assunto para o outro, como é que eu agora não sei quê”. Então, muitas vezes, fazia por capítulos, era mais fácil para os adultos!

I: Mas eles também diziam que era difícil, que escreviam a história de vida deles e depois o problema consistia em encaixar. E daí andarem sempre a pedir a tua

ajuda, o teu apoio, porque não conseguiam fazer a ligação da história de vida deles com o referencial.

E6: Pois! Porque depois começa ali o desenrolar todo porque o referencial em si, depois quando pede a descrição científica de um equipamento, “o micro-ondas é assim, assim, assim, assim, assim! Então depois voltando à minha vida...”. Não, é que... hum. Então houve muitos processos que nós optamos por fazer, a pessoa escreve a história de vida, arrumou e depois, em relação aos equipamentos responde tudo ao referencial, em relação ao ambiente responde tudo ao referencial e pôr assim por capítulos...

I: Mas consideras que a história de vida era o ideal, fazia sentido?

E6: Sim, sim, sim. Mas é difícil, é difícil porque aquilo nunca pode ser uma abordagem mesmo autobiográfica porque acho que a abordagem autobiográfica é um bocado livre, não é?

I: Sim e nós, por exemplo, nós lidamos com...voltando aos equipamentos, nós lidamos com os equipamentos, mas nós não utilizamos no dia-a-dia a descodificação do que é que o material X é feito, pra quê é que funciona...

E6: Nem pensamos muito sobre isso, e não é isso que vamos valorizar na nossa vida, na nossa história de vida, então aquilo era muito condicionado, tinha que ser muito condicionado e ao condicionar as coisas pronto olha perde um bocadinho o sentido e faz de conta que. Mas houve histórias de vida, por exemplo, o tema das migrações, podia entrar junto no início logo, por causa dos pais, podia entrar mais à frente porque a pessoa emigrou. Só que depois falar da importância da história da língua portuguesa e não sei quê. Aquela parte toda, pronto olha já que está a falar do tema das migrações, já agora... respondam a isto, isto, isto e isto! “E já agora fale um bocadinho da migração dos animais...” Isto não tem nada a ver com a história de vida das pessoas. E depois é assim, para fazer uma coisa mesmo, mesmo, mesmo como deve ser, porque depois mais à frente imagine que a pessoa tem um animal ou que teve num sítio que visitou e ta, ta, ta e até podia pôr essa parte da migrações dos animais noutra sítio qualquer. Só que isto significava a pessoa demorar muito mais tempo, muito mais tempo em processo, não é? Precisávamos de mais tempo de ir trabalhando, ir olhando para, para...

I: Sim para ficar uma história de vida mais, não era mais completa, mas para ficar mais organizada, e fizesse sentido.

E6: Assim mais história, não é? Mas é assim Catarina, percebe uma coisa, era muito mais fácil para nós “ah está aqui o tema das migrações...”, pedir logo ali crédito todo, do que estar a pedir um bocado do crédito ali, outro bocado do crédito ali.

I: Sim, e também mais fácil para os adultos?

E6: Sim, compreender... Ah! Porque também nesse processo da história de vida não se compreendia a que área é que eles estavam a responder, a que eles nunca mesmo

naqueles dos capítulos, eles sabiam que era distinguir a cultura, língua e comunicação, a sociedade, tecnologia e ciência da cidadania sim, mas entre a sociedade, tecnologia e ciência e a cultura, língua e comunicação nunca. Era igual. E se tu pedisses para eles ainda distinguirem entre as dimensões, está é a parte da cultura, está é a parte da língua... esquece! Eles nunca souberam bem e a gente facilitava um bocado nisso não é? Mas não dava então era explicar “olhe isto é para cultura”. Não.

I: Mesmo quando eles estavam a dizer que estavam a fazer os trabalhos eles não conseguiam identificar bem qual era a área ou o tema...

E6: Sim, sim, sim, sim. E na história de vida, se fizéssemos mesmo essa abordagem de história de vida, que eu tentei, ainda fiz alguns grupos assim... Não, não. É que nós nem dizíamos, nem valia a pena estar a complicar por ai.

I: Se calhar é por isso que complicavam, porque eles só falavam que tinham que fazer muitos trabalhos e não sabiam o quê em cada trabalho.

E6: Sim e nunca sabiam quando é que ia acabar... Porque na escola tu sabes que começa o ano, vais ter o teste no final do período... Ali eles perdem a noção porque não têm nenhum mapa, não têm nenhum pedido do início... A folha de crédito e não sei quê. Não têm nada para mapear. “Falta isto, você tem de fazer isto, isto e isto, isto está feito, falta estes...”. Tanto que eles vinham, então a Helena vinha ao pé “Isto nunca mais acaba? Ainda mais Luísa, ainda mais?” Tinham sempre medo de haver mais para fazer ou porque ainda não estava completo... e depois íamos pedir mais um bocadinho, mais um bocadinho, mais um bocadinho e sempre ali na história de vida. Havia ali uma parte que eles estavam saturados! Sim, é. A Helena depois parou um bocado na parte da cidadania e o João também. A parte da cidadania, porque o formador de cidadania pede ali mesmo os exemplos concretos. E para eles basta dizer “Então se eu digo aqui que atendo a clientes e que às vezes alguns são mal-educados e que a pessoa e que eu soube resolver as situações então eu não estou a dizer que sou assertivo?! Que sei resolver imprevistos a nível profissional?” E ele “não! Conte uma situação em concreto! Tem de contar uma história “No dia tal aconteceu isto assim, assim, assim...” E isto para as pessoas é um bocadinho mau... Tentarem-se lembrar, mas só assim é que o formador ia considerar o crédito. A evidência mesmo ali! Pronto o dia e o facto era para... Já eu a exagerar para eles tentarem ver o que é que ele queria, que ele queria mesmo uma história em concreto e não a gente falar da forma geral. “Eu falei, eu falo muito bem inglês ... houve um dia em que apareceu uma pessoa inglesa e que me disse isto, isto, isto e isto e eu respondi tá, tá, tá, tá, ta...”. Se eles não pusessem isto assim mesmo com o exemplo tal concreto pronto. Então havia muitos que andavam ali à roda, como a formadora de cidadania dizia...

I: E uns a falar com os outros: “ o que é que tu fizeste?”.

E6: Sim.

I: Eu gostei dos adultos nesse sentido de serem unidos. Notava-se que eles falavam muito do que é que tinham feito e do que é que poderiam fazer e davam ideias...

E6: Porque eles eram os quatro do mesmo grupo não era, Catarina?! E eram desse grupo de história de vida.

I: Sim, foi o grupo que eu comecei a assistir em Outubro?! Acho que foi em Outubro.

E6: E depois parou...

I: Se pudesses colocar ou propor mudanças, quais seriam?

E6: Ah! Acho que seriam mais a nível do referencial. Talvez, acrescentar ali uma parte nas artes, não é? Outro tipo de práticas que eles... Outras práticas que eles tivessem, que pelo menos pudessem ser aproveitadas. Não digo que seja para todos, porque é verdade que não, mas passaram por ali adulto com, com grandes conhecimentos de música.

I: Por exemplo, o João andou na música! Eu descobri em conversa, não na autobiografia dele, mas na entrevista ele disse-me que antes de ir para a Suíça que teve aulas de viola porque sempre gostou de música.

E6: Pois. Essas noções, isso, acho que é importante.

I: E acho que passa ou passou também isso para os filhos, ou já estou a exagerar. Mas acho que ele falou da questão da música, que era interessante, uma área que ele gostava, para além do futebol e isso não aparecia ali.

E6: Não! Não, nem o futebol, nem o desporto. Ah! O desporto aparece ali, quais são as práticas... sim. Então o João foi assim. O João fez o 9.º ano muito bem, eu vi que ele era um adulto, não digo que fosse brilhante, daqueles adultos assim fora de série, que não é, mas muito dedicado. Ele trabalhava muito, muito solícito, pedia para fazer as coisas, fez as coisinhas todas no computador e etc. E depois eu disse “Olhe porque é que não aproveita para tentar fazer o nível secundário!”. Acho que não foi tanto em questão de trabalho, porque para o trabalho dele, ele não precisa. É uma pessoa muito desenrascada, se for preciso arranja um *part-time* à noite, um biscate à noite e não sei quê. Não é tanto por uma questão de trabalho, mas sim porque ele até dos quatro era, se calhar, o adulto mais trabalhador, pronto. O Mário andou para lá enrolado, depois fez uma transferência da In Loco, depois foi para o Centro de Emprego e não sei quê, bom! O Mário é um bocado trapalhão, mas o Mário precisava daquilo, se calhar um bocado por mérito pessoal, para se sentir melhor com ele próprio. Porque era muito importante fazer o 12.º ano e conseguir. Com muita ajuda ali, pelo meio, que ele teve, muitas ajudas... Não é que ele seja parvo, porque o Mário é uma pessoa esperta, ele entende a empresa onde está, ele entende os problemas do mundo, entende o que se passa... Mas tem ali um ego um bocado grande e estraga um bocadinho tudo. É o pavão. E depois, se

calhar, em termos de empresa pode-lhe abrir para outras formações, em termos da *Portway*, ele é muito ligado ao socorrismo e etc.. Deixa ver se ele consegue.

I: Sim, ele falou na intenção de ir para a universidade durante as entrevistas e na autobiografia.

E6: Sim, sim, sim. Aquilo foi um processo. E depois para o fim, como nós já estávamos no fim já queríamos despachar, ao nível da exigência e em termos de organização já era diferente. A Helena acho que se calhar, também em termos profissionais, para já, não lhe vai fazer muito falta, mas era uma pessoa com muitas capacidades, eu acho. A Helena é uma miúda muito educada. É uma miúda, não é?

I: Sim, sim. Muito simpática e muito atenciosa...

E6: Sim, sim. É uma pessoa que... Eu olho para a Helena e não percebo como é que ela não fez o 12.º ano! E ela não fez por causa de ter de trabalhar, e porque quis seguir a vida dela e quis a independência! Vejo a Helena e vejo algumas amigas minhas que ficaram-se pelo 12.º ano e em termos de conversa Catarina, sabes? Em termos de postura, é igual! É igual. As pessoas que têm o 12.º ano feito na escola e olho para a Helena e... Acho que tu também deves sentir isso em relação à Helena...

I: Ela comigo foi logo da primeira pessoa, na primeira reunião que ela disse: “Catarina se precisares de ajuda.” E a partir foi sempre... aliás, eu falo com ela pelo gmail! É daquelas pessoas que “Está tudo bem contigo? Estás boa? Como é que estás?”.

E6: Sim, sim, sim. E pronto e depois tem as outras. É boa no trabalho, de certeza, para estar onde está. Saiu da *Mscar*, mas arranjou logo trabalho noutra sítio, é organizada. Não é de ficar parada e tem montes de problemas pessoais e mesmo assim... Nas coisas, nos temas do referencial fazia as pesquisas e tal..., mas não tinha dificuldade em escrever, não fazia erros.

I: Não nota-se que ela no dia-a-dia, aliás com o trabalho que teve, até à data, ela escreve sempre, tem sempre a preocupação de escrever e se está tudo bem e atualizar-se.

E6: Sim, foi uma pessoa que ali não havia necessidade de formação, não havia necessidade de nada. Ela tinha o 12.º ano dentro dela, era só uma questão de puxar.

I: Eu acho que ela tirou o 12º também para mostrar a si própria que não fez no tempo que devia ter feito porque não quis, mas que tinha todas as capacidades para o fazer agora.

E6: Sim, sim. E eu acho que ela sentiu inicialmente. Ela começou com a minha colega profissional, já há muitos anos atrás! E depois andou ali nas baldas e não sei quê, mas ela sabia que conseguia fazer isto! Era só uma questão de se dar também ali ao esforço. E se dedicar.

I: Ela dizia que era difícil chegar do trabalho, como morava sozinha, organizar-se e ir para o computador até às tantas...

E6: Sim e depois tem um namorado não sei aonde, vai passar o fim de semana. Claro que quando está de férias e não sei quê, quer é sair e aproveitar um bocadinho, não é? E como não era uma pessoa pressionada para trabalho por causa daquilo. Ou seja, ela tinha, sempre afirmaram que o curriculum dela era tão bom e ela já tinha tanta experiência, que isso era positivo, então acho que nunca teve assim aquela necessidade. Ela não, não, não. Nunca foi uma pessoa “Ai Luísa preciso deste 12.º ano”, como às vezes apanhava outras pessoas, “estou com medo de perder o trabalho!”. Ela não, ela nunca teve esses...

I: É diferente da Sofia?

E6: É, a Sofia porque a Sofia, para mim, é uma espertalhona, é uma miúda com grandes capacidades, mesmo ela própria diz que sempre foi boa aluna e é verdade. A Sofia vem de uma família de licenciados, quer dizer, a mãe dela nem é licenciada, mas é enfermeira. Então tem outro *background*, vá que a gente pode dizer assim. E a Sofia era boa aluna na escola e tudo. Acho que faltava-lhe para ai uma disciplina ou outra!

I: Duas! Era matemática...

E6: Sim, eram duas disciplinas, só que o 12.º ano dela acho que ainda é muito recente. Não pode ir para UFCD's. Tem para ai 29. Mas é porque estava a trabalhar numa loja! Trabalhou no “Chamaquito” no Fórum, tudo trabalhitos que para uma miúda daquelas ela merecia mais...depois o quê a vender roupa. Um dia mais tarde o que é que ela vai fazer à vida? E depois os pais devem ter pressionado um bocadinho: “ Ai e não estudaste, e não estudaste, e não estudaste!”.

I: Sim, porque na altura ela conta isso, que foi um grande choque para a família, a decisão dela de abandonar. E deve ter sido assim uma pressão...

E6: Sim, porque ela é uma teimosa, mas pronto. Também não foi. Foi uma pessoa que eu quase nunca acompanhei. Ela levava as coisas para fazer em casa e ela fazia tudo, tudo, tudo. É a Sofia é assim. Ela escreve bem também. O Mário e o João, destes quatro, foram os que precisaram mais acompanhamento meu e a Helena, no fim, porque ela já estava um bocado cansada e “Ai Luísa já não o que é que hei de pôr mais aqui. Tem que me ajudar!”. E pronto, compreendo que já.

I: Achas que o RVCC estava de acordo com a expectativa dos quatro adultos?

E6: Oh pá em relação ao João ele já sabia o que era, ele já ele, ele eu lembro-me que ele no fim queixava-se que os temas se repetiam um bocadinho e voltavam a pedir... E a Helena também. Se calhar pensavam que fosse talvez mais simples, que não desse que não fosse tão trabalhoso. E o Mário também. E a Sofia, eu não sei bem o que é que eles esperavam no início... simples e que chegassem ali e escrevessem uns textos. O Mário

penou, o Mário penou. O Mário penou e o Mário é uma pessoa que é muito difícil de lidar com ele! Muito difícil, porque ele depois começava ali a desbaratinar. Desbaratinou com a formadora de cidadania e depois desbaratinou com outra formadora. Era mal-educado e “porque é que me estão a pedir isto e não sei quê”... se calhar. Ele também deve trabalhar bem. Eu acredito que é responsável, chega a horas, ele gaba-se muito disso e para o Aeroporto isso chega! E depois é uma pessoa que chega ali ao Aeroporto a horas, trabalha, é para trabalhar é para trabalhar, nem que seja para mostrar que ele é capaz de pegar ali nas malas todas e não sei quê.

Oh pá dizer ao Mário que as coisas não estavam que aquilo não estava nada bem, não era nada assim. Pronto. Não é fácil e ele começava ali e depois amuava e não sei quê e não sei que mais. E eu tinha de lhe dizer “Ó Mário isto o interesse é teu ...” Precisava assim de vez em quando de o espicaçar... Mas o problema também foi no fim Catarina porque aquilo estávamos mesmo “tem que ser já! Senão não vais a júri”. E ele sozinho não ia conseguir durante aquele tempo. Porque se ele tivesse mais tempo ia fazendo ali comigo. E depois ele sabia que isto estava a acabar e já tinha acabado no outro ano e foi e foi assim. Mas pronto, se calhar para arrematar essa questão, se calhar eles não esperavam com tanto trabalho. No fundo é um bocado isto. E depois no fim ver aqueles portefólios de quase cem páginas Catarina. As pessoas até ficam parvas “como é que foi possível eu escrever tanto!” É verdade!

I: Sim, é verdade. Notava-se...

E6: “Fui fazendo, fui fazendo” e puxando e puxando epá! Não é brincadeira. Daquilo que foi e do que é que fizeram ali naquele tempo todo.

I: Sim, porque durante o processo “É só mais um trabalho, é só mais um trabalhito”, mas depois quando juntam tudo...

E6: É e quando veem com as fotografias e com isto e com aquilo.

I: Consegue descrever como é que se processava o seu trabalho com estes adultos?

E6: Sim, sim! Ah o meu trabalho, eu olha para já fartava-me de rir com o Mário, com a Helena, com a Sofia... Ela falava comigo até já sobre as coisas dela e o que se passava e não sei quê. O João também... Mesmo eu falava, olha com o João falei tantas vezes sobre os biscates. Aquilo já era assim umas relações assim de, era mais de amizade do que profissional e íamos... Ainda a gente tem que fazer o jantar! Ainda não fizemos nenhum jantar. Tenho que entrar em contacto com os adultos, mas pronto foi, o meu trabalho era ajudá-los mesmo, a perceber, porque os formadores não tinham tempo de andar a fazer acompanhamentos e eles estarem de estar à espera e o meu papel era esse.

I: Eu acho uma coisa estranha porque eles nunca falavam dos formadores...

E6: Não conheceram, aquele grupo da história de vida quase que não os conheceu. Precisavam de ajuda era a Luísa, quando tinham para falar era comigo, porque era mais

fácil. Eles para já isto era tudo pessoas que vinham à noite. Depois ter ali os três formadores para explicarem, cada um, aquelas indicações que punham no documento. Não dava. Então eu indicava, explicava logo as três! Então depois aquilo tem que se puxar por eles, e onde é que está o exemplo que aconteceu isto e isto e isto e isto. Eram conversas.

I: Antes do RVCC já conhecia estes quatro adultos?

E6: Já conhecia o Mário. E o João conheci no RVCC, a Helena conheci no RVCC e a Sofia conheci a mãe no RVCC e depois a mãe é que me apresentou a Sofia.

I: E tal facto condicionou ou favoreceu, de alguma maneira, a sua função?

E6: Oh pá condicionou um bocado com o Mário porque eu às vezes sentia-me assim “fogo” ele tratava-me por tu, eu tratava-o por tu e custava-me um bocado, às vezes, ter que o apertar, mas depois acabava por... Ah! E custava-me um bocado porque os formadores diziam: “epá mas isto aqui” “e agora como é que vou dizer ao Mário que isto está uma porcaria, mãe do céu...” custava-me um bocado não é porque já o conhecia e queria ver se... e

I: E eu acho que contigo isso nunca acontecia porque como ele te conhecia e te respeitava nas sessões contigo acalmava.

E6: Sim, sim, sim isso sim. E depois com as formadoras...

I: E isso destabilizava um bocadinho o grupo.

E6: Porque elas disseram! A Helena foi super paciente com ele.

I: Sim, a Helena é uma paz de alma.

E6: É mesmo... E o João também. O João, pronto o João nem... acho que nem o leva muito a sério. Mas pronto em relação ao João e à Helena e à Sofia não condicionou nada. Gostei, foram são. Olha eu, o Mário é que é assim muito diferente das outras três pessoas. Não quer dizer que não gostasse tanto dele como os outros todos, para mim foram os quatros iguais. Agora o Mário era uma pessoa que precisava de mais apoio. E paciência. E, às vezes, os formadores e depois essas situações de virem dizer-me a mim e eu conhecer o Mário e saber pronto “vou ter que falar com ele e não sei quê...” uma pessoa fica sempre um bocadinho constrangida mas... ele amuava, às vezes, e “olha meu amigo tem que ser”. E amuava por causa dos trabalhos e depois não aparecia mais e depois. E eu disse-lhe sempre “olha tu é que precisas, tu é que sabes.”

I: Que tipo de relação estabeleceu com estes adultos?

E6: Já está mais do que explicado, não é? E é com estes e é com todos! A Maria já tinha feito também o processo de RVCC do 9.º. O Tiago conheci-o através dos bombeiros, mas nós temos amigos em comum da adolescência. Pronto, isto Faro é muito pequeno e

eu conheço muita gente, acabo por conhecer as pessoas, e depois neste tipo de relação em que as pessoas têm que falar sobre o trabalho delas, sobre a vida delas, situações por onde passaram. E depois como são sessões individuais acabam por ser mais do que uma relação estritamente profissional.

I: Mas eu notei. Mesmo comigo, que eu simplesmente só ia assistir às sessões e quando fazia as entrevistas não havia aquele tabu ou “não vou contar isto porque faz parte da minha vida e ela não tem de saber...”, não senti nada disso.

E6: Sim! É, é, porque não há ali um interesse, não há um trabalho, não há um ordenado, não és colega deles, não és nada a eles e eles também não são nada a ti. Depois não te conhecem de lado nenhum e depois criam-se assim aquelas ligações.

I: Sim, nota-se que são bastante acessíveis e prestativos e nunca me disseram que não e sempre me ajudaram e isso foi bastante positivo, porque eu pensei “bom eles não me conhecem” mas não, não tive qualquer problema com eles.

E6: É. É a parte mais gira do RVCC, pra mim é essa. É, é.

I: Durante as sessões de grupo os adultos participavam com naturalidade?

E6: Olha, eu acho que este grupo foi um bocadinho fora de série. Há grupos que não falam tanto. Quando são as sessões das formações também sei que não há muita hipótese para eles falarem. Elas têm três sessões pra dar ali tudo o que têm para dar e tem de ser mesmo tudo a correr. Nestas sessões havia ali um bocadinho porque eu também acho que é assim, a pessoa chega ao final da noite, sai do trabalho, vai ali para uma sessão, estão ali 15 pessoas. É normal que as pessoas queiram desabafar um bocadinho e tem que se dar espaço para as pessoas conversarem. Para ver se fazem ali... Mas, não é? O espírito de grupo que se cria nas sessões de RVCC e nas de formação, não é como aqueles das formações que a gente faz aí. Não é aquele espírito de grupo, porque nós não fazemos dinâmicas, não fazemos quebra – gelos, não fazemos nada dessas coisas para apelar ao sentimento de grupo.

I: Notei que havia, por exemplo, nas sessões que eu fui, eles próprios gostavam de dar os seus exemplos e partilhar uns com os outros, respeitando sempre, mas nunca havia ali nenhum *stress*, eles gostavam de falar, gostavam de ouvir ou acrescentar alguma coisa e dar exemplos.

E6: Há grupos que aquilo não funciona. Nestes da história de vida funciona um bocadinho melhor, porque a ideia não é tanto... a ideia é pô-los a pensar na história de vida deles e como é que a gente vai encaixar estes temas na vossa história de vida. Não é? Agora, nas sessões, é mesmo explicar “o referencial quer isto, isto, isto, isto, isto, isto”... as dúvidas são mais em relação àquilo que o referencial pede. Se nós tivéssemos mais tempo e pudéssemos fazer mais sessões era um espetáculo, fazíamos aqui uns processos que era uma coisa...

I: Foi uma das sugestões deles, mais sessões.

E6: Mais sessões de grupo, toda a gente dizia isso.

I: Porque sentiam que estavam todos juntos e que havia partilha e sentiam... tinham mais vontade pra fazer os trabalhos. E depois, na parte final, muitos já estavam desmotivados.

E6: Na parte final que é o construir! O ir e vir com as indicações. Havia adultos que me diziam “já não posso ver a minha história de vida à frente, já não posso ver isto”. E depois era só um trabalho! Era sempre o mesmo! “Agora aqui acrescenta isto, e isto e isto”. Mas é, a parte do fim é muito desgastante, até a autobiografia estar... Mas é, mas é... Eles participaram bastante neste grupo, isso é muito bom mas só que, muitas das vezes, havia grupos que não podiam! Se eles começam para ali a falar e fazer debater temas, que é aquilo que eles gostam de fazer e põem-se na conversa lá dentro, passa-se uma hora. E então, o referencial? E estávamos limitadas em termos de sessões, haviam mais grupos para começar e etc... O que a gente quer é que eles escrevam no papel...

I: Enquanto profissional recorda-se de alguma situação com algum destes adultos que a tenha marcado?

E6: Epá... Não! Olha foram adultos que eu gostei muito de trabalhar com eles, não me, não me... tirando o Mário, às vezes, havia certos acompanhamentos que me aborrecia, pensava “Aí vou ter acompanhamento com ele, que chatice... Vou ter que lhe dizer que isto está está tudo...”. Sim, porque ele vai amuar, e porque ele vai regatear comigo, porque ele é regateio, vai contrapor, e vai tequete, tequete... Os outros não, tudo bem. Houve uma parte muita má na vida da Sofia... Epá eu queria mesmo que a Sofia acabasse... eu assim para a Sofia: “TU TENS DE PENSAR EM TI!!!” ao telefone “tu tens de pensar em ti, tens que ver a tua vida, e ver o que queres fazer, isto é importante para ti Sofia! Fogo não te deixes ir abaixo agora...”. Foi um grande balde de água fria e eu a ver aquela mocinha a borrifar-se... a por já tudo de lado, porque ela é assim um bocado impulsiva...

I: Foi o que aconteceu na escola...

E6: É, é... “Ai agora não tenho cabeça, não vou coiso...” e eu a ver que a gente não ia conseguir levá-la a júri, a ver a moça numa situação de trabalho PRECÁRIA, porque a loja dela está quase a dar o berro, não sei se ainda está bem, já estavam a pagar... fora de horas e etc... com uma filha para criar, com o processo de RVCC quase feito, acontece-lhe aquilo e eu a ver “pronto está moça vai-me desistir!”. E havia assim essas situações que, puxava um bocado. De resto, o João e a Helena calminhos, foram fazendo, de vez em quando lá tinha que telefonar e pronto.

I: Sim, o João depois começou a trabalhar na outra loja e depois tinha que fazer não sei o quê!

E6: Sim, sim. Isto foi um momento muito... estamos a passar por um momento muito complicado e eu estes adultos estavam os quatro a sofrer um bocado isso, sobretudo o João e a Sofia, nas mudanças ali nas empresas. A Helena não falava tanto, por enquanto ainda vai dando e não sei quê. Se não fosse ali o *Facebook* e não sei quê eles não... fica cada um por si. E depois vão a júri em alturas diferentes...

I: Foi um desafio?

E6: Foi um desafio!/? Foi, foi, sem dúvida e para todos. Acho que levá-los a júri, depois do júri, bom o Mário então... aquilo foi a cereja em cima do bolo do senhor. Ele ficou mesmo, mesmo babado e contente e orgulhoso e até levou a mãe e tudo. O moço fala da mãe e pronto. O João pronto, não demonstra muito, mas ele ficou contente de ver o fim e viu o trabalho todo. Eu acho que eles ficam contentes quando eles veem o Portefólio todo arrumado...“Já tá feito, já tenho o diploma, acabou”. A Sofia também, a Helena também. Acho que sim, que foi um desafio e acho que sentiram-se todos bem no fim e agora pronto, cada um com os seus projetos. O João para já não deve ter assim grande projeto. O Mário é o tentar ir para a universidade, a Sofia é capaz também. A Sofia é capaz de dar o salto e a Helena talvez, procurar outro trabalho.

I: Durante as sessões de grupo os adultos revelaram algumas das suas práticas de literacia?

E6: Oh pá. Sei que a Helena lê... Eu sei que o João também lê. O Mário não sei e a Sofia também... não me parece que seja uma pessoa que leia muito.

I: Pois... a Sofia falou-me dos Maias, assim desses livros...

E6: Sim, mas isso leu ela na escola. O Mário lê coisas mais atuais tipo jornais, revistas... isso.. ele papa essas coisas. Agora livros, literatura não.

I: Ah! E eles também falavam da questão das TIC's e dos *emails* e durante as sessões falavam que utilizavam muito durante os PRA's. Achas que a informática desempenhava um papel importante na vida deles, a nível pessoal ou a nível profissional?

E6: Para escrever os PRA's, a nível pessoal sei que a Helena usava *Facebook* todo, computador usava, a Sofia também... E o Mário também. Tinha para lá os *tablet's* e não se quê, os *Ipod's* e os aaaa.... O João talvez fosse o que usasse menos... Foi o que desenvolveu mais durante o processo. A escrita, sim, desenvolveram todos, isso desenvolveram todos. É obrigatório. Ninguém escreve aquelas coisas todas sem desenvolver a escrita e mesmo muitos adultos, talvez a Helena não sentiu tanto nem a Sofia, mas estão habituadas a escrever, escrevem bem. Mas talvez o João e o Mário sentiram isso, que é uma diferença muito grande. Escrever grandes textos, escrever as ideias para o papel e passar as ideias para o papel. Nota-se ali um grande desenvolvimento. Sim vá, não digo que aprendam muito, mas vão recordar e praticar imenso, o que muda muito, não é?

I: Sim e a própria construção das frases notou-se que era muito simples e depois já conseguem fazer ligações.

E6: Sim, sim, sim.

I: Como é que caracterizas as práticas de literacia deles? Achas que eles têm algumas, nenhuma, mais ou menos...

E6: Oh pá, têm algumas! Eu acho que até o João tem bastantes, a Helena também deve ter e a Sofia talvez menos, não a vejo muito interessada em ler livros, não é uma pessoa de pegar num livro todos os dias... Sim ou ter um livro na mesa-de-cabeceira e invés de ligar a televisão não... Mas o João sim! Sim! E a Helena também é... deve ser daquelas que lê os romances, lê aquelas coisas da saúde, são os temas principais. Agora o Mário não, não lê livros. Não, não... Ele não deve ler livros. Lê mais é jornais e coisas da atualidade e pesquisas da internet deve ler imenso. Oh pá, ai eram só as pesquisas! Nós não pedíamos para ler livros no 12.º ano.

I: Pois. O que eu tenho do João é que ele faz um resumo, mas deve o ser do 9.º?

E6: Foi do 9.º ano! Ele fez um resumo do livro. Foi para o 9.º ano. Só ler as, as pesquisas e... de grosso modo foi tudo pesquisas de internet. Nem sequer livros... Eles não... não tinham tempo!

I: Considera serem adequadas tendo em conta o dia-a-dia?

E6: Ah eu acho que foi o adequado, foi o tempo. O tempo que nós tínhamos em relação ao processo. Estávamos limitadas ali com o tempo, eles tinham que se despachar, mas mesmo que tivessem mais tempo duvido que não preferissem ir à internet do que ir à biblioteca. Mas, na minha opinião, claro que não são adequadas porque na internet há muita asneirada. E há muita, muita informação sobre saúde errada e eles não sabem. Ah e mesmo eu, às vezes, nem sei, não é? Aqueles *sites* brasileiros, aquelas coisas assim não são fiáveis e é o primeiro que aparece ali, na lista do Google, ou o segundo ou o terceiro e pronto é o que vai. Não é e isso não é nada bom. A gente deve ... aquelas informações não são corrigidas, não são revistas, não são aprovadas por ninguém! Passam para eles e acho eles não têm muito essa noção. Acham que “Ah para estar aqui na internet é porque é verdade!”.

I: Quais foram as maiores dificuldades demonstradas pelos adultos?

E6: Pelo João foi, se calhar, desenvolver os temas. Ele, às vezes, era muito rápido a escrever. Não é!? Muito despachado. Havia pouca conversa ali. Pelo Mário foi, foi... desenvolver e, às vezes, compreender o que é que era pedido. Fugia muitos aos assuntos, este então, vai para outro lado, mas tem muita conversa para dizer! Mas foge ao assunto. A Helena foram mais os temas da cidadania, que eu lembro-me. Em parte porque havia alguns temas que fazia mexer ali em situações que ela não queria falar e...

e lembrar e mexer. E em parte por causa também dessa questão que eu te falei no início do formador de cidadania.

I: Sim...

E6: Do, do concretizar só com exemplos, que aquilo não, não.

I: E contar uma história real, não é? Mais ou menos.

E6: Exatamente concretizar com exemplos, evidenciar mesmo, mesmo, mesmo. E ela aquilo não, foi um bocado difícil para ela depois entender aquilo “então mas eu já disse que lidei aqui com uma pessoa complicada, não sei quê, não sei quê mais... Mas não chega Helena, temos que desenvolver isto mais. O que é que aprendeu com isto? O que é que não sei quê..”. Brrrum!

I: E a Sofia? A Sofia eu acho que era, se calhar, a concentração ou a dedicação...

E6: Sim, era! A Sofia fazia aquilo bem, se ela pega na internet consegue. Também houve ali um, no fim, um ou outro tema de cidadania que ela já estava farta porque a Sofia é assim! Muito impulsiva e desiste e põe para trás e não quer saber. A dificuldade dela era mesmo dedicar-se àquilo, agarrar no computador, porque ela escrevia bem, ela... trabalhava bem com o computador, fazia bem pesquisas na internet, é muito desenrascada aquela miúda!

I: Pois é.

E6: Só que, às tantas “Ai, agora vou-me pôr a fazer isto? Eu vou mas é sair, eu vou é fazer não sei o quê”. Sim! Desmotivava-se muito facilmente.

I: Ok. Último bloco e mais importante, as mudanças. Não sei se consegues identificar algumas, ou seja, uma vez que acompanhaste os adultos...

E6: Olha eu tenho a certeza que ficou um vazio na vida deles depois daquelas sessões acabarem, depois daquele trabalho acabar, porque eles chegavam a casa e tinham que ir o que fazer. Se mudou práticas? De certeza que o ir ao computador mudou.

I: Hum, hum.

E6: Acho que o computador deve ter ficado bem. Oh pá, imagino mas não achas Catarina? Todos, todos estavam habituados a chegar à noite, àquela hora, e fazer um bocadinho do RVCC. De certeza que continuam a ir ao computador.

I: Pois, apenas o João diz que o computador já não liga tanto porque no trabalho não precisa, ou seja, são poucas as coisas que ele tem de fazer e em casa só ia para o processo e mais nada.

E6: E o João na altura, agora já não sei, mas na altura, no final do processo ele arranjou um trabalho à noite. Ele arranjou, mesmo no fim. Aquilo foi... ele foi ao júri mesmo

completamente cansado. Ele estava a trabalhar à noite e então ele estava de dia na loja e ainda ia até às cinco da manhã...

I: Coitado...

E6: Sim! Andava ali a fazer num esforço tremendo para ganhar um biscatizinho. Então é normal que ele não tenha muito tempo para se dedicar, depois tem mais os miúdos, é uma pessoa muito dedicada aos miúdos. Mas a Helena sim. E deve sentir falta e deve, ah sentir falta tipo aquelas “ai e agora?”.

I: A Helena! Já começou a tirar uma formação de comportamento e motivação das chefias de equipa.

E6: Então pronto. O Mário descansou, ficou contente, agora deve estar a ver o que é que há de fazer na, na... para a vida futura. Não acredito que isto lhes tenha aberto muito em termos de literacia. Que os tenha posto a ler mais. Não acredito nisso. Leram o que foi preciso para o processo e agora voltaram lá... O RVCC... para a Sofia, a única coisa que mudou é que ela agora vai pôr o 12.º ano no currículo e vai poder concorrer a outras coisas.

I: Pois e era o objetivo dela.

E6: É, é. Só. Muito prática. Pois quer porque aquilo está mesmo muito precário. E depois para ir trabalhar para outra loja, ela assim com o 12.º ano olha, por exemplo, pode ir para o aeroporto. Para a área de passageiros sim. Só se pode ir com o 12.º ano e falando inglês. Pode sempre arranjar ou como administrativa ou como... Há muitos trabalhos que pedem já o 12.º ano. E ela estava, estava ali desaproveitada, porque ela tem capacidade e é uma miúda muito esperta, desenrascada e tudo só que... É responsável, é gira, tem boa apresentação e tudo. Oh pá, mas, mas sem o 12.º ano aquilo estava ali um entrave. Ela era como se tivesse o 9.º ano. Ela deve sentir que podia dar mais que aquilo e está ali e não sai dali.

I: Pois é. E também dizia que pensava ir para a universidade porque adorava psicologia e não descarta a hipótese.

E6: Hum, hum. As propinas e essas coisas, é um bocado caro. A nível da literacia acho que não mudou nada. As práticas que eles tinham têm e continuam. As que não tinham também não ganharam nenhuma.

I: Achas que eles têm consciência das mudanças? Por exemplo, a da escrita? Como ainda há pouco focaste que eles desenvolveram mais a escrita, houve quem não desenvolvia.

E6: Sim.. Olha! Têm consciência e de coisas que aprenderam também. Valorizar certos temas. Tenho a certeza, Catarina. Tipo o da reciclagem, do ambiente, do Protocolo de Quioto, da... do efeito estufa, da União Europeia, da importância histórica da língua portuguesa, se calhar agora quando virem a sigla dos PALOP's e do CPLP. Têm outra

noção. De certeza que ao olhar para a televisão e ao olhar para o jornal há ali outros temas que eles pensam “Ah... Olha! Isto faz lembrar...” e vão-se lembrar, várias vezes, de alguns temas que abordaram nos portefólios, isso sim. Agora, em relação a escrever muito mais e melhor. Aqueles que já escreviam e continuam a escrever vão continuar a escrever como escreviam. O João, se calhar, nunca mais escreveu um texto desde que acabou o RVCC e o Mário, se calhar, também não.

I: Era o que o João dizia “ Eu no meu trabalho não tenho que fazer muito a não ser um relatório, ou um pedido ou explicar qualquer coisa ao fornecedor”. O Mário não falava do trabalho. Mas por exemplo o João dizia que tentava ajudar os filhos. E que isso ajudava-o, por exemplo, no inglês ele dizia que nunca teve qualquer dificuldade em inglês e que cada vez que o filho pede ajuda ele ajuda sem qualquer problema e que isso também é um contributo.

E6: Sim, sim, sim e se calhar, agora que falaste nisso, ele deve estar mais exigente, em relação aos filhos, na forma como escrevem. Se põem os acentos bem, se fazem a pontuação bem, como fomos exigentes com ele.

I: Então incentiva! E participa nos trabalhos de casa dos filhos.

E6: Sim.

I: Isso é uma das mudanças que eu consegui identificar, que ele antes não falava disso e, se calhar, agora ele já diz que participa mais e tenta ajudar.

E6: Sim, sim. É. Acho que a esse nível eles têm consciência, têm por o facto de terem feito aquele dossier todo e terem tido... foram muitos meses, pá! De Outubro, que eles começaram no ano passado até agora Novembro deste ano, foi um ano. Um ano e um mês, para ai. E depois não te esqueças que mesmo que eles não tivessem a trabalhar todos os dias eu não acredito que todos os dias eles não pensassem “Epá, tenho que fazer o RVCC”. Talvez a Sofia menos. Mas pensavam e isso...

I: O João dizia-me “Ah, tenho que telefonar à Luísa. Estou em falta com a Luísa!”.

E6: É, é e isso marca, é como nós! Quando estamos a fazer um trabalho da universidade, podes não ter feito nada hoje, mas aquilo não te sai aqui da cabeça!? E isso marca um bocadinho, não é? E depois ver, ver aqueles temas na televisão, coisas novas porque aquilo, o referencial tem, tem... há ali, tem algumas falhas. Mas é muito atual, não é!? O Referencial do nível secundário. O Referencial do nível básico, por exemplo, sobre a reinserção social de vítimas de acidentes. Talvez esse até não seja o melhor tema para falar mas, por exemplo, nós pedíamos a questão das inovações tecnológicas, falar sobre a internet, sobre a clonagem. Epá isso já não são temas assim tão em voga não é?! Pronto, são inovações tecnológicas, mas já não se fala tanto. Já foi aqui há dez anos atrás é que se falava muito da *Dolly* e não sei quê. Agora este Referencial, falar sobre o efeito estufa, as alterações climáticas, falar sobre a

reciclagem, temas da saúde, as doenças sexualmente transmissíveis, o problema dos idosos, aquilo são problemas que estão em cima da mesa, não é? E isso é bom.

I: E por saúde, o João também pesquisa bastante, também descobri nas entrevistas que lê temas sobre saúde na internet porque ele é asmático.

E6: É. Pois... Mas olha Catarina, nas entrevistas de diagnóstico quando a gente pergunta às pessoas o que é que pesquisam na internet todas elas dizem isso. É saúde e as notícias, é. O que, o que não sei se é muito bom, mas pronto. Porque depois a gente tem um problema de olhos ou uma dor de cabeça, vai ver na internet e descobre que tem um cancro. Está a morrer! Por aqueles sintomas. E depois ficam muito assustadas. Olha nunca mais me esqueço quando fui ao médico com o meu filho tinha hipermetropia, a médica disse-me logo: “Não vá ver à internet o que é que isso é se faz favor! Tem alguma dúvida pergunte-me a mim”, já com medo desses alarmes todos, depois... Porque as pessoas depois ficam muito mais... alarmadas em relação à saúde, mas pronto é bom! Não deixa de ser bom, a capacidade de pesquisar, não é?

I: É a iniciativa.

E6: Sim, a iniciativa.

I: Voltando à consciência e à participação, outras coisas, eu acho que é interessante o facto de eles falarem em casa. Por exemplo, o João falava em casa sobre o RVCC...

E6: Sim, sim, sim e o Mário também falava com os amigos muito. E depois tinha outros amigos “E vou ser capaz, e não vou ser capaz e não sei quê e ajuda nisto e nararam..”. A Helena... A Sofia talvez menos.

I: Dedicam mais tempo às suas práticas de literacia?

E6: Oh pá...!

I: Por exemplo, o João, eu notei mais diferenças, do 9.º para o 12.º, como ele teve a formação de TIC..

E6: Hum, hum. Ah, sim.

I: Na Sofia não consegui identificar diferenças...

E6: Não, não. O Mário também não. E a Helena também não pá. Uma pessoa... Eu acho que são pessoas que aquilo que liam antigamente são aquilo que vão continuar a ler. E aqueles que usavam o computador, tirando o João que é mesmo como tu disseste, foi uma pessoa que teve... foi obrigada a fazer o... 9.º ano todo no computador pá. Ele mandava-me os trabalhos por *email* e tudo. Tinha algumas noções, mas ele esforçou-se imenso. Ele devia ter o apoio também da mulher. Ah! E depois isto é...

I: Porque a mulher fez o 12.º ano?

E6: Sim, sim. E depois isto é muito giro porque pomos os casais ali ... a ajudarem-se uns aos outros. E eu acho que a mulher apoiou muito o João, ela vinha, às vezes, até com ele e tudo. Uma pessoa que foi muito sensível apoiou-o e estimulou-o muito.

I: Sim e nota-se que ele é muito empenhado, nessas coisas ele dizia...

E6: Ele tinha o computador ali na lojinha, eu lembro-me quando ele estava na outra lojinha, a fazer o 9.º e ele estava ali no computador e eu, às vezes, passava por lá, quando vinha do hospital, “Então João?” “Ah, estou aqui a acabar e não sei quê”. E eu ali. Às vezes encontrava-o também no *gmail* e não sei quê. Não é?

I: Ok, e continua a manter contacto com os adultos?

E6: Opá não! Nada. Se, só se os apanhar na internet, não é? No *gmail*, mas mesmo assim não tenho estado... Mas se os vir na rua sim! Falo bem com eles e tudo. Agora em Março se me chamarem para o aeroporto pode ser que encontre o Mário.

I: E qual o contributo do RVCC para estes adultos?

E6: Oh pá, o contributo é mesmo em termos de satisfação pessoal, não é Catarina?

I: É, a satisfação pessoal e acho que é a valorização ou o conseguir.

E6: Sim, sim. “Conseguir ver aquele portefólio todo”, que a gente já nem pede para imprimir porque é um disparate de dinheiro, não é? Mas mesmo assim fazemos o PDF e não sei quê. Aquilo tudo... E ele, e eles ficam “Ah...”. Ficam. Com a capa, com o índice, alguns que leva índice, outros não. As histórias de vida, às vezes, nem levam índice, não se justifica.

I: Peço desculpa por interromper, mas só para esclarecer uma dúvida: eles dizem que agora, a questão profissional, agora pode até não se verificar que houve uma mudança, mas todos dizem que futuramente acreditam que...

E6: Se um dia mais tarde..., têm ali a carta na manga, isso é. É [acreditam]. E aproveitaram e porque isto agora está tudo a acabar. Ao menos aquele diploma têm, certinho. E porque era impensável Catarina, qualquer uma destas pessoas ir para a escola. Era, é que eles não iam conseguir! O João olhas para a vida dele e vês com os miúdos, mais os biscates, mais a loja, como é que ele era capaz de ir pra uma escola, das sete às onze, todos os dias. Não dava. O Mário também não. O Mário quer dizer... O Mário, se ele fizesse um bocado de esforço e se ele não fosse, depois, ruim lá no Aeroporto, porque ele... O Mário, às vezes, porta-se mal no Aeroporto e castigam-no. Eu vi uma vez uma escala dele e ele estava a entrar todos os dias às cinco e meia da manhã. E eu disse assim “Ó Mário como é possível, isto não é feito por um computador?” e ele “É, é. É um computador.” Porque as nossas eram feitas por um computador e uma pessoa claro que vai vendo, mas nunca entra todos os dias às cinco e meia da manhã, isso não se faz! Porquê? Porque ele portava-se mal e eles castigaram-no “Ai é, agora vais ter que trabalhar todos os dias às cinco e meia da manhã”. E ele ia. Ora

uma pessoa a entrar todos os dias às cinco e meia da manhã... Como é que pode ir até às onze pra a escola... Não, não tens cabeça para trabalhar. É um trabalho muito físico.

I: Ele disse que ele trabalhava muito porque tinha muitas horas para fazer...

E6: É, é. Isso diz ele. Eu vi a escala dele! E eles, não é? Aquilo foi ele que se portou mal e arranjou para lá umas complicações com os chefes e não sei quê. “Ai é agora de castigo vais entrar todos os dias às cinco e meia da manhã” para ver se ele faltasse ou resmungasse ai punham-no na rua.

I: Falando do Mário, ele também revela que, com o 12.º, pretende que a família tenha orgulho dele, principalmente a filha. Ele coloca a família... lá... em cima.

E6: Sim, a filha, sim. Que ele é todo coiso com a filha... A irmã também.. A irmã não sei se acabou o curso, mas estudou. Sim, foi, foi. Olha demos mais uma peninhas ao pavão, isso foi. Ganhou mais umas penas. “Fui capaz... Fui capaz... Fui capaz...” e foi... e mesmo a postura toda dele, pronto.

I: Ele ajudou-me sempre....

E6: É, é. E olha Catarina é uma pessoa que ele próprio sabe aquilo que é. E ele, houve uma vez que eu ri-me tanto quando ele se levanta e diz assim: “Luísa, eu sou um pavão!”. E depois pôs-se assim: “Eu sei que sou! Mas a mim ou gostam de mim ou não gostam! É assim que eu sou percebes? ”. Ele sabe, ele tem consciência daquilo que é e do efeito que ele provoca nas outras pessoas. É, é, é. É mesmo assim “eu sou bom e os outros são todos...”. E ele quando se punha a falar dos colegas lá da *Portway*, das moças de lá. “Ai essa não sei quê..” e eu “Opá. Não digas isso Mário. Ela é fixe, ela é boa pessoa, é muito profissional, olha aprendi muito com ela e não sei quê..” Macho man!!! Ai, aquilo!! Ai, ai! Olha e eu antes de ir para lá ele: “Tu vais prá lá, para estar ali debaixo da asa do avião!” e eu “Ó Mário, o que é que tu queres? Tem um grande culto pelo corpo. Mas, mas olha Catarina, e fala também do socorrismo, e que é capaz de passar na rua e se ver uma pessoa aflita na rua, pára e vai ajudar. E isso é mesmo dele. Ele é assim. Nem que seja para... mostrar que é capaz de ir ajudar, mas ele vai. É uma pessoa... e se, por exemplo, tiveres, às vezes, há pessoas que são assim, se tu tiveres algum problema na rua passam por ti e é como se não fosse. Ele não! Ele é uma pessoa que é capaz de te intervir e de te defender sem problema algum. Ele gosta de ajudar os outros. No fundo, no fundo aquilo ele, ele não é mau coração. E, se calhar, vem muito da mãe, porque aquela mãe é um paparico com aquele filhinho. É. Protegeu-o demais. Eu vejo um bocado assim.

I: Essa parte da.. e também vejo que.. se calhar agora a ideia de ser, da filha , também mexe muito com ele... porque ele falava sempre muito da filha..

E6: É, é... Compra tudo e mais alguma coisa para a miúda... E depois da Helena também deve ter contribuído, sim. Foi uma satisfação pessoal grande. E para a Sofia, opá é mesmo é uma ferramenta. Para a Sofia, eu acho que, eu acho que se calhar em

termos de satisfação não teve tanto impacto porque ela sabia que era capaz, porque era só ela dar ao esforço e ela fazia o 12.º ano. Agora, ela precisa disto! Estes adultos andavam todos mais ou menos pela mesma idade, não andavam Catarina? Tirando a Sofia que era mais novinha..

I: Era, era. Então 40, 39 ou 42 fez o Mário e a Helena tinha...

E6: 42 para ai, também. Andava tudo... A Sofia é que tinha praia 20 e poucos anos..

I: Tem 29, eu acho ela é um ano mais velha do que eu.

E6: Pronto foi uma amostra.

I: Mas eu gostei muito destes adultos.

E6: Sim. Sim. Dois rapazes e duas raparigas. Ah, porque depois há, são pessoas que estão a trabalhar e em idade ativa, que fazia sentido. Enquadram-se bem pra aquilo que a gente quer, não é, do processo de RVCC. Porque também apanhávamos às vezes pessoas ou desempregadas ou domésticas. Ou, ou pessoas que já tão assim mais.. Mais velhas.

I: Acho que fiz bem ali na... com a tua ajuda fiz bem na... Se bem que eu fiquei ali um bocadinho triste porque queria.. Inicialmente não pensei no Mário e pensei no Tiago.

E6: Mas o Tiago é uma pessoa... O Tiago, em termos de processo em si, ele é um bocado trapalhão a escrever, parece que escreve melhor do que, do que parece. Dá alguns erros, erros às vezes básicos. Deve ser, fazer aquilo rápido... O Tiago nem se quer tem o 9.º ano. Não. A gente passou logo para o 12.º ano, mas é um moço com uma cultura geral... Só que depois não... Ele nunca fez. Nunca mais apareceu, ele também teve uns problemas a nível pessoal. Também é outro que deve ser um desbocado lá trabalho, tanto que o puseram lá no museu. De bombeiro foi para coiso lá no museu. E, e.. E tem dado assim alguns problemas, tem tido assim alguns problemas e nunca fez nada. Desapareceu, nunca mais veio.

I: Sim eu lembro-me que depois... durante as sessões de grupo ele ainda estava lá e depois acho que o CNO fechou em Dezembro e antes disso ele já não aparecia.

E6: Sim, o Tiago se não for para assumir o compromisso e ir lá e fazer as coisas lá, em casa não faz. E isso era a grande dificuldade deles. A ideia deste processo é assim. É que depois vai para casa e tem de trabalhar em casa.

I: Só que em casa estão sozinhos e eles estão habituados a que estejas lá! Foi o que eu notei sempre...

E6: Sim, é. A explicar, a dar os exemplos, a puxar por eles, que eles sozinhos dá-lhes a preguiça. Não é que não cheguem lá... É. Mas nós como profissionais temos este papel

de desocultar. Nem na escola nos fazem isso, era o que eu dizia “Nem na escola é assim. Não podemos, também, facilitar assim tanto..”. Desocultar é só pô-los a pensar no exemplo que vão escrever.

I: Exato. E dar um exemplo e a partir daí eles têm de pensar na vida deles e adequar. Pronto não tenho mais questões, não sei se..

E6: Não, não tenho mais nada a acrescentar. Só mais pensar se, se representam...

I: A maioria dos adultos é assim?

E6: Sim! Sim, sim, sim a maior parte das pessoas que a gente certifica andam ali, porque estes não eram os melhores adultos que a gente já apanhou. Percebes? Por acaso não fazem parte daquele grupo de adultos que fazem isto bem, que se nota.. Que deviam estar numa universidade, têm muita cultura... Não. Estão ali na média, não é? Mas para o 12.º ano encaixam-se bem no perfil... Pessoas normais, descontraídas, não eram.. pessoas.. Pronto é mesmo isso, pessoas normais. Nós, às vezes, apanhamos pessoas que são mesmo fora do comum.

I: E ali não. Eram comunicativos, davam vários exemplos, notei ali simpatia entre uns e outros.. Epá, não.. Eu acho que fiz bem ali na.. ali na escolha dos adultos.

E6: Sim. Foi um grupo muito difícil. Já viste bem? Acabamos as sessões e parou. “E agora vão pra casa. Se quiserem fazer façam, se não quiserem fazer não façam. Não sabemos o que é que se vai passar a seguir..” Ópa!

I: E foi difícil aí. Eles depois já não sabiam se aí começar, se não ia... Eu já estava, já comecei, na altura, a fazer as entrevistas ao João, que eu comecei logo com o João e ele não sabia se ia para a frente se não ia. O Mário também não sabia, ele...

E6: Pois, pois, pois.. “Então e o que é que eu faço, o que é que eu faço?!”. É horrível o que a gente tem de passar aqui com esta coisa..

I: Ok.. Muito, muito, muito, muito, muito obrigada.

E6: De nada Catarina.

Fim da gravação.

ANEXO 12

Tabela das Categorias e Subcategorias

Categoria	Subcategoria
1. Percurso familiar	1.1 Recordações da infância
	1.2 Relações familiares
	1.3 Papel da família no seu percurso de vida
2. Percurso escolar	2.1 Recordações da escola
	2.2 Autoavaliação enquanto estudante
	2.3 Relações sociais
	2.4 Adaptação à escola
	2.5 Práticas de leitura na escola
	2.6 Práticas de escrita na escola
	2.7 Disciplinas que mais gostava
	2.8 Disciplinas que menos gostava
	2.9 Dificuldades de aprendizagem
	2.10 Apoio nos trabalhos da escola
	2.11 Projetos profissionais
3. Abandono Escolar	3.1 Motivos do abandono escolar
	3.2 Apoio familiar no abandono escolar
	3.3 Consequências em relação ao trabalho, vida pessoal e familiar
4. Percurso de Vida	4.1 Autocaracterização pessoal

	4.2 Aprendizagem experiencial
5. Participação Cívica	5.1 Associativismo
	5.2 Eleições
	5.3 Manifestações
	5.4 Voluntariado
	5.5 Reciclagem
	5.6 Participação na vida dos filhos
	5.7 Tempos livres
6. Percurso profissional	6.1 Entrada no mundo do trabalho
	6.2 Tarefas desempenhadas
	6.3 Dificuldades sentidas no trabalho
	6.4 Relação com os colegas
	6.5 Satisfação com o trabalho atual
7. Percurso formativo	7.1 Formações
	7.2 Papel da formação em relação à atividade profissional
8. CNO da Associação In Loco	8.1 Inscrição no CNO
	8.2 Expectativas iniciais
	8.3 Conhecimento do processo RVCC
9. Opinião sobre o processo de RVCC	9.1 Dificuldades sentidas

	9.2 Relação com a equipa técnico-pedagógica
	9.3 Aspetos positivos
	9.4 Aspetos negativos
	9.5 Metodologia (autobiografia)
	9.6 Sessão de Júri de certificação
	9.7 Melhorias sugeridas
	9.8 Contributo do RVCC
10. Práticas de literacia quotidianas	10.1 Práticas de leitura
	10.2 Práticas de escrita
	10.3 Práticas informáticas (TIC)
11. Mudanças decorrentes do RVCC	11.1 Mudanças pessoais
	11.2 Mudanças sociais
	11.3 Mudanças formativas
	11.4 Mudanças profissionais
12. Perspetivas futuras	12.1 Projetos pessoais
	12.2 Projetos familiares
	12.3 Projetos formativos
	12.4 Projetos profissionais

ANEXO 13

Tabela da Análise de Conteúdo

Quadro da Análise de Conteúdo

ANÁLISE DE CONTEÚDO			
Categoria	Subcategoria	Unidades de Contexto	Inferências
1. Percurso familiar	1.1 Recordações da infância	<p>“Vivi com os meus pais, irmão e avô na Franqueada (Loulé) até aos 5 anos e depois fui viver com a minha avó paterna para o Alentejo. (...) sempre gostei de ouvir os mais velhos com a sua sabedoria e experiência.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) as brincadeiras (...) andávamos a cantar as ditas janeiras, de porta em porta, mas não cantávamos nada bem, era mesmo só pra nos darem os doces e (...) as férias, posso dizer que as que mais me marcaram na altura foi três meses na Suíça, em criança, promessa de madrinha, se eu passasse o ano lectivo do quinto ano pro sexto ano, passava as férias na Suíça. E eu fui. Foi um incentivo. Foi um bónus.” (Sujeito 2)</p> <p>“Eu cresci no campo, era uma maravilha. Na altura não valorizamos, não é? Na altura, eu não gostava. Mas, pronto, também cresci com muita liberdade, as nossas brincadeiras, brincava na rua... e essas coisas, tenho saudades, é claro. A minha infância foi uma infância relativamente normal (...), tenho o meu irmão que é dois anos mais novo, brincávamos muito, tínhamos vizinhos que também nos juntávamos e brincávamos. De verão juntávamo-nos na rua, contávamos histórias e anedotas e (...) via televisão, (...) houve coisas que me marcaram, por</p>	<p>Como principais recordações das suas infâncias, todos entrevistados mencionam que tiveram uma boa infância e destacam as brincadeiras com os seus irmãos e/ou amigos. Por exemplo, a entrevistada (Sujeito 2) admite que sente saudades da sua infância, pois vivia no campo e cresceu com liberdade. Relembra que na altura não gostava de morar fora da cidade de Faro. Nos seus tempos livres, via televisão e confessa que alguns desenhos animados a marcaram enquanto era criança (Heide, Marco Pólo, Abelha Maia, entre outros).</p> <p>Tal como os outros entrevistados, o entrevistado (S4) caracteriza a sua infância na Venezuela como excelente. No entanto, realça que viveu momentos de insegurança devido à criminalidade na Venezuela. Importa ainda realçar que a participação em atividades desportivas e lúdicas dos sujeitos (Sujeito 4 e Sujeito 5).</p>

		<p>exemplo, (...) os bonecos da Heide, o avozinho, o Marco Pólo, (...) a Abelha Maia também, a Pantera cor-de-rosa, e havia um brasileiro [Sitio do pica-pau amarelo], e era o verão azul espanhol (...).” (Sujeito 3)</p> <p>“Foi excelente (...) Podíamos brincar entre vizinhos, podíamos ir à rua quem quisesse ir à rua. Os parques praticamente eram muito perto (...) íamos lanchar, íamos brincar com os videogames. (...) atividades extracurriculares, extradesportivas, desporto, equitação, basebol, natação, karting.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) estar com a família e os amigos, tínhamos muitos amigos, andávamos de bicicleta, jogávamos basebol e íamos muitas vezes ao cinema, o problema é que havia muita insegurança nas ruas, um grande contraste à beleza daquele país. Tínhamos que estar sempre atentos e ter muito cuidado, havia muitos roubos e as ruas não eram seguras, (...) aprendi a valorizar a vida e a relação humana.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“Foi uma infância boa até porque nunca me faltou nada. (...) A nossa casa tinha sempre tudo. Sempre com brincadeiras e (...) e estava sempre à vontade e acho que cresci feliz. (...) a maior parte dos meus tempos livres eram (...) o ballet, eu era bailarina praticante. (...) o ténis. E fui jogadora quase, doze ou treze anos, federada na Federação Nacional de Ténis Portuguesa (...) tive karaté especial na escola (...) pintura. Tive a aprender em porcelana e os arraiolos. (...) sempre fui muito maria-rapaz, adorava tudo o que era brincadeiras dos rapazes e ir para a garagem e mexer nas ferramentas do meu pai, aquilo era uma maravilha.(...) desde pequenina, tudo o que era eletrónico</p>	
--	--	--	--

		<p>desmanchava e montava.” (Sujeito 5)</p> <p>“(…) desde muito pequena que faço pintura decorativa em porcelana e artes manuais, além de arraiolos e muitos outros tipos de trabalhos manuais”. (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
	<p>1.2 Relações familiares</p>	<p>“(…) tenho um irmão com menos um ano. Uma irmã com menos três e o mais novo tem vinte e seis, vinte e sete (...). Sou o mais velho e a nossa relação sempre foi boa, sem problemas nenhuns. (...) Posso dizer que o meu pai nunca me castigou, era sempre o trabalho da mãe, porque era doméstica, passava mais tempo em casa connosco.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) com o meu pai, sempre foi muito boa. Com a minha mãe, nós eramos um bocadinho incompatíveis. Chocávamos um bocadinho porque a minha mãe era muito conservadora. (...) a minha mãe sempre teve mais proximidade com o meu irmão. Rapaz é sempre mais ligado à mãe e a menina ao pai e depois, a personalidade da minha mãe era completamente diferente. (...) [com o irmão] sempre foi boa (...) sempre fomos muito amigos, mas também ele é dois anos mais novo e não havia muita diferença.” (Sujeito 3)</p> <p>“Gosto dos meus pais, amo os meus pais, estimo os meus pais foram eles que me criaram, foram eles que me deram tudo. (...) Cuidar a mim e ao meu irmão. (...) Tenho a minha irmã que é advogada (...) ela tem-me ajudado em muitas coisas, e as amigas que ela tem, é tudo praticamente na área de direito. E o meu irmão é médico protésico, faz dentes e tá numa clínica, num laboratório (...) é um trabalho interessante.” (Sujeito 4)</p>	<p>Quanto às relações familiares, todos os entrevistados referem ter boas relações com os seus pais e irmãos. A entrevistada (Sujeito 3) refere que sempre teve uma boa relação com o seu pai e com o seu irmão, embora este fosse dois anos mais novo. Quanto à relação com a sua mãe, a entrevistada admite que “chocavam” pois a sua mãe tinha uma personalidade muito diferente da sua. Importa, neste sentido, afirmar que é através das relações que estabelecemos com os nossos familiares que aprendemos a ser cidadãos.</p>

		<p>“(…) sempre tive um bom relacionamento com os meus pais (…) no dia dos meus anos que fazia sempre questão de comemorar e os meus pais faziam sempre a festa para os miúdos todos da sala. (…) o meu pai tem outra filha do outro casamento (…) É uma irmã que eu tenho quase com a idade da minha mãe. (…) não temos grande relação.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>1.3 Papel da família no seu percurso de vida</p>	<p>“(…) nunca senti a falta do apoio, o acompanhamento da mãe sempre mais que o pai, por causa do trabalho. (…) iam à escola fim de períodos, saber as notas, essas coisas, tinham essa preocupação. (…) nunca senti falta de nada, (…) a entreatuda era muita e sempre foram pessoas que se preocuparam, hoje se calhar vejo um pouco a coisa um pouco diferente, na altura não via assim, mas é a tal questão das roupas de marca que os pais faziam o maior esforço, e nunca me puderam dar a única coisa que eu consegui que era de marca, as bolas de futebol.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) a minha mãe, pronto, como tinha aquela personalidade conservadora, não me apoiava muito nela. (…) Mas eu agradeço à minha mãe, porque ela ensinou-me a ser poupada.” (Sujeito 3)</p> <p>“As minhas origens, todos os valores e princípios que os meus pais me passaram e que observei ao longo do meu crescimento faz de mim parte da minha personalidade, daquilo que sou hoje, como a simplicidade, humildade e respeito pelo próximo, a verdade, a honestidade. (…) talvez se não tivesse passado por eles não seria a pessoa que sou hoje, muito mais conscienciosa da realidade da vida, e de ter os pés bem assentes na terra”. (Autobiografia do Sujeito 3)</p>	<p>Todos os entrevistados partilham a mesma opinião quanto à importância da família nos seus percursos de vida. Destacam, deste modo, o apoio, o acompanhamento e a preocupação dos seus pais relativamente às suas vidas (Sujeito 2 e Sujeito 4). Apesar da personalidade conservadora da sua mãe, a entrevistada (Sujeito 3) revela que não se apoiava muito nela. Contudo, refere que se tornou uma pessoa “poupada” graças aos valores transmitidos pela sua mãe.</p> <p>É importante destacar a opinião da entrevistada (Sujeito 5) face à decisão dos seus pais em colocá-la num Colégio Particular, pois a mesma não concorda com esta escolha. Defende que ao passar para uma escola pública, notou uma grande diferença. Acrescenta ainda o incentivo dos seus pais em tentar compreender e conhecer a cultura geral através da leitura. Em suma, destacam-se os valores da sabedoria, humildade, conhecimento, respeito pelo próximo e consciência da</p>

		<p>“(…) sei dar valor às necessidades. (…) E eles quando estão a ver um filho a passar por uma situação um bocado indigna vão logo ajudar. (…) nós sem família não somos nada. Quem é que nos dá a nossa maneira de ser, a nossa maneira de estar, de cultivar o futuro, de plantar hoje para colher no futuro (…) são os nossos pais, aqueles seres que nós acreditamos sempre e que nos depositam total confiança. (…) os meus pais foram sempre os meus guias, sempre depositaram confiança em mim, naquilo que eu sou, como sou e como serei. (…) acredito que sem a sabedoria dos nossos pais nós não eramos aquilo que somos hoje. (…) Se não fossem os meus pais, eu não era o homem que sou. Tudo o que eu sou, é o espelho dos meus pais. Os valores sociais e familiares e o que aprendi e foram eles que me transmitiram. São os meus ídolos. A cultura também parte daí, a educação dentro de casa.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) andei no Colégio Algarve (…) acho que é um erro meter os miúdos num colégio particular. (…) Não os motiva a estudar, não os ensina a estudar e empurra. E quando eu saio do particular para a estatal no 5º ano, notei ali um grande choque, mas mantive-me. (…) de resto, sempre me apoiaram e me ajudaram. (…) continuo a achar que os meus pais, mais o meu pai têm muito a ver com a minha vida porque o meu pai sempre me explicou tudo à minha volta. Ou seja, notícias na televisão que eu não percebesse (…) meu pai sempre me disse (…) a cultura geral é a melhor coisa que podemos ter. Porque se nos sentarmos com quem for numa mesa e conseguimos manter uma conversa. E então sempre tive essa atenção de estar a par do que se passava à minha volta.” (Sujeito 5)</p>	<p>realidade como transmitidos pela família ao longo das suas vidas.</p>
--	--	---	--

		<p>“(…) os meus pais (…) estiveram sempre presentes, tentando-me mostrar o bem e o mal e esses valores, como a honestidade, amizade, compreensão e muitos mais que quero ensinar à minha filha. (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
<p>2. Percurso escolar</p>	<p>2.1 Recordações da escola</p>	<p>“Entrei para a escola com seis anos a fazer os sete (…) Fiquei no Alentejo mais ou menos um ano e meio, fiz lá a primeira classe.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) recordo-me que andava à escola com os meus primos, (…) e fiquei lá até fazer a quarta classe, depois fui pra Loulé, pro quinto ano.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) tenho boas recordações, tenho.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) andei em dois colégios privados. (…) de manhã tínhamos educação luso-Venezuela em venezuelano, espanhol... castelhano aliás. E à tarde, tínhamos o Português. Eramos semi-internos, mas tínhamos todas as atividades que possas imaginar. Tudo. E quando viemos para cá, não existia nada. Foi uma grande desilusão.” (Sujeito 4)</p> <p>“Quando fui para a escola pela primeira vez tinha 5 anos, o colégio chamava-se Los Caciques e era um colégio privado luso venezuelano só com crianças do sexo masculino, foi aí que iniciei a minha vida escolar e ali permaneci até a 4ª classe.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“Quando fiz então os 3 anos entrei no Colégio Algarve, onde fiz a pré-primária, primária e o ciclo, o 5º e o 6º ano. Desde a 1ª classe até ao 6º ano ganhei sempre a medalha de melhor aluna e no fim de cada ano lectivo vinha um artigo no jornal “A Folha do</p>	<p>No âmbito das recordações da escola, os entrevistados mencionam que guardam boas recordações (Sujeito 3). Destaca-se ainda que alguns adultos mudaram de escolas durante os seus percursos escolares (Sujeito 2 e Sujeito 4). Dois entrevistados frequentaram colégios privados (Sujeito 4 e Sujeito 5). Importa ainda referir a diversidade de atividades que o ensino Venezuelano proporciona aos seus estudantes em comparação ao ensino português.</p>

	<p>2.2 Autoavaliação enquanto estudante</p>	<p>Algarve”, onde eram colocados os nomes dos alunos que se tinham destacado nas várias áreas, desde o atletismo, comportamento e melhor aluno.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p> <p>“(…) nunca fui problemático (…) na aula estava com atenção e apontava no caderno. E depois quando chegava a casa, dava-me ao trabalho de passar os sumários e as matérias discutidas na aula para os cadernos respectivos ou livros. E isso era o suficiente para mim. Nunca fui muito de me agarrar aos livros e de dizer “vou estudar”. As notas foram sempre o suficiente para passar (…) Nunca fui de participar muito, se me pedissem a opinião tudo bem, (…) Os meus pais nunca foram chamados à escola. (…) nunca passei anos lectivos com negativas, sempre levantei as negativas, sempre boas notas.” (Sujeito 2)</p> <p>“Era uma aluna média. Acho que até era bem comportada. Era acessível, não participava muito. Era um bocadinho tímida (…) Era um bocado envergonhada.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) foi, foi bastante positivo lá na Venezuela. Foi muito, mesmo muito positivo” (Sujeito 4)</p> <p>“Ao contrário dos meus colegas, eu não necessitava de estudar, eu bastava estar com atenção nas aulas e aprendia facilmente. Mas chegava aos testes e fazia os testes brilhantes. (…) era boa aluna, depois quando me tornei mais mulherzinha, descambei um bocado. (…) os melhores alunos recebem uma medalha no fim de cada ano. Eu tenho todas, as de melhor aluna tenho todas e uma salva de prata do fim do 6º ano por ser a aluna mais antiga do Colégio Algarve (…) eu sempre fui uma aluna de muito boas notas e até é ridículo eu estar a tirar o 12º ano quando eu era uma</p>	<p>Enquanto estudantes, os entrevistados caracterizam-se como bons alunos, atentos nas aulas, bem comportados. Importa contar que a entrevistada (Sujeito 5) era uma aluna de notas muito boas, chegando a receber medalhas pelo seu aproveitamento. No entanto, ao nível da participação nas aulas, os mesmos revelam que não participavam muito (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 5).</p>
--	--	---	--

		<p>aluna de ótimas notas. Só que eu terminei o 11º ano, a português com 19 e a psicologia, por exemplo, com 18. E tudo assim...” (Sujeito 5)</p>	
	<p>2.3 Relações sociais (colegas, professores)</p>	<p>“(…) muito boa professora era Maria Goreti (...) por exemplo os professores de matemática eram cinco estrelas, sempre tentaram ajudar. (...) tendo em conta que são da mesma zona que eu (...) Ainda hoje é possível encontrar alguns deles, sim.” (Sujeito 2)</p> <p>“Houve uma professora que me marcou muito. Foi na terceira e na quarta classe. (...) Dávamos voltas, íamos ao cafezinho, íamos pra doca e ríamos. Eu acho que era saudável.” (Sujeito 3)</p> <p>“A minha primeira professora era a Dona Adélia, lembro-me bastante bem (...) era uma senhora de uma certa idade ...” (Sujeito 4).</p> <p>“(…) foi aí também que fiz os meus primeiros amigos (...)” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“A única coisa que me recordo muito bem (...) o primeiro dia de aulas foi da minha professora a Elsa. Que foi a nossa professora da primária toda e, por curioso, hoje é diretora pedagógica da minha filha. Por acaso, é engraçado, as coisas cruzam-se. (...) e dos meus colegas claro. E há muitos que ainda me dou. (...) Eramos super unidos íamos para todo o lado. Considerávamo-nos quase como irmãos e ainda hoje temos lidação.” (Sujeito 5)</p>	<p>Quanto às relações sociais na escola, todos os sujeitos são unânimes relativamente aos professores. Acrescentam que tinham um ambiente saudável com os seus colegas da escola. Este ambiente saudável representa o convívio social e a união com os seus colegas e amigos. Esta capacidade de comunicar com os colegas é, no fundo, uma competência de cidadania.</p>
	<p>2.4 Adaptação à escola</p>	<p>“(…) e depois fui para o Ciclo em Loulé. Aqui houve uma grande mudança na minha juventude pois não estava habituado a um ambiente de cidade muito menos a uma escola tão grande. Depois o 5º ano veio trazer-me um mundo novo que eu</p>	<p>Quanto à adaptação em termos escolares, três dos entrevistados (Sujeito 2, Sujeito 4 e Sujeito 5) mencionam a mudança de escola durante o seu percurso escolar. Esta</p>

	<p>desconhecia por completo. Começando pela vida da cidade e claro a escola em si. Os primeiros tempos foram complicados mas depois tudo estabilizou (...) Depois veio o 7º ano e com ele mais uma mudança de escola. Fui para o liceu de Loulé. Aí sim foi complicado. Nova escola, novos colegas, alunos bem mais velhos, mais disciplinas. Tudo isto se refletiu nos meus estudos, mas o maior problema neste ano foi a matemática.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) adaptei-me bem. (...) era um bocadinho tímida, mas pronto adaptava-me bem a qualquer situação.” (Sujeito 3)</p> <p>“Aqui em Portugal (...) foram tempos difíceis, nova escola, novos colegas e professores mas o mais difícil foi os meus colegas serem muito mais novos do que eu e foi com bastante dificuldade que consegui integrar-me na escola, facto que contribuiu muito para o meu fraco sucesso escolar.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“(…) sempre gostei muito de ir pra escola. Adorava estar com as pessoas e depois eu sempre tive uma facilidade muito grande (...)” (Sujeito 5)</p> <p>“Quando terminei o 6º ano foi uma das maiores mudanças na minha vida, pois sai de uma escola particular para a pública. Sai do Colégio Algarve para a (...) Escola E.B. 2,3 D. Afonso III e (...) Foi aqui que passei os 3 anos seguintes da minha vida e onde tomei conhecimento das visitas de estudo que na realidade não foram bem aproveitadas para o que realmente era o objetivo, mas sim para um pouco mais de diversão do que o costume e</p>	<p>mudança, por sua vez, contribuiu para ‘penosa’ integração na escola. Na realidade, os entrevistados caracterizam esta mudança de escola como uma mudança complicada nas suas vidas, uma vez que esta implica novos colegas, professores, disciplinas, entre outros. Apesar de se considerar uma estudante tímida e envergonhada, a entrevistada (Sujeito 2) menciona que se adaptou bem à escola.</p>
--	---	--

		<p>longe de casa.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
	<p>2.5 Práticas de leitura na escola</p>	<p>“(…) nunca tive problemas na leitura... nessa altura não, havia mais que fazer.” (Sujeito 2)</p> <p>“Eu gostava muito de ler e escrever. (...) li aquele livro “os cinco” (...) revistas, coisas assim, gostava de ler e lia razoavelmente. (...) li o Amor de Perdição, sei que li Os Maias, os Lusíadas, Diário de Anne Frank (...) Lembro-me que ia uma biblioteca a Estoi, uma biblioteca ambulante que vinha aqui de Faro e que nós requisitávamos livros, jogos, era muito giro. (...) tinha livros de animais, era uma grande variedade de livros. (...) E também se aprendia muito, levávamos os livros, liamos. Na minha altura, também não se comprava assim muitos livros.” (Sujeito 3)</p> <p>“Sim, liamos mais lá do que aqui. Aqui perdeu-se muito o hábito de ler, aqui não há um estímulo de continuar a ler, de ir a uma livraria e comprar um livro, não há o estímulo de vamos comprar isso, não. (...) há falta de cultura em termos de leitura. (...) Estamos sempre a aprender com a cultura. (...) Lá oferecem-nos os livros quase, aqui compra-se os livros a preço de ouro (...)” (Sujeito 4)</p> <p>“Ler não, sou preguiçosa. (...) Mais depressa agarrava num livro com figuras ou fotografias mesmo de animais e tentava perceber o que era do que esses livros infantis. Nunca fui muito ligada a esses livros assim. (...) li os Lusíadas não porque era obrigatório na escola, porque (...) sempre gostei muito de poemas bonitos e li por gosto. (...) outro livro que me marcou muito que gostei (...)”</p>	<p>No âmbito das práticas de leitura, todos os entrevistados revelam que não tinham dificuldades na leitura. No entanto, a dedicação a esta prática social não é igual para os quatro entrevistados. A entrevistada (Sujeito 3) refere que gostava muito de ler e que tinha por hábito requisitar livros na “biblioteca ambulante” que ia à sua freguesia. Aponta algumas obras literárias (poéticas e românticas) que são de leitura obrigatória na estrutura curricular da disciplina de Língua Portuguesa, nomeadamente os Lusíadas, Amor de Perdição e os Maias. De igual modo, a entrevistada (Sujeito 5) aponta a leitura dos Lusíadas e “As Palavras que nunca te direi” como dois livros que a marcaram na sua vida. Enquanto o entrevistado (Sujeito 2) não se dedicava muito à leitura porque preferia fazer outras coisas, o entrevistado (Sujeito 4) refere que na Venezuela existe muito mais incentivo à leitura do que aqui em Portugal.</p>

	<p>2.6 Práticas de escrita na escola</p>	<p>“As palavras que nunca te direi”. Acho que foram assim os dois livros que eu li de gosto e que gostei mesmo.” (Sujeito 5)</p> <p>“(…) gostava de tudo, até composições, era muito... como é que hei-de dizer era criativo. Inventava coisas, e era aquilo que (...) ia de encontro àquilo que a professora queria ouvir ou queria ler. (...) escrevia cartas sim, mas eram em inglês. Pra uma namorada na Alemanha.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) eu escrevia era mais essas cartas, (...) Gostava mais de escrever até, lembro-me que já escrevia muito bem na altura com 10/11 [anos]. Tenho cartinhas lá em casa, eu às vezes ponho-me a ler aquilo e pronto, acho que já escrevia, já aplicava assim umas palavras assim mais elaboradas... mesmo as cartinhas e tudo era giro. (...) Escrevia coisinhas, cartinhas às minhas amigas. Por exemplo, no verão, lembro-me de escrever às minhas colegas, cartas principalmente nas férias. Escrever as cartinhas dos namorados, os postais para os namorados. E quando o carteiro nos trazia uma carta, era uma alegria. (...) tive um diário, mas não foi durante muito tempo.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) escrever sim, todos os dias (...) tinha um caderninho e comprava, religiosamente, no início do ano e todos os dias à noite era raro o dia em que não escrevia o meu dia, as minhas coisas, pensamentos, reflexões, tudo o que se passava comigo escrevia. (...) diários (...) escrevia a uma prima da Figueira da Foz. (...) Era engraçado porque ela também sempre gostou muito de escrever e a gente escrevia uma à outra assim mas, mega testamentos. Escrevíamos naquelas folhinhas cheirosas com bonequinhos e tudo. E até há, bem pouco tempo, continuamos com esse hábito. (...) Recadinhos deixava à minha mãe e ao meu</p>	<p>Relativamente às práticas de escrita, os entrevistados revelam que gostavam muito de escrever. Apresentam como exemplos desta prática sociocultural as composições; as cartas para amigas e familiares; os diários e os recados (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4). Estes exemplos apontados pela entrevistada demonstram as práticas comuns durante a fase da adolescência. Desempenham, de igual modo, um papel importante na construção da identidade dos sujeitos.</p>
--	---	--	---

		<p>pai e adorava. E aqueles bilhetinhos (...) para os supostos namorados, também fazia.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>2.7 Disciplinas que mais gostava</p>	<p>“Gostava de História e Geografia (...) português (...) o inglês pra mim, acho que foi uma coisa que (...) não sei como explicar, eu via filmes, ia ao cinema e assim aprendi por aí. E depois a tal questão dos meus vizinhos, que eram ingleses (...).” (Sujeito 2)</p> <p>“(...) gostava de educação física e de educação visual. Tinha sempre cinco a educação visual. (...) E gostava, adorava desenhar e de copiar um objeto qualquer era igual. Lembro-me de fazer um desenho que ganhou um prémio. (...) a minha língua mãe foi francês sempre. E sempre tive melhores notas a francês do que a inglês, também porque se calhar as professoras que apanhei inicialmente não foram as melhores e também perdi-me pelo caminho. (...) até gostava de ciências da natureza, português.” (Sujeito 3)</p> <p>“(...) hoje sinto alguma nostalgia de não ter dado continuidade nem a uma nem a outra” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“Língua estrangeira, a portuguesa, (...). Sempre fui um ‘ás’ no desporto tanto na tropa como na escola de nota cinco... de um a cinco era sempre cinco.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) só tinha muito interesse por atividades desportivas” (Autobiografia do Sujeito 4).</p> <p>“(...) gostava muito de português, quando era mais pequenina, e das ciências da natureza. Por causa da lidação aos bichos e de aprender aquilo tudo, a filosofia, veio a psicologia e o português</p>	<p>Os quatro entrevistados estão de acordo ao apontar o Português como uma das disciplinas que mais gostavam na escola. As Ciências da Natureza são apontadas por dois entrevistados (Sujeito 3 e Sujeito 5) como preferidas. O desporto surge, de igual modo, como uma disciplina preferida de dois entrevistados (Sujeito 3 e Sujeito 4). Por fim, surgem a História, a Geografia e o Inglês (Sujeito 2); a Educação Visual e o Francês (Sujeito 3); Línguas (Sujeito 4); Filosofia e Psicologia (Sujeito 5).</p>

		<p>manteve-se sempre. (...) Aprendi muito fácil, consigo ler um texto em inglês facilmente, consigo traduzi-lo todo que é o mais importante. (...) Francês percebo tudo o que eles dizem, mas falar é mais ou menos, muito raro.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>2.8 Disciplinas que menos gostava</p>	<p>“(…) a partir do sexto ano nunca mais dei conta da matemática. Era diferente. (...) olhando pra trás o que eu vejo, é que a culpa talvez nem fosse tanto da matemática, fosse mais minha (...)”. (Sujeito 2)</p> <p>“A matemática era uma tortura completa. (...) eu também nunca gostei de inglês (...) talvez porque a minha professora, se calhar não foi a mais indicada. E a partir daí, foi o descargo total. Mas tenho pena.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) a matemática não era uma área que me fascinava desde o início.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) tornei-me preguiçosa na matemática e desmotivei. E depois não posso com química. Não consigo aprender aquelas fórmulas. Olha línguas, fugia a sete pés. E alemão é mentira, mas gosto muito de ouvir (...)”. (Sujeito 5)</p> <p>“Não fugindo à regra, nunca gostei muito de Matemática, era para mim a disciplina que menos prazer me dava a estudar e que mais evitava, mas mesmo assim, sabia que precisava e que tinha que me empenhar como nas outras.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	<p>Em termos de disciplinas que menos gostavam, as respostas dos sujeitos são unânimes quanto à Matemática. Contudo, todos revelam ter consciência da importância da matemática nos seus percursos escolares bem como a dedicação que deveriam ter dado à mesma. Para além da matemática, destacam-se as línguas (Sujeito 3 e Sujeito 5) e a Química (Sujeito 5). A entrevistada (Sujeito 3) aponta uma das causas por não gostar de inglês deve-se, a seu ver, ao facto da professora não ser a mais indicada para leccionar essa disciplina.</p>
	<p>2.9 Dificuldades de aprendizagem</p>	<p>“(…) notei um pouco de dificuldade quando vim do Alentejo pra cá, porque o método de ensino era diferente (...) sexto ano é um ano, que talvez eu considere que exige mais atenção e mais</p>	<p>Como principais dificuldades de aprendizagem apontadas pelos entrevistados enfatizam-se o método de</p>

	<p>(reprovações, por exemplo)</p>	<p>trabalho em relação à matemática, e eu tinha outras prioridades e depois perdi-me. (...) No oitavo, altura em que deixei, não quero estar a mentir, mas acho que foi só mesmo matemática que eu deixei. Já estávamos também no último período quase e acho que era matemática que estava para trás.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) chumbei também no segundo ano do ciclo, também fiquei. Aí já foi talvez mais preguiça. (...) chumbei no 8º ano que se chumba quase sempre porque teve a ver com a turma, com os namoricos, etc., as companhias, o desleixo total (...) Mas não chumbei por faltas, mas também não foram muitas negativas. Foram para aí umas quatro. Era o suficiente para chumbar. (...) Algumas dificuldades, mas também nada por aí além. Mas mais nas matemáticas, nas físico-químicas, nessas áreas assim.” (Sujeito 3)</p> <p>“As alternativas não eram muitas e cada vez mais fui perdendo o gosto de estudar, consegui chegar à escola preparatória mas aí continuou o insucesso, como já tinha uma idade superior aquela que é habitual fui colocado numa turma de repetentes, com alunos repetentes já há vários anos, enfim uma turma bastante complicada, bastante indisciplinada, o que me fez também alterar um pouco do meu comportamento escolar, foi muito mau esse tempo, as companhias não eram as melhores, e acabei por repetir o primeiro ano do ensino preparatório. As coisas foram sempre piorando, e no ano seguinte acabei por chumbar por faltas.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“Chumbar, chumbar, chumbar? Por faltas. Desabituei-me completamente do esquema de trabalho deles não acreditei e fui-</p>	<p>ensino diferente de escola para escola (Sujeito 2 e Sujeito 4). Três entrevistados referem que se encontravam desmotivados com a escola. Parece plausível que este desinteresse escolar, estivesse relacionado com algumas dificuldades de aprendizagens em algumas áreas, nomeadamente a matemática e a físico-química. A matemática surge como a disciplina que mais exige atenção e dedicação (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 5). Esta desmotivação escolar conduziu, por sua vez, à reprovação por faltas.</p>
--	--	---	---

		<p>me embora. Foi na quarta classe para o quinto ano.” (Sujeito 4)</p> <p>“Depois de concluir o 9º ano com êxito fui para a Escola Secundária João de Deus em Faro, mais conhecida por Liceu. Tudo correu relativamente bem até ao 11º ano, onde chumbei pela primeira vez. Foi um pouco de ano da loucura, início de namoros, descobertas e pisar o risco, um pouco demais, pois acabei por chumbar o ano.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p> <p>“(…) tinha as mesmas notas, mas os professores não me deram positiva porque eu faltava mesmo muito. E foi (…) complicado e depois foi quando os meus colegas quase todos passam de ano e eu fico para trás. E depois mais o divórcio (…) mais na matemática porque o meu professor insistia muito que (…) aquilo tinha que ser interpretado primeiro a pergunta para depois conseguires fazer o cálculo.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>2.10 Apoio nos trabalhos da escola</p>	<p>“Não, não, não... Nada, nada, nada.” (Sujeito 2)</p> <p>“a minha mãe ajudava-me muito até à 4ª classe na matemática, principalmente na tabuada.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) o meu pai contava-nos histórias e ríamos muito, para mim ele era o meu ídolo que me transmitia muito entusiasmo e alegria” (….) lembro-me de fazer também muitas perguntas ao meu pai. (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“Sempre. Se não fossem os nossos pais a desligar a televisão, vamos para o quarto fazer os nossos trabalhos têm que fazer o tpc, o <i>workhouse</i>, tinham que o fazer.” (Sujeito 4)</p>	<p>Em termos de apoio na realização dos trabalhos da escola, as respostas dos entrevistados não são unânimes. Na realidade dois entrevistados (Sujeito 2 e Sujeito 5) revelam que não tinham apoio nos trabalhos de casa. Contudo, a entrevistada (Sujeito 5) justifica que não tinha apoio, porque não necessitava de estudar para ter boas notas. Apesar da escolaridade dos seus pais ser a 4ª classe, a entrevistada (Sujeito 3) contava com o apoio prestado pela sua mãe nos seus trabalhos de casa de matemática. Também o entrevistado (Sujeito 4) destaca</p>

		<p>“(…) o meu pai dizia-nos sempre para aproveitarmos a oportunidade de estudar num bom colégio e para aprendermos com sucesso tudo o que estava ao nosso alcance, pois ele não teve oportunidade de estudar, começou muito cedo a trabalhar e tinha gosto de nos proporcionar tudo de bom para as nossas vidas, ele trabalhava muito para nos poder dar de tudo. (…) foi onde comecei a adquirir competências na linguagem e comunicação, a fazer os meus trabalhos em duas línguas, a castelhana e o português e levava os trabalhos para ter a ajuda dos meus pais.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“Não (…) eu não precisava de estudar.” (Sujeito 5)</p>	<p>o apoio e o incentivo dos seus pais na realização dos trabalhos da escola. Tais práticas de acompanhamento nos trabalhos de casa, são exemplos do desenvolvimento de uma literacia em contexto familiar.</p>
	<p>2.11 Projetos profissionais</p>	<p>“Eu acho que não pensava muito nisso. Não tinha assim nada idealizado ainda e nem pensava muito nisso.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) sempre gostei muito de papéis. (…) na altura, contabilidade e secretariado, era aquilo que eu gostava Secretária, administrativa, contabilidade, números (…) se fosse hoje teria ido, talvez, para as psicologias, pro teu curso, Sociologia, se tivesse tido, talvez, mais apoio familiar nesse sentido de ter tido ali outro encaminhamento. Ah, tinha envergado ali para outras áreas.” (Sujeito 3)</p> <p>“Enfermagem foi (…) sempre um objetivo a percorrer.” (Sujeito 4)</p> <p>“A principal sempre foi veterinária, sempre ligada aos bichos. (…) quando descobri a psicologia no décimo primeiro, pus a hipótese de seguir psicologia clínica. (…) as duas de eleição.” (Sujeito 5)</p>	<p>Em termos de projetos profissionais futuros, os entrevistados revelam os seus sonhos, nomeadamente secretariado e de contabilidade (Sujeito 3), Enfermagem (Sujeito 4), Veterinária ou Psicologia Clínica (Sujeito 5). Segundo a entrevistada (Sujeito 3), se fosse hoje, teria tirado o curso de Psicologia ou de Sociologia, se tivesse tido mais apoio e incentivo familiar. Importa ainda mencionar que somente um entrevistado (Sujeito 2) admite que não idealizava nenhuma profissão.</p>

		<p>“No início, como quase todas as crianças, queria ser professora, mas com o passar dos anos esse sonho foi mudando, passando a veterinária e até em psicóloga.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
<p>3. Abandono escolar</p>	<p>3.1 Motivos do abandono escolar</p>	<p>“(…) cheguei ao oitavo ano e achava que levantar-me às seis, seis e meia era muito cedo. Porque eu entrava nas aulas às oito e meia, não havia autocarro, a câmara municipal disponibilizava uma carrinha só que pra eu estar nas aulas às oito e meia, a carrinha vinha-me buscar muito perto das sete e eu esperava quase uma hora pra entrar nas aulas, depois. Tinha que me levantar muito cedo. (...) na altura em que saí da escola, as notas davam para passar o ano, não tava muito mal, lembro-me que tava tapado de faltas (...) e depois acabei por chumbar o ano por faltas claro. (...) aborrecia-me mesmo de ir à escola.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) abandonei a escola por vontade própria e para desgosto dos meus pais, pois enquanto estudei nunca chumbei um ano lectivo.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“Estudei até ao 10º ano (...) quis ter a minha independência e comecei a trabalhar ao mesmo tempo. Ainda andei uns meses à noite, mas depois era muito cansativo, não consegui, não consegui acompanhar e fiquei-me por aí. (...) e depois surgiu essa oportunidade de fazer esse estágio.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) quando eu vim para cá, tentei retomar os meus estudos e não me deram equivalências de nada. (...) eu tava com 16 anos, já no 8º ano e vim para aqui, para cá para a 3ª classe. E foi a desilusão. Era um matulão, no meio de crianças. É uma vergonha, porque é uma grande diferença. (...) e então, fui</p>	<p>Como principais motivos que justifiquem o abandono escolar são mencionados a desmotivação escolar, a independência económica face ao seu agregado familiar, o ingresso no mercado de trabalho (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4); a desilusão com o sistema educativo português (Sujeito 4) e problemas familiares, como o divórcio dos pais e de saúde (Sujeito 5).</p>

		<p>trabalhar cedo (...) Portugal para mim deixou de ser um sonho e passou a ser um pesadelo. (...) no quinto colocaram-me logo numa turma dos coletivos que são pessoas que têm insucesso escolar, (...) E foi a partir daí que eu disse “Isto não tem condições, (...) é um sistema falido e os professores falidos e vim embora.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) deixei as três disciplinas para fazer do décimo segundo (...) biologia, química e matemática.. Estava na área das ciências. (...) sentia-me um bocado sozinha porque os meus amigos tinham passado todos e eu fiquei para trás e depois foi o divórcio deles que influenciou muito para eu não ter cabeça para nada. (...) É terrível.” (Sujeito 5)</p> <p>“(...) passei para o 12º ano, mas infelizmente não foi o melhor ano para mim, pois a minha cabeça estava sempre longe dos estudos e da escola. Os meus pais começaram a ter problemas em casa e no casamento e eu não consegui separar as situações (...) uma experiência muito dolorosa. A situação chegou a um ponto tão ruim e doloroso que tive uma depressão nervosa, a qual tive que tratar através de antidepressivos.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
	<p>3.2 Apoio familiar no abandono</p>	<p>“(...) o pai o que disse foi “Queres sair, saís e tens é que vir trabalhar” porque ele na altura trabalhava sozinho e tinha falta de quem o ajudasse. Tendo em conta que eu já o ajudava nas férias de verão e então fui trabalhar com o pai. (...) Eles nunca me incentivaram a sair da escola, antes pelo contrário. (...) eles sempre me motivaram para continuar e não para desistir da escola. Ter em conta que foi uma decisão minha e é assim “deixas a escola, vais trabalhar”. Nessa altura, já tinha alguma</p>	<p>Quanto ao apoio familiar prestado na decisão de abandono escolar, os entrevistados revelam que sempre foram incentivados a estudar e a prosseguir os estudos (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5). Verifica-se, portanto, uma preocupação por parte da família quanto ao nível escolar dos filhos. Importa referir que</p>

	<p>escolar</p>	<p>noção do que queria fazer.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) tive, mas por outro a minha mãe disse-me “não devias sair da escola, devias continuar, mas queres ir trabalhar, tu é que sabes.” (Sujeito 3)</p> <p>“Magoei-os, e ficou tudo magoado. Foi uma parte que custou, mas viram o meu lado, respeitaram o meu lado. Portugal não acreditou nas nossas competências adquiridas ao longo destes anos num outro país, (…) aquilo foi uma mágoa, foi uma faca que me espetaram e acabou por eles entenderem que realmente não fazia sentido. Os meus pais tentaram perceber porquê e eles não alegavam nada.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) apesar da tristeza dos meus pais a decisão estava tomada” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“O meu pai terrivelmente mal e a minha mãe também. (…) ele queria que pelo menos o décimo segundo eu tivesse terminado. Não aceitaram muito bem, mas teve que ser.” (Sujeito 5)</p>	<p>as famílias ficaram magoadas com a decisão mas que acabaram por concordar e apoiar a decisão dos seus filhos.</p>
	<p>3.3 Consequências em relação ao trabalho, vida pessoal, familiar (arrepentimento da decisão,</p>	<p>“(…) Se fosse hoje, não saia da escola, continuava. Com esforço e continuava. Continuava com a matemática até ao nono ano e depois optava por seguir um caminho que não me tivesse a matemática. Eu teria optado por fazer isso ou teria ido para línguas para evitar ter matemática. E como gosto de línguas, já não seria problema. Mas se fosse hoje, fugia da matemática mas continuava os estudos.” (Sujeito 2)</p> <p>“Não estou arrependida mas, por outro, acho que devia ter</p>	<p>Dois dos entrevistados (Sujeito 3 e Sujeito 4) referem que não estão arrependidos de terem abandonado a escola, pois apenas as pessoas que queriam ir para a universidade é que terminavam o secundário. Contudo, os entrevistados referem que se fosse hoje, já não tomavam a mesma decisão, pelo contrário, terminavam a escolaridade obrigatória. Na realidade, o facto de não</p>

	<p>por exemplo)</p>	<p>terminado o 12º ano que é muito importante. Mas na altura com a minha idade, o 12º não era muito destacado na altura, nem as pessoas faziam o 12º ano. (...) Era só para quem ia para a universidade...”. (Sujeito 3)</p> <p>“Eu não estou arrependido (...) porque me tiraram o tapete por não acreditarem na sapiência da cultura da Venezuela, aquilo que eu aprendi e não me darem equivalência do ensino em Portugal.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) quando somos novos não sabemos dar valor às oportunidades que temos e as deixamos fugir, agora já com outra maturidade é que tenho noção do que poderia ter feito, (...)” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“(…) se fosse hoje, se calhar tinha acabado. Tinha de ter arranjado forças mas meteu-se o trabalho, veio o dinheiro e comprar as nossas coisas e não depender de nada nem de ninguém.” (Sujeito 5)</p>	<p>terem a escolaridade obrigatória limitou-os na procura de emprego, alcançando empregos pouco qualificados. Por outras palavras, todos os entrevistados têm consciência da importância da escolaridade mínima obrigatória em termos profissionais (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5).</p>
<p>4. Percurso de vida</p>	<p>4.1 Auto-caracterização pessoal (lema de vida)</p>	<p>“(…) o mais prático possível (...) muitas vezes, ajudava os meus colegas. (...) sou uma pessoa calma por exemplo, nas nossas sessões de RVCC, por exemplo, se as pessoas estão a falar ou a explicar o seu ponto de vista ou estão a tentar dar a entender, nós ali se não estivermos com atenção, não vamos a lado nenhum, não é? Eu gosto de ouvir e aprender. (...) “live fast, die young”. Às vezes, parece que quanto mais queremos andar para a frente, parece que há sempre alguém a puxar-nos. Por outro lado, penso que se fosse tudo tão fácil, acho que a vida também não tinha tanta pica. E aprende-se muito.” (Sujeito 2)</p>	<p>Os entrevistados caracterizam-se como pessoas responsáveis, dispostas a ajudar, tranquilas e práticas e otimistas (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 5). Consideram-se realistas, conscientes das suas competências e polivalentes (Sujeito 4 e Sujeito 5). Nesta ordem de ideias da polivalência, o entrevistado (Sujeito 4) destaca a aquisição de novas aprendizagens como o “saber-fazer”, associadas ao desenvolvimento pessoal e social dos</p>

	<p>“(…) perfeccionista desde sempre, era muito dedicada, responsável (...) acho que sou uma pessoa íntegra, acima de tudo, tenho uma postura justa perante, para comigo e para com os outros (...) presto ajuda sempre que é preciso, mas faço isso de coração. (...) sou uma pessoa tranquila (...), eu sou muito prática. Ou é ou não é, eu sou assim. (...) se nós cá estamos, há que aproveitar a vida ao máximo e crescermos como pessoas, (...) e ajudarmos o próximo (...) para mim é importante o nosso crescimento emocional para nós e transmitir isso aos nossos. (...) enquanto estivermos vivos temos que ter sempre esperança. Isto é a minha perspetiva e alguma coisa de bom há de estar destinado para nós. (...) eu mudei muito, porque hoje em dia, nada me aflige. E a nossa autoestima reforça-se ao longo da vida.” (Sujeito 3)</p> <p>“Tento ter uma atitude positiva perante a vida, ser otimista, não me deixar cair em depressões, manter a calma e a serenidade em situações menos agradáveis e de estresse.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“(…) estamos sempre a aprender. Eu costumo dizer que nós (...) precisamos sim de acreditar no futuro. Depositar cada vez melhor nas nossas competências, as nossas necessidades, acreditar que somos capazes de vencer. (...) Sou pessimista não, sou realista. (...) Sou um bocado vaidoso, sou um pavão, sou bonito, tenho a mania que sou bonito, julgo-me bonito e tenho que pensar que sou bonito e que serei sempre bonito. Sou um pavão porque gosto de passar e mostrar as minhas penas mostrar a minha alma, que estou bem. Sei muito e guardo-o para mim. (...) sou uma pessoa frontal. Quando gosto, gosto e quando não</p>	<p>indivíduos. Defendem que devemos aproveitar a vida ao máximo, principalmente as oportunidades que a vida nos dá. E, para além disso, crescermos enquanto pessoas e cidadãos e transmitir as nossas experiências e aprendizagens.</p>
--	---	---

		<p>gosto, não gosto. E vivo intensamente tudo aquilo que faço e que digo e em tudo o que acredito. (...) Se a pessoa não for polivalente como eu fui sempre ao longo da minha vida, (...) Nós temos que ser polivalentes na forma de saber-saber e saber-fazer, (...) Aqui, as competências ganham-se ao longo da vida e se uma pessoa sabe pescar, à fome não morre. Se uma pessoa sabe cultivar, à fome não morre.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) tenho uma autodefesa muito grande. Tudo o que deixei para trás que não me interessa, a minha memória simplesmente apagou. (...) apesar de não parecer eu sou muito tímida (...) Adoro o contato com os outros, adoro ajudar os outros e depois esqueço um bocadinho de mim. (...) sou brincalhona, não me pisem os calos. (...) Esqueço-me das coisas sérias e ando um bocadinho no mundo da lua mas também é um bocadinho a minha maneira de viver. Porque se tiver com os pés bem assentes na terra e olha tudo à minha volta, então aí mais vale enfiar a cabeça na almofada. Sou uma granda maluca (...) não gosto de falar das coisas sem passar por elas e quando não passo por elas dou a minha opinião por fora. Mas quando passo por elas, posso falar à vontade. (...) gosto de fazer as coisas certas e bem-feitas, sou muito minuciosa nas minhas coisas (...) tentar aproveitar ao máximo a fazer as coisas e coisas que dêem prazer.” (Sujeito 5)</p> <p>“Respeito os outros e só quero que me respeitem e até hoje tenho conseguido evitar certas situações mais complicadas. Gosto de conviver com todos, sem fazer qualquer tipo de distinção.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
	<p>4.2 Aprendizagem</p>	<p>“O adulto (Sujeito 2) conta que abandonou a escola e foi trabalhar com o pai. Antes não via esta experiência como</p>	<p>Em termos de aprendizagens experienciais dos entrevistados, podemos afirmar que os</p>

	<p>Experiencial</p> <p>positiva, mas que hoje dá muito valor e diz que adquiriu muita experiência, entre elas o inglês. Aos 19 anos foi morar e trabalhar para a Suíça e esteve lá durante 10 anos. Conta que esta experiência o ajudou na vida, pois tornou-se mais responsável, aprendeu a dar valor ao nosso país e ao fado. Acrescenta que aprendeu, também, a gostar de política.” (Diário de Campo nº6)</p> <p>“Foi talvez uns dos anos em que mais aprendi, pois comecei a perceber o que de facto era a vida e comecei a perceber como era e é (ainda hoje o é) dura a vida. O trabalho era duro sobretudo no Verão mas também teve o seu lado positivo. Utilizava a matemática, aprendi a conduzir um camião mas para mim o mais importante foi o facto de eu ter aprofundado o meu inglês. (...) No meu trabalho muitas das nossas tarefas diárias estão diretamente ou indiretamente ligadas à matemática. São os cálculos para efetuar a furação nas nossas portas, ou medir os painéis para fazer os cortes.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>(...) o facto de ter saído da escola e ter começado a trabalhar. (...) E a partir daí foi diferente e comecei a ver como se ganhava o dinheiro e foi uma boa aprendizagem. E depois é sempre novas experiências, umas que são mais positivas e outras que são mais negativas, que também se aprende com o negativo.” (Sujeito 2)</p> <p>“Apresenta o tema da sessão – “Migrações”. Enquanto isso, os adultos escutam com atenção e respondem às questões da formadora sobre o tema. E as questões são, por exemplo, quais as causas das migrações. Pude verificar que vários adultos se sentem à vontade com o tema e com os colegas.” (Diário de campo nº4)</p>	<p>mesmos apontam algumas situações ou contextos das suas vidas que lhes proporcionaram aprendizagens e levaram, conseqüentemente, à aquisição de saberes e competências. De acordo com o entrevistado (Sujeito 2), o facto de ter começado a trabalhar foi uma excelente aprendizagem, na medida em que aprendeu a conduzir um camião e aprofundou os seus conhecimentos ao nível do inglês e, curiosamente da matemática. Desenvolveu, portanto, novas aprendizagens e práticas de numeracia ao longo do seu percurso profissional.</p> <p>A emigração e/ou imigração foi um dos temas desenvolvidos/ discutidos nas sessões de grupo do processo RVCC. Na realidade, dois entrevistados (Sujeito 2 e Sujeito 4) passaram por uma experiência migratória. Por exemplo, o entrevistado (Sujeito 2) revela que com apenas dezanove anos recebeu um convite da sua tia para ir trabalhar na Suíça. Resolveu ir em busca de uma vida melhor. Afirma, portanto, que foi uma experiência muito enriquecedora em vários sentidos: ganhou responsabilidade, maturidade, desenvolveu a língua francesa e outros conhecimentos e, por fim, conheceu novas pessoas com costumes e tradições bem diferentes dos</p>
--	--	---

	<p>“Quando fiz 19 anos fui trabalhar numa exploração de suinicultura para a Suíça. Na Suíça trabalhei na agricultura e na construção civil. (...) Fui à procura de ter uma vida melhor do que aquela em que eu via os meus pais a viver. Tive de aplicar os meus conhecimentos de escola na língua francesa e claro aprofundá-los muito mais. Por outro lado fiquei maravilhado com as paisagens Suíças. A natureza é muito linda (...) Fiquei maravilhado com a neve, as florestas, as montanhas, o gelo enfim tudo muito bonito. Foi uma experiência de vida muito enriquecedora para mim. (...) Tive de me adaptar a conviver com pessoas de diferentes religiões e etnias coisas que no nosso país naquela altura não eram tão evidentes como o são nos dias de hoje. Nunca foram empregos muito bons mas ajudaram me bastante na minha experiência de vida (...) Ir para a Suíça foi como começar uma vida nova pois ao lá chegar deparei-me com uma realidade bem diferente daquela a que estava habituado. É um país com costumes e tradições bem diferentes dos nossos, aliás pode-se dizer que é um país multicultural devido ao enorme fluxo de emigrantes que existem naquele país”. (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(...) a responsabilidade pelo trabalho, não é a nossa língua, não são os nossos hábitos, não tem as nossas tradições é complicado. O clima é frio (...) estive lá quase dez anos, perto de dez anos. E vim embora porque a minha mulher não gostava de estar lá. E mantenho contacto só com a família. (...) Mas olhando para trás, a experiência foi boa, ajudou e conheci novas culturas, novas coisas. E já faz dez anos que voltei e gostava de voltar lá outra vez.” (Sujeito 2)</p>	<p>portugueses.</p> <p>Também o entrevistado (Sujeito 4) destaca a sua experiência migratória como uma boa aprendizagem. Sendo de nacionalidade Venezuelana, o entrevistado descreve que a sua família emigrou para a Venezuela à procura de um futuro melhor. Quando tinha dezasseis anos, a sua família decidiu regressar a Portugal em busca de melhores condições de vida. Passados uns anos, resolveu regressar ao seu país, por apenas dois meses, pois não estava contente com as condições que Portugal oferecia. Anos mais tarde, decide ir trabalhar para os Estados Unidos da América. Destas experiências, o entrevistado realça o seu comportamento solidário, o respeito pela cultura e o desenvolvimento de línguas estrangeiras. Verifica-se, portanto, que o principal objetivo que os levaram a emigrar e imigrar prende-se com a precária situação económica do seu país de origem. Decidiram, portanto, procurar uma qualidade de vida mais saudável e abrangente num outro país (Sujeito 2 e Sujeito 4).</p> <p>Relativamente às entrevistadas (Sujeito 3 e Sujeito 5), as mesmas refletem sobre as suas experiências de vida, apresentando o divórcio e a gravidez como situações de</p>
--	--	--

	<p>“O divórcio acabou por acontecer, considero que aprendi muito e adquirir experiência e ponderação para a vida...”. (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“(…) nasci em 1970 na Venezuela e por lá estive até aos meus dezasseis anos. (...) O meu pai emigrou para a Venezuela à procura de um futuro melhor para ele e para a sua família. (...) Antes de terminar o ensino preparatório já estávamos a fazer as malas para vir de vez para Portugal, quando cá chegamos já estava tudo preparado uma nova casa, novos móveis, novos quartos, enfim, tudo para iniciarmos uma nova etapa da nossa vida (...) Entretanto as saudades da terra onde nasci apertaram e resolvi ir até à Venezuela, fiquei por lá dois meses. (...) O meu comportamento solidário cresceu já aqui em Portugal aprendendo junto da sociedade portuguesa e ajudando, ao mesmo tempo, a minha adaptação até dar o passo para aprender melhor a língua, a religião e a introdução na cultura social. Desenvolvi competências e troquei experiências com os meus amigos nos tempos livres e na escola, aprendendo até a idade adulta algo de importante: o respeito, a sua cultura, e religião.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“(…) gosto da aventura e por querer uma vida melhor, esse gosto fez-me ir até aos Estados Unidos da América, (...) empregado de mesa e de cozinha.</p> <p>Aqui utilizava a língua estrangeira, o inglês mais uma vez como uma língua prioritária e o espanhol (...) Foram dias duros, cheguei a trabalhar 18 horas seguidas e o salário não compensava, ganhávamos sobre as gorjetas que recebíamos, ou</p>	<p>aprendizagem. Nesta linha de pensamento, estas aprendizagens podem ser vistas como mudanças significativas para os entrevistados, uma vez que provocaram alterações ao nível da identidade dos entrevistados.</p> <p>Em suma, como principais aprendizagens destaca-se o crescimento pessoal e social dos entrevistados, a autonomia e o espírito de iniciativa e, por último, a aquisição e o desenvolvimento de novas competências.</p>
--	---	--

		<p>seja, dependia muito da generosidade dos clientes, quando regressei vinha cansado mas valeu pelo que aprendi e fica sempre a experiência.” (Sujeito 4)</p> <p>“Em 2005, embora já tivesse falado e sonhado com filhos, engravidei, um pouco sem querer. Agora sim tinha que pensar bem na minha vida, pois era uma mudança enorme.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
<p>5. Participação Cívica</p>	<p>5.1 Associativismo</p>	<p>“Nesta sessão, fala-se também da participação em associações e de acordo com as autobiografias, cerca de três adultos (S2 e S4) participam em associações. Quanto a isto, a formadora refere que quem participa em associações, deve desenvolver alguns pontos quanto à associação que pertencem, os seus objetivos, atividades desenvolvidas, funções, dificuldades, obstáculos, apoios institucionais, entre outros.” (Diário de Campo, nº3)</p> <p>“(…) Grupo Desportivo de Mata Lobos, é um pequeno grupo que organiza uns bailes de Verão e tem uma equipa de futsal que participa em vários torneios a nível regional. Neste momento estamos a preparar a nossa própria sede e a criar as condições necessárias para apostarmos na formação juvenil em futsal. (...) a minha função é cozinhar. No futuro, o clube deverá poder investir na formação dos mais jovens no desporto nomeadamente no futsal e os mais velhos terão direito a usufruir das instalações e a ir aos já famosos bailaricos de Verão.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) eles só faziam bailes de verão e eu ia lá assistir. E houve um ano que ficaram sem uma pessoa para ajudar na cozinha ou</p>	<p>Em termos associativos, três entrevistados (Sujeito 2, Sujeito 4 e Sujeito 5) encontram-se envolvidos com associações de cariz socioculturais e desportivas. O entrevistado (Sujeito 2) revela que já conhecia a associação - Grupo Desportivo de Mata Lobos – mas que surgiu o convite para ajudar na cozinha. Aceitou sem hesitar e passados cinco anos, ainda faz parte da associação. Revela ainda que foi membro-fundador de um moto clube de Loulé. Esta situação justifica o seu gosto pelas motas, espírito associativo e relações sociais. Também o entrevistado (Sujeito 4) revela que pertence à direção da associação “Clube de Amigos da Pesca”, contribuindo para o funcionamento da mesma através de limpezas e auxílios à população idosa. Por último, a entrevistada (Sujeito 5) menciona que participa nas atividades organizadas pelo rally e pelo Moto Clube de Faro.</p>

		<p>nos grelhados e o meu colega perguntou-me se eu não me importava de ir lá desenrasca-los lá por uma vez ou duas. Respondi “se eu puder ajudar, tudo bem”. Na altura, já conhecia mais pessoas sem ser ele, embora não fizesse parte e acabei por me envolver assim. (...) já lá vão quatro, cinco anos, por aí. (...) Agora por causa desta questão do trabalho, perdi um pouco o envolvimento com a associação (...) Mas, no entanto, a amizade com as pessoas mantêm-se. (...) Formei um moto clube de Loulé que é o “Rodas do Relógio”. (...) Fui membro-fundador e assumi grandes responsabilidades, era vogal. Gosto do espírito associativo e das relações sociais.” (Sujeito 2)</p> <p>“(...) faço parte da direção na qual até se chama Clube dos Amigos da Pesca uma associação sem fins lucrativos que está ajudando a atividade da pesca desportiva e a alguns projetos como ajudar em ajudar em limpezas nas praias e fazer a sua atividade de lazer ajudando a pessoas idosas a estarem no seu permanente estado de atividades sociais e desportivas na zona de residência.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“(...) participação do <i>rally</i> e somos muito ligados ao Moto Clube de Faro.” (Sujeito 5)</p>	<p>Estes exemplos ilustram o associativismo como um agente de formação e de participação para o desenvolvimento social, verificando-se assim uma participação ativa na sociedade bem como um convívio social. Este convívio social identificado pelos entrevistados consiste, por sua vez, num fator de aprendizagem. Em suma, o associativismo desempenha um papel fundamental, uma vez que representa um vínculo dos sujeitos à sociedade. Na realidade, os sujeitos realizam determinadas práticas culturais e desenvolvem, ao mesmo tempo, laços de sociabilidade. Importa ainda referir que este espírito associativo é anterior ao processo de RVCC.</p>
	<p>5.2 Eleições</p>	<p>“Durante a sessão, a formadora aborda a questão da democracia e refere que o facto de vivermos numa democracia é discutível. (...) Fala das eleições. E enquanto isso, três adultos (S2, S3 e S5) comentam que já participaram na vida pública. Surge, como exemplo, o voto.” (Diário de campo nº3)</p> <p>“Posso votar, tudo bem.” (Sujeito 2)</p>	<p>Ao nível da participação cívica, os entrevistados (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 5) referem participar em eleições ao contribuir com o seu voto, enquanto cidadãos. Importa ainda ressaltar a opinião da entrevistada (Sujeito 3) relativamente ao voto como uma prática importante no desenvolvimento da sociedade. No entanto,</p>

		<p>“Só em eleições.” (Sujeito 3)</p> <p>“Todos temos direito à democracia, à liberdade de expressão, termos uma vida digna e com igualdade de direitos. Considero importante votar na medida em que um voto representa o poder de escolha de cada cidadão por uma melhor escolha dum partido político, que considera mais favorável para governar ou dirigir um país. Não vou votar sempre, mas (...) nunca faltei para eleger o Presidente Autárquico da minha cidade por achar que o meu voto é importante para um melhor desempenho do desenvolvimento do local onde habito e que acho que devem ser trabalhadas para esse fim. O voto do Primeiro-ministro de Portugal que governa um país, também não prescindo desse voto, será ele que supostamente nos dará melhores condições de vida como cidadãos comuns existentes.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“Já votei, agora voto em branco. Já não tenho paciência para isto que isto é uma hipocrisia (...)” (Sujeito 5)</p>	<p>a entrevistada (Sujeito 5) realça o seu descontentamento face aos políticos. Estas práticas são anteriores ao processo RVCC.</p>
	<p>5.3 Manifestações</p>	<p>“Manifestações acho que já participei para aí uma ou duas por causa das portagens e outra coisa que o Moto clube de Faro organizou.” (Sujeito 2)</p> <p>“Outro assunto que surge nesta sessão prende-se com a manifestação da A22. Dois adultos (S2 e S5) comentam que costumam participar nas manifestações ao longo da Algarve por causa das portagens na Via do Infante.” (Diário de campo nº3)</p> <p>“(…) quando era mais nova. Aquelas contra o Ministério da Educação, que iriam retirar os intervalos e que iam aumentar o</p>	<p>Dois entrevistados afirmam que já participaram em manifestações, nomeadamente as manifestações estudantis e sociais (Sujeito 2 e Sujeito 5). Esta participação em manifestações revela o descontentamento dos entrevistados face a algumas medidas do Governo. Demonstra, neste sentido, uma participação ativa na sociedade.</p>

	<p style="text-align: center;">5.4 Voluntariado</p>	<p>tempo das aulas (...) era a maluqueira...” (Sujeito 5)</p> <p>“Através do Banco Alimentar. (...) Acho importante fazermos alguma coisa pelos outros. Fiquei a saber que a Cruz Vermelha serve refeições ao Domingo e aceita voluntários para fazer as refeições. Mas as pessoas têm que levar as coisas para fazer as refeições. (...) não me importava de estar um domingo a fazer o jantar para quem quisesse ir lá jantar.” (Sujeito 2)</p> <p>“Eu desde os meus 14 anos sempre dei, sempre ajudei, criei um lado humano e social. A Cruz Vermelha, para mim, nasceu depois de ter estado ah de ter saído da tropa obrigatoriamente quando vim para Portugal, fiquei um ano e dois meses.” (Sujeito 4)</p> <p>“O adulto S4 refere que é voluntário na Cruz Vermelha e que ajuda sempre que é necessário. E, de seguida, destaca a iniciativa da cruz vermelha com a sua nova iniciativa da recolha de roupa usada através dos contentores de roupa espalhados pela cidade.” (Diário de campo nº2)</p> <p>“(...) sou voluntário da Cruz Vermelha Portuguesa na qual sou voluntário há 23 anos e faço parte da área de apoio social e de emergência e sou motorista de longo curso. Sou feliz em participar em provas organizadas pela Cruz Vermelha, tais como futebol, a ir aos encontros de apoio social, como levar comida a pessoas com dificuldades, num simples vestir e ajudá-los na sua alimentação, como também na área da emergência na qual me emociono e onde me sobe alguma adrenalina. Adoro o que faço realmente, e até que eu o possa fazer irei sempre pertencer a esta organização.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p>	<p>No âmbito das práticas de voluntariado, todos os entrevistados (Sujeito 2, Sujeito 4 e Sujeito 5) já fizeram e ainda fazem voluntariado, à exceção de um (Sujeito 3). Surgem como exemplos, o Banco Alimentar, a Cruz Vermelha e a Santa Casa da Misericórdia de Faro. Na realidade, os entrevistados referem a importância do voluntariado tendo em conta a sociedade atual e principalmente o contexto de crise que o país atravessa. Estas atividades de voluntariado são, portanto, alguns exemplos de educação para a cidadania e de desenvolvimento pessoal.</p>
--	--	---	---

		“(...) eu faço (...) Santa Casa da Misericórdia (...) dar as refeições às pessoas mais idosas e (...) distribuição também da comida.” (Sujeito 5)	
	5.5 Reciclagem	“(...) separo o lixo, não é? Os plásticos, as lâmpadas, os vidros e essas coisinhas...” (Sujeito 3) “(...) A reciclagem é importante e pode ser fácil, basta querer com esforço e criatividade.” (Autobiografia do Sujeito 3) (...) defendo a reciclagem não digo que não, mas é assim, quando uma cidade não está preparada para tal. É mentira. (...) Se eu tivesse um ecoponto de reciclagem ao pé de mim, era muito mais fácil. (...) no meu trabalho faço a reciclagem porque (...) tenho um ponto de reciclagem.” (Sujeito 5)	Quanto à reciclagem, as entrevistadas (Sujeito 3 e Sujeito 5) revelam ter consciência da importância da reciclagem na nossa sociedade. Por outras palavras, desenvolvem uma cidadania reflexiva. Pese embora considere a reciclagem como uma prática muito importante na nossa sociedade, a entrevistada (Sujeito 5) revela que, em sua casa, não faz a separação do lixo porque não tem condições para tal. Ou seja, não existem ecopontos perto da sua casa. Contudo, no seu local de trabalho, já faz a separação do lixo.
	5.6 Participação na vida dos filhos	“(...) o meu filho estuda inglês (...) quando ele vem com os livros e me diz “pai este verbo no passado, não sei quê ...”, eu pra lá chegar, ou para fazer aquele verbo naquele sentido (...) construo uma frase, aplico o verbo, pra tentar perceber qual é ou qual será a forma mais.” (Sujeito 2) “Incentivo-os a jogarem mais futebol, andar de bicicleta ou <i>skate</i> . Acho que devem fazer mais desporto e não ficarem horas a fio em frente a um ecrã. Penso que as nossas crianças se não forem incentivadas hoje em dia vão sempre pelo mais fácil e nem sempre isso é benéfico para eles. Eu tento sempre fazer de maneira que eles sejam responsáveis pelos seus atos e mostrar-lhes o que penso ser errado ou o mais correto. No que depender	Em termos de participação ou envolvimento na vida dos filhos, apenas o entrevistado (Sujeito 2) mencionou esta prática. Revela, então, que incentiva os seus filhos a praticarem exercício físico e a estudarem. Aponta como exemplo que, muitas vezes, ajuda os seus filhos nos trabalhos da escola. Em suma, verifica-se um esforço bem como uma preocupação do entrevistado em acompanhar os seus filhos na escola.

		<p>de mim vão fazer o máximo de estudos possível, e não vão repetir os erros do pai que deixou a escola a meio. (...) Ao chegar a casa abraço os meus pequeninos e tento perceber como foi o seu dia na escola. O que por vezes se percebe melhor nas entrelinhas expressões faciais do que nas palavras ditas.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p>	
	<p>5.7 Tempos livres</p>	<p>“É a leitura, as tais corridas, andar de mota, brincar com os putos. (...) Tenho convívio, eu faço parte de um grupo, de uma associação. (...) fui à Suíça, Serra da Estrela e de for viajar de mota, melhor ainda. Já fui duas vezes à concentração de motos em Góis é a adrenalina e a concentração. Para quem gosta, eu gosto.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) nos tempos livres, gosto de passear, gosto de estar com os amigos, sair para jantar, aproveitar o ar livre, fazer caminhadas, (...) tranquilidade para recarregar energias para a semana. Viagens, sim, sempre que posso (...). gosto muito de viajar, conhecer novas culturas, novos sítios estive no Egipto, na Turquia, no Brasil, em Espanha, pronto e o resto do país.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) conheço a América do Sul praticamente toda e Alasca e gostei muito ter conhecido aqueles países todos. A Europa, o país que eu conheci foi só Espanha e Portugal não conheço porque não me interessa. (...) Dediquei muito a minha vida também ao desporto, (...) sou federado numa pesca especializada, numa pesca chamada embarcada de alto mar, faço parte da Federação como Comissário (...) ir ao ginásio fazer um bocado de ginástica, de bicicleta, fazer isto, fazer aquilo (...).” (Sujeito 4)</p>	<p>Quanto aos seus tempos livres, as atividades lúdicas são apontadas como fundamentais para descansar. Sobressaem como principais atividades a leitura, o convívio social, o exercício físico e as viagens (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 4). Os tempos livres da entrevistada (Sujeito 5) são preenchidos com conversas e momentos com o seu marido no fim do dia, pinturas, programas de televisão. No fim de semana, para se divertir, ela e o marido participam numa equipa de <i>rally</i>. As entrevistadas (Sujeito 3 e Sujeito 5) gostam muito de viajar e principalmente de conhecer a cultura e os costumes dos países.</p>

		<p>“(…) só posso chamar de tempos livres ao final do dia (...) bocadinho com o meu marido a conversar, posso fazer (...) pinturas e essas coisas ou ver programas de televisão (...) E nos fins de semana (...) Participamos numa equipa de <i>rally</i>, (...) para me divertir (...) sempre gostei muito de viajar. (...) acho engraçado sairmos do nosso cantinho por um bocadinho. Fiz duas grandes viagens, uma à Jamaica e outra à República Dominicana. (...) Lido mais à cultura e aos costumes deles.” (Sujeito 5)</p>	
<p>6. Percurso profissional</p>	<p>6.1 Entrada no mundo do trabalho</p>	<p>“Deixei então a escola e fui trabalhar com o meu pai na empresa do meu pai no ramo da distribuição de bebidas. Não diria que foi aqui que começou a minha vida adulta pois não fez grande diferença no meu dia-a-dia. Continuava em casa dos pais e nos primeiros tempos nem ordenado tinha, quando queria algum dinheiro ou precisava de algo era só pedir e os pais compravam como compensação ao meu trabalho.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) comecei a ser vendedor, era um pouco radical porque ninguém estava habituado a ver chegar um vendedor à porta em ganga e uma motinha (...) então aí comecei a ter um ordenado. A partir desse momento, comecei a fazer as minhas próprias compras (...) e depois acabei por ir para a Suíça.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) Fui trabalhar para uma quinta onde se dedicavam à criação de porcos. (...) e posso dizer que foi uma experiência muito boa. (...) estive neste trabalho durante seis anos e depois fui trabalhar para a construção mais um. (...) Ao voltar tive de procurar trabalho e comecei a trabalhar na empresa onde ainda hoje estou. Comecei por trabalhar na montagem de portas de segurança.”</p>	<p>A maioria dos entrevistados refere que começaram a trabalhar muito cedo devido ao abandono precoce da escola. Destacam que trabalharam em locais diferentes (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5), o que significa que desempenharam várias funções.</p> <p>Por exemplo, o entrevistado (Sujeito 2) revela que adquiriu consciência da responsabilidade de trabalhar e aprendeu a dar valor ao trabalho. Destaca-se ainda a dedicação ao seu trabalho, como é o caso da entrevistada (Sujeito 3).</p> <p>Como resultado das experiências profissionais os entrevistados mencionam que, de uma forma geral, adquiriram muitas aprendizagens, autonomia e independência e que isso se traduz num crescimento e satisfação profissional (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5).</p>

		<p>(Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) comecei a trabalhar aos vinte anos na Empresa Rolear. (...) trabalhei no Ministério da Economia, na área de Contabilidade uma experiência muito enriquecedora num organismo do Estado (...) no ano 2000 entrei para uma Empresa do Ramo Automóvel, aí permaneci oito anos (...) em 2009, numa Clínica de Psicologia como rececionista, uma experiência que se destacava por atender pessoas especiais em que cada caso era único (...) no ano de 2010, surgiu a oportunidade de fazer um Programa Ocupacional durante um ano no IPTM – Instituto Portuário dos Transportes Marítimos (...). Em janeiro de 2011 entro na Universidade da Penha na área bibliotecária, permaneci ate agosto deste ano (...) saí com mais enriquecimento profissional e pessoal. (...) fico em casa sem trabalho (...) resolvi então divulgar a minha procura de emprego na rede social “Facebook” e surge uma mensagem de dois ex-colegas que abriram uma empresa do Ramo Automóvel (...) consegui o emprego e estou na receção até à data.”</p> <p>(Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“Mas também têm sido experiências muito giras. Comecei a trabalhar com muita gente e sítios muito diferentes. (...) são pessoas que eu considero quase como da minha família. Porque criaram-se muitos laços de amizade e depois deram-me a oportunidade de ir para lá fazer um POC, quando eu estive desempregada (...) No início, não tive formações, fui adquirindo experiência com os colegas que me ensinaram e fui aprendendo por mim própria (...) a nível profissional aprendi sempre, com as boas e com as más. (...) No bom, no mau, e isso é tudo um crescimento. (...) gostava de lidar com papéis, de computador,</p>	
--	--	--	--

		<p>portanto, era o que eu gostava. E eu sentia-me muito bem. E como gostava, dedicava-me. (...) que tinha um péssimo ambiente de trabalho. E aquilo para mim foi uma escola de fuzileiros. Pior que aquilo, eu não vou encontrar. (...) não se podia falar, não se podia rir, controlavam-te em tudo é, muito mau.” (Sujeito 3)</p> <p>“(...) meu 1º emprego foi numa sucata de carros, o ordenado era muito pequeno, ainda me lembro, oito mil escudos por mês, fui procurando outras oportunidades de emprego mas nada aparecia (...) Nesse Verão aceitei trabalho na praia de Faro, contactei com o público para informar as normas de segurança e procedimentos, prevenção nas praias e regras de boa conduta nas praias, tive a oportunidade de fazer várias atuações de salvamento com sucesso. (...) Durante o dia fazia o trabalho de nadador salvador e ao fim da tarde ia para um restaurante em Quarteira trabalhar como empregado de mesas, como eu sei falar inglês, dava um jeito em restauração como não tinha que ter formação fui lá ficando até ir para a tropa. (...) Quando regresssei o meu pai ofereceu-me trabalho e eu aceitei, construção civil, aí vou eu! O meu pai estava a construir a nossa casa (...) numa quinta muito bonita que se chama Luso/Venezuelana e também estava a construir um prédio na baixa de Faro e eu lá fui fazendo o serviço de servente (...) emprego numa Rent-a-Car perto do Aeroporto Internacional de Faro, como rececionista da Auto Jardim, (...) fui trabalhar na Cruz Vermelha como motorista de ambulâncias. (...) fui trabalhar para o Hospital Distrital de Faro (...) comecei a trabalhar na aviação (handling) aos 29 anos de idade.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“E fui trabalhar aos dezassete anos, fui trabalhar com o meu pai,</p>	
--	--	---	--

		<p>fiz três casas enormes e temos um património familiar bem grande tudo fruto do meu trabalho também. (...) E de todos os imóveis que nós temos atualmente, fomos nós que construímos. Ahhh e orgulho-me disso. Sou o único dos irmãos que abdicou do ensino, praticar o bom para ser alguém com um diploma, abdiquei disso para ir trabalhar, para que nada me faltasse e nunca nada me faltou. (...) Era enfermeiro e atirador socorrista ... foi a especialidade porque só tinham o curso de nadador-salvador. (...) Em Estados Unidos, a zona onde eu estive a trabalhar, Miami. (...) Também dou formação nas áreas de competência como eu já tenho.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) comecei à procura de trabalho e de um pouco de independência. O meu primeiro emprego foi na loja DIM, no Fórum Algarve, uma loja de roupa interior. Estive nesta loja cerca de 3 meses, mas não me sentia realizada. Nada do que fazia era o que alguma vez pensava fazer. (...) continuei à procura de um que me enquadrasse melhor, pois naquela altura não estávamos a passar por uma situação como a que passamos hoje em dia e a oferta de emprego era bem maior do que a atual. Nem por acaso, a loja que mais gostava e que era cliente frequente, colocou um papel na montra a pedir colaborador e nem pensei duas vezes. A loja chama-se “Chamaquito”. Candidatei-me e fui chamada para uma entrevista. A loja vendia peluches, artigos decorativos, postais, jogo, tabaco e artigos ligados ao tabaco.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p> <p>“(...) o atendimento ao público, atrás de um balcão é complicado porque atendemos muita gente do sexo masculino (...) comecei a criar tipo uma capa. (...) rapidamente me adaptei facilmente.</p>	
--	--	---	--

		<p>(...) a trabalhar numa loja que nunca pensei estar a trabalhar que é roupa.” (Sujeito 5)</p> <p>“Foi-me proposto, por um amigo meu, que me juntasse ao grupo Vorwerk, que é a empresa que comercializa a Bimby. Como não tinha nada a perder e continuava à procura de trabalho sem nada conseguir, resolvi aceitar e fui vender Bimbys. Era um trabalho realizado em regime de recibos verdes. (...) recebi um telefonema a perguntar se ainda estava interessada em trabalhar no “Café Di Roma”, no Fórum Algarve. Respondi prontamente que sim, embora nunca tivesse trabalhado em cafetaria eu precisava de um trabalho e de certeza que iria facilmente aprender. (...) dirigi-me então à loja. Era uma loja de decoração, “ O Cantinho das Ideias”, que tinha estado fechada durante algum tempo e estavam a preparar tudo para a reabertura. Fiquei super contente, pois tudo o que está ligado a arte eu gosto (...) propuseram-me, em Agosto passado, terminar o contrato da loja de decoração e passar a ser trabalhadora da loja de roupa.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
	<p>6.2 Tarefas desempenhadas</p>	<p>“(...) andávamos na rua a dar assistência a portas de segurança e montagem e essas coisas assim.” (Sujeito 2)</p> <p>“O meu trabalho consistia em montar as portas, fazer as afinações e trocar fechaduras. (...) neste momento a fazer de vendedor (...) faço a gestão dos <i>stocks</i>, dou sugestões de marketing ao patrão e sou eu quem faz as ditas portas de segurança. São portas blindadas com várias trancas e pontos de segurança.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(...) iniciei com o estágio profissional (...) desempenhava</p>	<p>No âmbito das tarefas desempenhadas pelos entrevistados, importa referir a diversidade das mesmas. O entrevistado (Sujeito 2) é vendedor e “fabricante” de portas de segurança. Verifica-se que, no decorrer das tarefas desempenhadas, desenvolve competências de literacia em diversos contextos. A gestão dos <i>stocks</i>, por exemplos, exemplifica o recurso à numeracia no quotidiano.</p> <p>A entrevistada (Sujeito 3) já desempenhou</p>

	<p>funções administrativas na área da tesouraria e contabilidade (...) gostava das funções que desempenhava e fazia-as com muito empenho e dedicação, aliás foi sempre a minha postura em todo o meu percurso profissional (...) trabalhei na área administrativa, tesouraria-contabilidade um trabalho muito minucioso e de grande concentração um quanto desgastante também.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“(...) o meu trabalho era tesouraria e eu passava as sete horas e meia em frente ao computador. Era números e mais números, fazer reconciliações bancárias, passava os cheques, eu fazia tudo ali. (...) as pessoas normalmente dizem que eu tenho um currículo muito completo. Se bem que a idade começa a pesar, é assim, neste momento é assim é-se preso por ter cão e por não ter cão porque o fator experiência é fundamental.” (Sujeito 3)</p> <p>“Falando nas tarefas que desempenho, faço a receção das viaturas, com a triagem do chefe de Oficina na especificação na reparação em questão, assim como abertura e fecha de obra. Organização de papéis para a contabilidade, contacto com fornecedores, emissão de correio eletrónico, utilização das ferramentas do Office, Word, Excel, Consulta na Internet, trabalho a página da Empresa no <i>Facebook</i>, aplicando informação de campanhas, ou seja, publicidade e Marketing.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“O meu trabalho praticamente consiste a partir das cinco da manhã sair entre as onze e meia, meio-dia, dez e meia o carregar aviões contentorizados ah são aqueles contentores que levam malas para dentro do avião, tirar, é uma responsabilidade muito</p>	<p>diversas tarefas relacionadas com a tesouraria, a contabilidade e reconciliações bancárias, entre outras. A mesma aponta ainda que sempre gostou de trabalhar com papéis e com o computador (programas informáticos), que é atualmente uma mais-valia em termos profissionais. Embora considere que já tem uma certa idade, a entrevista refere que tem consciência do seu curriculum ser muito completo, tendo em conta os anos, os locais onde já trabalhou e as competências que foi adquirindo ao longo da sua vida. Também o entrevistado (Sujeito 4) refere a sua dedicação ao seu trabalho de operador de assistência em escala. No entanto, menciona que é um trabalho muito exigente que requer atenção e responsabilidade. Por último, a entrevistada (Sujeito 5) descreve algumas das funções enquanto empregada de loja.</p>
--	---	---

	<p>grande e um avião não vale dez tostões, vale milhões e temos que dar aceleração com máxima precaução, máximo cuidado e o máximo de profissionalismo possível para estarmos sãos, contentes com a interação com tudo. É um trabalho que requer muita atenção e então não tenho tempo para sair à noite, porque já estou nesta área há mais de doze anos, onze anos e onde eu me especifiquei, onde eu avancei...” (Sujeito 4)</p> <p>“O meu trabalho consistia no seguinte: no turno da manhã, quando chegava, entrava na loja, ligava luzes e computadores e vinha fazer a limpeza dos vidros das montras. Em seguida verificava se era necessária a reposição de alguma das marcas de tabaco no móvel e começava o atendimento aos clientes. Fazíamos ainda a limpeza dentro das montras, nos momentos mais calmos e muitas das vezes, quando chegava mercadoria nova ou se aproximava alguma data especial, tínhamos mesmo que fazer da nossa autoria a decoração da montra. Recebíamos muitas vezes mercadoria e era necessário, depois da confirmação da fatura, inserir no sistema a entrada de cada objeto, qual o seu código de barras, referência de fornecedor, valor base e valor de venda ao público. (...) Ao fim da tarde conferíamos a caixa e fechávamos tudo.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
<p>6.3 Dificuldades</p>	<p>“(...) o meu percurso de vida profissional não tem sido fácil em parte por não ter as habilitações académicas que umas vezes deixei passar e outras a vida não me permitiu agarrar, mas nunca é tarde para concluir os meus sonhos e poder ter uma vida profissional que encaixe na minha personalidade, que me permita prestar um serviço à comunidade e ajudar ao próximo.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p>	<p>Dois entrevistados (Sujeito 4 e Sujeito 5) referem que sentiram algumas dificuldades durante o seu percurso profissional. O entrevistado (Sujeito 4) aponta que o facto de não ter a escolaridade mínima obrigatória restringiu as suas possibilidades de emprego. Contudo, refere que tenciona concretizar o seu sonho de</p>

	<p>sentidas no trabalho</p>	<p>“(…) o atendimento ao público, atrás de um balcão é complicado porque atendemos muita gente do sexo masculino (…) comecei a criar tipo uma capa. (…) rapidamente me adaptei facilmente.” (Sujeito 5)</p> <p>“Os primeiros dias foram um pouco difíceis, pois a diversidade de marcas de tabaco era muita e tentar associar a marca ao sítio onde ela estava no móvel expositor era difícil, mas com calma e força de vontade, ao fim de poucos dias já nem olhava.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	<p>concluir a escolaridade mínima obrigatória. A entrevistada (Sujeito 5) sentiu, de igual modo, algumas dificuldades no trabalho. O seu primeiro emprego foi numa loja de venda de tabaco, entre outros produtos no centro comercial. Por ser um pouco tímida, confessa que o atendimento ao público, inicialmente, foi complicado por ser um público maioritariamente masculino. Adotou uma estratégia de “criar uma capa” e depois a adaptação foi mais fácil. Ambos os entrevistados revelam ter força de vontade para superar as dificuldades em contexto profissional.</p>
	<p>6.4 Relação com os colegas</p>	<p>“(…) tivemos de aprender muitas coisas novas com os nossos colegas mais velhos na profissão.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“Com os meus colegas de trabalho atualmente e durante o meu percurso profissional sempre tive uma atitude acessível e assertiva, de simpatia e cordialidade, demonstrando sempre disponibilidade e entreaajuda.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“Era um ambiente agradável, todas nos dávamos bem e raramente havia conflitos, (…) Tinha dois patrões, um casal, dos quais não tenho razão de queixa, fizeram sempre de tudo para me ajudar sempre que foi necessário e eu tentei sempre retribuir da melhor maneira, tentando ser o mais profissional possível. (…) adoro o ambiente que temos, a minha colega é mais minha amiga que propriamente colega e os meus patrões são muito boas</p>	<p>Em termos de relações interpessoais em contexto de trabalho, destaca-se a criação de laços de amizade com os colegas de trabalho e muitas aprendizagens. Tais situações demonstram a existência de um ambiente de trabalho agradável, de respeito e de entreaajuda. Indica, portanto, as competências de comunicação e de relacionamento dos entrevistados. Esta capacidade de comunicação e de relacionamento permite, por sua vez, ultrapassar dificuldades que podem surgir em contexto de trabalho (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 5).</p>

		<p>peçoas. Temos um ótimo relacionamento e abertura para falarmos de tudo um pouco, não só de trabalho.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	
	<p>6.5 Satisfação com o trabalho atual</p>	<p>“(…) com o trabalho atual que tenho, posso dizer que tive uma boa aprendizagem que foi o facto de estar atrás de um balcão e atendimento ao público. Era uma coisa que eu nunca tinha feito. Atendimento sim, mas de porta a porta a falar com um e a falar com outro. Agora estar aqui sujeito a que uma pessoa venha perguntar-me coisas que nem te passam pela cabeça e, às vezes, chegam ali “Eh pá, preciso de um parafuso que vai ali e aqui” e depois tenho que explicar para que serve e até onde vai. É um bocado complicado.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) neste momento, não era bem aquilo que eu queria porque há coisas que não dependem de nós pela experiência que tenho teve a ver com essa aprendizagem. É irmos fazendo o nosso melhor trabalho”. (Sujeito 3)</p> <p>“(…) trabalho pesado em Portugal, por exemplo, como o meu que eu tive que optar por este tipo de aviação, não é bem remunerado. (...) Escolhi o melhor emprego do mundo, claro que não. É físico? É. É desgastante? Super. Ganhas bem? Não, não ganho. (...) Uma das coisas que me emociona é o meu trabalho. Não o troco por nada neste mundo. Posso ganhar pouco, mas sinto-me realizado. O operador de handling é mesmo isso, desenrasca-se, faz e tenta fazer o melhor possível. E estamos a ser pagos para isso, para fazer as coisas bem.” (Sujeito 4)</p> <p>“Gosto bastante daquilo que faço, carrego e descarrego aviões,</p>	<p>A opinião dos entrevistados quanto à satisfação com o atual trabalho diverge. Por exemplo, o entrevistado (Sujeito 2) aponta o atendimento ao público como uma boa aprendizagem (positiva e negativa), tendo em conta tipo de cliente. Tendo em conta a consciência das suas competências adquiridas ao longo da vida, a entrevistada (Sujeito 3) menciona que, neste momento, não é aquilo que gosta de fazer. Porém, menciona que tenta fazer o melhor do seu trabalho. O entrevistado (Sujeito 4) caracteriza o seu atual trabalho como pesado e mal remunerado. No entanto, considera-o um trabalho emocionante e sente-se realizado. Já a entrevistada (Sujeito 5) confessa que sempre detestou trabalhar com roupa e que o seu trabalho preenche a maior parte do dia. Quanto à satisfação com o seu emprego, refere que se está “mais ou menos” satisfeita. No entanto, acrescenta que se sente injustiçada quanto ao seu ordenado porque realiza muitas tarefas e responsabilidades para além das previstas. Verifica-se que, de uma forma geral, os</p>

		<p>conduzo autocarros de transportes de passageiros, ajudo no serviço geral (...).” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“Eu sempre detestei trabalhar com roupa. (...) o meu trabalho ocupa-me a maior parte do dia. (...) estou mais ou menos satisfeita. (...) Sinto que estou a ser, injustamente, mal paga porque (...) sou praticamente uma gerente, sem o título e a ganhar o mesmo. Se tiver que fazer horas a mais, sou eu que faço, nunca me neguei a nada. E acho que sou completamente mal tratada e mal paga por aquilo que faço (...) Para mim um bom vendedor tem que ter muita lata e tem que saber enganar o outro e eu não sei. Eu não sei, eu nunca fui assim.” (Sujeito 5)</p>	<p>entrevistados dedicam-se e esforçam-se para realizar o seu trabalho da melhor maneira possível.</p>
<p>7. Percurso formativo</p>	<p>7.1 Formações</p>	<p>“(...) comecei a frequentar um curso de Alemão. (...) pagava para aprender alemão mas depois desisti (...) é uma língua um pouco complicada. (...) aprendi coisas básicas (...) também comecei a ter lições de viola (...) A intenção era ter umas lições de viola para prazer próprio, só para tocar não era para mais nada. Nunca tive a intenção de fazer bandas, nem nada disso. Era mesmo só por saber tocar. (...) a informática já foi na <i>In Loco</i>. Isto já foi há dois anos atrás. Foi quando eu fiz o nono ano na <i>In Loco</i> através do RVCC. (...) fiz o curso de informática, de cinquenta (50) horas.” (Sujeito 2)</p> <p>“(...) fiz formação de informática e achei muito interessante pois aprendi a trabalhar com novos programas (Excel e PowerPoint) e melhorei os meus conhecimentos sobre outros programas que já conhecia (Word). Acho que estas formações são sempre benéficas pois mantêm-nos sempre atualizados. Penso que devia haver formações a nível empresarial todos os anos pois assim os trabalhadores estariam sempre ocorrentes de novos sistemas e</p>	<p>Os entrevistados mencionam a frequência de diversificadas ações de formação. Por exemplo, o entrevistado (Sujeito 2) refere o alemão, a viola e a informática como as formações que frequentou até ao momento. O entrevistado justifica que a formação de informática foi bastante útil pois adquiriu novos conhecimentos e competências informáticas. Na realidade, as novas tecnologias no mundo do trabalho requer aos trabalhadores a aquisição, o desenvolvimento de conhecimentos informáticos. Este interesse em ações de formação reflete o desenvolvimento de novas competências pessoais e profissionais para fazer “frente” às exigências do mercado de trabalho bem como da sociedade atual. A entrevistada</p>

	<p>programas e a mão-de-obra ficaria muito mais profissionalizada.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) Fiz de Excel, (…) relações interpessoais. Gostei muito... Gestão de eventos. ... imagem, pessoal e comunicação com o cliente e língua portuguesa... Contabilidade.” (Sujeito 3)</p> <p>“Foi uma forma de estar ocupada e adquirir formação académica.” (Autobiografia do Sujeito 3).</p> <p>“(…) me inscrevi num curso de nadador salvador e obtive o meu diploma com sucesso pois conclui com aproveitamento, adquiri competências na área de socorrismo. (...) curso na Cruz Vermelha Portuguesa, na Unidade de Socorro como socorrista. (...) acabei o curso de auxiliar de ação médica que gostei muito (...) fui tirando cartas marítimas até chegar até Patrão de Costa, ou seja, Comandante de barcos de recreio (...) Nesta empresa onde trabalho atualmente (<i>portway</i>) já tive que ter algumas formações desde que entrei na empresa, comecei por ter uma formação para me familiarizar com o trabalho em questão (operador de assistência em escala) e para poder conhecer as várias máquinas e viaturas a utilizar, fiz também várias outras formações, como por exemplo, como carregar e manusear cargas perigosas.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“(…) curso de nadador-salvador que eu tirei para ganhar uns troquinhos quando era miúdo e queria estar na praia e estar ao pé das meninas e porque era um emprego engraçadíssimo e não se falava como hoje se fala do nadador-salvador. (...) Tenho muitas formações. Eu sou PC, sou patrão de Costa, sou Comandante de</p>	<p>(Sujeito 3) menciona que frequentou algumas ações de formação relacionadas com as suas atividades profissionais, com o intuito de adquirir mais competências sociais e profissionais. Para além de frequentar formações organizadas pela entidade empregadora, o entrevistado (Sujeito 4) enumera outras formações frequentadas na área da saúde, nomeadamente socorrismo e auxiliar de ação médica. Por último, a entrevistada (Sujeito 5) menciona a pintura como uma formação frequentada. Tal facto justifica o seu gosto por trabalhos manuais. Todos os entrevistados demonstram, deste modo, preocupação e interesse em apostar na sua qualificação pessoal e profissional através da aquisição de novas competências e aprendizagens.</p>
--	---	--

		<p>barcos de recreio, (...) Tenho carta de pesados, tenho cartas de motas, tenho carta de carro, tenho carta de patrão de costa, tenho carta de patrão local, tenho carta de marinheiro, tenho carta de grupo 2 que foi a minha última aquisição. Vou colocá-la em mês que é posso conduzir ambulâncias e veículos de transporte de doentes, que é obrigatório, hoje em dia, por lei.” (Sujeito 4)</p> <p>“ (...) pintura e essas coisas assim.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>7.2 Papel da formação em relação à atividade profissional</p>	<p>“(…) quem não tem noção do que são os programas, não é com cinquenta horas no total que vai ficar a saber de tudo. Eu tenho noção disso porque fui um pouco curioso na informática e então quando fui fazer o curso, aquilo que o formador explicou a maior parte das coisas eu já sabia fazer. Ele mandava, por exemplo, trabalhar um texto ou uma coisa qualquer em <i>Excel</i> ou em <i>word</i>. (...) não mudou muito porque eu não utilizo muito o sistema informático. Portanto, a nível de informática não veio mudar muito. Talvez na parte do Excel, é que veio mudar um pouco, como é que se trabalha com algumas ferramentas. (...) nível profissional dizem-me “tens que fazer assim e vais fazendo”. (Sujeito 2)</p> <p>“(…) quando entrei para a atual empresa onde me encontro e deram-me autonomia e liberdade para intervir, para melhorar tudo o que achasse melhor para organizar a parte administrativa. Expus as minhas ideias e forma aceites no sentido de melhorar a orgânica do escritório, criando mapas em excel para melhor orientação de todos nesta atividade.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“O curso de formação de formadores hoje é um curso prático,</p>	<p>Os entrevistados são unânimes nas suas opiniões quanto ao papel da formação em relação à atividade profissional. Destacam a importância das aprendizagens informáticas, em especial o programa informática “Excel” (Sujeito 2, Sujeito 3 e Sujeito 5) nas suas vidas profissionais. A entrevistada (Sujeito 3) justifica este papel importante da informática no seu trabalho como uma mais-valia em termos de organização da informação. Também o entrevistado (Sujeito 4) destaca a formação e em particular o curso de curso de formação de formadores como uma mais-valia na sua vida profissional. Em suma, para além de frequentarem ações de formação com o objetivo de adquirem competências técnicas, os entrevistados são autodidatas, uma vez que pesquisam na internet e tentam descobrir por si próprios.</p>

		<p>muito bom. Posso ensinar, hoje, pessoas nas áreas que eu tenho competência, na área da saúde, na área da aviação que são áreas distintas, são áreas poderosas que de grosso modo aprende-se muita coisa, é muito vasto, não é limitado. Estamos sempre a aprender todos os dias, a aviação é contínua, aparecem modelos de aviação novos, aparecem máquinas novas, estamos sempre a evoluir. Não há uma estagnação, há sempre coisas a aprender.” (Sujeito 4)</p> <p>“Fala-se da questão da formação e o adulto S4 sublinha que tem o CAP e da sua importância na sua vida profissional.” (Diário de campo nº2)</p> <p>“(…) tentar-me instruir que eu fiz mais com a internet porque comecei a trabalhar.” (Sujeito 5)</p>	
<p>8. CNO Associação In Loco</p>	<p>8.1 Inscrição no CNO</p>	<p>“No momento da inscrição, o adulto deve trazer um documento de identificação, o <i>curriculum vitae</i> e o certificado de habilitações. O adulto inscreve-se no Centro Novas Oportunidades, neste caso na Associação In Loco, através de uma ficha de inscrição. E, posteriormente, os seus dados são inseridos no SIGO. (...) na qual se caracteriza a situação particular do adulto, nomeadamente as suas motivações e competências pessoais, como por exemplo “Se conseguirem o 12º ano, o que ganham com isso?”. Normalmente surgem como respostas: empregos nos quais exigem o 12º ano; conhecimentos; e a continuidade de cursos.” (Sujeito 1)</p> <p>“(…) para ter mais hipóteses de emprego. Pode, eventualmente, abrir um leque de escolhas caso da procura de emprego, não é? Tendo em conta que já tenho o 9º ano e na altura não o tinha.</p>	<p>O momento da inscrição do adulto num Centro Novas Oportunidades implica a entrega, segundo a entrevistada (Sujeito 1) do <i>curriculum vitae</i>, do certificado de habilitações e, por último, o preenchimento de uma ficha de inscrição. Importa, neste sentido, saber quais os motivos que levaram os entrevistados a se inscreverem no CNO. Como principais motivos apontados pelos entrevistados para a inscrição no CNO, salientam-se a certificação secundária, a aquisição de novos conhecimentos (TIC) e aumento da empregabilidade (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5). Para os</p>

	<p>Isso sim, isso altera tudo. (...) Fiquei até Agosto de 2011, sem saber de nada do RVCC secundário nem de formações novas.” (Sujeito 2)</p> <p>“Como neste trabalho preciso de trabalhar com computadores e novos métodos de trabalho mais exigentes do que tinha sido até aqui eu resolvi inscrever-me nas novas oportunidades” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“(…) para já é um objetivo que eu quero cumprir. Já que não o consegui fazer na altura certa, mas também como disse não me arrependo porque... foi o que teve de ser naquela altura. E, pronto, é sempre bom ter o 12º porque hoje em dia, já pedem ... pedem quase todas as áreas com o 12º ano completo, não é?” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) nunca desisti da ideia de pelo menos terminar o 12º ano, (...) Concluir os estudos é um sonho que eu quero concluir. (...) tentar tirar agora um curso de emergência para o INEM tem que ter o 12º ano. (...) para valorizar a carreira profissional, para subir, para tentar até aos meus cinquenta anos para manter, mais ou menos, o meu estabelecimento com olhos o 12º ano. Foi a regra que eu estabeleci, foi o patamar que eu cheguei para manter, para minimizar a minha base profissional para com a minha entidade patronal ou com outra. (...) porque só a partir do 12º ano é que a pessoa poderá subir até um escalão chefe de equipa, posso vir a ser o placa, que é a pessoa mais direta, mais perto da tripulação da aviação. E pouco mais...” (Sujeito 4)</p> <p>“Tive vários empregos mas como não tinha a escolaridade</p>	<p>entrevistados, concluir a escolaridade obrigatória é um dos seus sonhos para, posteriormente ampliar e valorizar a sua vida profissional. Todos têm a consciência da aquisição da escolaridade mínima obrigatória (12º ano) é, atualmente, uma condição essencial para competir no mercado de trabalho. A entrevistada (Sujeito 5) conta que, infelizmente, já perdeu algumas oportunidades de emprego por não ter a escolaridade mínima obrigatória concluída. Em síntese, todos os entrevistados consideram importante apostar nas suas qualificações e, simultaneamente elevar o seu nível de escolaridade tendo em conta que atualmente são necessários no mercado de trabalho.</p>
--	---	--

		<p>completa não tinha muitas hipóteses e foi nessa altura que me apercebi o quanto faz falta ter habilitações, lá tomei outra decisão, inscrevi-me para prosseguir os estudos à noite (...).” (Autobiografia do Sujeito 4)</p> <p>“(...) na altura que fui à escola (...) teria que fazer os exames de admissão ou de equivalência à frequência e a matéria já tinha mudado bué, os livros já tinham mudado bué e não ia estar a comprar livros e não ia estar a gastar dinheiro em fotocópias, não estava em situação disso. (...) Tenho que acabar o décimo segundo ano porque, hoje em dia, até para varrer as ruas eles pedem o 12º ano. É impossível e eu já perdi bons trabalhos que me disseram na cara “tens um bom <i>curriculum</i>, nós gostamos de ti, tens uma boa imagem, gostávamos que tivesses a experiência que tens, mas eu não posso admitir ninguém sem o 12º ano”. (Sujeito 5)</p>	
	<p>8.2 Expectativas iniciais</p>	<p>“(...) não sabia absolutamente nada de como era o processo.” (Sujeito 2)</p> <p>“(...) era um objetivo que queria concretizar, tanto que me inscrevi. (...) e para além disso, acho que é sempre gratificante porque é assim relacionamo-nos com outras experiências de vida, conhecemos outras pessoas, partilhamos e isso é tudo positivo.” (Sujeito 3)</p> <p>“(...) acreditar no RVCC é ver se realmente tenho esta capacidade de fazer este 12º ano para poder atingir metas e fins. E se conseguir, posso concorrer. Se conseguir entrar como enfermeiro, melhor ainda, já não sei um técnico, mas serei um enfermeiro de emergência.” (Sujeito 4)</p>	<p>No âmbito das expectativas iniciais do processo RVCC, os entrevistados mencionam as seguintes: desconhecimento do funcionamento do processo (Sujeito 1 e Sujeito 5) e objetivo por concretizar em termos de aprendizagem e de valorização pessoal e profissional (Sujeito 3 e Sujeito 4). Os entrevistados revelam que pensavam que o processo de RVCC fosse mais fácil de fazer e que não implicasse tanta pesquisa e dedicação para a realização dos trabalhos. Por outro lado, acrescentam que é bastante gratificante e positivo, na medida em que conhecem outras pessoas e</p>

		<p>“(…) inicialmente pensei que ia ser mais fácil. Isso, sem dúvida. (….) não pensei que tivesse tanto trabalho, tanta pesquisa.” (Sujeito 5)</p>	<p>partilham as suas experiências de vida.</p>
	<p>8.3 Conhecimento do processo RVCC</p>	<p>“(…) a minha esposa já tinha feito, ela fez o décimo segundo ano, no Areal Gordo. E então foi um bocadinho por influência. (….) E depois a profissional chamou-me para aí em Agosto/Setembro porque iria começar o décimo segundo (12º) ano.” (Sujeito 2)</p> <p>“Foi através de uma pessoa amiga, porque eu estava inscrita na Escola Hoteleira, só que aquilo levou muito tempo e (….) houve alguém que me disse “Inscreve-te na In Loco e eles até são mais rápidos” e foram (….) toda a gente me disse que não era fácil. (….), mas todas me disseram que era mais complicado porque pediam muito mais coisas e as pen’s iam sempre pra trás. Pedese sempre para aprofundar e é normal. E é aceitável.” (Sujeito 3)</p> <p>“Foi através de ouvir colegas meus no aeroporto a fazerem o mesmo percurso do RVCC e acharam positivo, valorizaram-se um pouco, aumentaram as perspectivas laborais e atingiram metas significativas e então fui fazer o mesmo, acreditei e fiz.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) tinha alguém conhecido que já tivesse feito o processo mas num sítio diferente. E o processo era completamente diferente do meu.” (Sujeito 5)</p>	<p>Foi através de familiares, amigos e colegas de trabalho que os entrevistados (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5) tomaram conhecimento da existência do CNO da Associação In Loco. Os conselhos de algumas pessoas relativamente ao processo RVCC desenvolvido pela In Loco parece ter sido eficaz nesta tomada de conhecimento. A estratégia “passa a palavra” surge como a mais adequada para a divulgação do processo de RVCC. Para além disto, a entrevistada (Sujeito 3) refere que algumas pessoas lhe disseram que o RVCC não era um processo fácil, e que era sempre necessário aprofundar e desenvolver os trabalhos.</p>
<p>9. Opinião sobre o Processo de</p>	<p>9.1 Dificuldades sentidas</p>	<p>“(…) sessões durante a noite, um pouco cansativo mas nada de mais (….) sempre fui bem acompanhado e bem seguido.” (Sujeito 2)</p>	<p>Em termos de dificuldades sentidas durante o processo de RVCC, todos os entrevistados enfatizam a falta de tempo</p>

<p>RVCC</p>	<p>“(…) o processo RVCC é um processo exigente que implica organização e disciplina.” (Diário de campo n°1)</p> <p>“(…) ainda são para aí uns 7 ou 8 trabalhos, que são feitos à parte, oh pá dá trabalho (…) saúde, da alimentação, dos cuidados, da parte dos transportes, da parte da globalização, elas mandaram-me desenvolver isso tudo e agora tenho que falar com a [profissional de RVC] para saber, realmente, que trabalhos é que eu tenho que fazer e enquadrar lá para não estar a repetir tudo. (…) E isso é mais difícil. (…) não é fácil. Eu também vou trabalhar para Loulé e é um bocadinho cansativo. (…) A pessoa sente-se mais ansiosa porque é um projeto que quer acabar…” (Sujeito 3)</p> <p>“Todos os adultos mencionam a falta de tempo para entregar o trabalho pedido.” (Diário de campo n°2)</p> <p>“(…) nós não temos tempo para estar a corrigir dias inteiros, noites e com estes turnos como os meus (…) não há ninguém que nos apoie. “Agora vamos acrescentar isto, vamos acrescentar aquilo e agora levas para casa e levas uma horinha a fazer isto”. (…) Porque agora não há horários, não há um <i>breakpoint</i> para a gente se encontrar, para a gente discutir, para a gente falar, é conforme a disponibilidade dela porque ela também trabalha em horários repartidos.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) entrei no RVCC, sem saber bem o que era (…) E se queres que te seja sincera ainda não sei muito bem. Sei que é uma mão cheia de trabalhos para terminar o 12º ano. E pronto, o que me</p>	<p>para realizar os trabalhos devido ao horário de trabalho. Justificam que é difícil conciliar a atividade profissional com os trabalhos do RVCC. Para além desta dificuldade, são apontadas as seguintes: o facto das sessões de RVCC serem durante a noite, torna-se cansativo (Sujeito 2), a integração dos trabalhos solicitados na autobiografia, ou seja, a organização do portefólio (Sujeito 3), a falta de apoio e/ou acompanhamento na realização dos trabalhos (Sujeito 4) e, por último, alguns trabalhos requerem uma exigência e recolha de informação (pesquisa) elevada por parte da equipa técnico-pedagógica do CNO (Sujeito 5).</p>
--------------------	--	---

		<p>interessa é terminar (...) estou a sentir dificuldades nos dois últimos trabalhos. Para mim, estão a dar-me cabo da vida. Porque os outros até fiz bem e até com muita pesquisa. (...) apesar de saber os conceitos e de perceber, que é o da União Europeia e o do ADN (...) É muito complicado (...)” (Sujeito 5)</p>	
	<p>9.2 Relação com equipa técnico-pedagógica</p>	<p>“É boa, excelente. (...) Basicamente quem me ajudou foi a profissional no RVCC todo.” (Sujeito 2)</p> <p>“Sempre tive boa ideia das formadoras, muito boa. (...) nós podemos sempre tirar dúvidas com as formadoras (...)” (Sujeito 3)</p> <p>“A profissional é uma pessoa espetacular como gente, como mulher, como mãe, é cinco estrelas só que ela não tem a noção de que lá de fora quando as pessoas estão em pleno para reconhecer estas competências e para adquirir o 12º ano, estão dispostas a fazer tudo. Ah, passamos horas e horas em frente aos computadores a tentar fazer as coisas bem, cálculos disto e cálculos daquilo e fazer não sei quantos e ela é a pessoa ideal. (Sujeito 4)</p> <p>“Eu já conhecia a profissional, porque a minha mãe esteve num processo com ela por causa de (...) um curso de informática. (...) E tenho uma boa relação com ela. Com os restantes formadores, não os conheço.” (Sujeito 5)</p>	<p>Relativamente à relação dos formandos com a equipa técnico-pedagógica, a mesma pode ser caracterizada como boa. Os entrevistados enfatizam o profissionalismo e a dedicação da equipa do CNO, principalmente da profissional de RVC. É importante realçar que a profissional de RVC desempenhou um papel relevante ao longo de todo o processo de RVCC. Destaca-se, assim, o esclarecimento de dúvidas, a preocupação em orientar os formandos, o apoio prestado e o respeito pelos mesmos (Sujeito 2, Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5).</p>
	<p>9.3 Aspetos positivos RVCC</p>	<p>“Positivos foi tudo, (...) o processo correu super bem, (...) Eram adequados, flexíveis. Eu saio do trabalho às sete e as sessões começavam às oito até às nove da noite. (...) Foi fácil, porque é uma questão de estarmos com atenção àquilo que vai sendo dito nas sessões e eles dão sempre muitas dicas. E a partir daí, é fácil</p>	<p>Como principais aspetos positivos do RVCC são apontados a certificação escolar (12º ano), a realização de um sonho, a satisfação em reviver os momentos passados, a criação de laços de afetividade</p>

		<p>fazer as coisas e também sempre tivemos a liberdade de pesquisar, de ver isto e de ver aquilo.” (Sujeito 2)</p> <p>“Enquanto a profissional apresenta o processo, vários adultos tiram notas.” (Diário de campo nº1)</p> <p>“(…) terminar o décimo segundo, reviver os momentos, criar laços de afetividade entre as pessoas e a partilha de ideias e de experiências de vida.</p> <p>Acho que os colegas ajudam muito. Olha, já fizeste isto, já fizeste aquilo, como é que fizeste este trabalho? (...) não é copiar, é dar umas dicas (...) faz sentido, porque é assim, já que nós não tivemos oportunidade de estudar na altura.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) vai só ajudar a população que realmente teve este problema como o meu e outros que não tiveram hipótese de cultivar certas experiências como o ensino e foram trabalhar cedo para manter uma casa, para manter uma família, para manter os filhos, para manter a sua própria vida, o seu bem-estar e não deixamos de ser cultos por causa disso. (...) Sabendo dizer que temos competências, sabendo dizer que temos isto, sabendo dizer que temos conhecimentos de aquilo, claro que temos.” (Sujeito 4)</p> <p>“Um aspeto positivo é uma pessoa terminar o objetivo dela, ou 9º ou o 12º ano, o que for. (...) Horários, para mim, são bons porque tem que ser pós-laboral. Tem que ser, não há hipótese (...)”. (Sujeito 5)</p>	<p>com os colegas do processo através da partilha de ideias e de experiências de vida (Sujeito 3 e Sujeito 5).</p> <p>É ainda relevante a oportunidade que o processo representa para os adultos concluírem o seu percurso escolar bem como o reconhecimento social das suas competências adquiridas (Sujeito 3 e Sujeito 4). Os horários das sessões também são apontados pelos entrevistados (Sujeito 2 e Sujeito 5) como adequados tendo em conta que são pós-laborais. Importa salientar, por último, a “liberdade” na recolha de informação para a realização dos trabalhos no âmbito do RVCC.</p>
	<p>9.4 Aspetos negativos RVCC</p>	<p>“(…) negativos, não vejo nenhuns. Não há nada que eu possa dizer que seja negativo.” (Sujeito 2)</p>	<p>Relativamente aos aspetos negativos, apenas um entrevistado referiu não existirem aspetos negativos no RVCC</p>

	<p>“(…) devia haver mais acompanhamento para além daqueles dois meses só... porque o grupo dispersa-se e muitas pessoas acabam por desistir porque não é só a formadora a telefonar, não é? Acho que é uma pena, (...) acho que aquele período que nós tivemos das aulas para fazer os trabalhos, acho que deviam dar continuidade porque acabava por nos motivar uns aos outros. Nós perdemos o contacto uns com os outros. Pronto. Estivemos só aqueles dois mesinhos que era uma vez por semana (...).” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) acho que eles começaram muito com muita fantasia à volta daquilo que aquilo era muito fácil, que era rápido, que aquilo iria ajudar o adulto, e não sei o quê. (...) Fecharam, cancelaram, disseram para nós estarmos em <i>standby</i>, (...) E ficamos assim um bocado com os trabalhos nas mãos à espera de saber o quê se passava. (...) e aquilo desmoralizou um bocadinho a turma, tanto que a minha turma devem ter pra lá dois ou três que querem terminar. (...) Agora estamos a tentar fazer isto tudo à pressa. (...) deixamos de ter a nossa vida, praticamente de uma forma global para nos entregarmos aos papéis, à escrita e a dedicação para poder entregar. (...) as pessoas precisam de ter um bocadinho de apoio, não é só dizer “Toma lá, faz lá”... vais fazer aquilo, vais fazer a pesquisa tal, vais fazer não sei o quê, vais fazer não sei quantos e as coisas até ficam mais ou menos equilibradas. (...) Há uma falta de comparência para connosco em dizer “olha, falta isto, falta aquilo. Olha, mostra-me este trabalho, faz-me isto amanhã que eu quero ver como ficou...”. É a tal falta de acompanhamento.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) é estarem a acabar com isto. (...) pedem uma autobiografia</p>	<p>(Sujeito 2). No entanto, os restantes entrevistados apontaram os seguintes aspetos como negativos, nomeadamente: o encerramento do processo de RVCC; a falta de acompanhamento na realização dos trabalhos e o <i>timing</i> do processo (Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5). De acordo com os entrevistados a falta de acompanhamento por parte da equipa do CNO conduziu à desmotivação dos adultos que, por sua vez, desistiram do processo. Outro aspeto importante prende-se com o “fecho” do CNO durante dois meses, levando os adultos depois a realizarem os trabalhos à pressa porque não sabem quando é que o processo de RVCC irá terminar. Esta dedicação aos trabalhos conduz, por sua vez, a uma privação da sua vida pessoal e social. Por último, a entrevistada (Sujeito 5) aponta como aspeto negativo o facto de o formador pedir um trabalho simples e não elaborado. Justifica que quando recebe os comentários, verifica que é um trabalho desenvolvido que requer alguma pesquisa de informação.</p>
--	---	---

		<p>e pedem trabalhos à parte e depois vão corrigir a autobiografia. Quer dizer, é uma coisa nossa e vão corrigir. Eu não acho muita lógica (...) porque aquilo é pouco tempo e foi muito rápido. (...) é o mais complicado. (...) quando à partida, não me pedem que seja uma coisa muito elaborada. “É uma coisa fácil e tal...” (...) Só que depois quando voltam as coisas para trás e vem uma mão cheia de comentários, eu detesto isso.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>9.5 Metodologia (Autobiografia)</p>	<p>“A profissional (...) frisou, também, que o resultado final terá por base a vida dos adultos tanto a nível pessoal como profissional.” (Diário de campo nº1)</p> <p>“(...) a profissional explicou que a autobiografia seria construída a partir da experiência de vida tendo em conta o Referencial de Competências-Chave. Destaca, de igual modo, que se a autobiografia estiver bem desenvolvida pode dar mais de trinta créditos, o que é bastante positivo. Para além da elaboração da autobiografia, os adultos devem realizar alguns trabalhos à parte. Estes trabalhos serão solicitados pelas formadoras do processo. (...) A profissional explica que é necessário abordar a infância, a adolescência e a vida adulta.” (Diário de campo nº2)</p> <p>“(...) estamos a fazer a história de vida. Quer dizer, fiz uma história de vida muito abreviada e um bocado resumido. Agora é que está a ser mais aprofundada.” (Sujeito 2)</p> <p>“Acho que é positivo, nós escrevermos a nossa história de vida, tanto profissional como pessoal (...) é um processo que nós temos que dar mais de nós porque é o 12º... Não é ali um resumo, né? É a nossa vida.” (Sujeito 3)</p>	<p>Na primeira sessão de grupo do processo de RVCC, a profissional de RVC diz aos adultos que o processo RVCC envolve a elaboração de uma autobiografia. Esta autobiografia consiste numa reflexão das suas experiências de vida, ou seja, uma autoavaliação das suas aprendizagens pessoais, sociais e profissionais adquiridas ao longo da vida. Acrescenta ainda que a mesma deve ser elaborada tendo em consideração o Referencial de Competências-Chave.</p> <p>Na generalidade, todos os entrevistados consideram a construção da sua história de vida como uma experiência positiva e interessante. Contudo, este processo exige uma reflexão autobiográfica dos formandos, uma vez que é necessário identificar e reconhecer as competências que foram adquiridas ao longo da vida e em diferentes contextos. A entrevistada (Sujeito 5) concorda com a metodologia utilizada pelo processo, na medida em que</p>

		<p>“(…) eu tive que trabalhar muito bem para, pelo menos, ir fazendo as coisas que eu precisava. (…) aqui é a experiência de vida baseada no que realmente se faz, no dia-a-dia, e aquilo que eu construí que se prova, que se demonstra a qualquer momento. (…) as experiências são sempre experiências pro resto das nossas vidas. (…) É a parte mais curiosa, é falarmos sobre as nossas vidas porque é, realmente, as competências que nós adquirimos ao longo da nossa vida e têm que ser baseadas na nossa vida.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) a profissional até disse que foi das que teve mais pontuação. Porque fiz, é para fazer, para contar, vamos lá contar tudo como deve ser. É para fazer, é para fazer. (…) acho bem ter que escrever sobre a minha vida porque os formadores têm que conhecer um bocadinho as pessoas e (…) Cada um tem a sua maneira de ser e cada um tem que ser respeitado por isso. Se transmitirmos um bocadinho do que somos e como é a nossa maneira de viver, é mais fácil também perceber o porquê dele falar disto ou daquilo daquela maneira. E acho que isso é importante.” (Sujeito 5)</p>	<p>consiste numa forma de os formadores conhecerem melhor o percurso de vida dos adultos.</p>
	<p>9.6 Sessão de Júri de certificação</p>	<p>“O adulto (Sujeito 2) (…) Fez recentemente o processo de RVCC Básico e este possibilitou de conhecimentos da maneira de pensarmos e vivermos. Como principais temas desenvolvidos, destaca a saúde pois como é asmático procura estar sempre informado. O associativismo é outro dos seus temas preferidos pois faz parte de um clube desportivo que se encontra em fase de crescimento. Quanto ao processo de RVCC, o adulto confessa que teve algumas complicações devido à falta de tempo e que, por isso, nem sempre foi fácil.” (Diário de campo nº6)</p>	<p>A sessão de júri de certificação é o momento decisivo no processo de RVCC. Esta sessão consiste numa breve apresentação da autobiografia dos entrevistados à equipa do CNO (Profissional de RVC, formadores e avaliador externo) e outras pessoas como familiares e amigos. É importante referir que a sessão de júri é uma sessão pública. Para além de exporem algumas situações</p>

	<p>“As pessoas dizem que ficam muito nervosas porque tá o júri, tá as formadoras e tão mais algumas pessoas. Tens que escolher um tema para falar, eu tava pensando fazer um filme com as minhas viagens com fotografias e falar de onde é que tive, dos sítios, do que gostei, o que é que eu achei culturalmente...” (Sujeito 3)</p> <p>“O júri de certificação é considerado a etapa final do processo de RVCC e ocorre quando estão reunidas as condições necessárias para uma certificação escolar. (...) Acrescenta ainda que este momento consiste na validação social das competências desenvolvidas pelos adultos em diversos contextos da sua vida que, por sua vez, irão ser certificadas através do processo de RVCC. (...) verifiquei que muitos adultos estavam nervosos e, ao mesmo tempo, ansiosos. (...) A S3 começa por uma breve apresentação do seu percurso escolar e profissional. Depois revela quais os motivos que a levaram a inscrever-se no RVCC e também no tema que mais gostou, neste caso a homossexualidade. Acrescenta que pesquisou bastante sobre o tema.” (Diário de campo nº5)</p> <p>“Foi bastante positivo porque é aquilo, é o trabalhar se valeu algum ponto. O mais positivo foi esse, foi ser avaliado no final e dizer “sim, esta pessoa realmente condiz com o perfil adequado para as competências que adquiriu e mais que chegue a sua sapiência, está tudo escrito aqui ...” (Sujeito 4)</p> <p>“O adulto (Sujeito 4) também faz a sua apresentação tendo como suporte o <i>PowerPoint</i>. (...) Começa por dizer que o RVCC é a concretização de um sonho. Fala da sua paixão pelos aviões e apresenta a estrutura da empresa onde trabalha e,</p>	<p>personais, formativas e profissionais das suas vidas, os entrevistados fazem um balanço do processo RVCC, ao nível dos temas que mais gostaram e que não gostaram de trabalhar (Diário de campo nº6 / Sujeito 2 e Sujeito 4; Diário de campo nº5 / Sujeito 3; Diário de campo nº7 / Sujeito 5). Entre os principais temas destacados pelos entrevistados surgem a saúde e o associativismo (Sujeito 2); a homossexualidade (Sujeito 3); a formação profissional e a segurança no trabalho (Sujeito 4). De acordo com os entrevistados, este momento caracteriza-se pelo nervosismo pelo facto de estarem a expor a sua vida a muitas pessoas (Sujeito 3).</p> <p>A sessão de júri é considerada como positiva, uma vez que consiste na avaliação do trabalho realizado bem como na certificação das competências adquiridas pelos adultos (Sujeito 4).</p> <p>Esta situação revela a emoção e a</p>
--	--	--

	<p>simultaneamente dá vários exemplos das suas funções. Durante a sua apresentação, nota-se que se sente muito à vontade. Foca a formação profissional, a segurança no trabalho, os meios de comunicação, a certificação ambiental e os implantes dentários como temas muito especiais para si. Relativamente ao balanço do processo de RVCC, refere que gostou bastante e agradece o apoio da profissional. Considera o processo RVCC como um processo muito válido e que, por isso, é importante olharmos para trás mas principalmente para a frente. E a enfermagem surge como um dos seus projetos futuros.” (Diário de Campo n°6)</p> <p>“A adulta (Sujeito 5) apresentou-se e descreveu o seu percurso escolar, dando ao mesmo tempo situações de aprendizagem ao longo da sua vida. Ao descrever o seu percurso de vida até hoje, a adulta (Sujeito 5) apresentou alguns exemplos de situações que a influenciaram, entre eles a separação dos pais e o abandono escolar. Acrescentou ainda a sua gravidez e posteriormente a separação do pai da sua filha. Falou ainda sobre a forma como gere o seu orçamento pessoal e os impostos que tem que pagar. A adulta descreveu os seus cuidados de saúde e pronunciou-se sobre tudo em relação à alimentação, distinguindo diferentes nutrientes. Falou ainda sobre o seu percurso profissional e comparou diversos modelos de gestão. Descreveu as suas funções atuais bem como a forma como gere o seu trabalho. Apresentou alguns exemplos de situações de relacionamento com os outros no atendimento ao público. Falou do seu trabalho atualmente numa loja de roupa e revelou que hoje, infelizmente, as suas vendas são baixas. Ao nível profissional falou sobre a importância da formação profissional e de aumentar as qualificações para ascensão na carreira.” (Diário de Campo n°7)</p>	<p>satisfação pessoal dos entrevistados. Por último, os entrevistados mencionam alguns dos seus projetos futuros, nomeadamente educativos e profissionais.</p>
--	---	--

	<p>9.7 Melhorias Sugeridas</p>	<p>“Não, tá bem assim como está.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) acho que também devia ter mais acompanhamento (…) podiam fazer algumas sessões de esclarecimento. Olha, onde é que tiveram dificuldades? Como é que fizeram isto? Já fizeram? O que é que pesquisaram? Por exemplo, ou estimular mais, por exemplo, já fizeram isto? Para a semana quero este trabalho feito. Pesquisem, por exemplo. (...) entre colegas motiva (...). E aqui as pessoas perdem-se, andam sozinhas e não há nenhuma motivação.” (Sujeito 3)</p> <p>“Este processo tem que ser, na minha opinião, se voltássemos atrás tinha que ser individualmente porque falar em grupo é para uma formação. É uma formação, é para fazermos todos igual, da mesma forma. O processo tem que ser exemplificado e simplificado para que todos saiam dali igual, mais ou menos, em termos de tamanho, em termos de contexto, em termos de organização. E duas sessões fazia-se um trabalho, imaginemos nós e se fossemos fazer cinquenta sessões, seriam sessenta trabalhos ou quarenta trabalhos ou trinta trabalhos ou mesmo dois trabalhos que fossem. Mas seriam, mais ou menos, coordenadamente iguais dentro do contexto e com apoio moral de cada história de vida é a sua história de vida e não é igual às histórias de vida dos outros. (...) O problema é que ninguém sabe datas, nem eles sabem (...) Não há <i>timings</i> para este ou para aquele acabar o processo porque não se sabe quando é que se deve entregar os trabalhos. Se houvesse uma data específica, se houvesse os trabalhos já delineados como deve ser com o cronograma, não haveria este tipo de confusão. (...) é um sistema que é para pensar no futuro, porque é assim o sistema de</p>	<p>Todos os entrevistados apontam melhorias no âmbito do processo de RVCC, à exceção de um entrevistado (Sujeito 2) que não aponta nenhuma melhoria. Sendo assim, as sugestões apresentadas prendem-se com mais sessões de acompanhamento e/ou esclarecimento dos trabalhos pedidos no decorrer do processo de RVCC (Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5). Referem que a falta de acompanhamento na realização dos trabalhos e a existência de poucas sessões em grupo levam à desmotivação dos adultos e, por conseguinte, à desistência do processo. Na realidade, esta dinâmica de grupo contribui para desenvolver relações de amizade e de ajuda entre os formandos. Por outro lado, o entrevistado (sujeito 4) acrescenta que o RVCC deveria existir em todo o país, tendo em conta que existem muitas pessoas com competências para serem reconhecidas. E, por último, sugere mais atuação e coordenação da ANQ relativamente à estrutura e funcionamento do processo de RVCC.</p>
--	---------------------------------------	---	--

		<p>reconhecimento de competências deveria de existir em todo o lado, o sistema novas oportunidades, (...) porque há pessoas com muitas equivalências, muitas competências já adquiridas que, de certeza, se forem bem exploradas dá para tirar quase uma licenciatura.” (Sujeito 4)</p> <p>“Acho que a gente tem que ser acompanhados um bocadinho mais. Não devia de ser só aquelas poucas sessões que a gente tivemos só dos formadores e depois deixa andar. Porque depois as pessoas desleixam-se, “não faço hoje, logo faço amanhã”. Mas se amanhã eu lá tiver que lá estar para mostrar alguma coisa, já faço hoje. Temos sempre mais qualquer coisa para fazer, nem que seja a roupa para passar, a loiça para lavar do que sentar em frente ao computador e estar ali a martelar o que é que vou escrever.” (Sujeito 5)</p>	
	<p>9.8 Contributo do RVCC</p>	<p>“(…) o 12º ano mais será, justamente por causa de ter mais possibilidade no mercado de trabalho. E por isso, é que é importante.” (Sujeito 2)</p> <p>“Considera que o RVCC é uma mais-valia que lhe pode abrir novas portas e irá ajudá-lo a preparar-se para o futuro.” (Diário de Campo nº 6)</p> <p>“(…) É enriquecedor, aprendemos sempre muito, é uma forma de estar ativa (...) eu, por acaso, agora comecei a desenvolver mais e penso assim, realmente é giro, porque a pessoa depois começa a pensar na nossa vida, já há tanto tempo que eu não pensava nisso. Aconteceu-me isto e isto olha é giro, é muito giro. (...) Se começamos a trabalhar novos, também temos mais experiência de vida. Sabemos encarar e resolver determinados problemas e se</p>	<p>Enquanto processo educativo e formativo, o RVCC apresenta, segundo os entrevistados, alguns contributos positivos nas suas vidas, nomeadamente: a importância da certificação escolar, uma vez que, atualmente, o 12º ano é um requisito mínimo para “competir” no mercado de trabalho (Sujeito 2 e Sujeito 4). A aquisição de novas aprendizagens, o relembrar de momentos passados, a reflexão e a consciencialização das competências pessoais e profissionais adquiridas ao longo da sua vida são dois exemplos do contributo do RVCC. Tal facto revela uma maior satisfação pessoal,</p>

	<p>tivemos que ir trabalhar nessa altura, é porque precisávamos, porque começa outra etapa da vida.” (Sujeito 3)</p> <p>“Acabou por ser gratificante relembrar algumas fases da minha vida ao descreve-las, assim como pesquisar sobre vários temas e aprofundá-los dando-me também conhecimento.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“(…) queremos estudar, estas Novas Oportunidades foram um passo, foi o único que foi ajudar. Foi para ajudar o povo a chegar, a desenvolver os seus estudos mais agradavelmente bem e atingir níveis. E depois os empregos precisam também de qualificações, como é óbvio. (...) Se eu investir na minha educação que é o caso que eu estou a preparar que é o RVCC e (...) oxalá que termine. É o único sonho que eu posso realizar, é só este. Já realizei todos os sonhos da minha vida. (...) o 12º ano é um padrão estabelecido para entrarmos em qualquer tipo de empresa, mais ou menos, estruturada e organizada é o mínimo que podem pedir. (...) há coisas que nos passam ao lado e temos uma noção do que é que é. Mas quando formos interiorizar esses conteúdos, vamos aprendendo, não quer dizer que sejam obrigatórios mas vamos aprendendo “olha lá, olha que giro, o presidente da comunidade europeia, o banco central europeu ajuda estes países quando estão em situação assim e assim” a pessoa não sabe, mas fica a saber em termos de passagem. Porque valorizar em termos de entender aquilo no nosso dia-a-dia, serve como não serve, depende da utilidade que a pessoa lhe quer dar. Mas é positivo, é claro que é positivo, saber como é que os organismos funcionam, como é que não funcionam, para que é que servem. E, já que sou um cidadão do mundo, nós somos</p>	<p>na medida em que o processo lhes permitiu um enriquecimento e/ou valorização dos seus conhecimentos. E, por outro lado, possibilitou uma outra perspetiva sobre as suas próprias vivências (Sujeito 3, Sujeito 4 e Sujeito 5). Verifica-se, também, a promoção do gosto pela aprendizagem ao longo da vida, ou seja, o desejo de aprender mais. Aliado a esta intenção de aprendizagem, destaca-se o interesse em novos assuntos, como por exemplo a comunidade europeia (Sujeito 4). Quanto aos contributos resultantes do RVCC, é importante ressaltar a concretização do sonho de investir na educação (Sujeito 4). De uma forma geral, o RVCC contribuiu para o aumento da qualificação da população portuguesa, assim como para o reforço da satisfação pessoal e profissional com a conclusão do processo de RVCC (Sujeito 5).</p>
--	---	---

		<p>cidadãos do mundo e temos que aprender o que nos ensinam, o que nos dão os nossos países e que não difere muito de país para país. (...) As aprendizagens são todas positivas, ou acredito nelas ou não as executo.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) acho que vou ficar bem mais satisfeita quando o terminar. (...) Não melhorou muito o meu dia-a-dia porque faz-me ficar acordada até mais tarde a fazer os trabalhos (...) os trabalhos que nós estamos a fazer, a maior parte deles o essencial é conhecimento de carácter geral.” (Sujeito 5)</p>	
<p>10. Práticas de Literacia quotidianas</p>	<p>10.1 Práticas de leitura</p>	<p>“(...) hoje em dia ainda há livros que gosto de ler, (...) continuo a ler. Ainda hoje, acabei de ler um livro. Na altura do RVCC, estava a ler o Eragon e agora li a “Saga dos Dragões”, é a continuação. Mas também são livros... gosto de ler. Hoje acabei de ler um livro do Alvim “Não és tu, sou eu”. Esse livro é uma coisinha pequenina, mas é porreiro, o gajo fala sobre o amor. (...) ele é um cómico. (...) Acabei hoje de ler, li-o todo. É porreiro, aconselho. (...) É porque é comédia e também é bom, nos dias de hoje, ter um pouco de comédia na vida. Os outros é porque lendo e concentrado, dá para fugirmos um pouco do mundo em que vivemos. Aquilo é imaginação, não tem nada com o mundo real. (...) “O Hobbit” que é um livro que me foi dado a ler para ler o livro e a seguir começar a ver os filmes da trilogia do Senhor dos Anéis. Lendo esse livro do Hobbit, e depois vendo o filme, quando se vai ver o filme, tem-se aquela noção que se conhece aquela família de outro lado já. Como é que cada um vive e é muito, muito interessante. Tendo em conta que, tanto livro como o filme são coisas imaginárias, adorei. (...) Por ano, costumo ler dois ou três livros no máximo, tendo em conta o tamanho que eles têm. (...) já li o “Amanhã, à mesma hora”,</p>	<p>Entendida como um “veículo de aprendizagem”, a leitura surge como uma prática social de muitas pessoas. No entanto, diversos estudos demonstram que Portugal apresenta, por sua vez, índices de leitura demasiados baixos quando comparado com outros países da Europa. No que diz respeito às práticas de leitura, poder-se-á depreender que alguns entrevistados revelam ter práticas de leitura quotidianas. O sujeito 2 caracteriza a leitura como o seu maior vício. Defende que se não lermos, não sabemos fazer nada. Menciona ainda que gosta de ler livros de ficção ou de fantasia heróica, como por exemplo “A Saga dos Dragões” e o “Eragon”. Defende que este género de literatura permite-nos imaginar um outro mundo onde tudo é possível. Para além de apreciar este género de leitura, o</p>

	<p>acho que é Herman José, foi baseado numa história verídica de uma prostituta. É um livro também grande (...) E outro “Onze minutos” do Paulo Coelho que também já li. (...) Também leio jornais quase todos os dias.” (Sujeito 2)</p> <p>“O maior vício talvez seja a leitura. Gosto de ler um pouco de tudo e todos os dias ou quase todos leio as notícias nos jornais. (...) A leitura está sempre presente no meu dia-a-dia. Começo o dia a ver os noticiários matinais que passam na televisão, mas como não tenho muito tempo leio as principais notícias que passam em rodapé no ecrã do televisor e já fico mais ou menos atualizado. No trabalho leio sempre os manuais de instrução para não cometer erros na utilização de produtos ou máquinas. Na minha hora de almoço tenho por hábito ler os jornais. À noite e nos fins de semana sempre que posso leio livros de todo o género. Já li alguns livros, como Eragon, Amanhã à mesma hora, 11 minutos, A Toupeira, The Hobitt, Os Gato Fedorento, Joana (a Verdade da Mentira), vários livros da série Uma Aventura, muita banda desenhada. A leitura nos dias de hoje é muito importante pois não podemos fazer nada sem saber ler. Se vamos comprar algo de novo temos que ler as instruções para saber o que nos é mais apropriado, se queremos fazer algum documento temos de o ler primeiro para só depois o assinar. Para fazer pesquisas é preciso saber ler, queremos ver um filme temos de ler as legendas.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“Gosto de ler algumas revistas sobre saúde, coisas que me cultivam de outros temas, como saber viver bem, ah, revistas de enriquecimento, pronto. Também gosto de ler, revistas de fofoca, de vez em quando, para me distrair, faz bem. Um livrinho ou</p>	<p>entrevistado salienta ainda que gosta de ler comédias e justifica que é necessário termos um pouco de comédia na vida (Sujeito 2). Importa referir que dois entrevistados (sujeito 2 e sujeito 4) dedicam-se à leitura de jornais para se manterem atualizados das informações sobre o nosso país e o Mundo. Poder-se-á, deste modo, depreender que a leitura de jornais é uma prática maioritariamente masculina. A entrevistada (sujeito 3) realça que não tem grandes hábitos de leitura, mas que gosta de ler revistas e livros, especificamente sobre o tema da saúde. Salienta que antes de viajar para um determinado país, normalmente pesquisa e lê sobre a cultura dos países que irá visitar. Estes são, deste modo, alguns temas de interesse desta entrevistada. O entrevistado (sujeito 4) realça ainda que tem por hábito ler as instruções dos equipamentos, nomeadamente os programas da máquina de lavar roupa. No âmbito das práticas de leitura é importante ter em consideração alguns comportamentos dos nossos entrevistados, tais como a frequência de bibliotecas (Sujeito 4). Por último, a entrevistada (sujeito 5) salienta de não gosta de revistas cor-de-rosa, ou seja, são revistas de carácter erudito. Acrescenta que</p>
--	--	--

		<p>outro, mas pronto. (...) quando quero ler, leio e quando não me apetece, não leio. Também não tenho grandes hábitos de leitura e por exemplo, há livros que me canso muito e depois paro. Não leio tudo. Quando eu vejo que não me agrada ou que não estou a achar a história interessante, não, não continuo. Mas há leituras muito difíceis...” (Sujeito 3)</p> <p>“Li sobre a cultura do país, das diferenças culturais, das formas de estar, por exemplo no Egipto e na Turquia tive o cuidado de levar roupas mais resguardadas pela cultura fechada do povo. (...) Leio muito sobre saúde na Internet, revistas por exemplo “Saber viver” até a revistinha periódica das farmácias têm muitos assuntos de interesse. Para mim é uma preocupação estar informada sobre temas de saúde (...) recorro à internet, vou a sites de saúde, faço pesquisas, consulto blogs para retirar opiniões.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“(...) para manter-me informado da atualidade em Portugal e no Mundo, também costumo ler os jornais, mas isto mais no café ou compro se quiser ler algum assunto com mais detalhe (...) leio as instruções para regular a temperatura e usar o programa de lavagem adequado, como é no caso da roupa de cama. (...) Conheço a Biblioteca Municipal de Faro Dr. António Rosa, é um espaço público, gratuito com uma programação que convida à leitura, tem a vantagem de pedir o empréstimo dos livros, poder consultar os jornais e revistas e consultar a Internet. Organiza eventos culturais que são enviados para o meu e-mail, apresentação de livros, exposições de pinturas ou de fotografias.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p>	<p>como não tem tempo para ver televisão, tem por hábito ler, diariamente, as notícias pela internet para se manter informada do que se passa na nossa sociedade.</p>
--	--	---	---

		<p>“(…) detesto revistas cor-de-rosa. Não há mais nada à venda nas bancas, sem ser revistas a contar a vida dos outros. (...) Costumo ler as notícias normais, (...) como não tenho muito tempo para ver televisão (...) Vou lá todos os dias e, geralmente as notícias, isso dou alguma importância. (...) Gosto de me manter minimamente informada do que se está a passar ...” (Sujeito 5)</p>	
	<p>10.2 Práticas de escrita</p>	<p>“(…) ultimamente tenho escrito pouco. Só tirar apontamentos dos clientes e mensagens e nada por aí além. Mas não incluí “XD” e coisas assim (risos). Eu não uso isso, para já nem sei o que isso significa. Eu volto atrás para ter a certeza que a pessoa que vai receber a mensagem percebe o que lá vai escrito. (...) acho que não dou assim muitos erros. Acho eu. Se bem que, às vezes, tenho dúvidas, mas pronto.” (Sujeito 2)</p> <p>“Não costumo escrever. Só no trabalho, mas acho que até não escrevo mal. Não dou erros graves. (...) no dia-a-dia profissional, se eu quiser fazer uma carta, faço bem e não tenho dificuldades. E emprego, construo as frases, aplico as palavras certas ...” (Sujeito 3)</p> <p>“Apesar de dominar plenamente a minha língua nativa que é o espanhol e desenrasco-me bem (...) Eu sei falar três línguas e ninguém me ensinou, eu aprendi. Escrevo e falo na perfeição.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) agora não tanto, não tenho muito tempo (...) Mas depois dos miúdos nascerem, é sempre mais complicado. E depois veio as tecnologias, os telemóveis e é mentira escrever. (...) aprendi em pequenina que quando tens uma dúvida, escreves ao lado a palavra das duas maneiras que te parece ser mais certa e acabo</p>	<p>Tal como a leitura, a escrita é considerada um “veículo de aprendizagem” da sociedade. Sendo assim, importa conhecer em que contextos os entrevistados utilizam a escrita. O entrevistado (Sujeito 2) refere que no seu local de trabalho, tem que registar algumas notas e informações para os clientes. Para além disso, menciona a questão de escrever mensagens através de telemóvel. Quanto às práticas de escrita, a entrevistada (Sujeito 3) conta que não tem por hábito escrever, a não ser no seu trabalho. Explica, no entanto, que não tem dificuldades ao nível da escrita. De acordo com as opiniões dos entrevistados, as suas práticas de escrita resumem-se maioritariamente ao seu contexto profissional (Sujeito 2 e Sujeito 3). Quanto às competências de escrita do entrevistado (Sujeito 4) é possível verificar que, apesar da sua língua nativa ser o espanhol, não sente dificuldades em falar e escrever português. A entrevistada (Sujeito 5) utilizava a escrita como uma prática para</p>

		<p>sempre por acertar na que está certa. Porque ao olhar, faz-me mais lógica.” (Sujeito 5)</p>	<p>comunicar com a família e amigos. Contudo, lamenta o facto de atualmente não escrever tanto como escrevia antes. Verificando, assim, uma alteração desta prática. Acrescenta que o aparecimento das novas tecnologias como o telemóvel contribuiu para a “perda” da prática de escrever cartas à mão, como antes o fazia. Refere ainda que, atualmente, quando tem uma dúvida relativamente à forma como se escreve uma determinada palavra escreve das duas formas que lhe parece ser correta. Depois de visualizar a palavra escrita de duas formas, já consegue identificar a forma correta. É, deste modo, possível constatar que a escrita contribui para a “expressão” da identidade dos entrevistados. Verifica-se, portanto, que todos os entrevistados têm a preocupação de confirmar se o que escreveram está correto. Por fim, importa salientar que a escrita consiste numa questão de cidadania, na medida em que é um instrumento de intervenção social e de “poder” de todos os cidadãos.</p>
	<p>10.3 Práticas informáticas (TIC)</p>	<p>“As Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) surgem, de igual modo, como uma competência muito importante no processo Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC). Os adultos têm que fazer e apresentar os trabalhos a computador.” (Sujeito 1)</p>	<p>O desenvolvimento acelerado das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) e em particular dos computadores e da internet são apontados como práticas dos entrevistados. De acordo</p>

		<p>“Durante a sessão, a profissional de RVC aborda a questão da internet e das redes sociais, principalmente do <i>facebook</i>. Fala-se dos conteúdos dos <i>e-mails</i> e que, muitas vezes, podem ter vírus. O adulto (Sujeito 4) alerta para os <i>e-mails</i> que reencaminhamos aos nossos contactos que podem ser vírus.” (Diário de campo nº2)</p> <p>“(…) o computador é importante e eu pessoalmente e profissionalmente continuo a não usar muito. No trabalho (…) temos um sistema interno que foi criado para a empresa, saber os <i>stocks</i>, saber preços e essas coisas assim (…) trocar alguma correspondência para algum fornecedor mas não é a ferramenta mais utilizada no meu trabalho. A nível pessoal sim, consultar a internet e manter-me atualizado e tirar algumas dúvidas, às vezes, e algumas coisas, mas é tudo também. (…) As pesquisas que fazia para o RVCC, a maior parte era na internet, senão não tinha muita, escrevia por mim (…) Se houver algum contexto que eu não perceba, posso ir à internet (…) Uma ou outra dúvida consultava a internet.” (Sujeito 2)</p> <p>“O computador lá em casa é o que é mais requisitado, pois nós os adultos precisamos por razões profissionais e os filhos só querem é jogar os jogos online.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“Ainda mantenho contacto com os meus colegas de escola, e por acaso, tenho reencontrado muitos colegas de escola no <i>facebook</i>. Tenho reencontrado muitos colegas dos tempos de escola, muitos mesmo, e é giro.” (Sujeito 3)</p>	<p>com a entrevistada (Sujeito 1) as Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) desempenham um papel extremamente importante no âmbito do processo de RVCC, uma vez que todos os adultos têm que apresentar os seus trabalhos escritos em computador. Sendo a internet uma fonte de informação global, as pesquisas realizadas bem como a utilização do correio eletrónico (<i>email</i>) é apontado como práticas do dia-a-dia dos nossos entrevistados (Sujeito 2, Sujeito 4 e Sujeito 5). Para além da internet, as redes sociais e os <i>blogs</i> ou páginas pessoais são também apontados pelos entrevistados como suas práticas regulares. Em termos de práticas de literacia informática, denota-se que os entrevistados utilizam as novas redes sociais, nomeadamente o <i>facebook</i> como uma prática de comunicação com os seus familiares, amigos e antigos colegas da escola (Sujeito 3 e Sujeito 4). Importa destacar que o entrevistado (Sujeito 4) tem um <i>blog</i> pessoal onde partilha as suas vivências da pesca e onde promove a comercialização de todo o material necessário para a pesca, entre outros. A entrevistada (Sujeito 5) revela que teve contato com o computador muito cedo. Caracteriza-se, portanto, como uma pessoa</p>
--	--	---	---

	<p>“(…) <i>MSN</i> e <i>Skype</i> (...) utilizo bastante este meio também de comunicação para falar com amigos e familiares que vivem distantes.” (Autobiografia do Sujeito 3)</p> <p>“As tecnologias de informação e comunicação (TIC) fizeram mudar a minha forma de estar na vida, pois a informação está agora disponível e de forma rápida (...) As TIC também trouxeram termos novos no uso da linguagem do dia-a-dia, no envio de mensagens escritas (SMS) e de <i>chats</i> na Internet é comum a utilização de uma escrita mais simples e rápida, como é a troca de "que" pelo "k", mas usado pelos jovens e nem só e não tem regras de escrita, não usam acentos, outros exemplos são: o 2 (tu). Tm (telemóvel), 7D (semana) 1 (um), bnte (boa noite). Sei que muita informação e colaboração cultural pode ser consumida e partilhada através da Internet, nos blogs e através das redes sociais, claro está o que é partilhado pode não ser verdade, mas penso que é melhor ter toda a informação. Eu tenho um <i>blog</i> pessoal onde partilho as minhas vivências da pesca e uma página na rede social do <i>facebook</i> onde promovo a comercialização de todo o material necessário para a pesca, também dou a opinião a outras pessoas que colocam as dúvidas e me perguntam é uma partilha que gosto muito de fazer. A Internet pode ser usada como ferramenta social, pois permite através das redes sociais manter contacto com outras pessoas e formar grupos de lazer ou profissionais, mas há também situações falsas que induzem em erros a incautos, os nossos dados não devem ser fornecidos a estranhos e principalmente para os mais jovens a Internet deve ser vista com atenção pois ser utilizada com outras intenções e os pais devemos estar atentos.” (Autobiografia do Sujeito 4)</p>	<p>autodidata que perante qualquer dúvida ou curiosidade, consulta a internet. Em suma, todos os entrevistados assumem que a internet é uma ferramenta social fundamental nos nossos dias. Neste sentido, as práticas de literacia digital e/ou informática prendem-se com o trabalho, o envio e a receção de correio eletrónico, a comunicação, os <i>blogs</i>, a pesquisa bem como a leitura de informação, entre outros veículos de informação. A literacia informática é, no fundo, uma competência de cidadania. Constituindo-se como uma prática regular dos entrevistados, a procura de informação na internet é utilizada, deste modo, como uma estratégia para combater o desconhecimento de determinados assuntos.</p>
--	--	---

		<p>“(…) tive computador, muito cedo em casa, do meu pai e depois meu. (…) se tivesse dúvidas seja no campo que fosse, consultava na internet e tentava saber por outras pessoas, tentei sempre me manter informada. (…) Era um bocadinho autodidata, tentava sempre procurar os porquês, mas sempre por mim.” (Sujeito 5)</p>	
<p>11. Mudanças decorrentes do RVCC</p>	<p>11.1 Mudanças pessoais</p>	<p>“(…) se eu já gostava de mim, não é por ter o 12º completo ou por ter o RVCC completo que vou gostar mais. Posso gostar mais porque cumpri vamos lá ver porque atingi um objetivo. E fico satisfeita comigo por o ter conseguido, mas não vou gostar mais de mim por isso. Fico satisfeita comigo própria, mas isso não quer dizer que tenha adquirido mais autoestima nesse aspeto não. (…) foi tudo crescimento. Foi enriquecimento, ahm, adquirimos maturidade de vida, experiência e isso é tudo um percurso, não é?” (Sujeito 3)</p> <p>“E para que um dia, ela (…) e os meus futuros netos se sintam orgulhosos no avô. (…) e dizer assim “o meu pai teve a coragem de fazer o 12º ano”. Eu gostava de me sentir pai no sentido escolar que também me desse a possibilidade de discutir um problema ou ajudá-la a descaracterizar algum problema na escola para poder eu acompanhá-la, eu acompanhá-la em tudo, e tento ajudá-la. (…) autoestima é superior, claro que ajuda a desenvolver outras coisas, a título moral, a título profissional, a título de discutir para um processo ou fazer valer, portanto, agora há os Maiores de 23, não sei se isso agora vai acabar agora ou não.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) no lembrar das coisas ou no pesquisar ou no aprofundar nesse tipo de situações. (…) e também de estar a escrever coisas dos meus conhecimentos gerais sim. (…) fez-se mais fácil”</p>	<p>No âmbito das mudanças pessoais decorrentes do processo de RVCC, a entrevistada realça que já era uma pessoa confiante e com um elevado nível de autoestima antes do processo RVCC. Admite que pode gostar mais de si porque alcançou um objetivo. Revela, por isso, estar satisfeita consigo própria porque adquiriu mais experiência, maturidade e enriquecimento (Sujeito 3).</p> <p>Por outro lado, o entrevistado (Sujeito 4) aponta o reconhecimento (sentimento de orgulho) por parte da família que contribui para o reforço da sua autoestima. E salienta ainda que os conhecimentos adquiridos ao longo da sua vida poderão ser muito proveitosos no contexto familiar, nomeadamente em dar mais apoio escolar à filha. Poder-se-á verificar, assim, um envolvimento parental relativamente ao contexto escolar da filha. Por último, o entrevistado revela a sua intenção de ingressar na universidade através do concurso “Maiores de 23 anos”, evidenciando a sua motivação para</p>

		(Sujeito 5)	<p>continuar a investir na sua valorização pessoal e formativa.</p> <p>A entrevistada (Sujeito 5) indica o relembrar das experiências e das competências, a pesquisa e o aprofundamento de alguns conhecimentos adquiridos. Denota-se, portanto, uma elevada satisfação e realização pessoal por concluírem o processo. Poder-se-á depreender uma maior valorização e orgulho pessoal dos entrevistados devido ao enriquecimento dos seus conhecimentos.</p>
	11.2 Mudanças sociais	<p>“Em termos sociais, também está igual.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) na minha opinião acho que não. Depende dos grupos mas como eu te disse as pessoas perdem-se, eu só tenho contacto com dois ou três.” (Sujeito 3)</p> <p>“(…) contacto com as outras pessoas sim (…).” (Sujeito 5)</p>	<p>No que concerne às mudanças sociais, dois entrevistados referem que não se verificaram mudanças significativas (Sujeito 2 e Sujeito 3). Tal facto pode ser justificado pelo grupo em si. Contudo, parece existir um convívio social, uma vez que mantém o contacto e/ou amizade com dois ou três colegas. Por outro lado, a entrevistada (Sujeito 5) reforça o contato com outras pessoas. Revela, deste modo, a existência de sociabilidades criadas no grupo.</p>
	11.3 Mudanças formativas	<p>“Só a informática. (…) é que tivemos que fazer algumas pesquisas e talvez aí com as energias renováveis e com essas coisas assim.” (Sujeito 2)</p> <p>“(…) estou a adquirir uma competência brutal porque o meu</p>	<p>Relativamente às mudanças formativas, apenas dois entrevistados (Sujeito 2 e Sujeito 5) se pronunciaram sobre as mesmas. Neste sentido, como principais mudanças formativas destacam-se o</p>

		<p>computador não tem correção ortográfica e eu estou ali a trabalhar... (risos). Não sou muito de dar erros, mas, de vez em quando, solto um. E até acho bem o meu computador não ter correção ortográfica, porque assim a gente aprende como deve ser. E agora com esta coisa do novo acordo ortográfico, eu sou completamente contra. E continuo a escrever como aprendi.” (Sujeito 5)</p>	<p>enriquecimento de conhecimentos ao nível das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC) bem como o aprofundamento de conhecimentos como as aprendizagens significativas decorrentes do processo RVCC. De acordo com a entrevistada (Sujeito 5) destaca a aquisição de competências ao nível escrita informática, como por exemplo o programa Word, por o seu computador não ter correção ortográfica. Tal situação demonstra a consciência da entrevistada em escrever ser erros ortográficos. Em suma, destacam-se o interesse pelas TIC, por novos temas e por último, o esforço em tentar escrever corretamente.</p>
	<p>11.4 Mudanças profissionais</p>	<p>“(...) por enquanto, ainda não alterou a minha rotina, continuo a fazer a mesma coisa e mesmo sítio. Pode, eventualmente, abrir um leque de escolhas maiores em termos de emprego, tendo em conta que já tenho o décimo segundo (12º) ano.” (Sujeito 2)</p> <p>“(...) se eu já tive um percurso de vida de 20 anos profissionais, já tive tempo suficiente para adquirir essa confiança e essa autoestima. (...) a nível de curriculum, pôr o 12º completo, porque há muitas pessoas que ligam olham para o meu curriculum, vêem minha experiência profissional ” (Sujeito 3)</p> <p>“(...) fiquei contente, fiquei com o diploma do 9º ano e que me veio ajudar para tirar o CAP profissional de Operador de Assistência e Escala e o de Formador de Formadores. (...) E o</p>	<p>Nas entrevistas dos sujeitos que sentiram mudanças profissionais, todos justificam que não houve, por enquanto, mudanças significativas a nível profissional, devido ao facto de já exercerem uma determinada função no local de trabalho. Consideram que o diploma do 12º ano pode conduzir a novas oportunidades de emprego. Apesar de se considerar uma pessoa confiante e com autoestima, a entrevistada (Sujeito 3) refere que o facto de ter a certificação secundária é positivo porque muitas pessoas ligam ao facto de não ter a escolaridade completa. Esta questão</p>

		<p>12º ano vai ajudar, com certeza, a estabelecer na minha entidade patronal o <i>know-how</i>. (...) este documento que me vão dar do 12º ano, vou realmente demonstrar as minhas competências porque são mais do que provadas de que sei e que tenho conhecimento e sou capaz disso. (...) Claro que há mudanças por exemplo, (...) informar a minha entidade patronal que estaria disposto a concorrer para um lugar de chefia ou quando houver, por exemplo, uma vaga para deixar de carregar malas para uma vaga seja ela fazer horários, apoio didático, apoio ao <i>staff</i> dentro da empresa e melhorar as minhas condições de vida. Eu tenho 41 anos e não vou andar a carregar aviões até aos meus 60 e (...) queria ganhar mais algum economicamente, não é?” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) sou um bocadinho terra-a-terra, pode haver um bocadinho de mudança depois de terminar o processo. (...) falar agora que ainda estou no processo e escrever em qualquer parte que ainda estou a terminar o 12º ano, não me faz diferença nenhuma. E se escreveres que tens o 12º ano, faz-te diferença.” (Sujeito 5)</p>	<p>prende-se com o reconhecimento social atribuído ao curriculum da entrevistada.</p> <p>O entrevistado (Sujeito 4) revela que o diploma do 9º ano adquirido através do processo de RVCC foi uma mais-valia para poder frequentar outras formações específicas com a sua área. Acrescenta que agora com o 12º ano pretende concorrer a um cargo superior no seu local de trabalho com o intuito de melhorar as suas condições de vida.</p> <p>Em termos profissionais, a entrevistada (Sujeito 5) realça o 12º ano como um aspeto muito importante hoje em dia. Na realidade, a certificação secundária pode possibilitar um aumento salarial e uma progressão na carreira.</p>
<p>12. Perspetivas futuras</p>	<p>12.1 Projetos pessoais</p>	<p>“[O Sujeito 2] Tenciona adquirir independência própria como forma de ajudar ou formar alguns jovens no futebol ou futsal.” (Diário de Campo nº6)</p> <p>“(...) gostava só de ser um bocado independente, de ser mais independente e de ter tempo para as minhas coisas em termos horários.” (Sujeito 4)</p> <p>“(...) gostava mesmo de ir (...) à Polinésia Francesa. É um dos sonhos. Estar dentro de uma barraquinha e ver os bichinhos a passar. Isso é que era de valor. (...) mas isto agora não está para</p>	<p>Como projetos pessoais futuros, apenas três entrevistados deram alguns exemplos.</p> <p>O entrevistado (Sujeito 4) revela que gostava de ter mais independência e disponibilidade para fazer o que gosta.</p> <p>Como projeto pessoal, a entrevistada (Sujeito 5) aponta a viagem à Polinésia Francesa como um dos seus sonhos por concretizar. Contudo, a entrevistada tem consciência da sua situação financeira.</p>

		viagens.” (Sujeito 5)	
	12.2 Projetos familiares	<p>“Um projeto de vida é constituir família, estar acompanhada. Não digo ter filho, mas estar acompanhada.” (Sujeito 3)</p> <p>“Aquilo que eu vou transmitir à minha filha são as minhas experiências de vida. Calculo que ela vai aprender sempre com as minhas experiências e quando ela tiver uma pequeníssima dúvida, (...) vai falar sempre com os seus pais. Arranjar uma namorada (...) agora se viesse um filhote ou uma filhota, teria que ser bem planeado não era uma situação impossível de acontecer mas logo se vê.” (Sujeito 4)</p> <p>“Quero ter outro filho a curto prazo, já se possível. Já tinha sido para ontem, já (risos). Adorei estar grávida, foi uma experiência brutal. (...) ver a minha filha crescer com saúde e escolinha e tudo bem.” (Sujeito 5)</p> <p>“Essa era e será, a minha principal missão, fazer a minha filha feliz.” (Autobiografia do Sujeito 5)</p>	No que concerne a projetos familiares, alguns entrevistados mencionam o “sonho” de constituir uma família, ou seja, ter uma companhia (Sujeito 3 e Sujeito 4) e ter filhos (Sujeito 4 e Sujeito 5). Os entrevistados preocupam-se em acompanhar o crescimento escolar dos seus filhos e, principalmente, em transmitir os seus conhecimentos.
	12.3 Projetos formativos	<p>“(...) gostava de fazer mais formações. Eu adorava fazer cozinha em pós-laboral. Adorava fazer um curso desses. O que sei é pouco e gosto muito de cozinhar. (...) a nível de comidas regionais, das zonas Algarve, Alentejo e por aí fora e assim.” (Sujeito 2)</p> <p>“Relativamente a projetos futuros, tenciona tirar algumas formações de culinária e em especial a cozinha regional.” (Diário de Campo nº6)</p> <p>“(...) pretendo fazer o exame de acesso à universidade para fazer</p>	Relativamente a projetos formativos, é possível verificar que o interesse dos entrevistados em frequentar cursos de formação, como por exemplo culinária (Sujeito 2 e Diário de Campo nº6). Também o entrevistado (Sujeito 4) menciona a sua intenção em candidatar-se à Universidade, nomeadamente ao curso de enfermagem. E, por último, a entrevistada (Sujeito 5) refere que gostava de continuar a estudar. Realça, deste modo, o sonho de

		<p>um curso ligado a uma área específica, tenho uma médica que me está a apoiar se for necessário, na área de química, para poder entrar na escola de enfermagem que é o meu sonho.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) um sonho que eu gostava de tirar um dos dois cursos, ou Veterinária ou Psicologia. Mas, é uma coisa que eu tenho que pensar muito bem... se faço isso, se inverte por algum curso profissional que me dê algumas capacidades superiores do que ter o 12º ano. (...) eu gostava de continuar a fazer qualquer coisa.” (Sujeito 5)</p>	<p>ir para a universidade e tirar o curso de Veterinária ou Psicologia. Ou então frequentar um curso profissional com o intuito de adquirir competências superiores ao 12º ano.</p> <p>É, deste modo, notória a motivação para continuar a estudar. Os sujeitos 2, 4 e 5 pensam em frequentar formações são, portanto, adultos conscientes da importância da escolarização.</p>
	<p>12.4 Projetos profissionais</p>	<p>“Quem sabe se com formação e experiência profissional eu no futuro não poderei ter a minha própria PME.” (Autobiografia do Sujeito 2)</p> <p>“Mudar de emprego. Se eu consigo, os outros também conseguem. E se os outros conseguem, eu também consigo. (...) e arranjar uma vida melhor, ou seja, em termos económicos (...). Melhorar um bocadinho, não é ser mais do que os outros, é tentar aprender, ganhar mais um pouco de qualidade de vida, tentar ganhar para ter mais coisas no fim do mês e mais algum dinheiro no fim do mês. Tentar valorizar também o termo económico porque o nosso lado pessoal já estava preenchido.” (Sujeito 4)</p> <p>“(…) é terminar este processo. E a partir do dia em que a profissional diga assim “Já foste a júri e vamos-te entregar o papel que já tens o 12º ano”, é procurar, procurar e procurar. Porque onde estou, neste momento, é horrível. (...) mais sossegada mais financeiramente (...).” (Sujeito 5)</p>	<p>No âmbito dos projetos profissionais futuros, os entrevistados destacam a progressão no mercado de trabalho através da criação da sua própria empresa (Sujeito 2). Também os restantes entrevistados (Sujeito 4 e Sujeito 5) realçam o desejo de mudar de emprego com o objetivo de alcançarem uma estabilidade profissional e, por conseguinte, financeira. Em suma, destaca-se o aumento da empregabilidade, a valorização profissional e a vontade de “aprender mais”, isto é, aumentar as competências profissionais.</p>

Legenda:

- Diário de campo
 - Sujeito 1 Técnica de Diagnóstico e Encaminhamento (TDE)
 - Sujeito 2 e Autobiografia do Sujeito 2
 - Sujeito 3 e Autobiografia do Sujeito 3
 - Sujeito 4 e Autobiografia do Sujeito 4
 - Sujeito 5 e Autobiografia do Sujeito 5
 - Sujeito 6 – Profissional de RVC
- (...) Segmentos do discurso que não interessam para a investigação
- ...- Raciocínio não terminado, ou seja, mudança de assunto
- [] – Inclusões da investigadora para explicar melhor o discurso dos entrevistados